

WILKIE
COLLINS



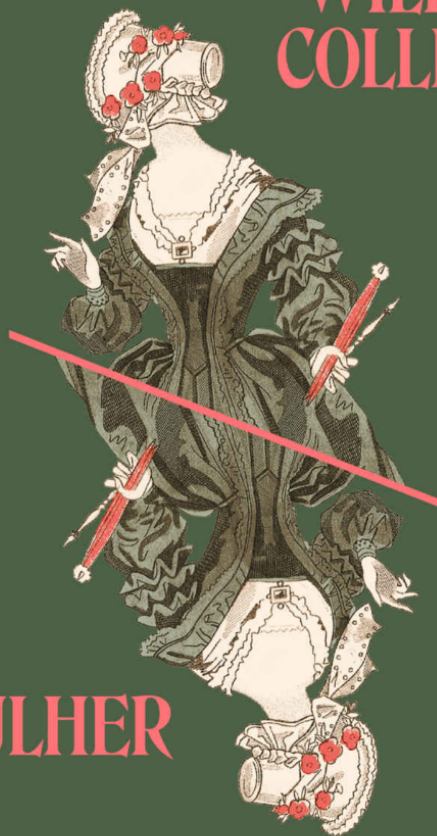
A
MULHER
DE
BRANCO

MARTIN  CLARET

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

WILKIE
COLLINS



A
MULHER
DE
BRANCO

MARTIN  CLARET

**A
MULHER
DE
BRANCO**

**WILKIE
COLLINS**

**A
MULHER
DE
BRANCO**

Tradução
SOLANGE PINHEIRO

MARTIN  CLARET

Sumário

Anterosto

Folha de rosto

Sumário

Prefácio

Nota da tradutora

Prefácio [1860]

Prefácio à presente edição [1861]

A MULHER DE BRANCO

O Primeiro Período

A História iniciada por WALTER HARTRIGHT

A História continuada por VINCENT GILMORE

A História continuada por MARIAN HALCOMBE

O Segundo Período

A História continuada por MARIAN HALCOMBE

A História continuada por FREDERICK FAIRLIE, ESQ.

A História continuada por ELIZA MICHELSON

A História Continuada em Diversas Narrativasw

1. A Narrativa de HESTER PINHORN

2. A Narrativa do Médico

3. A Narrativa de JANE GOULD

4. A Narrativa da Pedra Tumular

5. A Narrativa de WALTER HARTRIGHT

O Terceiro Período

A História continuada por WALTER HARTRIGHT

A História continuada pela SRA. CATHERICK

A História continuada por WALTER HARTRIGHT

A História continuada por ISIDOR OTTAVIO BALDASSARE FOSCO

A História concluída por WALTER HARTRIGHT

Página de direitos autorais

Prefácio

GÓTICO DOMÉSTICO EM TEMPOS SENSACIONALISTAS

FERNANDO M. BUFALARI*

Inspirado por diversos crimes que haviam chamado a atenção pública, em uma época de jornais sensacionalistas e de leitores que clamavam por escândalos, Wilkie Collins¹ começou a escrever *A mulher de branco* em 15 de agosto de 1859.

A princípio, a publicação do romance foi serializada em 40 partes no *All the Year Round*, periódico fundado e encabeçado por Charles Dickens, entre 26 de novembro de 1859 e 25 de agosto de 1860. O apreço do público pela obra fez com que, ainda em 1860, ela fosse republicada em três volumes; na ocasião, a primeira tiragem esgotou-se na data de lançamento, ao passo que a segunda foi inteiramente vendida já na semana seguinte.

Aproveitando-se de tal sucesso, as lojas não tardaram em vender perfumes e peças de vestuário da mulher de branco; além disso, nas festas, os convidados dançavam valsas e quadrilhas inspiradas pelo romance. Bebês foram batizados Walter, em homenagem ao protagonista; Fosco tornou-se um nome comum para gatos domésticos e, durante a publicação serializada, apostas referentes ao segredo de Sir Percival foram feitas nos clubes.

Um dos motivos de tamanho sucesso é exposto por Henry James: “Ao Sr. Collins pertence o mérito de ter introduzido na ficção os mais misteriosos dos mistérios: os mistérios que estão diante de nossas próprias portas”.² Enquanto os romances góticos do século XVIII eram ambientados em castelos italianos e abadias francesas com ares medievais, as narrativas de Collins e de seus sucessores se passam nas alegres casas de campo inglesas e nos movimentados apartamentos londrinos, na mesma época em que viviam seus leitores originais, aproximando os terrores do público-leitor e, por isso, tornando-os mais angustiantes.

Essa mudança de cenário fez surgir um novo subgênero do gótico vitoriano: o romance de sensação. Para prender a atenção dos leitores e,

consequentemente, instigá-los a comprar a edição seguinte dos periódicos em que eram publicados, esses romances recorriam a todo tipo de reviravolta, segredos, enigmas, trocas de identidade e bigamia, inserindo tais intrigas e delitos em ambientes domésticos de famílias aparentemente respeitáveis. Os crimes reportados pelos jornais tornaram-se matéria-prima estética para enredos que, ao mesmo tempo, deleitaram e horrorizaram os ingleses.

Entretanto, por mais que os romances de sensação tragam inovações quando comparados com a literatura gótica que os precedeu, salienta-se que as bases sobre as quais suas narrativas foram construídas são aquelas do primeiro ciclo do gótico,³ especialmente as alicerçadas por Ann Radcliffe e Clara Reeve.

Da primeira, deriva o recurso do sobrenatural explicado, isto é, a explicação racional de eventos que, até então, pareciam sobrenaturais. Em sua primeira aparição, por exemplo, a mulher de branco se assemelha a um fantasma iluminado pelo luar:

[Em] um instante, cada gota de sangue em meu corpo se congelou com o toque de uma mão colocada de repente e com suavidade em meu ombro, por trás de mim.

Eu me voltei no mesmo instante, meus dedos segurando com força o cabo da minha bengala.

Lá, no meio da ampla e clara estrada principal — lá, como se houvesse naquele momento brotado do chão ou caído dos céus — estava a figura de uma Mulher solitária, vestida da cabeça aos pés em roupas brancas; o rosto inclinado na direção do meu em uma séria indagação, a mão apontando para a nuvem escura acima de Londres, enquanto eu a olhava.

Porém, basta um momento para que Walter e o leitor se convençam de que não há nada de sobrenatural naquela frágil e estranha jovem, sendo o susto tomado pelo protagonista uma reação perfeitamente natural diante das condições em que se encontrava — sozinho, depois da meia-noite, em uma estrada aparentemente deserta.

De Reeve, advém os limites da máxima margem de probabilidade: por mais que as trajetórias narradas em *A mulher de branco* e em outros romances de sensação sejam surpreendentes, todos os passos são retraçados, todas as conexões são esclarecidas, todos os lugares, datas e métodos são recuperados para que não restem dúvidas de que os acontecimentos narrados estão dentro das margens de probabilidade, passíveis de serem comprovados com evidências apropriadas. Essa característica aproxima o romance de sensação das narrativas de detetive, cabendo aos protagonistas de ambos os estilos literários reunir provas e desvendar mistérios por meio de deduções.

Na obra de Collins, essas provas são apresentadas como uma série de vozes registradas em documentos, num diário e, principalmente, em depoimentos escritos pelas personagens. O primeiro capítulo se encarrega de estabelecer esse estado de espírito e abordagem epistemológica que guiam o

resto da narrativa: a história será apresentada ao leitor como “o Juiz poderia uma vez tê-la ouvido”, sendo que nenhuma “circunstância importante, desde o início até o fim da revelação, será relatada com base em boatos”.

Para que essa corrente seja adequadamente forjada, cada personagem é encarregada de relatar o que sabe na medida em que suas experiências elucidem os acontecimentos misteriosos, “assim como a narrativa de um crime contra as leis é contada na Corte por mais de uma testemunha”.

Essa roupagem jurídica e institucional exerce ainda outra função ao garantir que nos enredos de *A mulher de branco* e de outros romances de sensação as leis e convenções inglesas prevaleçam, resguardando a ordem social sobre as ações de indivíduos transgressores — algo ignorado pelos resenhistas da época que, preocupados com o estado moral da nação, viam nessas narrativas apenas o emprego de crimes fascinantes, não a conclusão relativamente conservadora que os sucede.

Esse trajeto literário iniciado por Collins foi posteriormente sedimentado por *East Lynne* (1861), de Ellen Wood, e *Lady Audley's Secret* (1862), de Mary Elizabeth Braddon, influenciando diversos autores ao longo das décadas seguintes. Sempre transitando entre o apreço popular e a aversão dos referidos resenhistas, esses e outros romances de sensação deixaram sua marca na história literária inglesa e, agora, aos leitores brasileiros é dada a chance de conhecer melhor a obra que deu origem a narrativas que, como uma sátira expressou à época, “façam os pais de família, após terem aproveitado inteiramente a leitura, dizerem aos familiares que acham melhor que eles não as leiam”.⁴

* Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (2018) pela Universidade de São Paulo, tendo concluído bacharelado e licenciatura em Letras: Português e Inglês (2014) na mesma instituição.

¹ Wilkie Collins nasceu em Londres no ano de 1824 e veio a se tornar um romancista, dramaturgo e contista popular em sua época. Suas obras mais aclamadas são *A mulher de branco* e *The Moonstone* (1868), sendo a última o primeiro romance de detetive moderno em língua inglesa. Apesar de nunca ter se casado, ele passou a maior parte de sua vida ao lado de Caroline Graves e teve três filhos com Martha Rudd, dividindo seu tempo entre essas duas mulheres durante anos. Collins faleceu em 1889 e foi sepultado no cemitério de Kensal Green, em Londres, tendo por epitáfio “O autor de ‘A mulher de branco’ e outras obras de ficção”.

² JAMES, Henry. “Miss Braddon”. In: JAMES, Henry. **Notes and reviews by Henry James**. Cambridge: Dunster House, 1921, p. 110.

³ Conjunto de obras iniciado pelo primeiro romance gótico, *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole, e encerrado por *Melmoth the Wanderer* (1820), de Charles Maturin.

⁴ “The sensation times, and chronicle of excitement”. In: **Punch magazine**, Londres, n. 44, p. 193, 09 de maio de 1863.

Nota da tradutora

Assim como outros romances da Era Vitoriana, *A Mulher de Branco* foi publicado pela primeira vez em fascículos — em “All the Year Round”, de propriedade de Charles Dickens. O sucesso da obra foi imenso, mas alguns críticos não deixaram de notar uma falha na trama, relacionada às datas (que desempenham um papel primordial para o desenrolar da narrativa), corrigida por Collins por ocasião da publicação do romance em sua versão em três volumes. Edições acadêmicas atuais costumam usar como base essa versão em três volumes, mas é possível encontrar outras que ainda mantêm o texto conforme publicado em “All the Year Round”. Esta tradução foi feita com base em “The Woman in White”, com edição, introdução e notas do Prof. John Sutherland, publicado pela Oxford University Press, 2008, e que segue a versão corrigida por Collins.

Prefácio [1860]

Um experimento é tentado neste romance, que (tanto quanto eu saiba) até agora não foi tentado na ficção. A história deste livro é narrada na íntegra pelas suas personagens. Elas estão colocadas em diferentes posições ao longo da cadeia de acontecimentos; e todas elas, por sua vez, assumem o seu posto nessa cadeia, levando a história até o fim.

Se a execução dessa ideia não tivesse levado a nada mais que à concretização de uma mera novidade de forma, eu não teria solicitado um instante de atenção para ela neste momento. Porém, a matéria do livro, bem como a forma, lucrou com ela. Isso me forçou a manter a história continuamente se desenvolvendo; e permitiu às minhas personagens uma nova oportunidade de se expressar, por meio das contribuições escritas que elas devem fazer no decorrer da narrativa.

Ao escrever estas linhas introdutórias, não posso me persuadir a deixar passar em silêncio a calorosa acolhida que minha história recebeu, em sua forma serializada, entre os leitores ingleses e norte-americanos. Em primeiro lugar, a acolhida, eu espero, justificou que eu aceitasse a séria responsabilidade literária de aparecer nas colunas de “All The Year Round”, logo após o Sr. Charles Dickens tê-las ocupado com o mais perfeito trabalho de arte elaborada que já tenha surgido de sua pena. Em segundo lugar, ao francamente constatar o reconhecimento que até então tenho tido, eu me proporciono uma oportunidade para agradecer a muitos correspondentes (os quais não conheço pessoalmente) pelo cordial encorajamento que recebi da parte deles enquanto meu trabalho estava sendo feito. Agora, enquanto os imaginários homens e mulheres, entre os quais tenho vivido por tanto tempo, estão todos me abandonando, eu me lembro com muita gratidão de que “Marian” e “Laura” fizeram tantos amigos calorosos em muitos lugares, que fui peremptoriamente alertado, em uma séria crise na história, a ter cuidado com o modo como eu as tratava — que o Sr. Fairlie encontrou compreensivos companheiros de sofrimento, que me censuraram por eu não fazer uma concessão cristã ao estado de nervos dele; que o “segredo” de Sir Percival se tornou suficientemente exasperador, no decorrer do tempo, para se transformar em tema de apostas (de todas as quais eu, pelo presente, declaro

estar “fora”); e que o Conde Fosco sugeriu considerações metafísicas para os entendidos em tais assuntos (que eu não compreendo muito bem até os dias de hoje), além de provocar inúmeros questionamentos quanto ao modelo vivo em que ele havia sido baseado. Só posso responder a estes últimos confessando que muitos modelos, alguns vivos, e outros mortos, “posaram” para ele; e insinuando que o Conde não teria sido tão fiel à natureza quanto eu tentei torná-lo se o âmbito de minha procura por materiais não tivesse se estendido, no caso dele, bem como no dos demais, além do estreito limite humano representado por um só homem.

Ao apresentar meu livro para um novo tipo de leitores, em sua forma completa, só tenho a dizer que ele foi cuidadosamente revisado, e que as divisões dos capítulos, e outras questões de menor importância do mesmo tipo, foram alteradas aqui e acolá, com o propósito de tornar a história mais fluida e consolidá-la ao longo destes volumes. Se os leitores que aguardaram até ele estar pronto provarem ser uma audiência tão generosa quanto os leitores que o seguiram durante seu progresso semanal, “A Mulher de Branco” será a mais preciosa Mulher incorpórea em minha lista de pessoas conhecidas.

Antes de concluir, desejo endereçar uma ou duas perguntas, do tipo mais inócuo e inocente, aos Críticos.

No caso de este livro ser resenhado, eu me aventuro a perguntar se é possível elogiar o escritor, ou culpá-lo, sem dar início aos procedimentos contando a história dele de segunda mão? Como essa história é escrita por mim — com as inevitáveis supressões que o sistema periódico de publicação impõe ao romancista — contá-la preenche mais de mil páginas impressas com letras miúdas. Uma parte não pequena desse espaço é ocupada por centenas de pequenos “elos”, de valor insignificante individualmente, mas da maior importância para a manutenção da fluência, da realidade e da probabilidade da narrativa de modo geral. Se o crítico conta a história *com* esses pontos, pode ele fazê-lo na página, ou coluna, que lhe é concedida, conforme for o caso? Se ele a conta *sem* eles, está ele fazendo a um colega de profissão, em outra forma de Arte, a justiça que os escritores devem uns aos outros? E, finalmente, se ele a conta, qualquer que seja o modo, está ele prestando um serviço para o leitor ao destruir, de antemão, dois dos principais elementos na atração de todas as histórias — o interesse da curiosidade, e a excitação da surpresa?

Harley Street, Londres

3 de agosto de 1860

Prefácio à presente edição [1861]

“A MULHER DE BRANCO” foi recebida com tamanha boa vontade por um grupo muito grande de leitores, que este volume mal necessita de qualquer introdução de minha parte. Tudo que é necessário que eu diga sobre o assunto da presente edição — a primeira lançada em um formato encadernado e popular — pode ser resumido em poucas palavras.

Eu tentei, por meio de uma cuidadosa correção e revisão, tornar a minha história tão digna quanto pude da contínua aprovação do público. Certos erros técnicos que se me haviam escapado enquanto eu estava escrevendo o livro estão aqui corrigidos. Nenhuma dessas pequenas imperfeições interferiu minimamente com o interesse da narrativa — mas foi bom removê-las na primeira oportunidade, por respeito aos meus leitores; e nesta edição, por conseguinte, elas não mais existem.

Algumas dúvidas tendo sido manifestadas, em certas partes capciosas, a respeito da apresentação correta dos “pontos” legais ocorridos na história, que me seja permitido mencionar que eu não poupei esforços — neste caso, assim como em todos os outros — para me preservar de, sem assim tencionar, levar os meus leitores a erro. Um advogado de grande experiência em sua profissão, com muita generosidade e cuidado, guiou os meus passos, sempre que o rumo da narrativa me conduziu aos labirintos da Lei. Todas as questões duvidosas foram apresentadas a esse cavalheiro, antes que eu me arriscasse a colocá-las no papel; e todas as provas tipográficas que se referiam a questões legais foram corrigidas por essa pessoa antes de a história se publicada. Eu só posso acrescentar, com base em autoridade judicial, que essas precauções não foram tomadas em vão. A “lei” neste livro foi discutida, desde sua publicação, por mais de um tribunal competente, e foi considerada substancial.

Só mais uma palavra, antes de eu concluir, em constatação ao grande débito de gratidão para com o público leitor.

Não é fingimento de minha parte dizer que o sucesso deste livro tem sido especialmente bem recebido por mim, por ele implicar o reconhecimento de um princípio literário que tem me guiado desde que eu me dirigi pela primeira vez aos meus leitores no papel de um romancista.

Eu sempre fui da antiquada opinião de que o objetivo principal de um trabalho de ficção deveria ser o de contar uma história; e nunca acreditei que o romancista que desempenhasse de modo correto essa primeira condição de sua arte corresse o risco, por esse motivo, de negligenciar a concepção da personalidade — pela simples razão de que o efeito produzido por qualquer narrativa de acontecimentos está essencialmente sujeito não aos eventos por si, mas ao interesse humano diretamente ligado a eles. Pode ser possível, ao escrever um romance, apresentar as personagens com sucesso, sem contar uma história; mas, não é possível contar uma história com sucesso sem apresentar as personagens: a existência delas, como realidades reconhecíveis, sendo a única condição sob a qual a história pode ser efetivamente contada. A única narrativa que pode esperar cativar a atenção dos leitores é uma narrativa que os deixe interessados por homens e mulheres — pela razão perfeitamente óbvia de que eles próprios são homens e mulheres.

A recepção dada à “Mulher de Branco” praticamente confirmou essas opiniões, e me assegurou que posso confiar nelas no futuro. Eis um romance que teve uma recepção muito acolhedora, porque é uma História; e eis uma história, cujo interesse — como eu sei por testemunhos voluntariamente dirigidos a mim, dos próprios leitores — nunca está separada do interesse das personagens. “Laura”, “Srta. Halcombe” e “Anne Catherick”; “Conde Fosco”, “Sr. Fairlie” e “Walter Hartright” criaram amigos para mim onde quer que eles tenham sido conhecidos. Espero que não esteja distante o tempo em que eu possa encontrar esses amigos de novo, e quando possa tentar, por intermédio de novas personagens, despertar o interesse deles por outra história.

*Harley Street, Londres,
Fevereiro de 1861.*

A
MULHER
DE
BRANCO

O primeiro período

*A História iniciada por WALTER HARTRIGHT,
de Clement's Inn, Professor de Desenho*

I

ESTA é a narrativa de o que a paciência de uma Mulher pode suportar, e o que a resolução de um Homem pode alcançar.

Se fosse possível contar com o maquinismo da Lei para sondar cada caso de suspeita, e conduzir cada processo de investigação, com moderada assistência apenas da parte das influências lubrificantes do óleo do ouro, os acontecimentos que ocupam estas páginas poderiam ter conseguido sua quota da atenção pública em uma Corte de Justiça.

Mas a Lei ainda é, em certos casos inevitáveis, a empregada pré-contratada da bolsa cheia de dinheiro; e a narrativa foi deixada para ser relatada, pela primeira vez, neste lugar. Como o Juiz poderia uma vez tê-la ouvido, o Leitor irá ouvi-la agora. Nenhuma circunstância importante, desde o início até o fim da revelação, será relatada com base em boatos. Quando o autor destas linhas introdutórias (cujo nome é Walter Hartright) estiver mais intimamente envolvido que outras pessoas nos incidentes a serem relatados, ele irá descrevê-los pessoalmente. Quando sua experiência não for suficiente, ele irá se afastar da posição de narrador, e a sua tarefa será continuada, do ponto em que ele a deixou, por outras pessoas que podem se referir às circunstâncias mencionadas por conhecimento próprio, com tanta clareza e resolução quanto ele manifestou antes delas.

Desse modo, a narrativa aqui apresentada será contada por mais de uma pena, assim como a narrativa de um crime contra as leis é contada na Corte de Justiça por mais de uma testemunha — com o mesmo intuito, em ambos os casos, de apresentar a verdade apenas em seu aspecto mais claro e mais inteligível; e de traçar o percurso de uma série completa de acontecimentos, fazendo com que as pessoas mais intimamente ligadas a eles, em cada etapa sucessiva, relatem sua própria experiência, palavra por palavra.

Que Walter Hartright, professor de desenho, com vinte e oito anos de idade, seja ouvido em primeiro lugar.

II

ERA o último dia de julho. O longo e quente verão estava chegando ao fim; e nós, os exaustos peregrinos das ruas de Londres, estávamos começando a pensar nas sombras das nuvens sobre os campos de trigo, e nas brisas de outono à beira-mar.

De minha modesta parte, o verão que findava me deixou sem saúde, sem ânimo e, se a verdade deve ser dita, sem dinheiro também. Durante o ano passado, eu não tinha administrado os meus recursos profissionais com tanto cuidado como de costume; e a minha extravagância agora me limitava à perspectiva de passar o outono de modo econômico entre o chalé de minha mãe em Hampstead e os meus próprios aposentos na cidade.

O anoitecer, eu lembro, estava sombrio e nebuloso; o ar de Londres estava muito sufocante; o distante zumbido do tráfego das ruas estava muito tênue; o ligeiro pulsar da vida dentro de mim e o grande coração da cidade ao meu redor pareciam desvanecer em uníssonos, lânguidos, lânguidos demais, com o sol que desvanecia. Eu me forcei a largar o livro sobre o qual estava cochilando, em vez de o ler, e saí de meus aposentos para ir ao encontro do ar fresco da noite nos arredores da cidade. Era uma das duas noites por semana que eu estava acostumado a passar com minha mãe e minha irmã. Então, dirigi meus passos rumo ao norte, na direção de Hampstead.

Acontecimentos que ainda tenho de relatar tornam necessário mencionar neste momento que meu pai estava morto já fazia alguns anos no período sobre o qual escrevo agora; e que minha irmã Sarah e eu éramos os únicos sobreviventes de uma família de cinco filhos. Meu pai tinha sido professor de desenho antes de mim. Seus esforços tornaram-no muito bem-sucedido em sua profissão; e sua afetuosa ansiedade para prover o futuro daqueles que dependiam de seu trabalho o havia impelido, desde a época de seu casamento, a dedicar a um seguro de vida uma porção muito maior de sua renda do que a maior parte dos homens considera necessário deixar de lado com esse propósito. Graças à sua admirável prudência e abnegação, minha mãe e irmã, depois da morte dele, ficaram tão independentes do mundo como haviam sido durante a vida dele. Eu o sucedi em sua carreira, e tinha todos os motivos para me sentir grato com a perspectiva que me aguardava no meu começo de vida.

O crepúsculo tranquilo ainda estava tremulando acima das bordas mais altas das colinas; e a vista de Londres aos meus pés havia mergulhado em um golfo negro na sombra da noite cheia de nuvens, quando eu me detive na frente do portão do chalé de minha mãe. Eu mal havia tocado o sino antes de a

porta da casa ter sido aberta com ímpeto; meu digno amigo italiano, Professor Pesca, apareceu no lugar da empregada; e se lançou cheio de júbilo para me receber, com uma estrídula paródia estrangeira de uma saudação inglesa.

Por causa dele, e, deve-me ser permitido acrescentar, por minha causa também, o Professor merece a honra de uma introdução formal. Uma casualidade tornou-o o ponto de partida da estranha história familiar que é o propósito destas páginas revelar.

Eu travara conhecimento pela primeira vez com o meu amigo italiano ao encontrá-lo em certas casas importantes onde ele ensinava a sua língua, e eu ensinava desenho. Tudo que eu sabia então da história da sua vida era que ele havia outrora tido um cargo na Universidade de Pádua; que havia deixado a Itália por motivos políticos (cujas naturezas ele invariavelmente se recusava a mencionar para qualquer pessoa); e tinha estado, por muitos anos, respeitavelmente estabelecido em Londres como professor de línguas.

Sem ser exatamente um anão — pois ele era muito bem proporcionado da cabeça aos pés — Pesca era, eu acho, o mais diminuto ser humano que eu já havia visto fora de um circo de horrores. Digno de nota em qualquer lugar por sua aparência pessoal, ele se distinguia ainda mais entre os seres humanos banais devido à inócua excentricidade de seu temperamento. A ideia dominante de sua vida parecia ser a de que ele estava comprometido a demonstrar a sua gratidão ao país que lhe havia concedido asilo e um meio de subsistência dando o máximo de si para se transformar em um inglês. Não contente com louvar a nação de modo geral carregando invariavelmente um guarda-chuva, e usando invariavelmente polainas e um chapéu branco, o Professor aspirava, além disso, se tornar um inglês em seus costumes e entretenimentos, bem como em sua aparência pessoal. Considerando-nos, como nação, notáveis por nosso amor pelas atividades físicas, o homenzinho, na inocência de seu coração, se dedicou impromptu a todos os nossos esportes e passatempos ingleses sempre que tinha a oportunidade de participar deles; firmemente persuadido de que ele poderia adotar os nossos entretenimentos nacionais nos campos por meio de um esforço de sua vontade, assim como havia adotado as nossas polainas nacionais e o nosso chapéu branco nacional.

Eu o havia visto arriscar suas pernas, cegamente, em uma caça à raposa e em um campo de críquete; e logo em seguida eu o vi arriscar a sua vida, tão cegamente, no mar em Brighton.

Nós havíamos nos encontrado lá casualmente, e estávamos tomando banho de mar juntos. Se estivéssemos empenhados em qualquer atividade física característica de minha nação, eu teria, é claro, observado Pesca com todo cuidado; mas, como os estrangeiros geralmente têm tanta capacidade de tomar conta de si mesmos na água como os ingleses, nunca me passou pela

cabeça que a arte de nadar simplesmente acrescentava um item a mais à lista de exercícios viris que o Professor acreditava poder aprender *impromptu*. Assim que nós dois havíamos nos afastado da beira-mar, eu parei, percebendo que meu amigo não se aproximava de mim. Para meu horror e espanto, não vi nada entre mim e a praia a não ser dois bracinhos brancos, que se debateram por um instante acima da superfície da água, e então desapareceram de vista. Quando mergulhei atrás dele, o pobre homenzinho jazia imóvel e encolhido no fundo, em uma cavidade coberta de seixos, parecendo muito menor do que eu já o havia visto parecer antes. Durante os poucos minutos transcorridos enquanto eu o levava, o ar o reviveu, e ele subiu os degraus da máquina de banho com minha ajuda. Com a recuperação parcial de seus sinais vitais, retornou à sua incrível fantasia sobre o tema da natação. Assim que seus dentes que batiam lhe permitiram falar, ele sorriu com um olhar vago, e disse que pensava ter sido a câmbra.

Quando ele havia se recuperado completamente e se juntado a mim na praia, sua calorosa natureza meridional irrompeu em meio a todas as artificiais restrições inglesas em um instante. Ele me sobrepujou com os mais insanos protestos de afeição — exclamou, veemente, com seus exagerados modos italianos, que ele consideraria sua vida, doravante, ao meu dispor — e declarou que nunca se sentiria feliz de novo até ter tido uma oportunidade de provar sua gratidão prestando-me algum favor que eu poderia relembrar, por minha vez, até o fim de meus dias.

Eu fiz o melhor que pude para conter a torrente de lágrimas e de exclamações dele, persistindo em tratar toda a aventura como um bom assunto para um chiste; e finalmente consegui, conforme imaginei, diminuir a avassaladora impressão de Pesca de dever um favor a mim. Sequer pensava eu então — sequer pensei depois, quando nossas agradáveis férias haviam chegado ao fim — que a oportunidade de me fazer um favor, pela qual meu grato companheiro ansiava com tanto fervor, logo iria chegar; que ele a agarraria na mesma hora, ávido, e que, ao fazê-lo, iria desviar todo o curso de minha existência em um novo canal, e me transformar perante os meus próprios olhos de uma maneira quase irreconhecível.

E, no entanto, foi isso mesmo. Se eu não tivesse mergulhado para salvar o Professor Pesca, quando ele jazia sob a água em seu leito de seixos, eu, nos limites da probabilidade humana, nunca teria me conectado com a história que estas páginas irão relatar — eu talvez nem mesmo tivesse ouvido o nome da mulher que tem vivido em todos os meus pensamentos, se apossou de todas as minhas energias e se tornou a única influência orientadora que agora direciona o propósito de minha vida.

O ROSTO e os modos de Pesca, na noite em que nos encontramos no portão da casa de minha mãe, eram mais que suficientes para me informar que algo extraordinário havia acontecido. Era bastante inútil, entretanto, pedir-lhe uma explicação imediata. Eu só podia conjecturar, enquanto ele me puxava para dentro da casa com as duas mãos, que (conhecedor dos meus hábitos) ele havia ido ao chالé para ter a certeza de me encontrar naquela noite, e tinha para me contar alguma notícia de uma natureza excepcionalmente agradável.

Ambos entramos a passos largos na sala de estar de um modo bastante abrupto e indigno. Minha mãe sentava-se à janela aberta, rindo e se abanando. Pesca era um de seus grandes favoritos; e as mais insanas excentricidades dele eram sempre desculpáveis aos olhos dela. Pobre alma querida! A partir do primeiro instante em que descobriu que o pequenino Professor era profunda e reconhecidamente apegado ao seu filho, ela abriu-lhe o coração sem reservas, e aceitou todas as enigmáticas excentricidades estrangeiras dele, sem nem ao menos tentar compreender qualquer uma delas.

Minha irmã Sarah, com todas as vantagens da juventude, de modo muito estranho, era menos flexível. Ela fazia plena justiça às excelentes qualidades do coração de Pesca; porém, não conseguia aceitá-lo implicitamente, assim como minha mãe o aceitava, por minha causa. As suas noções insulares de decoro se manifestavam em uma perpétua revolta contra o desdém inato de Pesca pelas aparências; e ela estava sempre mais ou menos espantada com a familiaridade de sua mãe com o excêntrico e pequenino estrangeiro. Eu tenho observado, não apenas no caso de minha irmã, mas em outros, que nós, da geração mais jovem, não somos nem um pouco tão acolhedores e impulsivos como algumas das pessoas de mais idade. Eu constantemente vejo pessoas idosas enrubescidas e animadas com a perspectiva de algum prazer antecipado que é totalmente incapaz de perturbar a tranquilidade de seus serenos netos. Somos nós, eu me pergunto, moços e moças tão genuínos agora quanto os nossos ascendentes eram, na época deles? O grande avanço na educação deu um passo longo demais, e somos nós, nestes dias modernos, apenas a mais insignificante ninharia no mundo bem educado demais?

Sem tentar responder essas perguntas de uma vez por todas, posso, pelo menos, registrar que nunca vi minha mãe e minha irmã juntas na companhia de Pesca sem considerar a minha mãe a mulher muito mais jovem das duas. Nessa ocasião, por exemplo, enquanto a velha senhora estava rindo de todo coração por causa dos modos infantis com que nós entramos em desabalada na sala de visitas, Sarah, perturbada, recolhia os cacos de uma xícara quebrada, que o Professor havia jogado para fora da mesa em sua ida precipitada para me encontrar à porta.

— Não sei o que teria acontecido, Walter — disse minha mãe —, se você

tivesse se atrasado um pouco mais. Pesca esteve quase enlouquecido de impaciência; e eu estive quase enlouquecida de curiosidade. O Professor trouxe uma notícia maravilhosa, e diz que você está envolvido nela; e ele, muito cruel, se recusou a dar o menor indício dela até seu amigo Walter aparecer.

— É provocador demais, estraga o conjunto —, murmurou Sarah com seus botões, tristemente absorta com as ruínas da xícara quebrada.

Enquanto essas palavras estavam sendo pronunciadas, Pesca, feliz e agitadoamente inconsciente do prejuízo irreparável que a louça havia sofrido em suas mãos, estava puxando uma grande poltrona para o lado oposto da sala, de modo a se postar perante nós três, no papel de um orador público se dirigindo a uma audiência. Tendo virado a poltrona com seu espaldar voltado para nós, ele pulou nela e se ajoelhou, e, empolgado, de seu púlpito improvisado se dirigiu à sua pequena congregação de três pessoas.

— Então, meus bons caros — começou Pesca (que sempre dizia “bons caros” quando queria dizer “caros amigos”) —, ouçam-me. É chegada a hora... eu recito as minhas boas notícias... eu finalmente falo.

— Ouçam, ouçam! — disse minha mãe, se comprazendo com o chiste.

— A próxima coisa que ele vai quebrar, mamãe — sussurrou Sarah —, vai ser o espaldar da melhor poltrona.

— Eu retrocedo em minha vida, e me dirijo ao mais nobre dos seres humanos criados — prosseguiu Pesca, se voltando de modo veemente à minha indigna pessoa por sobre o topo da poltrona. — Ele, que me encontrou morto no fundo do mar (por causa da câmbra), e me levou para a superfície; e o que eu disse quando voltei à minha própria vida e às minhas próprias roupas novamente?

— Muito mais do que foi necessário — eu respondi, tão emburrado quanto possível; pois o menor encorajamento relacionado a esse assunto invariavelmente liberava as emoções do Professor em uma enxurrada de lágrimas.

— Eu disse — insistiu Pesca — que a minha vida pertencia ao meu caro amigo, Walter, pelo resto de meus dias; e ela pertence. Eu disse que não me sentiria feliz de novo até ter tido a oportunidade de fazer Algo bom por Walter, e nunca estive satisfeito comigo mesmo até este dia mais abençoado. Agora — exclamou o entusiástico homenzinho a plenos pulmões — a felicidade transbordante irrompe de mim em cada poro de minha pele, como uma transpiração; pois, por minha fé, e alma, e honra, esse algo finalmente foi feito, e a única palavra a dizer agora é... Vivam-ora-ora-vivam!

Talvez seja necessário explicar aqui que Pesca se orgulhava de ser um perfeito inglês em sua linguagem, bem como na vestimenta, nos modos e nos

entretenimentos. Tendo aprendido algumas das nossas mais familiares expressões coloquiais, ele as espalhava em sua conversa sempre que elas lhe ocorriam, tornando-as, em seu grande deleite com o som delas e seu desconhecimento geral do sentido delas, em palavras compostas e em repetições todas próprias, e sempre as emendando umas com as outras, como se elas consistissem de uma única e longa sílaba.

— Entre as belas casas de Londres onde eu leciono a língua de meu país nativo — disse o Professor, se precipitando em sua explicação há tanto tempo postergada sem outras palavras introdutórias — há uma, muito bela, naquele lugar importante chamado Portland. Todos sabem onde fica? Sim, sim... claro-mas-é-claro. A bela casa, meus bons caros, tem dentro dela uma bela família. Uma Mamãe, bonita e gorda; três jovens Senhoritas, bonitas e gordas; dois jovens Senhores, bonitos e gordos; e um Papai, o mais bonito e o mais gordo de todos eles, que é um poderoso comerciante, afundado até os olhos em ouro; um belo homem outrora, mas, considerando que ele tem uma cabeça pelada e dois queixos, não mais belo no momento presente. Agora, prestem atenção! Eu ensino o sublime Dante para as três jovens Senhoritas, e ah!... Deus-oh-meu-Deus!... não compete à linguagem humana dizer como o sublime Dante desorienta as belas cabecinhas das três! Não importa; tudo ao seu tempo, e, quanto mais lições, melhor para mim. Agora, prestem atenção! Imaginem para si mesmos que eu estou ensinando as jovens Senhoritas hoje, como sempre. Estamos nós quatro descendo juntos no Inferno de Dante. No Sétimo Círculo... mas, isso não importa nada: todos os Círculos são iguais para as jovens Senhoritas, bonitas e gordas... No Sétimo Círculo, não obstante, minhas pupilas estão empacadas; e eu, para fazê-las andar de novo, recito, explico, e fico vermelho como brasa com um entusiasmo inútil, quando... um ranger de botas no corredor do lado de fora, e eis que entra o Papai de ouro, o poderoso comerciante com a cabeça pelada e os dois queixos. Ah!, meus bons caros, eu estou mais perto da questão do que todos pensam, agora. Todos foram pacientes até então? Ou disseram com seus botões, “Dos-infernos-diabo-dos-infernos! O Pesca está com muito fôlego hoje”?

Nós declaramos estar profundamente interessados. O Professor continuou:

— Em sua mão, o Papai de ouro tem uma carta; e depois de ter pedido suas desculpas por nos perturbar em nossa Região Infernal com os Assuntos domésticos corriqueiros e mortais, ele se dirige às três jovens Senhoritas, e começa, assim como vocês, ingleses, começam tudo que têm a dizer neste abençoado mundo, com um sonoro Oh. “Oh, minhas queridas”, diz o poderoso comerciante, “tenho aqui uma carta de meu amigo, o Sr. ***” (o nome me fugiu da cabeça; mas, não faz mal, nós voltaremos a isso: sim, sim, vivam-ora-ora-vivam). Então, o Papai diz, “Tenho aqui uma carta de meu

amigo, o Senhor; e ele quer uma recomendação de minha parte, de um professor de desenho para ir à sua casa no interior”. Deus-oh-por-Deus!, quando ouvi o Papai de ouro dizer essas palavras, se eu fosse alto o suficiente para alcançá-lo, eu teria passado meus braços pelo pescoço dele e o apertado contra meu coração em um longo e grato abraço! Do jeito que as coisas são, só dei um pulo na minha cadeira. O meu era um assento de espinhos, e minh’alma estava em brasas com vontade de falar; mas me contive, e deixei o Papai prosseguir. “Talvez vocês conheçam”, diz esse bom homem de dinheiro, girando a carta de seu amigo para lá e para cá, em seus dedos e polegares de ouro, “talvez vocês conheçam, minhas queridas, um professor de desenho que eu possa recomendar?” As três jovens Senhoritas olham umas para as outras, e então dizem (com o indispensável e sonoro Oh, para começar), “Oh, meu Deus, não, Papai! Mas cá está o Sr. Pesca...” À menção de minha pessoa, eu não pude mais me conter; o pensamento de vocês, meus bons caros, me sobe como o sangue à cabeça... Eu me levanto de um salto de minha cadeira, como se um espinho tivesse crescido do chão passando pelo assento dela... Eu me dirijo ao poderoso comerciante, e digo (expressão inglesa), “Meu caro senhor, eu conheço o homem! O melhor e mais excelente professor de desenho do mundo! Recomende-o em uma carta hoje à noite, e o mande, com malas e bagagens (expressão inglesa de novo, hã?), mande-o, com malas e bagagens, pelo trem de amanhã!” “Pare, pare”, diz o Papai, “ele é um estrangeiro, ou um inglês?” Inglês até o último fio de cabelo, eu respondo. “Respeitável?”, diz o Papai. Senhor, eu digo (pois a última pergunta dele me insulta, e não vou mais ser bondoso com ele), Senhor!, a imortal chama dos gênios queima no peito desse inglês, e, o que é mais, seu pai a tinha antes dele! “Não importa”, diz o bárbaro de ouro do Papai, “não importa o gênio dele, Sr. Pesca. Nós não queremos genialidade neste país, a não ser que seja acompanhada pela respeitabilidade; e, neste caso, nós nos sentimos muito felizes por tê-la, muito felizes mesmo. Seu amigo pode oferecer referências, cartas que deem testemunho do caráter dele?” Eu faço um aceno displicente com a mão. Cartas?, digo eu. Ahá! Deus-oh-por-Deus! Eu diria que sim, é claro! Pilhas de cartas e portfólios com declarações, se o senhor quiser? “Uma ou duas bastarão”, diz esse homem de fleuma e de dinheiro. “Que ele as mande para mim, com o nome e o endereço dele. E... um momento, um momento, Sr. Pesca... antes de ir ter com o seu amigo, é melhor o senhor levar uma nota.” Nota de dinheiro!, digo eu, indignado. Nenhuma nota de dinheiro, por favor, até que meu bravo inglês a tenha merecido antes. “Nota de dinheiro?”, diz o Papai, com grande surpresa, “quem falou em nota de dinheiro? Eu estou me referindo a uma nota com os termos... um memorando do que se espera que ele faça. Continue com a sua lição, Sr. Pesca, e eu darei para o senhor as informações necessárias da carta de meu

amigo.” E com sua pena, tinta e papel o homem de comércio e de dinheiro se senta; e uma vez mais desço eu ao Inferno de Dante, com as minhas três jovens Senhoritas atrás de mim. Em dez minutos, a nota é escrita, e as botas do Papai estão se afastando e rangendo no corredor do lado de fora. A partir daquele momento, por minha fé e alma, e honra, eu nada mais sei! O pensamento glorioso de que eu finalmente apanhei a minha oportunidade, e que meu grato serviço ao meu mais caro amigo neste mundo está praticamente feito, me sobe à cabeça e me deixa inebriado. Como eu tiro a mim e às minhas três Senhoritas de nossa Região Infernal de novo, como as minhas outras tarefas são executadas posteriormente, como meu pratinho de comida desliza pela minha garganta, eu não sei, assim como não sabe o homem na lua. Já me basta, que eu cá esteja, com a nota do poderoso comerciante em mãos, tão grande quanto a vida, tão quente quanto o fogo, e tão feliz quanto um rei. Ah! Ah! Ah! Vivam-vivam-ora-ora-vivam! — E, neste momento, o Professor balançou o memorando com os termos acima de sua cabeça, e terminou a sua longa e volúvel narrativa com sua aguda imitação italiana de uma celebração inglesa.

Minha mãe se levantou no instante em que ele havia acabado, com as faces enrubescidas e os olhos brilhando. Ela segurou as duas mãos do homenzinho com afeição.

— Meu bom e caro Pesca — disse ela —, eu nunca duvidei de sua verdadeira afeição por Walter... Porém, agora estou mais do que convencida do fato!

— Com certeza, somos muito gratas ao Professor Pesca, por causa de Walter — disse Sarah. Ela começou a se levantar, enquanto falava, como se fosse se aproximar da poltrona; mas, observando que Pesca, extasiado, estava beijando as mãos de minha mãe, ficou com aparência séria e voltou a se sentar. “Se o homenzinho familiar trata minha mãe desse modo, como ele se portará *comigo*?” Os rostos às vezes dizem a verdade; e esse foi, sem a menor dúvida, o pensamento de Sarah, enquanto ela tornava a se sentar.

Embora eu próprio sentisse imensa gratidão pela bondade das intenções de Pesca, o meu estado de espírito dificilmente estava tão elevado quanto deveria ter estado com a perspectiva do futuro emprego agora posta à minha frente. Quando o Professor havia soltado as mãos de minha mãe, e quando calorosamente lhe agradeci por intervir ao meu favor, pedi permissão para ver a nota com os termos que o seu respeitável patrão havia escrito para que eu a examinasse.

Pesca entregou-me o papel com um triunfante floreio com a mão.

— Leia! — disse o homenzinho, majestoso. — Eu prometo para você, meu amigo, a escrita do Papai de ouro fala por si só com uma voz estrondosa.

A nota com os termos era clara, precisa e abrangente, de qualquer modo. Ela me informava,

Em primeiro lugar, Que Frederick Fairlie, *Esquire*, da Mansão de Limmeridge, Cumberland, queria contratar os serviços de um professor de desenho muito competente, por um período certo de quatro meses.

Em segundo lugar, Que as tarefas que se esperava que o professor realizasse seriam de uma dupla natureza. Ele deveria supervisionar a instrução de duas jovens senhoras na arte da pintura em aquarela; e deveria dedicar o seu tempo livre, posteriormente, à tarefa de arrumar e montar uma valiosa coleção de desenhos, a qual haviam permitido que caísse em uma condição de total abandono.

Em terceiro lugar, Que os termos oferecidos à pessoa que se encarregasse dessas tarefas e as executasse com propriedade eram quatro guinéus por semana; que ele residiria na Mansão de Limmeridge e seria tratado lá na condição de um cavalheiro.

Em quarto e último lugar, Que nenhuma pessoa cogitasse em se candidatar a esse posto a não ser que pudesse oferecer as referências mais irrepreensíveis quanto ao caráter e à competência. As referências deveriam ser enviadas ao amigo do Sr. Fairlie em Londres, que estava autorizado a concluir todos os arranjos necessários. Essas instruções eram seguidas pelo nome e endereço do empregador de Pesca em Portland — e neste ponto a nota, ou memorando, terminava.

A perspectiva que essa oferta de uma posição apresentava era com certeza atraente. O emprego provavelmente seria tanto fácil quanto agradável; ele me havia sido oferecido no outono, época do ano em que eu estava menos ocupado; e os termos, julgando por minha experiência pessoal em minha profissão, eram surpreendentemente pródigos. Eu sabia disso; sabia que deveria me considerar muito afortunado se conseguisse garantir a oferta de emprego — e, entretanto, assim que li o memorando, senti em meu íntimo uma inexplicável falta de inclinação de me envolver no assunto. Em toda minha experiência anterior, eu nunca havia considerado meu dever e minhas inclinações tão dolorosa e inexplicavelmente discordantes como eu os considerava então.

— Oh, Walter, seu pai nunca teve uma chance igual a essa! — disse minha mãe, após ter lido a nota com os termos e a devolvido para mim.

— Conhecer umas pessoas tão finas — observou Sarah, se endireitando na cadeira — e em termos de igualdade tão gratificantes também!

— Sim, claro; os termos, em todos os sentidos, são muito tentadores — respondi, impaciente. — Porém, antes de eu enviar as minhas referências, gostaria de ter um pouquinho de tempo para pensar...

— Pensar! — exclamou minha mãe. — Ora, Walter, o que está acontecendo com você!

— Pensar! — ecoou o Professor. — E o que é que há para pensar? Responda-me! Você não andou reclamando da sua saúde, e não andou ansiando por o que você chama de um sopro das brisas campestres? Bem! Está em suas mãos o papel que oferece a você perpétuos haustos sufocantes de brisas campestres, por um período de quatro meses. Não é isso? Hã? E além do mais, você precisa de dinheiro. Bem! Quatro guinéus por semana não representam nada? Deus-oh-por-Deus! Dê-as para *mim...* e minhas botas irão ranger como as do Papai de ouro, com a sensação da riqueza avassaladora do homem que caminha com elas! Quatro guinéus por semana, e, mais que isso, a encantadora companhia de duas jovens Senhoritas; e, mais que isso, sua cama, seu desjejum, seu jantar, seus lautos chás e refeições, e brindes com espumantes cervejas inglesas, tudo isso por nada... ora, Walter, meu bom e caro amigo... Dos-infernos-diabo-dos-infernos! Pela primeira vez em minha vida eu não tenho, em minha cabeça, olhos suficientes para olhar e me espantar com você!

Nem o evidente assombro de minha mãe com o meu comportamento, nem a fervorosa enumeração feita por Pesca das vantagens oferecidas para mim pelo novo emprego exerceram qualquer influência para afastar minha irracional falta de inclinação para ir à Mansão de Limmeridge. Após ter começado todas as objeções insignificantes em que eu poderia ter pensado para ir a Cumberland; e depois de ouvi-las sendo contestadas, uma depois da outra, para minha completa frustração, tentei apresentar um derradeiro empecilho perguntando o que seria dos meus pupilos em Londres, enquanto eu estivesse ensinando as jovens senhoritas do Sr. Fairlie a desenhar observando a natureza. A resposta óbvia para isso foi que a maior parte deles estaria longe, em suas viagens de outono, e que os poucos que ficassem em casa poderiam ser entregues aos cuidados de um de meus colegas professores de desenho, cujos pupilos eu certa vez havia recebido das suas mãos em circunstâncias semelhantes. Minha irmã me lembrou que esse cavalheiro havia colocado seus serviços expressamente ao meu dispor, durante a presente temporada, caso eu desejasse sair da cidade; minha mãe suplicou, muito séria, que eu não permitisse que um fútil capricho se interpusesse entre meus próprios interesses e minha própria saúde; e Pesca, lamentoso, suplicou que eu não magoasse o coração dele rejeitando a primeira e grata oferta de serviço que ele tivera a oportunidade de fazer ao amigo que lhe salvara a vida.

A evidente sinceridade e afeição que motivaram essas censuras teriam influenciado qualquer homem com um átomo de bons sentimentos em sua constituição. Embora eu não conseguisse superar a minha inexplicável

obstinação, eu tinha, pelo menos, virtude suficiente para me envergonhar profundamente dela, e para encerrar a discussão de modo amigável cedendo e prometendo fazer tudo que se esperava de mim.

O resto da noite foi passado com muita alegria em antecipações bem-humoradas de minha vida futura com as duas jovens senhoritas em Cumberland. Pesca, inspirado pelo nosso grogue nacional, que parecia lhe subir à cabeça do modo mais maravilhoso cinco minutos depois de ter descido pela sua garganta, defendeu os seus direitos de ser considerado um completo inglês fazendo uma série de discursos em rápida sucessão; bebendo à saúde de minha mãe, à saúde de minha irmã, à minha saúde, e às saúdes, em conjunto, do Sr. Fairlie e das duas jovens senhoritas; pateticamente agradecendo, logo em seguida, ao grupo todo.

— Um segredo, Walter — disse meu diminuto amigo, confidencialmente, enquanto voltávamos juntos para casa. — Estou arrebatado com a lembrança de minha própria eloquência. Minh'alma irrompe com ambição. Um dia destes, eu vou entrar em seu nobre Parlamento. É o sonho de toda minha vida, ser o Honourable Pesca, M.P.!

Na manhã seguinte, enviei minhas referências ao empregador do Professor em Portland. Três dias se passaram; e eu concluí, com secreta satisfação, que meus documentos não tinham sido considerados suficientemente explícitos. No quarto dia, entretanto, chegou uma resposta. Ela anunciava que o Sr. Fairlie aceitava os meus serviços, e solicitava que eu partisse para Cumberland imediatamente. Todas as instruções necessárias para a minha viagem foram cuidadosa e nitidamente incluídas em um *postscriptum*.

Fiz os meus preparativos, com muito pouca boa vontade, para partir de Londres cedo no dia seguinte. Ao entardecer, Pesca deu uma passada a caminho de um jantar, para se despedir de mim.

— Eu secarei as minhas lágrimas em sua ausência — disse o Professor, alegre — com este pensamento glorioso. Foi a minha auspiciosa mão que deu o impulso inicial para a sua boa sorte no mundo. Vá, meu amigo! Quando seu ferro estiver quente em Cumberland (provérbio inglês), em nome de Deus, malhe-o. Case-se com uma das duas jovens Senhoritas; torne-se o Honourable Hartright, M.P.; e quando estiver no topo da escada, lembre-se de que Pesca, lá embaixo, fez tudo isso!

Tentei dar risada com meu diminuto amigo com esse chiste de despedida, mas meu ânimo não estava sob o meu comando. Algo em meu íntimo estremecia de um modo quase doloroso, enquanto ele dizia as suas descompromissadas palavras de despedida.

Quando fui deixado sozinho de novo, nada restava a ser feito além de ir até o chalé em Hampstead e me despedir de minha mãe e de Sarah.

O CALOR havia sido dolorosamente opressivo o dia inteiro; e era então uma noite cheia de nuvens e abafadiça.

Minha mãe e minha irmã tinham dito tantas palavras finais, e suplicado que eu esperasse mais cinco minutos tantas vezes, que já era quase meia-noite quando a empregada fechou o portão do jardim às minhas costas. Eu segui adiante alguns passos pelo caminho mais curto para Londres; então parei, e hesitei.

A lua estava cheia e grande no céu de um azul escuro e destituído de estrelas; e o terreno irregular da charneca parecia bastante selvagem sob a luz misteriosa para estar a centenas de quilômetros de distância da grande cidade que se encontrava logo além dele. A ideia de descer mais cedo do que eu pudesse evitar para o calor e a melancolia de Londres me repugnava. A perspectiva de ir dormir em meus aposentos sem ar, e a perspectiva de gradualmente me sufocar pareciam, em meu atual estado físico e de espírito desassossegado, ser a mesma coisa. Eu me decidi a ir devagar para casa sob o ar mais puro, pelo caminho mais tortuoso que eu pudesse tomar; seguir as estradas brancas e sinuosas ao longo da charneca desolada; e me aproximar de Londres através de seu subúrbio mais descampado tomando a estrada de Finchley, e então retornando, no frescor da nova manhã, pelo lado oeste de Regent's Park.

Eu fui descendo devagar o caminho tortuoso em meio à Charneca, desfrutando da divina quietude do cenário, e admirando as suaves alternâncias de luz e de sombra à medida que elas seguiam umas às outras sobre o terreno irregular dos meus dois lados. Enquanto eu estava andando por essa parte inicial e mais bonita de minha caminhada noturna, minha mente permaneceu aberta, passiva, às impressões produzidas pelo cenário; e pouco pensei em qualquer assunto — na verdade, no que dizia respeito às minhas próprias sensações, mal posso dizer que eu estava pensando.

Mas, depois de ter saído da Charneca e de ter entrado na estrada vicinal, onde havia menos coisas para ver, as ideias naturalmente engendradas pela vindoura alteração em meus costumes e em minhas ocupações gradualmente atraíram mais e mais a minha atenção exclusivamente para elas. No momento em que eu havia chegado ao fim da estrada, estava totalmente absorto em minhas visões fantasiosas da Mansão de Limmeridge, do Sr. Fairlie, e das duas senhoras cuja prática na arte da aquarela eu logo iria supervisionar.

Eu havia então chegado àquele ponto específico de minha caminhada em que quatro estradas se cruzam — a estrada para Hampstead, pela qual eu havia retornado; a estrada para Finchley; a estrada para o West End; e a

estrada de volta para Londres. Eu havia mecanicamente me voltado para esta última direção, e caminhava lentamente pela solitária estrada principal — ociosamente me perguntando, eu recorro, como seriam as jovens senhoras de Cumberland — quando, em um instante, cada gota de sangue em meu corpo se congelou com o toque de uma mão colocada de repente e com suavidade em meu ombro, por trás de mim.

Eu me virei no mesmo instante, meus dedos segurando com força o cabo da minha bengala.

Lá, no meio da ampla e clara estrada principal — lá, como se houvesse naquele momento brotado do chão ou caído dos céus — estava a figura de uma Mulher solitária, vestida da cabeça aos pés em roupas brancas; o rosto inclinado na direção do meu em uma séria indagação, a mão apontando para a nuvem escura acima de Londres, enquanto eu a olhava.

Eu estava assustado demais com o inopinado com que essa extraordinária visão se postou à minha frente, na calada da noite e naquele local solitário, para perguntar o que ela desejava. A estranha mulher falou em primeiro lugar.

— Esta é a estrada para Londres? — ela perguntou.

Olhei-a atentamente, enquanto ela me fazia essa pergunta singular. Era então quase uma hora. Tudo que eu conseguia discernir com clareza à luz da lua era um rosto pálido e jovem, magro e anguloso para se olhar, na região das bochechas e do queixo; olhos grandes, sérios e melancolicamente vigilantes; lábios nervosos e indecisos; e cabelos claros de um tom pálido de castanho-alourado. Não havia nada despropositado, nada imodesto em seus modos; eles eram tranquilos e controlados, um tantinho melancólicos e um tantinho tocados pelas suspeitas; não exatamente os modos de uma dama e, ao mesmo tempo, não os modos de uma mulher das classes mais baixas da vida. A voz, tão pouco quanto eu ouvira dela, tinha algo curiosamente monótono e mecânico em sua entonação, e o modo de falar era extraordinariamente rápido. Ela trazia uma pequena bolsa na mão; e sua indumentária — touca, xale e vestido, todos brancos —, tanto quanto eu conseguisse supor, certamente não era composta de material muito delicado ou muito caro. A silhueta dela era delicada, e bem acima da estatura média — seu porte e suas ações destituídos do mais ligeiro toque de extravagância. Isso foi tudo que eu consegui observar a respeito dela, à luz fraca e nas circunstâncias perturbadoramente estranhas de nosso encontro. Que tipo de mulher era ela, e como havia chegado a ficar sozinha na estrada principal, uma hora depois da meia-noite, eu não conseguia imaginar de modo nenhum. A única coisa de que eu tinha certeza era que o mais vil dos seres humanos não poderia ter interpretado mal o motivo que a levava a falar, mesmo naquela tão suspeita hora tardia e naquele tão suspeito local solitário.

— O senhor me ouviu? — disse ela, ainda em voz baixa e rápida, e sem a menor agitação ou impaciência. — Eu perguntei se este era o caminho para Londres.

— Sim — respondi —, este é o caminho, ele conduz a St. John's Wood e ao Regent's Park. A senhora precisa me desculpar por eu não responder antes. Fiquei bastante sobressaltado com sua aparição súbita na estrada; e me sinto, ainda agora, bastante incapaz de dizer a razão para tanto.

— O senhor não suspeita que eu tenha feito alguma coisa errada, suspeita? Eu não fiz nada de errado. Sofri um acidente; é muita infelicidade eu estar aqui sozinha, tão tarde. Por que o senhor suspeita que eu tenha feito algo errado?

Ela falou com uma ansiedade e agitação desnecessárias, e deu vários passos para se afastar de mim. Fiz o melhor possível para tranquilizá-la.

— Por favor, não suponha que eu tenha a menor ideia de suspeitar da senhora — eu disse —, ou que tenha qualquer outro desejo além de poder ajudá-la, se puder. Eu só me espantei com o fato de a senhora aparecer na estrada, porque ela me parecia estar vazia um momento antes de eu vê-la.

Ela se voltou e apontou para um local na junção da estrada para Londres e a estrada para Hampstead, onde havia um buraco na cerca-viva.

— Eu ouvi o senhor vindo — ela disse — e me escondi lá para ver que tipo de homem o senhor era, antes de me arriscar a falar. Eu sentia dúvidas e temor em relação a isso até o senhor ter passado; e então fui obrigada a ir silenciosamente atrás do senhor, e a tocá-lo.

Ir silenciosamente atrás de mim e me tocar? Por que não me chamar? Estranho, para dizer o mínimo.

— Posso confiar no senhor? — ela perguntou. — O senhor não pensa mal a meu respeito porque eu sofri um acidente? — Ela se deteve, confusa, trocou a bolsa de uma mão para a outra, e suspirou, amargurada.

A solidão e o desamparo da mulher me emocionaram. O impulso natural de auxiliá-la e de poupá-la levou a melhor sobre o tirocínio, a cautela e a urbanidade a que um homem mais velho, mais sábio e reservado poderia ter recorrido para ajudá-lo nessa estranha contingência.

— A senhora pode contar comigo para qualquer propósito inocente — eu disse. — Se a senhora se sente perturbada para me explicar a sua estranha situação, não pense em retomar o assunto. Não tenho o direito de pedir-lhe quaisquer explicações. Diga-me como posso ajudá-la; e se eu puder fazê-lo, o farei.

— O senhor é muito gentil, e sou muito, muito grata por tê-lo encontrado. — O primeiro toque de ternura feminino que eu ouvia da parte dela tremeu em

sua voz enquanto ela pronunciava essas palavras; porém, nenhuma lágrima brilhou naqueles seus olhos grandes e melancolicamente vigilantes, que ainda se fixavam em mim. — Eu estive em Londres apenas uma vez antes — ela prosseguiu, falando cada vez mais rápido — e não conheço nada naquela parte da cidade. Eu consigo encontrar uma carruagem de aluguel, ou uma carruagem de qualquer tipo? Já é muito tarde? Eu não sei. Se o senhor pudesse me indicar onde eu conseguiria uma carruagem de aluguel... E se o senhor prometer não se opor a mim, e me permitir que eu o deixe, quando e como me for melhor... Tenho uma amiga em Londres, que se sentirá feliz por me receber... Não quero nada mais... O senhor promete?

Ela olhou, ansiosa, de um lado para outro da estrada; passou uma vez mais a pequena bolsa de uma mão para a outra; repetiu as palavras, “O senhor promete?” e olhou fixamente para o meu rosto, com um temor suplicante e uma confusão que me deixou perturbado testemunhar.

O que poderia eu fazer? Lá estava uma criatura desconhecida abandonada e completamente à minha mercê — e essa desconhecida era uma mulher desamparada. Nenhuma casa se encontrava nas proximidades; não passava uma pessoa a quem eu pudesse consultar; e de minha parte não existia nenhuma lei neste mundo que me outorgasse o poder de controlar essa mulher, ainda que eu tivesse sabido como exercer esse poder. Escrevo estas linhas sem confiar em mim mesmo, com as sombras de eventos posteriores anuviando o próprio papel em que escrevo; e, ainda assim, digo, o que poderia eu fazer?

O que eu fiz foi tentar ganhar tempo fazendo-lhe perguntas.

— A senhora tem certeza de que sua amiga em Londres irá acolhê-la a uma hora tão tardia quanto esta? — perguntei.

— Toda a certeza. Apenas diga-me que o senhor irá me permitir que eu o deixe, quando e como me for melhor... Apenas diga que o senhor não se oporá a mim. O senhor promete?

Ao repetir as palavras pela terceira vez, ela se aproximou de mim, e colocou a mão, com uma discrição repentina e delicada, em meu peito — uma mão fina; uma mão fria (quando eu a afastei com a minha) mesmo naquela noite abafadiça. Lembrem-se de que eu era jovem; lembrem-se de que a mão que me tocou era a de uma mulher.

— O senhor promete?

— Sim.

Uma única palavra! A palavrinha familiar que passa pelos lábios de todas as pessoas, a todas as horas do dia. Ai de mim!, e eu tremo, agora, ao escrevê-la.

Nós nos voltamos na direção de Londres, e caminhamos juntos na

primeira hora silenciosa do novo dia — eu e essa mulher, cujo nome, cujo caráter, cuja história, cujos objetivos na vida, cuja própria presença ao meu lado, naquele momento, eram mistérios insondáveis para mim. Era como um sonho. Era eu Walter Hartright? Era essa a tão conhecida e rotineira estrada, pela qual as pessoas em suas horas de lazer caminhavam sossegadas aos domingos? Teria mesmo eu deixado, pouco mais de uma hora atrás, a atmosfera tranquila, decente e convencionalmente doméstica do chalé de minha mãe? Eu estava aturdido demais — cômico demais também de uma vaga sensação de algo semelhante a uma autocensura — para conversar com a minha estranha companhia por alguns minutos. Foi a voz dela, uma vez mais, a romper o silêncio entre nós.

— Eu gostaria de perguntar uma coisa ao senhor — disse ela, de repente.
— O senhor conhece muitas pessoas em Londres?

— Sim, bastantes.

— Muitos homens com boa posição e títulos? — Havia um inegável tom de suspeita na estranha pergunta. Eu hesitei ao respondê-la.

— Alguns — eu disse, depois de um momento de silêncio.

— Muitos... — ela se deteve, e olhou, inquisitiva, para o meu rosto — muitos homens com a posição de Baronete?

Atônito demais para responder, eu lhe fiz uma pergunta, por minha vez:

— Por que a senhora está perguntando?

— Porque espero, para o meu próprio bem, que haja um Baronete que o senhor não conheça.

— A senhora me diria o nome dele?

— Não posso... Não ousar... eu perco o controle ao mencioná-lo. — Ela falou em voz alta e quase com raiva, ergueu o punho fechado no ar, e o agitou, veemente; então, de repente, se controlou de novo, e acrescentou, em um tom de voz que baixara a um sussurro. — Diga-me quais deles *o senhor* conhece.

Eu dificilmente poderia me recusar a satisfazê-la em uma questão tão trivial, e mencionei três nomes. Dois, os nomes de pais de famílias, para cujas filhas eu dava aulas; um, o nome de um solteirão, que certa vez havia me levado a um passeio em seu barco, para que eu desenhasse para ele.

— Ah! O senhor não o conhece — disse ela, com um suspiro de alívio. — O senhor é um homem de boa posição e título?

— Longe disso. Sou apenas um professor de desenho.

Quando a resposta foi proferida — com um tantinho de amargura, talvez — ela segurou o meu braço com a brusquidão que caracterizava todos os seus atos.

— Não é um homem de boa posição e título — ela disse para si mesma.
— Graças a Deus! Posso confiar *nele*.

Até aquele momento eu tinha conseguido dominar a minha curiosidade em consideração à minha companhia; porém, ela foi mais forte que eu, então.

— Receio que a senhora tenha bons motivos para se queixar de algum homem com boa posição e título? — perguntei. — Receio que o baronete, cujo nome a senhora não deseja mencionar para mim, tenha lhe causado algum grande mal? Ele é o motivo pelo qual a senhora está aqui, nesta hora estranha da noite?

— Não me pergunte; não me faça falar disso — ela respondeu. — Não estou em condição, agora. Fui tratada com crueldade, e cruelmente injustiçada. O senhor será mais gentil do que nunca se caminhar rapidamente e não conversar comigo. Eu preciso demais me acalmar, se eu conseguir.

Nós prosseguimos de novo com passos rápidos; e, por meia hora, pelo menos, nenhuma palavra foi dita de ambos os lados. De tempos em tempos, estando proibido de fazer mais perguntas, eu lançava um olhar rápido para o rosto dela. Ele continuava sempre o mesmo: os lábios firmemente cerrados, a testa franzida, os olhos fixos à sua frente, ansiosos e, no entanto, ausentes. Nós havíamos chegado às primeiras casas, e estávamos perto do novo Wesleyan College, antes de os traços fisionômicos dela se relaxarem, e de ela falar comigo de novo.

— O senhor mora em Londres? — ela perguntou.

— Sim. — Ao responder, deu-me pela cabeça que ela poderia ter tido a intenção de me pedir auxílio ou conselho, e que eu deveria poupá-la de uma possível decepção contando-lhe de minha futura ausência de casa. Então, acrescentei. — Porém, amanhã partirei de Londres por certo tempo. Vou para o interior.

— Para onde? — ela perguntou. — Para o norte ou para o sul?

— O norte... para Cumberland.

— Cumberland! — ela repetiu a palavra com carinho. — Ah! Eu gostaria de estar indo para lá, também. Outrora, fui feliz em Cumberland.

— Talvez a senhora tenha nascido — eu disse — na bela região dos lagos.

— Não — ela respondeu. — Eu nasci em Hampshire; mas certa vez fui à escola por certo tempo em Cumberland. Lagos? Não me lembro de nenhum lago. É o vilarejo de Limmeridge, e a Mansão de Limmeridge, que eu gostaria de ver de novo.

Foi minha vez, então, de me deter repentinamente. Em meu estado de curiosidade excitada, naquele momento, a referência casual à residência do Sr. Fairlie nos lábios de minha estranha companhia me deixou atordoado de

espanto.

— O senhor ouviu alguém chamando por nós? — ela perguntou, olhando de um lado para outro da estrada, atemorizada, no instante em que me detive.

— Não, não. Eu apenas me espantei com o nome da Mansão de Limmeridge... Eu a ouvi sendo mencionada por algumas pessoas de Cumberland alguns dias atrás.

— Ah! Não as *minhas* pessoas. A Sra. Fairlie morreu; e o marido dela morreu; e a filhinha deles pode estar casada e bem longe a estas alturas. Eu não saberia dizer quem mora em Limmeridge agora. Se alguém mais sobrou por lá com esse nome, só sei que amo essas pessoas por causa da Sra. Fairlie.

Ela parecia prestes a dizer algo mais; porém, enquanto ela estava falando, nós nos aproximamos da barreira, na parte alta da Avenue-road. A mão dela pressionou o meu braço, e ela olhou, ansiosa, o portão à nossa frente.

— O homem da barreira está olhando para fora? — ela perguntou.

Ele não estava olhando para fora; ninguém mais estava perto do local quando nós passamos pelo portão. A visão dos lampiões a gás e das casas pareceu agitar a mulher, e a deixá-la impaciente.

— Aqui é Londres — ela disse. — O senhor vê alguma carruagem que eu possa pegar? Estou cansada e assustada. Eu quero me fechar em uma carruagem, e ser levada embora.

Eu expliquei para ela que nós precisaríamos andar um pouquinho mais para chegar a um ponto de parada de carruagens, a não ser que tivéssemos a sorte grande de encontrar um veículo vazio; e então tentei retomar o assunto de Cumberland. Foi inútil. A ideia de se fechar em uma carruagem e ser levada embora havia então se apossado com força total da mente dela. Ela não era capaz de imaginar e de falar outra coisa.

Nós mal havíamos caminhado um terço do trecho ao longo da Avenue-road quando vi um cabriolé parar na frente de uma casa algumas portas à nossa frente, do lado oposto da rua. Um cavalheiro apeou e entrou pelo portão do jardim. Chamei o cabriolé, quando o cocheiro assumiu o seu posto de novo. Quando nós atravessamos a rua, a impaciência de minha companhia aumentou a tal ponto que ela quase me obrigou a correr.

— É tão tarde — ela disse. — Só estou com pressa porque é tarde demais.

— Não posso levá-lo, cavalheiro, se o senhor não estiver indo na direção de Tottenham-court-road — disse o cocheiro, com educação, quando abri a porta do cabriolé. — Meu cavalo está exausto, e não posso ir com ele mais além do estábulo.

— Sim, sim. Ali está bem para mim. Estou indo nessa direção... Estou indo nessa direção. — Ela falou com uma ansiedade sem fôlego, e passou por

mim às pressas, entrando no cabriolé.

Eu me certifiquei de que o homem estivesse sóbrio, bem como fosse educado, antes de permitir que ela entrasse no veículo. E então, quando ela estava sentada, supliquei-lhe que me permitisse levá-la em segurança ao seu destino.

— Não, não, não — ela disse, com veemência. — Sinto-me muito segura, e muito feliz agora. Se o senhor é um cavalheiro, lembre-se de sua promessa. Deixe que o cocheiro prossiga, até que eu o detenha. Obrigada... oh! Obrigada, muito obrigada!

Minha mão estava na porta do cabriolé. Ela a segurou e a beijou, e a afastou de si. O cabriolé partiu no mesmo instante — eu prossegui pela estrada, com uma vaga ideia de detê-lo novamente, eu mal sabia o motivo — hesitei temendo assustá-la e perturbá-la — chamei, finalmente, mas não com voz alta o suficiente para atrair a atenção do cocheiro. O som das rodas ficou cada vez mais fraco à distância — o cabriolé se misturou às sombras escuras na estrada — a mulher de branco havia desaparecido.

Dez minutos, ou mais, haviam se passado. Eu ainda estava do mesmo lado da estrada; ora andando mecanicamente alguns passos; ora parando de novo, distraído. Em certo momento, eu me flagrei duvidando da realidade de minha própria aventura; em outro, eu me sentia perplexo e perturbado por uma desconfortável sensação de ter cometido um erro, o que me deixou confuso, sem saber como poderia ter agido de modo correto. Eu mal sabia para onde estava indo, ou o que tencionava fazer a seguir; não me apercebia de nada além da confusão de meus próprios pensamentos, quando fui bruscamente chamado à realidade — despertado, eu quase poderia dizer — pelo som de rodas se aproximando rapidamente muito perto de mim, às minhas costas.

Eu estava do lado escuro da rua, na sombra espessa de algumas árvores de jardim, quando parei para olhar ao redor. Do lado oposto, e mais iluminado, a pouca distância de mim, um policial estava caminhando lentamente na direção do Regent's Park.

A carruagem passou por mim — uma carruagem aberta para duas pessoas, dirigida por dois homens.

— Pare! — gritou um deles. — Eis um policial. Vamos perguntar para ele.

O cavalo foi imediatamente detido, poucos metros adiante do local escuro onde eu me encontrava.

— Policial! — exclamou o homem que falara em primeiro lugar. — Você viu uma mulher passar por aqui?

— Que tipo de mulher, senhor?

— Uma mulher com um vestido cor de lavanda...

— Não, não... — interrompeu o segundo homem. — As roupas que lhe demos foram encontradas em sua cama. Ela deve ter partido com as roupas que usava quando chegou lá. De branco, policial. Uma mulher de branco.

— Eu não a vi, senhor.

— Se você ou um de seus colegas encontrarem a mulher, detenham-na, e enviem-na sob vigilância para este endereço. Eu pagarei todas as despesas, e mais uma boa recompensa além disso.

O policial olhou para o cartão que lhe fora entregue.

— Por que nós devemos detê-la, senhor? O que ela fez?

— Fazer! Ela fugiu de meu Sanatório. Não se esqueça: uma mulher de branco. Prossiga.

V

“ELA fugiu de meu Sanatório!”

Não posso dizer sinceramente que a terrível inferência sugerida por essas palavras passou por minha mente como uma nova revelação. Algumas das estranhas perguntas feitas a mim pela mulher de branco, depois de minha promessa irrefletida de permitir que ela tivesse liberdade de agir conforme desejasse, haviam sugerido a conclusão de que ela era naturalmente inconstante e desequilibrada, ou de que algum choque recente havia perturbado o equilíbrio de suas faculdades. Porém, a ideia da insanidade absoluta que todos associamos à própria palavra Sanatório não tinha, posso declarar com toda honestidade, me ocorrido, em conexão com a mulher. Eu nada havia visto, em sua linguagem ou em suas ações, que justificasse essa ideia então; e, até mesmo com a nova luz lançada sobre ela pelas palavras que o desconhecido havia endereçado ao policial, eu nada podia ver que a justificasse agora.

O que eu havia feito? Auxiliado a vítima do mais horrível de todos os aprisionamentos a fugir, ou deixado à solta no vasto mundo de Londres uma infeliz criatura cujas ações seria o meu dever, e o dever de qualquer homem, controlar com misericórdia? Eu fiquei deprimido quando a questão se me ocorreu, e quando senti, em parte me autocensurando, que ela havia sido feita tarde demais.

No meu estado de espírito perturbado, era inútil pensar em ir dormir, quando finalmente cheguei aos meus aposentos em Clement's Inn. Antes que muitas horas se passassem, seria necessário iniciar a minha viagem para Cumberland. Eu me sentei e tentei, em primeiro lugar, desenhar, e então ler — porém, a mulher de branco se interpunha entre mim e meu lápis, entre mim

e meu livro. Haveria a criatura desamparada sofrido algum revés? Esse foi meu primeiro pensamento, embora, egoísta, eu evitasse confrontá-lo. Outros pensamentos se seguiram, nos quais era menos angustiante eu me demorar. Onde a mulher havia detido o cabriolé? O que estava lhe acontecendo agora? Teria ela sido encontrada e capturada pelos homens na carruagem aberta? Ou seria ela ainda capaz de controlar as suas próprias ações; e estaríamos nós dois seguindo nossas estradas tão separadas rumo a um ponto no misterioso futuro, no qual nós iríamos nos encontrar uma vez mais?

Foi um alívio quando chegou a hora de trancar a minha porta, me despedir das atividades de Londres, dos alunos de Londres, e dos amigos de Londres, e de me movimentar uma vez mais na direção de novos interesses e de uma nova vida. Até mesmo a azáfama e a confusão da estação de trem, tão aborrecidas e desorientadoras em outras ocasiões, me despertaram e me fizeram bem.

Minhas instruções de viagem me fizeram ir a Carlisle, e então prosseguir por um ramal da estrada de ferro que corria na direção da costa. Começando com contratempos, a nossa locomotiva quebrou entre Lancaster e Carlisle. O atraso ocasionado por esse acidente fez com que eu me atrasasse demais para pegar o outro trem, com o qual deveria ter prosseguido imediatamente. Tive de aguardar algumas horas; e quando um trem posterior finalmente me depositou na estação mais próxima da Mansão de Limmeridge, eram dez e meia, e a noite estava tão escura que mal consegui encontrar o caminho até a carruagem aberta puxada por um pônei que o Sr. Fairlie havia ordenado que ficasse esperando por mim.

O cocheiro estava evidentemente exasperado com o horário tardio de minha chegada. Ele se encontrava naquele estado de mau humor altamente respeitável característico dos empregados ingleses. Nós seguimos lentamente em meio às trevas em perfeito silêncio. As estradas eram ruins, e a densa escuridão da noite aumentava a dificuldade de transpor o terreno com rapidez. De acordo com meu relógio, já se passara quase uma hora e meia desde a hora em que havíamos partido da estação antes que eu ouvisse o som do mar à distância, e o barulho de nossas rodas em um bem cuidado caminho de cascalho. Nós havíamos passado por um portão antes de entrar no caminho, e passamos por outro antes de parar na casa. Eu fui recebido por um solene mordomo; fui informado que a família já havia se recolhido para dormir, e fui então conduzido a uma ampla e imponente sala onde, para minha surpresa, a minha ceia estava à minha espera, com um ar de desamparo, em uma das extremidades de uma solitária desolação de mogno sob a forma de uma mesa de jantar.

Eu estava muito cansado e desanimado para comer ou beber demais,

sobretudo com o solene empregado me servindo com tanta formalidade como se um pequeno grupo de convidados para o jantar tivesse chegado à casa, e não um homem solitário. Em um quarto de hora eu estava pronto para ser levado ao meu quarto de dormir. O solene empregado me conduziu a um aposento muito bem decorado, disse, “Café da manhã às nove, senhor”, olhou ao seu redor para ver se tudo estava em seus devidos lugares, e se retirou silenciosamente.

“O que eu vou ver em meus sonhos esta noite?”, pensei com os meus botões, enquanto apagava a vela. “A mulher de branco? Ou os desconhecidos habitantes desta mansão de Cumberland?” Era uma sensação estranha estar dormindo na casa, como um amigo da família e, entretanto, sem ainda conhecer nenhum dos habitantes, nem mesmo de vista!

VI

QUANDO acordei na manhã seguinte e abri as minhas venezianas, o mar se descortinou à minha frente, alegre, sob a forte luz do sol de agosto, e a distante costa da Escócia debruava o horizonte com seus traços de azul evanescente.

A vista foi uma surpresa tão grande, e uma mudança tão grande para mim, depois de minha maçante experiência londrina de uma paisagem de tijolos e de argamassa, que eu parecia irromper em uma nova vida e em um novo conjunto de pensamentos no instante em que olhei para ela. Uma sensação confusa de ter subitamente perdido a minha familiaridade com o passado, sem conseguir obter qualquer adicional clareza de ideias em referência ao presente ou ao futuro, se apossou de minha mente. As circunstâncias que não tinham mais que uns poucos dias de vida se desvaneceram em minha memória, como se tivessem acontecido há muitos e muitos meses. O singular anúncio de Pesca dos meios pelos quais ele havia conseguido para mim meu atual posto; a noite de despedida que eu havia passado com minha mãe e irmã; até minha misteriosa aventura a caminho de casa, saindo de Hampstead, tudo tinha se transformado em acontecimentos que poderiam ter ocorrido em alguma época anterior de minha existência. Embora a mulher de branco ainda estivesse em meus pensamentos, sua imagem já parecia ter ficado embotada e baça.

Pouco antes das nove horas, desci para o piso térreo da casa. O solene empregado da noite anterior me encontrou vagando entre os corredores e, cheio de compaixão, me mostrou o caminho até a sala do café da manhã.

Meu primeiro olhar de relance ao meu redor, enquanto o empregado abria a porta, mostrou uma mesa de café da manhã bem provida, no meio de uma longa sala, com muitas janelas. Eu olhei da mesa para a janela mais distante, e vi uma senhora parada, com as costas voltadas para mim. No instante em que

meus olhos se detiveram nela, fiquei impressionado com a rara beleza de suas formas, e com a graça natural de sua atitude. Ela era alta; entretanto, não demais; graciosa e com formas roliças; entretanto, não era gorda; a cabeça se elevava sobre os ombros com uma firmeza despreocupada e flexível; a cintura dela, a perfeição aos olhos de um homem, pois ocupava o seu lugar natural e preenchia a sua circunferência natural, era visível e deliciosamente não deformada por espartilhos. A senhora não havia me ouvindo entrar na sala; e me concedi o deleite de admirá-la por alguns momentos, antes de mover uma das cadeiras perto de mim, como o meio menos embaraçoso de atrair sua atenção. Ela se voltou na minha direção no mesmo instante. A elegância despreocupada de cada movimento de seus membros e de seu corpo, assim que ela começou a andar lá da outra ponta da sala, me deixou em um alvoroço de expectativa para ver seu rosto em detalhes. Ela se afastou da janela — e eu disse para mim mesmo, A senhora é morena. Ela se adiantou alguns passos — e eu disse para mim mesmo, A senhora é jovem. Ela se aproximou mais — e eu disse para mim mesmo (com uma sensação de surpresa que todas as palavras são incapazes de expressar), A senhora é feia!

Nunca foi a velha e convencional máxima de que a Natureza não erra contradita de modo mais absoluto — nunca a bela promessa de uma figura adorável foi desmentida de modo mais estranho e surpreendente pelo rosto e pela cabeça que a encimavam. A tez da dama era quase trigueira, e a penugem escura em seu lábio superior era quase um bigode. Tinha uma boca e uma mandíbula grandes e firmes, masculinas; olhos castanhos proeminentes, penetrantes e resolutos; e cabelos espessos, negros como carvão, que cresciam, de modo pouco comum, muito baixo em sua testa. Sua expressão — luminosa, franca e inteligente — aparentava, enquanto ela estava em silêncio, ser totalmente destituída daquelas atrações femininas da gentileza e da docilidade, sem as quais a beleza da mais formosa das mulheres vivas é uma beleza incompleta. Ver um rosto como esse colocado em ombros que um escultor teria ansiado por modelar; ser encantado pelas graças modestas da ação por meio da qual os membros simétricos traíam a sua beleza ao se mover; e então ser quase repellido pela forma masculina e pela aparência masculina dos traços em que a figura finamente modelada se acabava, era ter uma sensação estranhamente semelhante à do impotente desconforto familiar para todos nós durante o sono, quando reconhecemos e, ainda assim, não conseguimos reconciliá-las, as anomalias e as contradições de um sonho.

— Sr. Hartright? — disse a senhora, em tom inquisitivo, seu rosto moreno se iluminando com um sorriso, e se suavizando e ficando feminino no momento em que ela começou a falar. — Nós abandonamos todas as esperanças de vê-lo a noite passada, e fomos dormir como de costume. Aceite as minhas desculpas por nossa aparente falta de atenção, e permita que eu me

apresente como uma de suas alunas. Devemos trocar um aperto de mãos? Suponho que devamos fazê-lo mais cedo ou mais tarde... e por que não mais cedo?

Essas estranhas palavras de boas-vindas foram ditas em uma voz nítida, sonora e agradável. A mão — um tanto grande, mas finamente moldada — foi-me oferecida com a autoconfiança tranquila e natural de uma mulher muito bem educada. Nós nos sentamos juntos à mesa do café da manhã de um modo tão cordial e costumeiro como se tivéssemos nos conhecido por anos, e tivéssemos nos encontrado na Mansão de Limmeridge para conversar sobre os velhos tempos com um encontro marcado de antemão.

— Espero que o senhor tenha vindo para cá com uma determinação bem-humorada de obter o melhor de sua situação — prosseguiu a senhora. — O senhor vai ter de começar esta manhã tendo de se resignar com nenhuma outra companhia durante o café da manhã a não ser a minha. Minha irmã está em seus aposentos, tratando de uma indisposição essencialmente feminina, uma ligeira dor de cabeça; e sua antiga governanta, a Sra. Vesey, caridosamente cuida dela oferecendo-lhe chá restaurador. Meu tio, o Sr. Fairlie, nunca se junta a nós em nossas refeições: ele é um inválido, e vive sua vida de solteirão em seus próprios aposentos. Não há ninguém mais na propriedade, a não ser eu. Duas jovens passaram alguns dias aqui, mas foram embora ontem, desesperadas, e não é de se espantar. Durante toda a permanência delas (como consequência da invalidez do Sr. Fairlie), nós não oferecemos nesta casa um aparato como uma criatura do sexo masculino cortejável, dançável e tagarelável; e a consequência foi que nós nada fizemos além de brigar, especialmente à hora do jantar. Como o senhor pode esperar que quatro mulheres jantem juntas sozinhas, todos os dias, e não briguem? Nós somos tamanhas tolas, não somos capazes de distrair umas às outras à mesa. O senhor vê que eu não faço muito boa ideia de meu próprio sexo, Sr. Hartright... O que o senhor vai querer, chá ou café?... Nenhuma mulher faz muito boa ideia de seu próprio sexo, embora poucas dentre elas confessem o fato com tanta naturalidade como eu. Céus, o senhor parece perplexo. Por quê? O senhor está pensando no que vai comer no café? Ou está surpreso com meu modo despreocupado de falar? No primeiro caso, eu aconselho o senhor, como amiga, a não ter nada a ver com aquele presunto frio ao seu lado, e esperar até que a omelete seja trazida. No segundo caso, vou lhe oferecer um pouco de chá para recompor o seu espírito, e fazer tudo que uma mulher é capaz de fazer (o que é muito pouco, por falar nisso), para fechar a minha boca.

Ela me deu a minha xícara de chá, rindo, alegre. Seu fluxo espontâneo de palavras e a sua jovial familiaridade de modos com um completo

desconhecido eram acompanhados por tal naturalidade sem afetação e uma tranquila confiança nata em si mesma e em sua posição, que lhe teriam garantido o respeito do mais audacioso dos homens. Se por um lado era impossível ser formal e reservado em sua presença, era mais que impossível tomar o mais tênue vestígio de liberdade com ela, ainda que em pensamentos. Eu senti isso instintivamente, mesmo quando fui contagiado pela vivaz alegria do temperamento dela — mesmo quando eu dei o melhor de mim para responder com modos francos e joviais.

— Sim, claro — disse ela, quando sugeri a única explicação que pude oferecer, para justificar os meus olhares perplexos —, eu compreendo. O senhor é um completo forasteiro na casa, e está intrigado com as minhas referências familiares aos dignos moradores. É muito natural: eu deveria ter pensado nisso antes. De qualquer modo, posso ajeitar a situação agora. Suponhamos que eu comece por mim, para acabar com essa parte do assunto assim que possível? Meu nome é Marian Halcombe; e sou tão imprecisa, como as mulheres geralmente são, ao chamar o Sr. Fairlie de meu tio, e a Srta. Fairlie de minha irmã. Minha mãe foi casada duas vezes: a primeira vez, com o Sr. Halcombe, meu pai; a segunda vez, com o Sr. Fairlie, pai de minha meia-irmã. A não ser pelo fato de sermos ambas órfãs, nós somos, em todos os aspectos, tão diferentes uma da outra quanto possível. Meu pai era um homem pobre, e o pai da Srta. Fairlie era um homem rico. Eu nada tenho, e ela é uma herdeira. Eu sou morena e feia, e ela é clara e bonita. Todos me consideram intratável e estranha (com perfeita justiça); e todos a consideram meiga e encantadora (com ainda mais justiça). Resumindo, ela é um anjo; e eu... Experimente um pouco daquela geleia, Sr. Hartright, e termine a frase, em nome da modéstia feminina, com os seus botões. O que devo lhe dizer sobre o Sr. Fairlie? Palavra de honra, eu mal sei. Ele, com certeza, mandará chamar o senhor depois do café da manhã, e o senhor poderá analisá-lo. Enquanto isso, posso informar, em primeiro lugar, que ele é o irmão mais jovem do falecido Sr. Fairlie; em segundo lugar, que ele é solteiro; e em terceiro lugar, que ele é guardião da Srta. Fairlie. Eu não vivo sem ela, e ela não consegue viver sem mim; e é por isso que vivo na Mansão de Limmeridge. Minha irmã e eu sinceramente gostamos uma da outra, o que, o senhor há de dizer, é perfeitamente inexplicável, nas circunstâncias, e eu concordo com o senhor... mas é essa a situação. O senhor terá de agradar a ambas, Sr. Hartright, ou a nenhuma das duas; e, o que ainda é mais complicado, o senhor vai ficar exclusivamente em nossa companhia. A Sra. Vesey é uma excelente pessoa, que possui todas as virtudes cardinais e não anda nem desata; e o Sr. Fairlie é inválido demais para ser uma companhia para qualquer pessoa. Não sei o que acontece com ele, e os médicos não sabem o que acontece com ele, e ele próprio não sabe o que acontece com ele. Todos

nós falamos que está relacionado aos nervos, e nenhum de nós sabe o que quer dizer quando fala isso. Entretanto, aconselho o senhor a comprazer com as pequenas particularidades dele, quando o vir hoje. Admire a coleção dele de moedas, de gravuras e de desenhos em aquarela, e vai conquistar o coração dele. Palavra de honra, se o senhor puder se contentar com uma vida tranquila no campo, não vejo motivos pelos quais não possa se dar bem aqui. Do café da manhã até a hora do almoço, os desenhos do Sr. Fairlie irão ocupar o senhor. Depois do almoço, a Srta. Fairlie e eu empunhamos nossos cadernos de desenho, e saímos para falsear a natureza, sob sua orientação. Desenhar é o capricho favorito *dela*, veja bem, não meu. As mulheres não conseguem desenhar, as suas mentes são por demais volúveis, e os seus olhos são muito desatentos. Não importa... Minha irmã aprecia a arte; então, eu desperdiço tinta e estrago papel, por amor a ela, tão recatada quanto qualquer mulher na Inglaterra. Quanto às noites, acho que podemos ajudar o senhor a sobreviver a elas. A Srta. Fairlie toca muito bem. De minha pobre parte, não sei distinguir uma nota de música de outra; mas, posso ser páreo para o senhor no xadrez, no gamão, no écarté, e (com as inevitáveis desvantagens femininas) até no bilhar também. O que o senhor pensa do programa? O senhor consegue se acomodar à nossa vida pacata e regrada? Ou tenciona ficar desassossegado, e secretamente ansiar pela mudança e pela aventura, na enfadonha atmosfera da Mansão de Limmeridge?

Ela havia prosseguido até esse ponto, em seus modos encantadoramente zombeteiros, sem outras interrupções de minha parte exceto as respostas sem importância que a cortesia exigia de mim. Entretanto, a expressão em sua última pergunta, ou, melhor dizendo, a única palavra casual, “aventura”, tão descuidadamente quanto passou pelos seus lábios, me trouxe aos pensamentos meu encontro com a mulher de branco, e me incitou a descobrir a conexão que a referência feita pela própria desconhecida à Sra. Fairlie me informou ter outrora existido entre aquela fugitiva anônima de um Sanatório, e a antiga senhora da Mansão de Limmeridge.

— Ainda que eu fosse o mais desassossegado dos seres humanos — respondi —, não correria o risco de ansiar por aventuras por certo tempo no futuro. Exatamente na noite antes de chegar a esta casa, deparei-me com uma aventura; e o espanto e a excitação por ela causados, posso lhe garantir, Srta. Halcombe, durarão, para mim, por todo o tempo de minha permanência em Cumberland, se não por um período muito maior.

— Não me diga, Sr. Hartright! Posso ouvi-la?

— A senhorita tem o direito de ouvi-la. A personagem principal da aventura era uma total desconhecida para mim, e talvez possa ser uma total desconhecida para a senhorita; porém, ela certamente mencionou o nome da

falecida Sra. Fairlie nos termos da mais sincera gratidão e reconhecimento.

— Mencionou o nome de minha mãe! O senhor me deixa muito interessada. Por favor, prossiga.

Na mesma hora relatei as circunstâncias em que eu me encontrei com a mulher de branco, exatamente como elas ocorreram; e repeti o que ela havia me dito sobre a Sra. Fairlie e a Mansão de Limmeridge, palavra por palavra.

Os brilhantes e decididos olhos da Srta. Halcombe se fixaram, ansiosos, nos meus, desde o início até o fim da narrativa. Seu rosto expressava um profundo interesse e espanto, mas nada além. Ela, evidentemente, estava tão longe de ter qualquer pista para o mistério quanto eu estava.

— O senhor tem absoluta certeza dessas palavras referentes à minha mãe? — ela perguntou.

— Certeza absoluta — retruquei. — Quem quer que ela possa ser, essa mulher outrora frequentou a escola no vilarejo de Limmeridge, foi tratada com ternura particular pela Sra. Fairlie e, com uma grata recordação dessa gentileza, sente um interesse afetuoso por todos os membros sobreviventes da família. Ela sabia que tanto a Sra. Fairlie quanto o esposo estavam mortos; e falou da Srta. Fairlie como se elas tivessem se conhecido quando eram crianças.

— Creio que o senhor disse que ela negou ser moradora desta localidade?

— Sim, ela me disse que era proveniente de Hampshire.

— E o senhor fracassou por completo em descobrir o nome dela?

— Por completo.

— Muito estranho. Acho que o senhor teve toda razão, Sr. Hartright, ao dar à pobre criatura a liberdade, pois ela parece não ter feito nada na sua presença que demonstrasse que ela não tinha condições de desfrutar dela. Porém, gostaria que o senhor tivesse sido um pouco mais firme ao tentar descobrir o nome dela. Nós realmente precisamos esclarecer esse mistério, de algum modo. É melhor o senhor ainda não falar sobre o assunto nem com o Sr. Fairlie, nem com minha irmã. Ambos, eu tenho certeza, desconhecem tão completamente quem é essa mulher, e qual pode ser a sua história pregressa em conexão conosco, quanto eu própria. Porém eles também são, de modos completamente distintos, bastante nervosos e sensíveis; e o senhor iria apenas agitar um e assustar a outra, sem nenhum propósito. Quanto a mim, estou ardendo de curiosidade, e vou dedicar todas as minhas energias à tarefa da descoberta a partir deste momento. Quando minha mãe veio para cá, depois de seu segundo casamento, certamente estabeleceu a escola do vilarejo assim como ela existe nos tempos atuais. Porém, os antigos professores estão todos mortos, ou foram para outros locais; e não se pode esperar nenhuma informação dessa parte. A única alternativa em que posso pensar...

Nesse momento, fomos interrompidos pela entrada de um empregado com uma mensagem do Sr. Fairlie, comunicando que ele se sentiria feliz por me ver, assim que eu tivesse terminado de tomar o café da manhã.

— Espere no saguão — disse a Srta. Halcombe, respondendo ao empregado por mim, com seus modos vivos e prontos. — O Sr. Hartright irá logo em seguida. Eu ia dizer — ela prosseguiu, se dirigindo de novo a mim — que minha irmã e eu temos uma grande coleção das cartas de minha mãe, endereçadas ao meu pai e ao pai dela. Na ausência de quaisquer outros meios de obter informação, vou passar a manhã examinando a correspondência de minha mãe com o Sr. Fairlie. Ele gostava de Londres, e estava constantemente longe de seu condado natal; e minha mãe estava acostumada, em tais ocasiões, a escrever para ele contando-lhe como estavam as coisas em Limmeridge. As cartas dela são cheias de referências à escola pela qual ela tanto se interessava; e acho muito provável que eu possa ter descoberto alguma coisa quando nós nos virmos de novo. O almoço é às duas horas, Sr. Hartright. Terei o prazer de apresentá-lo à minha irmã nessa ocasião, e nós passaremos a tarde passeando pela vizinhança e mostrando-lhe todos os nossos recantos favoritos. Até as duas horas então, até logo.

Ela me fez um aceno com a cabeça com a graça cheia de vivacidade e o encantador refinamento da familiaridade, que caracterizava tudo que ela fazia e tudo que ela dizia, e desapareceu através de uma porta na outra extremidade da sala. Assim que ela me deixou, eu me dirigi para o saguão, e segui os passos do empregado a caminho, pela primeira vez, da presença do Sr. Fairlie.

VII

MEU guia me levou escada acima até um corredor que nos conduziu uma vez mais para o quarto onde eu havia dormido durante a noite passada; e, abrindo a porta contígua, pediu-me que desse uma olhada.

— Tenho ordens do patrão, senhor, para lhe mostrar a sua saleta particular — disse o homem — e perguntar se o senhor aprova a localização e a iluminação.

Eu teria de ser muito difícil de contentar, na verdade, se não tivesse aprovado a sala e tudo que nela havia. A janela arredondada se voltava para a mesma vista encantadora que eu havia admirado, de manhã, em meu quarto de dormir. A mobília era a perfeição do refinamento e da beleza; a mesa no centro resplendia com livros encadernados com cores vivas, elegante material para a escrita, e belas flores; a segunda mesa, perto da janela, estava repleta de todos os materiais necessários para montar desenhos em aquarela, e tinha ao seu lado um pequeno cavalete, que eu poderia expandir ou dobrar segundo meu gosto; as paredes eram decoradas com *chintz* de cores alegres, e o piso

estava coberto por tapetes indianos cor de ocre pálido e vermelho. Era a mais bela e a mais refinada saleta particular que eu já havia visto; e a admirei com o mais caloroso dos entusiasmos.

O solene empregado era bem treinado demais para demonstrar a mais ligeira satisfação. Ele fez uma mesura com uma deferência fria quando todos os meus elogios se acabaram, e silenciosamente abriu a porta para que eu passasse para o corredor novamente.

Nós viramos em um ângulo da casa, e entramos em um segundo corredor, longo; subimos um pequeno lance de escadas no fim, cruzamos um pequeno saguão redondo, e paramos na frente de uma porta coberta por baeta escura. O empregado abriu essa porta, e me conduziu, depois de alguns metros, a uma segunda porta; abriu esta também, e revelou duas cortinas de uma seda de um pálido tom de verde-mar penduradas à nossa frente; ergueu uma delas sem o menor ruído; pronunciou em voz muito baixa as palavras, “Sr. Hartright” e me deixou.

Eu me encontrei em um aposento vasto e imponente, com um teto magnificamente entalhado, e com um tapete sobre o piso, tão espesso e macio que dava a sensação de muitas camadas de veludo sob os meus pés. Um lado do aposento estava ocupado por uma longa estante de livros feita de alguma rara madeira marchetada que eu não conhecia. Ela não teria mais que um metro e oitenta de altura, e o topo estava adornado com estatuetas de mármore, colocadas a intervalos regulares uma da outra. Do lado oposto se encontravam duas antigas cômodas; e, entre elas e acima delas, estava pendurado um quadro da Virgem com o Menino, protegido por vidro e trazendo o nome de Rafael na plaquinha dourada na parte inferior da moldura. À minha direita e à minha esquerda, estando eu parado junto à porta, havia *chiffoniers* e pequenas estantes incrustados em estilo Boulle e marchetaria, repletos de figuras em porcelana de Dresden, com vasos raros, ornamentos de marfim, e brinquedos e curiosidades que cintilavam em todos os cantos com ouro, prata e pedras preciosas. No ponto mais afastado do aposento, do lado oposto a mim, as janelas estavam escondidas e a luz do sol era filtrada por grandes cortinas do mesmo tom pálido de verde das cortinas do lado de fora da porta. A luz assim produzida era deliciosamente suave, misteriosa e contida; ela incidia de modo uniforme sobre todos os objetos no aposento; ela auxiliava a intensificar o profundo silêncio e a atmosfera de profunda reclusão que o local possuía; e ela rodeava, com um apropriado halo de tranquilidade, a solitária figura do senhor da casa, recostado, com uma compostura apática, em uma grande poltrona, com um suporte para leitura fixado em um dos braços dela, e uma mesinha do outro lado.

Se a aparência pessoal de um homem, quando ele já saiu de seu quarto de

vestir, e quando já passou dos quarenta anos, pode ser aceita como um guia seguro para seu período de vida — o que é mais que duvidoso — a idade do Sr. Fairlie, quando eu o vi, poderia ter sido calculada com sensatez em mais de cinquenta e menos de sessenta anos. Sua face escanhoadada era magra, emaciada e de uma palidez transparente, mas não enrugada; seu nariz era alto e encurvado; seus olhos, de um azul acinzentado baço, eram grandes, proeminentes e bem avermelhados nas bordas das pálpebras; seu cabelo era ralo, macio de se olhar, e daquela tonalidade pálida arenosa que é a derradeira a mostrar a sua própria alteração rumo ao grisalho. Ele estava vestido com um redingote escuro, de um material muito mais fino que a lã, e com colete e calças de um branco imaculado. Seus pés eram afeminadamente pequenos, e estavam calçados com meias de seda castanho-amarelada, e chinelinhos de couro cor de bronze, bastante femininos. Suas mãos brancas e delicadas eram adornadas por dois anéis que até mesmo a minha observação inexperiente detectou terem um preço fabuloso. De modo geral, ele tinha uma aparência frágil, languidamente irritadiça e extremamente refinada — algo singular e desagradavelmente delicado em sua associação a um homem, e, ao mesmo tempo, algo que não poderia de modo algum ter parecido natural e adequado se tivesse sido transferido para a aparência pessoal de uma mulher. Minha experiência matutina com a Srta. Halcombe me predisusera a ficar satisfeito com todos os moradores da casa; mas, minhas simpatias se insensibilizaram resolutamente ao ver o Sr. Fairlie pela primeira vez.

Ao me aproximar mais, descobri que ele não estava tão desocupado quanto eu supusera a princípio. Colocado entre outros objetos raros e belos em uma grande mesa redonda perto dele, estava um pequeno móvel de ébano e prata, contendo moedas de todos os formatos e tamanhos, acomodadas em diminutas gavetas forradas com veludo de um tom escuro de púrpura. Uma dessas gavetas se encontrava na mesinha ao lado da poltrona do Sr. Fairlie; e sobre ela havia alguns minúsculos pincéis de joalheiro; um pedaço de couro de camurça, e um vidrinho de líquido, todos aguardando para que fossem usados de vários modos para a remoção de quaisquer impurezas acidentais que pudessem ser descobertas nas moedas. Os frágeis dedos brancos dele estavam lidando, apáticos, com algo que se parecia, aos meus olhos inexperientes, com uma medalha suja de estanho com bordas irregulares, quando eu me dirigi a uma respeitosa distância da poltrona dele, e me detive para fazer a minha medida.

— Tão feliz por tê-lo em Limmeridge, Sr. Hartright — disse ele, com uma voz lamurienta e áspera, que mesclava, de um modo que era qualquer coisa menos agradável, uma destoante tonalidade aguda com uma pronúncia extremamente lânguida. — Por favor, sente-se. E não se dê ao trabalho de mover a cadeira, por favor. No lamentável estado de meus nervos, qualquer

tipo de movimento é excessivamente doloroso para mim. O senhor já viu sua sala de trabalho? Ela é do seu agrado?

— Acabei de ver o aposento, Sr. Fairlie, e posso garantir que...

Ele me interrompeu no meio da frase fechando os olhos e erguendo uma de suas mãos brancas em um gesto súplice. Eu me detive, atônito, e a voz áspera me honrou com a seguinte explicação:

— Por favor, me desculpe. Porém, o senhor *seria capaz* de falar em um tom mais baixo? No lamentável estado de meus nervos, qualquer tipo de som alto é uma tortura indescritível para mim. O senhor há de desculpar um inválido? Eu apenas digo ao senhor o que o meu lamentável estado de saúde me obriga a dizer a todas as pessoas. Sim. E o senhor realmente apreciou o aposento?

— Eu não poderia desejar nada mais belo e nada mais confortável — respondi, baixando o tom de voz, e já começando a descobrir que o amaneiramento egoísta do Sr. Fairlie e os lamentáveis nervos do Sr. Fairlie significavam exatamente a mesma coisa.

— Tão feliz. O senhor terá sua posição aqui, Sr. Hartright, devidamente reconhecida. Não há nada dessa pavorosa barbaridade inglesa de sentimentos sobre a posição social de um artista, nesta casa. Uma parte tão grande de minha vida foi passada no exterior, que eu praticamente me despi de minha pele insular a esse respeito. Eu gostaria de poder dizer o mesmo sobre a pequena nobreza... uma expressão detestável, mas suponho que deva usá-la... sobre a pequena nobreza nestas vizinhanças. Eles são deploráveis bárbaros em relação à Arte, Sr. Hartright. Pessoas, eu lhe garanto, que teriam arregalado os olhos, atônitas, se tivessem visto Carlos Quinto pegando o pincel de Ticiano para ele. O senhor se importa em colocar esta bandeja de moedas de volta no móvel, e de me dar a que está mais próxima dela? No lamentável estado de meus nervos, qualquer tipo de esforço é indescritivelmente desagradável para mim. Sim. Obrigado.

Como se fosse um comentário prático sobre a teoria social liberal com cuja ilustração ele havia acabado de me agradecer, o pedido seco do Sr. Fairlie me divertiu. Recoloquei a gaveta e dei-lhe a outra, com toda a educação possível. Ele começou a manusear frivolumente o novo conjunto de moedas e os pequenos pincéis na mesma hora; olhando, lânguido, para elas e admirando-as o tempo todo em que estava falando comigo.

— Mil agradecimentos e mil perdões. O senhor gosta de moedas? Sim. Tão feliz por termos outro gosto em comum além de nosso gosto pela Arte. E então, a respeito dos acordos pecuniários entre nós... diga-me... eles são satisfatórios?

— Muito satisfatórios, Sr. Fairlie.

— Tão feliz. E... o que mais? Ah!, lembrei-me. Sim. Em referência à consideração que o senhor tem a bondade de aceitar por me proporcionar o benefício de seus talentos na arte, o meu criado irá servir o senhor no fim da primeira semana, para atender aos seus desejos. E... O que mais? Curioso, não é? Eu tinha tantas coisas mais para dizer; e pareço tê-las esquecido. O senhor se importa em tocar o sino? Naquele canto. Sim. Obrigado.

Eu toquei o sino; e um novo empregado silenciosamente apareceu — um estrangeiro, com um sorriso fixo e cabelos penteados à perfeição — um criado de quarto até o último fio de cabelo.

— Louis — disse o Sr. Fairlie, limpando, sonhador, as pontas dos dedos com um dos minúsculos pincéis para as moedas —, eu fiz algumas anotações em meus *tablettes* esta manhã. Encontre os meus *tablettes*. Mil perdões, Sr. Hartright. Receio estar entediando o senhor.

Enquanto ele fechava os olhos de novo, cansado, antes que eu pudesse responder, e como ele certamente me entediava, sentei-me em silêncio, e olhei para a Madonna com o Menino de Rafael. Entrementes, o criado saiu do quarto, e voltou logo em seguida com um livrinho encadernado em marfim. O Sr. Fairlie, depois de em primeiro lugar se animar com um suspiro gentil, manteve o livro aberto com uma das mãos, e segurou o minúsculo pincel com a outra, como um sinal para o empregado esperar por mais ordens.

— Sim. Exatamente! — disse o Sr. Fairlie, consultando os *tablettes*. — Louis, pegue aquele portfólio. — Ele apontou, enquanto falava, para vários portfólios colocados perto da janela, em prateleiras de mogno. — Não. Não o de capa verde... esse contém as minhas águas-fortes de Rembrandt, Sr. Hartright. O senhor aprecia águas-fortes? Sim? Tão feliz por termos outro gosto em comum. O portfólio com a capa vermelha, Louis. Não o derrube! O senhor não faz ideia das agonias que eu sofreria, Sr. Hartright, se Louis derrubasse esse portfólio. Ele está seguro na cadeira? O *senhor* acha seguro, Sr. Hartright? Sim? Tão feliz. O senhor me faria a cortesia de olhar os desenhos, se realmente acha que eles estão bem seguros. Louis, vá embora. Mas que imbecil você é. Você não me vê segurando os *tablettes*? Você acha que eu quero segurá-los? Então, por que não me livra do peso dos *tablettes* sem receber ordens? Mil perdões, Sr. Hartright; empregados são tamanhos imbecis, não são? Diga-me... o que o senhor pensa dos desenhos? Eles provieram de um leilão em um estado lamentável... Eu achei que eles tinham um cheiro de dedos de horríveis negociantes e prestamistas quando os olhei pela primeira vez. O senhor *pode* se encarregar deles?

Embora os meus nervos não fossem delicados o suficiente para detectar o odor de dedos plebeus que havia ofendido as narinas do Sr. Fairlie, meu gosto era suficientemente educado para me permitir apreciar o valor dos desenhos,

enquanto eu os olhava. Eles eram, em sua maior parte, realmente belos espécimes da Arte da aquarela inglesa; e teriam merecido um tratamento muito melhor nas mãos de seus antigos proprietários do que pareciam ter recebido.

— Os desenhos — respondi — precisam ser cuidadosamente esticados e montados; e, em minha opinião, eles são muito dignos de...

— Peça-lhe desculpas — interrompeu o Sr. Fairlie. — O senhor se importa se eu fechar os olhos enquanto o senhor fala? Até mesmo esta luz é excessiva para eles. Sim?

— Eu estava a ponto de dizer que os desenhos são muito dignos de todo o tempo e cuidados...

O Sr. Fairlie repentinamente abriu os olhos de novo, e os virou com uma expressão de susto impotente na direção da janela.

— Suplico-lhe que me desculpe, Sr. Hartright — disse ele, em uma voz frágil e trêmula. — Mas, certamente estou ouvindo algumas crianças repugnantes no jardim... no meu jardim particular... ali embaixo?

— Não posso responder, Sr. Fairlie. Eu não ouvi nada.

— Faça-me a cortesia... O senhor tem sido tão bondoso ao comprazer com os meus pobres nervos... Faça-me a cortesia de erguer a ponta da cortina. Não deixe que o sol chegue até mim, Sr. Hartright! O senhor ergueu a cortina? Sim? Então, o senhor faria a gentileza de olhar para o jardim e ter certeza absoluta?

Eu atendi a esse novo pedido. O jardim era cuidadosamente murado por toda a volta. Nenhuma criatura humana, grande ou pequena, aparecia em qualquer parte daquela sagrada reclusão. Relatei o gratificante fato para o Sr. Fairlie.

— Mil agradecimentos. Minha imaginação, eu suponho. Não há crianças, graças aos Céus, na casa; mas os empregados (pessoas nascidas sem nervos), encorajam as crianças do vilarejo. Tamanhos pirralhos... Oh, misericórdia, tamanhos pirralhos! Devo confessar, Sr. Hartright? Eu desejo tanto uma reforma na conformação das crianças. A única ideia da Natureza parece ser a de fazer delas máquinas para a produção de ruídos incessantes. Certamente a concepção de nosso encantador Rafael é infinitamente preferível?

Ele indicou a pintura da Madonna, cuja parte superior representava os convencionais querubins da Arte italiana, celestialmente providos com apoios para os seus queixos em amontoados de nuvens em pálidos tons de ocre.

— Uma família exemplar! — disse o Sr. Fairlie, olhando de soslaio os querubins. — Uns rostos redondos tão agradáveis e arredondados, e umas asas tão agradáveis e macias e... nada mais. Nada de perninhas sujas para correr

por aí, e nada de pulmõezinhos ruidosos com os quais gritar. Tão incomensuravelmente superiores à conformação existente! Vou fechar os olhos de novo, se o senhor me permitir. E o senhor realmente tem condição de trabalhar com os desenhos? Tão feliz. Há algo a ser resolvido? Se houver, acho que me esqueci. Podemos tocar o sino chamando Louis de novo?

Estando, a essa altura, tão ansioso quanto o Sr. Fairlie evidentemente estava para levar a conversa a uma rápida conclusão, eu achei que tentaria tornar a convocação do empregado desnecessária fazendo a sugestão por minha própria responsabilidade.

— O único ponto, Sr. Fairlie, que permanece para ser discutido — eu disse — se refere, eu creio, às aulas de desenho que estou comprometido a proporcionar às duas jovens senhoras.

— Ah! Exatamente! — disse o Sr. Fairlie. — Eu gostaria de me sentir forte o suficiente para me deter nesta parte do acordo... Porém, não me sinto. As senhoras, que terão o benefício de seus gentis serviços, Sr. Hartright, deverão resolver, e decidir, e assim por diante, por conta própria. Minha sobrinha aprecia a sua encantadora arte. Ela conhece o suficiente a respeito do assunto para ter a consciência de suas próprias e lamentáveis falhas. Por favor, se esforce bastante com ela. Sim. Mais alguma coisa? Não. Nós nos entendemos muito bem, não? Não tenho o direito de afastar o senhor por mais tempo de sua encantadora atividade... tenho? Tão agradável termos resolvido tudo... um alívio apreciável ter finalizado os negócios. O senhor se importa em tocar o sino chamando Louis para que ele leve o portfólio para os seus aposentos?

— Eu o levarei pessoalmente, Sr. Fairlie, se o senhor me permitir.

— Levará mesmo? O senhor tem forças suficientes? Quão encantador ser tão forte! O senhor tem certeza de que não vai deixá-lo cair? Tão feliz por tê-lo em Limmeridge, Sr. Hartright. Sou tamanho sofredor que mal ousou desfrutar muito de sua companhia. O senhor se importaria em tomar o máximo de cuidado para não permitir que as portas batam, e para não derrubar o portfólio? Obrigado. Devagar com as cortinas, por favor... O mais ligeiro ruído atravessa o meu corpo como uma faca. Sim. *Bom dia!*

Quando as cortinas de um tom verde-mar foram puxadas, e quando as duas portas acolchoadas com baeta foram fechadas às minhas costas, eu parei por um momento no pequeno saguão redondo à frente delas e soltei um longo e voluptuoso suspiro de alívio. Era como voltar uma vez mais à superfície da água, depois de mergulhar profundamente, me encontrar uma vez mais fora dos aposentos do Sr. Fairlie.

Assim que eu estava confortavelmente instalado, para o período da

manhã, em minha bela saleta particular, a primeira decisão a que cheguei foi a de não mais dirigir os meus passos rumo aos aposentos ocupados pelo dono da casa, a não ser na muito improvável ocorrência de ele me honrar com um convite especial para fazer-lhe outra visita. Tendo estabelecido esse plano satisfatório para uma futura conduta, no que dizia respeito ao Sr. Fairlie, logo recobrei a serenidade de espírito, da qual a familiaridade ativa e a cortesia presunçosa de meu empregador haviam, momentaneamente, me privado. As horas restantes da manhã se escoaram de modo muito agradável, eu inspecionando os desenhos, organizando-os em conjuntos, refileando as suas bordas rasgadas, e realizando os demais preparativos necessários anteriores à tarefa de montá-los. Eu deveria, talvez, ter feito mais progresso do que esse; porém, à medida que a hora do almoço se aproximava, fiquei cada vez mais desassossegado e perturbado, e me senti incapaz de fixar minha atenção no trabalho, embora esse trabalho fosse apenas do mais humilde tipo manual.

Às duas horas, desci novamente para a sala do café da manhã, um bocadinho ansioso. Expectativas de certo interesse estavam relacionadas ao meu iminente reaparecimento naquela parte da casa. Aproximava-se o momento em que eu seria apresentado à Srta. Fairlie; e, se a busca da Srta. Halcombe nas cartas de sua mãe tivesse produzido o resultado por ela antecipado, chegara o momento de esclarecer o mistério da mulher de branco.

VIII

QUANDO entrei na sala, encontrei a Srta. Halcombe e uma senhora idosa sentadas à mesa do almoço.

A senhora idosa, quando fui apresentado a ela, demonstrou ser a antiga governanta da Srta. Fairlie, a Sra. Vesey, que havia sido sucintamente descrita para mim por minha vivaz companheira à mesa do café da manhã como alguém que possui “todas as virtudes cardinais e não ata e nem desata.” Pouco posso fazer além de oferecer meu humilde testemunho quanto à veracidade do esboço feito pela Srta. Halcombe do temperamento da velha senhora. A Sra. Vesey aparentava ser a personificação da compostura humana e da amabilidade feminina. Um calmo desfrutar de uma calma existência luzia em sorrisos sonolentos em seu rosto gorducho e plácido. Alguns de nós passam a vida atabalhoadamente, e alguns de nós passeiam tranquilamente a vida toda. A Sra. Vesey *sentava-se* a vida toda. Sentava-se na casa, cedo e tarde; sentava-se no jardim; sentava-se em inesperados bancos sob as janelas nos corredores; sentava-se (em uma cadeira portátil) quando suas amigas tentavam levá-la para uma caminhada; sentava-se antes de olhar para qualquer coisa, antes de falar sobre qualquer coisa, antes de responder Sim, ou Não, à mais corriqueira das perguntas — sempre com o mesmo sorriso sereno nos

lábios, o mesmo movimento distraidamente atento da cabeça, a mesma posição tranquila e confortável de seus braços e de suas mãos, sob qualquer alteração possível das circunstâncias domésticas. Uma senhora dócil, condescendente, indizivelmente tranquila e inofensiva, que nunca, pelo menor acaso, sugeria a ideia de que ela tivesse estado realmente viva desde a hora de seu nascimento. A natureza tem tanto a fazer neste mundo, e está empenhada em gerar tamanha variedade de produções coexistentes, que ela certamente de vez em quando deve estar muito ansiosa e confusa para distinguir entre os diferentes processos que está levando a cabo ao mesmo tempo. Partindo deste ponto de vista, sempre vai ser minha convicção particular de que a Natureza estava absorta produzindo repolhos quando a Sra. Vesey nasceu, e que a boa senhora sofria as consequências de uma preocupação vegetal na mente da Mãe de todos nós.

— Muito bem, Sra. Vesey — disse a Srta. Halcombe, aparentando estar mais viva, atilada e pronta do que nunca, em contraste com a impassível senhora ao lado dela —, o que a senhora deseja? Uma fatia de carne?

A Sra. Vesey cruzou suas mãos cheias de covinhas na borda da mesa; sorriu, plácida, e disse:

— Sim, minha cara.

— O que é aquilo que está no lado oposto do Sr. Hartright? Frango cozido, não é? Achei que a senhora preferiria o frango cozido à carne, Sra. Vesey?

A Sra. Vesey tirou suas mãos cheias de covinhas da borda da mesa e enlaçou-as em seu regaço; fez um gesto contemplativo na direção do frango cozido, e disse:

— Sim, minha cara.

— Bem, mas o que a senhora vai querer hoje? O Sr. Hartright deve oferecer-lhe um pouco de frango? Ou eu devo dar-lhe um pouco de carne?

A Sra. Vesey colocou uma de suas mãos cheias de covinhas de volta na borda da mesa; hesitou, sonolenta, e disse:

— O que a senhorita quiser, minha cara.

— Deus se compadeça de mim! É uma questão de seu gosto, minha boa senhora, e não do meu. Suponhamos que a senhora coma um pouquinho de ambos? E suponhamos que a senhora comece com o frango, porque o Sr. Hartright parece devorado pela ansiedade de cortar um pouco para a senhora.

A Sra. Vesey colocou a outra mão cheia de covinhas de volta na borda da mesa; se iluminou ligeiramente por um instante; perdeu o vigor de novo, no instante seguinte; fez uma mesura obediente, e disse:

— Se o senhor fizer a gentileza.

Com toda certeza, uma senhora dócil, condescendente, indizivelmente tranquila e inofensiva? Porém, talvez já chegue, por enquanto, de falar sobre a Sra. Vesey.

Durante todo esse tempo, não havia sinais da Srta. Fairlie. Nós terminamos o almoço; e ainda assim ela não apareceu. A Srta. Halcombe, cujo olhar aguçado nada deixava escapar, percebeu os olhares que eu lançava, de tempos em tempos, na direção da porta.

— Eu o compreendo, Sr. Hartright — disse ela —, o senhor está se perguntando o que aconteceu com a sua outra aluna. Ela está no andar de baixo, e já sarou de sua dor de cabeça; mas, não recuperou o apetite o suficiente para se juntar a nós no almoço. Se o senhor se colocar sob a minha proteção, acredito que eu possa tentar encontrá-la em algum lugar do jardim.

Ela pegou uma sombrinha, que estava sobre uma cadeira perto dela, e tomou a dianteira para sair passando por uma longa janela na extremidade da sala, que se abria para o gramado. É quase desnecessário dizer que deixamos a Sra. Vesey ainda sentada à mesa, com as suas mãos cheias de covinhas ainda cruzadas sobre a borda da mesa; aparentemente instalada naquela posição para o resto da tarde.

Enquanto atravessávamos o gramado, a Srta. Halcombe me olhou de modo significativo e balançou a cabeça.

— Aquela sua aventura misteriosa — disse ela — ainda permanece envolta em sua apropriada escuridão da meia-noite. Passei a manhã toda olhando as cartas de minha mãe, e ainda não descobri nada. Entretanto, não perca as esperanças, Sr. Hartright. Esta é uma questão de curiosidade; e o senhor tem uma mulher como aliada. Em tais circunstâncias, o sucesso é garantido, mais cedo ou mais tarde. As cartas não se acabaram. Ainda tenho três maços, e o senhor pode confiar no fato de que eu vou passar a noite toda as lendo.

Eis, então, um dos meus prognósticos da manhã ainda não concretizados. Comecei a me perguntar, em seguida, se minha introdução à Srta. Fairlie iria desapontar as expectativas que eu estivera formando a respeito dela desde a hora do café da manhã.

— E como o senhor se deu com meu tio? — perguntou a Srta. Halcombe, ao sairmos do gramado e entrarmos em um jardim de arbustos. — Ele estava particularmente nervoso esta manhã? Não se preocupe em pensar na sua resposta, Sr. Hartright. O simples fato de o senhor fazer a cortesia de pensar já basta para mim. Vejo em seu rosto que ele *estava* particularmente nervoso; e, como eu gentilmente não desejo deixar o senhor na mesma condição, nada mais pergunto.

Nós entramos em um caminho sinuoso enquanto ela falava, e nos aproximamos de uma bela casa de verão, construída em madeira, no formato de um chalé suíço em miniatura. O único cômodo da casa de verão, enquanto nós subíamos os degraus da porta, estava ocupado por uma jovem. Ela estava parada perto de uma mesa rústica, olhando a vista da charneca e da colina que se apresentava em meio às árvores, e distraidamente virando as páginas de um pequeno álbum de desenhos que estava ao seu lado. Essa era a Srta. Fairlie.

Como posso descrevê-la? Como posso separá-la de minhas sensações pessoais, e de tudo que aconteceu posteriormente? Como posso vê-la novamente assim como ela parecia ser quando o meu olhar nela se pousou pela primeira vez — como ela deveria parecer, agora, aos olhos que estão prestes a vê-la nestas páginas?

O desenho em aquarela que fiz de Laura Fairlie, em um período posterior, no local e na atitude em que eu a vi pela primeira vez, se encontra em minha mesa enquanto escrevo. Eu o olho e, do pano de fundo castanho-esverdeado da casa de verão, surge perante mim uma figura esguia e juvenil, usando um simples vestido de musselina, cuja estampa era formada por grandes listras alternadas de um delicado tom de azul e branco. Um lenço do mesmo tecido, farfalhante, se aconchega em seus ombros, e um chapeuzinho de palha, da cor natural, com as bordas simples e discretamente enfeitadas com uma fita que combinava com o vestido, cobre sua cabeça, e lança sua sombra doce e nacarada sobre a parte superior de seu rosto. Seus cabelos são de um tom tão delicado e claro de castanho — não loiros, e, no entanto, quase tão claros; não dourados, e, no entanto, quase tão luzídios — que eles quase se misturam, aqui e acolá, com a sombra do chapéu. Eles estão repartidos com simplicidade e penteados para trás das orelhas, e se ondulam de modo natural ao passar pela testa. As sobrancelhas são bem mais escuras que os cabelos, e os olhos são daquele tom doce e límpido de azul-turquesa, tão frequentemente cantado pelos poetas, tão raramente visto na vida real. Olhos encantadores quanto à cor, olhos encantadores quanto à forma — grandes e meigos, e tranquilamente pensativos — porém, belos acima de todas as coisas na sinceridade límpida do olhar que repousa em suas profundezas, e reluz em meio a todas as suas mudanças de expressão com a luz de um mundo mais puro e melhor. O encanto — manifestado da forma mais delicada e, no entanto, claramente — que eles lançavam sobre todo o rosto de tal modo cobre e transforma suas pequenas imperfeições naturais em outros pontos, que é difícil avaliar os relativos méritos e deméritos de outros traços. É difícil ver que a parte inferior do rosto é refinada de modo delicado demais na direção do queixo para estar em uma proporção total e justa com a parte superior; que o nariz, fugindo do formato aquilino (sempre duro e cruel em uma mulher, não importa quão belo possa ser em sua forma abstrata), falhou um pouquinho fugindo para o outro

extremo, e perdeu o traço reto ideal de sua linha; e que os lábios meigos e sensíveis são sujeitos a uma ligeira contração nervosa, quando ela sorri, que os puxa um pouquinho para cima em um dos cantos, na direção dos zigomas. Poderia ser possível notar essas imperfeições no rosto de outra mulher, mas não é fácil se deter nelas no rosto dela, tão sutilmente estão elas relacionadas com tudo que é particular e característico em sua expressão, e tão intimamente a expressão depende, para sua manifestação e vida totais, em todos os outros traços, do impulso movente dos olhos.

Meu pobre retrato dela, a minha labuta amorosa e paciente de dias longos e felizes, me mostra esses detalhes? Ah, quão poucos deles estão presentes no desenho baço e mecânico, e quantos deles na mente com a qual eu o contemplo! Uma menina clara e delicada, em um vestido bonito e leve, virando sem muita atenção as folhas de um álbum de desenhos, enquanto olha para além delas com inocentes e confiantes olhos azuis — isso é tudo que o desenho é capaz de dizer; tudo, talvez, que até mesmo o mais profundo alcance dos pensamentos e do pincel possa dizer em suas linguagens. A mulher que dá vida e luz e forma, pela primeira vez, às nossas imprecisas concepções de beleza, preenche um vazio em nossa natureza espiritual que tem permanecido desconhecido para nós até ela aparecer. As simpatias por demais profundas para que se manifestem em palavras, quase por demais profundas para os pensamentos, são tocadas em tais ocasiões por outros encantos além dos que os sentidos tomam consciência e que os recursos da expressão podem perceber. O mistério subjacente à beleza das mulheres nunca é elevado acima do alcance de toda a expressão até que ele desperte a empatia com o mistério mais profundo em nossas almas. Então, e somente então, ele foi além da limitada região em que a luz incide, neste mundo, a partir do lápis e da pena.

Pensem nela, como vocês pensariam na primeira mulher que fez se agitar em seu íntimo o pulsar que o resto de seu gênero não teve a aptidão de despertar. Permitam que os ternos e sinceros olhos azuis se encontrem com os de vocês, assim como se encontraram com os meus, com o olhar inigualável de que ambos nos lembramos tão bem. Permitam que a voz dela entoe a música que outrora vocês tanto amaram, afinada com tanta doçura para os ouvidos de vocês como para os meus. Permitam que os passos dela, quando ela surge nestas páginas e delas desaparece, sejam iguais àqueles outros passos com cujo ritmo delicado o coração de vocês bateu em compasso outrora. Pensem nela como a idealizada criação de sua própria imaginação; e ela se apossará de vocês, com clareza ainda maior, como a mulher viva que habita na minha imaginação.

Entre as sensações que se avolumavam em mim, quando meus olhos pela

primeira vez a viram — sensações familiares que todos nós conhecemos, que brotam na maior parte de nossos corações, tornam a morrer em tantos outros, e renovam a sua luminosa existência em tão poucos —, havia uma que me perturbava e me aturdiu; uma que parecia estranhamente inconsistente e inexplicavelmente deslocada na presença da Srta. Fairlie.

Misturada à viva impressão produzida pelo encanto de sua face clara e de sua cabeça, sua expressão meiga e a cativante simplicidade de seus modos, havia outra impressão, que, de uma maneira insidiosa, me sugeria a ideia de algo que estava faltando. Às vezes parecia algo que faltava *nela*; em outras, algo que faltasse em mim, que me impedia de compreendê-la conforme eu deveria. A impressão era sempre mais forte, da maneira mais contraditória, quando ela olhava para mim; ou, em outras palavras, quando eu tinha maior consciência da harmonia e do encanto de seu rosto e, no entanto, ao mesmo tempo, estava mais perturbado pela sensação de uma incompletude que era impossível descobrir. Algo faltando, algo faltando — e onde estava essa coisa, e o que ela era, eu não saberia dizer.

O feito desse curioso capricho da imaginação (conforme eu o considerava então) não era de uma natureza que me deixasse à vontade durante a primeira conversa com a Srta. Fairlie. As primeiras palavras gentis de boas-vindas que ela me dirigiu me flagraram com pouco autocontrole, o que tornou difícil agradecer-lhe com as respostas costumeiras. Ao observar a minha hesitação, e sem dúvida a atribuindo, algo bastante natural, a alguma timidez momentânea de minha parte, a Srta. Halcombe se incumbiu da tarefa de conversar, com tanta facilidade e prontidão como de costume.

— Olhe, Sr. Hartright — disse ela, apontando para o álbum de desenhos sobre a mesa, e para a mãozinha delicada e errante que ainda o estava manuseando. — Certamente o senhor há de reconhecer que finalmente a sua aluna modelo foi encontrada? No momento em que ela sabe que o senhor se encontra na casa, ela agarra o seu inestimável álbum de desenhos, olha diretamente para a face da Natureza universal, e anseia por começar!

A Srta. Fairlie riu com um bom humor instantâneo, que se refletiu, tão luminoso como se fizesse parte da luz do sol que brilhava acima de nós, em seu rosto adorável.

— Não devo aceitar o mérito onde nenhum mérito é devido — disse ela; seus olhos azuis límpidos e confiantes olhando alternadamente para a Srta. Halcombe e para mim. — Por mais que eu aprecie desenhar, tenho tanta consciência de minha própria ignorância que estou mais temerosa do que ansiosa para começar. Agora que sei que o senhor está aqui, Sr. Hartright, eu me flagro examinando os meus desenhos, como costumava olhar as minhas lições quando era uma menininha, e quando eu tinha tanto receio de não

demonstrar estar pronta para ser ouvida.

Ela fez a confissão com muita graça e simplicidade, e, com uma seriedade encantadora e infantil, puxou o álbum de desenhos para seu lado da mesa. A Srta. Halcombe acabou com o pequeno constrangimento sem demora, com os seus modos resolutos e diretos.

— Bons, ruins ou medianos — disse ela —, os desenhos da aluna têm de passar pelo ordálio de fogo do julgamento do mestre... e já basta. E se nós os levarmos conosco na carruagem, Laura, e deixarmos que o Sr. Hartright os veja, pela primeira vez, em circunstâncias de perpétuo sacolejar e interrupções? Se formos capazes de confundi-lo durante todo o passeio, entre a Natureza assim como ela é, quando ele olhar para a paisagem, e a Natureza assim como ela não é, quando ele olhar novamente para os nossos álbuns de desenhos, nós o impeliremos ao derradeiro e desesperado recurso de nos elogiar, e passaremos por entre os seus dedos profissionais com as nossas prediletas penas da vaidade todas desarrufadas.

— Espero que o Sr. Hartright não vá *me* elogiar — disse a Srta. Fairlie, quando nós saímos da casa de verão.

— Posso me arriscar a perguntar por que a senhorita manifesta essa esperança? — perguntei.

— Porque eu irei acreditar em tudo o que o senhor me disser — ela respondeu, com simplicidade.

Com essas poucas palavras, ela inconscientemente me deu a chave para o seu caráter; para aquela generosa confiança nas outras pessoas que, na sua natureza, cresceu com inocência com base na ideia de sua própria veracidade. Eu apenas soube disso de modo intuitivo, então. Eu o sei por experiência, agora.

Nós apenas esperamos para fazer a boa Sra. Vesey sair do lugar que ela ainda ocupava à mesa deserta do almoço, antes de entrarmos na carruagem aberta para nosso prometido passeio. A velha senhora e a Srta. Halcombe ocupavam o assento traseiro; e a Srta. Fairlie e eu nos sentávamos na frente, com o álbum de desenhos aberto entre nós, devidamente exibido, afinal, aos meus olhos profissionais. Toda a crítica séria sobre os desenhos, ainda que eu estivesse disposto a fazê-la, foi tornada impossível pela vivaz resolução da Srta. Halcombe de não ver nada além do lado ridículo das Belas Artes, conforme praticada por ela própria, por sua irmã, e pelas senhoras de modo geral. Sou capaz de me lembrar da conversa com muito mais facilidade do que dos desenhos que eu mecanicamente examinava. Aquela parte da conversa, especialmente a de que a Srta. Fairlie tomava parte de algum modo, ainda está vivamente impressa em minha memória como se eu a tivesse ouvido poucas horas atrás.

Sim! Que me seja permitido reconhecer, nesse primeiro dia permiti que o encanto da presença dela fizesse com que eu me esquecesse de mim mesmo e de minha posição. A mais insignificante das perguntas que ela me fazia, sobre o tema de usar o seu lápis e misturar as cores; as mais ínfimas alterações na expressão nos adoráveis olhos azuis que olhavam os meus, com um desejo tão sincero de aprender tudo que eu fosse capaz de ensinar e de descobrir tudo que eu fosse capaz de mostrar, atraíam maior parte da minha atenção do que a mais bela paisagem pela qual nós passamos, ou as mais imponentes alterações de luz e de sombra, à medida que elas se misturavam umas às outras sobre as ondulações da charneca e a planura da praia. Em qualquer momento, e sob quaisquer circunstâncias do interesse humano, não é estranho ver quão pouca atenção verdadeira os objetos do mundo natural, entre os quais vivemos, podem atrair sobre os nossos corações e as nossas mentes? Nós recorremos à Natureza para ter consolo na aflição, e simpatia na felicidade, apenas nos livros. A apreciação dessas belezas do mundo inanimado, que a poesia moderna descreve com tanta amplitude e eloquência, não é, até mesmo entre os melhores entre nós, um dos instintos originais de nossa natureza. Quando crianças, nenhum de nós o possui. Nenhum homem ou mulher sem instrução o possui. Pessoas cujas vidas transcorrem entre as sempre cambiantes maravilhas do mar e da terra são também aquelas mais universalmente insensíveis a cada aspecto da Natureza não diretamente associado ao interesse humano de sua profissão. A nossa capacidade de apreciar as belezas da terra em que vivemos é, na verdade, um dos feitos civilizados que todos nós aprendemos, como uma Arte; e, ainda mais, essa mesma capacidade raramente é praticada por qualquer um de nós a não ser quando as nossas mentes se encontram mais indolentes e mais desocupadas. Que parte as atrações da Natureza já desempenharam nos nossos interesses agradáveis ou prazerosos e nas nossas emoções, ou nos de nossos amigos? Que espaço elas já ocuparam nos milhares de pequenas narrativas de experiência pessoal transmitidas a cada dia por um de nós ao nosso semelhante? Tudo que as nossas mentes conseguem abranger, tudo que os nossos corações conseguem aprender, pode ser alcançado com igual certeza, igual lucro e igual satisfação para nós mesmos, na mais pobre assim como na mais refinada paisagem que a face da terra é capaz de mostrar. Certamente há uma razão para essa falta de simpatia inata entre a criatura e a criação ao seu redor, uma razão que possa, talvez, ser encontrada nos destinos tão variadamente diversos do homem e de sua esfera terrena. A paisagem da mais grandiosa montanha que o olho pode abranger está destinada à aniquilação. O mais ínfimo interesse humano que o coração puro seja capaz de sentir está destinado à imortalidade.

Nós havíamos ficado fora quase três horas, quando a carruagem tornou a passar pelos portões da Mansão de Limmeridge.

No caminho de volta, eu permitira às senhoras que decidissem a primeira paisagem que elas iriam desenhar, sob as minhas instruções, na tarde do dia seguinte. Quando elas se retiraram para se vestir para o jantar, e quando fiquei sozinho de novo em minha pequena saleta particular, o meu ânimo pareceu me abandonar de repente. Eu me senti constrangido e insatisfeito comigo mesmo, mal sabia a razão. Talvez eu estivesse consciente, pela primeira vez, de ter desfrutado de nosso passeio muito mais na figura de um convidado, e muito pouco na figura de um professor de desenho. Talvez a estranha sensação de algo faltando, ou na Srta. Fairlie ou em mim mesmo, que havia me deixado perplexo quando fui apresentado a ela, ainda me perseguisse. De qualquer modo, foi um alívio para o meu estado de espírito quando o sino para o jantar me arrancou de minha solidão, e me levou de volta para a companhia das donas da casa.

Eu me surpreendi, ao entrar na sala de estar, com o curioso contraste, mais no tocante ao material que à cor, dos vestidos que elas então usavam. Enquanto a Sra. Vesey e a Srta. Halcombe estavam ricamente vestidas (cada qual da maneira mais condizente à sua idade), a primeira em cinza-prata, e a segunda naquela delicada tonalidade amarela pálida das prímulas, que cai tão bem com uma tez morena e cabelos negros, a Srta. Fairlie estava vestida desprestigiada, e quase simplesmente, com uma banal musselina branca. Ela era imaculadamente branca e de um feitio primoroso; porém, mesmo assim era o tipo de vestido que a esposa ou filha de um homem pobre poderia ter usado; e ele fazia com que a herdeira da Mansão de Limmeridge, no tocante à aparência externa, parecesse menos rica que a sua própria governanta. Em um período posterior, quando aprendi a conhecer melhor o temperamento da Srta. Fairlie, descobri que esse curioso contraste com base nos opostos se devia à sua natural delicadeza de sentimentos e natural intensidade de repugnância à mais ligeira demonstração pessoal de sua própria fortuna. Nem a Sra. Vesey e nem a Srta. Halcombe jamais poderiam induzi-la a permitir que a supremacia na vestimenta abandonasse as duas senhoras que eram pobres, para pender do lado da senhora que era rica.

Quando o jantar acabou, nós voltamos juntos para a sala de estar. Embora o Sr. Fairlie (emulando a magnífica condescendência do monarca que pegara o pincel de Ticiano) tivesse instruído o seu mordomo a consultar os meus desejos relacionados ao vinho que eu poderia preferir após o jantar, fui firme o suficiente para resistir à tentação de sentar-me em uma grandeza solitária entre garrafas de minha própria escolha, e sensato o suficiente para pedir às senhoras permissão para sair da mesa com elas habitualmente, tendo por base o civilizado costume estrangeiro, durante o período de minha residência na Mansão de Limmeridge.

A sala de estar, para a qual havíamos então nos dirigido para o resto da noite, se localizava no térreo, e era do mesmo formato e tamanho da sala do café da manhã. Grandes portas de vidro na extremidade oposta se abriam para um terraço, enfeitado com gosto ao longo de toda a sua extensão com uma profusão de flores. O crepúsculo doce e enevoado estava apenas mergulhando tanto as folhas quanto as flores em harmonia com as suas próprias tonalidades mais sóbrias, quando entramos na sala; e o doce perfume das flores ao anoitecer nos recepcionou com sua acolhida fragrante através das portas de vidro abertas. A boa Sra. Vesey (sempre a primeira do grupo a se sentar) se apossou de uma poltrona em um canto, e mergulhou tranquilamente no sono. Atendendo a um pedido meu, a Srta. Fairlie se sentou ao piano. Enquanto eu a acompanhava sentando-me em uma cadeira perto do instrumento, vi a Srta. Halcombe se retirar em um dos vãos de uma das janelas laterais, para continuar com a busca entre as cartas de sua mãe sob os últimos e serenos raios da luz do anoitecer.

Quão nitidamente a pacífica imagem doméstica da sala de estar me ocorre enquanto eu escrevo! Do lugar onde eu me sentava, conseguia ver a figura graciosa da Srta. Halcombe, em parte sob uma luz suave, em parte envolta em sombras, lendo, atenta, as cartas em seu regaço; enquanto, mais perto de mim, o belo perfil da musicista ao piano estava tão delicadamente definido contra o pano de fundo da parede da sala que lentamente perdia as suas cores. Lá fora, no terraço, as flores em cachos e a grama e as heras se agitavam tão docemente sob a ligeira brisa do anoitecer, que o som de seu roçar jamais nos alcançava. Não havia uma só nuvem no céu; e o mistério nascente da luz da lua começou a tremeluzir na região do céu oriental. A sensação de paz e de reclusão acalmou todos os pensamentos e sentimentos em um repouso extasiado e sublime; e o silêncio reconfortante que ficava cada vez mais profundo com a escuridão cada vez mais intensa, parecia pairar sobre nós com uma influência ainda mais delicada, quando se insinuou do piano a ternura celestial da música de Mozart. Era uma noite de imagens e de suspiros para sempre inesquecível.

Nós todos nos sentávamos em silêncio nos locais por nós escolhidos — a Sra. Vesey ainda dormindo; a Srta. Fairlie ainda tocando; a Srta. Halcombe ainda lendo — até que a luz deixou de brilhar sobre nós. A lua havia então se esgueirado pelo terraço, e raios de luz delicados e misteriosos já penetravam, oblíquos, ao longo da outra ponta da sala. A alteração da doce luminosidade do crepúsculo era tão bela que nós banimos as luzes, de comum acordo, quando a empregada as trouxe; e mantivemos a grande sala sem iluminação, a não ser pelo tremeluzir das duas velas sobre o piano.

Durante mais meia hora, a música ainda prosseguiu. Depois disso, a

beleza da vista da lua no terraço levou a Srta. Fairlie a sair para olhá-la; e eu a segui. Quando as velas sobre o piano haviam sido acesas, a Srta. Halcombe havia trocado de lugar, de modo a continuar a sua leitura das cartas com auxílio delas. Nós a deixamos, em uma cadeira baixa, de um lado do instrumento, tão absorta em sua leitura que ela nem pareceu observar quando nós nos movemos.

Nós nem tínhamos ficado juntos no terraço, bem em frente às portas de vidro, por uns cinco minutos, creio; e a Srta. Fairlie estava, seguindo o meu conselho, acabando de atar seu lenço branco na cabeça como uma precaução contra o ar noturno — quando ouvi a voz da Srta. Halcombe — baixa, ansiosa, e diferente de sua vivaz entonação natural — pronunciar o meu nome.

— Sr. Hartright — ela disse —, poderia vir aqui por um minuto? Gostaria de falar com o senhor.

Entrei na mesma hora na sala. O piano se localizava mais ou menos na metade da parede interna. No lado do instrumento que ficava mais distante do terraço, a Srta. Halcombe estava sentada com as cartas espalhadas em seu regaço, e nas mãos tinha uma selecionada entre elas, e a segurava perto da vela. Do lado mais perto do terraço ficava uma otomana baixa, na qual eu me sentei. Nessa posição, eu não estava longe das portas de vidro, e conseguia ver a Srta. Fairlie com clareza enquanto ela passava e tornava a passar na frente das portas que se abriam para o terraço; andando lentamente de uma ponta a outra dele sob a plena radiância da lua.

— Gostaria que o senhor ouvisse enquanto leio os trechos finais desta carta — disse a Srta. Halcombe. — Diga-me se o senhor acha que ela lança alguma luz sobre a sua estranha aventura na estrada para Londres. A carta é endereçada por minha mãe ao seu segundo marido, o Sr. Fairlie; e a data se refere a um período de cerca de onze ou doze anos passados. Naquela época, o Sr. e a Sra. Fairlie, e minha meia-irmã Laura, tinham vivido nesta casa por alguns anos; e eu estava longe daqui, completando a minha educação em uma escola em Paris.

Ela tinha uma aparência ansiosa, e falava com ansiedade e, conforme eu pensei, um pouco intranquila também. Naquele momento, quando ela ergueu a carta para perto da vela antes de começar a lê-la, a Srta. Fairlie passou por nós no terraço, olhou para dentro por um instante e, vendo que estávamos ocupados, lentamente continuou a andar.

A Srta. Halcombe começou a ler o que se segue:

“Você há de estar cansado, meu caro Philip, de ouvir o tempo todo a respeito de minha escola e de meus alunos. Coloque a culpa, por favor, na

tédiosa constância da vida em Limmeridge, e não em mim. Além do mais, desta vez eu tenho algo realmente interessante para contar a respeito de uma nova aluna.”

“Você conhece a velha Sra. Kempe, da loja do vilarejo. Bem, após anos de enfermidade, o médico finalmente perdeu as esperanças, e ela está morrendo lentamente, dia a dia. Seu único parente vivo, uma irmã, chegou semana passada para tomar conta dela. Essa irmã vem lá de Hampshire; o nome dela é Sra. Catherick. Quatro dias atrás, a Sra. Catherick veio me ver, e trouxe a sua única filha com ela, uma meiga menininha cerca de um ano mais velha que a nossa querida Laura...”

Quando essa última frase passou pelos lábios da leitora, a Srta. Fairlie passou uma vez mais por nós no terraço. Ela estava cantando baixinho para si mesma uma das melodias que estivera tocando um pouco antes naquela noite. A Srta. Halcombe esperou até ela ter sumido de nossas vistas; e então prosseguiu com a carta:

“A Sra. Catherick é uma mulher decente, bem comportada e respeitável; de meia-idade, e com traços de ter sido moderadamente bem-apeçoada. Há algo em seus modos e em sua aparência, entretanto, que eu não consigo entender. Ela é reservada a respeito de si mesma quase ao ponto de um segredo completo; e há uma expressão em seu rosto... não consigo descrevê-la... que me sugere que ela tem algo em sua mente. Ela é, de modo geral, o que você chamaria de um mistério ambulante. Sua incumbência na Mansão de Limmeridge, entretanto, era bastante simples. Quando ela partiu de Hampshire para cuidar da irmã, a Sra. Kempe, durante a sua doença final, havia sido obrigada a trazer a filha, por não ter ninguém em casa que cuidasse da menininha. A Sra. Kempe pode morrer em uma semana, ou pode durar meses; e o objetivo da Sra. Catherick era me pedir que eu permitisse que a sua filha, Anne, gozasse do benefício de frequentar a minha escola; com a condição de ela ser tirada da escola para voltar de novo para casa com a mãe, após a morte da Sra. Kempe. Eu consenti na hora; e quando Laura e eu saímos para o nosso passeio, nós levamos a menininha (que tem apenas onze anos de idade) para a escola, naquele mesmo dia.”

Uma vez mais, a figura da Srta. Fairlie, iluminada e suave em seu vestido de musselina branca como a neve — seu rosto delicadamente emoldurado pelos folhos brancos do lenço que ela havia atado sob o queixo — passou por nós à luz do luar. Uma vez mais, a Srta. Halcombe esperou até ela sumir de nossas vistas, e então prosseguiu:

“Eu me afeiçoei demais, Philip, à minha nova aluna, por uma razão que tenciono reservar até o fim com o intuito de surpreender você. A mãe dela

tendo me dito tão pouco a respeito da criança quanto ela me disse a respeito de si própria, me coube descobrir (o que fiz no primeiro dia, quando nós a testamos nas lições) que a inteligência da pobre criaturinha não se desenvolveu ao ponto em que deveria estar na idade dela. Vendo isso, fiz com que a trouxessem aqui em casa no dia seguinte, e combinei em particular com o médico para que ele viesse e a olhasse e lhe fizesse perguntas, e me dissesse o que achava. A opinião dele é a de que ela vai superar essa condição. Porém, ele diz que a educação cuidadosa na escola é uma questão de grande importância agora, porque a lentidão pouco usual dela em adquirir ideias implica uma tenacidade pouco usual em conservá-las, uma vez que elas sejam recebidas em sua mente. Bem, meu querido, você não deve supor, com os seus modos pouco cerimoniais, que eu estou me apegando a uma idiota. Essa pobre pequena Anne Catherick é uma menina doce, afetuosa e grata; e diz as coisas mais singulares e delicadas (como você há de julgar por um exemplo) do modo mais estranhamente repentino, surpreendido e parcialmente assustado. Embora ela esteja vestida com cuidado, as suas roupas mostram uma lamentável falta de gosto quanto às cores e ao modelo. Então, ontem eu fiz com que alguns dos velhos vestidos e chapéus brancos da nossa querida Laura fossem reformados para Anne Catherick, explicando para ela que menininhas com a pele da cor da dela ficam mais bonitas e mais bem-vestidas todas de branco do que com qualquer outra cor. Ela hesitou, e aparentou estar perplexa por um minuto; então ela enrubesceu e pareceu entender. A mãozinha dela apertou a minha, de repente. Ela a beijou, Philip; e disse (ah, com tanta sinceridade!), “Eu sempre vou me vestir de branco, enquanto eu viver. Isso vai me ajudar a me lembrar da senhora, madame, e a pensar que eu ainda estou deixando a senhora contente, quando eu for embora e não a vir mais.” Este é apenas um exemplo das coisas singulares que ela diz de modo tão gentil. Pobre almazinha! Ela há de ter um estoque de vestidos brancos, com umas folgas bem grandes nas costuras, para alargar os vestidos para ela quando ela crescer...”

A Srta. Halcombe fez uma pausa, e olhou para mim por sobre o piano.

— A mulher desamparada com quem o senhor se deparou na estrada principal parecia jovem? — ela perguntou. — Jovem o suficiente para ter vinte e dois ou vinte e três anos?

— Sim, Srta. Halcombe, assim tão jovem.

— E ela estava vestida de modo estranho, da cabeça aos pés, toda de branco?

— Toda de branco.

Enquanto a resposta passava pelos meus lábios, a Srta. Fairlie surgiu

silenciosamente no terraço, pela terceira vez. Em vez de continuar a sua caminhada, ela parou, com as costas voltadas para nós; e, debruçando-se sobre a balaustrada do terraço, olhou para o jardim que ficava abaixo. Meus olhos se fixaram no fulgor branco de seu vestido e lenço de musselina à luz do luar, e uma sensação, para a qual não sou capaz de encontrar um nome — uma sensação que acelerou o meu pulso, e fez o meu coração palpitar — começou a se apoderar de mim.

— Toda de branco? — repetiu a Srta. Halcombe. — As frases mais importantes da carta, Sr. Hartright, são as finais, que eu irei ler para o senhor agora mesmo. Porém, não posso deixar de me deter um pouquinho na coincidência do vestido branco da mulher com quem o senhor se deparou, e os vestidos brancos que produziram aquela estranha resposta da aluninha de minha mãe. O médico pode ter estado errado ao descobrir a falha intelectual da criança, e predizer que ela haveria de “superar essa condição.” Ela pode nunca tê-la superado; e a velha e grata fantasia a respeito de se vestir de branco, que era um sentimento muito sério para a menina, pode ainda ser um sentimento muito sério para a mulher.

Eu disse algumas palavras como resposta — eu mal sei quais. Toda a minha atenção estava concentrada no fulgor branco do vestido de musselina da Srta. Fairlie.

— Ouça as frases finais da carta — disse a Srta. Halcombe. — Creio que elas irão surpreendê-lo.

Enquanto ela aproximava a carta da luz da vela, a Srta. Fairlie se afastou da balaustrada, olhou, duvidosa, de um lado para outro do terraço, deu um passo na direção da porta de vidro, e então se deteve, olhando para nós.

Enquanto isso, a Srta. Halcombe leu para mim as frases finais às quais ela havia se referido:

“E agora, meu querido, vendo que o meu papel está se acabando, vou passar ao verdadeiro motivo, o motivo surpreendente para a minha afeição pela pequena Anne Catherick. Meu caro Philip, embora ela não seja nem um pouco tão bonita, ela é, não obstante, por um desses extraordinários caprichos da semelhança accidental que uma pessoa às vezes vê, o retrato vivo, em seus cabelos, em sua tez, na cor dos olhos, e no formato do rosto...”

Eu me levantei de um salto da otomana, antes que a Srta. Halcombe pudesse pronunciar as palavras seguintes. Um frêmito do mesmo sentimento que me percorreu quando senti o toque em meu ombro na estrada principal solitária, me enregelou de novo.

Lá estava a Srta. Fairlie, uma figura de branco, sozinha à luz do luar; em sua atitude, no meneio de sua cabeça, em sua tez, no formato de seu rosto, o

retrato vivo, àquela distância, e naquelas circunstâncias, da mulher de branco! A dúvida que havia perturbado a minha mente por horas e horas em um átimo se transformou em convicção. Aquele “algo faltando” era o meu próprio reconhecimento da aziaga semelhança entre a fugitiva do sanatório e a herdeira da Mansão de Limmeridge.

— O senhor está vendo! — disse a Srta. Halcombe. Ela deixou cair a carta inútil, e os seus olhos brilhavam quando se encontraram com os meus. — O senhor está vendo agora, assim como minha mãe viu há onze anos!

— Eu vejo... com maior relutância do que posso expressar. Associar aquela mulher desamparada, sem amigos e perdida é, até mesmo devido a apenas uma semelhança accidental, com a Srta. Fairlie, é como lançar uma sombra no futuro da luminosa criatura que está parada nos olhando agora. Que eu possa perder essa impressão de novo, o mais rápido possível. Chame-a aqui para dentro, para longe dessa melancólica luz do luar... por favor, chame-a!

— Sr. Hartright, o senhor me surpreende. O que quer que as mulheres possam ser, eu pensava que os homens, no século dezanove, estivessem acima de superstições.

— Por favor, chame-a aqui para dentro!

— Quietos, quietos! Ela está vindo por conta própria. Não diga nada na presença dela. Que essa descoberta da semelhança seja mantida em segredo entre mim e o senhor. Entre, Laura; entre e acorde a Sra. Vesey com o piano. O Sr. Hartright está solicitando mais música, e ele a quer, desta vez, do tipo mais ligeiro e alegre.

IX

E assim terminou o meu movimentado primeiro dia na Mansão de Limmeridge.

A Srta. Halcombe e eu mantivemos o nosso segredo. Após a descoberta da semelhança, nenhuma nova luz parecia destinada a ser lançada sobre o mistério da mulher de branco. Na primeira oportunidade segura, a Srta. Halcombe cautelosamente induziu sua meia-irmã a falar da mãe delas, dos velhos tempos, e de Anne Catherick. As recordações da Srta. Fairlie sobre a pequena aluna em Limmeridge eram, no entanto, apenas do tipo mais vago e geral. Ela se lembrava da semelhança entre ela e a aluna favorita de sua mãe, como algo que se supusera existir em tempos passados; porém, ela não se referiu ao presente dos vestidos brancos, ou à singular escolha de palavras com as quais a criança havia sinceramente manifestado sua gratidão por eles. Ela lembrava que Anne Catherick havia permanecido em Limmeridge por apenas alguns meses e partido para retornar à sua casa em Hampshire; mas

não saberia dizer se a mãe e a filha haviam alguma vez retornado, ou se alguém tivera notícias delas. Nenhuma outra busca, da parte da Srta. Halcombe, entre as poucas cartas escritas pela Sra. Fairlie que ela havia deixado sem ler, ajudaram a esclarecer as incertezas que ainda restavam para nos deixar perplexos. Nós havíamos identificado a desafortunada mulher que eu havia encontrado à noite como Anne Catherick — havíamos feito algum progresso, pelo menos na direção de relacionar a provável condição deficiente do intelecto da pobre criatura com a peculiaridade de ela estar toda vestida de branco, e com a persistência, em seus anos mais maduros, de sua gratidão infantil em relação à Sra. Fairlie — e aí, tanto quanto soubéssemos na época, acabavam as nossas descobertas.

Os dias se passavam, as semanas se passavam; e os sinais do outono dourado visivelmente abriram o seu caminho cheio de luz em meio ao verão verdejante das árvores. Tempos tranquilos, velozes e felizes! Minha história desliza suavemente em meio a vocês agora, tão ligeira como vocês outrora deslizaram perante mim. De todos os tesouros de entretenimento que vocês prodigalizaram com tanta liberalidade ao meu coração, quanto me sobrou que tenha propósito e valor suficientes para que sejam escritos nestas páginas? Nada além da mais triste das confissões que um homem possa fazer — a de sua própria insensatez.

O segredo que essa confissão revela deveria ser contado com pouco esforço, pois ele indiretamente já se me escapou. As pobres e insuficientes palavras incapazes de descrever a Srta. Fairlie foram bem-sucedidas ao trair as sensações que elas despertaram em mim. Isso acontece com todos nós. Nossas palavras são gigantes quando nos causam mal, e anões quando nos prestam um serviço.

Eu a amava.

Ah! Quão bem eu conheço toda a tristeza e toda a zombaria contidas nessas três palavras. Posso suspirar por causa de minha confissão pesarosa junto com a mais terna das mulheres que lê estas linhas e se compadece de mim. Posso rir dessa confissão tão amargamente quanto o mais empedernido dos homens que a afasta de si com desdém. Eu a amava! Lamentem-me, ou me desprezem; eu o confesso com a mesma resolução inamovível de dizer a verdade.

Não havia uma justificativa para mim? Havia alguma justificativa a ser encontrada, com certeza, nas condições sob as quais o meu período de serviço contratado se passou na Mansão de Limmeridge.

As horas matutinas se seguiam umas às outras tranquilamente na calma e na reclusão de meus aposentos. Eu tinha trabalho suficiente para fazer,

montando os desenhos de meu padrão para manter mãos e olhos agradavelmente empregados, enquanto a minha mente estava livre para desfrutar da perigosa opulência de seus próprios pensamentos desenfreados. Uma solidão perigosa, pois ela durava o suficiente para me enervar, e não o bastante para me fortificar. Uma solidão perigosa, pois ela era seguida por tardes e noites passadas, dia após dia, e semana após semana, sozinho na companhia de duas senhoras, uma das quais possuía todos os dons da graça, da inteligência e da boa criação; e a outra, todos os encantos da beleza, da gentileza e da candura, que podem purificar e subjugar o coração do homem. Nem um dia se passava, naquela perigosa intimidade de mestre e aluna, sem que a minha mão não estivesse perto da mão da Srta. Fairlie; o meu rosto, enquanto nós nos inclinávamos juntos sobre o seu álbum de desenhos, quase tocando o dela. Tanto maior fosse a atenção com que ela observasse cada movimento de meu pincel, mais intensamente eu estava sentindo o perfume dos seus cabelos, e a cálida fragrância de seu hálito. Era parte de meu serviço viver sob a luz dos seus olhos — às vezes me inclinar sobre ela, tão perto de seu colo a ponto de tremer só com o pensamento de tocá-lo; outras vezes, senti-la se inclinando sobre mim, inclinando-se tão perto de mim para ver o que eu estava fazendo, que o seu tom de voz baixava quando ela falava comigo, e as suas fitas roçavam o meu rosto com o vento antes que ela pudesse contê-las.

As noites que se seguiam aos passeios vespertinos dedicados ao desenho variavam, em vez de conter, essas familiaridades inocentes e inevitáveis. Meu natural apreço pela música, que ela tocava com tanto sentimento, com um gosto feminino tão delicado, e a natural alegria dela de me retribuir, ao praticar a sua arte, o prazer que eu lhe proporcionara com a prática da minha, apenas teceu mais um elo que nos aproximou ainda mais um do outro. Os acasos da conversa; os simples costumes que regulavam até mesmo um detalhe tão ínfimo quanto a posição de nossos lugares à mesa; os gracejos da Srta. Halcombe, sempre direcionados à minha ansiedade como professor, enquanto lançavam luz sobre o entusiasmo dela como aluna; a inofensiva expressão da aprovação sonolenta da pobre Sra. Vesey que unia a Srta. Fairlie e a mim como dois jovens exemplares que nunca a perturbavam — cada uma dessas ninharias, e muitas mais, se combinavam para nos colocar juntos na mesma atmosfera doméstica, e para nos conduzir a ambos ao mesmo fim desesperançado.

Eu deveria ter me lembrado de minha posição, e ter me colocado secretamente de guarda. Eu o fiz; mas não até que fosse tarde demais. Todo o comedimento, toda a experiência, que me haviam auxiliado com outras mulheres, e me protegido contra outras tentações, fracassaram com ela. Por muitos anos, havia sido parte de minha profissão estar em contato com

mocinhas de todas as idades, e de todos os tipos de beleza. Eu aceitara a minha posição como parte de minha profissão nesta vida; eu havia me treinado para deixar todas as simpatias naturais para a minha idade no saguão de entrada da casa de meu empregador, com tanta frieza quanto eu deixava lá o meu guarda-chuva antes de subir as escadas. Eu havia, há muito tempo, aprendido a compreender, com muito controle e como algo natural, que a minha posição na vida era considerada uma garantia contra qualquer de minhas alunas sentindo algo além do interesse mais banal por mim, e que eu era admitido em meio às mulheres bonitas e cativantes mais ou menos do mesmo modo como um inofensivo animal doméstico era admitido entre elas. Essa experiência tutelar eu havia adquirido muito cedo; essa experiência tutelar havia, severa e inflexivelmente, me guiado em linha reta ao longo de meu pobre caminho estreito, sem uma única vez permitir que eu me desviasse para a direita ou para a esquerda. E agora, eu e o meu confiável talismã estávamos separados pela primeira vez. Sim, o meu autocontrole adquirido a tão duras penas estava tão completamente perdido para mim como se eu jamais o tivesse possuído; perdido para mim, assim como ele é perdido a cada dia por outros homens, em outras situações críticas, nas quais as mulheres estão envolvidas. Eu sei, agora, que deveria ter me questionado desde o início. Eu deveria ter me perguntado por que qualquer cômodo na casa era, para mim, melhor que o lar quando a Srta. Fairlie entrava nele, e tão estéril quanto um deserto quando ela tornava a sair — por que eu sempre percebia as pequenas alterações em sua indumentária e delas me lembrava; alterações que eu não percebera nas roupas de nenhuma mulher antes — por que eu a via, e a ouvia, e a tocava (quando trocávamos um aperto de mãos pela manhã e à noite), como eu nunca vira, ouvira e tocara nenhuma outra mulher em minha vida? Eu deveria ter examinado o meu próprio coração, e descoberto esse novo broto nele surgindo, e o arrancado enquanto ainda era tenro. Por que era esse mais fácil e simples dos trabalhos de autocultura sempre demasiado para mim? A explicação já foi escrita nas três palavras, que eram demasiadas, e demasiadamente claras, de minha confissão. Eu a amava.

Os dias transcorriam, as semanas transcorriam; se aproximava o terceiro mês de minha permanência em Cumberland. A deliciosa monotonia da vida em nossa tranquila reclusão passava por mim como um remanso com um nadador que desliza acompanhando a corrente. Toda a lembrança do passado, todos os pensamentos sobre o futuro, toda a sensação da falsidade e da desesperança de minha própria posição, jaziam silenciados em meu íntimo em uma inação enganosa. Embalado pelo Canto de Sereia que o meu próprio coração cantava para mim, com os olhos cerrados para toda visão, e os ouvidos fechados contra todos os sinais de perigo, eu ia à deriva, cada vez mais próximo das rochas fatais. O aviso que finalmente me despertou e me

arremessou em uma súbita e autoacusadora consciência de minha própria fraqueza, foi o mais simples, o mais verdadeiro e o mais gentil de todos os avisos, pois ele surgiu silenciosamente da parte *dela*.

Nós havíamos nos despedido uma noite, como sempre. Nenhuma palavra passara por meus lábios naquele momento, ou em qualquer momento anterior a ele, que pudesse me trair, ou a levasse a um conhecimento repentino da verdade. Porém, quando nos encontramos novamente de manhã, uma mudança havia acontecido com ela — uma mudança que me disse tudo.

A mim me repugnava, então — e ainda me repugna —, invadir o mais recôndito santuário do coração dela, e deixá-lo exposto a outrem, assim como eu expusera o meu próprio. Que seja suficiente dizer que o momento em que ela pela primeira vez surpreendeu o meu segredo foi, eu creio piamente, o momento em que ela pela primeira vez surpreendeu o seu segredo, e o momento também em que o comportamento dela em relação a mim se alterou no espaço de uma noite. A natureza dela, muito honesta para enganar outrem, era nobre demais para enganar a si mesma. Quando a dúvida que eu havia silenciado pela primeira vez lançou o seu penoso fardo sobre o coração dela, a face honesta tudo confessou, e disse, em sua linguagem franca e simples — eu lamento por ele; eu lamento por mim mesma.

Ela disse isso, e mais coisas, que eu não tinha condições de interpretar então. Eu compreendi bem demais a alteração em seus modos, de uma maior gentileza e prontidão para interpretar todos os meus desejos, antes de outros, a um constrangimento e uma tristeza, e uma ansiedade nervosa para se entreter na primeira atividade de que ela pudesse lançar mão, sempre que acontecesse de nós ficarmos juntos sozinhos. Eu compreendia por que os lábios meigos e sensíveis sorriam tão raramente e tão contidos agora, e por que os olhos azuis claros e límpidos me olhavam, às vezes com a piedade de um anjo, às vezes com a inocente perplexidade de uma criança. Porém, a alteração significava mais do que isso. Havia uma frieza em suas mãos, havia uma rigidez pouco natural em seu rosto, havia em todos os seus movimentos a expressão silenciosa de um temor constante e de uma autocensura permanente. As sensações que eu conseguia remontar a ela e a mim, as sensações não admitidas de que nós compartilhávamos, não eram essas. Havia certos elementos da alteração nela que ainda estavam, em segredo, nos aproximando, e outros que estavam igualmente em segredo, começando a nos afastar.

Em minha dúvida e perplexidade, em minha vaga suspeita de algo oculto que eu haveria de descobrir por meio de meus próprios esforços desassistidos, eu examinei os olhares e os modos da Srta. Halcombe procurando esclarecimento. Vivendo em tamanha intimidade como a nossa, nenhuma alteração séria poderia acontecer em algum de nós que não afetasse

igualmente os demais. A alteração na Srta. Fairlie se refletiu em sua meia-irmã. Embora não passasse pelos lábios da Srta. Halcombe nem uma palavra que sugerisse um sentimento alterado em relação a mim, os seus olhos penetrantes haviam adquirido um novo hábito de sempre me vigiar. Às vezes, o olhar se parecia com o de uma raiva reprimida; às vezes, com o de um temor reprimido; às vezes, com nenhum dos dois — com nada, resumindo, que eu fosse capaz de entender. Uma semana se passou, deixando-nos ainda nessa posição de secreto constrangimento em relação ao outro. Minha situação, complicada pela percepção de minha própria e infeliz fraqueza e de eu ter me esquecido de minha posição, e que fora despertada com tanto atraso em mim, estava se tornando intolerável. Eu sentia que precisa me livrar da opressão sob a qual estava vivendo, de uma vez e para sempre — no entanto, como agir de modo melhor, ou o que dizer em primeiro lugar, era mais do que eu seria capaz de dizer.

Dessa sensação de impotência e de humilhação, eu fui resgatado pela Srta. Halcombe. Seus lábios me disseram a amarga, necessária e inesperada verdade; sua gentileza calorosa me amparou sob o choque de ouvir tais palavras; a sua percepção e coragem direcionaram ao seu devido uso um acontecimento que pressagiava o pior que poderia acontecer, comigo e com as demais pessoas, na Mansão de Limmeridge.

X

Foi em uma quinta-feira, e quase no fim do terceiro mês de minha permanência em Cumberland.

De manhã, quando descí para a sala do café da manhã, na hora costumeira, a Srta. Halcombe, pela primeira vez desde que eu a conhecera, estava ausente de seu habitual lugar à mesa.

A Srta. Fairlie estava lá fora, no gramado. Ela me cumprimentou com uma mesura, mas não entrou. Nem uma palavra passara pelos meus lábios, ou pelos dela, que pudesse perturbar um de nós — e, ainda assim, a mesma sensação inconfessada de constrangimento fazia com que nós dois evitássemos igualmente nos encontrar sozinhos. Ela esperou no gramado; e eu esperei na sala do café da manhã até que a Sra. Vesey ou a Srta. Halcombe entrassem. Quão rapidamente eu teria ido ficar ao lado dela; quão prontamente nós teríamos trocado um aperto de mãos, e começado a nossa habitual conversa, apenas uma quinzena antes!

Em poucos minutos, a Srta. Halcombe entrou. Ela estava com uma aparência preocupada, e pediu desculpas por estar atrasada, com modos um tanto distraídos.

— Eu fui detida — disse ela — por uma conversa com o Sr. Fairlie sobre

um assunto doméstico que ele desejava discutir comigo.

A Srta. Fairlie entrou vindo do jardim; e o costureiro cumprimento matutino foi trocado entre nós. A mão dela tocou a minha, mais fria do que nunca. Ela não me olhou, e estava bastante pálida. Até a Sra. Vesey observou o fato, ao entrar na sala uns instantes depois.

— Suponho que seja a mudança do vento — disse a velha senhora. — O inverno está chegando... ah, minha cara, o inverno está chegando, e logo!

No coração dela, e no meu, ele já havia chegado!

Nossa refeição matutina — outrora tão repleta de conversas bem-humoradas sobre os planos para o dia — foi breve e silenciosa. A Srta. Fairlie parecia sentir a opressão das longas pausas na conversa; e olhava, suplicante, para que a irmã as preenchesse. A Srta. Halcombe, depois de hesitar uma ou duas vezes e de se conter, de um modo bastante atípico, finalmente falou.

— Estive com o seu tio hoje de manhã, Laura — disse ela. — Ele acha que os aposentos cor de púrpura são os que devem ser aprontados; e ele confirma o que eu disse para você. Segunda-feira é o dia; não terça-feira.

Enquanto essas palavras estavam sendo ditas, a Srta. Fairlie olhava para a mesa à sua frente. Os seus dedos se moviam, nervosos, entre as migalhas espalhadas sobre o tecido. A palidez em suas faces passou para os lábios, e os próprios lábios tremiam visivelmente. Eu não fui a única pessoa presente a perceber isso. A Srta. Halcombe também percebeu; e na mesma hora deu-nos o exemplo se levantando da mesa.

A Sra. Vesey e a Srta. Fairlie saíram juntas da sala. Os olhos azuis gentis e pesarosos me olharam, por um instante, com a presciente tristeza de uma despedida longa e vinda. Eu senti o golpe correspondente em meu próprio coração — o golpe que me disse que eu teria de perdê-la, e logo, e amar com constância ainda maior devido à perda.

Eu me virei para o jardim, quando a porta havia se fechado às costas da Srta. Fairlie. A Srta. Halcombe estava parada com o chapéu nas mãos, e o xale no braço, perto da grande janela que conduzia ao jardim, e me olhava com muita atenção.

— O senhor tem algum tempo livre — ela perguntou — antes de começar a trabalhar em seus aposentos?

— Certamente, Srta. Halcombe. Sempre tenho tempo ao seu dispor.

— Gostaria de conversar com o senhor em particular, Sr. Hartright. Pegue o seu chapéu, e vá para o jardim. Dificilmente seremos perturbados ali, a estas horas da manhã.

Quando saímos para o gramado, um dos auxiliares de jardineiro — um mero rapaz — passou por nós a caminho da casa, com uma carta na mão. A

Srta. Halcombe o deteve.

— Essa carta é para mim? — ela perguntou.

— Não, senhorita; acabaram de dizer que é para a Srta. Fairlie — respondeu o rapaz, estendendo a carta enquanto falava.

A Srta. Halcombe a pegou da mão dele, e olhou o endereço.

— Uma caligrafia desconhecida — disse ela consigo mesma. — Quem poderá ser o correspondente de Laura? Onde você a encontrou? — ela prosseguiu, se dirigindo ao jardineiro.

— Bem, senhorita — disse o rapaz —, acabei de receber de uma mulher.

— Qual mulher?

— Uma mulher já com bastante idade.

— Ah, uma mulher idosa. Alguém que você conheça?

— Num dá pr'eu dizer que ela num era uma desconhecida pra mim.

— E para que lado ela foi?

— Aquele portão — disse o auxiliar de jardineiro, se voltando com grande deliberação na direção sul, e abrangendo toda aquela extensão da Inglaterra com um amplo gesto do braço.

— Estranho — disse a Srta. Halcombe —, suponho que deva ser uma carta pedindo ajuda financeira. Olhe — ela acrescentou, devolvendo a carta ao rapaz —, leve-a para a casa e dê-a a uma das empregadas. E agora, Sr. Hartright, se o senhor não se opõe, vamos caminhar por aqui.

Ela me conduziu pelo gramado, ao longo do mesmo caminho no qual eu a havia acompanhado no dia seguinte à minha chegada à Mansão de Limmeridge. Na pequena casa de verão, na qual Laura Fairlie e eu havíamos nos visto pela primeira vez, ela parou, e quebrou o silêncio que havia mantido com firmeza enquanto caminhávamos juntos.

— O que eu tenho a dizer para o senhor, posso dizer aqui.

Com essas palavras, ela entrou na casa de verão, sentou-se em uma das cadeiras colocadas ao redor da mesinha redonda e fez sinal para que eu me sentasse na outra. Eu tinha suspeitado o que viria em seguida quando ela falou comigo na sala do café da manhã; eu tive certeza naquele momento.

— Sr. Hartright — disse ela —, eu vou começar dizendo algo com muita sinceridade para o senhor. Eu vou dizer sem figuras de linguagem, que detesto; e sem fazer elogios, que desprezo profundamente, que, durante a sua permanência nesta casa, passei a sentir um apreço muito grande pelo senhor. Eu estava predisposta ao seu favor quando o senhor me contou pela primeira vez sobre a sua conduta para com a infeliz mulher que o senhor encontrou em circunstâncias tão notáveis. O modo como o senhor lidou com a situação pode não ter sido prudente; mas, mostrou o autocontrole, a delicadeza e a

compaixão de um homem que é, por natureza, um cavalheiro. Isso me fez esperar boas coisas de sua parte; e o senhor não desapontou as minhas expectativas.

Ela fez uma pausa — porém, ergueu a mão ao mesmo tempo, como sinal de que não esperava, de minha parte, uma resposta antes de ela continuar. Quando eu entrei na casa de verão, sequer pensava na mulher de branco. Porém, naquele momento, as palavras de Srta. Halcombe haviam trazido a lembrança de minha aventura à minha mente. Ela lá permaneceu, durante a conversa — permaneceu, e não sem resultados.

— Como sua amiga — ela prosseguiu —, eu vou lhe dizer, imediatamente, em minha linguagem simples, contundente e direta, que descobri o seu segredo... Sem ajuda ou sugestão, veja bem, de ninguém mais. Sr. Hartright, de modo impensado, o senhor se permitiu criar uma afeição, uma afeição séria e devotada, eu receio, por minha irmã, Laura. Não vou levá-lo a fazer uma penosa confissão, com todas as palavras, porque eu vejo e sei que o senhor é honesto demais para negar o fato. Eu nem culpo o senhor... Eu lamento o senhor por ter aberto o coração a uma afeição sem esperanças. O senhor não tentou tirar nenhuma vantagem às ocultas... não falou com a minha irmã em segredo. O senhor é culpado de fraqueza e de falta de atenção para com os seus melhores interesses, mas nada pior. Se o senhor houvesse agido, em qualquer aspecto, com menos delicadeza e menor modéstia, eu teria dito ao senhor que abandonasse esta casa, sem hesitar um instante, ou sem perder um instante consultando alguém. Assim como as coisas estão, eu culpo a fatalidade de sua posição e de sua idade, não culpo *o senhor*. Vamos trocar um aperto de mãos... Eu lhe causei dor; eu vou causar uma ainda maior; mas, não há o que fazer a esse respeito... Troque um aperto de mãos com a sua amiga, Marian Halcombe, em primeiro lugar.

A súbita gentileza — a simpatia calorosa, magnânima e destemida que vinha ao meu encontro em tais termos de misericordiosa igualdade, que falava com uma franqueza delicada e generosa diretamente ao meu coração, à minha honra, e à minha coragem, tomou conta de mim em um instante. Eu tentei olhá-la, quando ela pegou a minha mão, mas os meus olhos estavam embaçados. Eu tentei agradecer-lhe, mas minha voz me faltou.

— Ouça-me — disse ela, respeitosamente evitando mostrar ter percebido a minha falta de autocontrole. — Ouça-me, e vamos acabar logo com isso. É um grande e verdadeiro alívio, para mim, não ser obrigada, no que tenho a dizer agora, a entrar na questão, uma questão dura e cruel, como eu a considero, das desigualdades sociais. As circunstâncias que vão ferir *o senhor* profundamente *me* poupam a descortês necessidade de afligir um homem que tem vivido em uma intimidade amistosa sob o mesmo teto que eu com uma

referência humilhante a questões de classe e de posição social. O senhor tem de partir da Mansão de Limmeridge, Sr. Hartright, antes que maior mal seja causado. É o meu dever dizer isso para o senhor; e seria igualmente o meu dever dizer, sob a mesma necessidade imperiosa, se o senhor fosse um representante da mais antiga e rica família na Inglaterra. O senhor tem de nos deixar, não porque o senhor é um professor de desenho...

Ela aguardou um momento; olhou-me intensamente e, estendendo o braço sobre a mesa, colocou com firmeza a mão em meu braço.

— Não porque o senhor é um professor de desenho... — ela repetiu — mas sim, porque Laura Fairlie está prometida em casamento.

A última palavra penetrou como uma bala em meu coração. O meu braço perdeu toda a sensação da mão que o segurava. Eu nada fiz, e nada falei. A brisa outonal que dispersava as folhas mortas aos nossos pés pareceu-me tão fria, de repente, como se as minhas próprias esperanças insanas fossem também elas folhas mortas, arrastadas pelo vento, assim como o resto. Esperanças! Prometida, ou não prometida, ela estava igualmente distante de *mim*. Algum outro homem teria se lembrado disso em meu lugar? Não se ele a tivesse amado como eu.

O golpe perdeu a força; e nada permaneceu além da sua dor indistinta e entorpecedora. Senti a mão da Srta. Halcombe novamente, apertando com mais força o meu braço — eu ergui a cabeça, e olhei para ela. Seus grandes olhos negros estavam fixos em mim, observando o meu rosto se alterar e ficar pálido, algo que eu sentia e ela percebia.

— Erradique esse sentimento! — disse ela. — Aqui, onde o senhor a viu pela primeira vez, o erradique! Não se deixe abater por ele como uma mulher. Arranque-o pela raiz; o pisoteie como um homem!

A veemência contida com que ela falou; a força que a sua vontade — concentrada no olhar que ela mantinha fixo em mim e na pressão em meu braço, que ela ainda não havia soltado — comunicava à minha, me estabilizou. Ambos aguardamos, por um minuto, em silêncio. Decorrido esse tempo, eu havia justificado sua generosa fé em minha virilidade; eu havia, pelo menos exteriormente, recobrado meu autocontrole.

— O senhor já recuperou o equilíbrio?

— O suficiente, Srta. Halcombe, para pedir o seu perdão, e o dela. O suficiente, para ser guiado por seu conselho, e provar a minha gratidão desse modo, se não puder prová-la de nenhum outro.

— O senhor já a provou — ela respondeu — com essas palavras. Sr. Hartright, não há mais subterfúgios entre nós. Não posso ambicionar esconder do *senhor* o que minha irmã, inconscientemente, mostrou para *mim*. O senhor tem de nos deixar por causa dela, bem como por sua própria causa. Sua

presença aqui, a sua necessária intimidade conosco, inofensiva como ela tem sido, Deus bem o sabe, em todos os outros aspectos, desequilibrou Laura e a deixou infeliz. Eu, que a amo mais que a minha própria vida... Eu, que aprendi a acreditar naquela natureza pura, nobre e inocente assim como acredito em minha religião... conheço bem demais o secreto sofrimento de autocensura que ela tem sofrido desde que a primeira sombra de um sentimento desleal para com o seu compromisso de casamento entrou em seu coração, contra a vontade dela. Não estou dizendo... seria inútil tentar dizê-lo, depois do que aconteceu... que o compromisso dela algum dia tenha desempenhado uma parte muito grande nos afetos dela. É um compromisso de honra, não de amor; o pai dela o sancionou em seu leito de morte, há dois anos; ela própria não ficou feliz com ele, tampouco sentiu repulsa... Ela se sentiu feliz por cumpri-lo. Até o senhor vir para cá, ela se encontrava na posição de centenas de outras mulheres, que se casam com homens sem que estejam fortemente atraídas por eles, ou sintam grande repugnância por eles, e que aprendem a amá-los (quando não aprendem a odiá-los!) após o casamento, e não antes. Eu espero, com maior sinceridade do que as palavras são capazes de expressar, e o senhor deve ter a coragem abnegada de esperar também, que os novos pensamentos e sentimentos que perturbaram a antiga calma e o antigo contentamento não tenham criado raízes fundas demais para que não possam ser removidos. A sua ausência (se eu tivesse uma crença menor em sua honra, e em sua coragem, e em seu bom senso, eu não confiaria neles como estou confiando agora), a sua ausência irá ajudar os meus esforços; e o tempo irá ajudar a nós três. É bom saber que a minha confiança inicial no senhor não foi de modo algum injustificada. É bom saber que o senhor não será menos honesto, menos viril, menos delicado com a aluna cuja relação com o senhor o senhor teve a infelicidade de esquecer, do que com a desconhecida e proscrita cujo apelo ao senhor não foi feito em vão.

Uma vez mais, a referência casual à mulher de branco! Não haveria possibilidade de falar da Srta. Fairlie, e de mim, sem despertar as lembranças de Anne Catherick, e introduzi-la entre nós como uma fatalidade que era infundado evitar?

— Diga-me qual justificativa posso apresentar ao Sr. Fairlie por desonrar o meu compromisso — eu disse. — Diga-me quando partir depois de a justificativa ter sido aceita. Prometo obediência implícita à senhorita e aos seus conselhos.

— O tempo é, de todos os modos, importante — ela respondeu. — O senhor me ouviu mencionar, agora de manhã, a próxima segunda-feira, e a necessidade de colocar em ordem os aposentos cor de púrpura. O visitante que estamos esperando na segunda-feira...

Eu não poderia esperar que ela fosse mais explícita. Sabendo o que eu sabia então, a recordação dos modos e da aparência da Srta. Fairlie à mesa do café da manhã me informou que o visitante aguardado na Mansão de Limmeridge era o seu futuro marido. Tentei afastar o pensamento; porém, algo se avolumou em meu íntimo, naquele momento, que era mais forte que minha vontade, e interrompi a Srta. Halcombe.

— Deixe-me ir embora hoje — eu disse, com amargura. — Quanto mais cedo, melhor.

— Não, não hoje — ela respondeu. — A única razão que o senhor pode oferecer ao Sr. Fairlie para a sua partida, antes do fim de seu compromisso, tem de ser uma necessidade imprevista que força o senhor a pedir a permissão dele para retornar imediatamente a Londres. O senhor precisa esperar até amanhã para lhe dizer isso, quando o correio chegar, porque então ele vai entender a alteração súbita nos seus planos, associando-a à chegada de uma carta de Londres. É degradante e doentio recorrer a um estratagema, mesmo do tipo mais inócuo; porém, eu conheço o Sr. Fairlie, e uma vez tendo suscitado as suspeitas dele de que o senhor o está enganando, ele se recusará a liberá-lo. Fale com ele na manhã de sexta-feira; se ocupe doravante (por causa de seus interesses pessoais em relação ao seu empregador) em deixar o trabalho por terminar o mais organizado possível; e vá embora daqui sábado. Será tempo suficiente, então, Sr. Hartright, para o senhor e para nós todos.

Antes que eu pudesse lhe garantir que ela poderia contar com o fato de eu agir estritamente segundo os desejos dela, nós fomos sobressaltados por passos que se aproximavam no jardim de arbustos. Alguém estava vindo da casa, à nossa procura! Eu senti o sangue subindo às minhas faces, e então as abandonando de novo. Poderia a terceira pessoa que se aproximava de nós com tanta rapidez, em tal hora e em tais circunstâncias, ser a Srta. Fairlie?

Foi um alívio — a minha posição em relação a ela já tendo se alterado tão desesperançada e tristemente — foi um alívio imenso para mim, quando a pessoa que nos perturbara apareceu na entrada da casa de verão, e revelou ser apenas a camareira da Srta. Fairlie.

— Eu poderia falar com a senhorita um instante? — perguntou a menina, com modos bastante ansiosos e agitados.

A Srta. Halcombe desceu os degraus na direção do jardim de arbustos, e se afastou alguns passos com a empregada.

Deixado sozinho, a minha mente se voltou, com uma sensação de infelicidade desvalida que nenhuma palavra de que eu possa lançar mão é capaz de descrever, ao meu retorno próximo à solidão e ao desespero de minha solitária morada em Londres. Pensamentos voltados à minha amável e idosa mãe e à minha irmã, que havia se rejubilado com ela com tanta

inocência com as minhas perspectivas em Cumberland — pensamentos cuja longa ausência de meu coração eu agora percebia com vergonha e com reprimendas, pela primeira vez — voltaram para mim com a amorosa censura de velhos e negligenciados amigos. Minha mãe e minha irmã, o que elas sentiriam quando eu retornasse para perto delas, com o meu compromisso rompido, com a confissão de meu triste segredo — elas, que haviam se despedido de mim com tantas esperanças naquela última noite de alegria no chalé de Hampstead!

Anne Catherick de novo! Até a lembrança daquela noite de despedida com a minha mãe e a minha irmã não poderia me ocorrer então sem estar conectada com aquela outra lembrança da caminhada de volta a Londres à luz do luar. O que isso significava? Iríamos, eu e a mulher de branco, nos encontrar uma vez mais? Era possível, pelo menos. Ela sabia que eu morava em Londres? Sim; eu lhe havia dito, ou então depois daquela estranha pergunta, quando ela me perguntara, tão cheia de desconfiança, se eu conhecia muitos homens com o título de Barone. Ou antes, ou depois — a minha mente não estava então calma o suficiente para me lembrar quando.

Uns poucos minutos se passaram antes que a Srta. Halcombe mandasse a empregada embora e voltasse para perto de mim. Ela também parecia ansiosa e agitada então.

— Nós já vimos tudo que é necessário, Sr. Hartright — ela disse. — Nós já nos entendemos, como amigos se entendem; e podemos voltar imediatamente para a casa. Para dizer a verdade, estou preocupada com Laura. Ela mandou a empregada me dizer que ela quer me ver agora mesmo; e a empregada disse que a sua patroa está, aparentemente, muito agitada por causa de uma carta que ela recebeu hoje de manhã; a mesma carta, sem dúvida, que eu mandei levar para a casa antes de virmos para cá.

Nós voltamos juntos rapidamente ao longo do jardim de arbustos. Embora a Srta. Halcombe tivesse terminado tudo que ela julgava necessário dizer, eu ainda não havia terminado tudo que eu queria dizer de minha parte. A partir do momento em que descobri que o visitante esperado na Mansão de Limmeridge era o futuro marido da Srta. Fairlie, eu senti uma curiosidade amarga, uma ansiedade invejosa e abrasadora, para saber quem era ele. Era possível que uma oportunidade futura para fazer a pergunta não aparecesse com facilidade; então, eu me arrisquei a fazê-la enquanto estávamos a caminho da casa.

— Agora que a senhorita foi gentil o suficiente para me dizer que nós nos entendemos, Srta. Halcombe — eu disse —, agora que a senhorita tem a certeza da minha gratidão por sua paciência, e de minha obediência aos seus desejos, posso ousar perguntar quem... (hesitei; eu havia me forçado a pensar

nele, mas ainda era difícil falar sobre ele como o marido prometido dela) quem é o cavalheiro com quem a Srta. Fairlie está comprometida?

Os pensamentos dela evidentemente estavam ocupados com a mensagem que ela recebera da irmã. Ela respondeu de modo apressado e distraído:

— Um cavalheiro dono de grande propriedade, em Hampshire.

Hampshire! O local onde Anne Catherick nascera. De novo, e uma vez mais, a mulher de branco. *Havia* uma fatalidade nessa circunstância.

— E o nome dele? — perguntei, com tanta tranquilidade e indiferença quanto fui capaz.

— Sir Percival Glyde.

Sir... Sir Percival! A pergunta de Anne Catherick — aquela pergunta suspeitosa acerca de homens com o título de Baronete que eu pudesse conhecer — mal havia sido afastada de minha mente pela resposta que me fora dada pela Srta. Halcombe na casa de verão, quando foi relembrada de novo pela resposta dela. Eu parei de repente, e olhei para ela.

— Sir Percival Glyde — ela repetiu, imaginando que eu não havia ouvido sua resposta anterior.

— Cavaleiro, ou Baronete? — perguntei, com uma agitação que não era mais capaz de ocultar.

Ela fez uma pausa momentânea, e então respondeu, com bastante frieza:

XI

NENHUMA palavra mais foi dita, de ambas as partes, enquanto voltávamos para a casa. A Srta. Halcombe foi imediatamente ao quarto da irmã; e eu me retirei para a minha saleta particular para colocar em ordem todos os desenhos do Sr. Fairlie que eu ainda não montara e restaurara, antes de colocá-los aos cuidados de outras mãos. Pensamentos que até então eu havia reprimido, pensamentos que tornavam a minha posição ainda mais difícil de tolerar, se avolumavam em minha cabeça enquanto eu estava sozinho.

Ela estava prometida em casamento; e o seu futuro marido era Sir Percival Glyde. Um homem com título de baronete, e dono de uma propriedade em Hampshire.

Havia centenas de baronetes na Inglaterra, e dúzias de proprietários de terras em Hampshire. A julgar pelas regras comuns de evidência, eu não tinha a sombra de um motivo, até aquele momento, para ligar Sir Percival Glyde às suspeitosas perguntas que me haviam sido feitas pela mulher de branco. E, no entanto, eu as ligava a ele. Seria porque ele havia então se associado, em minha mente, à Srta. Fairlie; a Srta. Fairlie, por sua vez, estando associada a Anne Catherick, desde a noite em que eu havia percebido a aziaga semelhança entre elas? Impossível dizer. Eu só era capaz de sentir que o que havia se passado entre mim e a Srta. Halcombe, enquanto vínhamos da casa de verão, havia me afetado de modo estranho. O pressentimento de algum perigo indetectável jazendo escondido de todos nós nas sombras do futuro era forte em meu íntimo. A dúvida — se eu já não estaria ligado a uma cadeia de acontecimentos que até mesmo a minha partida iminente de Cumberland não teria o poder de romper — a dúvida se qualquer um de nós via o fim assim como o fim realmente seria — tomava cores cada vez mais sombrias em minha mente. Pungente como era, a sensação de sofrimento causada pelo triste fim de meu amor breve e pretensioso parecia estar embotada e amortecida pela sensação ainda mais forte de algo obscuramente iminente, algo indistintamente ameaçador, que o Tempo estava mantendo acima de nossas cabeças.

Eu estivera ocupado com os desenhos por pouco mais de meia hora, quando bateram à porta. Ela se abriu, quando respondi; e, para minha surpresa, a Srta. Halcombe entrou no aposento.

Seus modos estavam irritadiços e agitados. Ela pegou uma cadeira, antes que eu pudesse lhe oferecer uma; e sentou-se, perto de mim.

— Sr. Hartright — disse ela —, eu tinha esperado que todos os assuntos

dolorosos da conversa tivessem se esgotado entre nós, pelo menos para o dia de hoje. Porém, as coisas não são bem assim. Há certa vileza sub-reptícia agindo para assustar a minha irmã em relação ao seu casamento vindouro. O senhor me viu mandar o jardineiro para a casa, com uma carta endereçada, com uma caligrafia desconhecida, para a Srta. Fairlie?

— Claro que sim.

— A carta é uma carta anônima; uma torpe tentativa de depreciar Sir Percival Glyde na estima de minha irmã. A carta a agitou e a assustou tanto, que eu tive a maior dificuldade imaginável para acalmar o seu estado de espírito o suficiente para permitir que eu saísse do quarto dela e viesse aqui. Sei que este é um assunto familiar sobre o qual eu não deveria consultar o senhor, e sobre o qual o senhor não sente preocupação ou interesse...

— Peço-lhe desculpas, Srta. Halcombe. Eu sinto a maior preocupação e o maior interesse possíveis por qualquer coisa que afete a felicidade da Srta. Fairlie, ou a sua.

— Fico feliz ao ouvi-lo dizendo isso. O senhor é a única pessoa nesta casa, ou fora dela, que pode me aconselhar. O Sr. Fairlie, em seu estado de saúde e com o horror que ele sente pelas dificuldades e mistérios de todos os tipos, não deve ser levado em conta. O clérigo é um homem bom e fraco, que nada sabe fora da rotina de seus deveres; e os nossos vizinhos são apenas o tipo de conhecidos tranquilos e enfadonhos, a quem não se pode perturbar em épocas de dificuldades e de perigo. O que eu gostaria de saber é o seguinte: eu devo, imediatamente, tomar as medidas que estejam ao meu alcance para descobrir o autor da carta? Ou devo esperar, e recorrer ao conselheiro legal do Sr. Fairlie amanhã? É uma questão, talvez importante, de ganhar ou de perder um dia. Diga-me o que o senhor pensa, Sr. Hartright. Se a necessidade já não me houvesse impellido a entrar em confidências com o senhor em circunstâncias tão delicadas, nem a minha situação de desamparo talvez fosse uma justificativa para mim. Porém, assim como as coisas são, eu não posso estar realmente equivocada, após tudo que se passou entre nós, ao esquecer que o senhor é apenas um amigo de três meses de convivência.

Ela me entregou a carta. Esta começava de modo abrupto, sem qualquer forma introdutória de saudação, como segue:

“A senhorita acredita em sonhos? Eu espero, para o seu próprio bem, que sim. Veja o que as Escrituras dizem a respeito de sonhos e de sua interpretação (Gênesis 40,8 e 41,25; Daniel 4,18-25), e aceite o aviso que eu lhe dou antes que seja tarde demais.

“A noite passada, sonhei com a senhorita, Srta. Fairlie. Sonhei que eu estava em pé na parte de dentro do gradil do altar de uma igreja: eu de um

lado do altar, e o clérigo, com a sua sobrepeliz e o seu livro de orações, no outro.

“Depois de certo tempo, caminharam na nossa direção, pelo corredor da igreja, um homem e uma mulher, que vinham para se casar. A senhorita era a mulher. A senhorita estava tão bela, e tão inocente em seu lindo vestido de seda branca e seu longo véu de renda branca, que o meu coração se compadeceu da senhorita, e as lágrimas vieram aos meus olhos.

“Elas eram lágrimas de piedade, senhorita, que o céu abençoa; e em vez de cair dos meus olhos assim como as lágrimas corriqueiras que todos nós vertemos, elas se transformaram em dois raios de luz que foram obliquamente cada vez mais perto do homem parado no altar junto com a senhorita, até tocarem o peito dele. Os dois raios se espalharam em arcos como dois arco-íris, entre mim e ele. Eu olhei através deles; e vi no mais profundo da alma dele.

“O exterior do homem com quem a senhorita estava se casando era muito bonito de se olhar. Ele não era nem alto, nem baixo — ele era um pouquinho abaixo da estatura média. Um homem delicado, ativo e intrépido — com uns quarenta e cinco anos de idade, na aparência. Ele tinha um rosto pálido, e era careca perto das têmporas, mas tinha cabelos escuros no resto da cabeça. Sua barba havia sido escanhoada no queixo, mas pôde crescer, em um castanho muito bonito, nas faces e no lábio superior. Os olhos dele eram castanhos também, e muito luminosos; o nariz reto e bonito e delicado o suficiente para ter sido o de uma mulher. As mãos, a mesma coisa. Ele era incomodado de vez em quando por uma tosse seca e breve; e quando ele levava a mão direita à boca, mostrava a cicatriz de um velho ferimento no dorso da mão. Eu sonhei com o homem correto? A senhorita sabe melhor que eu, Srta. Fairlie; e a senhorita pode dizer se me enganei ou não. Leia, em seguida, o que eu vi além da aparência exterior — eu suplico, leia e faça bom proveito.

“Eu olhei através dos dois raios de luz; e vi no mais profundo da alma dele. Ela era negra como a noite; e nela estava escrito, nas letras rubras flamejantes que são a caligrafia do anjo caído: “Sem piedade e sem remorso. Ele semeou com infelicidade os caminhos de outras pessoas, e ele irá viver para semear com infelicidade o caminho dessa mulher que está ao seu lado.” Eu li isso; e então os raios de luz se viraram e apontaram por sobre o ombro dele; e lá, atrás dele, estava parado um espírito maligno, rindo. E os raios de luz se viraram uma vez mais, e apontaram por sobre o seu ombro; e lá, atrás da senhorita, havia um anjo chorando. E os raios de luz se viraram pela terceira vez, e apontaram exatamente entre a senhorita e esse homem. Eles se ampliaram e se ampliaram, separando com força vocês dois. E o clérigo procurou em vão pelo serviço matrimonial: ele havia desaparecido do livro, e

ele fechou as páginas, e o afastou de si, desesperado. E acordei com os olhos cheios de lágrimas, e o coração palpitando — porque *eu* acredito em sonhos.

“Acredite também, Srta. Fairlie — eu imploro, para o seu próprio bem, acredite como eu. José e Daniel, e outros nas Escrituras, acreditaram em sonhos. Faça perguntas sobre a vida pregressa desse homem com a cicatriz na mão, antes de dizer as palavras que vão fazer da senhorita a esposa infeliz dele. Eu não dou este aviso por minha causa, mas pela sua. Eu sinto um interesse por seu bem-estar que há de viver enquanto eu respirar. A filha de sua mãe tem um lugar reservado em meus afetos, pois a sua mãe foi a minha primeira, a minha melhor, e a minha única amiga.”

E aqui a extraordinária carta terminava, sem nenhum tipo de assinatura.

A caligrafia não oferecia a menor indicação sobre o autor. Ela havia sido escrita em linhas traçadas, com o tipo de caligrafia espremida e convencional de livros de exercícios que tem o nome técnico de “condensada”. Ela era fraca e apagada, e desfigurada por manchas, mas, não tinha mais nada que a distinguisse.

— Esta não é uma carta de uma pessoa iletrada — disse a Srta. Halcombe —, e, ao mesmo tempo, com certeza é incoerente demais para ser a carta de uma pessoa educada que ocupa uma boa posição na vida. A referência ao vestido de noiva e ao véu, e outras pequenas expressões, parecem apontar para a carta como sendo da lavra de uma mulher. Qual é a sua opinião, Sr. Hartright?

— Também creio. Parece-me não apenas ser uma carta de uma mulher, mas de uma mulher cuja mente pode ser...

— Perturbada? — sugeriu a Srta. Halcombe. — Também me deu essa impressão.

Eu não respondi. Enquanto falava, os meus olhos se detiveram na última frase da carta: “A filha de sua mãe tem um lugar reservado em meus afetos, pois a sua mãe foi a minha primeira, a minha melhor, e a minha única amiga.” Essas palavras, e a dúvida que se me ocorrera quanto à sanidade da autora da carta, agindo de modo concomitante em minha mente, sugeriram uma ideia, que eu literalmente tinha medo de expressar com franqueza, ou até mesmo de encorajar em segredo. Eu comecei a duvidar se as minhas próprias capacidades não corriam o risco de perder o seu equilíbrio. Parecia quase uma monomania referir todas as coisas estranhas que aconteciam, todas as coisas inesperadas que eram ditas, sempre à mesma fonte oculta e à mesma influência sinistra. Eu me decidi, dessa vez, em defesa de minha própria coragem e de meu próprio bom-senso, a não chegar a uma decisão que os fatos não justificassem, e a dar as minhas costas, resoluto, a tudo que me

tentasse sob a forma de conjecturas.

— Se nós tivermos qualquer chance de encontrar a pessoa que escreveu isto — eu disse, devolvendo a carta à Srta. Halcombe —, não pode haver mal em aproveitar a oportunidade no momento em que ela se apresentar. Acho que devemos falar de novo com o jardineiro sobre a mulher idosa que lhe deu a carta, e então continuar com as nossas indagações no vilarejo. Porém, permita-me em primeiro lugar fazer uma pergunta. A senhorita acabou de mencionar a alternativa de conversar com o conselheiro legal do Sr. Fairlie amanhã. Não há possibilidade de se comunicar com ele antes? Por que não hoje?

— Só posso explicar — retrucou a Srta. Halcombe — entrando em certos detalhes relativos ao compromisso de casamento de minha irmã, que eu não considere necessário ou desejável mencionar ao senhor hoje de manhã. Um dos objetivos de Sir Percival Glyde ao vir aqui, na segunda-feira, é o de marcar a data do casamento dele, que até agora foi deixada por decidir. Ele está ansioso para que a cerimônia aconteça antes do fim do ano.

— A Srta. Fairlie tem ciência desse desejo? — perguntei, ansioso.

— Ela não tem a menor suspeita; e depois do acontecido, eu não assumirei a responsabilidade de informar-lhe. Sir Percival apenas mencionou as suas ideias ao Sr. Fairlie, que me disse estar pronto e ansioso, na qualidade de guardião de Laura, a dar seguimento a elas. Ele escreveu para Londres, para o representante legal da família, o Sr. Gilmore. O Sr. Gilmore, casualmente, está em Glasgow, a negócios; e ele respondeu propondo parar na Mansão de Limmeridge, a caminho da cidade. Ele irá chegar amanhã, e ficará conosco alguns dias, de modo a permitir que Sir Percival tenha tempo de apresentar os seus argumentos. Se ele for bem-sucedido, o Sr. Gilmore irá então voltar para Londres, levando as instruções para o pacto antenupcial da minha irmã. O senhor compreende agora, Sr. Hartright, por que eu falei sobre esperar para ter um conselho legal até amanhã? O Sr. Gilmore é o velho e experiente amigo de duas gerações dos Fairlie; e nós podemos confiar nele, assim como não poderíamos confiar em ninguém mais.

O pacto antenupcial! O simples fato de ouvir essas duas palavras me golpeou com um desespero ciumento que era um veneno para os meus melhores e mais elevados instintos. Eu comecei a pensar — é difícil confessar isto, mas não devo suprimir nada do começo ao fim da terrível história que agora estou comprometido a revelar — eu comecei a pensar, com uma odiosa ânsia esperançosa, nas vagas acusações contra Sir Percival Glyde que a carta anônima continha. E se essas acusações insanas se fundamentassem em uma base de verdade? E se a verdade delas pudesse ser provada antes que as fatais palavras de consentimento fossem pronunciadas, e o pacto antenupcial fosse

escrito? Eu tenho tentado pensar, desde então, que o sentimento que me impulsionava começava e terminava na pura devoção aos interesses da Srta. Fairlie. Porém, nunca consegui me ludibriar a acreditar nisso; e não devo agora tentar ludibriar outrem. O sentimento começou e terminou em um ódio temerário, vingativo e desesperançado do homem que iria se casar com ela.

— Se nós formos descobrir alguma coisa — eu disse, falando sob a nova influência que estava então me guiando —, seria melhor não deixar passar nem um só minuto. Só posso apontar, uma vez mais, a conveniência de questionar o jardineiro uma segunda vez, e de fazer perguntas no vilarejo logo em seguida.

— Acho que posso lhe ser útil em ambos os casos — disse a Srta. Halcombe, se levantando. — Vamos, Sr. Hartright, imediatamente, e façamos o melhor possível, juntos.

Eu estava com a mão na porta, para abri-la para a Srta. Halcombe — porém, me detive, de repente, para fazer uma importante pergunta antes que saíssemos.

— Um dos parágrafos da carta anônima — eu disse — contém algumas frases com uma descrição pessoal detalhada. O nome de Sir Percival Glyde não é mencionado, eu sei... Mas essa descrição corresponde a ele?

— Nos mínimos detalhes; até mesmo afirmando ser a idade dele quarenta e cinco anos...

Quarenta e cinco anos; e ela ainda não tinha vinte e um! Homens da idade dele se casavam com esposas da idade dela todos os dias; e a experiência havia mostrado que tais casamentos com frequência eram os mais felizes. Eu sabia disso — e, no entanto, até mesmo a menção da idade dele, quando a contrastei com a dela, aumentou o ódio cego e a desconfiança que eu sentia dele.

— Nos mínimos detalhes — prosseguiu a Srta. Halcombe —, até mesmo quanto à cicatriz de um ferimento que ele sofreu anos atrás, quando estava viajando pela Itália. Não pode haver dúvida de que cada detalhe de sua aparência pessoal é perfeitamente conhecido por quem escreveu a carta.

— Até mesmo a tosse que o incomoda é mencionada, se bem me lembro?

— Sim, e mencionada corretamente. Ele não dá importância ao assunto, embora às vezes deixe os amigos ansiosos por conta dele.

— Suponho que nenhum rumor tenha sido ouvido contra o caráter dele?

— Sr. Hartright! Espero que o senhor não seja injusto a ponto de permitir que essa carta infame o influencie?

Senti o sangue subir às minhas faces, pois eu sabia que ela *havia* me influenciado.

— Espero que não — respondi, confuso. — Talvez eu não tivesse o direito de fazer essa pergunta.

— Não lamento que o senhor a tenha feito — disse ela —, pois isso me permite fazer justiça à reputação de Sir Percival. Nem um sussurro, Sr. Hartright, jamais chegou ao meu conhecimento, ou de minha família, contra ele. Ele concorreu em duas eleições contestadas; e passou incólume pelo ordálio. Um homem que é capaz disso, na Inglaterra, é um homem cujo caráter está estabelecido.

Eu abri a porta para ela em silêncio, e a segui para fora. Ela não me havia convencido. Se o anjo com o tinteiro de escrivão tivesse descido dos céus para confirmar as palavras dela, e tivesse aberto o seu livro perante os meus olhos mortais, esse anjo não teria me convencido.

Nós encontramos o jardineiro trabalhando, como de costume. Todas as perguntas não foram capazes de extrair uma única resposta significativa da impenetrável estupidez do rapaz. A mulher que lhe havia dado a carta era uma mulher de idade; ela não lhe dissera uma única palavra; e ela havia ido embora na direção sul com muita pressa. Isso era tudo que o jardineiro tinha a nos dizer.

O vilarejo se localizava ao sul da propriedade. Então, para o vilarejo nós fomos em seguida.

XII

NOSSAS indagações em Limmeridge foram pacientemente feitas em todas as direções, e entre todos os tipos e classes de pessoas. Porém, nada obtivemos delas. Três dos habitantes certamente nos garantiram ter visto a mulher; mas, como eles não eram capazes de descrevê-la, e eram incapazes de entrar em acordo sobre a direção exata a que ela se dirigia quando a viram pela última vez, essas três luminosas exceções à regra geral da ignorância completa não forneceram maior auxílio para nós que a grande quantia de seus vizinhos improfícuos e imprecitados.

O rumo de nossas investigações inúteis levou-nos, com o decorrer do tempo, à extremidade do vilarejo, onde as escolas criadas pela Sra. Fairlie se situavam. Enquanto passávamos pela lateral do edifício designado para uso dos meninos, eu mencionei a conveniência de fazer umas últimas perguntas ao mestre-escola, que nós imaginávamos ser, por conta de sua profissão, o homem mais inteligente da localidade.

— Receio que o mestre-escola estivesse ocupado com os seus alunos — disse a Srta. Halcombe — exatamente no momento em que a mulher passou pelo vilarejo e tornou a voltar. Entretanto, podemos muito bem tentar.

Entramos na área em que as crianças brincavam, e passamos pela janela da escola para alcançar a porta, situada na parte traseira do edifício. Eu parei por uns instantes à janela e olhei para dentro.

O mestre-escola estava sentado à sua mesa alta, de costas para mim, aparentemente passando uma descompostura nos alunos, todos reunidos na frente dele, com uma exceção. A única exceção era um robusto menino de cabelos claros, postado distante de todos os demais em um banquinho no canto — um pequeno Crusoé desvalido em sua própria ilha deserta de solitária desonra penitente.

A porta, quando nos aproximamos dela, estava aberta, e a voz do mestre-escola chegou até nós com clareza, quando paramos por um minuto sob o pórtico.

— Muito bem, meninos — dizia a voz —, vejam bem o que estou dizendo. Se eu ouvir mais uma menção feita a fantasmas nesta escola, vai ser pior para todos vocês. Não existem fantasmas; e, portanto, qualquer menino que acreditar em fantasmas acredita naquilo que não pode existir de modo algum; e um menino que seja aluno da escola de Limmeridge, e acredite naquilo que não existe de modo algum, dá as costas à razão e à disciplina, e tem de ser punido de acordo. Vocês todos estão vendo Jacob Postlewhite em pé no banquinho, desonrado. Ele foi punido, não por ter dito que viu um fantasma a noite passada, mas por ser insolente demais e obstinado demais para dar ouvidos à razão; e porque ele insiste em dizer que viu o fantasma depois de eu lhe ter dito que fantasmas não existem. Se nada mais der resultado, pretendo fazer Jacob Postlewhite deixar de acreditar no fantasma com umas boas bengaladas, e se essa história se espalhar entre vocês, pretendo dar um passo adiante e fazer o fantasma desaparecer com umas boas bengaladas na escola inteira.

— Parece que escolhemos um momento inadequado para a nossa visita — disse a Srta. Halcombe, abrindo a porta quando o mestre-escola terminou a sua descompostura, e tomando a dianteira.

Nosso surgimento provocou uma viva sensação entre os meninos. Eles pareceram pensar que nós tínhamos vindo com o objetivo preciso de ver Jacob Postlewhite levando umas bengaladas.

— Vão para casa, todos vocês, para almoçar — disse o mestre-escola —, com exceção de Jacob. Jacob tem de ficar onde está; e o fantasma pode trazer o almoço dele, se o fantasma estiver com vontade.

A fortitude de Jacob o abandonou com o duplo desaparecimento de seus colegas de escola e de sua perspectiva de almoçar. Ele tirou as mãos dos bolsos e olhou fixamente os nós dos seus dedos, ergueu-os com grande deliberação aos olhos e, quando eles lá chegaram, esfregou-os várias vezes

devargar, acompanhando a ação com breves fungadelas, que se seguiam umas às outras em intervalos regulares — as breves artilharias nasais da angústia juvenil.

— Nós viemos fazer-lhe uma pergunta, Sr. Dempster — disse a Srta. Halcombe, se dirigindo ao mestre-escola —, e mal esperávamos encontrá-lo ocupado exorcizando um fantasma. O que isso tudo significa? O que aconteceu de verdade?

— Aquele menino perverso está apavorando a escola toda, Srta. Halcombe, dizendo ter visto um fantasma ontem à noite — respondeu o mestre-escola. — E ele ainda persiste com essa história absurda, apesar de todos os argumentos que eu usei.

— Uma coisa muito extraordinária — disse a Srta. Halcombe. — Eu não teria considerado possível que qualquer um dos meninos tivesse imaginação suficiente para ver um fantasma. Esse é um novo acréscimo à dura tarefa de formar as mentes jovens de Limmeridge, e sinceramente desejo que o senhor tenha êxito, Sr. Dempster. Entrementes, permita-me explicar por que o senhor me encontra aqui, e o que eu desejo.

Ela então fez a mesma pergunta para o mestre-escola, que nós já havíamos feito a praticamente todas as outras pessoas no vilarejo. Ela foi respondida com as mesmas palavras desencorajadoras. O Sr. Dempster não havia posto os olhos na desconhecida a quem nós procurávamos.

— Podemos voltar para a propriedade, Sr. Hartright — disse a Srta. Halcombe —; a informação que desejamos certamente não será obtida.

Ela havia feito uma mesura ao Sr. Dempster, e estava a ponto de sair da sala de aula quando a posição desvalida de Jacob Postlewhite, fungando lamentoso no banquinho da penitência, atraiu a atenção dela e a fez parar, bem-humorada, para dizer umas palavras ao pequeno prisioneiro antes de abrir a porta.

— Menininho tolo — disse ela —, por que você não pede desculpas ao Sr. Dempster, e para de falar sobre o fantasma?

— Ah!... mas eu vi a pantoalha — insistiu Jacob Postlewhite, com um ar de terror e um jorro de lágrimas.

— Mas que tolice! Você não viu nada disso! Fantasma, ora essa! Mas que tipo de fantasma...

— Peço-lhe desculpas, Srta. Halcombe — interferiu o mestre-escola, um bocadinho inquieto —, mas acho que seria melhor a senhorita não fazer perguntas ao menino. A insensatez obstinada dessa história vai além de toda a crença; e a senhorita poderia levá-lo a, inadvertidamente...

— Inadvertidamente, o quê? — perguntou a Srta. Halcombe, incisiva.

— Inadvertidamente, ferir os seus sentimentos — disse o Sr. Dempster, com uma aparência bastante desconcertada.

— Palavra de honra, Sr. Dempster, o senhor faz um grande elogio aos meus sentimentos ao pensar que eles sejam fracos o suficiente para que sejam feridos por um diabrete como este! — Ela se voltou com um ar de desafio zombeteiro para o pequeno Jacob, e começou a interrogá-lo na mesma hora. — Vamos! — disse ela. — Quero saber tudo a respeito dessa história. Menino travesso, quando você viu o fantasma?

— Onte, quando tava escurinho — respondeu Jacob.

— Ah! Você o viu ontem à tardinha, ao escurecer? E como ele era?

— Tudo de branco... como uma pantasma tem que ser — respondeu o vedor de fantasmas, com uma segurança que ia além de sua idade.

— E onde ele estava?

— Bem longinho, no campo-santo... onde uma pantasma tem que estar.

— Como uma “pantasma” tem de ser... onde uma “pantasma” deve estar... Ora, seu tolinho, você fala como se conhecesse os hábitos e costumes dos fantasmas desde o berço! Você tem grande familiaridade com o assunto, de qualquer modo. Suponho que você vá me dizer em seguida que pode me dizer de quem era o fantasma?

— Ah! E eu posso memo — respondeu Jacob, balançando a cabeça com uma expressão de triunfo sombrio.

O Sr. Dempster já havia tentado falar várias vezes, enquanto a Srta. Halcombe interrogava o aluno dele; e nesse momento ele interferiu, resoluto o suficiente para se fazer ouvir.

— Peço-lhe desculpas, Srta. Halcombe — disse ele —, se ousar dizer que a senhorita está apenas encorajando o menino ao fazer essas perguntas.

— Vou fazer apenas mais uma, Sr. Dempster, e então me sentirei muito satisfeita. Bem — prosseguiu ela, voltando-se para o menino —, e de quem era o fantasma?

— Era a pantasma da Dona Fairlie — respondeu Jacob, em um sussurro.

O efeito que essa resposta extraordinária produziu sobre a Srta. Halcombe justificou plenamente a ansiedade que o mestre-escola havia demonstrado ao tentar evitar que ela a ouvisse. O rosto dela ficou rubro de indignação — ela se voltou para o pequeno Jacob com um movimento repentino de raiva que o assustou e o fez soltar novo jorro de lágrimas — abriu a boca para falar com ele — e então se controlou — e se dirigiu ao mestre-escola, e não ao menino.

— É inútil — disse ela — considerar uma criança como esta responsável pelo que diz. Não duvido que a ideia tenha sido posta em sua cabeça por outras pessoas. Se há neste vilarejo, Sr. Dempster, quem tenha esquecido o

respeito e a gratidão devidos por todos que aqui moram à memória de minha mãe, eu vou descobri-los; e se eu puder exercer alguma influência junto do Sr. Fairlie, eles irão sofrer as consequências.

— Espero... Na verdade, tenho certeza, Srta. Halcombe, de que a senhorita está enganada — disse o mestre-escola. — A história começa e termina com a perversidade e insensatez deste menino. Ele viu, ou disse ter visto, uma mulher de branco, ontem ao entardecer, enquanto estava passando pelo adro da igreja; e a figura, real ou imaginada, estava parada junto à cruz de mármore, que ele, e todos os outros moradores de Limmeridge, sabem ser o monumento colocado no túmulo da Sra. Fairlie. Essas duas circunstâncias certamente bastam para sugerir ao próprio menino a resposta que deixou a senhorita chocada?

Embora a Srta. Halcombe não parecesse estar convencida, ela evidentemente considerou que o modo como o mestre-escola apresentava o caso era sensato demais para ser contestado de forma direta. Ela simplesmente respondeu agradecendo a atenção dele, e prometendo vê-lo novamente quando as suas dúvidas tivessem sido esclarecidas a contento. Tendo dito isso, ela fez uma mesura e saiu da sala da aula na minha frente.

Durante toda essa estranha cena, eu havia ficado de lado, ouvindo com atenção, e tirando as minhas próprias conclusões. Assim que ficamos novamente a sós, a Srta. Halcombe me perguntou se eu havia formado alguma opinião sobre o que eu havia ouvido.

— Uma opinião muito sólida — respondi. — A história do menino, conforme penso, tem uma base em fatos. Confesso que estou ansioso para ver o monumento no túmulo da Sra. Fairlie, e para examinar o chão ao redor dele.

— O senhor vai ver o túmulo.

Ela fez uma pausa, depois de dar essa resposta, e pensou um pouquinho enquanto prosseguíamos.

— O que aconteceu na sala de aula — ela continuou — afastou tão completamente os meus pensamentos do assunto da carta, que me sinto um tanto aturdida ao tentar retomá-lo. Devemos desistir de qualquer intenção de fazer mais perguntas, e esperar para colocar o fato nas mãos do Sr. Gilmore, amanhã?

— De modo algum, Srta. Halcombe. O que aconteceu na sala de aula me encoraja a perseverar na investigação.

— Por que o encoraja?

— Porque reforça uma suspeita que eu tive, quando a senhorita me deu a carta para ler.

— Suponho que o senhor tivesse os seus motivos para esconder essa

suspeita de mim até este momento, Sr. Hartright?

— Eu próprio tinha medo de encorajá-la. Eu achei que ela era totalmente disparatada; suspeitei dela como o resultado de alguma depravação em minha própria imaginação. Mas não posso mais pensar assim. Não apenas as respostas do menino para as suas perguntas, mas até mesmo uma expressão casual dita pelo mestre-escola ao explicar a história dele, tornaram a trazer a ideia à minha mente. Os fatos ainda podem provar que essa ideia é um engano, Srta. Halcombe; mas a crença em meu íntimo é forte, neste momento, de que o suposto fantasma no adro da igreja, e a autora da carta anônima são uma só pessoa.

Ela parou, empalideceu e me olhou, ansiosa.

— Qual pessoa?

— O mestre-escola, inconscientemente, disse para a senhorita. Quando ele falou da figura que o menino havia visto no adro da igreja, ele a chamou de “uma mulher de branco”.

— Não Anne Catherick!

— Sim, Anne Catherick.

Ela passou o braço pelo meu, e se apoiou nele com força.

— Não sei o motivo — disse ela, em voz baixa —, mas há algo nessa sua suspeita que parece me sobressaltar e me enervar. Eu sinto... — ela se interrompeu, e tentou afastar o assunto com uma risada. — Sr. Hartright — ela prosseguiu —, eu irei mostrar o túmulo para o senhor, e então voltarei imediatamente para casa. É melhor eu não deixar Laura sozinha por muito tempo. É melhor eu voltar, e ficar com ela.

Nós estávamos perto do adro da igreja quando ela falou. A igreja, uma construção sombria de pedras cinzentas, se situava em um pequeno vale, de modo a ficar protegida dos ventos sinistros que sopravam sobre toda a charneca ao redor. O cemitério se estendia, desse lado da igreja, um pouco na encosta da colina. Ele era rodeado por um muro de pedra baixo e desigual; era muito simples e se estendia sob o céu, exceto em uma das pontas, onde um ribeiro descia a encosta rochosa, e um amontoado de árvores pequenas lançava as suas sombras estreitas sobre o mato baixo e ralo. Além do ribeiro e das árvores, e não longe de um dos três degraus de pedra que permitiam a entrada, em vários pontos, no adro da igreja, se erguia a cruz de mármore branco que distinguia o túmulo da Sra. Fairlie dos monumentos mais modestos espalhados ao redor dele.

— Não preciso ir mais além com o senhor — disse a Srta. Halcombe, indicando o túmulo. — O senhor me informará se encontrar alguma coisa que confirme a ideia que acabou de mencionar para mim. Tornaremos a nos encontrar na propriedade.

Ela foi embora. Eu me encaminhei na mesma hora para o adro da igreja, e desci os degraus que levavam diretamente ao túmulo da Sra. Fairlie.

O mato ao redor dele estava baixo demais, e o chão duro demais, para mostrar quaisquer traços de pegadas. Desapontado até então, em seguida eu olhei com atenção para a cruz e o bloco de mármore quadrado abaixo dela, no qual a inscrição havia sido entalhada.

A brancura natural da cruz estava um tantinho escurecida, aqui e acolá, pelas marcas do tempo; e bem mais da metade do bloco quadrado abaixo dela, no lado em que ele trazia a inscrição, estava nas mesmas condições. A outra metade, no entanto, atraiu a minha atenção na hora por sua singular ausência de marcas ou de qualquer tipo de sujeira. Eu a olhei mais atentamente, e vi que a haviam limpadado — limpadado recentemente, do alto para baixo. A linha divisória entre a parte que tinha sido limpa e a parte que não tinha sido, era perceptível onde quer que a inscrição deixasse um espaço livre no mármore — tão nitidamente perceptível quanto uma linha que tivesse sido feita por meios artificiais. Quem havia começado a limpeza do mármore, e quem a deixara por acabar?

Olhei ao meu redor, me perguntando como a questão seria resolvida. Nenhum indício de habitação poderia ser visto do local em que eu estava: o cemitério havia sido deixado na melancólica posse dos mortos. Voltei para a igreja, e a contornei até chegar à parte de trás da construção; então atravessei uma abertura no muro, por outros degraus de pedra; e me encontrei no começo de um caminho que levava a uma pedreira abandonada. Em um dos lados da pedreira, uma pequena casinha de dois cômodos havia sido construída; e bem do lado de fora da porta uma mulher idosa estava ocupada com a limpeza.

Eu me dirigi a ela, e comecei a conversar sobre a igreja e o cemitério. Ela estava muito disposta a falar; e praticamente as primeiras palavras ditas por ela me informaram que seu marido ocupava os postos de diácono e sacristão. A seguir, eu disse algumas palavras louvando o monumento da Sra. Fairlie. A mulher idosa balançou a cabeça, e me disse que eu não o havia visto em suas melhores condições. Era tarefa do marido dela cuidar dele, mas ele andara tão doente e fraco, por muitos e muitos meses, que ele mal tinha tido condição de ir bem devagarinho à igreja aos domingos para cumprir o seu dever; e o monumento, conseqüentemente, fora negligenciado. Ele estava um pouquinho melhor então; e em uma semana ou dez dias esperava ter forças suficientes para começar a trabalhar e limpá-lo.

Essa informação — extraída de uma resposta longa e desconexa, no mais puro dialeto de Cumberland — me informou tudo que eu mais queria saber. Eu dei à pobre mulher um dinheirinho, e voltei imediatamente para a Mansão

de Limmeridge.

A limpeza parcial do monumento evidentemente havia sido feita por mãos estranhas. Ligando o que eu havia descoberto, até o momento, com o que havia suspeitado depois de ouvir a história do fantasma visto no crepúsculo, não precisava de nada mais para confirmar a minha resolução de vigiar o túmulo da Sra. Fairlie em segredo, naquela noite; voltando para lá ao pôr do sol, e esperando nas proximidades dele até a noite cair. O trabalho de limpeza do monumento havia sido deixado por terminar; e a pessoa que o havia iniciado poderia retornar para completá-lo.

Ao voltar para a propriedade, informei à Srta. Halcombe o que eu tencionava fazer. Ela pareceu surpreendida e intranquila, enquanto eu explicava os meus propósitos; mas não objetou claramente à sua execução. Ela apenas disse, “Espero que tudo termine bem.” No momento em que ela estava me deixando de novo, eu a detive para perguntar, com tanta calma quanto fui capaz, sobre a saúde da Srta. Fairlie. Ela estava mais tranquila; e a Srta. Halcombe esperava poder convencê-la a fazer uma pequena caminhada enquanto o sol vespertino ainda brilhasse.

Retornei aos meus aposentos, para voltar a colocar os desenhos em ordem. Era preciso fazer isso, e duplamente necessário para manter a minha mente ocupada com qualquer coisa que ajudasse a distrair minha atenção de mim mesmo, e do futuro sem esperanças que se encontrava à minha frente. De tempos em tempos, eu fazia uma pausa no meu serviço para olhar pela janela e observar o céu enquanto o sol se deitava cada vez mais perto do horizonte. Em uma dessas ocasiões, vi uma figura no amplo caminho de cascalho caminhando sob a minha janela. Era a Srta. Fairlie.

Eu não a via desde a manhã; e mal falara com ela nessa ocasião. Outro dia em Limmeridge era tudo o que me restava; e depois desse dia os meus olhos poderiam não mais tornar a vê-la de novo. Esse pensamento foi o suficiente para me manter perto da janela. Eu tinha consideração suficiente pela Srta. Fairlie para arrumar a cortina de modo que ela não pudesse me ver caso olhasse para cima; mas não tinha forças para resistir à tentação de permitir que os meus olhos, pelo menos, a seguissem o mais possível durante a caminhada dela.

Ela estava usando um manto marrom, com um simples vestido de seda negra por baixo dele. Na cabeça, trazia o mesmo chapéu simples de palha que ela havia usado na manhã em que nos conhecemos. Um véu estava preso a ele agora, ocultando a face dela dos meus olhos. Ao lado dela, trotava a pequena galga italiana, a companhia de todas as suas caminhadas, elegantemente envolta em tecido escarlate, para proteger a pele delicada do ar frio. Ela não parecia se dar conta da cachorrinha. Ela caminhava em linha reta, com a

cabeca um pouquinho baixa, e os braços cruzados embaixo do manto. As folhas mortas que haviam rodopiado com o vento à minha frente, quando eu ficara sabendo do compromisso de casamento dela de manhã, rodopiavam no vento à frente dela, e se erguiam e caíam e se espalhavam aos seus pés, enquanto ela caminhava sob o pálido sol poente. A cachorrinha tiritava e estremecia, e se encostava impaciente ao vestido dela para ser percebida e encorajada. Porém, ela não a percebia. Ela continuava a caminhar, se distanciando cada vez mais de mim, com as folhas mortas rodopiando ao redor dela no caminho — caminhou até que os meus olhos doloridos não mais pudessem vê-la, e eu fui novamente deixado sozinho com o meu próprio coração entristecido.

Em mais uma hora eu havia terminado o meu trabalho, e o sol estava se pondo. Peguei meu chapéu e meu casaco no saguão e saí discretamente da propriedade sem me encontrar com ninguém.

As nuvens estavam erráticas no céu ocidental, e o vento soprava frio vindo do mar. Distante como se encontrava a praia, o som da rebentação se propagava pela charneca, e soava lamentoso em meus ouvidos, quando entrei no adro da igreja. Não se via nenhuma criatura viva. O local parecia mais deserto que nunca, enquanto eu escolhia o meu posto e vigiava e esperava, com os olhos fixos na cruz branca que se erguia sobre o túmulo da Sra. Fairlie.

XIII

A LOCALIZAÇÃO exposta do adro da igreja me obrigara a ter cautela ao escolher a posição que eu deveria ocupar.

A entrada principal para a igreja ficava do lado mais próximo do cemitério; e a porta era protegida por um pórtico murado de cada lado. Após certa hesitação, causada por uma natural relutância em me ocultar, por mais indispensável que fosse tal ocultação devido ao objetivo em vista, eu havia me decidido a ficar sob o pórtico. Uma embrasura havia sido aberta a cada lado de suas paredes laterais. Através de uma delas eu conseguia ver o túmulo da Sra. Fairlie. A outra se voltava para a direção da pedreira onde havia sido construída a casinha do sacristão. Diante de mim, confrontando a entrada do pórtico, havia uma parte do terreno do cemitério sem túmulos, a linha de um muro baixo de pedra, e uma faixa da solitária colina castanha, com as nuvens do pôr do sol flutuando pesadas sobre ela com o vento forte e constante. Nenhuma criatura viva era visível ou audível — nenhum pássaro passou voando por mim; nenhum cachorro latia na casinha do sacristão. As pausas no monótono quebrar das ondas eram ocupadas pelo melancólico rumorejar das pequenas árvores perto do túmulo, e o frio e indistinto murmurar do ribeiro

em seu leito de pedras. Uma cena melancólica e um horário melancólico. Meu ânimo enfraquecia rapidamente, enquanto eu contava os minutos do anoitecer em meu esconderijo sob o pórtico da igreja.

O crepúsculo ainda não findara — a luz do sol poente ainda era visível no céu, e pouco mais da primeira meia hora de minha vigia solitária havia se passado, quando ouvi o som de passos e uma voz. Os passos se aproximavam do outro lado da igreja; e a voz era de uma mulher.

— Não se apoquente, minha querida, por causa da carta — dizia a voz. — Eu a entreguei para o menino com muita segurança, e o menino pegou-a sem uma pergunta. Ele seguiu o caminho dele, e eu, o meu; e nem uma criatura viva me seguiu depois, isso eu garanto.

Essas palavras levaram a minha atenção a um nível de expectativa tensa que era quase doloroso. Houve uma pausa de silêncio, mas os passos ainda avançavam. Em mais um instante, duas pessoas, ambas mulheres, passaram ao alcance de minha vista pela embrasura do pórtico. Elas estavam se dirigindo diretamente para o túmulo; e, portanto, estavam de costas para mim.

Uma das mulheres estava usando uma touca e um xale. A outra usava um longo manto de viagem de um tom escuro de azul, com o capuz puxado sobre a cabeça. Umas poucas polegadas de seu vestido apareciam sob o manto. Meu coração bateu mais rápido quando eu observei a cor — era branco.

Depois de percorrerem cerca de metade do trecho entre a igreja e o túmulo, elas se detiveram, e a mulher com o manto voltou o rosto para a sua companheira. Mas seu perfil, que uma touca poderia então me permitir ver, estava oculto pela borda pesada do capuz, que se projetava.

— Veja bem, fique com esse manto confortável e quente — disse a mesma voz que eu já tinha ouvido, a voz da mulher com o xale. — A Sra. Todd tem razão a respeito de você ter uma aparência muito peculiar, ontem, toda de branco. Eu vou andar um pouco por aí, enquanto você fica aqui; os adros de igrejas não fazem muito o meu gosto, o que quer que eles possam representar para você. Termine o que você quer fazer, antes de eu voltar; e vamos fazer o possível para chegar à casa a salvo, antes de escurecer.

Com essas palavras, ela deu meia-volta e prosseguiu virada na minha direção. Era o rosto moreno, enrugado e saudável de uma mulher de idade, sem nada desonesto ou suspeito em sua aparência. Perto da igreja, ela se deteve para ajustar o xale mais perto do seu corpo.

“Estranha”, disse ela com seus botões, “sempre estranha, com os caprichos e o jeito dela, desde que eu me lembro dela. Inofensiva, no entanto... tão inofensiva, pobre criatura, quanto uma criancinha.”

Ela suspirou; olhou ao redor do cemitério, nervosa; balançou a cabeça, como se a melancólica paisagem não lhe agradasse de jeito nenhum, e sumiu

dando a volta na igreja.

Eu fiquei em dúvida por um instante se deveria segui-la e conversar com ela, ou não. Minha profunda ansiedade para ficar frente a frente com sua companheira me ajudou a me decidir pela negativa. Eu poderia ter a certeza de ver a mulher com o xale esperando perto do adro da igreja até ela voltar — embora parecesse mais que duvidoso se ela poderia me dar a informação que eu buscava. A pessoa que entregara a carta não tinha importância. A pessoa que a escrevera era o centro de interesse, e a única fonte de informação, e essa pessoa, eu estava então convencido, estava à minha frente no adro da igreja.

Enquanto essas ideias passavam por minha cabeça, vi a mulher com o manto se aproximar do túmulo, e ficar parada olhando para ele por uns minutos. Ela então lançou um olhar rápido ao seu redor e, pegando um pedaço de linho branco ou um lenço de sob o seu manto, se voltou na direção do ribeiro. O pequeno curso d'água corria para o adro da igreja por baixo de um minúsculo arco na parte inferior do muro, e saía, após um curso sinuoso de umas poucas dúzias de metros, por uma abertura semelhante. A mulher mergulhou o tecido na água e voltou para o túmulo. Eu a vi beijar a cruz branca, se ajoelhar na frente da inscrição e usar o pano úmido para a limpeza.

Depois de pensar como eu poderia me apresentar com a menor chance possível de assustá-la, resolvi atravessar o muro à minha frente, para contorná-lo pelo lado de fora, e tornar a entrar no adro da igreja pelos degraus de pedra perto do túmulo, de modo que ela pudesse me ver enquanto eu me aproximasse. Ela estava tão absorta em sua tarefa que não ouviu os meus passos se aproximando até eu ter descido os degraus. Então ela ergueu o olhar, se pôs em pé com um grito fraco, e ficou parada me encarando, em um terror mudo e imóvel.

— Não se assuste — eu disse. — Com certeza a senhorita se lembra de mim?

Eu me detive enquanto falava — então avancei mais alguns passos, com gentileza — então me detive de novo — e assim me aproximei aos poucos, até ficar perto dela. Se ainda tivesse havido alguma dúvida em minha mente, ela teria sido então dissipada. Lá, falando atemorizado por si só — lá se encontrava o mesmo rosto se defrontando com o meu por sobre o túmulo da Sra. Fairlie, e que me havia olhado pela primeira vez na estrada principal, à noite.

— A senhorita se lembra de mim? — perguntei. — Nós nos encontramos muito tarde, e eu ajudei a senhorita a encontrar o caminho para Londres. Com certeza a senhorita não se esqueceu disso?

O rosto dela se tranquilizou, e ela respirou fundo, aliviada. Eu vi um novo ânimo, derivado do reconhecimento, surgindo lentamente sob a palidez mortal

que o terror imprimira no rosto dela.

— Não tente falar comigo agora — prossegui. — Não tenha pressa para se recobrar... Não tenha pressa para ter certeza absoluta de que eu sou um amigo.

— O senhor é muito gentil comigo — ela murmurou. — Tão gentil agora quanto foi naquele dia.

Ela se deteve, e de minha parte mantive silêncio. Eu não estava dando tempo para que apenas ela se recompusesse, eu estava ganhando tempo para mim também. Sob a luz descorada e desolada do anoitecer, aquela mulher e eu nos encontrávamos de novo; um túmulo entre nós, os mortos ao nosso redor, as colinas solitárias nos rodeando por todos os lados. O horário, o local, as circunstâncias sob as quais nós estávamos frente a frente no silêncio noturno daquele vale melancólico; os interesses de toda uma vida que poderiam depender das próximas palavras casuais que fossem trocadas entre nós; a sensação de que, tanto quanto eu soubesse, todo o futuro da vida da Srta. Fairlie poderia ser determinado, para o bem ou para o mal, pelo fato de eu conquistar ou perder a confiança daquela criatura desamparada que se postava, trêmula, ao lado do túmulo da mãe dela — tudo ameaçava abalar a firmeza e o autocontrole dos quais dependia cada minúsculo passo do progresso que eu poderia fazer então. Eu tentei com todas as forças, ao perceber isso, me assenhorear de todas as minhas faculdades; eu fiz o possível para extrair o máximo dos poucos momentos de reflexão.

— A senhorita está mais calma agora? — perguntei, assim que julguei que fosse hora de falar de novo. — A senhorita consegue conversar comigo sem se sentir assustada, e sem se esquecer de que sou um amigo?

— Como foi que o senhor veio até aqui? — ela perguntou, sem perceber o que eu havia acabado de lhe dizer.

— A senhorita não se lembra de eu lhe dizer, quando nos encontramos pela última vez, que eu estava vindo para Cumberland? Estive em Cumberland desde então; estou hospedado na Mansão de Limmeridge.

— Na Mansão de Limmeridge! — Seu rosto pálido se iluminou enquanto ela repetia as palavras; seus olhos distraídos se fixaram em mim com um interesse súbito. — Ah, como o senhor deve ter sido feliz! — disse ela, olhando-me ansiosa, sem uma sombra de sua antiga desconfiança surgindo em sua expressão.

Eu me aproveitei de sua confiança recém-despertada para observar o rosto dela, com uma atenção e uma curiosidade que eu havia até então me abstido de mostrar, por cautela. Eu a olhei, com a minha mente repleta daquele outro rosto adorável que, de modo tão aziago, havia trazido esta mulher à minha lembrança no terraço à luz do luar. Eu havia visto a imagem de Anne Catherick na Srta. Fairlie. Eu agora via a imagem da Srta. Fairlie em Anne

Catherick — a via com clareza ainda maior porque os pontos de dessemelhança entre as duas me eram apresentados, bem como os pontos de semelhança. Nos traços gerais da fisionomia e nas proporções gerais dos traços, na cor dos cabelos e na ligeira incerteza nervosa dos lábios; na altura e no talhe da figura, e na postura da cabeça e do corpo, a similitude parecia ainda mais assombrosa do que eu já pudesse ter percebido. Porém, a semelhança acabava aí, e a dessemelhança nos detalhes começava. A delicada beleza da tez da Srta. Fairlie, a clareza transparente de seus olhos, a pureza macia de sua pele, o doce rosado de seus lábios, tudo isso estava ausente do rosto emaciado e exausto que então se voltava para o meu. Embora eu me odiasse até mesmo por pensar tal coisa, ainda assim, enquanto olhava a mulher à minha frente, a ideia se impunha à mente de que uma única e triste alteração, no futuro, era todo o necessário para tornar completa a semelhança que agora eu via ser tão imperfeita em detalhes. Se porventura o pesar e o sofrimento imprimissem as suas marcas profanas na juventude e na beleza do rosto da Srta. Fairlie, então, e somente então, Anne Catherick e ela seriam as irmãs gêmeas da semelhança casual, as imagens vivas uma da outra.

Eu estremeci com essa ideia. Havia algo horrível na falta de confiança cega e irracional relacionada ao futuro que a sua mera passagem por minha mente parecia implicar. Foi uma interrupção bem-vinda ser despertado ao sentir a mão de Anne Catherick apoiada em meu ombro. O toque foi tão sorrateiro e repentino quanto aquele outro, que me imobilizara da cabeça aos pés na noite em que nos víamos pela primeira vez.

— O senhor está me olhando e está pensando em alguma coisa — disse ela, com seu modo de falar estranho, ofegante e rápido. — O que é?

— Nada de mais — respondi. — Eu só estava me perguntando como a senhorita veio para cá.

— Vim com uma amiga, que é muito boa para mim. Estou aqui há apenas dois dias.

— E a senhorita encontrou o caminho para cá ontem?

— E como o senhor sabe disso?

— Foi uma suposição.

Ela me deu as costas e se ajoelhou na frente da inscrição uma vez mais.

— E aonde eu iria, se não viesse aqui? — disse ela. — A amiga que foi melhor que uma mãe, para mim, é a única amiga que tenho de visitar em Limmeridge. Oh, me parte o coração ver uma mancha no túmulo dela! Ele deveria ser mantido branco como a neve, por amor a ela. Eu me senti tentada a começar a limpá-lo ontem; e não pude deixar de voltar para continuar a limpeza hoje. Há algo errado nisso? Espero que não. Com certeza, nada que eu faça por amor à Sra. Fairlie pode ser errado?

A antiga e grata noção da bondade de sua benfeitora evidentemente era a ideia ainda predominante na mente da pobre criatura — a mente limitada que com toda clareza não havia se aberto para outra impressão duradoura desde aquela primeira impressão de seus dias mais felizes quando era criança. Percebi que a minha maior chance de conquistar a confiança dela se encontrava em encorajá-la a continuar com a sincera tarefa que a trouxera ao cemitério. Ela a retomou na mesma hora, quando eu lhe disse que ela poderia fazê-lo; tocando o mármore duro com tanta ternura quanto se ele fosse uma criatura dotada de sentimentos, e murmurando para si as palavras nele inscritas, uma vez depois da outra, como se os dias perdidos de sua meninice tivessem retornado e ela estivesse pacientemente aprendendo suas lições uma vez mais ao lado da Sra. Fairlie.

— A senhorita ficaria muito espantada — eu disse, preparando o caminho com tanta cautela quanto fui capaz para as perguntas que eu faria — se eu afirmasse que, para mim, é uma satisfação, bem como uma surpresa, vê-la aqui? Eu me senti muito intranquilo ao seu respeito depois de a senhorita ter partido no cabriolé.

Ela lançou um olhar rápido e desconfiado.

— Intranquilo? — ela repetiu. — Por quê?

— Uma coisa estranha aconteceu, depois de termos nos separado, naquela noite. Dois homens passaram por mim em uma carruagem aberta. Eles não viram onde eu estava parado; mas se detiveram perto de mim e falaram com um policial, que estava do outro lado da estrada.

Ela na mesma hora interrompeu a sua atividade. A mão que segurava o pano úmido com que ela estivera limpando a inscrição pendeu ao lado de seu corpo. A outra mão agarrou a cruz de mármore na ponta do túmulo. O rosto dela se voltou para mim, lentamente, com o olhar vazio de terror uma vez mais rigidamente impresso nele. Eu prossegui, apesar de tudo; era tarde demais para retroceder.

— Os dois homens falaram com o policial — eu disse — e perguntaram se ele havia visto a senhorita. Ele não havia visto; e então um dos homens falou de novo, e disse que a senhorita havia fugido do Sanatório dele.

Ela se levantou de um salto, como se minhas últimas palavras tivessem colocado os perseguidores no encalço dela.

— Calma! E ouça o fim — exclamei. — Calma!, e a senhorita há de ver como eu a protegi. Uma palavra dita por mim teria indicado aos homens por qual caminho a senhorita havia ido, e eu não disse essa palavra. Eu ajudei a senhorita a fugir... Tornei a sua fuga segura e garantida. Pense, tente pensar. Tente compreender o que estou dizendo.

Meus modos pareceram influenciá-la mais do que minhas palavras. Ela

fez um esforço para compreender a ideia nova. Ela passou o pano molhado, hesitante, de uma mão para a outra, assim como elas haviam trocado a pequena bolsa na noite em que a vi pela primeira vez. Lentamente, o teor de minhas palavras pareceu abrir caminho em meio à confusão e agitação da sua mente. Lentamente, o seu rosto se tranquilizou, e os olhos dela me fitaram com uma expressão que aumentava em curiosidade ao passo que diminuía rapidamente em temor.

— *O senhor* não acha que eu deveria estar de novo no Sanatório, acha? — ela perguntou.

— Mas é claro que não. Sinto-me feliz por a senhorita ter fugido dele; e sinto-me feliz por tê-la ajudado.

— É mesmo, o senhor me ajudou muito; o senhor me ajudou na parte mais difícil — ela prosseguiu, um tanto vaga. — Foi fácil fugir, ou eu não teria conseguido. Eles nunca suspeitaram de mim assim como suspeitavam dos outros. Eu era tão quieta, e tão obediente, e eles me assustavam com tanta facilidade. Encontrar Londres era a parte difícil, e nesse ponto o senhor me ajudou. Eu agradeço ao senhor naquele dia? Eu agradeço agora, de todo coração.

— O Sanatório ficava muito longe do lugar onde a senhorita me encontrou? Vamos!, mostre-me que a senhorita acredita que sou seu amigo, e diga-me onde ele ficava.

Ela mencionou o local — um Sanatório particular, conforme sua localização me informava; um Sanatório particular não muito longe do local onde eu a havia visto — e então, com uma evidente suspeita quanto ao uso que eu poderia fazer de sua resposta, ela repetiu, ansiosa, a sua pergunta anterior:

— *O senhor* não acha que eu deveria ser levada de volta, acha?

— Uma vez mais, sinto-me feliz por a senhorita ter fugido; estou feliz por ver que a senhorita está bem, depois de ter me deixado — eu respondi. — A senhorita disse que tinha em Londres uma amiga a quem procurar. Encontrou essa amiga?

— Sim. Era muito tarde; mas havia uma menina costurando na casa, e ela me ajudou a acordar a Sra. Clements. A Sra. Clements é minha amiga. Uma mulher boa e gentil, mas não como a Sra. Fairlie. Ah, não, ninguém é igual à Sra. Fairlie!

— A Sra. Clements é uma velha amiga sua? A senhorita a conhece há muito tempo?

— Sim; ela era nossa vizinha, certa época, lá em casa, em Hampshire; e gostava de mim, e cuidou de mim quando eu era uma menininha. Anos atrás, quando ela nos deixou, ela escreveu para mim, em meu livro de orações, onde

iria morar em Londres, e disse, “Se um dia você estiver em uma situação difícil, Anne, me procure. Eu não tenho um marido vivo para me dizer que não, e não tenho filhos para cuidar; e vou cuidar de você.” Palavras gentis, não foram? Suponho que eu me lembre delas por terem sido gentis. Eu me lembro de tão pouca coisa além disso... tão pouca coisa, tão pouca!

— A senhorita não tinha pai ou mãe que cuidassem da senhorita?

— Pai? Eu nunca o vi; nunca ouvi minha mãe falar dele. Pai? Oh, céus! Ele está morto, eu acho.

— E sua mãe?

— Eu não me entendo com ela. Nós somos uma aflição e um temor uma para a outra.

Uma aflição e um temor uma para a outra! Com essas palavras, pela primeira vez passou pela minha cabeça a suspeita de que a mãe dela pudesse ser a pessoa que a tivesse colocado em isolamento.

— Não me faça perguntas sobre minha mãe — ela prosseguiu. — Prefiro falar da Sra. Clements. A Sra. Clements é como o senhor, ela não acha que eu deveria estar lá no Sanatório; e ela está tão feliz quanto o senhor por eu ter fugido de lá. Ela chorou por causa de minha desventura, e disse que isso deveria ser mantido em segredo de todas as pessoas.

Sua “desventura”. Em que sentido ela estava usando essa palavra? Em um sentido que poderia explicar os seus motivos para escrever a carta anônima? Em um sentido que poderia se revelar o motivo muito corriqueiro e muito habitual que leva tantas mulheres a colocar obstáculos anônimos ao casamento do homem que as arruinou? Resolvi tentar esclarecer essa dúvida, antes que mais palavras fossem ditas por qualquer um de nós.

— Qual desventura? — perguntei.

— A desventura de ter sido aprisionada — ela respondeu, dando mostras de estar muito surpreendida com a minha pergunta. — E que outra desventura poderia haver?

Eu me determinei a persistir, com tanta delicadeza e paciência quanto possível. Era muito importante que eu tivesse absoluta certeza de ir adiante em todos os passos na investigação que estava conduzindo.

— Há outra desventura — disse eu — a que uma mulher pode ser sujeita, e por causa dela pode sofrer mágoas e vergonha duradouras.

— E qual é? — perguntou ela, ansiosa.

— A desventura de acreditar com inocência demais em sua própria virtude, e na fé e na honra do homem a quem ama — eu respondi.

Ela me olhou com o espanto sincero de uma criança. Nem a mais ligeira confusão ou alteração em suas cores; nem o mais tênue sinal de qualquer

consciência secreta de vergonha forçando o seu caminho à superfície apareceu em seu rosto — o rosto que havia traído todas as outras emoções com uma clareza tão grande. Nenhuma palavra que fosse dita me garantiria, assim como o olhar e os modos dela então me garantiram, que o motivo que eu lhe havia atribuído para escrever a carta e a enviar à Srta. Fairlie era, clara e perceptivelmente, o equivocado. Essa dúvida, de qualquer modo, havia sido esclarecida; mas a sua própria remoção abria um novo panorama de incertezas. A carta, como eu sabia por informações fidedignas, indicava Sir Percival Glyde, embora não o nomeasse. A Srta. Catherick deveria ter tido algum forte motivo, originado de algum profundo sentimento de injúria, para denunciá-lo em segredo à Srta. Fairlie, em termos como os que ela havia empregado — e esse motivo, claramente, não deveria ser remontado à perda de sua inocência e de seu caráter. Qualquer que fosse o mal que ele tivesse causado a ela, não era dessa natureza. E de qual natureza poderia ele ser?

— Não entendo o senhor — disse ela, depois de, evidentemente, tentar com todas as forças, e em vão, descobrir o sentido das últimas palavras que eu lhe havia dito.

— Não se preocupe — respondi. — Vamos continuar com a nossa conversa. Diga-me por quanto tempo a senhorita esteve com a Sra. Clements em Londres, e como a senhorita veio para cá.

— Por quanto tempo? — ela repetiu. — Fiquei com a Sra. Clements até nós irmos para cá, há dois dias.

— Então a senhorita está morando no vilarejo? — perguntei. — É estranho eu não ter ouvido falar da senhorita, embora só esteja aqui há dois dias.

— Não, não; não no vilarejo. A uns cinco quilômetros daqui, em uma propriedade rural. O senhor a conhece? Eles a chamam de Todd's Corner.

Eu me lembrava perfeitamente; nós havíamos passado por lá com frequência em nossos passeios. Era uma das propriedades mais antigas das vizinhanças, situada em um local solitário e protegido, em um terreno no meio de duas colinas.

— Eles são parentes da Sra. Clements lá em Todd's Corner — ela prosseguiu —, e várias vezes pediram que ela fosse lá visitá-los. Ela disse que iria, e me levaria com ela, por causa da tranquilidade e do ar puro. Foi muito gentil, não foi? Eu teria ido para qualquer lugar, para ficar tranquila e segura, e distante de tudo. Mas, quando soube que Todd's Corner ficava perto de Limmeridge... Oh!, fiquei tão feliz que eu teria andado o caminho todo, descalça, para vir para cá e ver as escolas e o vilarejo e a Mansão de Limmeridge de novo. Eles são boas pessoas, lá em Todd's Corner. Espero poder ficar por muito tempo. Só tem uma coisa de que eu não gosto neles; e

de que não gosto na Sra. Clements...

— E o que é?

— Eles me importunam por eu me vestir toda de branco... Dizem que isso tem um ar tão curioso. Como eles sabem? A Sra. Fairlie é que sabia. A Sra. Fairlie nunca teria me obrigado a vestir este horrível manto azul. Ah! Ela gostava de branco, enquanto era viva; e cá está esta pedra branca no túmulo dela... E eu a estou deixando ainda mais branca por amor a ela. Ela com frequência se vestia de branco; e sempre vestia a filhinha dela de branco. A Srta. Fairlie está bem, e está feliz? Ela usa branco agora, como usava quando era menina?

A voz dela ficou mais baixa ao fazer as perguntas sobre a Srta. Fairlie; e ela virou a cabeça para o lado oposto ao meu. Eu pensei ter percebido, na alteração de seus modos, uma intranquila consciência do risco que ela havia corrido ao enviar a carta anônima; e na mesma hora me determinei a formular a minha pergunta de modo a levá-la a confessar de surpresa.

— A Srta. Fairlie não estava muito bem, ou muito feliz, hoje de manhã — respondi.

Ela murmurou algumas palavras; mas elas foram ditas de modo tão confuso, e com voz tão baixa, que nem fui capaz de adivinhar o que elas significavam.

— A senhorita me perguntou por que a Srta. Fairlie não estava bem, e nem feliz, hoje de manhã? — prossegui.

— Não... — disse ela, rapidamente e ansiosa. — Oh não, eu não perguntei isso.

— Vou lhe dizer sem que a senhorita pergunte — prossegui. — A Srta. Fairlie recebeu sua carta.

Ela estivera ajoelhada por alguns minutos, cuidadosamente removendo as últimas marcas deixadas pelo tempo sobre a inscrição, enquanto nós conversávamos. A primeira frase que eu acabara de dizer fez com que ela interrompesse a sua ocupação, e se voltasse lentamente, sem se levantar, para me encarar. A segunda frase literalmente a deixou petrificada. O pano que ela estivera segurando caiu de suas mãos; seus lábios se entreabriram; a pouca cor que havia naturalmente em seu rosto desapareceu em um instante.

— Como o senhor sabe? — perguntou ela, com voz fraca. — Quem a mostrou para o senhor?

O sangue tornou a subir às suas faces — subiu com muita força, assim que passou pela sua cabeça a ideia de que suas próprias palavras a haviam traído. Ela bateu as mãos uma na outra, desesperada.

— Eu não a escrevi — ela disse, ofegante e atemorizada. — Não sei nada

a respeito dela!

— Sim — eu disse. — A senhorita a escreveu, e sabe tudo a respeito dela. Foi errado enviar tal carta; foi errado assustar a Srta. Fairlie. Se a senhorita tivesse qualquer coisa a dizer que fosse correto e necessário que ela ouvisse, deveria ter ido à Mansão de Limmeridge e conversado pessoalmente com a jovem.

Ela se encurvou sobre a pedra lisa do túmulo até ocultar o rosto nela, e não deu resposta.

— A Srta. Fairlie será tão bondosa e gentil com a senhorita como a mãe dela foi, se a senhorita tiver boas intenções — prossegui. — A Srta. Fairlie irá guardar o seu segredo, e não deixará que a senhorita sofra nenhum mal. A senhorita a receberá amanhã em Todd's Corner? A senhorita se encontrará com ela nos jardins da Mansão de Limmeridge?

— Oh, se eu pudesse morrer, e ficar escondida e em paz com *a senhora*! — Os lábios dela pronunciaram essas palavras bem perto da pedra tumular, murmuraram-nas em um tom de profundo carinho, para os restos mortais ali encerrados. — *A senhora* sabe como eu amo a sua filha, por amor à senhora! Oh, Sra. Fairlie! Sra. Fairlie! Diga-me como salvá-la. Seja minha querida e minha mãe uma vez mais, e diga-me o que devo fazer para que ocorra o melhor.

Ouvi os seus lábios beijando a pedra; vi as suas mãos batendo na lápide com veemência. O som e o gesto me emocionaram profundamente. Eu me abaixei, e peguei as pobres e fracas mãos, com ternura, e tentei acalmá-la.

Foi inútil. Ela tirou as mãos das minhas e não afastou o rosto da pedra tumular. Vendo a urgente necessidade de tranquilizá-la a qualquer custo e de qualquer modo, recorri à única preocupação que ela parecia sentir em relação a mim e à minha opinião sobre ela — a preocupação em me convencer de sua capacidade de ser senhora de seus próprios atos.

— Ora, ora... — eu disse, com gentileza. — Tente se acalmar, ou a senhorita me fará mudar de opinião ao seu respeito. Não me deixe pensar que a pessoa que a colocou no Sanatório poderia ter tido algum motivo...

As palavras seguintes morreram em meus lábios. No instante em que arrisquei essa referência casual à pessoa que a havia colocado no Sanatório, ela ficou de joelhos em um átimo. Uma alteração bastante extraordinária e assustadora se manifestou nela. Seu rosto, normalmente tão tocante para se olhar, com a sua sensibilidade, fraqueza e indecisão nervosa, subitamente ficou sombreado por uma expressão de ódio e de temor extremos, que transmitiram uma força insana e pouco natural a cada um de seus traços. Seus olhos se dilataram à luz fraca do anoitecer, como os olhos de um animal selvagem. Ela agarrou o pano que havia caído ao seu lado, como se ele fosse

uma criatura viva que ela pudesse matar, e o amarrotou entre as mãos com uma força tão convulsiva que as poucas gotas de água que havia nele pingaram sobre a pedra abaixo.

— Fale sobre outra coisa — disse ela, respirando entredentes. — Eu vou me descontrolar se o senhor falar sobre isso.

Cada vestígio dos pensamentos mais ternos que tinham ocupado a sua mente, havia menos de um minuto, parecia ter sido varrido dela então. Era evidente que a impressão deixada pela gentileza da Sra. Fairlie não era, como eu supusera, a única impressão forte em sua memória. Com a grata lembrança de seus dias de escola em Limmeridge coexistia a lembrança vingativa do mal que lhe havia sido feito por seu confinamento em um Sanatório. Quem havia lhe causado esse mal? Poderia ser mesmo a mãe dela?

Foi difícil deixar de fazer as perguntas até aquele ponto derradeiro; mas eu me forcei a abandonar toda a resolução de prosseguir com elas. Vendo Anne Catherick como eu a via então, teria sido crueldade pensar em qualquer coisa além da necessidade e da humanidade de tornar a acalmá-la.

— Não vou falar de nada que perturbe a senhorita — eu disse, em tom tranquilizador.

— O senhor quer alguma coisa — ela respondeu, brusca e suspeitosa. — Não me olhe desse jeito. Fale comigo; diga-me o que o senhor quer.

— Só quero que a senhorita se tranquilize; e, quando estiver mais calma, reflita sobre o que eu disse.

— O que disse? — ela fez uma pausa, torceu o pano em suas mãos de um lado para outro, e murmurou consigo mesma. — O que foi que ele disse? — Ela se voltou de novo para mim, e balançou a cabeça, impaciente. — Por que o senhor não me ajuda? — ela perguntou, com uma brusquidão irritada.

— Sim, claro — eu disse —, eu vou ajudá-la, e logo a senhorita irá se lembrar. Eu lhe pedi que visse a Srta. Fairlie amanhã, e contasse para ela a verdade a respeito da carta.

— Ah! Srta. Fairlie... Fairlie... Fairlie...

O simples fato de dizer o nome amado e familiar pareceu acalmá-la. Seu rosto ficou tranquilo e tornou a ser o que era.

— A senhorita não precisa ter medo da Srta. Fairlie — prossegui —, e nem ter medo de entrar em apuros por causa da carta. Ela já sabe tanto a respeito disso, que a senhorita não terá dificuldades em lhe dizer tudo. Há pouca necessidade de dissimulação quando mal resta alguma coisa para dissimular. A senhorita não menciona nomes na carta; porém, a Srta. Fairlie sabe que a pessoa sobre quem a senhorita escreve é Sir Percival Glyde...

No momento em que pronunciei esse nome, ela se levantou de um salto, e

um grito soltado por ela ecoou por todo o adro da igreja e fez com que o meu coração desse um pulo em meu peito, aterrorizado. A sombria deformação da fisionomia dela, que havia acabado de abandonar o seu rosto, pairou sobre ele de novo, com uma intensidade duplicada e triplicada. O grito ao ouvir o nome, o olhar reiterado de ódio e de temor que se seguiu na mesma hora, contaram-me tudo. Não restava uma só dúvida a esse respeito. A mãe dela não era responsável por confiná-la no Sanatório. Um homem a havia aprisionado — e esse homem era Sir Percival Glyde.

O grito havia chegado a outros ouvidos além dos meus. De um lado, ouvi a porta da casinha do sacristão se abrir; do outro, ouvi a voz de sua companheira, a mulher com o xale, a mulher a quem Anne Catherick havia se referido como a Sra. Clements.

— Estou indo! Estou indo! — exclamou a voz, por trás do amontoado de árvores pequenas.

Em mais um instante, a Sra. Clements apareceu.

— Quem é o senhor? — ela exclamou, encarando-me, resoluta, assim que botou os pés nos degraus de pedra. — Como o senhor ousa apavorar uma pobre de uma moça indefesa como ela?

Ela estava ao lado de Anne Catherick e havia passado um braço nas costas dela antes que eu pudesse responder.

— O que foi, minha querida? — ela perguntou. — O que foi que ele fez para você?

— Nada — respondeu a pobre criatura. — Nada. Eu só estou assustada.

A Sra. Clements se voltou para mim com uma indignação destemida, pela qual eu a respeitei.

— Eu ficaria morto de vergonha de mim mesmo se merecesse esse olhar raivoso — respondi. — Porém, não o mereço. Infelizmente, eu a sobressaltei, sem tencionar fazê-lo. Esta não é a primeira vez que ela me vê. Pergunte para ela a senhora mesma, e ela irá lhe dizer que eu sou incapaz de, conscientemente, causar qualquer mal para ela ou qualquer outra mulher.

Falei com bastante clareza, de modo que Anne Catherick pudesse me ouvir e compreender; e vi que as palavras e seu significado haviam sido compreendidos por ela.

— Sim, sim... — ela disse. — Ele foi bom para mim uma vez; ele me ajudou... — Ela sussurrou as demais palavras no ouvido de sua amiga.

— Muito estranho mesmo! — disse a Sra. Clements, com um olhar perplexo. — No entanto, isso faz toda a diferença. Sinto muito ter falado de modo tão grosseiro com o senhor; mas, o senhor há de convir que a situação tinha uma aparência suspeita para uma desconhecida. É mais minha culpa,

que do senhor, atender aos caprichos dela, e deixar que ficasse sozinha em um local como este. Venha, minha querida... vamos para casa agora.

Achei que a boa mulher aparentava estar um pouco intranquila com a perspectiva da caminhada de volta, e me ofereci para ir com elas até que estivessem perto de casa. A Sra. Clements me agradeceu, muito educada, mas recusou. Ela disse ter certeza de que encontraria alguns trabalhadores rurais assim que chegassem à charneca.

— Tente me perdoar — eu disse, quando Anne Catherick segurou o braço de sua amiga para ir embora. Inocente como eu havia sido de qualquer intenção de aterrorizá-la e agité-la, o meu coração se confrangeu quando olhei para o pobre rosto pálido e apavorado.

— Vou tentar — ela respondeu. — Mas o senhor sabe demais; receio que o senhor sempre vá me assustar de agora em diante.

A Sra. Clements me lançou um olhar rápido e balançou a cabeça, pesarosa.

— Boa noite, senhor — ela disse. — O senhor não tinha como evitar, eu sei; mas, eu gostaria que o senhor tivesse assustado a mim, e não a ela.

Elas se afastaram alguns passos. Eu achei que estavam indo embora; porém, Anne parou de repente, e se afastou de sua amiga.

— Espere um pouquinho — ela disse. — Tenho de me despedir.

Ela voltou ao túmulo, colocou as duas mãos com gentileza na cruz de mármore e a beijou.

— Estou melhor agora — ela suspirou, olhando para mim, tranquila. — Eu perdoo o senhor.

Ela se juntou à sua companheira novamente, e as duas partiram do cemitério. Eu as vi parando perto da igreja, e conversando com a esposa do sacristão, que havia vindo da casinha, e havia esperado, nos observando à distância. Então elas continuaram, pelo caminho que conduzia à charneca. Fiquei olhando Anne Catherick enquanto ela desaparecia, até quaisquer traços dela terem desaparecido no crepúsculo — olhei-a, com tanta ansiedade e pesar como se fossem aqueles os últimos vestígios da mulher de branco que eu veria neste mundo enfadonho.

XIV

MEIA hora mais tarde, eu estava de novo em casa, e contando para a Srta. Halcombe tudo o que havia acontecido.

Ela me ouviu do começo ao fim, com uma atenção invariável e silenciosa, que, em uma mulher de seu temperamento e inclinação, era a prova mais definitiva que poderia ser oferecida sobre como a minha narrativa a havia

afetado seriamente.

— Minha mente me causa apreensões — foi tudo que ela disse, quando eu terminei. — Minha mente me causa grandes apreensões a respeito do futuro.

— O futuro pode depender — sugeri — do uso que nós fizemos do presente. Não é improvável que Anne Catherick possa falar com maior prontidão e sem reservas com uma mulher do que falou comigo. Se a Srta. Fairlie...

— Não se pode pensar nisso nem por um instante — interrompeu a Srta. Halcombe, com seus modos mais decididos.

— Permita-me sugerir, então — prossegui —, que a senhorita fosse ter com Anne Catherick, e fizesse o possível para conquistar a confiança dela. De minha parte, me repugna a ideia de assustar a pobre criatura uma segunda vez, como eu, infelizmente, já a assustei. A senhorita vê algum problema em me acompanhar à propriedade rural amanhã?

— Nenhum. Eu irei a qualquer lugar e farei qualquer coisa para cuidar dos interesses de Laura. Como o senhor disse que se chamava o local?

— A senhorita deve conhecer; se chama Todd's Corner.

— Mas é claro. Todd's Corner é uma das propriedades do Sr. Fairlie. A moça que trabalha em nossa leiteria é a segunda filha do arrendatário. Ela vai constantemente à casa do pai e volta para cá; e ela pode ter ouvido ou visto algo que possa ser útil que nós saibamos. Permita-me verificar, agora mesmo, se a mocinha está lá embaixo?

Ela tocou o sino, e mandou o empregado com a mensagem. Ele voltou, e anunciou que a moça estava então na casa do pai. Ela não havia ido para lá nos últimos três dias, e a governanta lhe dera permissão para ir para casa por uma ou duas horas, naquele entardecer.

— Eu conversarei com ela amanhã — disse a Srta. Halcombe, assim que o empregado saiu do aposento. — Enquanto isso, quero compreender em detalhes o objetivo a ser alcançado com a minha conversa com Anne Catherick. O senhor não tem a menor dúvida de que a pessoa que a internou no Sanatório seja Sir Percival Glyde?

— Não há nem sombra de dúvida. O único mistério que permanece é o mistério do *motivo* dele. Considerando a grande diferença entre a posição dele na vida, e a dela, que parece excluir qualquer ideia de um relacionamento dos mais distantes entre eles, é extremamente importante, mesmo supondo que ela realmente precisasse ser internada, saber por que *ele* teria sido a pessoa a assumir a enorme responsabilidade de aprisioná-la...

— Em um Sanatório particular, acho que o senhor disse?

— Sim, em um Sanatório particular, para o qual uma quantia em dinheiro,

que nenhuma pessoa pobre teria condições de dar, deve ter sido dada para a manutenção dela como paciente.

— Vejo onde se encontra a dúvida, Sr. Hartright; e prometo para o senhor que ela será solucionada, quer Anne Catherick nos auxilie amanhã ou não. Sir Percival Glyde não ficará por muito tempo nesta casa sem esclarecer o Sr. Gilmore, e sem esclarecer a mim. O futuro de minha irmã é a minha maior preocupação na vida; e exerço influência suficiente sobre ela para me dar certo poder, no tocante ao casamento dela, de exercê-la.

Nós nos separamos por aquela noite.

Após o café da manhã, no dia seguinte, um empecilho, que os acontecimentos da noite passada haviam afastado de minha memória, se apresentou para impedir que nós fôssemos imediatamente a Todd's Corner. Aquele era o meu último dia na Mansão de Limmeridge; e era necessário, assim que a correspondência chegou, seguir o conselho da Srta. Halcombe, e solicitar ao Sr. Fairlie a permissão para abreviar o meu contrato por um mês, devido a uma necessidade imprevista de meu retorno a Londres.

Felizmente, para a probabilidade dessa justificativa, no tocante às aparências, recebi duas cartas de amigos de Londres naquela manhã. Eu as levei imediatamente para os meus aposentos; e enviei o empregado com uma mensagem para o Sr. Fairlie, desejando saber quando eu poderia vê-lo devido a uma questão de negócios.

Esperei o retorno do empregado, livre do mais remoto sentimento de ansiedade sobre o modo como o patrão dele poderia acolher a minha solicitação. Com a permissão do Sr. Fairlie, ou sem ela, eu precisava partir. A consciência de ter então dado o primeiro passo na sombria jornada que, doravante, iria separar a minha existência da existência da Srta. Fairlie, parecia ter embotado a minha sensibilidade em relação a qualquer consideração ligada à minha pessoa. Eu havia enfrentado o meu melindroso orgulho de homem pobre; havia enfrentado as minhas ínfimas vaidades de artista. Nenhuma insolência do Sr. Fairlie, caso ele decidisse ser insolente, poderia me ferir então.

O empregado retornou com uma mensagem para a qual eu não estava despreparado. O Sr. Fairlie lamentava que seu estado de saúde, naquela manhã específica, fosse tal que impedisse toda a esperança de ter o prazer de me receber. Ele suplicava, portanto, que eu aceitasse suas desculpas e fizesse a gentileza de comunicar o que eu tinha a dizer em forma de carta. Mensagens semelhantes a essa tinham chegado até mim, em intervalos variados, durante meus três meses de permanência na propriedade. Durante todo esse período, o Sr. Fairlie estivera felicíssimo por me “ter”, mas nunca tinha estado bem o

suficiente para me receber uma segunda vez. O empregado levava todas as novas remessas de desenhos que eu montava e restaurava para o seu patrão, com os meus “respeitos”, e voltava de mãos vazias com as “gentis saudações”, os “maiores agradecimentos” e o “mais sincero pesar” de que o estado de saúde dele ainda o obrigasse a permanecer um prisioneiro solitário em seus próprios aposentos. Um arranjo mais satisfatório para ambos os lados não poderia ter sido adotado. Seria difícil dizer qual de nós dois, em tais circunstâncias, tivesse o maior sentimento de gratidão aos convenientes nervos do Sr. Fairlie.

Eu me sentei e escrevi imediatamente a carta, expressando-me com tanta educação, clareza e concisão quanto possível. O Sr. Fairlie não se apressou em responder. Quase uma hora se passou antes que a resposta fosse colocada em minhas mãos. Ela estava escrita com uma caligrafia regular e bela, em tinta roxa, em um papel tão macio quanto marfim e quase tão espesso quanto papel-cartão; e ela se dirigia a mim nos seguintes termos:

“Os cumprimentos do Sr. Fairlie para o Sr. Hartright. O Sr. Fairlie se sente mais surpreso e decepcionado do que ele possa expressar (no seu atual estado de saúde) com a requisição do Sr. Hartright. O Sr. Fairlie não é um homem de negócios, mas consultou o seu administrador, que é, e essa pessoa confirma a opinião do Sr. Fairlie de que a solicitação do Sr. Hartright para ter a permissão de romper o seu contrato não possa ser justificada por qualquer motivo, a não ser, talvez, um caso de vida ou morte. Se o sentimento de profunda apreciação pela Arte e seus praticantes, que é o consolo e a felicidade da sofredora existência do Sr. Fairlie cultivar, pudesse ser abalado com facilidade, o atual procedimento do Sr. Hartright o teria abalado. Ele não o fez — a não ser na pessoa do próprio Sr. Hartright.

“Tendo manifestado a sua opinião — até o ponto, quer dizer, em que um profundo sofrimento nervoso lhe permita manifestar alguma coisa —, o Sr. Fairlie nada tem a acrescentar a não ser manifestar a sua decisão, em referência à requisição extremamente irregular que lhe foi feita. Um perfeito descanso para o corpo e a alma sendo importante no mais alto grau em seu caso, o Sr. Fairlie não vai admitir que o Sr. Hartright perturbe esse repouso permanecendo na propriedade sob circunstâncias de uma natureza essencialmente enervante para ambos os lados. Consequentemente, o Sr. Fairlie abre mão de seu direito de recusa, puramente tendo em vista a preservação de sua própria tranquilidade — e informa ao Sr. Hartright que ele poderá partir.”

Dobrei a carta, e a guardei com meus outros papéis. Houve um tempo em que eu a teria recebido como um insulto: eu a aceitava, agora, como uma

libertação por escrito de meu compromisso. Ela havia sumido de minha mente, ela quase havia sumido de minha memória, quando desci para a sala do café da manhã e informei à Srta. Halcombe que estava pronto para caminhar com ela até a propriedade rural.

— O Sr. Fairlie deu uma resposta satisfatória para o senhor? — ela perguntou, quando saímos da mansão.

— Ele permitiu que eu partisse, Srta. Halcombe.

Ela me lançou um olhar rápido; e então, pela primeira vez desde que eu a conhecera, segurou o meu braço por vontade própria. Nenhuma palavra poderia ter expressado com tanta delicadeza que ela compreendia como a permissão para abandonar o meu emprego havia sido dada, e que ela me oferecia a sua simpatia, não como minha superior, mas como amiga. Eu não havia sido afetado pela carta insolente do homem; mas fui profundamente afetado pela bondade da mulher.

A caminho, combinamos que a Srta. Halcombe entraria sozinha na casa, e eu deveria esperar do lado de fora, nas proximidades. Nós adotamos esse procedimento devido à apreensão de que minha presença, após o que havia acontecido no adro da igreja na noite anterior, pudesse ter o efeito de renovar o temor nervoso de Anne Catherick, e de deixá-la ainda mais desconfiada das perguntas de uma senhora que era uma estranha para ela. A Srta. Halcombe me deixou, com a intenção de conversar, em primeiro lugar, com a esposa do arrendatário (de cuja prontidão amistosa para ajudá-la de qualquer modo ela estava certa), enquanto eu a esperava nas proximidades da casa.

Eu realmente esperara ser deixado sozinho por certo tempo. Para minha surpresa, entretanto, pouco mais de cinco minutos haviam se passado antes que a Srta. Halcombe retornasse.

— Anne Catherick se recusa a ver a senhorita? — perguntei, atônito.

— Anne Catherick partiu — retrucou a Srta. Halcombe.

— Partiu!

— Partiu, com a Sra. Clements. Ambas partiram às oito horas da manhã.

Eu nada conseguia dizer — somente conseguia sentir que nossa última chance de descobrir algo havia partido com elas.

— Tudo quanto a Sra. Todd sabe a respeito de suas hóspedes, eu sei — prosseguiu a Srta. Halcombe —, e isso me deixa, assim como a deixa, no escuro. Ambas chegaram sãs e salvas, a noite passada, depois de terem se separado do senhor, e passaram a primeira parte da noite com a família do Sr. Todd, como de costume. Logo antes da ceia, entretanto, Anne Catherick surpreendeu a todos ao se sentir subitamente tonta. Ela havia tido um ataque semelhante, de um tipo menos assustador, no dia em que chegou aqui; e a Sra.

Todd havia relacionado o fato, na ocasião, a algo que ela estava lendo naquele momento no nosso jornal local, que fica sobre a mesa da casa, e que ela pegara apenas um ou dois minutos antes.

— A Sra. Todd sabe qual trecho específico do jornal afetou Anne Catherick desse modo? — perguntei.

— Não — retrucou a Srta. Halcombe. — Ela havia dado uma olhada nele, e não viu nada que pudesse agitar alguém. Pedi permissão, no entanto, para dar uma vista d'olhos nele; e, na primeira página que abri, descobri que o editor havia aumentado o seu pequeno estoque de notícias recorrendo aos nossos assuntos familiares, e havia publicado o anúncio do noivado de minha irmã, junto com outros anúncios, copiado dos jornais de Londres, de Casamentos nas Altas Rodas. Eu concluí na hora que havia sido esse o parágrafo que afetou Anne Catherick de modo tão estranho; e pensei ter visto nisso, também, a origem da carta que ela mandou para a nossa casa no dia seguinte.

— Não pode haver dúvidas em nenhum dos casos. Mas, o que a senhorita ouviu a respeito da segunda crise de tontura dela ontem à noite?

— Nada. A causa é um mistério total. Não havia pessoas desconhecidas no aposento. A única visita era a nossa empregada, que, como eu falei para o senhor, é uma das filhas do Sr. Todd; e a única conversa era a habitual tagarelice a respeito de nossos assuntos locais. Eles a ouviram gritar, e viram-na ficar mortalmente pálida, sem a menor razão aparente. A Sra. Todd e a Sra. Clements a levaram para o andar de cima; e a Sra. Clements ficou com ela. Eles ouviram as duas conversando por muito tempo, bem além do horário habitual de ir dormir; e, logo cedo hoje de manhã, a Sra. Clements chamou a Sra. Todd para uma conversa particular, e a surpreendeu mais do que palavras podem expressar, dizendo que elas precisavam partir. A única explicação que a Sra. Todd conseguiu arrancar de sua hóspede era que havia acontecido algo, que não era culpa de ninguém na casa, mas era sério o suficiente para fazer Anne Catherick resolver partir de Limmeridge imediatamente. Foi totalmente inútil forçar a Sra. Clements a ser mais explícita. Ela apenas abanou a cabeça, e disse que, por causa de Anne, ela precisava pedir e suplicar que ninguém lhe fizesse perguntas. Tudo que ela era capaz de repetir, com todas as manifestações de ela própria estar muito agitada, era que Anne precisava partir; que ela precisava partir com Anne; e que o destino ao qual elas se dirigiriam deveria ser mantido em segredo de todos. Poupo ao senhor o recital de todas as censuras e recusas hospitalares da Sra. Todd. Tudo terminou com ela conduzindo as duas mulheres até a estação mais próxima, há mais de três horas. Ela tentou com todas as forças, no caminho, fazer com que elas se manifestassem com maior clareza; mas sem sucesso. E ela as deixou do lado

de fora do portão da estação, tão magoada e ofendida com a pouco cerimoniosa brusquidão da partida delas e da relutância inamistosa das duas de dar a menor prova de confiança à pessoa dela, que ela voltou irritada, sem ao menos se deter para se despedir. Isso é exatamente o que ocorreu. Vasculhe a sua própria memória, Sr. Hartright, e diga-me se aconteceu algo no cemitério na noite de ontem que dê uma explicação para a partida extraordinária dessas duas mulheres nesta manhã.

— Eu gostaria de dar uma explicação em primeiro lugar, Srta. Halcombe, para a repentina alteração em Anne Catherick que assustou a todos em Todd's Corner, horas depois de ela e eu termos nos despedido, e quando já havia se passado tempo suficiente para acalmar qualquer agitação maior que eu pudesse ter sido inábil o suficiente para causar. A senhorita perguntou especificamente a respeito da tagarelice que estava acontecendo no aposento quando ela sentiu a tontura?

— Sim. Mas os afazeres domésticos da Sra. Todd parecem ter dividido a sua atenção, naquela noite, com a conversa na sala de estar da casa. Ela só foi capaz de me dizer que eram “só as notícias”, querendo dizer, suponho, que eles estavam conversando, como de costume, sobre eles próprios.

— A memória da sua empregada pode ser melhor que a da mãe — eu disse. — Pode valer a pena a senhorita conversar com a moça, Srta. Halcombe, assim que nós voltarmos.

Minha sugestão foi levada a cabo assim que chegamos à casa. A Srta. Halcombe me conduziu aos aposentos dos empregados, e encontramos a menina na leiteria, com as mangas enroladas até os ombros, limpando um grande vasilhame de leite, e cantando alegre ao trabalhar.

— Eu trouxe este cavalheiro para ver a sua leiteria, Hannah — disse a Srta. Halcombe. — É um dos pontos fortes da casa, e sempre honra você.

A menina enrubescou e fez uma mesura, e disse, tímida, que esperava fazer sempre o melhor possível para manter as coisas em ordem e limpas.

— Você acabou de vir da casa de seu pai — prosseguiu a Srta. Halcombe. — Você estava lá ontem a noite, eu soube, e encontrou visitas na casa?

— Sim, senhorita.

— Uma delas desmaiou e adoeceu, me disseram? Suponho que nada tenha sido dito ou feito para assustá-la? Vocês não estavam falando de nada assustador, estavam?

— Oh, não, senhorita! — disse a moça, rindo. — Nós só estávamos comentando as notícias.

— Suas irmãs contaram para você as notícias de Todd's Corner, suponho?

— Sim, senhorita.

— E você contou para elas as notícias da Mansão de Limmeridge?

— Sim, senhorita. E tenho plena certeza de que nada foi dito para assustar a pobre criatura, pois eu estava falando quando ela ficou doente. Isso me assustou, senhorita, ver isso, porque eu nunca tinha visto ninguém desmaiar.

Antes que mais perguntas pudessem ser feitas, ela foi chamada para receber uma cesta de ovos na porta da leiteria. Assim que ela se afastou, sussurrei para a Srta. Halcombe:

— Pergunte se ela casualmente mencionou, a noite passada, que estavam esperando visitas na Mansão de Limmeridge.

A Srta. Halcombe, com um olhar, mostrou-me que havia compreendido, e fez a pergunta assim que a empregada voltou para perto de nós.

— Oh, sim, senhorita; eu mencionei isso — disse a menina, com simplicidade. — Os visitantes vindo e o acidente com a vaca rajada, foram todas as notícias que eu tinha para levar lá para casa.

— Você mencionou nomes? Contou para eles que Sir Percival Glyde estava sendo esperado na segunda-feira?

— Sim, senhorita... Eu disse para eles que Sir Percival Glyde ia vir. Espero que não tenha problema; espero não ter agido mal.

— Oh, não, nenhum problema. Vamos, Sr. Hartright; Hannah vai começar a achar que estamos atrapalhando, se interrompermos por mais tempo o serviço dela.

Nós nos detivemos e olhamos um para o outro, assim que ficamos a sós de novo.

— Existe alguma dúvida em sua mente *agora*, Srta. Halcombe?

— Sir Percival Glyde há de remover essa dúvida, Sr. Hartright... ou Laura Fairlie jamais será a esposa dele.

XV

ENQUANTO dávamos a volta para retornar à frente da casa, uma carruagem de aluguel vindo da estrada de ferro se aproximou de nós pelo caminho. A Srta. Halcombe esperou nos degraus da escada até a carruagem se deter, e então se adiantou para cumprimentar um cavalheiro de idade, que apeou, ágil, no momento em que os degraus foram baixados. O Sr. Gilmore havia chegado.

Eu o olhei, quando fomos apresentados, com um interesse e uma curiosidade que eu mal era capaz de disfarçar. Esse homem idoso deveria permanecer na Mansão de Limmeridge depois de eu ter partido de lá; ele ouviria a explicação de Sir Percival Glyde, e daria à Srta. Halcombe o auxílio de sua experiência para formar a opinião dela; ele iria esperar até que a

questão do casamento fosse resolvida; e a sua mão, se essa questão fosse decidida de modo afirmativo, iria escrever o pacto antenupcial que ligaria a Srta. Fairlie de modo irrevogável ao seu compromisso. Mesmo então, quando eu nada sabia em comparação com o que sei agora, olhei para o advogado da família com um interesse que jamais havia sentido antes na presença de qualquer homem vivo que fosse um total desconhecido para mim.

Com relação à sua aparência externa, o Sr. Gilmore era exatamente o oposto da ideia convencional de um velho advogado. Sua tez era rosada; seus cabelos brancos eram bastante longos, e cuidadosamente penteados; seu casaco, colete e calças negros caíam-lhe perfeitamente; sua gravata branca era cuidadosamente atada; e suas luvas de pelica cor de lavanda poderiam ter adornado as mãos de um clérigo da moda, sem temor e sem censura. Seus modos eram agradavelmente marcados pela graça e refinamento formais da velha escola de cortesia, avivados pela perspicácia e prontidão estimulantes de um homem cuja ocupação na vida o obriga a sempre manter as suas faculdades em perfeita ordem para o trabalho. Uma constituição vigorosa e boas perspectivas para começar; uma longa carreira subsequente de prosperidade digna e tranquila; uma idade avançada alegre, diligente e amplamente respeitada — tais eram as impressões gerais que eu obtive de minha apresentação ao Sr. Gilmore; e não é mais que justo em relação a ele acrescentar que o conhecimento que obtive por meio de experiências posteriores e mais profundas apenas tendia a confirmá-las.

Deixei que o idoso cavalheiro e a Srta. Halcombe entrassem juntos na casa, e conversassem sobre questões familiares sem que fossem perturbados pelo obstáculo da presença de um estranho. Eles cruzaram o saguão a caminho da sala de estar, e eu desci os degraus novamente para perambular pelo jardim sozinho.

Minhas horas estavam contadas na Mansão de Limmeridge; minha partida na manhã seguinte estava irrevogavelmente decidida; minha parte na investigação que a carta anônima havia tornado necessária estava se acabando. Nenhum mal poderia ser causado a alguém além de mim mesmo se, durante o pouco tempo que me restava eu libertasse o meu coração da fria crueldade da repressão que a necessidade me havia forçado a impor a ele, e me despedisse dos cenários que estavam associados ao breve período onírico de minha felicidade e de meu amor.

Eu me dirigi, de modo instintivo, ao caminho abaixo da janela de minha saleta particular, onde eu havia visto Laura Fairlie na noite anterior com a sua cachorrinha, e segui a trilha que seus amados pés haviam percorrido com tanta frequência, até eu chegar ao portãozinho que conduzia ao jardim de rosas dela. A aridez do inverno se estendia por ele, lúgubre, na ocasião. As flores

que ela me havia ensinado a distinguir por seus nomes, as flores que eu havia ensinado Laura Fairlie a pintar direto da natureza, haviam sumido; e os estreitos caminhos brancos que ligavam os canteiros já estavam úmidos e verdes. Prossegui até o caminho das árvores, onde nós havíamos inspirado juntos a cálida fragrância dos anoiteceres de agosto; onde nós havíamos admirado juntos as inúmeras combinações de sombra e de luz do sol que salpicavam o chão aos nossos pés. As folhas caíam dos galhos rangentes ao meu redor, e o cheiro de podridão emanando da terra me enregelou até os ossos. Um pouco mais adiante, eu estava fora da propriedade, seguindo o caminho que ascendia serpenteante pelas colinas mais próximas. A velha árvore derrubada à beira do caminho, na qual havíamos nos sentado para descansar, estava encharcada pela chuva; e os amontoados de samambaias e de mato que eu havia desenhado para ela, aninhados sob a áspera parede de pedra à nossa frente, haviam se transformado em uma poça d'água estagnada ao redor de uma ilha de ervas daninhas enlameadas. Cheguei ao topo da colina, e olhei a paisagem que havíamos tantas vezes admirado nos tempos mais felizes. Ela estava fria e inóspita — não era mais a paisagem de que eu me lembrava. A luz do sol da presença de Laura Fairlie estava distante de mim; o encanto de sua voz não mais murmurava aos meus ouvidos. Ela havia falado comigo, no local de onde eu agora olhava lá para baixo, sobre o seu pai, que havia morrido depois de sua mãe; havia me contado quanto eles haviam gostado um do outro, e como ela ainda sentia tanto a falta dele, ao entrar em certos cômodos da casa, e quando ela se dedicava a tarefas e passatempos esquecidos com os quais ele estivera associado. Tinha sido a paisagem que eu vira então, enquanto ouvia aquelas palavras, a paisagem que eu via naquele momento, parado sozinho no topo da colina? Eu dei meia-volta e saí de lá; prossegui ao longo da charneca, e rodeando os montes de areia, até a praia. Havia a fúria branca da arrebentação, e a glória infinita das fortes e grandes ondas que se quebravam — mas onde estava o local onde Laura Fairlie outrora havia esboçado figuras com a sua sombrinha na areia; o lugar onde havíamos nos sentado juntos, enquanto ela conversava comigo sobre mim e meu lar, enquanto ela me fazia perguntas minuciosamente observadoras a respeito de minha mãe e de minha irmã e, inocente, imaginava se eu um dia abandonaria os meus aposentos solitários e teria uma esposa e um lar? Ventos e ondas, há tanto tempo, haviam apagado os traços que Laura Fairlie deixara na areia. Eu varri com o olhar a vasta monotonia da paisagem marinha, e o local em que nós dois havíamos passado as horas ensolaradas estava tão perdido para mim como se eu nunca o tivesse conhecido; tão desconhecido para mim como se eu já estivesse em uma praia estrangeira.

O silêncio solitário da praia enregelou o meu coração. Eu retornei à casa e ao jardim, onde vestígios haviam sido deixados que evocariam Laura em cada

canto.

No caminho do terraço da ala oeste, eu me encontrei com o Sr. Gilmore. Ele evidentemente estava à minha procura, pois apressou os passos quando nos vimos. Meu estado de espírito pouco me dispunha à companhia de um desconhecido. Entretanto, o encontro era inevitável; e me resignei a fazer o melhor possível.

— O senhor é exatamente a pessoa a quem eu queria ver — disse o velho cavalheiro. — Eu teria duas palavras para lhe dizer, meu caro senhor; e se o senhor não se opuser, vou aproveitar a presente circunstância. Colocando em poucas palavras, a Srta. Halcombe e eu estivemos conversando sobre assuntos familiares; assuntos que são o motivo de minha presença aqui; e, durante a nossa conversa, a Srta. Halcombe naturalmente foi levada a me contar a respeito dessa questão desagradável relacionada à carta anônima, e da parte que o senhor, de modo muito digno e adequado, desempenhou nos acontecimentos até então. Essa parte, eu compreendo muito bem, lhe dá um interesse que o senhor, fossem outras as circunstâncias, não teria sentido, sabendo que o futuro manejo da investigação iniciada pelo senhor será colocado em mãos seguras. Meu caro senhor, fique tranquilo quanto a este ponto: ela será colocada em *minhas* mãos.

— Sr. Gilmore, em todos os aspectos o senhor tem muito mais capacidade para aconselhar e agir em relação a esse assunto do que eu. Seria uma indiscrição de minha parte perguntar se o senhor já se decidiu quanto ao rumo dos procedimentos?

— Tanto quanto seja possível tomar uma decisão, Sr. Hartright, eu decidi. Tenciono enviar uma cópia da carta, acompanhada por uma declaração das circunstâncias, ao representante legal de Sir Percival Glyde em Londres, de quem tenho certo conhecimento. A própria carta eu mantereí aqui, para mostrá-la a Sir Percival assim que ele chegar. A busca das duas mulheres eu já providenciei, enviando um dos empregados do Sr. Fairlie, uma pessoa discreta, à estação para fazer perguntas; o homem tem dinheiro e instruções, e seguirá as mulheres caso descubra alguma pista. Isso é tudo que pode ser feito até Sir Percival chegar na segunda-feira. Eu não tenho dúvidas de que qualquer explicação esperada da parte de um cavalheiro e de um homem honrado será dada por ele prontamente. Sir Percival ocupa uma posição elevada, senhor; uma posição eminente, uma reputação acima de suspeitas; eu me sinto bastante tranquilo quanto aos resultados; bastante tranquilo, eu me alegro ao dizer isso para o senhor. Casos desse tipo acontecem constantemente, em minha experiência. Cartas anônimas... mulheres infelizes... uma triste situação da sociedade. Não nego que haja complicações peculiares neste caso; porém, o caso por si só é, infelizmente, comum...

comum.

— Eu receio, Sr. Gilmore, ter a infelicidade de discordar do senhor quanto ao ponto de vista que tenho sobre o caso.

— Exatamente, meu caro senhor, exatamente. Sou um homem idoso, e assumo um ponto de vista prático. O senhor é um homem jovem, e assume um ponto de vista romântico. Não vamos discutir a respeito de nossos pontos de vista. Eu vivo, profissionalmente, em uma atmosfera de litígios, Sr. Hartright, e sinto-me bastante feliz por fugir dela, como estou fugindo agora. Vamos esperar pelos acontecimentos... Sim, sim, sim; vamos esperar pelos acontecimentos. Um local encantador, este. Boa caça? Provavelmente não; nenhuma parte das terras do Sr. Fairlie é preservada, creio. Local encantador, no entanto; e pessoas amáveis. O senhor desenha e pinta, eu ouvi dizer, Sr. Hartright? Um talento invejável. Qual estilo?

Nós passamos para uma conversa mais geral — ou melhor, o Sr. Gilmore falava, e eu ouvia. Minha atenção estava bem longe dele, e dos tópicos sobre os quais ele discorria com tanta fluência. A caminhada solitária das últimas duas horas havia exercido o seu efeito sobre mim — ela havia incutido em minha mente a ideia de apressar a minha partida da Mansão de Limmeridge. Por que deveria eu prolongar aquele ordálio de dizer adeus por mais um minuto desnecessário? Qual outro serviço seria esperado de minha parte, por qualquer pessoa? Não havia um propósito útil a ser cumprido com minha permanência em Cumberland; não havia uma restrição temporal na permissão para partir que meu empregador me havia dado. Por que não acabar com tudo, naquele instante?

Eu me decidi a acabar. Ainda havia algumas horas de luz do sol — não havia motivo pelo qual a minha viagem para Londres não pudesse começar naquela tarde. Ofereci a primeira desculpa educada que se me ocorreu para me afastar da companhia do Sr. Gilmore e voltei imediatamente para a casa.

A caminho de meus aposentos, encontrei a Srta. Halcombe na escadaria. Ela viu, pela precipitação dos meus movimentos e pela alteração em minha aparência, que eu tinha algum novo objetivo em mente; e me perguntou o que havia acontecido.

Contei para ela os motivos que me levavam a pensar em apressar a minha partida, assim como os declarei aqui.

— Não, não — disse ela, ansiosa e gentil —, vá embora como um amigo; compartilhe do nosso pão uma vez mais. Fique aqui e jante conosco; fique aqui e ajude-nos a passar a nossa última noite com o senhor com tanta felicidade, como em nossas primeiras noites, se formos capazes. É meu convite; convite da Sra. Vesey... — ela hesitou um pouquinho, e acrescentou — e convite de Laura também.

Prometi ficar. Deus sabe que eu não desejava deixar nem a sombra de uma triste impressão para nenhuma delas.

Meus aposentos eram o melhor lugar para eu ficar até que soasse o sino para o jantar. Esperei lá até chegar a hora de descer.

Eu não havia conversado com a Srta. Fairlie — nem a havia visto — durante o dia inteiro. O primeiro encontro com ela, quando entrei na sala de estar, foi uma dura prova para o autocontrole dela e o meu. Ela, também, havia se esforçado ao máximo para que a nossa última noite revivesse os idos tempos dourados — os tempos que não poderiam mais voltar. Ela havia colocado o vestido que eu costumava admirar mais que qualquer outro que ela tivesse — uma seda azul-escura, enfeitada de modo elaborado e gracioso com uma renda antiquada; ela veio ao meu encontro com a sua antiga prontidão; me estendeu a mão com a boa vontade franca e inocente dos dias mais felizes. Os dedos gelados que tremiam entre os meus; as faces pálidas com uma mancha de um vermelho vivo queimando nelas; o fraco sorriso que lutava para viver em seus lábios e neles morria enquanto eu o olhava, contaram-me à custa de quanto sacrifício pessoal a sua compostura externa era mantida. Meu coração não podia se avizinhar ainda mais dela, ou eu a teria amado naquele momento como jamais a amara ainda.

O Sr. Gilmore foi um grande auxílio para nós. Ele estava de bom humor, e se encarregou da conversa com um espírito infatigável. A Srta. Halcombe o imitou, resoluta; e fez o possível para seguir o exemplo dela. Os gentis olhos azuis cujas mais ínfimas mudanças de expressão eu havia aprendido a interpretar tão bem, olhavam para mim, súplices, quando nos sentamos à mesa. Ajude a minha irmã — a doce e ansiosa face parecia dizer —, ajude a minha irmã e o senhor irá *me* ajudar.

Nós jantamos, no tocante às aparências externas, bastante felizes. Quando as senhoras haviam saído, e quando o Sr. Gilmore e eu estávamos sozinhos na sala de jantar, um novo interesse se apresentou para ocupar a nossa atenção, e para me dar uma oportunidade de me acalmar com alguns minutos de um silêncio necessário e bem-vindo. O empregado que havia sido mandado para procurar Anne Catherick e a Sra. Clements retornou com seu informe, e foi levado à sala de jantar na mesma hora.

— Bem — disse o Sr. Gilmore —, o que você descobriu?

— Eu descobri, senhor — respondeu o empregado —, que as duas mulheres adquiriram bilhetes, aqui em nossa estação, para Carlisle.

— E você foi até Carlisle, naturalmente, ao ouvir isso?

— Fui, senhor; mas lamento dizer que não consegui encontrar mais traços delas.

— Você fez perguntas na estação de ferro?

— Sim, senhor.

— E em diferentes estalagens?

— Sim, senhor.

— E você deixou a declaração que eu escrevi para você, na delegacia de polícia?

— Deixei, senhor.

— Bem, meu amigo, você fez tudo que podia fazer, e eu fiz tudo o que podia; e neste ponto a situação deve ficar até informação em contrário. Nós jogamos os nossos trunfos, Sr. Hartright — prosseguiu o velho cavalheiro, quando o empregado havia se retirado. — No momento, pelo menos, as mulheres nos passaram a perna; e nosso único recurso, agora, é esperar até Sir Percival vir para cá na próxima segunda-feira. O senhor não vai encher a sua taça de novo? Boa garrafa de Porto, essa... um vinho bom, encorpado, e antigo. Tenho melhores em minha adega, no entanto.

Nós retornamos à sala de estar — a sala em que as mais felizes noites de minha vida haviam sido passadas; a sala que, depois dessa derradeira noite, eu nunca mais iria ver. Seu aspecto havia se alterado desde que os dias haviam ficado mais curtos e o tempo ficara mais frio. As portas de vidro na lateral do terraço estavam fechadas, e ocultas por cortinas espessas. Em vez da doce escuridão do crepúsculo, na qual nós costumávamos nos sentar, o brilho radiante da luz do lampião agora ofuscava os meus olhos. Tudo havia se alterado — dentro e fora, tudo havia se alterado.

A Srta. Halcombe e o Sr. Gilmore sentaram-se à mesa de jogos; a Sra. Vesey sentou-se em sua habitual cadeira. Não havia restrições sobre como dispor da noite *deles*, e eu senti a restrição sobre como dispor da minha com intensidade ainda maior por observá-los. Vi a Srta. Fairlie perto do suporte para partituras. Houvera um tempo em que eu poderia ter me juntado a ela ali. Esperei, hesitante — eu não sabia para onde ir, nem o que fazer em seguida. Ela lançou um olhar rápido em minha direção, pegou de repente uma partitura no suporte e se aproximou de mim por iniciativa própria.

— Devo tocar algumas dessas curtas melodias de Mozart, que o senhor costumava apreciar tanto? — ela perguntou, abrindo a partitura, nervosa, e olhando para ela ao falar.

Antes que eu pudesse agradecer, ela se dirigiu rapidamente para o piano. A cadeira perto dele, que eu sempre tinha tido o costume de ocupar, ficou vazia. Ela tocou alguns acordes — então olhou para mim — e então olhou novamente para partitura.

— O senhor não vai sentar-se em seu lugar de costume? — ela perguntou, falando de modo muito abrupto, e com voz muito baixa.

— Posso fazê-lo nesta última noite — respondi.

Ela não respondeu, manteve a atenção concentrada na música — música que ela sabia de cor, que ela havia tocado vez após outra, em outros tempos, sem a partitura. Eu só sabia que ela havia me ouvido, eu só sabia que ela tinha consciência de eu estar perto dela ao ver as marcas rubras no lado do rosto que estava mais perto de mim desaparecendo, e o rosto ficando totalmente pálido.

— Eu sinto muito o senhor estar de partida — disse ela, a sua voz quase baixando para um sussurro; os seus olhos fitando a partitura com concentração cada vez maior; os seus dedos voando pelas teclas do piano com uma estranha energia febril que eu nunca havia percebido nela antes.

— Eu vou me lembrar dessas gentis palavras, Srta. Fairlie, muito depois de amanhã ter chegado e acabado.

A palidez em seu rosto ficou ainda maior, e ela o virou ainda para o outro lado.

— Não fale de amanhã — disse ela. — Permita que a música fale conosco sobre esta noite, em uma linguagem mais feliz que a nossa.

Seus lábios tremeram — um leve suspiro partiu deles, que ela tentou em vão conter. Seus dedos hesitaram sobre o piano; ela tocou uma nota errada, se confundiu tentando consertar, e deixou que as mãos caíssem no regaço, irritada. A Srta. Halcombe e o Sr. Gilmore olharam, assombrados, lá da mesa de jogos na qual eles estavam jogando. Até a Sra. Vesey, cochilando em sua cadeira, despertou com a interrupção abrupta da música e perguntou o que havia acontecido.

— O senhor joga *whist*, Sr. Hartright? — perguntou a Srta. Halcombe, com os olhos voltados de modo significativo para o local que eu ocupava.

Eu sabia o que ela queria dizer; eu sabia que ela estava certa; e me levantei na mesma hora para me dirigir à mesa de jogos. Quando me afastei do piano, a Srta. Fairlie virou uma página da partitura, e tocou as teclas de novo com mão mais segura.

— Eu *vou* tocá-la — disse ela, produzindo as notas musicais quase com veemência. — Eu *vou* tocá-la na última noite.

— Venha, Sra. Vesey — disse a Srta. Halcombe —, o Sr. Gilmore e eu estamos cansados do *écarté*... Venha e seja a parceira do Sr. Hartright no *whist*.

O velho advogado sorriu, satírico. Ele estava ganhando, e havia acabado de tirar um rei. Ele evidentemente atribuiu a brusca mudança da Srta. Halcombe nos arranjos na mesa de jogo à incapacidade dela de jogar a mão que estava perdendo.

O resto da noite transcorreu sem uma única palavra ou olhar da parte da Srta. Fairlie. Ela manteve o posto no piano; e eu o meu, à mesa de jogo. Ela tocou sem interrupções — tocou como se a música fosse seu único refúgio de si mesma. Às vezes, seus dedos tocavam as notas com um afeto melancólico, uma ternura doce, plangente e fanada, indescritivelmente bela e dolorosa de ouvir — às vezes, eles vacilavam e não lhe obedeciam, ou corriam sobre o instrumento de modo mecânico, como se a sua tarefa lhes fosse um fardo. Mesmo assim, por mais que eles se alterassem e hesitassem na expressão que transmitiam à música, sua resolução de tocar nunca falhou. Ela apenas se levantou do piano quando todos nós nos levantamos para desejar boa noite.

A Sra. Vesey era quem estava mais perto da porta, e foi a primeira a me cumprimentar.

— Não verei o senhor novamente, Sr. Hartright — disse a velha senhora. — Lamento muito mesmo o fato de o senhor estar partindo. O senhor foi gentil e atencioso; e uma mulher idosa, como eu, sente essa gentileza e atenção. Desejo que seja feliz... desejo o melhor para o senhor.

O Sr. Gilmore foi o próximo.

— Espero que tenhamos uma oportunidade de aprofundar nosso conhecimento no futuro, Sr. Hartright. O senhor compreendeu que aquela pequena questão está segura em minhas mãos? Sim, sim, naturalmente. Misericórdia, como faz frio! Não permita que eu o detenha à porta. *Bon voyage*, meu caro senhor... *bon voyage*, como dizem os franceses.

A Srta. Halcombe foi a próxima.

— Às sete e meia da manhã, amanhã — disse ela, e então acrescentou, em um sussurro. — Eu ouvi e vi mais do que o senhor supõe. Sua conduta esta noite fez de mim sua amiga para toda a vida.

A Srta. Fairlie foi a última. Eu não julgava ser capaz de olhar para ela, quando segurei a sua mão, e quando pensei na manhã seguinte.

— Devo partir amanhã bem cedo — eu disse. — Terei partido, Srta. Fairlie, antes que a senhorita...

— Não, não... — ela me interrompeu, apressada. — Não antes de eu ter saído de meu quarto. Descerei para tomar o café da manhã com Marian. Não vou ser tão ingrata, nem vou me esquecer dos últimos três meses...

Sua voz lhe falhou; a mão dela apertou gentilmente a minha — e então a soltou de repente. Antes que eu pudesse dizer “Boa noite”, ela havia saído.

O fim vem rapidamente ao meu encontro — vem de modo inevitável, assim que a luz da última manhã surgiu na Mansão de Limmeridge.

Mal haviam soado as 7h30 quando eu descí — mas encontrei-as à mesa do café da manhã à minha espera. No ar frio, na luz mortiça, no lúgubre

silêncio da casa, nós três nos sentamos juntos, e tentamos comer, tentamos conversar. A luta para manter as aparências era desesperada e malograda, e me levantei para acabar com ela.

Quando estendi a minha mão, quando a Srta. Halcombe, que estava mais perto de mim, segurou-a, a Srta. Fairlie se virou de repente e saiu às pressas da sala.

— Melhor assim — disse a Srta. Halcombe, quando a porta havia se fechado —, melhor assim, para o senhor e para ela.

Eu aguardei um momento, até ter condições de falar — era difícil afastar-me dela sem uma palavra de despedida, ou um olhar de despedida. Eu me controlei; tentei me despedir da Srta. Halcombe com os devidos modos; mas todas as palavras de despedida que eu teria querido dizer se reduziram a uma frase.

— Eu mereço que a senhorita me escreva? — foi tudo que consegui dizer.

— O senhor merece com muita dignidade tudo que eu puder fazer pelo senhor, enquanto nós vivermos. Qualquer que seja o fim, o senhor saberá.

— E se porventura eu puder ajudar de novo, em qualquer momento futuro, muito depois de a lembrança de minha imprudência e de minha insensatez ter sido esquecida...

Não fui capaz de dizer mais nada. Minha voz me falhou, os meus olhos se umedeceram, contra a minha vontade.

Ela segurou minhas mãos — segurou-as com o aperto firme e seguro de um homem; os seus olhos escuros brilharam; a sua tez morena ficou profundamente enrubescida; a força e a energia de sua face luziram e ficaram belas com a pura luz interior de sua generosidade e de sua piedade.

— Eu vou confiar no senhor... Se surgir a ocasião, vou confiar no senhor como *meu* amigo e amigo *dela*; como *meu* irmão e irmão *dela*. — Ela se deteve, atraíu-me para junto dela, a destemida e nobre criatura, e tocou minha testa com os lábios, em um gesto fraternal, e me chamou pelo meu nome de batismo. — Deus abençoe você, Walter — disse ela. — Espere aqui sozinho, e se recomponha... É melhor eu não ficar aqui, pelo bem de nós dois; é melhor eu ver você indo lá do terraço no andar de cima.

Ela saiu da sala. Eu me volvei para a janela, onde nada me defrontava a não ser a solitária paisagem outonal; eu me volvei para me dominar, antes que eu, também, saísse da sala por minha vez, e saísse de lá para sempre.

Um minuto se passou — dificilmente teria sido mais que isso — quando ouvi a porta se abrir de novo, suavemente, e o roçar de uma roupa feminina sobre o carpete se aproximou de mim. O meu coração batia violentamente quando me volvei. A Srta. Fairlie estava se aproximando de mim, vindo do

lado mais afastado da sala.

Ela parou e hesitou, quando os nossos olhares se encontraram, e quando ela viu que estávamos sozinhos. Então, com aquela coragem que as mulheres perdem com tanta facilidade nos pequenos empecilhos, e tão raramente nas grandes dificuldades, ela se aproximou mais de mim, estranhamente pálida e estranhamente silenciosa, tocando a mesa com uma das mãos ao caminhar, e segurando algo ao lado do corpo com a outra mão, que estava oculta pelos folhos de seu vestido.

— Eu só fui até a sala de estar — disse ela — para procurar isto. Ele pode fazer o senhor se lembrar de sua permanência aqui, e dos amigos que o senhor deixa para trás. O senhor me disse que eu havia progredido muito quando fiz isto... e achei que o senhor poderia gostar...

Ela virou a cabeça para o lado e me ofereceu um pequeno desenho, feito somente por suas mãos, da casa de verão onde nós havíamos nos encontrado pela primeira vez. O papel tremia em suas mãos quando ela o estendeu para mim — ele tremia nas minhas, quando eu o peguei.

Eu temia expressar os meus sentimentos, só respondi:

— Ele nunca se afastará de mim; durante toda a minha vida ele será o meu tesouro mais valioso. Eu me sinto muito grato por ele... grato à *senhorita*, por não me deixar partir sem me despedir.

— Oh! — disse ela, inocente. — Como eu poderia permitir que o senhor partisse, depois de nós termos passado tantos dias agradáveis juntos!

— Esses dias poderão nunca mais voltar, Srta. Fairlie; minha vida e a sua estão muito distantes. Mas, se chegar a ocasião em que a devoção de todo o meu coração e alma e forças lhe proporcionarem um momento de felicidade, ou lhe pouparem um momento de pesar, a senhorita há de tentar se lembrar do reles professor de desenho que lhe deu aulas? A Srta. Halcombe prometeu confiar em mim... A senhorita também o promete?

A tristeza da despedida brilhou nos gentis olhos azuis em meio às lágrimas.

— Prometo — disse ela, com voz entrecortada. — Oh, não olhe assim para mim! Eu prometo de todo coração.

Eu me arrisquei a me aproximar um pouquinho dela, e estendi a mão.

— A senhorita tem muitos amigos que a amam, Srta. Fairlie. Um futuro feliz é o caro propósito de muitas esperanças. Posso dizer, na hora da partida, que ele é o caro propósito de *minhas* esperanças também?

As lágrimas correram rapidamente pelas suas faces. Ela apoiou uma das mãos, trêmula, na mesa, para se equilibrar, enquanto me estendia a outra. Eu a peguei entre as minhas — eu a segurei com força. Minha cabeça se inclinou

sobre ela; as minhas lágrimas caíram sobre ela; os meus lábios a tocaram — não com amor, oh, não com amor, naquele derradeiro instante, mas na agonia e no abandono do desespero.

— Pelo amor de Deus, afaste-se de mim! — disse ela, com voz fraca.

A confissão do segredo de seu coração irrompeu naquelas palavras súplices. Eu não tinha o direito de ouvi-las, não tinha o direito de dar-lhes uma resposta: elas eram as palavras que me baniam, em nome da sagrada vulnerabilidade dela, daquela sala. Tudo se acabara. Soltei a mão dela; eu não disse mais nada. As lágrimas cegantes afastaram Laura Fairlie de meus olhos, e eu as sequei para olhá-la pela última vez. Um olhar, enquanto ela se deixava cair na cadeira, enquanto os braços dela tombavam sobre a mesa, enquanto sua bela cabeça caía sobre eles, exausta. Um olhar de despedida; e a porta havia se fechado à frente dela — o grande abismo de nossa separação se abria entre nós — a imagem de Laura Fairlie já era uma lembrança do passado.

O Fim da Narrativa de Walter Hartright

¹ Tablettes — cadernos de notas.

*A História continuada por VINCENT GILMORE,
Advogado, da Alameda da Chancelaria, Londres*

I

ESCREVO estas linhas a pedido de meu amigo, o Sr. Walter Hartright. Elas têm por objetivo fazer uma descrição de certos acontecimentos que afetaram gravemente os interesses da Srta. Fairlie e ocorreram após o momento da partida do Sr. Hartright da Mansão de Limmeridge.

Não há necessidade, de minha parte, de dizer se minha opinião sanciona ou não a revelação da singular história familiar, da qual minha narrativa forma um importante elemento constitutivo. O Sr. Hartright assumiu essa responsabilidade; e as circunstâncias ainda por narrar irão demonstrar que ele mereceu amplamente o direito de fazê-lo, se ele resolver exercê-lo. O plano que ele adotou para apresentar a história a terceiros, do modo mais verídico e nítido, exige que ela seja relatada, em cada etapa sucessiva da progressão dos eventos, pelas pessoas diretamente envolvidas nesses eventos na época em que eles ocorreram. Meu surgimento, neste ponto, como narrador, é a consequência necessária desse acordo. Eu estive presente durante a permanência de Sir Percival Glyde em Cumberland, e estive pessoalmente envolvido em um importante resultado dessa curta residência dele sob o teto do Sr. Fairlie. É meu dever, portanto, acrescentar estes novos elos à cadeia dos acontecimentos, e pegá-la no ponto em que, apenas pelo momento presente, o Sr. Hartright a soltou.

Eu cheguei à Mansão de Limmeridge em uma sexta-feira, dia dois de novembro.

Meu objetivo era permanecer na casa do Sr. Fairlie até a chegada de Sir Percival Glyde. Se esse acontecimento ocasionasse a determinação de uma data qualquer para a união de Sir Percival com a Srta. Fairlie, eu deveria levar as instruções necessárias comigo para Londres, e me ocupar com a preparação do pacto antenupcial da jovem.

Na sexta-feira, não fui agraciado com uma conversa com o Sr. Fairlie. Ele estivera, ou imaginara estar, inválido por muitos anos, e não estava bem o

suficiente para me receber. A Srta. Halcombe foi o primeiro membro da família que eu vi. Ela me encontrou na porta da mansão, e me apresentou ao Sr. Hartright, que estava morando em Limmeridge fazia algum tempo.

Eu não vi a Srta. Fairlie até mais tarde naquele mesmo dia, na hora do jantar. Ela não estava com boa aparência, e lamentei observar isso. Ela é uma moça meiga e adorável, tão amável e atenciosa com todas as pessoas ao seu redor assim como sua excelente mãe costumava ser — embora, quanto aos traços físicos, ela se pareça com o pai. A Sra. Fairlie tinha cabelos e olhos escuros; e sua filha mais velha, a Srta. Halcombe, me faz lembrar muito dela. A Srta. Fairlie tocou piano para nós à noite — não tão bem como sempre, eu achei. Nós jogamos um *rubber* de *whist*; uma mera profanação, no que diz respeito a como a partida se desenrolou, daquele nobre jogo. Eu havia ficado favoravelmente impressionado com o Sr. Hartright, quando fomos apresentados um ao outro; mas logo descobri que ele não estava livre dos pecados sociais característicos de sua idade. Há três coisas que nenhum dos jovens da atual geração é capaz de fazer. Eles não sabem beber vinho; não são capazes de jogar *whist*; e não sabem fazer um elogio a uma senhora. O Sr. Hartright não era uma exceção a essa regra geral. Excetuando esses aspectos, até mesmo naqueles primeiros dias e com um conhecimento tão breve, ele me deu a impressão de ser um jovem modesto e com modos de cavalheiro.

E assim se passou a sexta-feira. Nada digo a respeito dos assuntos mais sérios que chamaram a minha atenção naquele dia — a carta anônima endereçada à Srta. Fairlie; as medidas que julguei adequado tomar quando a questão me foi mencionada; e a convicção por mim mantida de que todas as explicações possíveis das circunstâncias seriam prontamente oferecidas por Sir Percival Glyde, todas elas tendo sido apresentadas em detalhes, conforme penso, na narrativa que precede esta.

No sábado, o Sr. Hartright havia partido antes de eu descer para o café da manhã. A Srta. Fairlie permaneceu em seu quarto o dia inteiro; e a Srta. Halcombe me pareceu abatida. A casa não era o que costumava ser na época do Sr. e da Sra. Philip Fairlie. Eu fiz uma caminhada sozinho na parte da manhã, e visitei alguns dos lugares que vi pela primeira vez quando estivera em Limmeridge para tratar de negócios da família, mais de trinta anos passados. Tampouco eles eram o que costumavam ser.

Às duas horas da tarde, o Sr. Fairlie mandou dizer que estava bem o suficiente para me ver. De qualquer modo, *ele* não havia mudado desde que o vi pela primeira vez. Sua conversa era voltada para os mesmos assuntos, como sempre — tudo a respeito dele e de seus achaques, suas maravilhosas moedas e suas incomparáveis águas-fortes de Rembrandt. No momento em que tentei falar dos negócios que me haviam trazido à sua casa, ele fechou os olhos e

disse que eu o “apoquentava”. Eu persisti em apoquentá-lo voltando uma vez depois da outra ao assunto. Tudo que consegui averiguar era que ele considerava o casamento de sua sobrinha um negócio acertado; que o pai dela o havia sancionado; que ele próprio o sancionara; que era um bom casamento, e que ele ficaria pessoalmente muito feliz quando todos os problemas relacionados ao assunto se acabassem. Quanto ao pacto antenupcial, se eu falasse com a sobrinha dele, e posteriormente mergulhasse tão fundo quanto quisesse no meu conhecimento pessoal dos negócios familiares, e arrumasse tudo, e limitasse a parte dele no negócio, como guardião, a dizer Sim no momento adequado — ora, é claro que ele concordaria com os meus pontos de vista, e os pontos de vista de todas as outras pessoas, com um prazer infinito. Entrementes, ali eu o via, um sofredor indefeso, confinado aos seus aposentos. Eu achava que ele queria ser incomodado? Não. Então, por que o incomodar?

Eu talvez pudesse ter ficado um bocadinho surpreendido com essa extraordinária falta de assertividade por parte do Sr. Fairlie, na qualidade de guardião, se o meu conhecimento dos negócios familiares não tivesse sido suficiente para me lembrar de que ele era um homem solteiro e não tinha mais que um usufruto da propriedade de Limmeridge. Do modo como as coisas se encontravam, portanto, eu não estava nem surpreso nem decepcionado com o resultado da conversa. O Sr. Fairlie simplesmente havia justificado as minhas expectativas — e já basta.

Domingo foi um dia enfadonho, dentro e fora de casa. Recebi uma carta do representante legal de Sir Percival Glyde, confirmando o recebimento da minha cópia da carta anônima e o meu relato do caso que a acompanhava. A Srta. Fairlie se juntou a nós à tarde, pálida e aparentando estar deprimida, e nem um pouco parecida com o que costumava ser. Conversei um pouco com ela, e arrisquei uma delicada alusão a Sir Percival. Ela ouviu, e nada disse. Todos os outros assuntos ela discutia com boa vontade; mas esse ela permitia que fosse deixado de lado. Comecei a me perguntar se ela não poderia ter se arrependido de seu compromisso — assim como as jovens senhoritas se arrependem, quando o arrependimento surge tarde demais.

Na segunda-feira, Sir Percival Glyde chegou.

Eu o considerei um homem muito encantador, no que diz respeito aos modos e à aparência. Ele parecia ser bem mais velho do que eu esperava; estava ficando careca perto da testa, e o rosto era um tanto marcado e abatido. Porém, seus movimentos eram tão cheios de vida e seu temperamento tão animado quanto os de um homem jovem. Ele se encontrou com a Srta. Halcombe de um modo deliciosamente caloroso e natural; e me recebeu, quando a ele fui apresentado, com tanta naturalidade e cordialidade que nós

nos demos tão bem como velhos amigos. A Srta. Fairlie não estava conosco quando ele chegou, mas ela entrou no aposento cerca de dez minutos depois. Sir Percival se levantou e a cumprimentou com uma graça perfeita. Sua evidente preocupação ao ver a alteração para pior na aparência da jovem senhorita foi manifestada com uma mistura de ternura e de respeito, com uma modesta delicadeza de entonação, de voz e de modos, que davam crédito à sua boa educação e ao seu bom senso. Eu fiquei bastante surpreso, sob tais circunstâncias, ao ver que a Srta. Fairlie continuava constrangida e intranquila na presença dele, e que ela aproveitou a primeira oportunidade para tornar a sair do aposento. Sir Percival não percebeu nem o constrangimento com que ela o recebera, nem o repentino afastamento dela de nossa companhia. Ele não lhe havia imposto as suas atenções enquanto ela estava presente, e não deixou a Srta. Halcombe embaraçada com quaisquer alusões ao afastamento dela depois de ela ter saído do aposento. Seu tato e seu bom gosto jamais falharam nessa ou em qualquer outra ocasião enquanto eu estive na companhia dele na Mansão de Limmeridge.

Assim que a Srta. Fairlie saiu do aposento, ele nos poupou qualquer constrangimento em relação ao assunto da carta anônima referindo-se a ela por vontade própria. Ele havia se detido em Londres a caminho de Hampshire; estivera com seu representante legal; lera os documentos enviados por mim, e havia viajado até Cumberland ansioso para tranquilizar os nossos espíritos com a mais rápida e detalhada explicação que as palavras pudessem proporcionar. Ao ouvi-lo se expressar assim, eu lhe ofereci a carta original, que havia guardado para que ele a visse. Ele me agradeceu e se recusou a olhá-la, dizendo que havia visto a cópia e estava bastante disposto a deixar o original em nossas mãos.

A explicação propriamente dita, que ele começou na mesma hora, era tão simples e satisfatória quanto eu havia, o tempo todo, previsto que ela seria.

No passado, ele nos informou, a Sra. Catherick havia merecido o reconhecimento dele por serviços fiéis prestados aos familiares dele e a ele próprio. Ela havia sido duplamente infeliz ao se casar com um marido que a havia abandonado, e ao ter uma única filha cujas capacidades mentais haviam sido perturbadas desde tenra idade. Embora o casamento dela a tivesse levado para uma parte de Hampshire bastante distante da região em que se localizava a propriedade de Sir Percival, ele havia tomado a precaução de não a perder de vista — os seus sentimentos amistosos em relação à pobre mulher, em consideração aos serviços prestados no passado, tendo sido muito fortalecidos por sua admiração pela paciência e coragem com que ela suportava os seus infortúnios. Com o passar do tempo, os sintomas de perturbação mental na pobre filha dela aumentaram a tal ponto que tornaram uma questão de

necessidade colocá-la sob cuidados médicos adequados. A própria Sra. Catherick reconhecia tal necessidade; porém, ela também tinha as ideias preconcebidas, características de pessoa que ocupavam sua respeitável posição, quanto a permitir que a sua filha fosse admitida, como uma pobre, em um Sanatório público. Sir Percival havia respeitado tais ideias, assim como respeitava uma honesta liberdade de sentimentos em qualquer posição social na vida, e havia resolvido demonstrar o seu sentimento de gratidão pelo apego, no passado, da Sra. Catherick em relação aos interesses dele e da família dele, pagando os custos da manutenção da filha dela em um Sanatório particular de confiança. Para tristeza da mãe dela, e para a dele também, a infeliz criatura havia descoberto o papel que as circunstâncias o haviam levado a desempenhar na internação dela e, conseqüentemente, havia passado a sentir o ódio e a desconfiança mais intensos em relação a ele. A esse ódio e desconfiança — que se haviam manifestado de várias formas no Sanatório — claramente se devia a carta anônima, escrita após a fuga. Se as lembranças que a Srta. Halcombe e o Sr. Gilmore tinham do documento não confirmassem esse ponto de vista, ou se desejassem maiores detalhes sobre o Sanatório (cujo endereço ele mencionou, bem como os nomes e endereços de dois médicos sob cuja responsabilidade a paciente havia sido admitida), ele estava pronto para responder quaisquer perguntas e a esclarecer quaisquer dúvidas. Ele havia cumprido o seu dever em relação à infeliz jovem, instruindo o seu representante legal a não poupar despesas procurando-a e a colocá-la uma vez mais sob cuidados médicos; e agora apenas estava ansioso para cumprir seu dever para com a Srta. Fairlie e para com a família dela, do mesmo modo simples e direto.

Eu fui o primeiro a me manifestar em resposta a essa declaração. Meu próprio caminho me era claro. É a grande beleza da Lei que ela pode debater qualquer afirmação humana, feita sob quaisquer circunstâncias, e reduzida a qualquer forma. Se eu tivesse sido convocado profissionalmente a apresentar um caso contra Sir Percival Glyde, com base em sua própria explicação, eu poderia ter feito isso além de qualquer dúvida. Porém, meu dever não ia nessa direção: minha função era puramente a do tipo deliberativo. Eu deveria avaliar a explicação que nós tínhamos acabado de ouvir; dar o devido peso à reputação do cavalheiro que a oferecera; e decidir, com honestidade, se as probabilidades, segundo a declaração de Sir Percival, se encontravam claramente do lado dele, ou claramente contra ele. Minha própria convicção era a de que elas estavam claramente do lado dele; e, conseqüentemente, declarei que sua explicação era, segundo meu ponto de vista, inquestionavelmente satisfatória.

A Srta. Halcombe, após me olhar muito ansiosa, disse, por sua vez, algumas palavras nesse mesmo sentido — com certa hesitação nos modos,

entretanto, que as circunstâncias não me pareciam justificar. Sou incapaz de dizer, com certeza, se Sir Percival percebeu ou não isso. Minha opinião é a de que percebeu; vendo que ele explicitamente retornou ao assunto, embora pudesse, então, com toda a adequação, tê-lo deixado de lado.

“Se a minha simples declaração dos fatos tivesse sido dirigida somente ao Sr. Gilmore”, ele disse, “eu consideraria desnecessárias quaisquer referências posteriores a essa triste questão. Posso honestamente esperar que o Sr. Gilmore, sendo um cavalheiro, acredite em mim apenas com as minhas palavras; e quando ele me tiver feito essa justiça, toda a discussão do assunto entre nós terá chegado ao fim. Mas, minha posição em relação a uma senhora não é a mesma. Eu devo a ela o que eu não concederia a nenhum homem vivo — uma *prova* da veracidade de minha declaração. A senhorita não pode pedir essa prova, Srta. Halcombe; e é, portanto, meu dever para com a senhorita, e ainda mais para com a Srta. Fairlie, oferecê-la. Posso pedir que a senhorita escreva imediatamente para a mãe dessa infeliz criatura, a Sra. Catherick, pedindo-lhe que corrobore a explicação que eu acabei de oferecer aos presentes.”

Eu vi a Srta. Halcombe enrubescer e aparentar sentir-se um bocadinho intranquila. A sugestão de Sir Percival, cortês como fora feita, parecia para ela, assim como para mim, indicar, com muita delicadeza, a hesitação que os modos dela haviam traído uns minutos antes.

“Espero, Sir Percival, que o senhor não me faça a injustiça de supor que eu não confio no senhor”, disse ela, rapidamente.

“Certamente que não, Srta. Halcombe. Faço a minha proposta simplesmente como um ato de atenção para com a *senhorita*. A senhorita me perdoará minha insistência se eu ainda me arriscar a manifestá-la?”

Ele se dirigiu à escrivanhinha, enquanto falava, puxou uma cadeira para perto dela, e abriu o estojo de papel de carta.

“Permita-me pedir-lhe que escreva a carta”, disse ele, “como um favor para *mim*. Isso não precisa ocupá-la mais que uns poucos minutos. A senhorita precisa apenas fazer duas perguntas para a Sra. Catherick. Em primeiro lugar, se a filha dela foi colocada no Sanatório com o conhecimento e a aprovação dela. E em segundo lugar, se o papel que eu desempenhei nessa questão mereceu que ela manifestasse sua gratidão pela minha pessoa? O Sr. Gilmore está tranquilo em relação a este assunto desagradável; e a senhorita também está; por favor, deixe-me ficar também tranquilo, escrevendo a carta.”

“O senhor me compele a atender ao seu pedido, Sir Percival, quando eu preferiria recusá-lo.” Com essas palavras, a Srta. Halcombe se levantou de sua cadeira e se dirigiu à escrivanhinha. Sir Percival lhe agradeceu, entregou-lhe uma pena e então se dirigiu para a lareira. A pequena galga italiana da Srta.

Fairlie estava deitada no tapete. Sir Percival estendeu a mão e chamou a cachorrinha, bem-humorado.

“Venha cá, Nina”, disse ele, “nós lembramos um do outro, não?”

O animalzinho, covarde e intratável como cachorros de estimação costumam ser, olhou para ele com raiva, se afastou da mão estendida, ganiu, tremeu e se escondeu sob um sofá. Era praticamente impossível que Sir Percival pudesse ter se desconcertado por uma ninharia como a acolhida dele por um cachorro — mas, não obstante, percebi que ele se encaminhou rapidamente para a janela. Talvez ele tivesse o temperamento irritadiço de vez em quando? Se assim for, eu o compreendo. Meu temperamento é irritadiço, às vezes, também.

A Srta. Halcombe não demorou muito para escrever a carta. Quando esta estava pronta, ela se levantou da escrivaninha e entregou a folha de papel aberta para Sir Percival. Ele fez uma medida; pegou a carta, dobrou-a na mesma hora, sem olhar para o conteúdo, selou-a, escreveu o endereço e a devolveu para a Srta. Halcombe em silêncio. Nunca vi nada feito com melhores modos e maior adequação em minha vida.

“O senhor insiste que eu poste esta carta, Sir Percival?”, perguntou a Srta. Halcombe.

“Eu suplico que a senhorita a poste”, ele respondeu. “E agora que ela está escrita e selada, permita-me fazer uma ou duas perguntas finais sobre a infeliz mulher a quem ela se refere. Eu li a declaração que o Sr. Gilmore gentilmente endereçou ao meu representante legal, descrevendo as circunstâncias sob as quais a autora da carta anônima foi identificada. Mas, há certos pontos a que a declaração não se refere. Anne Catherick viu a Srta. Fairlie?”

“Certamente não”, respondeu a Srta. Halcombe.

“Ela viu a senhorita?”

“Não.”

“Ela não viu ninguém desta casa, então, a não ser certo Sr. Hartright, que acidentalmente a encontrou no adro da igreja local?”

“Ninguém mais.”

“O Sr. Hartright estava empregado em Limmeridge como professor de desenho, eu creio? Ele é membro de uma das Sociedades dos Aquarelistas?”

“Suponho que seja”, respondeu a Srta. Halcombe.

Ele ficou em silêncio por um momento, como se estivesse pensando na última resposta, e então acrescentou:

“A senhorita descobriu onde Anne Catherick estava vivendo, quando ela se encontrava nas redondezas?”

“Sim. Em uma propriedade rural na charneca, chamada Todd’s Corner.”

“Encontrá-la é um dever que todos temos para com a pobre criatura”, disse Sir Percival. “Ela pode ter dito alguma coisa em Todd’s Corner que possa nos ajudar a encontrá-la. Eu irei até lá, e farei perguntas sobre essa possibilidade. Enquanto isso, como não posso me forçar a discutir este doloroso assunto com a Srta. Fairlie, posso suplicar, Srta. Halcombe, que a senhorita gentilmente se encarregue de oferecer a ela as explicações necessárias, esperando, naturalmente, até a senhorita ter recebido a resposta àquela carta.”

A Srta. Halcombe prometeu acatar o pedido dele. Ele agradeceu — fez um aceno agradável com a cabeça — e deixou nossa companhia, para ir se acomodar em seus aposentos. Quando ele abriu a porta, a intratável galga italiana tirou o seu focinho pontudo de debaixo do sofá e latiu e rosnou para ele.

“Uma bela manhã de trabalho, Srta. Halcombe”, eu disse, assim que estávamos a sós. “Eis um dia cheio de ansiedade que terminou muito bem.”

“Sim”, ela respondeu, “sem dúvida. Fico muito feliz por o senhor estar tranquilo.”

“*Eu* estar tranquilo! Com certeza, com aquela carta em suas mãos, a senhorita também está tranquila?”

“Oh, sim... E como poderia ser diferente? Eu sei que não seria possível”, ela prosseguiu, falando mais com seus botões que comigo, “mas eu quase desejaria que Walter Hartright tivesse permanecido aqui o suficiente para estar presente durante a explicação, e ouvir a proposta para que eu escrevesse esta carta.”

Eu me sentia um pouco surpreso — talvez um pouquinho ressentido também, com essas últimas palavras.

“Os acontecimentos, é verdade, relacionaram o Sr. Hartright de modo notável com o caso da carta”, eu disse, “e prontamente admito que ele se conduziu, levando tudo em consideração, com grande delicadeza e discrição. Porém, não consigo entender qual influência útil a presença dele poderia ter exercido em relação às palavras de Sir Percival sobre a senhorita ou sobre mim.”

“Foi apenas um desejo”, disse ela, distraída. “Não há necessidade de continuar a discutir o assunto, Sr. Gilmore. Sua experiência deve ser, e é, o melhor aconselhamento que eu possa desejar.”

Não apreciei nem um pouco ela colocar toda a responsabilidade, com tanta clareza, em minhas mãos. Se o Sr. Fairlie tivesse feito isso, eu não teria me surpreendido. Mas a decidida e lúcida Srta. Halcombe era a última pessoa deste mundo que eu teria esperado encontrar evitando manifestar qualquer opinião própria.

“Se quaisquer dúvidas ainda a perturbam”, eu disse, “por que não as mencionar imediatamente para mim? Diga-me com clareza, a senhorita tem qualquer motivo para não confiar em Sir Percival Glyde?”

“Nenhum motivo.”

“A senhorita vê algo improvável, ou contraditório, na explicação dele?”

“Como posso dizer que sim, depois da prova que ele me ofereceu da veracidade da explicação? Pode haver melhor testemunho a favor dele, Sr. Gilmore, que o testemunho da mãe da mulher?”

“Não pode haver melhor. Se a resposta para a sua carta for satisfatória, eu, por minha vez, não consigo ver o que mais qualquer amigo de Sir Percival possa esperar dele.”

“Então nós vamos postar a carta”, disse ela, levantando-se para sair do aposento, “e deixar de lado qualquer referência ao assunto até que a resposta chegue. Não dê qualquer valor à minha hesitação. Não posso oferecer motivo melhor para ela além do fato de estar muito preocupada com Laura recentemente; e a preocupação, Sr. Gilmore, abala o mais forte de nós.”

Ela me deixou de modo abrupto, sua voz naturalmente firme falhando enquanto dizia as últimas palavras. Uma natureza sensível, veemente e ardente — uma mulher entre dez mil nestes tempos triviais e superficiais. Eu a havia conhecido desde a infância; eu a havia visto sendo posta à prova, em mais de uma difícil crise familiar, e a minha grande experiência havia me feito dar uma importância à hesitação dela sob as circunstâncias aqui detalhadas, que eu certamente não teria dado no caso de nenhuma outra mulher. Eu não conseguia ver motivo para qualquer inquietude ou qualquer dúvida; mas, ela havia me deixado um pouquinho inquieto, e um pouquinho duvidoso, não obstante. Em minha juventude, eu teria ficado exaltado e perturbado devido à irritação de meu próprio estado de espírito irracional. Em minha idade, tenho mais experiência; e saí filosoficamente para espairar com uma caminhada.

II

Nós todos nos encontramos novamente na hora do jantar.

Sir Percival se encontrava em um estado de espírito tão exaltado e ruidoso que mal o reconheci como o mesmo homem cujo tato discreto, refinamento e bom senso tanto me haviam impressionado durante a conversa na parte da manhã. O único traço da pessoa que ele demonstrara ser que eu consegui detectar reaparecia, de vez em quando, em seus modos em relação à Srta. Fairlie. Um olhar ou uma palavra da parte dela continham a sua risada mais alta, detinham a sua mais animada conversa, e faziam com que ele fosse muito

atencioso com ela, e com ninguém mais à mesa, em um instante. Embora nunca tentasse abertamente fazê-la participar da conversa, ele nunca perdia a mais ínfima chance que ela lhe proporcionava de fazê-la participar casualmente, e de dizer-lhe as palavras, naquelas circunstâncias favoráveis, que um homem com menos tato e delicadeza teria claramente lhe dirigido no momento em que elas lhe ocorressem. Para minha surpresa, a Srta. Fairlie parecia se dar conta das atenções dele sem com elas se emocionar. Ela ficava um tantinho confusa de vez em quando, quando ele a olhava ou falava com ela; no entanto, nunca se sensibilizava com isso. Posição, fortuna, boa educação, boa aparência, o respeito de um cavalheiro e a dedicação de um homem apaixonado foram humildemente colocados aos pés dela e, no que dizia respeito às aparências, eram todos oferecidos em vão.

No dia seguinte, terça-feira, Sir Percival foi, de manhã (levando um dos empregados como guia) até Todd's Corner. Suas perguntas, conforme fiquei sabendo posteriormente, não levaram a resultado algum. Ao voltar, ele conversou com o Sr. Fairlie; e à tarde ele e a Srta. Halcombe saíram juntos a cavalo. Nada mais aconteceu que fosse digno de nota. A noite se passou como de costume. Não houve uma mudança em Sir Percival, e não houve uma mudança na Srta. Fairlie.

O correio de quarta-feira trouxe algo digno de nota — a resposta da Sra. Catherick. Eu fiz uma cópia do documento, que preservei e posso muito bem apresentar nesta ocasião. Ela diz o seguinte:

“SENHORA, eu confirmo o recebimento de sua carta, perguntando se minha filha, Anne, foi colocada sob cuidados médicos com meu conhecimento e aprovação, e se a parte desempenhada no assunto por Sir Percival Glyde foi tal que merecesse a manifestação de minha gratidão para com o cavalheiro. Queira aceitar a minha resposta afirmativa nos dois casos, e creia-me, para sempre, sua criada respeitosa,

JANE ANNE CATHERICK.”

Concisa, seca e indo direto ao assunto: quanto à forma, uma carta de um tipo muito comercial para ser escrita por uma mulher; quanto ao conteúdo, uma confirmação tão clara quanto se pudesse desejar da declaração de Sir Percival Glyde. Essa foi a minha opinião e, com certas ínfimas reservas, a opinião da Srta. Halcombe também. Sir Percival, quando a carta lhe foi mostrada, não pareceu ficar surpreso com o seu tom conciso e seco. Ele nos disse que a Sra. Catherick era uma mulher de poucas palavras, uma pessoa lúcida, séria e sem imaginação, que escrevia com brevidade e clareza, assim como falava.

O próximo dever a ser cumprido, agora que a resposta havia sido recebida, era o de oferecer à Srta. Fairlie a explicação de Sir Percival. A Srta. Halcombe havia se encarregado de fazer isso, e saído do aposento para ir ter com a irmã, quando, de repente, ela retornou e sentou-se ao lado da poltrona na qual eu estava lendo o jornal. Sir Percival havia saído um minuto antes, para ir dar uma olhada nos estábulos, e ninguém se encontrava no aposento além de nós dois.

“Suponho que tenhamos real e verdadeiramente feito tudo que podíamos fazer?”, disse ela, virando e revirando a carta da Sra. Catherick em suas mãos.

“Se nós somos amigos de Sir Percival, que o conhecemos e confiamos nele, fizemos tudo, e muito mais que tudo, que é necessário”, respondi, um pouco aborrecido com esse reaparecimento de sua hesitação. “Mas, se somos inimigos, que suspeitamos dele...”

“Não se pode nem pensar nessa alternativa”, interrompeu ela. “Nós somos amigos de Sir Percival; e se generosidade e indulgência podem aumentar a nossa estima por ele, temos de ser admiradores de Sir Percival também. O senhor sabe que ele esteve com o Sr. Fairlie ontem, e que em seguida ele saiu comigo?”

“Sim. Eu vi a senhorita e ele saindo juntos a cavalo.”

“Nós começamos o passeio falando sobre Anne Catherick, e sobre o modo singular como o Sr. Hartright havia se encontrado com ela. Mas logo deixamos esse assunto de lado; e Sir Percival falou em seguida, com os termos mais abnegados, sobre o seu compromisso com Laura. Ele disse ter observado que ela estava deprimida, e se sentia inclinado, se não recebesse uma informação em contrário, a atribuir a essa causa a alteração nos modos dela para com ele durante a sua presente visita. Se, entretanto, houvesse uma razão mais séria para a mudança, ele suplicaria que nenhuma imposição fosse feita às inclinações dela ou pelo Sr. Fairlie ou por mim. Tudo que ele pedia, nesse caso, era que ela recordasse, pela última vez, quais haviam sido as circunstâncias nas quais o compromisso entre eles fora ajustado, e qual havia sido a conduta dele desde quando começara a lhe fazer a corte até o dia de hoje. Se, após uma devida reflexão sobre esses dois temas, ela desejasse com toda a seriedade que ele abrisse mão de suas intenções de ter a honra de se tornar o marido dela — e se ela lhe dissesse isso com toda a clareza, com suas próprias palavras —, ele se sacrificaria deixando-a totalmente livre para refutar o compromisso.”

“Nenhum homem poderia dizer mais do que isso, Srta. Halcombe. Quanto à minha experiência, poucos homens na situação dele teriam dito tanto.”

Ela fez uma pausa depois de eu ter dito essas palavras, e olhou para mim com uma peculiar expressão de perplexidade e de angústia.

“Eu não acuso ninguém, e não suspeito de nada”, ela falou, abruptamente. “Porém, não posso e não vou aceitar a responsabilidade de persuadir Laura a aceitar este casamento.”

“Esse é exatamente o rumo que o próprio Sir Percival pediu que a senhorita seguisse”, eu repliquei, atônito. “Ele suplicou que a senhorita não forçasse as inclinações dela.”

“E ele indiretamente me obriga a forçá-las, se eu entregar essa mensagem para ela.”

“E como pode ser assim?”

“Consulte o seu próprio conhecimento de Laura, Sr. Gilmore. Se eu disser para ela pensar nas circunstâncias do seu compromisso, na mesma hora eu faço um apelo a dois dos sentimentos mais fortes na sua natureza: ao amor dela pela memória do pai, e ao imenso apreço que ela tem pela verdade. O senhor sabe que ela nunca quebrou uma promessa em sua vida; o senhor sabe que ela aceitou esse compromisso no começo da doença fatal do pai dela, e que ele falou, esperançoso e feliz, sobre o casamento dela com Sir Percival em seu leito de morte.”

Confesso que eu estava um bocadinho chocado com esse ponto de vista sobre o caso.

“Com certeza”, eu disse, “a senhorita não quer pressupor que quando Sir Percival falou com a senhorita ontem, ele contemplava tal resultado como o que a senhorita acabou de mencionar?”

Seu rosto franco e destemido respondeu por ela antes que ela falasse.

“O senhor acha que eu ficaria um instante na companhia de qualquer homem de quem eu suspeitasse de tamanha vileza?”, ela perguntou, raivosa.

Gostei de sentir a indignação calorosa dela se arrojando sobre mim daquele modo. Nós vemos tanta maldade e tão pouca indignação em minha profissão.

“Em tal caso”, eu disse, “me perdoe se eu lhe disser, em nossos termos legais, que a senhorita está esquecendo o mérito da questão. Quaisquer que possam ser as consequências, Sir Percival tem o direito de esperar que a sua irmã considere cuidadosamente o compromisso dela com base em todos os pontos de vista razoáveis antes de ela pedir que seja eximida dele. Se essa infeliz carta fez com que ela tenha ideias preconcebidas contra ele, vá imediatamente e diga-lhe que ele se justificou perante a senhorita e a mim. Qual objeção pode a Srta. Fairlie apresentar contra ele depois disso? Qual desculpa pode ela possivelmente ter para mudar de ideia a respeito de um homem a quem ela virtualmente aceitou como marido há mais de dois anos?”

“Aos olhos da lei e da razão, Sr. Gilmore, nenhuma desculpa, eu me

arrisco a dizer. Se ela ainda hesita, ese eu ainda hesito, o senhor tem de atribuir a nossa estranha conduta, caso queira, ao capricho em ambos os casos, e nós temos de suportar a imputação da melhor maneira possível.”

Com essas palavras, ela se levantou de repente, e saiu. Quando uma mulher sensata ouve uma pergunta séria lhe sendo feita, e a evita por meio de uma resposta irreverente, é um sinal seguro, em noventa e nove casos entre cada cem, de que ela tem algo a esconder. Eu voltei à leitura do jornal, com fortes suspeitas de que a Srta. Halcombe e a Srta. Fairlie tinham entre si um segredo que estavam ocultando de Sir Percival e ocultando de mim. Achei que isso era injusto para com ambos — especialmente para com Sir Percival.

Minhas dúvidas — ou, para me expressar de modo mais correto, as minhas convicções — foram confirmadas pelas palavras e pelos modos da Srta. Halcombe, quando eu a vi novamente, mais tarde, naquele dia. Ela estava concisa e reservada, de modo bastante suspeito, ao me contar o resultado de sua conversa com a irmã. A Srta. Fairlie, ao que parecera, havia ouvido em silêncio enquanto o assunto da carta lhe era apresentado sob o ponto de vista correto; mas quando a Srta. Halcombe, em seguida, prosseguiu dizendo que o objetivo da visita de Sir Percival a Limmeridge era persuadi-la a permitir que fosse marcado um dia para o casamento, ela conteve todas as demais referências ao assunto pedindo mais tempo. Se Sir Percival consentisse em deixá-la livre no momento presente, ela se comprometeria a dar-lhe sua resposta final antes do fim do ano. Ela pleiteou esse adiamento com tanta ansiedade e agitação que a Srta. Halcombe havia prometido usar de sua influência, se necessário, para obtê-lo; e nesse ponto, devido aos rogos mais sinceros da Srta. Fairlie, toda a discussão subsequente do tema do casamento havia se encerrado.

O arranjo puramente temporário assim proposto poderia ter sido muito conveniente para a jovem senhorita; mas ele acabou sendo um tanto embaraçoso para o autor destas linhas. O correio daquela manhã havia trazido uma carta de meu sócio, que me obrigava a voltar para a cidade no dia seguinte, pelo trem da tarde. Era muito provável que eu não tivesse uma segunda oportunidade de me apresentar na Mansão de Limmeridge durante o restante do ano. Nesse caso, supondo que a Srta. Fairlie acabasse se decidindo por seu compromisso, minhas necessárias comunicações pessoais com ela, antes de eu preparar o pacto antenupcial, se tornariam algo parecido com uma completa impossibilidade, e nós seríamos obrigados a fazer por escrito perguntas que sempre deveriam ser discutidas de ambos os lados pessoalmente. Eu nada disse a respeito dessa dificuldade, até Sir Percival ter sido consultado sobre a questão do adiamento desejado. Ele era um cavalheiro por demais galante para não acatar o pedido imediatamente. Quando a Srta.

Halcombe me transmitiu essa informação, eu lhe disse que precisava de qualquer maneira conversar com a irmã dela antes de partir de Limmeridge; e, por conseguinte, foi combinado que eu me encontraria com a Srta. Fairlie em sua saleta particular na manhã seguinte. Ela não desceu para jantar, nem se juntou a nós à noite. Indisposição foi a desculpa; e achei que Sir Percival aparentava, como muito bem poderia ser o caso, estar um pouquinho aborrecido quando a ouviu.

Na manhã seguinte, assim que terminamos o café da manhã, eu subi para a saleta particular da Srta. Fairlie. A pobre menina estava tão pálida e triste, e se adiantou para me encontrar com tanta prontidão e graça, que a resolução de passar-lhe um sermão a respeito de capricho e indecisão, que eu estivera formulando escada acima, me abandonou imediatamente. Eu a conduzi de volta à cadeira da qual ela se levantara, e me coloquei na frente dela. Sua intratável galga de estimação estava na sala, e eu esperava uma recepção com latidos e rosnados. Estranho dizer, o caprichoso animalzinho contrariou as minhas expectativas pulando em meu colo e enfiando seu focinho pontudo com familiaridade em minha mão no momento em que me sentei.

“A senhorita costumava sentar-se em meus joelhos quando era criança, minha cara”, eu disse, “e agora sua cachorrinha parece determinada a sucedê-la no trono vago. Esse belo desenho é de autoria sua?”

Eu indiquei um pequeno álbum, que estava sobre a mesa ao lado dela, e que ela evidentemente estivera olhando quando entrei. A página que estava aberta continha uma pequena paisagem em aquarela montada com muito cuidado. Era esse o desenho que sugerira a minha pergunta: uma pergunta bastante muito frívola — mas como eu poderia começar a falar de negócios com ela no momento em que eu abrisse a boca?

“Não”, disse ela, afastando o olhar do desenho, bastante confusa, “não é de minha autoria.”

Seus dedos tinham um trejeito nervoso, que eu recordava nela quando criança, de constantemente manusear a primeira coisa que lhe caísse nas mãos, sempre que alguém estivesse conversando com ela. Nessa ocasião, eles se dirigiram para o álbum, e ficaram mexendo, distraídos, na margem do pequeno desenho em aquarela. A expressão de melancolia se intensificou em seu rosto. Ela não olhou para o desenho, tampouco para mim. Seus olhos vagaram, intranquilos, de um objeto para outro na sala; traindo com clareza que ela suspeitava qual fosse o meu objetivo ao vir conversar com ela. Percebendo isso, eu achei melhor entrar no assunto com a maior prontidão possível.

“Um dos objetivos que me trazem aqui, minha cara, é me despedir da senhorita”, eu comecei. “Devo voltar a Londres hoje; e, antes de partir, quero

conversar com a senhorita sobre os seus negócios.”

“Eu sinto muito o senhor ir embora, Sr. Gilmore”, ela disse, me olhando com gentileza. “Tê-lo aqui é como voltar aos velhos tempos felizes.”

“Espero poder voltar, e recordar essas lembranças agradáveis uma vez mais”, eu prossegui; “mas, como há um pouco de incerteza em relação ao futuro, devo aproveitar a minha oportunidade quando a tenho, e falar com a senhorita agora. Sou seu velho advogado e velho amigo; e posso mencionar para a senhorita, tenho certeza, sem ofender, a possibilidade de a senhorita se casar com Sir Percival Glyde.”

Ela tirou a mão do pequeno álbum tão repentinamente como se ele tivesse esquentado e a queimado. Seus dedos se entrelaçaram, nervosos, em seu regaço; seus olhos se voltaram novamente para baixo, fitando o chão; e uma expressão de inquietude que quase se parecia com uma expressão de dor surgiu em seu rosto.

“É absolutamente necessário falar de meu compromisso para me casar?”, ela perguntou, em voz baixa.

“É necessário se referir a ele”, respondi, “mas não discuti-lo em detalhes. Vamos apenas dizer que a senhorita pode se casar, ou que pode não se casar. No primeiro caso, eu tenho de estar preparado, de antemão, para preparar o seu pacto antenupcial; e não devo fazer isso sem, como uma questão de cortesia, em primeiro lugar consultar a senhorita. Esta pode ser a única chance de ouvir quais são os seus desejos. Vamos, portanto, pensar no caso de a senhorita se casar, e permita-me informar, em tão poucas palavras quanto possível, qual é sua posição agora, e o que a senhorita poderá fazer, caso deseje, no futuro.”

Eu lhe expliquei o objetivo do pacto antenupcial; e então disse exatamente quais eram as suas perspectivas — em primeiro lugar, ao se tornar maior de idade, e, em segundo lugar, com a morte de seu tio —, esclarecendo a diferença entre a propriedade da qual ela tinha apenas um usufruto, e a propriedade que fora deixada sob seu controle. Ela ouviu, atenta, com a expressão de inquietude ainda em seu rosto, e suas mãos ainda entrelaçadas, nervosas, em seu regaço.

“E, agora”, disse eu, concluindo, “diga-me se consegue pensar em qualquer condição que, no caso que nós supusemos, a senhorita gostaria que eu estabelecesse para a senhorita — sujeita, é claro, à aprovação de seu guardião, já que a senhorita ainda não é maior de idade.”

Ela se mexeu, constrangida, em sua cadeira — então me olhou no rosto, de repente, fervorosa.

“Se isso acontecer”, ela começou, com voz fraca, “se eu for...”

“Se a senhorita for se casar”, eu acrescentei, ajudando-a.

“Não permita que ele me afaste de Marian”, ela exclamou, com um súbito rompante de energia. “Oh, Sr. Gilmore, por favor, faça com que, de acordo com a lei, Marian possa ir viver comigo!”

Em outras circunstâncias, eu poderia talvez ter me divertido com essa interpretação essencialmente feminina de minha pergunta e da longa explicação que a precedera. Porém, o olhar e o tom de voz dela, quando ela falou, eram de um tipo de que me deixaram mais que sério — eles me afligiram. Suas palavras, poucas como eram, traíam um apego desesperado ao passado que tinha um triste prenúncio para o futuro.

“Ter Marian Halcombe vivendo com a senhorita pode ser facilmente arranjado por meio de um acordo particular”, eu disse. “A senhorita mal compreendeu a minha pergunta, eu acho. Ela se referia à sua propriedade... ao modo de dispor de seu dinheiro. Supondo que a senhorita fosse fazer um testamento, quando atingisse a maioridade, para quem a senhorita gostaria que fosse o seu dinheiro?”

“Marian tem sido tanto mãe quanto irmã para mim”, disse a boa e afetuosa menina, seus belos olhos azuis reluzindo enquanto ela falava. “Posso deixá-lo para Marian, Sr. Gilmore?”

“Certamente, minha querida”, respondi. “Mas, lembre-se, de quão grande é a quantia de dinheiro. A senhorita gostaria que ele fosse todo para a Srta. Halcombe?”

Ela hesitou, enrubescceu e empalideceu; e sua mão furtivamente se dirigiu de novo para o pequeno álbum.

“Não todo ele”, ela disse. “Há outra pessoa, além de Marian...”

Ela se deteve, enrubescendo profundamente; e os dedos da mão que pousava sobre o álbum tocaram com gentileza a margem do desenho, como se a memória dela os tivesse, de modo mecânico, levado a agir com a recordação de uma melodia favorita.

“A senhorita quer dizer outro membro da família além da Srta. Halcombe?”, sugeri, vendo que ela não sabia como prosseguir.

O profundo rubor se espalhou para a testa e o pescoço dela, e os dedos nervosos repentinamente agarraram as bordas do álbum.

“Há outra pessoa”, disse ela, sem se dar conta das minhas últimas palavras, embora certamente as tivesse ouvido, “há outra pessoa que poderia apreciar uma pequena lembrança se... se eu puder doar a quantia. Não haveria mal algum, se eu morresse antes...”

Ela se deteve de novo. O rubor, que havia se espalhado por suas faces de modo repentino, de modo igualmente repentino as abandonou. A mão soltou o álbum, tremeu um pouquinho e o afastou. A Srta. Fairlie me olhou por um

instante — então virou o rosto para o outro lado. O seu lenço caiu no chão enquanto ela mudava de posição, e ela apressadamente ocultou o rosto em suas mãos.

Triste! Lembrar-me dela, como eu me lembrava, a mais viva e feliz das crianças, que ria o dia inteiro; e vê-la então, na flor da idade e da sua beleza, assim tão acabrunhada e prostrada!

Com a aflição que ela me causou, eu esqueci os anos que haviam se passado, e a alteração que eles haviam causado em nossas posições um em relação ao outro. Eu aproximei da cadeira dela a minha, peguei seu lenço do tapete, e afastei as mãos do seu rosto, com gentileza.

“Não chore, minha querida”, eu disse, e sequei as lágrimas que estavam lhe subindo aos olhos com minha mão, como se ela fosse a pequena Laura Fairlie de longos dez anos passados.

Foi a melhor estratégia a que eu poderia ter recorrido para acalmá-la. Ela apoiou a cabeça em meu ombro, e deu um sorriso fraco em meio às lágrimas.

“Eu sinto muito por perder o controle”, ela disse, com sinceridade. “Não tenho estado muito bem... tenho me sentido muito fraca e nervosa recentemente; e choro com frequência e sem razão quando estou sozinha. Sinto-me melhor agora; e posso responder ao senhor conforme devo, Sr. Gilmore, posso mesmo.”

“Não, não, minha cara”, eu respondi, “nós vamos considerar o assunto como encerrado, no momento. A senhorita disse o suficiente para fazer com que eu cuide da melhor maneira possível de seus interesses; e podemos ajustar os detalhes em outra oportunidade. Vamos deixar os negócios de lado, agora, e falar de outras coisas.”

Na mesma hora, fiz com que ela falasse sobre outros assuntos. Em dez minutos, ela estava mais animada, e eu me levantei para me despedir.

“Volte outra vez”, disse ela, sincera. “Eu vou tentar ser mais digna de seus gentis sentimentos por mim e por meus interesses se o senhor voltar outra vez.”

Ainda se apegando ao passado — o passado que eu personificava para ela, a meu modo, assim como a Srta. Halcombe do modo dela! Perturbava-me tanto vê-la olhando para trás, no começo de sua vida, assim como eu olhava para trás, no fim da minha.

“Se eu voltar outra vez, espero encontrá-la melhor”, eu disse, “melhor e mais feliz. Deus a abençoe, minha cara.”

Ela respondeu apenas apresentando-me o rosto para ser beijado. Até mesmo advogados têm coração, e o meu doía um pouquinho quando eu me despedi dela.

Toda a conversa entre nós não havia durado mais que meia hora — a Srta. Fairlie não havia dito uma palavra, em minha presença, para explicar o mistério de seu evidente desalento e angústia com a perspectiva de seu casamento — e, no entanto, ela havia conseguido me colocar do lado dela da questão, eu nem sabia como nem por quê. Eu havia entrado na sala sentindo que Sir Percival Glyde tinha motivos justos para reclamar do modo como ela o estava tratando. Saí da sala secretamente esperando que o assunto se acabasse com ela fazendo Sir Percival se lembrar de suas palavras e acabando com o compromisso entre eles. Um homem de minha idade e experiência deveria ter mais senso e não vacilar desse modo irracional. Não posso me justificar; só posso dizer a verdade, e digo — a situação era essa.

Estava se aproximando a hora de minha partida. Mandeí uma mensagem para o Sr. Fairlie para dizer que eu esperaria por ele para me despedir, se ele assim desejasse, mas que ele precisava me desculpar por eu estar com um pouco de pressa. Ele enviou a resposta, escrita a lápis em um pedaço de papel: “Calorosos sentimentos e melhores votos, caro Gilmore. Pressa de qualquer tipo é indescritivelmente danosa para mim. Por favor, cuide-se bem. Até logo.”

Pouco antes de eu partir, vi a Srta. Halcombe, por alguns instantes, sozinha.

“O senhor disse tudo o que queria para Laura?”, ela perguntou.

“Sim”, respondi. “Ela está muito fraca e nervosa... Fico feliz por ela ter a senhorita para cuidar dela.”

Os olhos penetrantes da Srta. Halcombe analisaram o meu rosto, com atenção.

“O senhor está mudando de opinião a respeito de Laura”, ela disse. “O senhor está mais pronto para fazer concessões a respeito dela do que estava ontem.”

Nenhum homem sensato entra, despreparado, em um jogo de esgrima verbal com uma mulher. Apenas respondi:

“Conte-me o que acontecer. Não farei nada até ter notícias de sua parte.”

Ela ainda olhava com atenção para o meu rosto.

“Gostaria que tudo isso estivesse terminado, e muito bem terminado, Sr. Gilmore... e o senhor também.” E, com essas palavras, ela se despediu de mim.

Sir Percival, muito cortês, insistiu em me acompanhar à porta da carruagem.

“Se por acaso o senhor estiver nas minhas vizinhanças” disse ele, “por favor, não se esqueça de que desejo sinceramente aumentar o nosso

conhecimento. O experiente e confiável velho amigo desta família será sempre uma visita bem recebida em qualquer propriedade minha.”

Um homem realmente irresistível — cortês; cheio de consideração; encantadoramente destituído de orgulho — um cavalheiro até o último fio de cabelo. Enquanto eu me dirigia à estação, senti como se eu pudesse, cheio de alegria, fazer qualquer coisa para cuidar dos interesses de Sir Percival Glyde — qualquer coisa neste mundo, a não ser preparar o pacto antenupcial da esposa dele.

III

UMA semana se passou, após meu retorno a Londres, sem que eu recebesse qualquer comunicação da parte da Srta. Halcombe.

No oitavo dia, uma carta com a caligrafia dela foi colocada entre outras cartas sobre minha mesa.

Ela anunciava que Sir Percival Glyde havia sido definitivamente aceito, e que o casamento aconteceria, como ele originalmente desejava, antes do fim do ano. Muito provavelmente, a cerimônia seria realizada durante a última quinzena de dezembro. O aniversário de vinte e um anos da Srta. Fairlie seria no fim de março. Ela iria, portanto, com esse acordo, se tornar a esposa de Sir Percival cerca de três meses antes de ser maior de idade.

Eu não deveria ter me surpreendido; não deveria ter ficado pesaroso; mas sentia-me surpreendido e pesaroso, não obstante. Certa pequena decepção, causada pela insatisfatória brevidade da carta da Srta. Halcombe, se misturava a esses sentimentos, e contribuía com sua quota para perturbar a minha serenidade durante o resto do dia. Em seis linhas minha correspondente anunciava o casamento proposto; em mais três, ela me disse que Sir Percival havia partido de Cumberland para voltar à sua propriedade em Hampshire; e em duas sentenças conclusivas ela me informava, em primeiro lugar, que Laura precisava muito de uma mudança de ares e de companhia alegre; em segundo lugar, que ela havia decidido tentar os efeitos de tal mudança sem mais demora, levando a irmã a uma visita a alguns velhos amigos em Yorkshire. E nesse ponto a carta se encerrava, sem uma palavra para explicar quais eram as circunstâncias que haviam levado a Srta. Fairlie a aceitar Sir Percival em uma curta semana desde o período em que eu a vira pela última vez.

Em um período posterior, a causa dessa determinação súbita me foi detalhadamente explicada. Não é minha função relatá-la de modo imperfeito, com base em boatos. As circunstâncias ocorreram no âmbito da experiência pessoal da Srta. Halcombe; e, quando a narrativa dela suceder a minha, ela irá descrevê-las em todos os detalhes, exatamente como aconteceram. Enquanto

isso, a tarefa que me cabe desempenhar — antes que eu, por minha vez, deixe de lado a minha pena e me retire da história — é relatar o único acontecimento restante relacionado ao casamento da Srta. Fairlie em que eu estava envolvido, a saber, preparar o pacto antenupcial.

É impossível fazer uma referência inteligível a esse documento sem em primeiro lugar entrar em certos detalhes relacionados à situação financeira da noiva. Vou tentar dar minha explicação de modo breve e claro, e mantê-la livre de obscuridades profissionais e expressões técnicas. O assunto é de suma importância. Alerto todos os leitores destas linhas que a herança da Srta. Fairlie é parte considerável da história da Srta. Fairlie; e que a experiência do Sr. Gilmore, nesse aspecto, tem de ser a experiência deles também, se eles desejam compreender as narrativas que ainda se seguirão.

As perspectivas da Srta. Fairlie, na época, eram de dois tipos; abrangendo sua possível herança de propriedades reais, ou terras, quando o seu tio morresse, e sua herança garantida de propriedade pessoal, ou dinheiro, quando ela se tornasse maior de idade.

Vamos falar das terras em primeiro lugar.

Na época do avô paterno da Srta. Fairlie (a quem nos referiremos como o Sr. Fairlie, o mais velho), a sucessão com gravames da propriedade de Limmeridge estava estabelecida da seguinte maneira:

O Sr. Fairlie, o mais velho, morreu e deixou três filhos, Philip, Frederick e Arthur. Sendo filho mais velho, Philip seria o herdeiro da propriedade. Se ele morresse sem deixar um filho, a propriedade passaria para o segundo irmão, Frederick. E se Frederick morresse, também sem deixar um filho, a propriedade passaria para o terceiro irmão.

Conforme as coisas aconteceram, o Sr. Philip Fairlie morreu deixando apenas uma filha, a Laura desta narrativa; e a propriedade, conseqüentemente, foi, de acordo com a lei, para o segundo irmão, Frederick, um homem solteiro. O terceiro irmão, Arthur, havia morrido muitos anos antes do falecimento de Philip, deixando um filho e uma filha. O filho, aos dezoito anos de idade, se afogou em Oxford. A morte dele deixou Laura, filha do Sr. Philip Fairlie, herdeira aparente da propriedade, com todas as chances de sucessão, seguindo o curso da natureza, com a morte de seu tio Frederick, se o já mencionado Frederick morresse sem deixar herdeiros homens.

A não ser na contingência, então, de o Sr. Frederick Fairlie se casar e deixar um herdeiro (as duas últimas coisas neste mundo que ele poderia fazer), sua sobrinha, Laura, herdaria a propriedade com a morte dele; não possuindo, deve ser lembrado, nada além de um usufruto dela. Se ela morresse solteira, ou sem filhos, a propriedade passaria para sua prima Magdalen, a filha do Sr. Arthur Fairlie. Se ela se casasse, com um pacto

antenupcial adequado — ou, em outras palavras, com o pacto que eu tencionava fazer para ela — a renda da propriedade (umas boas três mil libras por ano) estaria, durante o seu período de vida, à sua disposição. Se ela morresse antes do marido, ele naturalmente esperaria poder desfrutar da renda, durante a vida *dela*. Se ela tivesse um filho, esse filho seria o herdeiro, excluindo a prima dela, Magdalen. Portanto, as expectativas de Sir Percival ao se casar com a Srta. Fairlie (no que diz respeito às perspectivas de sua esposa no tocante à propriedade real) prometiam-lhe essas duas vantagens, com a morte do Sr. Frederick Fairlie: Em primeiro lugar, desfrutar de três mil libras por ano (com a permissão da esposa, enquanto ela vivesse, e por direito próprio, com a morte dela, se ele sobrevivesse a ela); e, em segundo lugar, a herança de Limmeridge para o filho, se ele tivesse um filho.

Basta para a propriedade real, e a disposição da renda derivada dela, por ocasião do casamento da Srta. Fairlie. Até aqui, nenhuma dificuldade ou diferença de opinião referente ao pacto antenupcial da jovem tinha probabilidade de surgir entre mim e o advogado de Sir Percival.

A propriedade pessoal, ou, em outras palavras, o dinheiro a que a Srta. Fairlie teria direito ao chegar aos vinte e um anos de idade é o próximo ponto a ser levado em consideração.

Essa parte da herança dela era, por si só, uma pequena e agradável fortuna. Ela se originava do testamento do pai dela, e alcançava o valor de vinte mil libras. Além disso, a Srta. Fairlie tinha um usufruto de mais dez mil libras, e este último valor deveria, com a morte dela, passar para a sua tia Eleanor, a única irmã de seu pai. Vai ser muito útil, para a apresentação das questões familiares para o leitor do modo mais claro possível, se eu me detiver nesse ponto por um momento, para explicar por que a tia havia sido mantida na espera de seu legado até a morte da sobrinha.

O Sr. Philip Fairlie havia vivido em excelentes termos com a sua irmã Eleanor, enquanto ela havia permanecido uma mulher solteira. Mas, quando o casamento dela aconteceu, já um tanto tarde na vida dela, e quando esse casamento a uniu a um cavalheiro italiano, chamado Fosco — ou melhor, a um nobre italiano, vendo que ele usufruía de um título de Conde — o Sr. Fairlie desaprovou tanto a conduta da irmã que deixou de manter qualquer comunicação com ela, e chegou até mesmo ao ponto de tirar o nome dela do testamento dele. Todos os outros membros da família consideraram essa séria manifestação de ressentimento com o casamento da irmã mais ou menos infundada. O Conde Fosco, embora não fosse um homem rico, tampouco era um aventureiro sem um tostão. Ele tinha uma renda própria pequena, mas suficiente; havia vivido por muitos anos na Inglaterra e tinha uma excelente posição na sociedade. Essas recomendações, no entanto, de nada valeram para

o Sr. Fairlie. Em muitas de suas opiniões, ele era um inglês da velha escola; e detestava um estrangeiro única e simplesmente por ser um estrangeiro. O máximo que ele foi convencido a fazer, depois de alguns anos, principalmente com a intercessão da Srta. Fairlie, foi recolocar o nome da irmã em seu devido lugar em seu testamento, mas mantê-la esperando pelo seu legado dando o rendimento do dinheiro para sua filha por toda a vida, e se sua tia morresse antes dela, para a prima da Srta. Fairlie, Magdalen. Considerando as idades relativas das duas senhoras, as chances de a tia, seguindo o curso da natureza, receber as dez mil libras foram, portanto, tornadas duvidosas ao extremo; e Madame Fosco se ressentia do tratamento dado pelo irmão a ela, de modo tão injusto como só pode ocorrer em tais casos, se recusando a ver a sua sobrinha, e se recusando a acreditar que a intercessão da Srta. Fairlie alguma vez houvesse sido usada para recolocar o nome dela no testamento do Sr. Fairlie.

Essa era a história das dez mil libras. Neste ponto, uma vez mais, nenhuma dificuldade poderia surgir por parte do conselheiro legal de Sir Percival. A renda ficaria à disposição da esposa dele, e o valor bruto passaria para a tia ou para a prima dela, com a morte dela.

Todas as explicações preliminares tendo sido afastadas do caminho, eu passo, finalmente, para a complicação do caso — as vinte mil libras.

A quantia pertenceria integralmente à Srta. Fairlie, quando ela completasse vinte e um anos de idade; e a disposição total e futura dela dependia, em primeiro lugar, das condições que eu conseguisse obter para ela em seu pacto antenupcial. As outras cláusulas contidas no documento eram de tipo formal, e não precisam ser relatadas aqui. Porém, a cláusula relativa ao dinheiro é importante demais para ser deixada de lado. Algumas linhas serão suficientes para apresentar a parte essencial dela.

Minha estipulação, no que diz respeito às vinte mil libras, era simplesmente esta: A quantia total deveria ser disposta de modo a dar a renda para a jovem por toda a vida; em seguida, para Sir Percival por toda a vida dele; e o valor bruto para os filhos nascidos do casamento. Na falta de herdeiros, o valor bruto deveria ser disposto conforme a jovem senhorita estipulasse em seu testamento, e para esse propósito eu reservava a ela o direito de fazer um testamento. O resultado dessas condições pode ser resumido da seguinte forma. Se Lady Glyde morresse sem deixar filhos, sua meia-irmã, a Srta. Halcombe, e outros parentes ou amigos aos quais ela desejasse beneficiar, iriam, com a morte do marido dela, dividir entre si as quotas do dinheiro dela conforme ela desejasse que eles recebessem. Se, por outro lado, ela morresse deixando filhos, então o interesse deles, natural e necessariamente, suplantaria quaisquer outros interesses. Esta era a cláusula; e nenhuma pessoa que a leia pode deixar, eu penso, de concordar comigo que

ela fazia justiça a todos os envolvidos.

Vamos ver como as minhas propostas foram recebidas do lado do marido.

Na época em que a carta da Srta. Halcombe me chegou às mãos, eu estava ainda mais ocupado do que de costume. Mas, arrumei tempo para me dedicar ao pacto antenupcial. Eu o havia escrito, e o havia enviado para aprovação do representante legal de Sir Percival, em menos de uma semana depois do dia em que a Srta. Halcombe me havia informado sobre o casamento proposto.

Depois de um prazo de dois dias, o documento foi devolvido para mim, com as notas e observações do advogado do baronete. Suas objeções, em geral, demonstraram ser do tipo mais trivial e técnico, até ele chegar à cláusula relacionada às vinte mil libras. Em torno dela, havia linhas duplas feitas em tinta vermelha, e a seguinte nota havia sido acrescentada a elas:

“Inadmissível. O *valor bruto* deve ir para Sir Percival Glyde, no caso de ele sobreviver a Lady Glyde e de não haver herdeiros.”

Isso quer dizer que nem um tostão das vinte mil libras iria para a Srta. Halcombe, ou para qualquer outro parente ou amigo de Lady Glyde. A quantia toda, se ela não tivesse filhos, pararia nos bolsos do marido dela.

A resposta que eu mandei para essa proposta audaciosa foi tão curta e seca quanto fui capaz de escrever. “Meu prezado senhor. Pacto antenupcial da Srta. Fairlie. Mantenho a cláusula à qual o senhor objeta, exatamente como ela se apresenta. Com meus cumprimentos.” A resposta voltou em um quarto de hora. “Meu prezado senhor. Pacto antenupcial da Srta. Fairlie. Mantenho a nota em tinta vermelha à qual o senhor objeta, exatamente como ela se apresenta. Com meus cumprimentos.” Na detestável linguagem da época, nós estávamos ambos “em uma entaladela”, e nada restava a não ser consultar os nossos clientes de cada lado.

Do modo como a questão se apresentava, meu cliente — a Srta. Fairlie ainda não tendo completado vinte e um anos — era o guardião dela, Sr. Frederick Fairlie. Eu lhe mandei uma carta pelo correio daquele dia, apresentando o caso exatamente no pé em que ele se achava; não apenas insistindo em todos os argumentos em que fui capaz de pensar para induzi-lo a manter a cláusula assim como eu a havia escrito, mas declarando a ele com clareza os motivos mercenários subjacentes à oposição ao modo como eu dispusera das vinte mil libras no pacto antenupcial. O conhecimento dos negócios de Sir Percival, que eu havia obrigatoriamente adquirido quando as disposições do lado *dele* foram apresentadas no devido tempo para minha avaliação, havia me informado claramente que as dívidas vinculadas à propriedade dele eram imensas, e que a renda dele, embora nominalmente fosse grande, na realidade, para um homem na posição dele, era praticamente nada. O desejo de dinheiro vivo era a necessidade prática da existência de Sir

Percival; e a nota do advogado dele na cláusula do pacto antenupcial não era nada mais que a manifestação claramente egoísta disso.

A resposta do Sr. Fairlie chegou às minhas mãos pelo correio seguinte, e demonstrou ser errática e irrelevante ao extremo. Traduzida em inglês corriqueiro, ela praticamente dizia o seguinte: “O caro Gilmore seria tão amável a ponto de não aborrecer o seu amigo e cliente a respeito de uma ninharia como essa contingência remota? Seria provável que uma mulher jovem de vinte e um anos fosse morrer antes de um homem de quarenta e cinco anos, e morrer sem filhos? Por outro lado, em um mundo desditoso como este, seria possível superestimar o valor da paz e da tranquilidade? Se essas duas bênçãos celestiais fossem oferecidas em troca de uma ninharia terrena como a remota oportunidade de vinte mil libras, não seria uma troca justa? Com certeza, sim. Então, por que não a fazer?”

Joguei a carta para longe de mim, enojado. Assim que ela havia acabado de adejar para o chão, bateram à minha porta, e o representante legal de Sir Percival, o Sr. Merriman, foi introduzido. Há muitos tipos de advogados argutos neste mundo; porém, eu acho, os mais difíceis de lidar são os homens que se aproximam de você sob o disfarce de um bom humor inveterado. Um gordo, bem alimentado, sorridente e amigoso homem de negócios, dentre todas as criaturas envolvidas em uma negociação, é o mais difícil de lidar. O Sr. Merriman era um desse tipo.

“E como está o bom Sr. Gilmore?”, ele começou, fulgurante com o calor de sua própria amabilidade. “Feliz por vê-lo, senhor, com tal excelente saúde. Eu estava passando na frente de seu escritório, e achei que daria uma entrada, caso o senhor tivesse algo para me dizer. Vamos... por favor, vamos acertar essa nossa pequena desavença em uma conversa, se nós pudermos! O senhor já teve notícias de seu cliente?”

“Sim. O senhor teve notícias do seu?”

“Meu caro, caro senhor! Eu gostaria de ter tido notícias dele por qualquer motivo... Eu gostaria, de todo coração, que a responsabilidade me fosse tirada das mãos; porém ele é obstinado... ou, permita-me dizer, resoluto... e não vai tirá-la. ‘Merriman, deixa os detalhes com o senhor. Faça o que o senhor considerar correto para os meus interesses; e considere-me tendo me retirado pessoalmente dos negócios até que tudo esteja acabado.’ Estas foram as palavras de Sir Percival uma quinzena atrás; e tudo que consigo que ele faça agora é repeti-las. Eu não sou um homem empedernido, Sr. Gilmore, conforme o senhor sabe. Pessoalmente, e cá entre nós, garanto para o senhor, eu gostaria de apagar aquela minha nota neste exato momento. Mas, se Sir Percival não vai interferir na questão, se Sir Percival, cegamente, deixará todos os interesses dele sob meus cuidados apenas, que providências eu posso

tomar, além das providências de garanti-los? Minhas mãos estão atadas... O senhor não percebe isso, meu caro senhor...? Minhas mãos estão atadas.”

“O senhor mantém a sua nota na cláusula, portanto, sem alterações?”, eu disse.

“Sim... com os diabos! Não tenho alternativa.” Ele se dirigiu para a lareira e se aqueceu, cantarolando os últimos versos de uma canção em uma voz sonora e jovial. “O que diz o seu lado?”, ele prosseguiu. “Ora, por favor, diga-me... o que diz o seu lado?”

Eu me envergonhava de lhe dizer. Tentei ganhar tempo — não, fiz algo pior. Meus instintos legais levaram a melhor sobre mim, e até mesmo tentei barganhar.

“Vinte mil libras são uma quantia bastante grande para que os amigos da jovem senhora abram mão dela em dois dias”, eu disse.

“É bem verdade”, replicou o Sr. Merriman, olhando, pensativo, para as suas botas. “Muito bem posto, senhor... posto de maneira admirável!”

“Um acordo, levando em consideração os interesses da família da jovem, bem como os interesses do marido, não poderiam, talvez, ter alarmado tanto o meu cliente”, eu prossegui. “Ora! Ora! Esta contingência se resolve com um acordo, de qualquer maneira. Qual é a menor quantia que os senhores vão aceitar?”

“A menor quantia que nós aceitaremos”, disse o Sr. Merriman, “é dezenove mil, novecentas e noventa e nove libras, dezenove xelins, onze *pence* e três quartos de *penny*. Hah! Hah! Hah! Perdoe-me, Sr. Gilmore. Eu preciso fazer o meu pequeno gracejo.”

“E ele é bem pequeno!”, observei. “O gracejo vale exatamente o quarto de *penny* que o motivou.”

O Sr. Merriman estava encantado. Ele deu risada com a minha resposta até a sala ressoar de novo. Eu não estava nem um pouco bem-humorado, de minha parte; voltei aos negócios e encerrei a conversa.

“Hoje é sexta-feira”, eu disse. “Deem-nos até a próxima terça-feira para nossa resposta final.”

“Com toda a certeza”, replicou o Sr. Merriman. “E mais tempo ainda, meu caro senhor, se o senhor quiser.” Ele pegou seu chapéu para sair, e então tornou a falar comigo. “Por falar nisso”, ele disse, “os seus clientes em Cumberland não ouviram falar mais nada da mulher que escreveu a carta anônima, ouviram?”

“Nada mais”, respondi. “O senhor não teve a menor notícia dela?”

“Ainda não”, disse meu colega de profissão. “Mas não perdemos as esperanças. Sir Percival suspeita que Alguém a está mantendo escondida; e

nós estamos mantendo esse Alguém sob vigia.”

“O senhor está querendo dizer a senhora que estava com ela em Cumberland?”, perguntei.

“Outra pessoa totalmente diferente, senhor”, respondeu o Sr. Merriman. “Nós não conseguimos colocar as mãos na velha mulher ainda. Nosso Alguém é um homem. Nós o estamos mantendo sob vigilância cerrada aqui em Londres; e temos fortes suspeitas de que ele desempenhou uma parte ajudando-a a fugir do Sanatório. Sir Percival queria interrogá-lo imediatamente, mas eu disse, ‘Não. Interrogá-lo vai apenas deixá-lo de sobreaviso: mantenha-o sob vigilância, e espere.’ Vamos ver o que acontece. Uma mulher perigosa para ficar por aí à solta, Sr. Gilmore; ninguém sabe o que ela pode fazer em seguida. Desejo-lhe um bom dia, senhor. Na próxima terça-feira espero ter o prazer de receber notícias suas.” Ele sorriu, amável, e saiu.

Minha mente estivera um tanto distraída durante a parte final da conversa com o meu colega de profissão. Eu estava tão ansioso por causa da questão do pacto antenupcial, que tinha pouca atenção para dar a qualquer outro assunto; e, no momento em que fiquei sozinho de novo, comecei a pensar em quais deveriam ser os meus próximos passos.

No caso de qualquer outro cliente, eu deveria ter agido de acordo com as minhas instruções, por mais que elas me fossem desagradáveis pessoalmente, e teria deixado de lado a questão das vinte mil libras na mesma hora. Porém, eu não conseguia agir com essa indiferença profissional em relação à Srta. Fairlie. Eu tinha um honesto sentimento de afeição e de admiração por ela; eu me lembrava, grato, que o pai dela havia sido o patrão e o amigo mais cheio de consideração para comigo que qualquer homem poderia ter tido; eu havia sentido em relação a ela, enquanto preparava o pacto antenupcial, como eu poderia ter me sentido, não fosse eu um velho solteirão, em relação a uma filha minha; e estava decidido a não poupar sacrifícios pessoais a serviço dela e enquanto os seus interesses estivessem envolvidos. Não dava nem para pensar em escrever uma segunda vez para o Sr. Fairlie; seria apenas dar a ele uma segunda oportunidade de escapar por entre os meus dedos. Vê-lo e argumentar pessoalmente poderia ser mais útil. O dia seguinte era sábado. Eu me resolvi a comprar um bilhete de ida e volta, e sacolejar os meus velhos ossos até Cumberland com base na probabilidade de persuadi-lo a adotar o rumo justo, independente e honroso. Era uma chance muito pequena, sem dúvida; mas, quando eu a tivesse tentado, minha consciência ficaria tranquila. Eu teria então feito tudo que um homem em minha posição poderia fazer para cuidar dos interesses da única filha de meu velho amigo.

O tempo no sábado estava bonito, com vento oeste e um sol luminoso.

Tendo sentido recentemente uma nova manifestação daquele peso e opressão na cabeça, contra os quais o meu médico me alertara com tanta seriedade mais de dois anos atrás, resolvi aproveitar a oportunidade de fazer um pouco de exercício extra, enviando a minha bagagem antes e caminhando até o terminal em Euston-square. Quando cheguei a Holborn, um cavalheiro, passando rapidamente por mim, se deteve e conversou comigo. Era o Sr. Walter Hartright.

Se ele não tivesse sido o primeiro a me cumprimentar, eu certamente teria passado por ele. Ele estava tão mudado que eu mal o reconhecia. Seu rosto estava pálido e abatido — os seus modos, agitados e inseguros — e as suas roupas, que eu me lembrava serem tão arrumadas e próprias de um cavalheiro quando eu o vi em Limmeridge, estavam tão surradas, então, que eu realmente teria me envergonhado da aparência delas em um de meus próprios escriturários.

“O senhor voltou de Cumberland já faz tempo?”, ele perguntou. “Tive notícias da Srta. Halcombe recentemente. Sei que a explicação de Sir Percival Glyde foi considerada satisfatória. O casamento acontecerá logo? Por acaso o senhor sabe, Sr. Gilmore?”

Ele falava com tanta rapidez, e emendava as perguntas de modo tão estranho e confuso, que eu mal conseguia acompanhar o que ele dizia. Por mais que ele pudesse ter, de modo casual, ficado em bons termos com a família em Limmeridge, eu não conseguia achar que ele tivesse qualquer direito de esperar informações sobre os assuntos pessoais deles; e me determinei a encerrar, do modo que me fosse mais fácil, o tema do casamento da Srta. Fairlie.

“O tempo há de nos mostrar, Sr. Hartright”, eu disse, “o tempo há de nos mostrar. Eu me arrisco a dizer que, se procurarmos a notícia do casamento nos jornais, não erraremos muito. Perdoe-me por observar... mas lamento ver que o senhor não está tão bem como estava quando nos encontramos pela última vez.”

Uma contração nervosa momentânea passou pelos lábios e olhos dele, e me levou a me censurar por ter-lhe respondido de modo tão claramente reservado.

“Eu não tinha direito de perguntar sobre o casamento dela”, ele disse, com amargura. “Devo esperar para vê-lo nos jornais, como as outras pessoas. Sim”, ele prosseguiu, antes que eu conseguisse me desculpar, “não tenho estado muito bem recentemente. Estou indo para outro país, para tentar uma mudança de ares e de ocupação. A Srta. Halcombe gentilmente usou a influência dela ao meu favor, e minhas referências foram consideradas satisfatórias. É uma grande distância... mas não me importa para onde eu vá,

como possa ser o clima, ou por quanto tempo eu fique longe.” Ele olhou, enquanto dizia isso, para a multidão que passava ao nosso redor por todos os lados, de um modo estranhamente suspeito, como se ele achasse que alguém pudesse estar nos observando.

“Desejo-lhe boa sorte em sua viagem, e um retorno seguro”, eu disse; e então acrescentei, para não o manter totalmente distante do tema dos Fairlie, “Estou indo até Limmeridge, hoje, a negócios. A Srta. Halcombe e a Srta. Fairlie estão viajando, agora, fazendo uma visita a alguns amigos em Yorkshire.”

Os olhos dele se iluminaram, e ele parecia a ponto de dizer alguma coisa em resposta; mas o mesmo espasmo nervoso momentâneo passou por seu rosto novamente. Ele pegou a minha mão, apertou-a com força, e desapareceu entre a multidão, sem dizer outra palavra. Embora ele fosse pouco mais que um desconhecido para mim, esperei por uns instantes, olhando-o quase com um sentimento de pesar. Eu havia adquirido, em minha profissão, conhecimento suficiente dos homens jovens para saber quais eram os sinais e as marcas exteriores que indicavam quando eles começavam a ir de mal a pior; e, quando retomei a minha caminhada para a estrada de ferro, lamento dizer-me que sentia mais que incerto em relação ao futuro do Sr. Hartright.

IV

PARTINDO com um trem logo cedo, eu cheguei a Limmeridge a tempo para o jantar. A casa estava opressivamente vazia e monótona. Eu havia esperado que a boa Sra. Vesey fosse companhia para mim na ausência das duas jovens senhoritas; porém, ela estava confinada ao seu quarto por um resfriado. Os empregados ficaram tão surpresos quando me viram que se apressaram e se alvoroçaram de modo absurdo, e cometeram todos os tipos de erros irritantes. Até o mordomo, que era velho o suficiente para saber se portar melhor, trouxe-me uma garrafa de vinho do Porto que estava gelada. As notícias sobre a saúde do Sr. Fairlie eram as de sempre; e quando mandei uma mensagem anunciando a minha chegada, disseram-me que ele ficaria encantado em me ver no dia seguinte, mas que a notícia súbita de minha chegada o havia deixado prostrado com palpitações durante o resto da noite. O vento uivou, funesto, a noite inteira, e estranhos estalidos e gemidos soavam aqui, ali e acolá na casa vazia. Eu dormi tão mal quanto possível; e me levantei, com um mau humor portentoso, para tomar o café da manhã sozinho no dia seguinte.

Às dez horas, fui levado aos aposentos do Sr. Fairlie. Ele estava em seu quarto de costume, em sua cadeira de costume, e com seu exasperador estado mental e físico de costume. Quando entrei, o criado de quarto do Sr. Fairlie estava parado à frente dele, segurando para inspeção um pesado volume de

águas-fortes, tão grande e largo quanto a minha escrivania. O pobre do estrangeiro sorria do modo mais abjeto, e parecia a ponto de cair de fadiga, enquanto seu patrão, muito sereno, virava as páginas uma por uma, e trazia as belezas ocultas das águas-fortes à luz com o auxílio de uma lente de aumento.

“O senhor, o melhor dos bons e velhos amigos” disse o Sr. Fairlie, se recostando, lânguido, antes de ter condições de me olhar, “o senhor está bem *mesmo*? Quanta gentileza de sua parte vir aqui e me visitar em minha solidão. Caro Gilmore!”

Eu havia esperado que o criado de quarto fosse dispensado quando entrei; mas, nada disso aconteceu. E lá ele ficou parado, na frente da cadeira de seu patrão, tremendo sob o peso das águas-fortes; e lá se sentava o Sr. Fairlie, tranquilamente virando a lente de aumento de um lado para outro entre seus dedos brancos.

“Eu vim para conversar com o senhor sobre um assunto muito importante”, eu disse; “portanto, o senhor há de me desculpar se sugiro que seria melhor nós ficarmos a sós.”

O infeliz criado de quarto me olhou com gratidão. O Sr. Fairlie repetiu em voz fraca minhas três últimas palavras, “ficarmos a sós”, com todas as mostras do maior espanto possível.

Eu não estava disposto a aguentar ninharias; e resolvi fazê-lo compreender o que eu queria dizer.

“Faça-me a cortesia de dar a este homem a permissão para se retirar”, eu disse, indicando o criado de quarto.

O Sr. Fairlie arqueou as sobrancelhas, e franziu os lábios, com uma surpresa sarcástica.

“Homem?”, ele repetiu. “Gilmore, seu velho provocante, o que você pode estar querendo dizer ao chamá-lo de homem? Ele não é nada disso. Ele poderia ter sido um homem há meia hora, antes de eu querer as minhas águas-fortes; e poderá ser um homem daqui a meia hora, quando eu não as quiser mais. No momento, ele é simplesmente um suporte para o portfólio. Por que colocar objeções, Gilmore, a um suporte para o portfólio?”

“Eu *ponho* objeções. Pela terceira vez, Sr. Fairlie, peço-lhe que possamos ficar a sós.”

Meu tom de voz e meus modos não lhe deixaram alternativa a não ser acatar o meu pedido. Ele olhou para o empregado e apontou, rabugento, para uma cadeira ao seu lado.

“Coloque as águas-fortes aí e vá embora”, ele disse. “Não me perturbe desmarcando onde eu parei. Você desmarcou ou não o lugar? Tem certeza de que *não* desmarcou? E colocou a minha sineta bem ao meu alcance? Sim?

Então, por que diabos você não vai embora?”

O criado de quarto saiu. O Sr. Fairlie se revirou em sua cadeira, poliu a lente de aumento com seu delicado lenço de cambraia, e se concedeu o prazer de inspecionar com o canto dos olhos o volume aberto de águas-fortes. Não foi fácil manter minha equanimidade em tais circunstâncias; mas eu a mantive.

“Vim aqui com grande sacrifício pessoal”, eu disse, “para cuidar dos interesses de sua sobrinha e de sua família; e acho que tenho um pequeno direito de ser favorecido com a sua atenção, em troca.”

“Não me ameace!”, exclamou o Sr. Fairlie, se recostando, languidamente, na cadeira e fechando os olhos. “Por favor, não me ameace. Não sou forte o suficiente.”

Eu estava decidido a não permitir que ele me provocasse, por causa de Laura Fairlie.

“Meu objetivo”, prossegui, “é instar o senhor a reconsiderar a sua carta, e não me forçar a abandonar os direitos legais de sua sobrinha e de todos os familiares dela. Permita-me apresentar-lhe o caso uma vez mais, e pela última vez.”

O Sr. Fairlie balançou a cabeça e suspirou, lastimoso.

“Isso é muita maldade de sua parte, Gilmore... muita maldade”, ele disse. “Não importa, prossiga.”

Eu lhe apresentei todos os pontos, cuidadosamente; coloquei a questão perante ele sob todas as perspectivas possíveis. Ele se recostava em sua cadeira, o tempo todo em que eu estava falando, com os olhos fechados. Quando terminei, ele os abriu, indolente, pegou seu frasco de prata com sais de cheiro na mesa, e o cheirou com um ar de delicado alívio.

“Bom Gilmore!”, disse ele, entre uma cheirada e outra, “quanta gentileza de sua parte! Como o senhor faz a pessoa se reconciliar com a natureza humana!”

“Dê-me uma resposta simples para uma pergunta simples, Sr. Fairlie. Eu vou lhe dizer uma vez mais, Sir Percival Glyde não tem a menor sombra de direito de esperar algo além da renda do dinheiro. O dinheiro propriamente dito, se sua sobrinha não tiver filhos, deveria ficar sob controle dela, e voltar para as mãos da família dela. Se o senhor ficar firme, Sir Percival tem de ceder... ele tem de ceder, estou dizendo para o senhor, ou ele se expõe à vil imputação de se casar com a Srta. Fairlie unicamente por motivos mercenários.”

O Sr. Fairlie balançou o frasco de prata com sais de cheiro na minha direção, brincalhão.

“Oh, velho e caro Gilmore; como o senhor odeia posição e família, não? Como o senhor detesta Glyde, porque ele casualmente é um baronete. Que Radical o senhor é... oh, céus, que Radical o senhor é!”

Um Radical!!! Eu poderia tolerar uma boa parcela de provocação, mas, depois de esposar os mais sólidos princípios Conservadores durante toda a minha vida, eu não iria tolerar ser chamado de Radical. Meu sangue ferveu com isso — eu me levantei de um salto da minha cadeira — estava mudo de indignação.

“Não sacuda o quarto!”, gritou o Sr. Fairlie, “pelo amor de Deus, não sacuda o quarto! Mais digno de todos os Gilmore possíveis, eu não quis ofender. Meus próprios pontos de vista são tão extremamente liberais que acho que eu mesmo sou um Radical. Sim. Nós somos uma dupla de Radicais. Por favor, não se zangue. Não sou capaz de brigar... não tenho histamina suficiente. Vamos deixar o assunto de lado? Sim. Venha e olhe estas belas águas-fortes. Permita-me ensinar-lhe a compreender a celestial incomparabilidade destas linhas. Faça isso, ora, eis um bom Gilmore!”

Enquanto ele divagava desse modo, felizmente para o meu próprio autorrespeito, eu estava recobrando a minha equanimidade. Quando falei novamente, estava equilibrado o suficiente para tratar a impertinência dele com o desdém silencioso que ela merecia.

“O senhor está completamente enganado”, eu disse, “ao supor que falo por conta de qualquer preconceito contra Sir Percival Glyde. Posso lamentar que ele tenha, neste caso, se colocado de modo tão irrestrito nas mãos de seu advogado, de modo a tornar qualquer apelo feito a ele impossível; mas, não tenho preconceitos contra ele. O que eu disse se aplicaria igualmente a qualquer outro homem, na situação dele, nobre ou humilde. O princípio que eu defendo é um princípio reconhecido entre os advogados. Se o senhor fosse se dirigir ao primeiro advogado respeitável que conseguisse encontrar na cidadezinha vizinha, ele diria, sendo um desconhecido, o que eu lhe digo sendo um amigo. Ele informaria ao senhor que é contra todas as regras deixar o dinheiro da jovem senhorita inteiramente nas mãos do homem com quem ela se casa. Ele se recusaria, com base em uma cautela legal comum, a dar ao marido, sob quaisquer circunstâncias, uma renda de vinte mil libras caso a esposa viesse a falecer.”

“Ele faria isso, Gilmore?”, disse o Sr. Fairlie. “Se ele dissesse algo quase tão horrível quanto isso, garanto ao senhor que eu tilintaria a minha sineta chamando Louis, e faria com que o colocassem para fora de casa na mesma hora.”

“O senhor não vai me irritar, Sr. Fairlie... por causa de sua sobrinha, e por causa do pai dela, o senhor não vai me irritar. O senhor há de assumir toda a

responsabilidade por esse vergonhoso pacto antenupcial em suas mãos, antes que eu saia deste aposento.”

“Não!... não, por favor, não!”, disse o Sr. Fairlie. “Pense quão precioso é o seu tempo, Gilmore, e não o desperdice. Eu discutiria com o senhor se pudesse, mas não posso... não tenho histamina suficiente. O senhor quer me perturbar, e se perturbar, e perturbar Glyde, e perturbar Laura; e... oh, céus!... tudo por causa da última coisa neste mundo que pode acontecer. Não, caro amigo... por amor à paz e à tranquilidade, decididamente Não!”

“Devo compreender, então, que o senhor se mantém firme na determinação manifestada em sua carta?”

“Sim, por favor. Tão feliz por nós finalmente nos entendermos. Sente-se de novo... sente-se!”

Eu me dirigi imediatamente para a porta; e o Sr. Fairlie, resignado, “tilintou” sua sineta. Antes de eu sair do aposento, eu me volvei e falei com ele pela última vez.

“O que quer que aconteça no futuro, senhor”, eu disse, “lembre-se de que meu claro dever de alertá-lo foi cumprido. Como amigo e servidor fiel de sua família, eu digo ao senhor, ao partir, que nenhuma filha minha se casaria com qualquer homem vivo com um pacto antenupcial como o que o senhor está me obrigando a fazer para a Srta. Fairlie.”

A porta se abriu às minhas costas, e o criado de quarto ficou parado esperando na soleira.

“Louis”, disse o Sr. Fairlie, “acompanhe o Sr. Gilmore, e então volte e segure as minhas águas-fortes para mim de novo. Faça com que deem um bom almoço para o senhor lá embaixo... faça isso, Gilmore, faça os vagabundos dos meus empregados darem um bom almoço para o senhor.”

Eu estava enojado demais para responder; dei meia-volta e o deixei em silêncio. Havia um trem que partia às duas horas da tarde; e por esse trem eu retornei a Londres.

Na terça-feira, enviei o pacto antenupcial alterado, que praticamente deserdava as próprias pessoas que a Srta. Fairlie me informara pessoalmente estar mais ansiosa em beneficiar. Eu não tinha escolha. Outro advogado teria preparado o documento se eu tivesse me recusado a fazê-lo.

Minha tarefa está cumprida. Minha parte pessoal na história familiar não vai além do ponto que eu acabei de alcançar. Outras penas que não a minha irão descrever as estranhas circunstâncias que se seguirão em breve. Dolorosa e desoladamente, encerro este breve relato. Dolorosa e desoladamente, repito aqui as palavras de despedida que eu disse na Mansão de Limmeridge: nenhuma filha minha se casaria com qualquer homem vivo com um pacto

antenupcial como o que o eu fui obrigado a fazer para a Srta. Fairlie.

O Fim da Narrativa do Sr. Gilmore

*A História continuada por MARIAN HALCOMBE,
em Excertos de seu Diário*

I

Mansão de Limmeridge, dia 8 de novembro.

* * * * *

HOJE de manhã, o Sr. Gilmore nos deixou.

A conversa dele com Laura evidentemente o deixou mais preocupado e surpreso do que ele gostaria de confessar. Eu senti medo, por causa do olhar e dos modos dele, quando nos despedimos, de que ela pudesse, sem o desejar, ter traído para ele o verdadeiro segredo de sua depressão e de minha ansiedade. Essa dúvida se apoderou tanto de mim, depois de ele ter partido, que eu me recusei a sair a cavalo com Sir Percival, e fui, em vez disso, para o quarto de Laura.

Tenho estado muito desconfiada de mim mesma, nessa questão difícil e lamentável, desde que descobri quanto eu ignorava a força do desditoso afeto de Laura. Eu deveria ter sabido que a delicadeza e o autocontrole e o sentimento de honra que me atraíam para o pobre Hartright, e me fizeram admirá-lo e respeitá-lo com tanta sinceridade, seriam exatamente as qualidades que apelariam de modo irresistível à natural sensibilidade e à natural generosidade do temperamento de Laura. E, no entanto, até ela ter desabafado comigo, por vontade própria, eu não suspeitara que esse novo sentimento tivesse criado raízes tão profundas. Cheguei a pensar que o tempo e os cuidados poderiam removê-lo. Agora receio que ele vá permanecer com ela, e alterá-la para a vida toda. A descoberta de que eu cometera tal erro de julgamento, me faz hesitar em relação a tudo mais. Hesito em relação a Sir Percival, confrontada com as provas mais claras. Hesito mesmo em conversar com Laura. Hoje de manhã, eu fiquei pensando, com a minha mão na porta, se deveria fazer-lhe as perguntas que eu havia ido fazer, ou não.

Quando entrei nos aposentos dela, eu a encontrei andando de um lado para outro, com grande impaciência. Ela estava acalorada e exaltada; e se adiantou

na mesma hora, e falou antes que eu pudesse abrir a boca.

“Eu queria você”, ela disse. “Venha e sente-se comigo no sofá. Marian! Eu não consigo suportar isso por mais tempo... tenho de acabar com isso e vou acabar.”

As faces dela estavam enrubescidas demais, havia energia demais em seus modos, firmeza demais em sua voz. O pequeno álbum com os desenhos de Hartright — o fatal álbum junto do qual ela vai devanear quando quer que esteja a sós — estava em uma de suas mãos. Eu comecei, com gentileza e firmeza, tirando-o dela e colocando-o fora do alcance da vista, em uma mesa lateral.

“Diga-me com tranquilidade, minha querida, o que você quer fazer”, eu disse. “O Sr. Gilmore aconselhou você?”

Ela balançou a cabeça.

“Não, não no que eu estou pensando agora. Ele foi muito gentil e muito bom comigo, Marian... E me envergonho em dizer que eu o afliji chorando. Estou tão sem forças; não consigo me controlar. Por minha causa, e por causa de todos nós, eu tenho de ter coragem o suficiente para acabar com tudo.”

“Você quer dizer coragem suficiente para se eximir do compromisso?”, perguntei.

“Não”, disse ela, com simplicidade. “Coragem, querida, para dizer a verdade.”

Ela enlaçou meu pescoço com os braços, e apoiou a cabeça, em silêncio, em meu peito. Na parede oposta estava pendurado o retrato em miniatura do pai dela. Eu apoiei o rosto na cabeça dela, e vi que Laura estava olhando para ele enquanto sua cabeça se apoiava em meu seio.

“Eu nunca poderia me eximir de meu compromisso”, ela prosseguiu. “Como quer que isso termine, tem de terminar de um modo muito ruim para *mim*. Tudo que eu posso fazer, Marian, é não acrescentar a recordação de que quebrei minha promessa e me esqueci das últimas palavras de meu pai, tornando a infelicidade ainda pior.”

“O que é que você tenciona fazer, então?”, perguntei.

“Dizer a verdade a Sir Percival, pessoalmente”, ela respondeu, “e permitir que ele termine o nosso compromisso, se quiser; não porque eu lhe pedi, mas porque ele sabe de tudo.”

“O que você quer dizer com ‘tudo’, Laura? Sir Percival vai saber o suficiente (ele próprio assim me disse) se souber que o compromisso se opõe aos seus próprios desejos.”

“E eu posso dizer isso para ele, se o compromisso foi feito em meu nome por meu pai, com o meu consentimento? Eu deveria ter mantido a minha

promessa; não com alegria, eu receio; mas, ainda assim, tranquila...” Ela se interrompeu, voltou o rosto para mim e encostou a face na minha. “Eu deveria ter honrado o meu compromisso, Marian, se outro amor não tivesse brotado em meu coração, um amor que não se encontrava lá quando prometi pela primeira vez ser a esposa de Sir Percival.”

“Laura! Você nunca vai se rebaixar fazendo uma confissão para ele?”

“Eu vou me rebaixar de fato, se conseguir a minha liberdade escondendo dele o que ele tem o direito de saber.”

“Ele não tem a sombra do direito de saber isso!”

“Errado, Marian, errado! Eu não devo enganar ninguém... Muito menos o homem a quem meu pai deu a minha mão e a quem eu dei a minha mão.” Ela tocou os meus lábios com os dela, e me beijou. “Minha querida”, disse ela, com doçura, “você gosta tanto de mim, e sente tanto orgulho de mim, que se esquece, no meu caso, daquilo de que se lembraria em seu próprio caso. É melhor que Sir Percival duvide de meus motivos e julgue mal a minha conduta, se ele quiser, do que eu ser falsa com ele em primeiro lugar em pensamentos, e então mesquinha o suficiente para atender aos meus próprios interesses escondendo a falsidade.”

Eu a afastei de mim, atônita. Pela primeira vez em nossas vidas, nós havíamos trocado de lugar; a resolução estava toda do lado dela, a hesitação, toda do meu. Eu olhei para o rosto pálido, tranquilo, resignado e jovem; vi o coração puro e inocente nos olhos amorosos que olhavam para mim — e as ínfimas e mundanas precauções e objeções que subiram aos meus lábios perderam a força e morreram em sua própria vacuidade. Abaixei minha cabeça, em silêncio. No lugar dela, o desprezível e ínfimo orgulho que torna tantas mulheres traiçoeiras teria sido o meu orgulho e teria feito de mim uma traiçoeira, também.

“Não fique zangada comigo, Marian”, disse ela, interpretando mal o meu silêncio.

Só respondi atraindo-a para perto de mim de novo. Eu tinha medo de chorar se eu falasse. Minhas lágrimas não correm tão facilmente quanto deveriam — elas surgem, quase como as lágrimas dos homens, com soluços que parecem me despedaçar, e que assustam todos os que estão ao meu redor.

“Eu pensei nisso, minha querida, muitos dias”, ela prosseguiu, entrelaçando e enredando os meus cabelos, com aquele trejeito infantil de seus dedos, do qual a pobre Sra. Vesey ainda tenta, tão pacientemente e em vão, curá-la. “Pensei nisso com muita seriedade, e posso ter a certeza da minha coragem, quando minha própria consciência me diz que estou certa. Deixe-me falar com ele amanhã... em sua presença, Marian. Eu não vou dizer nada que seja errado, nada de que você ou eu possamos nos envergonhar... Mas, oh, vai

aliviar tanto o meu coração acabar com essa infeliz dissimulação! Só me deixem saber e sentir que não sou culpada por dissimular; e então, quando ele ouvir o que eu tenho a dizer, que ele aja em relação a mim conforme quiser.”

Ela suspirou, e tornou a colocar a cabeça em meu peito como fizera antes. Tristes pressentimentos relacionados a qual poderia ser o fim pesavam em minha mente; porém, ainda não confiando em mim, eu disse a Laura que faria o que ela desejasse. Ela me agradeceu, e gradualmente nós começamos a falar de outras coisas.

Na hora do jantar, ela se juntou a nós de novo, e estava mais tranquila e mais senhora de si com Sir Percival do que eu já havia visto. À noite, ela se dirigiu ao piano, escolhendo novas músicas de um tipo que demonstrava habilidade, não tinha melodia e era intrincado. As belas e antigas melodias de Mozart, das quais o pobre Hartright tanto gostava, ela nunca tocou desde que ele partiu. As partituras não estão mais no armário. Ela própria tirou-as de lá, de modo que ninguém possa encontrá-las e pedir-lhe que as toque.

Eu não tive oportunidade de descobrir se a intenção dela manifestada pela manhã havia se alterado ou não, até ela desejar boa noite para Sir Percival — e então ela pessoalmente me informou que estava inalterada. Ela disse, muito tranquila, que desejava conversar com ele após o café da manhã, e que ele a encontraria em sua saleta particular junto comigo. A cor no rosto dele se alterou com essas palavras, e senti que a mão dele tremia um pouquinho quando foi a minha vez de me despedir dele. O acontecimento da manhã seguinte decidiria a sua vida futura; e ele com toda certeza sabia disso.

Entrei, como sempre, pela porta entre os nossos quartos de dormir, para desejar boa noite para Laura antes de ela ir se deitar. Ao me inclinar para beijá-la, vi o pequeno álbum com os desenhos de Hartright parcialmente escondido sob o travesseiro dela, no exato lugar em que ela costumava esconder os seus brinquedos favoritos quando era criança. Eu não tive coragem de dizer nada; mas indiquei o álbum e balancei a cabeça. Ela segurou meu rosto com as duas mãos e puxou-o para junto do dela, até nossos lábios se encontrarem.

“Deixe-o aqui, esta noite”, ela sussurrou, “o amanhã poderá ser cruel, e poderá me obrigar a dizer adeus para ele por todo o sempre.”

Dia 9 de novembro. O primeiro acontecimento da manhã não foi do tipo que alegresse o meu espírito; uma carta chegou para mim, do pobre Walter Hartright. É uma resposta para a minha, descrevendo o modo como Sir Percival se justificou no tocante às suspeitas suscitadas pela carta de Anne Catherick. Ele escreve, conciso e com amargura, a respeito das explicações de Sir Percival, dizendo apenas que não tem o direito de dar opinião sobre a

conduta de quem é superior a ele. Isso é triste, mas as suas referências ocasionais a si próprio me dão desgosto ainda maior. Ele diz que o esforço de retornar para os seus velhos costumes e ocupações fica mais difícil em vez de mais fácil para ele, a cada dia; e me implora, se eu tiver alguma influência, para arrumar-lhe um emprego que requeira a sua ausência da Inglaterra e o leve para novos cenários e novas pessoas. Eu fiquei ainda mais pronta para atender a esse pedido por causa de um trecho no fim da carta dele, que quase me assustou.

Após mencionar não ter visto Anne Catherick, nem sabido nada a respeito dela, ele de repente se interrompe, e insinua, do modo mais misterioso e abrupto, que tem sido perpetuamente vigiado e seguido por homens desconhecidos, desde que retornou a Londres. Ele reconhece não poder provar essa suspeita extraordinária apontando pessoas específicas; mas declara que a suspeita por si só se lhe apresenta noite e dia. Isso me assustou, porque dá a impressão de que sua ideia fixa a respeito de Laura esteja se tornando demasiada para a mente dele. Eu vou escrever imediatamente para um dos velhos amigos influentes de minha mãe em Londres e apresentar-lhe a solicitação dele. Uma mudança de cenário e de ocupação pode realmente ser a salvação para ele nessa crise em sua vida.

Para meu grande alívio, Sir Percival enviou um pedido de desculpas por não se juntar a nós no café da manhã. Ele havia tomado uma xícara de café bem cedo em seus próprios aposentos, e ainda estava lá ocupado escrevendo cartas. Às onze horas, se esse horário fosse conveniente, ele daria a si mesmo a honra de ir ter com a Srta. Fairlie e a Srta. Halcombe.

Meus olhos estavam fixos no rosto de Laura enquanto a mensagem estava sendo transmitida. Eu a havia achado inexplicavelmente tranquila e senhora de si ao ir ao quarto dela de manhã; e desse modo ela continuou durante todo o desjejum. Mesmo quando estávamos sentadas juntas no sofá na sala dela, esperando Sir Percival, ela ainda mantinha o autocontrole.

“Não tema por mim, Marian”, foi tudo que ela disse, “eu posso perder o controle com um velho amigo como o Sr. Gilmore, ou com uma irmã querida como você; mas, não vou perder o controle com Sir Percival Glyde.”

Eu olhei para ela, e a ouvi com uma surpresa silenciosa. Durante todos os anos de nosso contato tão próximo, essa força passiva em seu caráter havia sido escondida de mim — escondida até mesmo dela própria até o amor encontrá-la e o sofrimento fazê-la surgir.

Quando o relógio no console da lareira soava onze horas, Sir Percival bateu à porta e entrou. Havia ansiedade e agitação contidas em cada traço de seu rosto. A tosse seca e forte, que o incomoda na maior parte do tempo, parecia o estar incomodando de forma mais incessante que nunca. Ele sentou-

se na nossa frente, à mesa; e Laura ficou ao meu lado. Eu olhei atentamente para ambos, e ele era o mais pálido dos dois.

Ele disse algumas palavras sem importância, com um esforço visível para preservar os seus habituais modos tranquilos. Porém, a sua voz não ficava firme; e a inquietação desassossegada em seus olhos não podia ser dissimulada. Ele próprio deve ter percebido isso; pois se interrompeu no meio de uma frase e desistiu até mesmo da tentativa de ocultar o seu embaraço por mais tempo.

Houve um único momento de silêncio mortal antes de Laura se dirigir a ele.

“Eu gostaria de conversar com o senhor, Sir Percival”, disse ela, “sobre um assunto que é muito importante para nós dois. Minha irmã está aqui, porque a presença dela me ajuda e me dá confiança. Ela não sugeriu uma só palavra do que vou dizer: falo com base em meus pensamentos, não nos dela. Tenho certeza de que o senhor será gentil a ponto de compreender isso, antes de eu seguir em frente?”

Sir Percival fez uma mesura. Até então, Laura havia falado com uma perfeita tranquilidade exterior, e uma perfeita adequação em seus modos. Ela olhou para ele, e ele olhou para ela. Eles pareciam, pelo menos a princípio, decididos a entender um ao outro com clareza.

“Eu soube por intermédio de Marian”, ela prosseguiu, “que tenho somente de pedir o rompimento de nosso compromisso, para obtê-lo do senhor. Foi tolerante e generoso de sua parte, Sir Percival, enviar-me tal mensagem. Dizer que sou grata pelo oferecimento é apenas fazer justiça ao senhor; e espero e acredito que estou apenas fazendo justiça a mim mesma dizendo ao senhor que me recuso a aceitá-lo.

O rosto atento dele se relaxou um pouco; ele parecia respirar com mais liberdade. Mas, eu vi um dos pés dele, suave, discreta e incessantemente batendo no tapete sob a mesa; e senti que ele, secretamente, estava mais ansioso que nunca.

“Eu não me esqueci”, disse Laura, “de que o senhor pediu a permissão de meu pai antes de me honrar com uma proposta de casamento. Talvez o senhor não tenha se esquecido, também, do que eu disse quando consenti com o nosso compromisso? Tomei a liberdade de dizer ao senhor que principalmente a influência e o conselho de meu pai haviam me levado a fazer essa promessa. Eu fui orientada por meu pai, porque sempre vi nele o mais confiável dos conselheiros, o melhor e mais terno de todos os protetores e amigos. Eu o perdi, agora; tenho apenas a memória dele para amar; mas a minha fé nesse amado e falecido amigo nunca fraquejou. Eu acredito, neste momento, com tanta força quanto sempre acreditei, que ele sabia o que era melhor, e que as

esperanças e desejos dele deveriam ser as minhas esperanças e desejos também.”

A voz dela tremeu, pela primeira vez. Os dedos desassossegados se esgueiraram para o meu regaço e se seguraram com força em uma das minhas mãos. Houve outro momento de silêncio, e então Sir Percival falou.

“Posso perguntar”, disse ele, “se eu alguma vez me mostrei indigno da confiança, que até então tem sido a minha maior honra e maior felicidade possuir?”

“Eu nada encontrei em sua conduta para culpar”, respondeu ela. “O senhor sempre me tratou com a mesma delicadeza e a mesma benevolência. O senhor mereceu a minha confiança; e, o que é muito mais importante em minha perspectiva, mereceu a confiança de meu pai, a partir da qual a minha cresceu. O senhor não me deu justificativas, ainda que eu tivesse desejado encontrar alguma, para pedir que minha promessa fosse rompida. O que eu disse até este momento foi dito com o desejo de reconhecer toda a minha obrigação para com o senhor. O meu apreço por essa obrigação, o meu apreço pela memória de meu pai, e o meu apreço pela minha própria promessa, todos me proíbem de dar o exemplo, de *minha* parte, de me desobrigar de nossa situação atual. O rompimento de nosso compromisso tem de ser totalmente o seu desejo e a sua atitude, Sir Percival, não os meus.”

O intranquilo bater do pé dele repentinamente se interrompeu; e ele se inclinou para frente, ansioso, por sobre a mesa.

“Minha atitude?”, disse ele. “E qual razão pode haver, de *minha* parte, para me desobrigar?”

Eu a ouvi respirar com força; senti a mão dela ficar gelada. Apesar do que ela me havia dito, quando estávamos sozinhas, comecei a temer por ela. Eu estava enganada.

“Uma razão que é muito difícil de dizer para o senhor”, ela respondeu. “Há uma mudança em mim, Sir Percival... uma mudança que seria o suficiente para justificar o senhor, perante o senhor e perante mim, no rompimento de nosso compromisso.”

O rosto dele ficou tão pálido de novo, que até os lábios ficaram sem cor. Ele ergueu o braço que estava apoiado na mesa; se virou um pouquinho em sua cadeira; e apoiou a cabeça na mão, de modo que somente o seu perfil se apresentava para nós.

“Qual mudança?”, ele perguntou. O tom de voz com que ele fez a pergunta me deixou nervosa — havia algo dolorosamente contido nele.

Ela soltou um suspiro profundo, e se inclinou um pouquinho em minha direção, de modo a apoiar o ombro no meu. Eu a senti tremer, e tentei poupá-la me manifestando. Ela me deteve fazendo pressão com sua mão em sinal de

aviso, e então se dirigiu a Sir Percival de novo; mas, dessa vez, sem olhar para ele.

“Tenho ouvido dizer”, ela falou, “que o afeto maior e mais sincero de todos é o afeto que uma mulher deve ter por seu marido, e acredito nisso. Quando o nosso compromisso se iniciou, esse afeto era meu para ser dado, se eu pudesse, e seu para ser conquistado, se o senhor pudesse. O senhor me perdoará, Sir Percival, e me poupará, se eu afirmar que a situação não é mais essa?”

Lágrimas lhe subiram aos olhos, e rolaram por seu rosto lentamente, enquanto ela fazia uma pausa e esperava a resposta dele. Ele não disse uma palavra. No começo da resposta dela, ele havia movido a mão em que a cabeça se apoiava, de modo que ela ocultou o rosto dele. Eu nada via além da parte superior do tronco dele acima da mesa. Nenhum músculo dele se movia. Os dedos da mão que apoiava a cabeça estavam profundamente enfiados em seus cabelos; mas não havia um tremor significativo neles. Não havia nada, absolutamente nada, para revelar o segredo dos pensamentos dele naquele instante — o instante que era a crise da vida dele, e a crise da vida dela.

Eu estava resolvida a fazê-lo se declarar, por causa de Laura.

“Sir Percival!”, eu interrompi, brusca, “o senhor não tem nada a dizer, tendo a minha irmã dito tanto? Mais, em minha opinião”, acrescentei, meu infeliz temperamento levando a melhor sobre mim, “do que qualquer homem vivo, em sua posição, tem o direito de ouvir da parte dela.”

Essa última frase precipitada abriu para ele um caminho para escapar de mim, se ele assim desejasse; e ele na mesma hora se aproveitou dela.

“Perdoe-me, Srta. Halcombe”, disse ele, ainda mantendo a mão sobre o rosto, “perdoe-me, se eu lembrar a senhorita de que não reivindiquei esse direito.”

As poucas e precisas palavras que o teriam trazido de volta ao ponto do qual ele se afastara estavam na ponta da minha língua quando Laura me conteve falando de novo.

“Eu espero não ter feito em vão a minha dolorosa confissão”, ela prosseguiu. “Espero que ela tenha me garantido a sua discrição total sobre aquilo que ainda tenho a dizer?”

“Por favor, tenha a certeza disso.” Ele deu essa resposta breve, com veemência; deixando a mão cair sobre a mesa, ao falar, e se voltando para nós de novo. Qualquer alteração externa que o tivesse dominado havia desaparecido então. O rosto dele estava inquieto e expectante — ele não expressava nada além da mais profunda ansiedade para ouvir as palavras seguintes.

“Eu gostaria que o senhor compreendesse que não me pronunciei com

base em qualquer motivo egoísta”, disse ela. “Se o senhor me deixar, Sir Percival, depois do que acabou de ouvir, o senhor não me deixará para que eu me case com outro homem... O senhor apenas me permitirá continuar uma mulher solteira pelo resto da vida. Meu erro em relação ao senhor começou e terminou com os meus próprios pensamentos. Ele não poderá ir mais adiante. Nenhuma palavra foi trocada...” Ela hesitou, em dúvida quanto à expressão que deveria usar em seguida; hesitou, em uma confusão momentânea que era muito triste e dolorosa de testemunhar. “Nenhuma palavra foi trocada”, ela retomou, paciente e resoluta, “entre mim e a pessoa a quem eu me refiro pela primeira e última vez na sua presença, relativa aos meus sentimentos por ele, ou aos sentimentos dele por mim... Nenhuma palavra jamais poderá ser trocada... É improvável que, neste mundo, ele e eu nos encontremos de novo. Eu sinceramente suplico ao senhor que me poupe de dizer qualquer outra coisa, e que creia, com base em minhas palavras, no que acabei de dizer ao senhor. É a verdade, Sir Percival... a verdade que *eu* acho que meu marido prometido tem o direito de ouvir, ao custo de qualquer sacrifício de meus próprios sentimentos. Confio em sua generosidade para me perdoar, e em sua honra para guardar o meu segredo.”

“Sua confiança é sagrada para mim”, ele disse, “e sagrada ela permanecerá.”

Depois de responder nesses termos, ele fez uma pausa e olhou para ela, como se esperasse ouvir mais.

“Eu disse tudo que desejava dizer”, ela acrescentou, em voz baixa. “Eu disse mais do que suficiente para justificar que o senhor rompa seu compromisso.”

“A senhorita disse mais do que o suficiente”, ele respondeu, “para tornar o objetivo mais caro de minha vida *manter* o compromisso.” Com essas palavras, ele se levantou de sua cadeira e se adiantou alguns passos na direção do local onde ela estava sentada.

Ela se sobressaltou violentamente, e um leve grito de surpresa se lhe escapou. Cada palavra dita por ela havia, inocentemente, traído a pureza e a integridade dela a um homem que compreendia perfeitamente o inestimável valor de uma mulher pura e íntegra. A sua nobre conduta havia sido, o tempo todo, o inimigo oculto de todas as esperanças que Laura nela depositara. Eu havia temido isso desde o início. Eu teria impedido esse acontecimento, se Laura me tivesse dado a menor chance de fazê-lo. Eu ainda estava de sobreaviso e esperava então, quando o mal havia sido feito, por uma palavra de Sir Percival que me desse a oportunidade de mostrar que ele estava errado.

“A senhorita deixou em *minhas mãos*, Srta. Fairlie, romper o compromisso”, ele prosseguiu. “Não sou insensível o suficiente para romper o

compromisso com uma mulher que acabou de demonstrar ser a mais nobre dentre todas.”

Ele falou com tanto ardor e sentimento, com tal entusiasmo vibrante e, no entanto, com tão perfeita delicadeza, que Laura ergueu a cabeça, enrubescceu um pouco, e olhou para ele com um repentino ânimo e força.

“Não!”, disse ela, com firmeza. “A mais desgraçada dentre todas, se ela tem de se dar em casamento quando não pode dar o seu amor.”

“Ela não poderá dá-lo no futuro”, ele perguntou, “se o único objetivo da vida de seu marido é merecê-lo?”

“Nunca!”, ela respondeu. “Se o senhor persistir em manter nosso compromisso, eu poderei ser a sua esposa íntegra e fiel, Sir Percival... Sua amorosa esposa, se eu conheço o meu próprio coração, nunca!”

Ela estava tão irresistivelmente bonita ao dizer essas palavras corajosas que nenhum homem vivo poderia ter endurecido o seu coração contra ela. Eu tentei, com todas as forças, achar que Sir Percival tinha culpa, e dizer isso; mas a minha feminilidade o lamentava, contra a minha vontade.

“Aceito, grato, a sua confiança e integridade”, disse ele. “O mínimo que *a senhorita* pode me oferecer é, para mim, mais que o máximo que eu poderia esperar de qualquer outra mulher neste mundo.”

A mão esquerda dela ainda segurava a minha; mas a direita pendia, sem vida, ao lado do seu corpo. Ele a levou gentilmente aos lábios — tocou-a com eles, em vez de beijá-la — fez uma mesura para mim, e então, com perfeita delicadeza e discrição, silenciosamente saiu da sala.

Laura não se moveu, nem disse uma palavra, depois de ele ter partido — ela ficou sentada ao meu lado, gelada e imóvel, olhando fixamente para o chão. Eu vi que era inútil falar; e apenas passei o meu braço pelas costas dela, e a puxei para junto de mim em silêncio. Nós ficamos juntas desse jeito, por o que parecia um período longo e penoso — tão longo e tão penoso, que fiquei intranquila e falei com ela em voz baixa, na esperança de acarretar uma mudança.

O som da minha voz pareceu despertá-la para a realidade. Ela subitamente se afastou de mim, e se levantou.

“Tenho de me submeter, Marian, da melhor maneira possível”, ela disse. “Minha nova vida tem os seus deveres difíceis, e um deles começa hoje.”

Enquanto falava, ela se dirigiu a uma mesa lateral perto da janela, na qual seu material de desenho estava guardado; ela juntou-o, cuidadosamente, e o colocou em uma gaveta de sua cômoda. Trancou a gaveta, e trouxe a chave para mim.

“Tenho de me despedir de tudo que me lembre dele”, ela falou. “Conserve

a chave onde você quiser... Nunca mais vou precisar dela.”

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, ela havia se virado para a sua estante de livros e tirado de lá o álbum contendo os desenhos de Walter Hartright. Ela hesitou por um instante, segurando o álbum com ternura — então o levou aos lábios e o beijou.

“Oh, Laura! Laura!”, eu disse, não com raiva, não em tom de censura — com nada além de pesar em minha voz, e nada além de pesar em meu coração.

“É a última vez, Marian”, ela suplicou. “Estou me despedindo deste álbum para sempre.”

Ela o colocou na mesa, e tirou o pente que segurava os seus cabelos. Eles caíram, em sua incomparável beleza, sobre as costas e os ombros dela, e a envolveram, chegando bem abaixo de sua cintura. Ela separou uma mecha longa e fina, cortou-a, e a prendeu cuidadosamente, na forma de um círculo, na primeira página em branco do álbum. No momento em que a mecha estava presa, ela fechou o álbum às pressas e o colocou em minhas mãos.

“Você escreve para ele, e ele escreve para você”, ela disse. “Enquanto eu estiver viva, se ele perguntar de mim, diga-lhe que estou bem, e nunca diga que estou infeliz. Não o aflija, Marian... por *minha* causa, não o aflija. Se eu morrer primeiro, prometa que vai dar para ele este álbum com os desenhos dele, com o meu cabelo dentro. Não pode haver mal nenhum, depois de eu ter morrido, em dizer-lhe que coloquei o cabelo com minhas mãos. E diga... oh, Marian, diga por mim, então, o que eu nunca vou poder dizer... diga que eu o amava!”

Ela enlaçou o meu pescoço com os braços, e sussurrou as últimas palavras em meu ouvido com tal deleite apaixonado ao pronunciá-las que meu coração quase se partiu ao ouvi-las. Todo o rígido controle que ela impusera a si mesma cedeu nesse primeiro e último rompante de ternura. Ela se separou de mim com uma veemência histérica e se jogou no sofá, em um paroxismo de soluços e de lágrimas que a abalou dos pés à cabeça.

Eu tentei em vão confortá-la e argumentar com ela; ela estava insensível ao conforto e aos argumentos. Foi o triste e repentino fim, para nós duas, desse dia memorável. Quando o paroxismo passou, Laura estava exausta demais para falar. Ela cochilou no fim da tarde; e eu escondi o álbum de desenhos de modo que ela não pudesse vê-lo novamente ao acordar. Meu rosto estava calmo, como quer que o meu coração pudesse estar, quando ela abriu os olhos novamente e me olhou. Nós não dissemos mais nada uma para a outra sobre a angustiante conversa da manhã. O nome de Sir Percival não foi mencionado; nenhuma de nós se referiu a Walter Hartright durante o resto do dia.

Dia 10 de novembro. — Percebendo que ela estava controlada e agindo conforme seu costume, hoje de manhã, eu retomei o doloroso assunto de ontem, com o único propósito de implorar que ela me permitisse falar com Sir Percival e o Sr. Fairlie, com maior clareza e decisão do que ela própria poderia falar com qualquer um dos dois, sobre esse lamentável casamento. Ela interveio, gentil e firme, no meio de minhas censuras.

“Eu deixei que o dia de ontem decidisse”, ela falou, “e o dia de ontem *decidiu*. É tarde demais para retroceder.”

Sir Percival conversou comigo hoje de manhã, a respeito do que se passara nos aposentos de Laura. Ele me garantiu que a confiança inigualável que ela pusera nele havia despertado tamanha convicção sobre a inocência e a integridade dela na mente dele, que ele era inocente de ter sentido ciúmes indignos momentâneos, ou enquanto estava na presença dela, ou depois, quando havia se afastado dela. Por mais profundamente que ele lamentasse a infeliz afeição que havia impedido o progresso que ele, caso contrário, poderia ter feito na estima e no apreço dela, ele acreditava firmemente que a afeição não havia sido confessada no passado, e que ela permaneceria, sob todas as alterações de circunstâncias que era possível contemplar, sem ser confessada no futuro. Esta era a absoluta convicção dele; e a mais forte prova que ele poderia oferecer disso era a garantia, que ele oferecia então, de que não sentia curiosidade de saber se a afeição era de data recente ou não, ou quem havia sido o objeto dela. Sua confiança implícita na Srta. Fairlie o deixara satisfeito com o que ela considerara adequado lhe dizer, e ele era honestamente inocente do mais ligeiro sentimento de ansiedade para ouvir mais.

Ele esperou, após dizer tais palavras, e me olhou. Eu estava tão consciente de minha irracional ideia preconcebida a respeito dele — tão consciente de uma suspeita indigna de que ele pudesse estar esperando que eu respondesse de modo impulsivo exatamente às perguntas que ele havia acabado de se descrever como determinado a não fazer — que eu fugi de qualquer referência da parte dele ao assunto com algo parecido com um sentimento de confusão de minha própria parte. Ao mesmo tempo, estava resolvida a não perder nem mesmo a mais ínfima oportunidade de tentar defender a causa de Laura; e lhe disse, com ousadia, que lamentava que a generosidade dele não o tivesse levado um passo adiante e feito com que ele rompesse o compromisso definitivamente.

Nesse ponto, de novo, ele me desarmou não tentando se defender. Ele simplesmente suplicava que eu recordasse a diferença existente entre ele permitir que a Srta. Fairlie rompesse o compromisso, o que era somente uma questão de submissão, e ele se forçar a romper o compromisso com a Srta.

Fairlie, o que era, em outras palavras, pedir-lhe para matar as suas próprias esperanças. A conduta dela no dia anterior havia reforçado tanto o imutável amor e admiração de dois longos anos, que toda a contenda ativa por parte dele contra esses sentimentos estava, doravante, completamente fora de seu alcance. Eu deveria considerá-lo fraco, egoísta e insensível em relação à própria mulher a quem ele idolatrava, e ele deveria se curvar à minha opinião com tanta resignação quanto fosse capaz; apenas dizendo-me, ao mesmo tempo, se o futuro dela como mulher solteira, sofrendo por causa de uma malfadada afeição que ela nunca poderia confessar, poderia garantir para ela uma perspectiva muito mais luminosa do que o futuro dela como esposa de um homem que adorava o próprio chão em que ela pisava? Neste último caso, havia a esperança derivada do tempo, por menor que fosse — no primeiro caso, como ela própria mostrara, não havia esperança alguma.

Eu respondi — mais devido ao fato de a minha língua ser a de uma mulher, e ter de responder, do que por eu ter algo convincente para dizer. Ficava claro demais que o caminho adotado por Laura no dia anterior tinha oferecido para ele a vantagem, caso ele decidisse aproveitá-la — e que ele havia decidido aproveitar. Eu pensava dessa maneira, naquele momento, e penso com tanta convicção agora, enquanto escrevo estas linhas, em meu próprio quarto. A única esperança que resta, é que os motivos dele realmente se originem, assim como ele diz, da irresistível força de sua afeição por Laura.

Antes que eu encerre meu diário por esta noite, devo registrar que escrevi hoje, intercedendo pelo pobre Hartright, a dois dos velhos amigos de minha mãe em Londres — ambos homens influentes e com boa posição. Se eles puderem fazer algo por ele, tenho certeza de que o farão. A não ser por Laura, nunca senti maior ansiedade a respeito de alguém do que sinto agora por Walter. Tudo que aconteceu desde que ele nos deixou apenas reforçou o meu forte apreço e simpatia por ele. Espero estar agindo bem ao tentar ajudá-lo a conseguir um emprego no exterior — espero, com muita sinceridade e ansiedade, que tudo termine bem.

Dia 11 de novembro. — Sir Percival ia conversar com o Sr. Fairlie, e eu fui chamada para me juntar a eles.

Encontrei o Sr. Fairlie muito aliviado com a perspectiva de a “inconveniência familiar” (como ele se comprazia em descrever o casamento da sobrinha) finalmente ter sido decidida. Até então, eu não me sentia no direito de dizer nada para ele sobre a minha opinião; mas, quando ele continuou, com seus modos mais irritantemente lânguidos, sugerindo que seria melhor fixar a data do casamento em seguida, de acordo com os desejos de Sir Percival, tive a satisfação de atacar os nervos do Sr. Fairlie com um protesto tão veemente contra apressar a decisão de Laura quanto fui capaz de

colocar em palavras. Sir Percival na mesma hora me garantiu sentir a força de minha objeção, e me suplicava que acreditasse que a proposta não tinha sido feita como consequência de qualquer interferência de sua parte. O Sr. Fairlie se recostou em sua cadeira, fechou os olhos, disse que nós dois honrávamos a natureza humana, e então repetiu sua sugestão, com tanta frieza como se nem Sir Percival nem eu tivéssemos dito uma palavra em oposição a ela. Tudo terminou com minha recusa categórica de mencionar o assunto para Laura, a não ser que ela o abordasse de sua própria vontade. Eu deixei os aposentos na mesma hora depois de fazer a declaração. Sir Percival parecia bastante embaraçado e aflito. O Sr. Fairlie esticou suas pernas indolentes em seu banquinho de veludo, e disse, “Cara Marian! Como eu invejo o seu robusto sistema nervoso! Não bata a porta!”

Ao ir para os aposentos de Laura, descobri que ela havia mandado me chamar, e que a Sra. Vesey tinha lhe dito que eu estava com o Sr. Fairlie. Ela perguntou na mesma hora por que eu tinha sido chamada; e lhe contei o que havia se passado, sem tentar dissimular a irritação e o enfado que eu realmente sentia. A resposta dela me surpreendeu e afligi de modo indizível; era a última resposta que eu poderia ter esperado que ela desse.

“Meu tio tem razão”, ela disse. “Eu causei problemas e ansiedade demais para você, e para todos ao meu redor. Não permita que eu cause ainda mais, Marian... deixe que Sir Percival decida.”

Eu protestei, veemente; mas nada do que eu pudesse dizer a demoveu.

“Estou presa ao meu compromisso”, ela respondeu. “Eu rompi com a minha antiga vida. O dia maléfico não virá com menos certeza porque eu o posterguei. Não, Marian! Uma vez mais, meu tio tem razão. Já causei problemas e ansiedade demais; e não vou causar mais.”

Ela costumava ser a docilidade em pessoa; mas agora estava inflexivelmente passiva em sua resignação — eu quase poderia dizer em seu desespero. Amando-a como eu amo, teria ficado menos aflita se ela tivesse estado violentamente agitada; foi tão absurdamente contrário à personalidade natural dela vê-la tão fria e insensível como eu a via então.

Dia 12 de novembro. — Sir Percival me fez algumas perguntas, no café da manhã, sobre Laura, que não me deixaram escolha a não ser contar-lhe o que ela havia dito.

Enquanto nós estávamos conversando, ela própria desceu e se juntou a nós. Ela estava tão artificialmente comedida na presença de Sir Percival como estivera na minha. Quando o café da manhã terminou, ele teve uma oportunidade de dizer-lhe algumas palavras em particular, em um recesso de uma das janelas. Eles não ficaram mais que dois ou três minutos juntos; e,

quando se separaram, ela saiu da sala com a Sra. Vesey, enquanto Sir Percival se aproximava de mim. Ele disse ter-lhe suplicado que o honrasse mantendo o privilégio dela de fixar a data para o casamento segundo a sua vontade e satisfação. Como resposta, ela simplesmente havia manifestado seu reconhecimento, e solicitado a ele que mencionasse quais eram os desejos dele para a Srta. Halcombe.

Não tenho paciência para escrever mais nada. Nesse ponto, assim como em todos os outros, Sir Percival conseguiu o que queria, com o maior crédito possível para si próprio, apesar de tudo que eu possa dizer ou fazer. Os desejos dele são, no momento, os que eram, naturalmente, quando ele veio para cá pela primeira vez; e Laura, tendo se resignado ao sacrifício inevitável do casamento, permanece tão apaticamente desesperançada e paciente quanto sempre. Ao se separar das pequenas tarefas e relíquias que a faziam se lembrar de Hartright, ela parece ter se separado de toda a sua ternura e toda a sua suscetibilidade. São apenas três horas da tarde enquanto escrevo estas linhas, e Sir Percival já partiu, na feliz azáfama de um noivo, para fazer os preparativos para a recepção da noiva em sua casa em Hampshire. A não ser que algum fato extraordinário aconteça para evitá-lo, eles se casarão exatamente no período em que ele desejava se casar — antes do fim do ano. Meus dedos queimam enquanto escrevo isto!

Dia 13 de novembro. — Uma noite insone, por causa da intranquilidade em relação a Laura. Perto do amanhecer, tomei a resolução de ver o que uma mudança de cenário poderia fazer para animá-la. Ela certamente não pode continuar em seu atual torpor de insensibilidade, se eu tirá-la de Limmeridge e rodeá-la com os rostos agradáveis dos velhos amigos? Depois de alguma reflexão, decidi escrever para os Arnold, em Yorkshire. Eles são pessoas simples, de bom coração e hospitaleiras; e Laura os conhece desde a infância. Depois de ter colocado a carta na sacola do correio, eu disse a ela o que havia feito. Teria sido um alívio, para mim, se ela tivesse mostrado o espírito para resistir e objetar. Mas não — ela apenas disse, “Irei a qualquer lugar com *você*, Marian. Eu me arrisco a dizer que você tem razão... eu me arrisco a dizer que a mudança me fará bem.”

Dia 14 de novembro. — Escrevi para o Sr. Gilmore, informando-lhe que realmente havia a perspectiva de esse infeliz casamento ocorrer, e também mencionando a minha ideia de tentar ver o que uma mudança de cenário poderia fazer por Laura. Eu não tinha coragem de entrar em detalhes. Haverá tempo suficiente para eles, quando nós chegarmos mais perto do fim do ano.

Dia 15 de novembro. — Três cartas para mim. A primeira, dos Arnold,

deleitados com a perspectiva de verem Laura e a mim. A segunda, de um dos cavalheiros a quem escrevi intercedendo por Walter Hartright, informando-me que ele teve a sorte de encontrar uma oportunidade de atender ao meu pedido. A terceira, do próprio Walter; agradecendo-me, pobre criatura, nos termos mais calorosos, por dar-lhe uma oportunidade de se afastar de sua casa, de seu país e de seus amigos. Uma expedição particular para fazer escavações entre as cidades em ruínas da América Central, ao que parece, está para partir de Liverpool. O desenhista que já havia sido designado para acompanhá-la perdeu a coragem, e se retirou no último minuto; e Walter deverá ocupar o lugar dele. Ele deverá ficar ocupado por seis meses com certeza, a contar do desembarque em Honduras, e por um ano em seguida, se as escavações forem bem-sucedidas, e se os fundos durarem. A carta dele se encerra com a promessa de me escrever algumas linhas de despedida, quando todos estiverem a bordo do navio, e quando o piloto se afastar da companhia deles. Só me resta esperar e rezar sinceramente para que ele e eu estejamos agindo, nesta questão, do melhor modo. Parece uma medida tão séria da parte dele, que só de pensar nisso eu fico sobressaltada. E, no entanto, na triste situação dele, como posso esperar, ou desejar, que ele fique em casa?

Dia 16 de novembro. — A carruagem está na porta. Laura e eu partimos para a nossa visita aos Arnolds hoje.

* * * * *

Polesdean Lodge, Yorkshire

Dia 23 de novembro. — Uma semana nestes novos cenários, e entre estas pessoas de bom coração, fez algum bem a Laura, embora não tanto quanto eu esperasse. Resolvi prolongar a nossa permanência por mais uma semana, pelo menos. É inútil voltar a Limmeridge, até que haja uma necessidade absoluta de nosso retorno.

Dia 24 de novembro. — Tristes notícias no correio matutino. A expedição para a América Central zarpuu no dia vinte e um. Nós nos despedimos de um homem íntegro; perdemos um amigo fiel. Walter Hartright partiu da Inglaterra.

Dia 25 de novembro. — Tristes notícias ontem; notícias aziagas hoje. Sir Percival Glyde escreveu para o Sr. Fairlie, e o Sr. Fairlie escreveu para Laura e para mim, chamando-nos de volta a Limmeridge imediatamente.

O que isso pode significar? O dia do casamento foi determinado em nossa ausência?

Dia 27 de novembro. — Meus pressentimentos se concretizaram. O casamento foi marcado para o dia vinte e dois de dezembro.

No dia seguinte ao da nossa partida para Polesdean Lodge, Sir Percival escreveu, ao que parece, para o Sr. Fairlie, para dizer que os consertos e alterações necessários em sua casa em Hampshire iriam ocupar um tempo muito maior para sua finalização do que ele havia originalmente antecipado. As estimativas corretas deveriam ser-lhe submetidas o mais cedo possível; e lhe facilitaria bastante para fazer os arranjos definitivos com os trabalhadores se ele pudesse ser informado do período exato em que se poderia esperar que a cerimônia de casamento fosse realizada. Ele então teria condições de fazer todos os seus cálculos referentes ao tempo, além de escrever os necessários pedidos de desculpas aos amigos que haviam se comprometido a visitá-lo naquele inverno, e que não teriam condições, naturalmente, de ser recebidos quando a casa estivesse nas mãos dos trabalhadores.

A essa carta o Sr. Fairlie havia respondido solicitando que o próprio Sir Percival sugerisse um dia para o casamento, sujeito à aprovação da Srta. Fairlie, que o guardião dela se comprometeu a fazer o melhor possível para obter. Sir Percival respondeu pelo correio seguinte e propôs (de acordo com seus próprios pontos de vista e desejos, desde o início), os últimos dias de dezembro — talvez o dia vinte e dois, ou vinte e quatro, ou qualquer outro dia que a senhorita e o guardião dela pudessem preferir. A senhorita não estando presente para manifestar sua opinião, o guardião havia se decidido, na ausência dela, pelo primeiro dia mencionado — o dia vinte e dois de dezembro — e havia escrito para nos chamar de volta a Limmeridge, como consequência.

Depois de me explicar esses detalhes em uma conversa particular, ontem, o Sr. Fairlie sugeriu, com seus modos mais amáveis, que eu iniciasse as negociações necessárias hoje. Sentindo que era inútil resistir, a não ser que eu fosse capaz de, em primeiro lugar, obter a autorização de Laura para agir assim, consenti em falar com ela, mas declarei, ao mesmo tempo, que não iria, em hipótese alguma, me comprometer a obter o consentimento dela aos desejos de Sir Percival. O Sr. Fairlie me cumprimentou por minha “excelente consciência”, mais ou menos como ele teria me cumprimentado se nós tivéssemos saído para passear, por minha “excelente constituição”, e parecia totalmente satisfeito, até então, por ter simplesmente passado mais uma responsabilidade familiar dos ombros dele para os meus.

Hoje de manhã eu falei com Laura, conforme havia prometido. A

compostura — quase posso dizer, a insensibilidade — que ela tem mantido, de modo tão estranho e resoluto desde que Sir Percival partiu, não resistiu ao choque da notícia que eu tinha para lhe dar. Ela empalideceu e tremeu violentamente:

“Não tão cedo!”, ela suplicou. “Oh, Marian, não tão cedo!”

O mais ligeiro indício que ela pudesse me dar já bastava para mim. Eu me levantei para sair do aposento, e lutar a favor dela na mesma hora com o Sr. Fairlie.

Assim que minha mão estava na porta, ela segurou meu vestido com força e me deteve.

“Solte-me!”, eu disse. “Minha língua está pegando fogo para dizer ao seu tio que ele e Sir Percival não vão agir apenas conforme o desejo deles.”

Ela suspirou com amargura, e continuou segurando meu vestido.

“Não!”, disse ela, em voz fraca. “Tarde demais, Marian... tarde demais!”

“Não é um minuto tarde demais”, repliquei. “A questão do tempo é *nossa* questão... E, confie em mim, Laura, para tirar dela toda a vantagem feminina.”

Eu soltei a mão dela do meu vestido enquanto falava; mas, ela passou os braços pela minha cintura no mesmo instante e me segurou com mais firmeza do que nunca.

“Isso só vai nos envolver em mais dificuldades e em mais confusão”, disse ela. “Isso vai fazer você e meu tio entrarem em desacordo, e trazer Sir Percival aqui de novo com novos motivos de reclamação...”

“Melhor assim!”, eu exclamei, veemente. “Quem se importa com os motivos dele para reclamação? Você deve partir o seu coração para deixá-lo tranquilo? Nenhum homem neste mundo merece esses sacrifícios da parte de nós, mulheres. Homens! Eles são os inimigos da nossa inocência e de nossa paz... Eles nos arrancam do amor dos nossos pais e do amor das nossas irmãs... Eles nos levam, de corpo e alma, para junto deles, e amarram as nossas vidas impotentes às deles assim como acorrentam um cachorro no canil. E o que o melhor deles nos dá em troca? Solte-me, Laura... Fico louca de raiva quando penso nisso!”

As lágrimas — infelizes e fracas lágrimas femininas de irritação e de raiva — subiram-me aos olhos. Laura sorriu fracamente e colocou o lenço no meu rosto, para esconder para mim a demonstração de minha própria fraqueza — a fraqueza dentre todas as outras que ela sabia que eu desprezava ao máximo.

“Oh, Marian!”, ela disse. “*Você*, chorando! Pense no que você diria para mim, se nossos lugares fossem trocados, e se essas lágrimas fossem minhas. Todo o seu amor e coragem e devoção não vão mudar o que *deve* acontecer, mais cedo ou mais tarde. Que o meu tio faça do jeito que quiser. Que nós não

tenhamos mais dificuldades e descontentamentos que qualquer sacrifício de minha parte possa evitar. Diga que você vai morar comigo, Marian, quando eu estiver casada... e não diga mais nada.”

Mas eu disse mais coisas. Contive as lágrimas desprezíveis que não eram alívio para *mim*, e que apenas *a* angustiavam; e argumentei e supliquei com tanta calma quanto fui capaz. Foi tudo em vão. Laura me fez repetir duas vezes a promessa de que eu iria viver com ela quando ela estivesse casada, e então de repente fez uma pergunta que levou o meu pesar e a minha simpatia por ela por um novo rumo.

“Enquanto estávamos em Polesdean”, ela disse, “você recebeu uma carta, Marian...”

O seu tom de voz alterado; o modo abrupto como ela desviava o olhar de mim e escondia o rosto em meu ombro; a hesitação que a silenciou antes de ter finalizado a sua pergunta, tudo me disse, com clareza demais, a quem a pergunta parcialmente formulada se referia.

“Eu achava, Laura, que você e eu não iríamos nos referir mais a ele”, eu disse, com gentileza.

“Você recebeu uma carta dele?”, ela insistiu.

“Sim”, respondi, “se você tem de saber disso.”

“Você tenciona escrever para ele novamente?”

Eu hesitei. Eu estivera com receio de contar para ela sobre a ausência dele da Inglaterra, ou do modo como os meus esforços para ajudar as novas esperanças e os novos projetos dele haviam me relacionado à sua partida. Que resposta poderia eu dar? Ele havia ido para onde nenhuma carta poderia chegar até ele por meses, talvez por anos vindouros.

“Suponhamos que eu tencione escrever para ele de novo”, acabei dizendo. “E então, Laura?”

O rosto dela queimava contra o meu pescoço; e os braços dela tremiam e me apertaram com força.

“Não conte para ele sobre o *dia vinte e dois*”, ela sussurrou. “Prometa-me, Marian... Por favor, prometa-me que você não vai nem mencionar o meu nome quando escrever da próxima vez.”

Eu fiz a promessa. Nenhuma palavra pode expressar com quanto pesar a fiz. Ela na mesma hora tirou o braço da minha cintura, se dirigiu à janela, e ficou olhando para fora, de costas para mim. Depois de um momento, ela falou de novo, mas sem se voltar, sem permitir que eu tivesse o menor vislumbre de seu rosto.

“Você vai ao quarto de meu tio?”, ela perguntou. “Você dirá para ele que eu consinto com qualquer arranjo que ele possa considerar melhor? Não se

preocupe por me deixar sozinha, Marian. É melhor eu ficar sozinha por alguns minutos.”

Eu saí. Se, assim que entrei no corredor, eu pudesse ter transportado o Sr. Fairlie e Sir Percival Glyde para os confins da terra, erguendo um dos meus dedos, esse dedo teria sido erguido sem um instante de hesitação. Pelo menos uma vez, o meu gênio foi meu amigo. Eu teria perdido totalmente o controle e rompido em uma crise de choro se as minhas lágrimas não tivessem sido todas queimadas no calor de minha raiva. Do modo como a situação estava, entrei apressada no quarto do Sr. Fairlie — disse-lhe, com tanta rispidez quanto possível, “Laura está de acordo com o dia vinte e dois”, e saí apressada de novo sem esperar uma palavra como resposta. Eu bati a porta às minhas costas, e espero ter abalado o sistema nervoso do Sr. Fairlie para o resto do dia.

Dia 28 de novembro. — Hoje de manhã, eu li a carta de despedida do pobre Hartright de novo; uma dúvida passando por minha cabeça, desde ontem, se eu estou agindo com sensatez ao esconder de Laura a partida dele.

Pensando bem, ainda acho que estou certa. As alusões na carta dele aos preparativos feitos para a expedição à América Central mostram que os líderes dela sabem que ela é perigosa. Se a descoberta disso *me* deixa intranquila, o que representaria para *ela*? Já é muito ruim sentir que a partida dele nos privou do amigo, dentre todos os outros, em cuja devoção poderíamos confiar, na hora de necessidade, se um dia essa hora chegar e nos encontrar desamparadas. Porém, é muito pior saber que ele se afastou de nós para enfrentar os perigos de um clima ruim, de um país selvagem e de uma população conturbada. Certamente seria uma honestidade cruel dizer isso para Laura, sem uma necessidade premente e verdadeira para tal?

Eu chego a me perguntar se não deveria dar um passo adiante e queimar a carta imediatamente, por temer que um dia ela caia em mãos erradas. Ela não apenas se refere a Laura em termos que deveriam permanecer para sempre um segredo entre mim e quem a escreveu; mas reitera as suspeitas dele — tão obstinadas, tão incompreensíveis, e tão alarmantes — de que tem sido secretamente vigiado desde que partiu de Limmeridge. Ele declara ter visto os rostos de dois homens estranhos, que o seguiram pelas ruas de Londres, observando-o em meio à multidão que se reuniu em Liverpool para ver a expedição embarcar; e ele afirma categoricamente que ouviu o nome de Anne Catherick pronunciado às suas costas, enquanto entrava no bote. As palavras dele próprio são, “Estes acontecimentos têm um significado; estes acontecimentos podem levar a um resultado. O mistério de Anne Catherick ainda *não* foi esclarecido. Ela pode nunca mais cruzar o meu caminho de novo; mas, se um dia ela cruzar o seu, aproveite melhor a oportunidade, Srta.

Halcombe, do que eu. Falo com uma convicção muito grande; suplico à senhorita que se lembre do que eu digo.” Essas são as palavras exatas dele. Não há perigo de eu esquecê-las — minha memória está pronta para se deter em quaisquer palavras de Hartright que se refiram a Anne Catherick. Porém, há perigo no fato de eu conservar a carta. O mais ínfimo acidente pode colocá-la à mercê de estranhos. Eu posso adoecer; posso morrer — é melhor queimá-la agora mesmo, e ter uma ansiedade a menos.

Está queimada! As cinzas da carta de despedida dele — a última que ele pode escrever para mim — se encontram em alguns fragmentos negros na lareira. É este o triste fim de toda esta triste história? Oh, não o fim... certamente, certamente, ainda não é o fim!

Dia 29 de novembro. — Os preparativos para o casamento começaram. A costureira veio receber as suas ordens. Laura está perfeitamente impassível, perfeitamente indiferente acerca da questão a que, acima de todas as outras, os interesses pessoais de uma mulher estão mais intimamente ligados. Ela deixou tudo nas mãos da costureira, e nas minhas. Se o pobre Hartright tivesse sido o baronete, e o marido escolhido pelo pai dela, como ela teria se comportado de modo diferente! Quão ansiosa e caprichosa ela teria sido; e que tarefa difícil a melhor das costureiras teria descoberto ser a de agradá-la!

Dia 30 de novembro. — Nós recebemos notícias de Sir Percival todos os dias. A última notícia é que as reformas na casa dele irão consumir de quatro a seis meses, antes que possam ser devidamente finalizadas. Se pintores, colocadores de papel de parede e tapeceiros pudessem criar felicidade tão bem quanto esplendor, eu estaria interessada nos procedimentos deles no futuro lar de Laura. Do jeito que as coisas são, a única parte da última carta de Sir Percival que não me deixa assim como ela me encontrou, totalmente indiferente a todos os planos e projetos dele, é a parte que se refere à viagem de núpcias. Ele propõe, já que Laura é delicada, e o inverno ameaça ser especialmente rigoroso, levá-la para Roma e permanecer na Itália até o começo do próximo verão. Se este plano não for aprovado, ele está igualmente pronto, embora não tenha residência própria na cidade, a passar a temporada em Londres, na casa mobiliada mais adequada que possa ser conseguida com esse propósito.

Colocando a mim e aos meus sentimentos totalmente fora de cogitação (o que é meu dever fazer, e o que fiz), eu, de minha parte, não tenho dúvidas quanto à adequação de adotar a primeira das propostas. De qualquer modo, a separação entre mim e Laura é inevitável. Vai ser uma separação mais longa, caso eles viajem para o exterior, do que seria caso permanecessem em Londres — mas nós temos de contrapor a essa desvantagem o benefício que

seria para Laura, por outro lado, passar o inverno em um clima ameno; e, mais que isso, a imensa assistência para melhorar o seu estado de espírito, e reconciliá-la com a sua nova existência, que a simples curiosidade e excitação de viajar, pela primeira vez em sua vida, para o país mais interessante do mundo pode com certeza proporcionar. O dela não é um temperamento que encontre proveito nas alegrias e excitações convencionais de Londres. Elas apenas fariam com que a opressão inicial desse lamentável casamento recaísse com ainda mais força sobre ela. Eu temo o início da nova vida dela mais do que as palavras podem expressar; mas vejo alguma esperança para Laura se ela viajar — e nenhuma se ela ficar em casa.

É estranho retomar estas últimas notas em meu diário e descobrir que estou escrevendo sobre o casamento e a despedida de Laura assim como as pessoas escrevem sobre coisas já decididas. Parece tão frio e tão insensível olhar para o futuro já deste modo cruelmente controlado. Mas, que outra atitude é possível, agora que o momento está tão próximo? Antes que outro mês tenha se passado em nossas vidas, ela vai ser a Laura *dele*, e não a minha! A Laura *dele*! Estou tão pouco pronta para conceber a ideia que essas duas palavras transmitem — minha mente se sente quase embotada e paralisada por causa delas — como se escrever sobre o casamento fosse igual a escrever sobre a morte dela.

Dia 1º de dezembro. — Um dia triste, muito triste; um dia que não tenho coragem para descrever em detalhes. Depois de, cheia de fraqueza, postergar o assunto a noite passada, eu fui obrigada a falar com ela hoje de manhã sobre a proposta para a viagem de núpcias feita por Sir Percival.

Com a plena convicção de que eu estaria com ela, aonde quer que ela fosse, a pobre criança — pois uma criança ela ainda é, em muitos aspectos — estava quase feliz com a perspectiva de ver as maravilhas de Florença e de Roma e de Nápoles. Quase partiu meu coração destruir a ilusão dela e fazê-la se confrontar com a dura verdade. Fui obrigada a dizer-lhe que nenhum homem tolera uma rival — nem ao menos uma rival mulher — nas afeições de sua esposa, quando ele é recém-casado, o que quer que ele possa fazer posteriormente. Fui obrigada a alertá-la de que a minha chance de viver permanentemente com ela sob seu teto dependia totalmente de eu não despertar os ciúmes e a desconfiança de Sir Percival ficando entre eles no início do casamento deles, na posição de confidente escolhida dos segredos mais íntimos de sua esposa. Gota a gota, eu verti a amargura aviltante da sabedoria mundana naquele coração puro e naquela mente inocente, enquanto todos os sentimentos mais nobres e mais elevados em meu íntimo se opunham à minha infeliz obrigação. Ela já acabou, agora. Laura aprendeu a sua dura lição, a sua inevitável lição. As simples ilusões de sua meninice se foram; e

minha mão as arrancou. Melhor a minha que a dele — este é todo o meu consolo — melhor a minha que a dele.

Então, a primeira proposta é a que foi aceita. Eles vão para a Itália; e eu vou tomar providências, com a permissão de Sir Percival, para me encontrar com eles, quando voltarem para a Inglaterra. Em outras palavras, eu vou pedir um favor pessoal, pela primeira vez na minha vida, e pedi-lo para o homem, dentre todos os outros, a quem menos desejo dever um grande favor de qualquer tipo. Bem!! Acho que posso fazer até mais do que isso, por amor a Laura.

Dia 2 de dezembro. — Olhando em retrospectiva, me flagro sempre me referindo a Sir Percival em termos desabonadores. Do modo como a situação se encontra, devo e vou acabar com o meu preconceito contra ele. Não consigo imaginar como essa ideia entrou pela primeira vez em minha mente. Ela certamente não existia em outros tempos.

Será a relutância de Laura em se tornar sua esposa que me coloca contra ele? As ideias preconcebidas perfeitamente compreensíveis de Hartright me contaminaram sem que eu suspeitasse de sua influência? Aquela carta de Anne Catherick ainda deixa uma desconfiança sub-reptícia em minha mente, apesar da explicação de Sir Percival e da prova da veracidade dela que tenho em mãos? Não posso explicar o estado de meus próprios sentimentos: só tenho a certeza de que é o meu dever — duplamente meu dever, agora — não caluniar Sir Percival por não confiar nele sem motivos. E se passou a ser um hábito de minha parte sempre escrever sobre ele do mesmo modo desfavorável, eu vou me desviar dessa tendência indigna, e o farei, ainda que o esforço me obrigue a encerrar as páginas de meu diário até que o casamento se realize! Estou muito insatisfeita comigo mesma — não vou mais escrever hoje.

* * * * *

Dia 16 de dezembro. — Uma quinzena inteira se passou, e não abri uma única vez estas páginas. Eu estive afastada de meu diário por um bom tempo para poder a ele retornar, com um ponto de vista mais saudável e mais justo, espero, no que diz respeito a Sir Percival.

Não há muito que registrar sobre as últimas duas semanas. Os vestidos estão quase prontos, e as novas malas de viagem foram mandadas de Londres para cá. Pobre querida Laura, ela mal sai de perto de mim por um instante, o dia inteiro; e, a noite passada, quando nenhuma de nós conseguia dormir, ela veio e se insinuou de mansinho em minha cama, para conversar comigo. “Vou perder você tão cedo, Marian”, ela disse, “tenho de aproveitar ao máximo a

sua companhia enquanto eu posso.”

Eles deverão se casar na igreja de Limmeridge; e, graças aos Céus, nenhum de nossos vizinhos deverá ser convidado para a cerimônia. O único visitante será o nosso velho amigo, Sr. Arnold, que deverá vir de Polesdean, para entrar com Laura na igreja, o tio dela sendo delicado demais para se arriscar para fora da porta em um tempo tão inclemente como o que estamos tendo. Se eu não estivesse determinada, a partir deste dia, a não ver nada além do lado mais luminoso das nossas perspectivas, a melancólica ausência de qualquer parente masculino de Laura, no momento mais importante da vida dela, teria me deixado desconsolada e muito desconfiada em relação ao futuro. Mas eu nada mais tenho a ver com desconsolo e desconfiança — quer dizer, não mais escrevo sobre um ou outra neste diário.

Sir Percival deverá chegar amanhã. Ele se ofereceu, caso nós desejássemos tratá-lo em termos de uma rígida etiqueta, para escrever e solicitar ao nosso clérigo que lhe oferecesse a hospitalidade da reitoria, durante o curto período de sua permanência em Limmeridge antes do casamento. Considerando as circunstâncias, nem o Sr. Fairlie nem eu consideramos de modo algum necessário que nos preocupássemos em pensar em formalidades e em cerimônias insignificantes. Em nossa região selvagem das charnecas, e nesta casa grande e solitária, nós podemos muito bem considerar que estamos além do alcance dos convencionalismos triviais que atrapalham as pessoas em outros locais. Eu escrevi a Sir Percival para agradecer a sua cortês oferta, e pedir-lhe que ocupasse os seus antigos aposentos, assim como sempre, na Mansão de Limmeridge.

Dia 17 de dezembro. — Ele chegou hoje, aparentando, conforme eu pensei, estar um bocadinho exausto e ansioso, mas ainda conversando e rindo como um homem no melhor estado de espírito possível. Ele trouxe alguns presentes realmente muito bonitos, joias, que Laura recebeu com seus melhores modos e, pelo menos aparentemente, com um perfeito autocontrole. O único sinal que posso detectar da luta que deve lhe custar para manter as aparências neste período atribulado se manifesta em uma repentina falta de vontade, da parte dela, de ficar um minuto que seja sozinha. Em vez de ir para os seus aposentos, como de costume, ela parece temer ir para lá. Quando eu subi hoje, depois do almoço, para colocar a minha touca para dar um passeio, ela se ofereceu para ir comigo; e, novamente, antes do jantar, ela escancarou a porta entre os nossos quartos, de modo que pudéssemos conversar uma com a outra enquanto estivéssemos nos vestindo. “Mantenha-me sempre fazendo alguma coisa”, ela disse, “mantenha-me sempre na companhia de alguém. Não me deixe pensar... isso é tudo que eu peço agora, Marian... não me deixe pensar.”

Essa triste alteração nela apenas aumenta os seus atrativos para Sir Percival. Ele a interpreta, eu posso ver, a seu favor. Há um rubor febril nas faces dela, um brilho febril nos olhos dela, que ele recebe como a volta da beleza e do estado de espírito dela. Ela conversou hoje, na hora do jantar, com uma alegria e uma ligeireza tão falsas, tão assustadoramente contrárias ao seu temperamento, que eu intimamente desejava silenciá-la e levá-la embora. O deleite e a surpresa de Sir Percival pareciam indizíveis. A ansiedade que eu havia percebido no rosto dele, quando ele chegou, desapareceu totalmente; e ele aparentava, até para os meus olhos, uns bons dez anos mais jovem do que realmente é.

Não pode haver dúvida — embora certa estranha maldade me impeça de ver isso por minha conta — não pode haver dúvida de que o futuro marido de Laura é um homem muito bem-apegoado. Traços regulares são uma vantagem pessoal para começar — e ele os tem. Olhos castanhos luminosos, em um homem ou em uma mulher, são um grande atrativo — e ele os tem. Até mesmo a calvície, quando apenas na região da testa (como é o caso dele), é mais favorável do que negativa em um homem, pois isso destaca a cabeça e aumenta a inteligência do rosto. Graça e naturalidade nos movimentos; modos incansavelmente vivos; uma educação perfeita; prontidão e flexibilidade em sua capacidade de conversar — todos esses são méritos inquestionáveis, e todos esses ele certamente possui. Com certeza o Sr. Gilmore, ignorando como ignora o segredo de Laura, não deveria ser culpado por se sentir surpreso por ela se arrepender de seu compromisso de casamento? Qualquer outra pessoa no lugar dele teria compartilhado da opinião de nosso bom e velho amigo. Se me solicitassem, neste momento, que dissesse com clareza quais defeitos eu descobri em Sir Percival, poderia indicar apenas dois. Um, o seu incessante desassossego e irritabilidade — que podem ser causados, de modo bastante natural, por uma pouco habitual energia em seu temperamento. O outro, seu modo seco, brusco e desdenhoso de falar com os empregados — o que pode ser apenas um mau hábito, afinal de contas. Não, não posso contestar, e não vou contestar — Sir Percival é um homem bastante bem-apegoado e muito agradável. Cá está! Escrevi isso, finalmente, e sinto-me feliz por tê-lo feito.

Dia 18 de dezembro. — Sentindo-me fatigada e deprimida hoje de manhã, deixei Laura com a Sra. Vesey e saí sozinha para uma das minhas caminhadas rápidas no meio do dia, que eu abandonei recentemente. Eu fui pela estrada árida e ventosa, ao longo da charneca, que leva a Todd's Corner. Depois de estar fora de casa por meia hora, fiquei muito surpresa ao ver Sir Percival se aproximando de mim, vindo da direção da propriedade. Ele estava caminhando rapidamente, balançando a sua bengala; a cabeça ereta, como de

costume, e seu casaco de caça esvoaçando aberto ao vento. Quando nós nos encontramos, ele não esperou que eu fizesse quaisquer perguntas — ele me disse, na mesma hora, que tinha ido à propriedade para perguntar se o Sr. e a Sra. Todd haviam recebido alguma notícia, desde a última visita dele a Limmeridge, de Anne Catherick.

“O senhor descobriu, naturalmente, que eles não tiveram notícias?”, eu disse.

“Notícia nenhuma”, ele respondeu. “Estou começando a ficar com muito medo de que nós a tenhamos perdido. Por acaso a senhorita sabe”, ele continuou, olhando no meu rosto com muita atenção, “se o artista... o Sr. Hartright... tem condições de nos dar maiores informações?”

“Ele não teve notícias dela, nem a viu, desde que partiu de Cumberland”, respondi.

“Muito triste”, disse Sir Percival, falando como um homem que estivesse decepcionado e, no entanto, algo bastante estranho, aparentando, ao mesmo tempo, ser um homem que estivesse aliviado. “É impossível dizer quais infortúnios não possam ter acontecido com essa infeliz criatura. Eu me sinto indizivelmente aborrecido com o fracasso de todos os meus esforços para recolocá-la sob os cuidados e a proteção de que ela necessita com tanta urgência.”

Agora ele realmente aparentava estar aborrecido. Eu disse algumas palavras solidárias; e então conversamos sobre outros assuntos, no caminho de volta para casa. Com certeza, o meu encontro casual com ele na charneca revelou outro traço favorável de seu caráter? Com certeza, foi extraordinariamente atencioso e abnegado, da parte dele, pensar em Anne Catherick às vésperas de seu casamento, e ir até Todd’s Corner para indagar a respeito dela, quando ele poderia ter passado o tempo de modo muito mais agradável na companhia de Laura? Considerando que ele só pode ter agido movido por pura caridade, a conduta dele, nas atuais circunstâncias, mostra um bom sentimento pouco habitual e merece um imenso louvor. Bem! Eu lhe darei o imenso louvor — e já basta.

Dia 19 de dezembro. — Mais descobertas na inesgotável mina das virtudes de Sir Percival.

Hoje, abordei o tema de minha proposta de permanência sob o teto de sua esposa, quando ele a trouxe de volta para a Inglaterra. Eu mal havia feito minha primeira insinuação nesse sentido antes de ele segurar-me a mão calorosamente, e dizer que eu havia lhe feito o oferecimento que ele estivera, de sua parte, extremamente ansioso para me fazer. Eu era a companhia, entre todas as outras, que ele desejava com maior sinceridade garantir para a sua

esposa; e ele me suplicava que eu acreditasse lhe estar fazendo um favor permanente ao fazer a proposta de ir morar com Laura depois do casamento, exatamente como eu sempre tinha vivido com ela antes.

Depois de eu lhe agradecer, em nome dela e no meu, por sua atenciosa bondade para conosco, nós passamos ao tema da viagem de núpcias dele, e começamos a falar da sociedade inglesa em Roma, à qual Laura seria apresentada. Ele mencionou rapidamente os nomes de diversos amigos que esperava encontrar no exterior neste inverno. Eles eram todos ingleses, tanto quanto eu possa me lembrar, com uma única exceção. A única exceção era o Conde Fosco.

A menção ao nome do Conde, e a descoberta de que ele e sua esposa provavelmente encontrarão os noivos no continente, colocou o casamento de Laura, pela primeira vez, sob uma luz perceptivelmente favorável. É provável que ele seja o meio de acabar com uma briga familiar. Até agora, Madame Fosco resolveu se esquecer de seus deveres como tia de Laura, por seu forte ressentimento contra o falecido Sr. Fairlie devido à conduta dele no caso do legado. Agora, entretanto, ela não pode mais persistir nesse tipo de conduta. Sir Percival e o Conde Fosco são velhos e bons amigos, e as suas esposas não terão escolha a não ser conviver em termos educados. Madame Fosco, em seus dias de solteira, era uma das mulheres mais impertinentes que eu já conheci — caprichosa, exigente e vaidosa ao ponto extremo do absurdo. Se o marido foi bem-sucedido ao fazê-la se portar como um ser racional, ele merece a gratidão de todos os membros da família — e ele pode ter a minha, para começar.

Estou ficando ansiosa para conhecer o Conde. Ele é o amigo mais íntimo do marido de Laura; e, nessa condição, desperta o meu mais profundo interesse. Nem Laura nem eu jamais o vimos. Tudo que sei sobre ele é que sua presença accidental, anos atrás, na escadaria da Igreja de Trinità del Monte, em Roma, permitiu que Sir Percival escapasse de ser roubado e assassinado, no momento crítico em que ele havia sido atingido na mão, e poderia, no instante seguinte, ter sido ferido no coração. Eu lembro também que, na época das absurdas objeções do falecido Sr. Fairlie ao casamento de sua irmã, o Conde escreveu para ele uma carta muito moderada e sensata sobre o tema, que, envergonho-me ao dizer, ficou sem ser respondida. Isso é tudo que sei sobre o amigo de Sir Percival. Fico me perguntando se ele um dia virá para a Inglaterra? Eu me pergunto se gostarei dele?

Minha pena está se dedicando a meras especulações. Que eu volte para os fatos concretos. É certo que a acolhida que Sir Percival deu à minha ousada proposta de ir morar com a esposa dele foi mais que gentil, ela foi quase afetuosa. Tenho certeza de que o marido de Laura não terá motivos para

reclamar de mim, tão somente eu possa continuar assim como tenho me portado. Eu já declarei que ele é bem-apegoado, agradável, cheio de bons sentimentos em relação aos desvalidos, e cheio de uma gentileza afetuosa em relação a mim. Realmente, mal me reconheço, em meu novo papel de amiga mais calorosa de Sir Percival.

Dia 20 de dezembro. — Eu odeio Sir Percival! Eu nego categoricamente sua boa aparência. Eu o considero eminentemente desagradável e totalmente destituído de gentileza e de bons sentimentos. A noite passada, os cartões de visita do casal foram enviados para casa. Laura abriu o pacote, e viu seu futuro nome impresso, pela primeira vez. Sir Percival olhou com familiaridade por sobre os ombros dela para o novo cartão, que já havia transformado a Srta. Fairlie em Lady Glyde — sorriu, com a mais odiosa autocomplacência — e sussurrou algo no ouvido dela. Não sei o que foi — Laura se recusou a me dizer — mas eu vi o rosto dela ficar com tamanha brancura mortal que pensei que ela iria desmaiar. Ele não se deu conta da mudança; parecia estar cruelmente sem a consciência de ter dito alguma coisa que a magoasse. Todos os meus antigos sentimentos de hostilidade em relação a ele reviveram em um instante; e todas as horas que se passaram desde então nada fizeram para dissipá-los. Eu sou mais irracional e mais injusta do que já fui. Em três palavras — como minha pena as escreve com fluência! — em três palavras, eu o odeio.

Dia 21 de dezembro. — Terão as ansiedades deste período cheio de ânsias me abalado um pouquinho, finalmente? Tenho escrito, nos últimos dias, em um tom frívolo que, Deus bem o sabe, está muito distante de meu coração, e que me deixou chocada ao descobri-lo quando olhei as anotações em meu diário.

Talvez eu tenha contraído a excitação febril do estado de espírito de Laura durante a última semana. Se assim for, a crise já me abandonou, e me deixou em um estranho estado de espírito. Uma ideia persistente está dominando a minha mente, desde a noite passada, de que alguma coisa ainda vai acontecer para evitar o casamento. O que produziu esse capricho singular? Será ele o resultado indireto de minhas apreensões relacionadas ao futuro de Laura? Ou ele me foi inconscientemente sugerido pelo crescente desassossego e agitação que certamente tenho percebido nos modos de Sir Percival, à medida que o dia do casamento fica cada vez mais próximo? É impossível dizer. Eu sei que tenho essa ideia — certamente, a ideia mais insana, nas atuais circunstâncias, que jamais passou pela cabeça de uma mulher? — mas, por mais que eu tente, não consigo descobrir a sua origem.

Este último dia foi todo confusão e infelicidade. Como posso escrever a

respeito dele? — e, no entanto, tenho de escrever. Qualquer coisa é melhor do que ficar ruminando os meus pensamentos melancólicos.

A gentil Sra. Vesey, a quem nós todos temos ignorado bastante nestes dias, inocentemente nos causou uma triste manhã, para começar. Ela estivera, durante os últimos meses, em segredo fazendo um quente xale de Shetland para sua cara aluna — uma obra muito bela e surpreendente para ser feita por uma mulher de sua idade e com os seus hábitos. O presente foi oferecido esta manhã; e a pobre e afetuosa Laura perdeu completamente o controle quando o xale foi orgulhosamente colocado em seus ombros pela amorosa velha amiga e guardiã de sua infância sem mãe. Eu mal tive tempo para acalmar a ambas, ou mesmo para secar os meus próprios olhos, quando fui chamada pelo Sr. Fairlie, para ser agraciada com um longo relato dos preparativos dele para a preservação de sua própria tranquilidade no dia do casamento.

A “querida Laura” deveria receber o presente dele — um anel ordinário, com os cabelos do seu amoroso tio como ornamento, em vez de uma pedra preciosa, e com uma insensível inscrição em francês, na parte interna, sobre sentimentos amistosos e amizade eterna — e a “querida Laura” deveria receber esse delicado tributo de minhas mãos imediatamente, de modo que ela tivesse tempo suficiente para se recuperar da agitação produzida pelo presente antes de comparecer perante o Sr. Fairlie. A “querida Laura” deveria fazer uma breve visita para ele naquela noite, e ser gentil o suficiente para não fazer estardalhaço. A “querida Laura” deveria fazer-lhe outra breve visita, em seu vestido de noiva, na manhã seguinte, e ser gentil o suficiente, de novo, para não fazer estardalhaço. A “querida Laura” deveria aparecer novamente, pela terceira vez, antes de partir, mas sem perturbar os sentimentos dele dizendo *quando* ela iria partir, e sem lágrimas — “em nome da piedade, em nome de tudo, cara Marian, que é mais afetuoso e mais doméstico e mais deleitosa e encantadoramente disciplinado, *sem lágrimas!*” Eu estava tão exasperada por essas ninharias egoístas e mesquinhas, em tal momento, que certamente teria chocado o Sr. Fairlie com algumas das mais duras e rudes verdades que ele já teria ouvido na vida, se a chegada do Sr. Arnold de Polesdean não tivesse me chamado para novas tarefas no andar de baixo.

O resto do dia é indescritível. Acredito que ninguém na casa realmente soubesse como ele passou. A confusão de acontecimentos insignificantes, amontoados uns sobre os outros, aturdiu a todos. Havia vestidos enviados para casa, que haviam sido esquecidos; havia malas para serem feitas e desfeitas e feitas de novo; havia presentes de amigos distantes e próximos, amigos de posição elevada e modesta. Nós todos estávamos afobados, sem necessidade; todos aguardando, nervosos, o dia seguinte. Sir Percival, especialmente, estava desassossegado demais, agora, para ficar cinco minutos seguidos no

mesmo lugar. Aquela tosse seca e forte o perturbava mais do que nunca. Ele entrou e saiu da casa o dia inteiro; e pareceu ter ficado tão curioso, de repente, que fazia perguntas até para os desconhecidos que vinham à casa com pequenas incumbências. Acrescente-se a tudo isso o pensamento constante, na mente de Laura e na minha, de que nós deveríamos nos separar no dia seguinte, e o temor obcecante, não manifestado por nenhuma de nós duas e, mesmo assim, sempre presente para ambas, de que esse casamento deplorável poderia provar ser o erro fatal da vida dela e o sofrimento impotente da minha. Pela primeira vez em todos esses anos de nosso relacionamento íntimo e feliz, nós quase evitávamos olhar para o rosto uma da outra, durante a noite toda; e nos abstivemos, em um consentimento mútuo, de conversar a sós durante a noite inteira. Eu não consigo mais me deter neste assunto. Quaisquer que sejam os futuros sofrimentos que possam estar à minha espera, eu sempre vou olhar em retrospectiva para este vinte e um de dezembro como o dia mais destituído de conforto e o mais infeliz de minha vida.

Estou escrevendo estas linhas na solidão de meu próprio quarto, muito depois da meia-noite, tendo acabado de voltar para cá depois de ter dado uma olhada em segredo em Laura em sua linda caminha branca — a cama que ela tem usado desde os dias de sua meninice.

Lá estava ela deitada, sem saber que eu a olhava — quieta, mais quieta do que eu ousava esperar, mas não dormindo. O tremeluzir da luz noturna mostrou-me que os olhos dela estavam apenas parcialmente fechados; traços de lágrimas brilhavam entre as suas pálpebras. Meu simples presente — apenas um broche — se encontrava na mesa de cabeceira, com seu livro de orações, e o retrato em miniatura do pai, que ela leva aonde quer que ela vá. Eu esperei um instante, olhando-a por trás do travesseiro, enquanto ela estava deitada, com um braço e a mão apoiados nas cobertas brancas; tão imóvel, respirando tão de leve, que os babados de sua camisola não se moviam — fiquei olhando-a, como já a vi milhares de vezes, como não a verei novamente — e então voltei de mansinho para o meu quarto. Meu amor! Com toda a sua riqueza, e toda a sua beleza, quão destituída de amigos você é! O único homem que daria a vida para servi-la está muito distante, balouçando, nesta noite tempestuosa, no mar horrível. Quem mais restou para você? Sem pai, sem irmão — nenhuma criatura viva a não ser a impotente e inútil mulher que escreve estas linhas tristes, e espera ao seu lado pela manhã, com um pesar que ela não é capaz de dominar, com dúvidas que ela não pode vencer. Oh, que lealdade deverá ser colocada nas mãos daquele homem amanhã! Se ele um dia se esquecer disso; se ele um dia fizer mal a um fio de cabelo dela!...

DIA 22 DE DEZEMBRO. — *Sete horas da manhã.* Uma manhã insana e agitada. Laura acabou de se levantar — melhor, e mais calma, agora que o

momento chegou, do que ela estava ontem.

Dez horas. Ela está vestida. Nós nos beijamos, prometemos uma à outra que não vamos perder a coragem. Estou por uns instantes em meu próprio quarto. No rebuliço e na confusão de meus pensamentos, consigo detectar aquela estranha impressão de algum empecilho surgindo para impedir o casamento ainda pairando em minha mente. Estará isso pairando na mente *dele*, também? Eu o estou vendo da janela, andando de um lado para outro, intranquilo, entre as carruagens à porta. Como sou capaz de escrever tamanha tolice! O casamento é uma certeza. Em menos de meia hora nós saímos para a igreja.

Onze horas. Tudo acabado. Eles estão casados.

Três horas da tarde. Eles partiram! Não consigo enxergar, de tanto chorar... não consigo escrever mais...

* * * * *

[*O Primeiro Período da História se encerra aqui.*]

[Fim do primeiro volume da edição em três volumes.]

O segundo período

A História continuada por MARIAN HALCOMBE

I

* * * * *

Blackwater Park, Hampshire.

DIA 11 DE JUNHO DE 1850. Seis meses para recordar... seis longos e solitários meses, desde que Laura e eu nos vimos pela última vez!

Quantos dias eu ainda tenho de esperar? Apenas um! Amanhã, no dia doze, os viajantes retornam à Inglaterra. Mal consigo ter consciência da minha própria felicidade; mal consigo acreditar que as próximas vinte e quatro horas vão encerrar o último dia de separação entre mim e Laura.

Ela e o marido estiveram na Itália o inverno todo, e depois no Tirol. Eles voltam acompanhados pelo Conde Fosco e sua esposa, que estão decididos a se estabelecer em algum lugar nas cercanias de Londres, e se comprometeram a ficar em Blackwater Park durante os meses de verão antes de decidirem o seu local de residência. Desde que Laura retorne, não importa quem retorna com ela. Sir Percival pode encher a casa do piso ao teto, se ele quiser, com a condição de que a esposa dele e eu moremos nela.

Enquanto isso, cá estou eu, instalada em Blackwater Park, “a antiga e interessante residência” (segundo me informa gentilmente a história do condado) “de Sir Percival Glyde, Barone” — e futuro local de permanência (como posso me arriscar a acrescentar, por conta própria) da desenxabida Marian Halcombe, solteirona, agora acomodada em uma pequena e confortável saleta particular, com uma xícara de chá ao seu lado, e todas as suas posses terrenas organizadas ao seu redor em três caixas e uma mala.

Eu parti de Limmeridge ontem, tendo recebido a encantadora carta de Laura, de Paris, no dia anterior. Antes, não tinha certeza se iria encontrá-los em Londres ou em Hampshire; mas essa última carta me informou que Sir

Percival se propunha a desembarcar em Southampton e viajar direto para sua propriedade no interior do país. Ele gastou tanto dinheiro no exterior que não tem nada para custear as despesas de viver em Londres durante o resto da temporada; e está economicamente decidido a passar o verão e o outono tranquilamente em Blackwater. Laura já teve estímulos e mudanças de cenário mais que suficientes, e está feliz com a perspectiva da tranquilidade e da reclusão no condado que a prudência de seu marido lhe oferece. Quanto a mim, estou pronta para ficar feliz em qualquer lugar na companhia dela. Nós todos estamos, portanto, muito felizes, cada qual ao seu modo, para começar.

A noite passada, eu dormi em Londres, e fui detida lá por tanto tempo, hoje, por várias visitas e ocupações, que não cheguei a Blackwater senão esta noite, logo após o anoitecer.

A julgar pelas minhas vagas impressões sobre o local, até agora, ele é exatamente o oposto de Limmeridge.

A casa se situa em um local absolutamente plano, e parece estar rodeada — quase sufocada, para as minhas ideias de habitante da região norte — por árvores. Eu não vi ninguém a não ser o empregado que abriu a porta para mim, e a governanta, uma pessoa muito educada que me mostrou o caminho até o meu quarto, e me trouxe o chá. Tenho um *boudoir* e quarto de dormir pequenos e agradáveis, no fim de um longo corredor no primeiro andar. Os quartos dos empregados e alguns quartos vagos se localizam no segundo andar; e todas as salas se localizam no piso térreo. Eu não estive em nenhuma delas ainda, e nada sei sobre a casa, a não ser que dizem que uma de suas alas tem quinhentos anos; que outrora havia um fosso ao redor dela, e que ela é chamada de Blackwater por causa de um lago no parque.

Onze horas acabaram de soar, de uma maneira espectral e solene, em uma torreta no centro da casa, que eu vi ao entrar. Um grande cachorro foi despertado, aparentemente pelo som do sino, e está uivando e bocejando assustadoramente, em algum lugar bem aqui perto. Ouço passos ecoando nos corredores no andar de baixo, e o estrondo de ferrolhos e de barras de ferro na porta da casa. Os empregados evidentemente estão indo dormir. Devo seguir o exemplo deles?

Não; não estou com sono suficiente. Com sono, eu disse? Eu sinto como se nunca mais fosse fechar os olhos de novo. A mera expectativa de ver aquele rosto querido e de ouvir a voz tão conhecida amanhã me mantém em uma constante excitação febril. Se eu tivesse os privilégios de um homem, pediria o melhor cavalo de Sir Percival imediatamente, e partiria em um galope noturno, na direção leste, para encontrar o sol nascente — um galope longo, árduo, cansativo e incessante de horas e horas, assim como a famosa cavalgada dos salteadores até York. No entanto, não sendo nada além de uma

mulher, condenada à paciência, ao decoro e às anáguas por toda a vida, devo respeitar as opiniões da governanta e tentar me comportar de algum modo frágil e feminino.

Ler está fora de questão — não consigo fixar a minha atenção em livros. Vamos ver se consigo escrever até ficar sonolenta e fatigada. Meu diário tem sido muito negligenciado recentemente. O que eu posso lembrar — estando, como estou agora, no limiar de uma nova vida — sobre as pessoas e os acontecimentos e as alterações, durante os últimos seis meses — o intervalo longo, maçante e desolado desde o dia do casamento de Laura?

Walter Hartright está presente em minha memória o tempo todo; e ele passa em primeiro lugar na indistinta procissão de meus amigos ausentes. Recebi algumas linhas dele, após o desembarque da expedição em Honduras, escritas com mais alegria e esperança do que ele já me escreveu. Um mês ou seis semanas mais tarde, eu vi um trecho extraído de um jornal norte-americano, descrevendo a partida dos aventureiros em sua jornada terra adentro. Eles foram vistos pela última vez entrando em uma floresta selvagem e primitiva, cada homem com seu rifle no ombro e sua bagagem às costas. Desde essa época, a civilização perdeu todos os traços deles. Nem uma linha a mais eu recebi de Walter; nem um fragmento de notícias da expedição apareceu em algum dos jornais.

A mesma obscuridade densa e desanimadora paira sobre o destino e a sorte de Anne Catherick e de sua companheira, a Sra. Clements. Nada foi sabido a respeito de nenhuma das duas. Se elas estão no país ou fora dele, se estão vivas ou mortas, ninguém sabe. Até o representante legal de Sir Percival perdeu todas as esperanças e mandou que a inútil busca pelas fugitivas finalmente fosse deixada de lado.

Nosso bom e velho amigo, Sr. Gilmore, passou por um triste percalço em sua ativa carreira profissional. No começo da primavera, nós ficamos assustados ao saber que ele havia sido encontrado desacordado em sua escrivaninha, e que o problema havia sido diagnosticado como um ataque apoplético. Ele estivera por muito tempo reclamando de peso e opressão na cabeça, e o seu médico o alertou sobre as consequências advindas de sua persistência em continuar a trabalhar, cedo e tarde, como se ele ainda fosse um homem jovem. O resultado é que ele recebeu ordens categóricas de se afastar de seu escritório pelo próximo ano, pelo menos, e a buscar o repouso para o corpo e o alívio para a mente mudando completamente o seu modo de vida habitual. Os negócios foram deixados, conseqüentemente, nas mãos de seu sócio; e o Sr. Gilmore está, neste momento, longe, na Alemanha, visitando alguns parentes que estão estabelecidos lá, envolvidos com comércio. Portanto, perdemos outro verdadeiro amigo e conselheiro de

confiança — perdemos, eu sinceramente espero e confio, por apenas certo tempo.

A pobre Sra. Vesey viajou comigo até Londres. Foi impossível abandoná-la à solidão em Limmeridge, depois de Laura e eu termos deixado a casa; e nós arranjamos para que ela fosse viver com uma irmã, mais nova e solteira, que tem uma escola em Clapham. Ela deverá vir aqui neste outono, visitar a sua aluna — eu quase poderia dizer, a sua filha adotiva. Acompanhei a boa senhora em segurança até seu destino, e a deixei aos cuidados da irmã, em uma felicidade tranquila com a perspectiva de ver Laura de novo, em poucos meses.

Quanto ao Sr. Fairlie, acredito não ser culpada de injustiça se eu o descrever como indizivelmente aliviado por ter a casa livre de nós mulheres. A ideia de ele sentir falta da sobrinha é simplesmente absurda — ele costumava deixar que meses se passassem, nos velhos tempos, sem tentar vê-la — e, no meu caso e no da Sra. Vesey, peço licença para considerar o fato de ele nos dizer que estava muito entristecido com a nossa partida como o equivalente de uma confissão de que estava secretamente encantado por se livrar de nós. Seu último capricho o levou a manter dois fotografos incessantemente ocupados com a produção de heliografias de todos os tesouros e curiosidades em sua posse. Uma cópia completa da coleção de fotografias deverá ser apresentada ao Instituto de Mecânicos de Carlisle, montada no mais fino papel-cartão, com ostentosas inscrições em letras vermelhas na parte inferior. “Madonna com Menino, de Rafael. Na posse de Frederick Fairlie, *Esquire*.” “Moeda de cobre do período do rei Tiglate-Pileser. Na posse de Frederick Fairlie, *Esquire*.” “Água-forte inigualável de Rembrandt. Conhecida em toda a Europa como *O Borrão*, por causa de uma mancha de impressão no canto que não existe em nenhuma outra cópia. Avaliada em trezentos guinéus. Na posse de Frederick Fairlie, *Esquire*.” Dúzias de fotografias desse tipo, e todas com a mesma inscrição, foram realizadas antes de eu partir de Cumberland; e mais centenas ainda devem ser feitas. Com esse novo interesse para ocupá-lo, o Sr. Fairlie será um homem feliz por meses e meses a fio; e os dois infelizes fotógrafos compartilharão do martírio social que ele até então infligiu apenas ao seu criado de quarto.

Já basta em relação às pessoas e acontecimentos que ocuparam o principal lugar em minha memória. A seguir, e a pessoa que ocupa o principal lugar em meu coração? Laura tem estado presente em meus pensamentos o tempo todo em que estive escrevendo estas linhas. O que posso recordar dela, durante os últimos seis meses, antes de eu encerrar o meu diário desta noite?

Tenho apenas as cartas dela para me guiar; e, sobre a mais importante de todas as questões que nossa correspondência possa discutir, cada uma dessas

cartas me deixa no escuro.

Ele a trata com gentileza? Estará ela mais feliz agora do que quando eu me despedi dela no dia do casamento? Todas as minhas cartas continham essas duas perguntas, feitas de modo mais ou menos direto, ora em uma forma, ora em outra; e todas, apenas nesse ponto, ficaram sem resposta, ou foram respondidas como se minhas perguntas se relacionassem simplesmente ao estado de saúde dela. Ela me informa, repetidas vezes, que está perfeitamente bem; que gosta de viajar; que está atravessando o inverno, pela primeira vez em sua vida, sem pegar um resfriado — mas nem uma palavra eu consigo encontrar em qualquer ponto que me diga com clareza que ela está conciliada com o seu casamento, e agora pode olhar em retrospectiva para o dia vinte e dois de dezembro sem quaisquer sentimentos amargos de arrependimento e de pesar. O nome do seu marido é apenas mencionado em suas cartas, assim como ela poderia mencionar o nome de uma pessoa amiga que estivesse viajando com eles, e que tivesse se encarregado de fazer todos os preparativos para a viagem. “Sir Percival” determinou que nós partíssemos em tal dia; “Sir Percival” decidiu que viajaremos por tal estrada. Às vezes ela escreve “Percival” apenas, mas muito raramente — nove em dez vezes, ela lhe dá o seu título.

Eu não consigo achar que os hábitos e opiniões dele tenham alterado e influenciado as dela em algum ponto específico. A costumeira transformação moral que, insensivelmente, ocorre em uma mulher jovem, inexperiente e sensível com o seu casamento parece não ter ocorrido em Laura. Ela escreve sobre os seus próprios pensamentos e impressões, em meio a todas as maravilhas que ela viu, exatamente como poderia ter escrito para outra pessoa, se eu estivesse viajando com ela, em vez do marido. Não vejo uma demonstração, em qualquer ponto, de simpatia de qualquer tipo existindo entre eles. Mesmo quando ela se afasta do tema de suas viagens e se ocupa com as perspectivas que a esperam na Inglaterra, suas especulações se voltam para o seu futuro como minha irmã, e persistentemente deixam de dar atenção ao seu futuro como esposa de Sir Percival. Em tudo isso, não há um tom subjacente de reclamação, para me alertar que ela se sente totalmente infeliz em sua vida de casada. A impressão que me ficou de nossa correspondência, graças a Deus, não me levou a nenhuma conclusão angustiante como essa. Eu só vejo um triste torpor, uma indiferença imutável, quando volto meus pensamentos para ela no antigo papel de uma irmã, e olho para ela, por intermédio de suas cartas, no novo papel de uma esposa. Em outras palavras, é sempre Laura Fairlie que está me escrevendo durante os últimos seis meses, e nunca Lady Glyde.

O estranho silêncio que ela mantém sobre o tema do caráter e da conduta

de seu marido ela preserva com quase a mesma determinação nas poucas referências que as suas últimas cartas contêm a respeito do melhor amigo de seu marido, o Conde Fosco.

Por algum motivo não explicado, o Conde e sua esposa parecem ter mudado de ideia de forma abrupta, no fim do outono passado, e foram para Viena, e não para Roma, onde Sir Percival havia esperado encontrá-los quando partiu da Inglaterra. Eles apenas partiram de Viena na primavera, e viajaram até o Tirol para encontrar a noiva e o noivo em sua viagem de volta para casa. Laura escreve com muita presteza sobre o encontro com Madame Fosco, e me garante que achou a sua tia tão mudada para melhor — tão mais quieta e tão mais sensata como esposa do que era como mulher solteira — que eu mal a reconhecerei quando a vir aqui. Mas, quanto ao Conde Fosco (que me interessa infinitamente mais que a sua esposa), Laura é provocadoramente circunspecta e silenciosa. Ela apenas diz que ele a deixa perplexa e que ela não vai me dizer qual é a impressão que tem dele até eu tê-lo visto e formado a minha própria opinião a respeito dele.

Isso, em meu ponto de vista, é um mau presságio para o Conde. Laura preservou, com maior perfeição do que a maior parte das pessoas o faz em sua vida adulta, a sutil capacidade de uma criança de reconhecer um amigo de modo instintivo; e, se estou certa ao assumir que sua primeira impressão do Conde Fosco não foi favorável, eu, por minha vez, corro certo risco de duvidar e de desconfiar desse ilustre estrangeiro antes de ter ao menos colocado os meus olhos nele. Porém, paciência, paciência; essa incerteza, e muitas incertezas mais, não podem durar muito mais tempo. O amanhã verá todas as minhas dúvidas a caminho de serem esclarecidas mais cedo ou mais tarde.

Soou a meia-noite; e eu acabei de voltar para finalizar estas páginas, após olhar pela minha janela aberta.

É uma noite quieta, abafada e sem luar. As estrelas são poucas e sem brilho. As árvores, que bloqueiam a vista em todos os lados, parecem indistintamente negras e sólidas à distância, como uma grande parede rochosa. Eu ouço o coaxar dos sapos, fraco e à distância; e os ecos do grande sino murmuram na calma abafadiça, muito depois de as badaladas terem cessado. Eu me pergunto que aparência terá Blackwater Park à luz do dia? Não gosto dela de jeito nenhum à noite.

DIA 12 DE JUNHO. Um dia de investigações e de descobertas — um dia mais interessante, por muitos motivos, do que eu havia me arriscado a antecipar.

Comecei meu passeio, naturalmente, pela casa.

A ala principal da construção é da época daquela mulher extremamente

superestimada, a Rainha Elizabeth. No piso térreo, há dois corredores muito longos, com teto baixo, correndo paralelos um ao outro, e tornados ainda mais escuros e sombrios por horrendos retratos de família — cada um dos quais eu adoraria queimar. Os quartos no piso acima dos corredores são mantidos em condições razoavelmente boas, mas são raramente usados. A educada governanta, que atuou como minha guia, se ofereceu para me mostrá-los, porém, cheia de consideração acrescentou recear que eu os considerasse muito mal cuidados. Meu respeito pela integridade de minhas próprias anáguas e meias excede sobremaneira meu respeito por todos os aposentos elisabetanos no reino; então, eu me recusei terminantemente a explorar as regiões mais altas de pó e de sujeira correndo o risco de emporcalhar as minhas boas roupas limpas. A governanta disse, “Eu compartilho de sua opinião, senhorita”; e pareceu me considerar a mulher mais sensata com quem ela havia se encontrado por muito, muito tempo.

Isso é o suficiente, então, para a parte principal da construção. Duas alas foram acrescentadas, em cada ponta dela. A parcialmente arruinada ala esquerda (quando a pessoa se aproxima da casa) foi, outrora, uma moradia por si só, e foi construída no século XIV. Um dos ancestrais maternos de Sir Percival — não me lembro qual, e não me importa — acrescentou o prédio principal, em ângulo reto com essa ala, na época da já mencionada Rainha Elizabeth. A governanta me disse que a arquitetura da “ala velha”, tanto por fora quanto por dentro, era considerada incrivelmente boa por pessoas entendidas. Investigando mais, eu descobri que as pessoas entendidas só poderiam exercer as suas habilidades em relação ao espécime de antiguidade de Sir Percival previamente afastando de suas mentes todo o medo de umidade, escuridão e ratos. Sob essas circunstâncias, sem hesitar, eu declarei não ser nenhum tipo de pessoa entendida, e sugeri que nós devêssemos tratar “a ala velha” exatamente do modo como havíamos previamente tratado os aposentos elisabetanos. Uma vez mais, a governanta disse, “Eu compartilho de sua opinião, senhorita”, e uma vez mais ela me olhou com indisfarçada admiração por meu extraordinário bom senso.

Nós fomos, em seguida, para a ala direita, construída, como modo de completar a maravilhosa miscelânea arquitetônica em Blackwater Park, na época de Jorge II.

Essa é a parte habitável da casa, que foi reformada e redecorada, por dentro, por causa de Laura. Meus dois aposentos, e todos os bons quartos de dormir além desses, se localizam no primeiro piso; e o piso inferior contém uma sala de estar, uma sala de jantar, uma saleta para passar a manhã, uma biblioteca e um *boudoir* pequeno e bonito para Laura — tudo enfeitado com muitas cores vivas de acordo com os costumes modernos, e tudo mobiliado

com muita elegância com os encantadores ornamentos modernos. Nenhum dos aposentos é tão grande e arejado quanto os nossos quartos em Limmeridge; porém, todos eles parecem ser locais agradáveis para viver. Eu estava morrendo de medo, por causa do que havia ouvido sobre Blackwater Park, de cansativas cadeiras antigas e de vitrais sombrios, e de tapeçarias mofadas e bafio, e de todo o bárbaro cacareco que as pessoas nascidas sem ideia de conforto acumulam ao seu redor, desrespeitando toda a consideração devida ao conforto de seus amigos. É um alívio indizível descobrir que o século XIX invadiu esta minha estranha futura residência, e varreu os sujeitos “bons e velhos tempos” para longe da nossa vida quotidiana.

Eu passei a manhã a vagar — parte do tempo nos aposentos do andar de baixo, e em parte ao ar livre, no grande quadrado formado pelos três lados da casa, e pelos grandiosos portões e grades de ferro que a protegem pela frente. Um grande tanque circular de peixes, com lados de pedra e um monstro alegórico de chumbo no meio, ocupa o centro do quadrado. O tanque está cheio de peixes dourados e prateados, e é rodeado por um largo círculo da grama mais macia sobre a qual eu já caminhei. Eu vagueei por ali, do lado da sombra, de modo muito agradável, até a hora do almoço; e, depois disso, peguei o meu grande chapéu de palha e saí sozinha, sob a cálida e deliciosa luz do sol, para explorar o terreno.

A luz do dia confirmou a impressão que eu havia tido na noite anterior, de haver árvores em excesso em Blackwater. A casa é sufocada por elas. Elas são, em sua maior parte, novas, e plantadas perto demais umas das outras. Eu suspeito que tenha havido um danoso corte de árvores, por toda a propriedade, antes da época de Sir Percival, e uma ansiedade raivosa, por parte do proprietário seguinte, de preencher as lacunas de modo tão compacto e rápido quanto possível. Depois de dar uma olhada ao meu redor, na frente da casa, observei um jardim à minha esquerda e me dirigi para lá, para ver o que eu conseguiria descobrir naquela área.

Em uma inspeção mais detalhada, o jardim mostrou ser pequeno e simples e mal conservado. Eu o deixei para trás, abri um portãozinho em uma cerca que o contorna por inteiro e me flagrei em um terreno com uma plantação de abetos.

Um caminho bonito e serpenteante, feito artificialmente, me conduziu por entre as árvores, e minha experiência dos condados do norte logo me informou que eu estava me aproximando de um solo arenoso e coberto de vegetação rasteira. Depois de uma caminhada de mais de oitocentos metros, eu acho, em meio aos abetos, o caminho fez uma curva abrupta; de repente, as árvores deixaram de aparecer a cada lado meu, e me flagrei repentinamente parada às margens de um grande espaço aberto, e olhando, do alto, o lago

Blackwater, do qual deriva o nome da casa.

O terreno em declive à minha frente era todo arenoso, com alguns poucos montões de terra para romper a sua monotonia em determinados locais. O lago, evidentemente, outrora havia chegado até o local onde eu me encontrava, e havia sido gradualmente destruído e drenado até se reduzir a menos de um terço de seu antigo tamanho. Eu vi suas águas paradas e estagnadas a uns quatrocentos metros de distância de mim no terreno baixo, dividido em grandes poças e em charcos, por juncos e caniços enroscados, e montículos de terra. Na margem mais distante, as árvores cresciam compactas, novamente, e impediam a visão e lançavam as suas sombras negras na água estagnada e rasa. Enquanto eu me dirigia ao lago, vi que o terreno no lado mais distante era úmido e pantanoso e coberto de mato crescido e de melancólicos salgueiros. A água, que era bastante clara no lado arenoso aberto, onde o sol batia, parecia negra e venenosa do lado oposto a mim, onde ela ficava mais profunda à sombra das margens esponjosas e do mato viçoso e das árvores emaranhadas. Os sapos estavam coaxando, e os ratos deslizavam para dentro e para fora da água cheia de sombras, como sombras vivas eles próprios, quando eu me aproximei do lado pantanoso do lago. Vi lá, metade dentro da água, e metade fora, os destroços apodrecidos de um velho barco virado, com um enfermiço raio de sol luzindo debilmente através de uma fresta entre as árvores sob a sua superfície seca, e uma cobra tomando sol no meio dele, incrivelmente enrolada, e traiçoeiramente imóvel. De longe e de perto, a visão sugeria as mesmas impressões lúgubres de solidão e de apodrecimento; e a gloriosa luminosidade do céu de verão acima de minha cabeça parecia apenas aumentar e intensificar a melancolia e a esterilidade da região desolada sobre a qual ela luzia. Eu dei meia-volta e retornei para o terreno alto e coberto de vegetação rasteira; desviando-me um pouquinho de meu caminho anterior, na direção de um deteriorado telheiro de madeira, que ficava no outro lado da plantação de abetos, e que, até então, havia tido muito pouca importância para dividir a minha atenção com a extensa e selvagem vista do lago.

Ao me aproximar do telheiro, descobri que outrora ele havia sido um abrigo para barcos, e que aparentemente havia sido feita uma tentativa de convertê-lo, em época posterior, em um tipo de pérgula grosseira, colocando dentro dele um banco de madeira de abeto, algumas cadeiras e uma mesa. Eu entrei no local, e sentei-me por alguns momentos, para descansar e recuperar o fôlego.

Eu não estava sentada lá nem por um minuto, quando reparei que o som de minha própria respiração ofegante era estranhamente ecoado por alguma coisa atrás de mim. Prestei atenção por uns instantes, e escutei uma respiração

baixa e entrecortada que parecia vir do chão sob a cadeira que eu estava ocupando. Meus nervos não se abalam facilmente com ninharias; mas, nessa ocasião, eu me levantei de um salto, assustada — perguntei se alguém estava ali — não recebi resposta — convoquei a minha desleal coragem — e olhei sob a cadeira.

Lá, encolhida no canto mais afastado, jazia a desvalida causa de meu terror, sob a forma de um pobre cachorrinho — um spaniel preto e branco. A criatura gemeu fracamente quando eu a olhei e a chamei, mas não se mexeu. Afastei a cadeira e olhei mais de perto. Os olhos do pobre cachorrinho estavam ficando rapidamente sem brilho, e havia manchas de sangue em seu lustroso pelo branco. A infelicidade de uma criatura fraca, impotente e silenciosa é, com certeza, uma das visões mais tristes de todas as que este mundo pode oferecer. Eu peguei o pobre cachorro nos braços com tanta gentileza quanto fui capaz, e arrumei uma rede improvisada para que ele se deitasse, juntando a parte da frente do meu vestido em volta dele. Desse modo, eu levei a criatura, tão depressa quanto possível, e causando tão pouca dor quanto possível, de volta para a casa.

Não encontrando ninguém no saguão, subi na mesma hora para a minha saleta particular; arrumei uma cama para o cachorro com um dos meus velhos xales, e toquei o sino. A mais alta e mais gorda possível de todas as camareiras respondeu ao chamado, em um estado de alegre estupidez que teria provocado a paciência de um santo. O rosto gordo e sem forma da menina na verdade se abriu em um grande sorriso, ao ver a criatura ferida no chão.

“O que você está vendo para dar risada?”, perguntei, com tanta raiva como se ela tivesse sido minha empregada. “Você sabe de quem é esse cachorro?”

“Não, senhorita, isso com certeza eu não sei.” Ela parou e olhou para o lado ferido do spaniel — se iluminou de repente com o fulgor de uma nova ideia — e, apontando para o ferimento com uma risadinha de satisfação, disse, “Isso é coisa do Baxter, é sim.”

Eu estava tão exasperada que poderia ter dado uns puxões na orelha dela. “Baxter?”, eu disse. “Quem é esse animal que você chama de Baxter?”

A menina sorriu, mais alegre do que nunca. “Deus do céu, senhorita! Baxter é o guarda-caça; e quando ele encontra cachorro estranho andano sorto por aí, ele pega e dá um tiro nele. É o dever de um guarda-caça, senhorita. Eu acho que esse cachorro vai morrer. Foi aí que atiraram nele, num é? É coisa do Baxter, senhorita, é assim. Coisa do Baxter, senhorita, e dever do Baxter.”

Eu quase fui maldosa o bastante para desejar que Baxter tivesse dado um tiro na camareira, e não no cachorro. Vendo que era inútil esperar que essa criatura absolutamente impenetrável me desse qualquer ajuda para aliviar a

criatura sofredora aos nossos pés, eu disse para ela pedir a ajuda da governanta, com os meus cumprimentos. Ela saiu exatamente do modo como havia entrado, rindo de orelha a orelha. Assim que a porta se fechou às costas dela, ela disse com seus botões, baixinho, “Isso é coisa do Baxter, e dever do Baxter... isso é o que é.”

A governanta, uma pessoa de certa educação e inteligência, cheia de consideração, trouxe para o andar de cima um pouco de leite e um pouco de água morna. No instante em que ela viu o cachorro no chão, ela se sobressaltou e empalideceu.

“Ora, o Senhor me proteja”, ela exclamou, “esse deve ser o cachorro da Sra. Catherick!”

“De quem?”, eu perguntei, muito espantada.

“Da Sra. Catherick. A senhorita parece conhecê-la, Srta. Halcombe?”

“Não pessoalmente. Mas, ouvi falar dela. Ela mora aqui? Ela teve notícias da filha?”

“Não, Srta. Halcombe. Ela veio aqui para pedir notícias.”

“Quando?”

“Ontem mesmo. Ela disse que alguém havia dito que uma estranha, que correspondia à descrição da filha dela, havia sido vista em nossa vizinhança. Nenhum relato desses chegou até nós; e nenhum relato desses havia sido divulgado no vilarejo, quando mandei alguém fazer perguntas lá por causa da Sra. Catherick. Ela certamente trouxe esse pobre cachorrinho quando veio aqui; e eu o vi sair trotando atrás dela quando ela foi embora. Suponho que o bichinho tenha se perdido entre os abetos cultivados, e levou um tiro. Onde a senhorita o encontrou, Srta. Halcombe?”

“No velho telheiro que tem vista para o lago.”

“Ah, sim, é o lado dos abetos cultivados, e a pobre criaturinha se arrastou, eu suponho, até o abrigo mais próximo, como os cachorros costumam fazer, para morrer. Se a senhorita puder molhar a boca dele com o leite, Srta. Halcombe, eu vou tirar os pelos coagulados do ferimento. Receio ser tarde demais para fazer qualquer coisa que o salve. No entanto, nós podemos tentar.”

Sra. Catherick! O nome ainda soava em meus ouvidos, como se a governanta tivesse acabado de me surpreender o pronunciando. Enquanto estávamos cuidando do cachorro, as palavras de alerta de Walter Hartright para mim voltaram à minha memória. “Se um dia Anne Catherick cruzar o seu caminho, aproveite melhor a oportunidade, Srta. Halcombe, do que eu.” A descoberta do spaniel ferido já havia me levado à descoberta da visita da Sra. Catherick a Blackwater Park; e esse fato poderia levar, por sua vez, a algo

mais. Eu me determinei a aproveitar ao máximo a oportunidade que se me oferecia então, e a obter tantas informações quanto eu fosse capaz.

“A senhora disse que a Sra. Catherick morava aqui nestas vizinhanças?”, perguntei.

“Oh, céus, não”, respondeu a governanta. “Ela mora em Welmingham; lá do outro lado do condado... a uns quarenta quilômetros de distância, pelo menos.”

“Suponho que a senhora conheça a Sra. Catherick já há alguns anos?”

“Pelo contrário, Srta. Halcombe; nunca a tinha visto antes de ela vir aqui, ontem. Eu tinha ouvido falar dela, é claro, porque tinha ouvido falar da gentileza de Sir Percival ao colocar a filha dela sob cuidados médicos. A Sra. Catherick é uma pessoa de modos bem estranhos, mas com uma aparência muito respeitável. Ela parecia muito desconcertada ao descobrir que não havia fundamentos... nenhum, pelo menos, que qualquer um de *nós* pudesse descobrir... para o relato de a filha dela ter sido vista nestas vizinhanças.”

“Eu estou bastante interessada na Sra. Catherick”, prossegui, continuando a conversa por tanto tempo quanto possível. “Gostaria de ter chegado aqui com tempo suficiente para vê-la, ontem. Ela ficou bastante tempo?”

“Sim”, disse a governanta, “ela ficou por algum tempo. E acho que teria ficado mais tempo, se eu não tivesse sido chamada para falar com um estranho cavalheiro... um cavalheiro que veio perguntar quando Sir Percival era esperado de volta. A Sra. Catherick se levantou e foi embora na hora, ao ouvir a empregada me dizer qual era a incumbência do visitante. Ela me disse, ao sair, que não havia necessidade de contar a Sir Percival que ela havia vindo aqui. Eu achei uma observação estranha a fazer, ainda mais para uma pessoa na minha posição de responsabilidade.”

Eu achei que era uma observação estranha, também. Sir Percival certamente havia me feito acreditar, em Limmeridge, que a mais perfeita confiança existia entre ele e a Sra. Catherick. Se fosse esse o caso, por que ela estaria ansiosa para manter a sua vinda a Blackwater Park um segredo para ele?

“Provavelmente...” eu disse, vendo que a governanta esperava que eu desse a minha opinião sobre as palavras de despedida da Sra. Catherick, “provavelmente ela pensou que o anúncio de sua visita irritaria Sir Percival sem necessidade, fazendo com que ele lembrasse que a filha perdida ainda não havia sido encontrada. Ela falou muito sobre o assunto?”

“Muito pouco”, respondeu a governanta. “Ela falou principalmente sobre Sir Percival, e fez muitas perguntas sobre para quais lugares ele viajou, e que tipo de senhora a nova esposa dele era. Ela parecia mais irritada e desconcertada, do que angustiada, por não conseguir encontrar nenhum

vestígio da filha nesta região. ‘Eu desisto dela’, foram as últimas palavras que ela disse e de que eu consigo me lembrar; ‘eu a dou como perdida, senhora.’ E, desse ponto, ela passou na hora para as perguntas sobre Lady Glyde; querendo saber se ela era uma senhora bonita e amável; graciosa e saudável e jovem... Ah, céus! eu achava que isso ia acabar assim! Veja, Srta. Halcombe! A pobre criatura parou de sofrer, finalmente!”

O cachorro estava morto. Ele havia soltado um ganido fraco e choroso, havia tido uma convulsão momentânea nas pernas, na hora em que as últimas palavras, “graciosa e saudável e jovem” passaram pelos lábios da governanta. A alteração havia acontecido com uma rapidez surpreendente — em um átimo, a criatura jazia sem vida sob nossas mãos.

Oito da noite. Acabei de jantar no andar de baixo, em uma pompa solitária. O pôr do sol está brilhando, avermelhado, na vastidão de árvores que eu vejo de minha janela; e estou absorta em meu diário novamente, para acalmar a minha impaciência pelo retorno dos viajantes. Eles deveriam ter chegado, pelos meus cálculos, antes desta hora. Quão quieta e solitária a casa está na tranquilidade sonolenta do anoitecer! Oh, céus! Quantos minutos mais antes que eu ouça as rodas da carruagem e desça rapidamente ao andar de baixo para me encontrar nos braços de Laura?

O pobre cachorrinho! Eu gostaria que meu primeiro dia em Blackwater Park não tivesse sido associado à morte — embora seja apenas a morte de um animal extraviado.

Welmingham — vejo, ao dar uma vista d’olhos a estas minhas páginas íntimas, que Welmingham é o nome do local onde a Sra. Catherick vive. A carta dela ainda está comigo, a carta em resposta àquela mensagem sobre a desventurada filha que Sir Percival me fez escrever. Um dia destes, quando eu tiver uma oportunidade segura, vou levar essa carta à guisa de introdução, e tentar ver o que consigo obter da Sra. Catherick em uma conversa pessoal. Eu não entendo o desejo dela de que Sir Percival não saiba de sua visita a este lugar; e não tenho tanta certeza, como a governanta parece ter, de que a filha dela, Anne Catherick, não esteja nas vizinhanças, afinal de contas. O que Walter Hartright teria dito nesta situação premente? Pobre, caro Hartright! Já estou começando a achar falta dos conselhos honestos e do auxílio prestativo dele.

Com certeza, eu ouvi alguma coisa? Sim! Há um alvoroço de passos no andar de baixo. Ouço as patas dos cavalos; ouço o soar das rodas...

II

DIA 15 DE JUNHO. A confusão da chegada deles já teve tempo de se atenuar. Dois dias se passaram desde o retorno dos viajantes; e esse espaço de tempo

foi suficiente para colocar o novo maquinismo de nossas vidas em Blackwater Park em bom funcionamento. Eu posso agora voltar ao meu diário com pouca chance de ser capaz de continuar as anotações nele de modo tão organizado como de costume.

Acho que devo começar anotando uma observação estranha, que se me sugeriu desde que Laura voltou.

Quando dois membros de uma família, ou dois amigos íntimos, são separados, e um deles viaja para o exterior e o outro fica em casa, o retorno do parente ou do amigo que esteve viajando sempre parece colocar o parente ou amigo que ficou em casa em uma desvantagem dolorosa quando os dois se encontram pela primeira vez. O súbito confronto de novos pensamentos e de novos costumes avidamente obtidos em um caso, com os velhos pensamentos e velhos costumes passivamente preservados no outro, parece, a princípio, colocar uma distância entre as simpatias dos mais amorosos parentes e dos mais caros amigos, e criar entre eles uma repentina estranheza, inesperada por ambos e incontrolável da parte de ambos, de cada lado. Após a primeira felicidade de meu encontro com Laura ter se dissipado, após termos nos sentado juntas, de mãos dadas, para recuperar o fôlego e a calma suficientes para conversar, eu senti essa estranheza na mesma hora, e pude ver que ela também a sentia. Ela acabou parcialmente agora que nós já retomamos a maior parte dos nossos antigos hábitos; e ela provavelmente há de desaparecer antes que se passe muito tempo. Mas ela certamente teve influência sobre as primeiras impressões que eu formei sobre Laura, agora que estamos vivendo juntas de novo — por esse motivo apenas eu achei adequado mencioná-la aqui.

Ela me encontrou inalterada; mas eu a encontrei mudada.

Mudada quanto ao físico e, em um aspecto, mudada quanto à personalidade. Eu não posso, de modo algum, dizer que ela está menos bonita do que costumava ser: só posso dizer que ela está menos bonita para *min*.

Outras pessoas, que não olham para ela com os meus olhos e as minhas recordações, provavelmente considerariam que ela está com aparência melhor. O seu rosto tem mais cor, e mais decisão e formas mais arredondadas do que costumava ter; e seu corpo parece ter mais firmeza, e estar mais confiante e mais livre em todos os seus movimentos que em seus dias de solteira. Mas sinto falta de algo quando eu olho para ela — algo que outrora pertencia à vida feliz e inocente de Laura Fairlie, e que eu não consigo encontrar em Lady Glyde. Havia, nos velhos tempos, um frescor, uma doçura e uma ternura de beleza sempre cambiante e, no entanto, sempre presente, em seu rosto, cujo encanto não é possível expressar em palavras — ou, como o pobre Hartright costumava dizer, tampouco na pintura. Isso se foi. Achei ter visto um pálido

reflexo disso, por um momento, quando ela empalideceu por causa da agitação de nosso reencontro repentino, na noite de sua chegada; mas não reapareceu desde então. Nenhuma de suas cartas me havia preparado para uma mudança pessoal nela. Pelo contrário, elas haviam me levado a esperar que o casamento dela a houvesse deixado, no tocante à aparência, ao menos, bastante inalterada. Talvez eu tenha lido as cartas dela de modo errado, no passado, e esteja agora lendo o rosto dela de modo errado, no presente? Não importa! Quer a beleza dela tenha tido um ganho, quer ela tenha perdido algo nos últimos seis meses, a separação, de qualquer jeito, tornou sua cara pessoa ainda mais preciosa para mim do que jamais o fora — e esse é o único bom resultado do seu casamento, de qualquer modo!

A segunda mudança, a mudança que observei na personalidade dela, não me surpreendeu, porque eu estava preparada para ela, neste caso, pelo tom das suas cartas. Agora que ela está em casa de novo, eu a acho tão pouco inclinada a entrar em quaisquer detalhes do assunto de sua vida de casada quanto eu a havia julgado estar previamente, durante todo o tempo de nossa separação, quando apenas nos podíamos comunicar por escrito. Com a primeira menção que eu fiz ao assunto proibido, ela colocou a mão em meus lábios, com um olhar e um gesto que de um modo terno, quase doloroso, me trouxe à lembrança os dias da infância dela e os felizes tempos passados quando não havia segredos entre nós.

“Sempre que você e eu estivermos juntas, Marian”, ela disse, “nós duas ficaremos mais felizes e tranquilas uma com a outra se aceitarmos a minha vida de casada assim como ela é, e dissermos e pensarmos tão pouco quanto possível sobre ela. Eu contaria tudo ao meu respeito para você, querida”, ela prosseguiu, nervosa, afivelando e desafivelando a faixa em minha cintura, “se as minhas confidências pudessem terminar nesse ponto. Mas elas não podem... elas me levariam a confidências a respeito de meu marido também; e, agora que estou casada, acho melhor evitá-las, por causa dele e por sua causa, e por minha causa. Não estou dizendo que elas angustiarão você, ou me angustiarão... eu não gostaria que você pensasse nisso de modo algum. Porém... quero ser tão feliz, agora que tenho você de volta; e quero que você seja tão feliz também...” Ela se interrompeu, abrupta, e olhou ao redor da sala, minha saleta particular, onde estávamos conversando. “Ah!”, ela exclamou, batendo palmas com um luminoso sorriso de reconhecimento, “outra velha amiga reencontrada! Sua estante de livros, Marian... sua querida, pequena, desconjuntada e velha estante de pau-cetim-da-índia... como estou feliz por você tê-la trazido de Limmeridge! E o horrível e pesado guarda-chuva masculino, que você sempre quis usar quando saía para andar na chuva! E, em primeiro lugar, e acima de tudo, seu próprio rosto querido, moreno, inteligente e cigano, olhando para mim como sempre! Isso se parece tanto com estar em

casa de novo. Como podemos deixar tudo ainda mais parecido com nossa casa? Vou colocar o retrato do meu pai em seu quarto, e não no meu... e vou conservar todos os meus pequenos tesouros de Limmeridge aqui... e nós vamos passar horas e horas, todos os dias, com essas quatro paredes amistosas ao nosso redor. Oh, Marian!”, ela disse, sentando-se de repente em um escabelo junto de meus joelhos, e olhando ansiosa para o meu rosto, “prometa que você nunca vai se casar e me abandonar. É egoísta dizer isso, mas você está tão melhor como uma mulher solteira... a não ser... a não ser que goste muito de seu marido... mas você nunca vai gostar muito de ninguém além de mim, vai?” Ela se deteve de novo; entrelaçou as minhas mãos em meu regaço e ocultou o rosto nelas. “Você andou escrevendo muitas cartas e recebendo muitas cartas, recentemente?”, ela perguntou, com um tom de voz baixo e repentinamente alterado. Eu entendi o que a pergunta queria dizer, mas achei que era meu dever não a encorajar mostrando ter compreendido. “Você teve notícias dele?”, ela prosseguiu, tentando me fazer perdoar o apelo mais direto em que ela então se arriscava, beijando as minhas mãos, sobre as quais seu rosto ainda se apoiava. “Ele está bem, e feliz, e continua na profissão dele? Ele se recobrou... e se esqueceu de *mim*?”

Ela não deveria ter feito essas perguntas. Deveria ter se lembrado de sua própria decisão, na manhã em que Sir Percival a levou a manter a sua promessa de casamento, e quando ela colocou o álbum com os desenhos de Hartright em minhas mãos para sempre. Mas, ai de mim! Onde se encontra a criatura humana impoluta capaz de perseverar em boas resoluções, sem às vezes fraquejar e tornar a fraquejar? Onde se encontra a mulher que realmente arrancou de seu coração a imagem que foi nele fixada por um amor verdadeiro? Os livros nos dizem que tais criaturas sublimes existiram — mas o que diz a nossa experiência em resposta aos livros?

Eu não tentei censurá-la; talvez por verdadeiramente apreciar a sinceridade destemida que me permitia ver o que outras mulheres na posição dela poderiam ter tido razões para ocultar até mesmo da mais cara de suas amigas — talvez por eu sentir, em meu coração e na minha consciência, que, no lugar dela, eu teria feito as mesmas perguntas e tido os mesmos pensamentos. Tudo que pude fazer com honestidade foi responder que não havia escrito para ele, nem tido notícias dele recentemente, e então encaminhar a conversa para temas menos perigosos.

Tantas coisas me entristeceram em nossa conversa — a minha primeira conversa confidencial com ela desde a sua chegada. A mudança que o casamento dela produziu em nosso relacionamento, colocando um assunto proibido entre nós, pela primeira vez em nossas vidas; a melancólica convicção da escassez de todo sentimento caloroso, de toda a simpatia íntima

entre ela e seu marido, que as próprias palavras relutantes dela agora forçavam aos meus pensamentos; a angustiante descoberta de que a influência daquele malfadado afeto ainda permanece (não importa quão inocentemente, quão inofensivamente) enraizada de modo tão profundo quanto sempre no coração dela — todas essas são revelações que entristecem qualquer mulher que a ama tanto, e sente tanta simpatia por ela quanto eu.

Há apenas um bálsamo para opor a isso tudo — um bálsamo que deveria me confortar, e que me conforta mesmo. Toda a graça e a gentileza da personalidade dela; toda a sincera afetuosidade de sua natureza; todos os encantos simples e femininos que costumavam fazer dela a queridinha e o encanto de todos que se aproximavam dela, retornaram para mim junto com ela. De minhas outras impressões eu às vezes me sinto um tantinho inclinada a duvidar. Da última, a melhor e a mais feliz de todas as impressões, eu me sinto cada vez mais segura, a cada hora do dia.

Que eu passe, então, dela para os seus companheiros de viagem. O marido dela deve me ocupar em primeiro lugar. O que observei em Sir Percival, desde seu retorno, para melhorar a opinião que tenho dele?

Eu mal posso dizer. Pequenas irritações e contrariedades parecem o estar assediando desde que ele voltou; e nenhum homem, em tais circunstâncias, jamais é apresentado em suas melhores facetas. Ele aparenta, eu acho, estar mais magro do que quando partiu da Inglaterra. Sua tosse maçante e sua impaciência desassossegada certamente aumentaram. Os seus modos — pelo menos, os seus modos em relação a mim — são muito mais abruptos do que costumavam ser. Ele me cumprimentou, na noite de sua chegada, com pouco ou nada da cerimônia e da educação dos tempos antigos — nada de palavras corteses de boas-vindas — nenhuma aparência de grande satisfação ao me ver — nada além de um breve aperto de mãos, e um brusco “Como tem passado, Srta. Halcombe... feliz por vê-la de novo.” Ele pareceu me aceitar como um dos necessários acessórios de Blackwater Park; estar satisfeito por me encontrar acomodada em meu devido lugar; e então me ignorar completamente.

A maior parte dos homens mostra em suas próprias casas algo de seu temperamento que eles dissimularam em outros locais; e Sir Percival já demonstrou uma mania por ordem e regularidade que é uma novidade em relação a ele, no que diz respeito ao meu conhecimento prévio de sua personalidade. Se eu pego um livro da biblioteca e o deixo sobre a mesa, ele me segue, e o coloca no lugar de novo. Se me levanto de uma cadeira, e a deixo onde eu estava sentada, ele cuidadosamente a recoloca em seu devido lugar encostada à parede. Ele pega flores caídas no tapete e resmunga com seus botões tão descontente como se elas fossem cinzas quentes abrindo

buracos nele; e briga com os empregados se há uma ruga na toalha de mesa, ou uma faca faltando em seu lugar à mesa de jantar, com tanta veemência como se eles o tivessem insultado pessoalmente.

Eu já me referi às pequenas contrariedades que parecem tê-lo perturbado desde o seu regresso. A maior parte da mudança para pior que percebi nele pode ser devida a elas. Eu tento me convencer de que é isso, porque estou ansiosa para já não me sentir desencorajada a respeito do futuro. É certamente uma provação para o temperamento de qualquer homem ser confrontado com algo que o irrita no momento em que ele põe os pés em sua casa de novo, depois de uma longa ausência; e essa circunstância enfastiante realmente aconteceu com Sir Percival em minha presença.

Na noite da chegada deles, a governanta me seguiu até o saguão para receber o patrão e a patroa e seus convidados. No instante em que ele a viu, Sir Percival perguntou se alguém havia vindo recentemente. A governanta mencionou para ele, como resposta, o que havia previamente mencionado para mim, a visita do cavalheiro desconhecido que viera fazer perguntas sobre a data do retorno de seu patrão. Ele imediatamente perguntou o nome do cavalheiro. Nenhum nome havia sido dado. Como era o cavalheiro? A governanta tentou descrevê-lo, mas não conseguiu descrever o visitante anônimo por meio de nenhuma característica pessoal que seu patrão fosse capaz de reconhecer. Sir Percival fechou a cara, bateu o pé com raiva no chão, e entrou em casa, não prestando atenção em ninguém. Por que ele deveria ficar tão alterado por uma ninharia, não sei dizer — mas ele estava muito alterado mesmo, sem a menor sombra de dúvida.

De modo geral, será melhor, talvez, se eu me abster de formar uma opinião definitiva sobre os modos, a linguagem e a conduta dele em sua própria casa, até que o tempo tenha lhe permitido se livrar das ansiedades, quaisquer que elas possam ser, que agora com toda clareza atormentam a sua mente em segredo. Vou virar uma nova página; e minha pena deixará o marido de Laura em paz no momento.

Os dois convidados — o Conde e a Condessa Fosco — vêm a seguir em minha lista. Eu vou eliminar a Condessa em primeiro lugar, para me livrar da mulher o mais rápido possível.

Laura certamente não foi culpada por qualquer exagero ao escrever que eu mal reconheceria sua tia, quando nos encontrássemos. Nunca antes eu testemunhei tamanha mudança produzida em uma mulher por seu casamento como a que foi produzida em Madame Fosco.

Como Eleanor Fairlie (com trinta e sete anos de idade), ela sempre estava dizendo tolices pretensiosas, e sempre importunando os pobres homens com todas as ínfimas solicitações que uma mulher fútil e tola é capaz de impor à

longamente soffredora humanidade masculina. Como Madame Fosco (com quarenta e três anos de idade), ela senta-se por horas a fio sem dizer uma palavra, imóvel e ensimesmada da maneira mais estranha. As absurdamente ridículas madeixas que costumavam pender de cada lado de seu rosto agora são substituídas por rígidos rolinhos de cachos muito curtos, do tipo que se vê nas perucas antigas. Uma touca simples e matronal lhe cobre a cabeça, e a faz se parecer, pela primeira vez em sua vida, desde que eu me lembro dela, com uma mulher decente. Ninguém (deixando seu marido fora da questão, é claro) agora vê nela o que outrora todos viam — quero dizer, a estrutura do esqueleto feminino, nas regiões da clavícula e das escápulas. Vestida com discretos vestidos negros ou cinzentos, que lhe cobrem a garganta — vestidos de que ela teria dado risada, ou para os quais teria soltado gritos, conforme o capricho do momento lhe ditasse, em seus dias de solteira —, ela se senta sem dizer palavra nos cantos; suas mãos secas e brancas (tão secas que os poros de sua pele aparentam ser pálidos) incessantemente ocupadas, ou em um monótono bordado, ou enrolando incontáveis cigarrinhos para o consumo particular do Conde. Nas poucas ocasiões em que seus frios olhos azuis se afastam de seu trabalho, eles geralmente estão voltados na direção de seu marido com um olhar de muda interrogação submissa, muito familiar para nós nos olhos de um cão fiel. A única coisa que se aproxima de um degelo íntimo e que eu já detectei sob a sua cobertura exterior de uma gélida coerção se traiu, uma ou duas vezes, sob a forma de uns contidos ciúmes ferozes de qualquer mulher na casa (incluindo as empregadas) com quem o Conde converse, ou para quem ele olhe, com qualquer coisa que se aproxime de um interesse ou de uma atenção especiais. A não ser nesse detalhe, ela está sempre, de manhã, na metade do dia, e à noite, fora ou dentro de casa, com tempo bom ou ruim, tão fria quanto uma estátua, e tão impenetrável quanto a pedra em que ela é entalhada. No que tange os propósitos corriqueiros da sociedade, a extraordinária mudança ocorrida nela é, sem sombra de dúvida, uma mudança para melhor, vendo que ela transformou Madame Fosco em uma mulher educada, silenciosa e discreta, que nunca está no caminho de ninguém. Até que ponto ela realmente está mudada ou deteriorada em seu íntimo, é outra questão. Uma ou duas vezes, eu observei mudanças repentinas de expressão em seus lábios comprimidos, e ouvi inflexões repentinas em sua voz calma, as quais me levaram a suspeitar que seu atual estado de supressão possa ter abafado algo perigoso em sua natureza que costumava se evaporar de modo inócuo em sua vida pregressa. É bem possível que eu possa estar completamente enganada nesse ponto. Minha própria impressão, entretanto, é a de que estou certa. O tempo irá dizer.

E o mago que operou essa maravilhosa transformação — o marido estrangeiro que domou essa inglesa outrora rebelde até o ponto em que os

próprios parentes dela mal a reconhecem de novo — o próprio Conde? E quanto ao Conde?

Quanto a isso, em duas palavras: Ele parece um homem capaz de domar qualquer coisa. Se ele tivesse se casado com uma tigresa, e não com uma mulher, teria domado a tigresa. Se ele tivesse se casado *comigo*, eu teria enrolado os seus cigarros assim como sua esposa enrola — eu teria contido a língua quando ele olhasse para mim, assim como ela contém a dela.

Eu quase tenho medo de confessar, até mesmo para estas páginas secretas. O homem me interessou, me atraiu, tem me forçado a gostar dele. Em dois curtos dias, ele conseguiu obter a minha opinião favorável — e como ele realizou o milagre, é mais do que eu possa dizer.

E me deixa espantada, agora que estou pensando nele, descobrir com quanta clareza eu o vejo! Com muito mais clareza do que vejo Sir Percival, ou o Sr. Fairlie, ou Walter Hartright, ou qualquer outra pessoa ausente em quem eu pense, com a única exceção da própria Laura! Consigo ouvir a voz dele, como se ele estivesse falando neste momento. Eu me lembro da conversa dele ontem, tão bem como se a estivesse ouvindo agora. Como vou descrevê-lo? Há peculiaridades em sua aparência pessoal, em seus costumes, e em seus passatempos que eu censuraria nos termos mais duros, ou ridicularizaria da maneira mais impiedosa, se as tivesse visto em outro homem. O que é que me torna incapaz de culpá-las, ou de ridicularizá-las, *nele*?

Por exemplo, ele é imensamente gordo. Antes, eu sempre desgostei particularmente da humanidade corpulenta. Sempre defendi que a ideia popular de conectar o tamanho excessivo e o bom humor excessivo como aliados inseparáveis era o equivalente a declarar que tão somente as pessoas amáveis engordam, ou que o acréscimo casual de tantas libras de carne exerce uma influência diretamente favorável sobre o temperamento da pessoa em cujo corpo elas se acumulam. Eu invariavelmente tenho combatido ambas as afirmações absurdas citando exemplos de pessoas gordas tão mesquinhas, depravadas e cruéis como o mais esguio e o pior de seus semelhantes. Eu perguntei se Henrique VIII era uma personalidade amável? Se o Papa Alexandre VI era um bom homem? Se o Sr. Assassino e a Sra. Assassina Manning não eram ambos pessoas excessivamente corpulentas? Se as amassecas, proverbialmente um grupo tão cruel de mulheres quanto se possa encontrar em toda a Inglaterra, não eram, em sua maior parte, também um grupo de mulheres tão gordas quanto se possa encontrar em toda a Inglaterra? — e assim por diante, por meio de dúzias de outros exemplos, modernos e antigos, nacionais e estrangeiros, elevados e humildes. Defendendo essas opiniões muito firmes sobre o assunto com todo o vigor, como faço neste momento, cá está, não obstante, o Conde Fosco, tão gordo quanto o próprio

Henrique VIII, gozando de minha boa opinião, com um dia de conhecimento, sem que a sua odiosa corpulência ponha obstáculos. Realmente assombroso!

É o rosto dele que o recomendou?

Pode ser o rosto dele. Ele tem uma semelhança notável, em grande escala, com o grande Napoleão. Seus traços têm a magnífica regularidade dos de Napoleão; sua expressão relembra a calma grandiosa e o poder imutável do rosto do Grande Soldado. Essa semelhança incrível certamente me impressionou, para começar; mas há algo nele além da semelhança que me impressionou mais. Acho que a influência que agora estou tentando descobrir se encontra em seus olhos. Eles são os mais imperscrutáveis olhos cinzentos que eu já vi; e às vezes têm um brilho frio, límpido, belo e irresistível, que me força a olhar para ele e, no entanto, me causa sensações, quando eu o olho, que preferiria não sentir. Outras partes de seu rosto e de sua cabeça têm as suas estranhas particularidades. Sua pele, por exemplo, tem uma singular beleza pálida, tão em desacordo com a cor castanho-escuro de seus cabelos, que suspeito que os cabelos sejam uma peruca; e seu rosto, cuidadosamente escanhado, é mais macio e livre de todas as marcas e rugas do que o meu, embora (segundo o relato que Sir Percival fez dele) ele esteja perto dos sessenta anos de vida. Porém, essas não são as características pessoais proeminentes que o distinguem, em meu ponto de vista, de todos os outros homens que já vi. A peculiaridade acentuada que o destaca da humanidade banal se encontra, tanto quanto eu possa dizer no momento, na extraordinária expressão e no extraordinário poder de seus olhos.

Seus modos e o seu domínio de nossa língua também podem tê-lo ajudado, em certo ponto, a conquistar a minha boa opinião. Ele tem aquela deferência tranquila, aquele olhar de interesse gratificado e atento, ao ouvir uma mulher, e aquela gentileza secreta em sua voz ao falar com uma mulher, aos quais, não importa o que digamos, nenhuma de nós consegue resistir. Também neste ponto o seu incomum domínio da língua inglesa obrigatoriamente o ajuda. Eu havia com frequência ouvido falar da extraordinária aptidão que muitos italianos mostram para aprender a nossa vigorosa e dura língua setentrional; mas, até ver o Conde Fosco, eu jamais supusera possível que qualquer estrangeiro pudesse ter falado inglês assim como ele. Há ocasiões em que é praticamente impossível detectar, por seu sotaque, que ele não é um compatriota nosso; e, quanto à fluência, há poucos ingleses natos que sejam capazes de falar com tão poucas interrupções e repetições quanto o Conde. Ele pode construir as suas sentenças, mais ou menos, de um modo estrangeiro; mas eu ainda não o ouvi usar uma expressão errada, ou hesitar um instante em sua escolha de palavras.

Todas as menores características desse homem estranho têm em si algo

surpreendentemente original e espantosamente contraditório. Gordo como ele é, e velho como ele é, seus movimentos são espantosamente leves e ágeis. Ele se move tão silenciosamente em um aposento quanto qualquer uma de nós, mulheres; e, mais que isso, com toda a sua aparência de indiscutível firmeza e poder mental, ele é tão sensível quanto a mais fraca de nós. Ele se sobressalta com ruídos ocasionais com tanta constância quanto a própria Laura. Ele teve uma crispação nervosa e estremeceu, ontem, quando Sir Percival surrou um dos spaniels, e eu me senti envergonhada de minha própria falta de ternura e de sensibilidade em comparação com o Conde.

A relação desse último incidente faz-me lembrar de uma das suas mais curiosas peculiaridades, que ainda não mencionei — o extraordinário amor dele pelos animais de estimação.

Alguns ele deixou no Continente, mas trouxe para esta casa uma cacatua, dois canários, e uma família inteira de camundonginhos brancos. Ele cuida pessoalmente de todas as necessidades desses estranhos favoritos, e ensinou as criaturas a gostar dele e a ter familiaridade com ele de modo extraordinário. A cacatua, o pássaro mais perverso e traçoeiro para com todas as outras pessoas, parece adorá-lo incondicionalmente. Quando o Conde a tira de sua gaiola, ela pula no joelho dele, e sobe pelo seu grande corpo se agarrando com as patas, e esfrega a sua crista na papada dupla dele do modo mais carinhoso que se possa imaginar. Ele precisa apenas deixar abertas as portas das gaiolas dos canários e chamá-los; e as lindas criaturas tão bem treinadas se sentam sem temor nas mãos dele, e sobem por seus gordos dedos estendidos de um em um, quando ele lhes diz que eles “vão para o andar de cima”, e cantam juntos como se fossem arrebentar as gargantas de leite, quando chegam ao último dedo. Seus camundonginhos brancos vivem em um pequeno pagode de barras de metal entrelaçado, pintadas em cores alegres, concebido e construído pelo próprio Conde. Eles são quase tão mansos quanto os canários, e sempre são postos em liberdade, assim como os canários. Eles sobem por todo o corpo dele, entrando em seu colete e dele saindo, e ficam sentados em duplas, brancos como a neve, nos imensos ombros dele. Ele parece ser ainda mais apegado aos seus camundonginhos do que aos outros animais, sorri para eles, e os beija, e os chama por todos os tipos de nominhos carinhosos. Se for possível imaginar um inglês com qualquer inclinação por tais interesses e entretenimentos infantis como esses, esse inglês certamente se sentiria muito envergonhado deles, e ficaria ansioso para se desculpar por eles, na companhia de pessoas adultas. Mas o Conde, aparentemente, nada vê de ridículo no assombroso contraste entre a sua figura colossal e os seus frágeis bichinhos. Ele beijaria com doçura os seus camundonginhos brancos, e chilrearia para os seus canários no meio de um grupo de ingleses caçadores de raposa, e apenas os lamentaria como bárbaros quando eles estivessem todos

rindo dele às gargalhadas.

Parece difícil de acreditar, enquanto estou escrevendo isto, mas é certamente verdade, que esse mesmo homem, que tem toda a ternura de uma solteirona por sua cacatua, e toda a habilidade de um tocadador de realejo para lidar com os seus camundonguinhos brancos, possa falar, quando qualquer coisa parece arrebatá-lo, com uma arrojada independência de pensamento, um conhecimento de livros em todas as línguas, e um convívio com a sociedade em metade das capitais da Europa, que o tornariam a pessoa mais proeminente em qualquer reunião no mundo civilizado. Esse adestrador de canários, esse arquiteto de um pagode para camundonguinhos brancos é (como o próprio Sir Percival me disse) um dos principais iatroquímicos vivos, e descobriu, entre outras invenções fabulosas, um modo de petrificar o corpo depois da morte, de modo a preservá-lo, tão duro quanto o mármore, até o fim dos dias. Esse homem gordo, indolente e idoso, cujos nervos são tão delicados que ele se sobressalta com ruídos ocasionais e tem crispações nervosas ao ver um spaniel levar uma surra, foi ao estábulo, na manhã seguinte à sua chegada, e colocou sua mão na cabeça de um *bloodhound* acorrentado — um animal tão intratável que o próprio cavaleiro que o alimenta se mantém fora do alcance dele. Sua esposa e eu estávamos presentes, e eu não irei esquecer tão logo a cena que se seguiu, curta como foi.

“Cuidado com esse cachorro, senhor”, disse o cavaleiro, “ele pula em todas as pessoas!”

“Ele faz isso, meu amigo”, respondeu o Conde, em voz baixa, “porque todos têm medo dele. Vamos ver se ele pula em mim.” E ele colocou seus dedos gorduchos e branco-amarelados, nos quais os canários haviam estado empoleirados dez minutos antes, sobre a imensa cabeça do animal; e olhou-o bem olhos. “Vocês, cachorros grandes, são todos covardes”, ele disse, se dirigindo ao animal com desdém, seu rosto e o focinho do cachorro a poucos centímetros um do outro. “Você mataria um pobre de um gato, seu covarde infernal. Você pularia em um mendigo faminto, seu covarde infernal. Qualquer coisa que você possa pegar desprevenida... qualquer coisa que tenha medo desse seu corpo grande, e de seus malévolos dentes brancos, e de sua boca cheia de baba e sedenta de sangue, é a coisa em que você gosta de pular. Você poderia me sufocar exatamente agora, seu valentão mesquinho e desgraçado; e você não ousa nem me olhar na cara, porque eu não tenho medo de você. Você vai pensar melhor no assunto, e enfiar os dentes em meu pescoço gordo? Bah! Não você!” Ele deu meia-volta, rindo do espanto dos homens no pátio; e o cachorro entrou de mansinho em seu canil. “Ah! Meu belo colete!”, disse ele, em tom patético. “Eu sinto ter vindo aqui. Um pouco da baba daquele animal caiu em meu belo colete limpo.” Estas palavras

expressam outra de suas incompreensíveis manias. Ele gosta tanto de belas roupas quanto o maior tolo vivo, e já apareceu com quatro magníficos coletes — todos eles de cores espalhafatosas, e todos imensamente grandes, até mesmo para ele — nos dois dias de sua residência em Blackwater Park.

Seu tato e sua habilidade em relação às coisinhas triviais são tão notáveis quanto as singulares inconsistências em sua personalidade, e a trivialidade infantil de seus gostos e ocupações comuns.

Já posso ver que ele tenciona viver em excelentes termos com todos nós, durante o seu período de residência neste local. Ele evidentemente descobriu que Laura secretamente não gosta dele (ela o confessou para mim, quando insisti com ela sobre o assunto) — mas também descobriu que ela sente um amor imenso por flores. Sempre que ela deseje um buquê, ele tem um para oferecer-lhe, colhido e arrumado pelas suas próprias mãos; e, para minha grande diversão, ele, astutamente, sempre está com uma duplicata, feita exatamente com as mesmas flores, arranjadas exatamente do mesmo modo, para apaziguar a sua esposa terrivelmente ciumenta, antes que ela possa pensar em se considerar ofendida. O modo como ele lida com a Condessa (em público) é digno de se ver. Ele faz medidas para ela; normalmente se dirige a ela como “meu anjo”; leva os canários em seus dedos para que façam breves visitas e cantem para ela; beija a mão dela quando ela lhe oferece os seus cigarros; em troca, ele a presenteia com confeitos tirados de uma caixa em seu bolso, que ele coloca, bem-humorado, nos lábios dela. A vara de ferro com que ele a rege jamais aparece em sociedade — é uma vara particular, e é sempre mantida no andar de cima.

Seu método de conquistar as *minhas* boas graças é completamente diferente. Ele lisonjeia a minha vaidade, conversando comigo com tanta seriedade e sensatez como se eu fosse um homem. Sim! Eu consigo perceber as suas artimanhas quando estou longe dele; sei que ele lisonjeia a minha vaidade, quando penso nele aqui, em meus aposentos — e, no entanto, quando eu desço, e fico na companhia dele de novo, ele irá me cegar de novo, e eu ficarei lisonjeada de novo, como se eu nunca tivesse percebido nada! Ele consegue me controlar, assim como controla a sua esposa e Laura, assim como controlou o *bloodhound* no estábulo, assim como controla o próprio Sir Percival, em todas as horas do dia. “Meu bom Percival! Como eu aprecio o seu ríspido senso de humor inglês!”; “Meu bom Percival! Como eu aprecio o seu firme bom senso inglês!” Ele deixa de lado as mais rudes observações que Sir Percival seja capaz de fazer sobre os seus gostos e entretenimentos afeminados desse modo — sempre chamando o baronete por seu nome de batismo; sorrindo para ele com a mais calma superioridade; dando-lhe tapinhas nos ombros; e o tolerando com muita benevolência, como um pai

bem-humorado tolera um filho rebelde.

O interesse que eu realmente não consigo deixar de sentir por esse estranho homem original me levou a fazer perguntas a Sir Percival sobre a vida pregressa dele.

Sir Percival ou sabe muito pouco, ou vai me dizer muito pouco a esse respeito. Ele e o Conde se encontraram, há muitos anos, em Roma, nas perigosas circunstâncias às quais já aludi em outro momento. Desde essa época, eles estiveram sempre juntos em Londres, em Paris e em Viena — mas nunca mais na Itália; o Conde, algo muito estranho, não tendo atravessado as fronteiras de seu país natal por muitos anos. Talvez ele tenha sido vítima de alguma perseguição política? De qualquer modo, ele parece estar patrioticamente ansioso para não perder de vista qualquer de seus conterrâneos que possam estar na Inglaterra. Na noite de sua chegada, ele perguntou quão distantes estávamos da cidadezinha mais próxima, e se nós tínhamos notícias de qualquer cavalheiro italiano que por acaso residisse lá. Ele certamente se corresponde com pessoas do Continente, pois as suas cartas têm todos os tipos de selos estranhos; e eu vi uma, hoje de manhã, esperando por ele à mesa do café da manhã, com um imenso selo de aparência oficial. Talvez ele esteja se correspondendo com o seu governo? E, no entanto, isso dificilmente se reconcilia com a minha outra ideia, de que ele possa ser um exilado político.

Quanto eu pareço ter escrito sobre o Conde Fosco! E em que isso tudo resulta? — como o pobre e caro Sr. Gilmore perguntaria, com seus reservados modos profissionais. Eu só posso repetir que com certeza sinto, até mesmo com nosso conhecimento tão recente, um estranho apreço, em parte amistoso, em parte inamistoso, pelo Conde. Ele parece ter estabelecido sobre a minha pessoa o mesmo tipo de ascendência que evidentemente exerce sobre Sir Percival. Irrefreável, e até mesmo rude, como ele possa ocasionalmente ser em suas atitudes para com seu gordo amigo, não obstante Sir Percival tem medo, como posso ver claramente, de ofender seriamente o Conde. Eu me pergunto se também tenho medo? Certamente nunca vi um homem, em toda a minha experiência, a quem eu lamentaria tanto ter como inimigo. Isso acontece por eu gostar dele, ou por ter medo dele? *Chi sa?* — como o Conde Fosco poderia dizer em sua língua materna. Quem sabe?

DIA 16 DE JUNHO. Algo para registrar, hoje, além de minhas próprias ideias e impressões. Chegou uma visita — totalmente desconhecida por Laura e por mim; e, ao que parece, totalmente inesperada para Sir Percival.

Nós todos estávamos almoçando, na sala com as novas portas-janelas que se abrem para a varanda; e o Conde (que devora doces como eu ainda não os havia visto sendo devorados por quaisquer seres humanos além de meninas

em internatos) havia acabado de nos divertir pedindo, muito sério, a sua quarta torta doce — quando o empregado entrou para anunciar a visita.

“O Sr. Merriman acabou de chegar, Sir Percival, e deseja ver o senhor imediatamente.”

Sir Percival se sobressaltou, e olhou o empregado com uma expressão de susto raivoso.

“O Sr. Merriman?”, ele repetiu, como se pensasse que os seus ouvidos deveriam tê-lo enganado.

“Sim, Sir Percival; o Sr. Merriman, de Londres.”

“Onde ele está?”

“Na biblioteca, Sir Percival.”

Ele se levantou da mesa no instante em que a última resposta foi dada, e saiu apressado da sala sem dizer uma palavra para nós.

“Quem é o Sr. Merriman?”, perguntou Laura, se dirigindo a mim.

“Não faço a menor ideia”, foi tudo que eu pude dizer em resposta.

O Conde havia acabado a sua quarta torta doce e se dirigira a uma mesa lateral para cuidar de sua perversa cacatua. Ele se voltou para nós, com o pássaro empoleirado em seu ombro.

“O Sr. Merriman é o representante legal de Sir Percival”, ele disse, calmamente.

O representante legal de Sir Percival. Era uma resposta muito clara para a pergunta de Laura; e, no entanto, naquelas circunstâncias, não era satisfatória. Se o Sr. Merriman tivesse sido especialmente chamado por seu cliente, não teria havido nada de espantoso no fato de ele sair de Londres para atender à convocação. Mas, quando um advogado viaja de Londres a Hampshire, sem ser chamado, e quando a sua chegada à casa de um cavalheiro deixa muito sobressaltado o próprio cavalheiro, pode tranquilamente ser dado como certo que o visitante legal é o portador de alguma notícia muito importante e muito inesperada — notícia que pode ser ou muito boa ou muito ruim, mas que não pode, em qualquer dos casos, ser do tipo corriqueiro.

Laura e eu ficamos sentadas, silenciosas, à mesa, durante uns quinze minutos ou mais, imaginando, intranquilas, o que havia acontecido, esperando o retorno rápido de Sir Percival. Não havia indícios do retorno dele, e nós nos levantamos para sair da sala.

O Conde, atencioso como sempre, saiu do canto em que estivera alimentando a sua cacatua, com o pássaro ainda empoleirado em seu ombro, e abriu a porta para nós. Laura e Madame Fosco saíram antes. No instante em que eu ia segui-las, ele fez um gesto com a mão e falou comigo, antes de eu passar por ele, com os modos mais estranhos.

“Sim”, ele disse, respondendo em voz baixa à ideia não manifestada que, no momento, ocupava a minha mente, como se eu a tivesse confidenciado para ele com todas as palavras, “sim, Srta. Halcombe, *algo* aconteceu.”

Eu estava prestes a responder, “Eu não disse nada disso.”, porém, a perversa cacatua agitou as suas asas cortadas e soltou um grito que deixou os meus nervos à flor da pele em um instante, e me deixou muito feliz por sair da sala.

Eu me juntei a Laura ao pé da escada. Ela entretinha o mesmo pensamento que eu, e que o Conde Fosco havia intuído — e, quando ela falou, suas palavras eram quase um eco das dele. Ela me disse, em segredo, que também estava com medo de que alguma coisa tivesse acontecido.

III

DIA 16 DE JUNHO. Tenho mais algumas linhas a acrescentar às observações de hoje antes de ir dormir.

Cerca de duas horas depois de Sir Percival ter se levantado da mesa do almoço para receber seu representante legal, o Sr. Merriman, na biblioteca, eu saí de meu quarto, sozinha, para caminhar um pouco em meio às árvores cultivadas. Quando estava no patamar da escada, a porta da biblioteca se abriu, e os dois cavalheiros saíram. Pensando ser melhor não os perturbar aparecendo na escada, resolvi deixar para descer depois que eles tivessem cruzado o saguão. Embora falassem em voz contida, as suas palavras foram pronunciadas com uma nitidez suficiente para que chegassem aos meus ouvidos.

“Fique tranquilo, Sir Percival”, eu ouvi o advogado dizer. “Tudo está nas mãos de Lady Glyde.”

Eu havia me virado para retornar ao meu quarto, por um minuto ou dois; mas o som do nome de Laura nos lábios de um desconhecido me deteve na mesma hora. Eu me arrisco a dizer que foi muito errado e muito indigno ouvir — mas qual é a mulher, em toda a variedade de nosso sexo, capaz de regular as suas ações de acordo com os abstratos princípios da honra, quando esses princípios apontam para um lado, e quando as suas afeições, e os interesses delas decorrentes, apontam para o outro?

Eu ouvi; e, em circunstâncias semelhantes, ouviria de novo — sim!, com o meu ouvido no buraco da fechadura, se eu não conseguisse agir de qualquer outro modo.

“O senhor está entendendo bem, Sir Percival?”, prosseguiu o advogado. “Lady Glyde tem de assinar o nome na presença de uma testemunha... ou de duas testemunhas, se o senhor desejar ser particularmente cuidadoso, e então

colocar o dedo no selo, e dizer, ‘Eu o faço de minha livre e espontânea vontade’. Se isso for feito no prazo de uma semana, o acordo será bem-sucedido, e a ansiedade irá se acabar. Se não...”

“O que o senhor quer dizer com ‘Se não?’”, perguntou Sir Percival, irritado. “Se a coisa *tem de* ser feita, ela *será* feita. Eu garanto isso, Merriman.”

“Exatamente, Sir Percival... exatamente; mas há duas alternativas em todas as transações; e nós, advogados, gostamos de encarar as duas de frente, com ousadia. Se por alguma circunstância extraordinária o acordo *não* for feito, acho que posso ter condição de fazer com que os envolvidos aceitem ordens de pagamento para três meses. Mas como o dinheiro será obtido quando as ordens de pagamento forem executadas...”

“Vão pro inferno as ordens de pagamento! O dinheiro só pode ser obtido de um modo; e desse modo, eu lhe digo de novo, ele *será* obtido. Beba uma taça de vinho, Merriman, antes de ir embora.”

“Agradeço muito, Sir Percival; não tenho um momento a perder se eu for pegar o trem de volta. O senhor me avisará assim que o acordo for completado? E não há de se esquecer da precaução que eu recomendei...”

“Mas é claro que não. O *dog-cart* está esperando o senhor ali fora. Meu cavalição vai levar o senhor à estação agora mesmo. Benjamin, vá correndo! Se o Sr. Merriman perder o trem, você perde o emprego. Segure firme, Merriman, e se o senhor está intranquilo, confie no diabo para salvar a própria pele.” Com essa bênção de despedida, o baronete deu meia-volta e retornou para a biblioteca.

Eu não havia ouvido muita coisa; mas o pouco que chegara aos meus ouvidos fora suficiente para me deixar intranquila. A “alguma coisa” que “havia acontecido” era, com toda clareza, uma embaraçosa questão financeira; e Sir Percival se livrar dela dependia de Laura. A perspectiva de vê-la envolvida nas secretas dificuldades do seu marido me encheu de receios, exagerados, sem dúvidas, pela minha ignorância nos negócios e minha secreta falta de confiança em Sir Percival. Em vez de sair, conforme eu planejava, voltei imediatamente para o quarto de Laura para contar o que eu havia ouvido.

Ela recebeu as minhas más notícias tão tranquilamente que me surpreendeu. Com certeza, ela conhece mais o caráter de seu marido e os problemas dele do que eu havia suspeitado até esse momento.

“Eu fiquei com medo de algo nesse sentido”, ela disse, “quando ouvi falar daquele estranho cavaleiro que veio aqui e se recusou a deixar o nome dele.”

“Quem você acha que era o cavaleiro, então?”, perguntei.

“Alguma pessoa que tem certos direitos sobre Sir Percival”, ela

respondeu, “e que foi o motivo da visita do Sr. Merriman aqui hoje.”

“Você sabe algo a respeito desses direitos?”

“Não, não sei nenhum detalhe.”

“Você não vai assinar nada, Laura, sem primeiro olhar o documento?”

“Mas é claro que não, Marian. O que eu puder fazer para ajudá-lo, sem causar danos e honestamente, eu farei... com o intuito de tornar a sua vida, e a minha, meu bem, tão tranquila e feliz quanto possível. Mas não vou fazer nada, sem ter conhecimento, de que nós possamos, um dia, ter motivos para sentir vergonha. Não vamos mais falar nisso, agora. Você está com seu chapéu... e se sairmos e passarmos a tarde devaneando no parque?”

Ao sair da casa, nós nos dirigimos para a sombra mais próxima.

Quando passamos por um espaço aberto entre as árvores na frente da casa, lá estava o Conde Fosco lentamente andando de um lado para outro no gramado, tomando sol no pleno fulgor da quente tarde de junho. Ele estava usando um grande chapéu de palha, com uma fita cor de violeta na copa. Uma camisa azul, com um abundante bordado branco no peito, cobria o seu corpo prodigioso e era mantida no local onde outrora se localizara a sua cintura por um largo cinto de couro escarlate. Calças de nanquim amarelo pálido, mostrando mais bordados na altura dos tornozelos, e chinelos de marroquim púrpura adornavam as suas extremidades inferiores. Ele estava cantando a famosa ária de Fígaro em *O Barbeiro de Sevilha*, com aquela vocalização firme e fluente que não se ouve a não ser em uma garganta italiana, e se acompanhando com a concertina, que ele tocava com movimentos estáticos de seus braços e graciosos meneios da cabeça, como uma gorda Santa Cecília disfarçada em vestes masculinas. “*Figaro quà! Figaro là! Figaro sù! Figaro giù!*”, cantava o Conde, alegremente afastando a concertina à distância dos braços, e nos fazendo uma misura, em um lado do instrumento, com a graça e a elegância do próprio Fígaro aos vinte anos de idade.

“Ouça o que estou dizendo, Laura, esse homem sabe alguma coisa sobre os percalços de Sir Percival”, eu disse, enquanto nós retribuíamos a misura do Conde a uma distância segura.

“O que leva você a pensar assim?”, ela perguntou.

“Caso contrário, como ele poderia ter sabido que o Sr. Merriman era o representante legal de Sir Percival?”, eu repliquei. “Além do mais, quando saí da sala de jantar depois de você, ele me disse, sem que eu fizesse uma única pergunta, que alguma coisa havia acontecido. Pode acreditar, ele sabe mais do que nós.”

“Não faça perguntas para ele, se ele as fizer. Não lhe conte os nossos problemas!”

“Você parece não gostar dele, Laura, com muita firmeza. O que ele disse, ou fez, para justificar sua opinião?”

“Nada, Marian. Pelo contrário, ele foi só atenção e gentileza em nossa viagem para casa, e várias vezes conteve as manifestações de mau humor de Sir Percival, com os modos mais cheios de consideração para *comigo*. Talvez eu não goste dele por ele exercer muito maior influência sobre o meu marido do que eu. Talvez fira o meu orgulho dever favores à interferência dele. Tudo que eu sei é que *não* gosto dele.”

O resto do dia e da noite se passou com muita tranquilidade. O Conde e eu jogamos xadrez. Nas duas primeiras partidas, muito cortês, ele permitiu que eu o vencesse; e então, quando viu que eu o havia flagrado, me pediu perdão e, na terceira partida, me derrotou em dez minutos. Sir Percival não fez uma só menção, durante toda a noite, à visita do advogado. Mas esse fato, ou alguma outra coisa, havia produzido uma singular mudança para melhor nele. Ele estava tão cortês e agradável com nós todos como costumava ser em seus dias de noivado em Limmeridge; e estava tão espantosamente atencioso e gentil com sua esposa que até mesmo a fria Madame Fosco foi levada a olhar para ele com uma surpresa grave. O que isso significa? Acho que consigo adivinhar; receio que Laura consiga adivinhar; e tenho certeza absoluta de que o Conde Fosco sabe. Eu flagrei Sir Percival olhando para ele pedindo aprovação mais de uma vez durante a noite.

DIA 17 DE JUNHO. Um dia de acontecimentos. Eu fervorosamente espero e rezo que não tenha de acrescentar, um dia de desastres também.

Sir Percival estava tão silencioso durante o café da manhã como ele tinha estado na noite anterior sobre o tema do misterioso “acordo” (como o advogado o chamou), que está pairando sobre as nossas cabeças. Uma hora depois, entretanto, ele repentinamente entrou na saleta onde bate o sol da manhã, onde sua esposa e eu estávamos esperando, já usando os nossos chapéus, que Madame Fosco se juntasse a nós; e perguntou pelo Conde.

“Nós esperamos vê-lo aqui em poucos minutos”, eu respondi.

“O que acontece”, Sir Percival continuou, andando nervoso pela sala, “é que preciso de Fosco e sua esposa na biblioteca, para uma simples formalidade relativa a negócios; e quero você, Laura, por um minuto também.” Ele se interrompeu, e pareceu perceber, pela primeira vez, que nós estávamos com nossas roupas para sair passear. “Você acabou de entrar?”, ele perguntou, “Ou estava pronta para sair?”

“Nós estávamos pensando em ir até o lago hoje de manhã”, disse Laura. “Mas, se você tem outra proposta a fazer...”

“Não, não”, ele respondeu, apressado. “O que tenho a fazer pode esperar.

Depois do almoço vai ser tão bom como depois do café da manhã. Todos indo ao lago, hm? Uma boa ideia. Vamos passar uma manhã ociosa; vou fazer parte do grupo.”

Não havia como se enganar com os modos dele, ainda que tivesse sido possível se enganar com a pouco característica prontidão que suas palavras expressavam, ao submeter os seus planos e projetos à conveniência de outrem. Ele evidentemente estava aliviado por descobrir qualquer desculpa para retardar a formalidade relativa a negócios na biblioteca, à qual suas próprias palavras haviam se referido. Eu senti uma opressão no peito, enquanto fazia a inevitável inferência.

O Conde e sua esposa se juntaram a nós, nesse momento. A senhora estava com a sacolinha de tabaco bordada e o estoque de papel em sua mão, para a confecção dos eternos cigarros. O cavalheiro, vestido, como de costume, em sua camisa e chapéu de palha, carregava a alegre e pequena gaiola em forma de pagode, com seus queridos camundonginhos brancos, e sorria para eles e para nós com uma amabilidade suave à qual era impossível resistir.

“Com sua gentil permissão”, disse o Conde, “vou levar esta minha pequena família... os pobrezinhos dos meus inofensivos e lindos Camundonginhos para tomar um ar conosco. Há cachorros pela casa, e vou deixar meus desamparados filhinhos brancos à mercê dos cachorros? Ah, nunca!”

Ele chilreou de modo paternal para os seus pequenos filhos brancos por entre as grades do pagode; e nós todos saímos da casa rumo ao lago.

Em meio aos abetos cultivados, Sir Percival se afastou de nós. Parece ser parte de seu temperamento desassossegado sempre se separar de seus companheiros nessas ocasiões, e sempre se ocupar, quando está sozinho, cortando novas bengalas para seu uso pessoal. O mero ato de cortar e de desbastar ao acaso parece lhe agradar. Ele encheu a casa de bengalas de fabricação própria, nenhuma das quais ele chega a pegar por uma segunda vez. Depois de elas serem usadas uma vez, seu interesse por elas se esgota, e ele não pensa em nada além de continuar e de fazer mais.

No velho abrigo para barcos, ele se juntou a nós de novo. Eu vou escrever a conversa que se seguiu, quando todos estávamos sentados em nossos lugares, exatamente como ela ocorreu. É uma conversa importante, no que me diz respeito, pois me inclinou muito a desconfiar da influência que o Conde Fosco tem exercido sobre os meus pensamentos e sentimentos, e a resistir a ela, no futuro, com tanta tenacidade quanto eu for capaz.

O abrigo era grande o suficiente para nos acomodar a todos; mas, Sir Percival permaneceu do lado de fora aparando a mais recente bengala com seu

canivete. Nós, as três mulheres, tínhamos bastante espaço no banco grande. Laura pegou seu bordado, e Madame Fosco começou os seus cigarros. Eu, como sempre, nada tinha para fazer. As minhas mãos sempre foram, e sempre serão, tão desajeitadas quanto as de um homem. O Conde, bem-humorado, pegou um banquinho, muitíssimo pequeno para ele, e se equilibrou nele com as costas apoiadas na parede do telheiro, que rangeu e gemeu sob o seu peso. Ele colocou a gaiola em forma de pagode no colo, e soltou os camundonginhos para que andassem sobre ele como de costume. Eles são criaturinhas bonitas e com aparência inocente; mas a visão deles rastejando sobre o corpo de um homem não é, por algum motivo, agradável para mim. Ela suscita um arrepio estranho em meus nervos, e sugere ideias pavorosas de homens morrendo na prisão, com as criaturas rastejantes das masmorras atacando-os sem que fossem perturbadas.

A manhã estava cheia de vento e nublada; e as rápidas alterações de sombra e de luz sobre a extensão do lago faziam a paisagem parecer duplamente deserta, desagradável e sombria.

“Algumas pessoas dizem que isso é pitoresco”, disse Sir Percival, apontando para a ampla paisagem com a sua bengala parcialmente terminada. “Eu o chamo de uma mancha na propriedade de um cavalheiro. Na época do meu bisavô, o lago chegava até este local. Olhem só para ele agora! Ele não tem nem um metro e meio de profundidade em qualquer ponto, e é só poças e charcos. Eu gostaria de ter dinheiro para drená-lo, e plantar em todo o terreno. Meu administrador (um idiota supersticioso) diz ter certeza de que existe uma maldição sobre o lago, assim como o Mar Morto. O que você acha, Fosco? Ele tem exatamente a aparência de um local para se cometer um assassinato, não?”

“Meu bom Percival!”, censurou o Conde. “Em que o seu firme bom senso inglês está pensando? A água é rasa demais para ocultar um corpo; e há areia por todos os lados para deixar marcas das pegadas do assassino. Ele é, de modo geral, exatamente o pior lugar para um assassinato em que eu já coloquei os olhos.”

“Tolice!”, disse Sir Percival, desbastando ferozmente a sua bengala. “Você sabe o que estou querendo dizer. O cenário lúgubre... a localização isolada. Se você quiser me compreender, você compreende... se não quiser, não vou me dar ao trabalho de explicar o que quero dizer.”

“E por que não”, perguntou o Conde, “quando o que você quer dizer pode ser explicado por qualquer pessoa em duas palavras? Se um tolo fosse cometer um assassinato, seu lago seria o primeiro local que ele escolheria para a ação. Se um homem sábio fosse cometer um assassinato, seu lago seria o último lugar que ele escolheria para a ação. É isso o que você quer dizer? Se

for, eis a sua explicação para você, já feita. Aceite-a, Percival, com as bênçãos do seu bom Fosco.”

Laura olhou para o Conde, com seu desaproço por ele aparecendo com um pouquinho de clareza demais em seu rosto. Ele estava tão ocupado com os seus camundonginhos que não a percebeu.

“Eu lamento ouvir a vista do lago relacionada a qualquer coisa tão horrível quanto a ideia de assassinato”, ela disse. “E se o Conde Fosco tem de dividir assassinos em classes, acho que foi muito infeliz em sua escolha de expressões. Descrevê-los apenas como tolos parece tratá-los com uma indulgência à qual eles não têm direito. E descrevê-los como homens sábios soa, para mim, uma completa contradição em termos. Sempre ouvi dizer que os homens verdadeiramente sábios são homens verdadeiramente bons e têm horror ao crime.”

“Minha cara senhora”, disse o Conde, “esses são sentimentos admiráveis, e eu os vi escritos em destaque nos livros de estudo.” Ele ergueu um dos camundonginhos na palma de sua mão e falou com ele com os seus modos extravagantes. “Meu pilantrinha branco lindo e macio”, ele disse, “eis uma lição de moral para você. Um Camundongo verdadeiramente sábio é um Camundongo verdadeiramente bom. Informe isso, por favor, aos seus companheiros, e nunca mordam as grades de sua gaiola de novo enquanto vocês viverem.”

“É fácil ridicularizar tudo”, disse Laura, resoluta, “mas o senhor não vai achar tão fácil, Conde Fosco, me dar um exemplo de um homem sábio que tenha sido um grande criminoso.”

O Conde encolheu os seus grandes ombros, e sorriu para Laura do modo mais amistoso.

“É bem verdade!”, disse ele. “O crime do tolo é o crime que é descoberto; e o crime do homem sábio é o crime que *não* é descoberto. Se eu pudesse dar-lhe um exemplo, não seria o exemplo de um homem sábio. Cara Lady Glyde, o seu circunspecto bom senso inglês foi demais para mim. É um cheque-mate para *mim*, desta vez, Srta. Halcombe... hã?”

“Fique firme, Laura”, disse, desdenhoso, Sir Percival, que estivera ouvindo de seu lugar na porta. “Diga-lhe, em seguida, que os crimes causam a sua própria detecção. Eis outro espécime de moral de livros de estudo para você, Fosco. Os crimes causam a sua própria detecção. Mas que tolice infernal!”

“Eu acredito que isso seja verdade”, disse Laura, em voz baixa.

Sir Percival caiu na risada, com tanta violência e de modo tão afrontoso, que sobressaltou a todos nós — e ao Conde mais do que todos.

“Eu também acredito”, eu disse, defendendo Laura.

Sir Percival, que estivera inexplicavelmente divertido com a observação de sua esposa, estava, de modo igualmente inexplicável, irritado com a minha. Ele enfiou a nova bengala com força na areia, e se afastou de nós.

“Pobre caro Percival!”, exclamou o Conde Fosco, olhando na direção dele, alegre; “ele é a vítima do *spleen* inglês. Mas, minha cara Srta. Halcombe, minha cara Lady Glyde, as senhoras realmente acreditam que os crimes causam a sua própria detecção? E você, meu anjo”, ele prosseguiu, voltando-se para a esposa, que ainda não havia dito uma só palavra, “você também acha?”

“Eu espero ser instruída”, replicou a Condessa, em um tom de voz de gélida censura, direcionado a Laura e a mim, “antes de me aventurar a dar a minha opinião na presença de homens bem informados.”

“Espera mesmo?”, eu disse. “Eu me lembro da época, Condessa, em que a senhora defendia os Direitos das Mulheres, e liberdade de opinião para as mulheres era um deles.”

“Qual é o seu ponto de vista sobre o assunto, Conde?”, perguntou Madame Fosco, calmamente continuando com os seus cigarros, e não prestando a menor atenção em mim.

O Conde acariciou um de seus camundonginhos brancos, pensativo, com seu dedinho rechonchudo antes de responder.

“É realmente maravilhoso”, ele disse, “com quanta facilidade a Sociedade consegue se consolar das piores de suas imperfeições com um pouquinho de artifícios. O maquinismo que ela criou para a detecção de um crime é lamentavelmente ineficaz... e, no entanto, é só inventarem um epigrama moral, dizendo que ele funciona bem, e todos ficarão cegos quanto aos seus defeitos, a partir desse momento. Os crimes causam a sua própria detecção, é mesmo? E o assassinato será descoberto (outro epigrama moral), não será? Pergunte aos *Coroners* que presidem aos inquéritos em grandes cidades se isso é verdade, Lady Glyde. Pergunte aos funcionários de companhias de seguro de vida se isso é verdade, Srta. Halcombe. Leiam os seus próprios jornais. Nas poucas ocasiões em que eles chegam aos jornais, não são casos de pessoas assassinadas que foram encontradas, e de nenhum assassino jamais descoberto? Multipliquem os casos que são relatados pelos casos que *não* são relatados, e os corpos que são encontrados pelos corpos que *não* são encontrados; e a que conclusão as senhoras chegam? A esta. Que há criminosos tolos que são descobertos, e criminosos sábios que escapam. O encobrimento de um crime, ou a detecção de um crime, o que é isso? Um teste de habilidade entre a polícia de um lado, e o indivíduo do outro. Quando o criminoso é um tolo bruto e ignorante, a polícia, em nove entre dez casos, vence. Quando o criminoso é um homem resoluto, educado e muito

inteligente, a polícia, em nove entre cada dez casos, perde. Se a polícia ganha, geralmente as senhoras ficam sabendo disso. Se a polícia perde, geralmente ninguém fica sabendo de nada. E em sua fundação oscilante as senhoras constroem a sua confortável máxima moral de que o Crime causa a sua própria detecção! Sim... todos os crimes de que *as senhoras* ficam sabendo. E quanto ao resto?”

“Diabolicamente verdadeiro, e muito bem colocado”, exclamou a voz na entrada do abrigo para barcos. Sir Percival havia recuperado a sua equanimidade, e voltado enquanto ouvíamos o Conde.

“Uma parte disso pode ser verdade”, eu falei, “e tudo isso pode ser muito bem colocado. Mas, não entendo por que o Conde deveria celebrar a vitória do criminoso sobre a sociedade com tanto júbilo, ou por que o senhor, Sir Percival, deveria aplaudi-lo tão claramente por fazer isso.”

“Está ouvindo isso, Fosco?”, perguntou Sir Percival. “Ouça o meu conselho, e faça as pazes com a sua audiência. Diga para elas que a Virtude é uma coisa boa... elas gostam disso, posso garantir a você.”

O Conde riu consigo mesmo, silenciosamente; e dois dos camundonginhos brancos em seu colete, assustados pela convulsão interna acontecendo sob eles, saíram em disparada, e entraram atropeladamente em sua gaiola de novo.

“As senhoras, meu caro Percival, falarão sobre a virtude para *mim*”, ele disse. “Elas são melhores autoridades do que eu; pois elas sabem o que é a virtude, e eu não.”

“Estão o ouvindo?”, disse Sir Percival. “Não é horrível?”

“É verdade”, disse o Conde, tranquilo. “Eu sou um cidadão do mundo, e me deparei, em minha época, com tantos tipos diferentes de virtude, que em minha velhice sinto-me perplexo ao dizer qual é o tipo correto e qual é o errado. Aqui, na Inglaterra, há uma virtude. E lá, na China, há outro tipo de virtude. E o John Inglês diz, a minha virtude é a virtude genuína. E o John Chinês diz, a minha virtude é a virtude genuína. E eu digo Sim para um, ou Não para o outro, e me sinto tão aturdido no caso do John com as botas de cano alto quanto no caso do John com a trancinha. Ah, meu lindo Camundonginho! Venha, me dê um beijo. Qual é a sua ideia particular de um homem virtuoso, meu lin-lin-lindinho? Um homem que mantém você aquecido, e lhe dá bastante para comer. E uma boa ideia, também, pois é compreensível, no mínimo.”

“Espere um instante, Conde”, eu o interrompi. “Aceitando a sua explanação, com certeza nós temos uma virtude inquestionável na Inglaterra, que falta na China. As autoridades chinesas matam milhares de pessoas inocentes, com os pretextos mais frívolos. Nós, na Inglaterra, estamos livres

de toda culpa nesse ponto; nós não cometemos um crime tão pavoroso... nós abominamos o derramamento irrefletido de sangue, de todo coração.”

“Muito bem, Marian”, disse Laura. “Muito bem pensado, e bem colocado.”

“Por favor, permitam ao Conde prosseguir”, disse Madame Fosco, com uma polidez rígida. “Vocês hão de descobrir, jovens, que *ele* nunca fala sem ter excelentes razões para tudo que diz.”

“Obrigado, meu anjo”, replicou o Conde. “Aceitam um confeito?” Ele tirou do bolso uma linda caixinha marchetada, e a colocou aberta na mesa. “Chocolat à la Vanille”,¹ exclamou o indecifrável homem, chacoalhando com alegria os doces na caixa, e apresentando-os com uma mesura. “Oferecidos por Fosco como uma homenagem à encantadora companhia.”

“Seja gentil e prossiga, Conde”, disse sua esposa, com uma referência maldosa a mim. “Faça-me uma gentileza respondendo à Srta. Halcombe.”

“A Srta. Halcombe é irrefutável”, retrucou o cortês italiano. “Quer dizer, até o ponto em que ela chega. Sim! Concordo com ela. John Bull abomina os crimes do John Chinês. Ele é o velho cavalheiro mais pronto para descobrir os erros cometidos por seus semelhantes, e o velho cavalheiro mais lento para descobrir os seus próprios erros, que existe na face da terra. Ele é tão melhor, ao seu modo, do que as pessoas que ele condena com os modos delas? A sociedade inglesa, Srta. Halcombe, com tanta frequência é a cúmplice quanto é a inimiga do crime. Sim! Sim! O crime é neste país o que o crime é em outros países... com tanta frequência um bom amigo para o ser humano e os que estão ao seu redor quanto é o seu inimigo. Um grande patife sustenta a sua esposa e família. Quanto pior ele é, mais ele as torna um objeto para a sua simpatia. Com frequência, ele também sustenta a si mesmo. Um perdulário libertino que está sempre pedindo dinheiro emprestado vai obter mais de seus amigos do que o homem rigidamente honesto que só empresta deles uma vez, sob a pressão da mais premente das necessidades. Em um caso, os amigos não ficarão nem um pouco surpresos, e eles darão o dinheiro. No outro caso, ficarão muito surpresos, e vão hesitar. A prisão em que o Sr. Canalha vive, no fim de sua vida, é um local mais desconfortável que a *workhouse* em que o Sr. Honestidade vive, no fim da vida *dele*? Quando John-Howard-Filantropo quer diminuir a miséria, ele vai encontrá-las nas prisões, onde o crime é lamentável... e não em cabanas e em choupanas, onde a virtude também é lamentável. Qual é o poeta inglês que conquistou a maior simpatia universal... o que se torna o mais fácil de todos os assuntos para uma escrita patética e uma pintura patética? Aquela jovem criatura simpática que começou a vida com uma falsificação e a terminou com o suicídio... seu caro, romântico e interessante Chatterton. O que a senhorita acha, quem é a mais bem-sucedida

dentre duas pobre modistas famintas... a mulher que resiste à tentação e é honesta, ou a mulher que cede à tentação, e rouba? Todos sabem que o roubo é a origem da fortuna daquela segunda mulher... o roubo a torna conhecida de uma ponta a outra da Inglaterra bem-humorada e caridosa... e ela é alimentada, na qualidade de alguém que quebra um mandamento, quando teria sido deixada a passar fome, na qualidade de alguém que o obedecesse. Venha cá, meu lindo e alegre Camundonguinho! Plim, plim, plim, plão! Eu transformo você, por enquanto, em uma respeitável senhora. Pare aqui, na palma da minha grande mão, meu caro, e ouça. Você se casa com o homem pobre a quem você ama, Camundonguinho; e a metade dos seus amigos lamenta, e a outra metade culpa você. E, agora, pelo contrário, você se vende em troca de ouro a um homem por quem você não se importa; e todos os seus amigos se alegram por você; e um ministro da igreja sanciona o vil horror da mais abjeta de todas as barganhas humanas, e ri e dá risinhos afetados depois à sua mesa, se você for cortês o suficiente para convidá-lo para o café da manhã. Plim, plim, plim, plão! Seja um camundonguinho de novo, e solte guinchos. Se você continuar a ser uma senhora por muito mais tempo, eu vou ouvir você me dizendo que a Sociedade abomina o crime... e então, Camundonguinho, eu vou ficar em dúvida se os seus olhos e ouvidos são de alguma utilidade para você. Ah! Sou um homem ruim, Lady Glyde, não sou? Eu digo o que outras pessoas apenas pensam; e quando todo o resto do mundo está em uma conspiração para aceitar a máscara como a verdadeira face, a minha é a mão ousada que rasga o material grosso, e mostra os ossos por baixo. Eu vou me levantar, com as minhas grandes pernas de elefante, antes que eu cause mais prejuízo à minha pessoa em seus gentis pareceres — eu vou me levantar e fazer um breve passeio ao ar livre, sozinho. Caras senhoras, como seu excelente Sheridan disse, eu saio... e deixo meu caráter atrás de mim.”

Ele se levantou, colocou a gaiola na mesa, e fez uma pausa momentânea para contar os camundonguinhos que nela estavam.

“Um, dois, três, quatro... Ah!” ele exclamou, com um olhar horrorizado, “onde, em nome dos céus, está o quinto... o mais jovem, o mais branquinho, o mais encantador de todos... o meu Benjamin dos camundonguinhos!”

Nem Laura nem eu estávamos em um estado de espírito favorável para o entretenimento. O cinismo fácil do Conde havia revelado um novo aspecto de sua natureza, pelo qual nós duas sentíamos aversão. Mas era impossível resistir à cômica angústia de um homem tão grande com a perda de um camundongo tão pequeno. Nós rimos, contra a vontade; e quando Madame Fosco se levantou para dar o exemplo de deixar o abrigo vazio, de modo que seu marido pudesse procurar nos cantos mais remotos, também nos

levantamos para sair.

Antes que tivéssemos dado três passos, os olhos argutos do Conde descobriram o camundonguinho perdido sob o assento que nós estávamos ocupando. Ele afastou o banco; pegou o animalzinho na mão, e então, de repente, se deteve, de joelhos, olhando com atenção para um ponto específico no chão, bem aos seus pés.

Quando ele se levantou de novo, sua mão tremia tanto que ele mal conseguia colocar o camundonguinho na gaiola de novo, e seu rosto estava coberto por um tom de amarelo pálido.

“Percival!”, ele disse, em um sussurro. “Percival! Venha cá.”

Sir Percival não havia dado a menor atenção a qualquer um de nós, nos últimos dez minutos. Ele estivera totalmente absorto desenhando imagens na areia, e então as apagando, com a ponta de sua bengala.

“O que está acontecendo, agora?”, ele perguntou, entrando descuidado no abrigo.

“Você não está vendo nada, ali?”, disse o Conde, segurando-o pela gola do casaco, nervoso, com uma das mãos, e com a outra apontando para o local perto de onde ele havia encontrado o camundonguinho.

“Estou vendo muita areia seca”, respondeu Sir Percival, “e uma mancha de sujeira no meio dela.”

“Não é sujeira”, sussurrou o Conde, repentinamente segurando a gola do casaco de Sir Percival com a outra mão e sacudindo-a, agitado. “Sangue.”

Laura estava perto o suficiente para ouvir a última palavra, por mais baixo que ele a pronunciasse. Ela se voltou para mim com um olhar de terror.

“Tolice, minha querida”, eu disse. “Não há necessidade de ficar assustada. É apenas o sangue de um pobre cachorrinho perdido.”

Todos estavam espantados, e os olhos de todos estavam voltados para mim, inquisidores.

“Como a senhorita sabe disso?”, perguntou Sir Percival, se manifestando em primeiro lugar.

“Eu encontrei o cachorro aqui, morrendo, no dia de sua chegada do exterior”, repliquei. “A pobre criatura havia se perdido entre os abetos cultivados e levado um tiro de seu guarda-caça.”

“De quem era o cachorro?”, perguntou Sir Percival. “Não um dos meus?”

“Você tentou salvar o pobrezinho?”, perguntou Laura, ansiosa. “Com certeza você tentou salvá-lo, Marian?”

“Sim”, eu disse, “a governanta e eu fizemos tudo que pudemos... Mas, o cachorro estava mortalmente ferido, e morreu em nossas mãos.”

“De quem era o cachorro?”, insistiu Sir Percival, repetindo a sua pergunta

com um pouco de irritação. “Um dos meus?”

“Não, não um dos seus.”

“E de quem, então? A governanta sabia?”

O relato da governanta sobre o desejo da Sra. Catherick de ocultar do conhecimento de Sir Percival a sua visita a Blackwater Park voltou à minha memória no momento em que ele fez a última pergunta; e fiquei em dúvida quanto à prudência de respondê-la. Mas em minha ansiedade para acalmar o susto geral eu havia, impensadamente, ido longe demais para retroceder, a não ser com o risco de despertar suspeitas, o que poderia apenas tornar as coisas piores. Não havia nada a fazer além de responder imediatamente, sem pensar nas consequências.

“Sim”, eu disse. “A governanta sabia. Ela me disse que era o cachorro da Sra. Catherick.”

Até então, Sir Percival havia permanecido na parte mais afastada do abrigo com o Conde Fosco, enquanto eu falava com ele lá da porta. Mas, no instante em que o nome da Sra. Catherick passou pelos meus lábios, ele empurrou o Conde, brusco, e ficou frente a frente comigo, à luz do dia.

“E como a governanta sabia que era o cachorro da Sra. Catherick?”, ele perguntou, franzindo o cenho e fixando os olhos nos meus com grande interesse e atenção, o que em parte me irritou e em parte me sobressaltou.

“Ela sabia”, eu disse, em voz baixa, “porque a Sra. Catherick trouxe o cachorro com ela.”

“Trouxe com ela? E para onde ela o trouxe?”

“Para a propriedade.”

“E que diabos a Sra. Catherick queria na propriedade?”

O modo como ele fez a pergunta era ainda mais ofensivo que a linguagem com que a fizera. Eu indiquei minha percepção da sua falta de cortesia silenciosamente me afastando dele.

No instante em que me afastei, a mão persuasiva do Conde foi colocada no ombro de Sir Percival, e a voz melíflua do Conde se interpôs para acalmá-lo.

“Meu caro Percival... com calma... com calma...”

Sir Percival olhou ao redor com os seus modos mais irritados. O Conde apenas sorriu, e repetiu as palavras tranquilizadoras.

“Com calma, meu bom amigo... com calma!”

Sir Percival hesitou — deu uns passos em minha direção — e, para minha grande surpresa, me pediu desculpas.

“Eu peço que me perdoe, Srta. Halcombe”, ele disse. “Tenho estado perturbado ultimamente; e receio estar um pouco irritado. Mas gostaria de

saber o que a Sra. Catherick poderia querer aqui. Quando ela veio? A governanta foi a única pessoa que a viu?”

“A única pessoa”, respondi, “tanto quanto eu saiba.”

O Conde interferiu de novo.

“Em tal caso, por que não perguntar à governanta?”, ele disse. “Por que não ir, Percival, à fonte de informações imediatamente?”

“Corretíssimo!”, disse Sir Percival. “Naturalmente a governanta é a primeira pessoa a ser interrogada. Estupidez excessiva de minha parte não ver isso por mim mesmo.” E com essas palavras ele na mesma hora se afastou de nós para voltar para casa.

O motivo da interferência do Conde, que, a princípio, me deixou perplexa, se traiu quando Sir Percival nos deu as costas. Ele tinha inúmeras perguntas a me fazer sobre a Sra. Catherick, e a causa de sua visita a Blackwater Park, que ele dificilmente poderia ter feito na presença de seu amigo. Eu tornei as minhas respostas tão breves quanto possível nos limites da educação — pois já havia me determinado a impedir a menor possibilidade de quaisquer trocas de confidências entre mim e o Conde Fosco. Laura, entretanto, inconscientemente o ajudou a extrair de mim todas as informações fazendo perguntas, que não me deixaram alternativa a não ser responder-lhe, ou dar a impressão, perante todos, de estar na nem um pouco invejável e totalmente falsa posição de ser depositária dos segredos de Sir Percival. O resultado disso tudo foi que, em cerca de dez minutos, o Conde sabia tanto quanto eu sobre a Sra. Catherick, e sobre os acontecimentos que, de modo tão estranho, nos conectaram à sua filha, Anne, desde a época em que Hartright se encontrou com ela, até o dia de hoje.

O efeito causado nele por minhas informações foi, em um aspecto, bastante curioso.

Por mais intimamente que ele conheça Sir Percival, e por mais que ele pareça estar envolvido com os assuntos particulares de Sir Percival de modo geral, ele certamente está tão longe quanto eu de saber qualquer coisa a respeito da verdadeira história de Anne Catherick. O mistério não resolvido em conexão com essa infeliz mulher agora se tornou duplamente suspeito, aos meus olhos, pela convicção absoluta que eu sinto de que a chave para o enigma foi escondida por Sir Percival do amigo mais íntimo que ele tem no mundo. Era impossível interpretar mal a ávida curiosidade do olhar e dos modos do Conde enquanto ele bebia ansioso cada palavra que passava pelos meus lábios. Há muitos tipos de curiosidade, eu sei — mas não há como interpretar mal a curiosidade da profunda surpresa: se alguma vez eu a vi em minha vida, eu a vi no rosto do Conde.

Enquanto as perguntas e respostas prosseguiram, nós estivéramos

caminhando lentamente de volta, através dos abetos cultivados. Assim que chegamos à casa, o primeiro objeto que vimos na frente dela foi o *dog-cart* de Sir Percival, com o cavalo atrelado e o cavaleiro esperando ao lado dele em suas roupas de trabalho. Se fosse para confiar nessas inesperadas imagens, a conversa com a governanta já dera importantes resultados.

“Um belo cavalo, meu amigo”, disse o Conde, se dirigindo ao cavaleiro com a mais cativante familiaridade em seus modos. “Você vai sair?”

“*Eu* não vou, senhor”, respondeu o homem, olhando para as suas roupas de trabalho e evidentemente se perguntando se o cavalheiro estrangeiro achava que aquilo era uma libré. “Meu patrão o conduz pessoalmente.”

“Ahá!”, disse o Conde, “ele conduz? Eu me pergunto por que ele se dá ao trabalho, quando tem você para conduzir por ele? Ele vai fatigar esse belo e lustroso cavalo levando-o muito longe, hoje?”

“Não sei, senhor”, respondeu o homem. “O cavalo é uma égua, com sua licença, senhor. Ela é a criatura mais corajosa que nós temos nos estábulos. O nome dela é Brown Molly, senhor; e ela vai andar até cair. Sir Percival normalmente pega o Isaac de York para as distâncias curtas.”

“E a sua lustrosa e corajosa Brown Molly para as longas?”

“Sim, senhor.”

“Uma inferência lógica, Srta. Halcombe”, prosseguiu o Conde, se voltando rapidamente e se dirigindo a mim. “Sir Percival vai percorrer uma longa distância hoje.”

Não respondi. Eu tinha minhas próprias inferências a fazer, do que eu sabia por intermédio da governanta e do que eu via à minha frente; e não quis dividi-las com o Conde Fosco.

Quando Sir Percival estava em Cumberland (pensei com os meus botões), ele caminhou uma boa distância, por causa de Anne, para interrogar a família em Todd’s Corner. Agora que está em Hampshire, ele vai percorrer uma longa distância, por causa de Anne de novo, para interrogar a Sra. Catherick em Welmingham?

Nós todos entramos na casa. Enquanto cruzávamos o saguão, Sir Percival saiu da biblioteca para se encontrar conosco. Ele aparentava estar apressado e pálido e ansioso — mas, apesar disso, os seus modos eram os mais cortes, quando falou conosco.

“Sinto dizer que vou ser obrigado a me afastar de sua companhia”, ele começou, “uma longa jornada... uma questão que não posso postergar. Voltarei amanhã cedo; mas antes de partir, eu gostaria que aquela simples formalidade, à qual me referi hoje de manhã, fosse resolvida. Laura, você vem à biblioteca? Isso não vai levar um minuto... uma mera formalidade.

Condessa, posso incomodar a senhora também? Eu quero que você e a Condessa, Fosco, sejam testemunhas de uma assinatura, nada mais. Venham agora mesmo, e vamos acabar com isso.”

Ele manteve a porta da biblioteca aberta até todos terem entrado, seguiu-os, e fechou-a suavemente.

Eu permaneci, por uns momentos, parada sozinha no saguão, meu coração batendo rápido, e minha mente muito apreensiva. Então, me dirigi para a escadaria, e subi lentamente para o meu quarto.

IV

DIA 17 DE JUNHO. Mal a minha mão tocou a porta do meu quarto, ouvi a voz de Sir Percival chamando-me lá de baixo.

“Devo pedir-lhe que desça de novo”, ele disse. “É culpa de Fosco, Srta. Halcombe, e não minha. Ele iniciou alguma insensata objeção ao fato de a esposa dele ser uma das testemunhas, e me forçou a pedir que a senhorita se junte a nós na biblioteca.”

Entrei imediatamente no aposento, com Sir Percival. Laura estava à espera junto da escrivaninha, torcendo e revirando o seu chapéu de verão nas mãos. Madame Fosco sentava-se perto dela, em uma poltrona, admirando, sem ser perturbada, o seu marido, que estava parado sozinho do outro lado da biblioteca, tirando folhas secas das flores na janela.

No momento em que eu apareci, o Conde avançou alguns passos para se encontrar comigo, e para dar as suas explicações.

“Mil perdões, Srta. Halcombe”, disse ele. “A senhorita sabe qual é o caráter atribuído aos meus patrícios pelos ingleses? Nós, italianos, somos todos astutos e desconfiados por natureza, na avaliação do bom John Bull. Considere-me, por gentileza, alguém que não é melhor que o resto de minha raça. Sou um italiano astuto e um italiano desconfiado. A senhorita pensou isso, minha cara, não pensou? Bem! É parte de minha astúcia e parte de minhas suspeitas colocar objeções ao fato de Madame Fosco ser testemunha da assinatura de Lady Glyde, quando eu também sou uma testemunha.”

“Não há a menor razão para a objeção dele”, interferiu Sir Percival. “Expliquei para ele que a lei da Inglaterra permite que Madame Fosco testemunhe uma assinatura, bem como o marido dela.”

“Eu admito isso”, o Conde voltou a falar. “A lei da Inglaterra diz, Sim... mas a consciência de Fosco diz, Não.” Ele esticou os dedos gordos no peito de sua camisa e fez uma mesura solene, como se desejasse apresentar a sua consciência para nós todos, no papel de uma ilustre adição à companhia presente. “O que possa ser esse documento que Lady Glyde está a ponto de

assinar”, ele prosseguiu, “eu não sei nem desejo saber. Apenas digo o seguinte: podem ocorrer circunstâncias futuras que possam forçar Percival, ou os seus representantes, a apelar às duas testemunhas; e neste caso certamente é desejável que essas duas testemunhas representem duas opiniões que sejam perfeitamente independentes uma da outra. Isso não pode acontecer se minha esposa assinar, bem como eu, porque não temos senão uma opinião entre nós, e essa opinião é a minha. Eu não quero que me digam na minha cara, em algum dia futuro, que Madame Fosco agiu sob coerção de minha parte, e não foi, na verdade, uma testemunha. Eu falo em nome dos interesses de Percival quando proponho que o meu nome apareça (como o do amigo mais próximo do marido), e o seu nome, Srta. Halcombe (como o da amiga mais próxima da esposa). Eu sou um jesuíta, se vocês assim quiserem pensar... alguém que procura agulha em palheiro... um homem frívolo e extravagante e escrupuloso... mas vocês farão a minha vontade, eu espero, em misericordiosa consideração para com meu desconfiado caráter italiano e minha intranquila consciência italiana.” Ele fez outra mesura, deu alguns passos para trás, e retirou a sua consciência de nossa companhia, tão cortês quanto a havia introduzido.

Os escrúpulos do Conde poderiam ter sido bastante honrados e racionais, mas havia algo em seu modo de expressá-los que aumentou a minha falta de vontade de estar envolvida na questão da assinatura. Nenhuma consideração de menor importância que a minha consideração por Laura teria me induzido a consentir em ser testemunha de qualquer modo. Um olhar, entretanto, para o seu rosto ansioso me levou a arriscar qualquer coisa a abandoná-la.

“Ficarei de boa vontade no aposento”, eu disse. “E se não encontrar motivos para apresentar quaisquer escrúpulos insignificantes, de minha parte, podem contar comigo como testemunha.”

Sir Percival lançou-me um olhar penetrante, como se estivesse a ponto de dizer alguma coisa. Porém, no mesmo instante Madame Fosco atraiu a atenção dele levantando-se de sua poltrona. Ela havia interceptado um olhar de seu marido, e evidentemente havia recebido ordens para sair do aposento.

“A senhora não precisa sair”, disse Sir Percival.

Madame Fosco esperou pelas ordens de novo, recebeu-as de novo, disse que ela preferiria nos deixar com nossos negócios, e saiu da biblioteca, decidida. O Conde acendeu um cigarro, voltou para as flores na janela e jogou pequenas baforadas de fumaça sobre as folhas, em um estado de profunda ansiedade para matar os insetos.

Entrementes, Sir Percival destrancou um armário sob uma das estantes de livros, e tirou dele um pergaminho dobrado, no sentido do comprimento, várias vezes. Ele o colocou na mesa, abriu apenas a última dobra, e manteve a

mão sobre o resto. A última dobra mostrava uma tira de pergaminho em branco com pequenas obreias em certos lugares. Cada linha do escrito estava oculta na parte que ele ainda mantinha dobrada sob a sua mão. Laura e eu olhamos uma para a outra. O rosto dela estava pálido — mas não mostrava nem indecisão, nem temor.

Sir Percival mergulhou a pena na tinta, e a entregou para a sua esposa.

“Assine o seu nome ali”, disse ele, apontando para o lugar. “A senhorita e Fosco devem assinar depois, Srta. Halcombe, ao lado dessas duas obreias. Venha cá, Fosco! Não se pode testemunhar uma assinatura ficando ocioso à janela e fumando por cima das flores.”

O Conde jogou o seu cigarro, se juntou a nós na mesa, com as mãos descuidadamente enfiadas no cinto escarlate de sua camisa, e os olhos fixos no rosto de Sir Percival. Laura, que estava do outro lado do marido, com a pena na mão, olhou para ele também. Ele ficou entre os dois, segurando o pergaminho dobrado com força sobre a mesa, e lançando um olhar para mim, que estava sentada no lado oposto ao dele, com uma mistura tão sinistra de suspeita e de constrangimento em seu rosto, que ele mais parecia um prisioneiro no tribunal do que um cavalheiro em sua própria casa.

“Assine aqui”, ele repetiu, se voltando de repente para Laura e apontando uma vez mais para o lugar no pergaminho.

“O que é que eu devo assinar?”, ela perguntou, em voz baixa.

“Não tenho tempo para explicar”, ele respondeu. “O *dog-cart* está à porta, e devo sair imediatamente. Além do mais, se eu tivesse tempo, você não iria entender. É um documento puramente formal, cheio de questões legais, e todo esse tipo de coisa. Vamos! Vamos! Assine o seu nome, e vamos acabar com isso o mais rápido possível.”

“Com certeza eu tenho de saber o que estou assinando, Sir Percival, antes de escrever o meu nome?”

“Tolice! O que as mulheres têm a ver com negócios? Estou lhe dizendo de novo, você não vai entender isso.”

“De qualquer modo, deixe-me tentar entender. Sempre que o Sr. Gilmore tinha qualquer coisa para eu fazer, ele sempre explicava em primeiro lugar; e sempre o entendi.”

“Eu me arrisco a dizer que ele explicava. Ele era seu empregado, e tinha obrigação de explicar. Eu sou seu marido, e *não* tenho obrigação. Quanto tempo mais você tenciona me manter aqui? Estou lhe dizendo de novo, não há tempo para ler nada; o *dog-cart* está esperando à porta. De uma vez por todas, você vai assinar, ou não vai?”

Ela ainda tinha a pena na mão; mas, não fez menção de assinar seu o

nome.

“Se a minha assinatura me compromete com alguma coisa”, ela disse, “com certeza eu tenho algum direito de saber o que é esse compromisso?”

Ele ergueu o pergaminho e o bateu com raiva na mesa.

“Fale!”, ele disse. “Você sempre foi famosa por dizer a verdade. Não se importe com a Srta. Halcombe; não se importe com Fosco... diga, em palavras simples, que você não confia em mim.”

O Conde tirou uma das mãos do cinto e a colocou no ombro de Sir Percival. Sir Percival a afastou com irritação. O Conde a colocou de novo, com uma imperturbável compostura.

“Controle o seu lamentável gênio, Percival”, ele disse. “Lady Glyde tem razão.”

“Razão!”, exclamou Sir Percival. “Uma esposa tendo razão ao desconfiar do marido!”

“É injustiça e crueldade me acusar de não confiar em você”, disse Laura. “Pergunte a Marian se não estou certa por desejar saber o que este documento exige de mim, antes de assiná-lo.”

“Eu não vou aceitar apelos feitos à Srta. Halcombe”, retrucou Sir Percival. “A Srta. Halcombe não tem nada a ver com o assunto.”

Eu nada havia dito até aquele momento, e preferiria não ter falado então. Mas, a expressão de angústia no rosto de Laura, quando ela o voltou na minha direção, e a insolente injustiça da conduta de seu marido não me deixaram alternativa a não ser dar a minha opinião, por causa de Laura, assim que ela me foi solicitada.

“Peço desculpas, Sir Percival”, eu disse, “mas, como uma das testemunhas da assinatura, eu me arrisco a dizer que *tenho* algo a ver com a questão. A objeção de Laura me parece ser bastante justa; e, falando apenas por mim, não posso assumir a responsabilidade de testemunhar a assinatura dela a não ser que ela em primeiro lugar entenda o que é o documento que o senhor deseja que ela assine.”

“Uma bela declaração, palavra de honra!”, exclamou Sir Percival. “Da próxima vez que a senhorita se convidar para morar na casa de um homem, Srta. Halcombe, recomendo que a senhorita não agradeça a hospitalidade dele ficando do lado da esposa contra ele em uma questão que não lhe diz respeito.”

Eu me levantei tão de repente como se ele tivesse me batido. Se eu fosse um homem, eu o teria derrubado na porta da casa dele, e teria saído da casa dele, para nunca mais, em qualquer circunstância, nela entrar de novo. Porém, eu era apenas uma mulher — e eu amava tanto a esposa dele!

Graças a Deus, esse amor fiel me ajudou, e me sentei de novo, sem dizer uma palavra. *Ela* sabia o que eu havia sofrido, e o que eu havia reprimido. Ela se aproximou rapidamente de mim, com as lágrimas correndo dos olhos. “Oh, Marian!”, ela sussurrou, com doçura. “Se minha mãe fosse viva, ela não poderia ter feito mais por mim!”

“Volte aqui e assine!”, gritou Sir Percival, do outro lado da mesa.

“Devo?”, ela perguntou no meu ouvido. “Eu assino, se você me disser.”

“Não”, eu respondi. “O direito e a verdade estão do seu lado; não assine nada a não ser que tenha lido primeiro.”

“Volte aqui e assine!”, ele repetiu, com seu tom de voz mais alto e mais irritado.

O Conde, que estivera observando nós duas com uma atenção profunda e silenciosa, interferiu pela segunda vez.

“Percival!”, ele disse. “*Eu* lembro que estou na presença de senhoras. Seja gentil o suficiente, por favor, para se lembrar disso também.”

Sir Percival se voltou para ele, mudo de raiva. A mão firme do Conde lentamente reforçou o aperto no ombro dele, e a voz calma do Conde repetiu, “Seja gentil o suficiente, por favor, para se lembrar disso também.”

Os dois se olharam. Sir Percival lentamente tirou o ombro de sob a mão do Conde; lentamente afastou o seu rosto dos olhos do Conde; obstinado, olhou para baixo e por alguns momentos para o pergaminho sobre a mesa; e então falou, com a submissão emburrada de um animal domado, e não com a resignação que convinha a um homem persuadido.

“Não desejo ofender ninguém”, ele disse. “Mas, a teimosia de minha esposa é suficiente para acabar com a paciência de um santo. Eu disse para ela que isto é simplesmente um documento formal, e o que mais ela pode querer? Você pode dizer o que quiser, mas não faz parte dos deveres de uma mulher desafiar o marido. Uma vez mais, Lady Glyde, e pela última vez, a senhora vai assinar, ou não?”

Laura voltou para o lado da mesa onde ele estava, e pegou a pena de novo.

“Eu vou assinar com prazer”, ela disse, “se tão somente o senhor me tratar como uma criatura responsável. Eu pouco me importo com qual sacrifício seja esperado de mim, se ele não afetar ninguém mais, e não levar a maus resultados...”

“Quem falou de um sacrifício sendo exigido da senhora?”, ele a interrompeu, com um retorno parcialmente contido de sua violência.

“Eu apenas quis dizer”, ela continuou, “que não me recusaria a fazer quaisquer concessões que pudesse fazer de modo honrado. Se tenho escrúpulos em assinar o meu nome em um documento do qual eu nada sei, por

que o senhor precisaria me julgar com tanta severidade? É muito injusto, eu acho, tratar os escrúpulos do Conde Fosco com mais indulgência do que o senhor está tratando os meus.”

Essa inadequada, ainda que muito natural, referência ao extraordinário poder do Conde sobre seu marido, indireta como era, reavivou o mau gênio de Sir Percival em um instante.

“Escrúpulos!”, ele repetiu. “*Seus* escrúpulos! Já está bastante tarde para que a senhora seja escrupulosa. Eu teria pensado que a senhora havia superado todas as fraquezas desse tipo, quando se rendeu à situação se casando *comigo*.”

No instante em que ele pronunciou essas palavras, Laura soltou a pena — olhou para ele com uma expressão em seus olhos que, durante toda a minha convivência com ela, eu nunca tinha visto antes, e lhe deu as costas em um silêncio mortal.

Essa profunda expressão do mais declarado e do mais amargo desprezo era tão pouco característica de Laura, tão completamente alheia à sua personalidade, que ela nos silenciou a todos. Havia algo oculto, sem a menor dúvida, sob a mera brutalidade superficial das palavras que o marido havia acabado de lhe dirigir. Havia algum insulto subjacente por trás delas, o qual eu ignorava completamente, mas que havia deixado a marca de sua profanação com tanta clareza no rosto dela que até um desconhecido poderia tê-la visto.

O Conde, que não era um desconhecido, viu com tanta clareza quanto eu. Quando me levantei de minha cadeira para me juntar a Laura, eu o ouvi murmurar para Sir Percival, “Seu idiota!”

Laura foi à minha frente enquanto eu me dirigia para a porta; e, ao mesmo tempo, seu marido falou com ela uma vez mais.

“A senhora se recusa terminantemente, então, a me dar a sua assinatura?”, ele disse, com o tom de voz alterado de um homem que tem ciência de ter permitido que suas palavras impróprias o prejudicassem seriamente.

“Depois de o que o senhor acabou de me dizer”, ela replicou, com firmeza, “eu me recuso a assinar até ter lido cada linha nesse pergaminho da primeira à última palavra. Venha, Marian, nós ficamos aqui tempo demais.”

“Um momento!”, interferiu o Conde, antes de Sir Percival ter ocasião de falar de novo. “Um momento, Lady Glyde, eu lhe imploro!”

Laura teria saído do aposento sem lhe dar atenção, mas eu a detive.

“Não faça do Conde um inimigo!”, eu sussurrei. “O que quer que você faça, não faça do Conde um inimigo!”

Ela cedeu ao meu apelo. Eu fechei a porta de novo, e nós ficamos perto

dela, esperando. Sir Percival sentou-se à mesa, com o cotovelo no pergaminho dobrado, e a cabeça apoiada no punho fechado. O Conde ficou entre nós — senhor da pavorosa posição em que nos encontrávamos, assim como ele era senhor de tudo mais.

“Lady Glyde”, disse ele, com uma gentileza que parecia se dirigir à nossa situação desamparada, e não a nós mesmas, “por favor, me perdoe se eu me aventuro a fazer uma sugestão; e, por favor, creia que falo com base em meu profundo respeito e apreço pela senhora desta propriedade.” Ele se voltou, brusco, na direção de Sir Percival. “É absolutamente necessário”, ele perguntou, “que essa coisa aí, sob o seu cotovelo, seja assinada hoje?”

“É necessário para os meus planos e desejos”, respondeu o outro, emburrado. “Mas essa consideração, como você deve ter percebido, não exerce influência sobre Lady Glyde.”

“Responda à minha pergunta, com clareza. Essa questão da assinatura pode ser adiada até amanhã, Sim, ou Não?”

“Sim... se você assim quiser.”

“Então, por que você está perdendo o seu tempo, aqui? Deixe a assinatura esperar até amanhã... Deixe que ela espere até você voltar.”

Sir Percival ergueu os olhos, com uma carranca e uma maldição.

“Você está assumindo um tom de voz comigo de que eu não gosto”, ele disse. “Um tom de voz que não vou aceitar vindo de nenhum homem.”

“Eu estou aconselhando você para o seu bem”, retrucou o Conde, com um sorriso de tranquilo desdém. “Dê tempo para você mesmo; dê tempo para Lady Glyde. Você esqueceu que o seu *dog-cart* está esperando à porta? Meu tom surpreende você... hã? Eu ousou dizer que sim... é o tom de voz de um homem que consegue se controlar. Quantos bons conselhos eu já dei para você em minha época? Mais do que você é capaz de contar. Alguma vez estive errado? Eu desafio você a me citar um exemplo disso. Vá! Faça a sua viagem. A questão da assinatura pode esperar até amanhã. Deixe que ela espere... e a retome quando você voltar.”

Sir Percival hesitou, e olhou o seu relógio. Sua ansiedade em relação à viagem secreta que ele faria naquele dia, renovada pelas palavras do Conde, agora estava, com toda clareza, disputando o controle de sua mente com a sua ansiedade para obter a assinatura de Laura. Ele pensou por alguns instantes; e então se levantou de sua cadeira.

“É fácil me derrotar com argumentos”, ele disse, “quando não tenho tempo para responder. Eu vou aceitar o seu conselho, Fosco... não porque o deseje, ou acredite nele, mas porque não posso me deter aqui por mais tempo.” Ele fez uma pausa e olhou, soturno, para a sua esposa. “Se a senhora não assinar quando eu voltar amanhã...!” O resto se perdeu no ruído dele

abrindo o armário sob a estante de livros de novo, e trancando o pergaminho uma vez mais. Ele pegou o chapéu e as luvas que estavam na mesa e se encaminhou para a porta. Laura e eu retrocedemos para deixá-lo passar. “Lembre-se de amanhã!”, ele disse para sua esposa, e saiu.

Nós esperamos que ele cruzasse o saguão e fosse embora. O Conde se aproximou de nós enquanto estávamos paradas perto da porta.

“A senhorita acabou de ver Percival em seu pior aspecto, Srta. Halcombe”, ele disse. “Como velho amigo dele, eu sinto por ele, e estou envergonhado por ele. Como velho amigo dele, prometo para a senhorita que ele não vai agir amanhã do mesmo modo vergonhoso como agiu hoje.”

Laura segurara o meu braço enquanto ele estava falando, e o apertou de modo significativo quando ele havia terminado de falar. Teria sido uma dura provação para qualquer mulher ficar de lado e ver o ofício de justificar a falta de conduta de seu marido tranquilamente assumido por um amigo dele na própria casa dela — e foi uma dura provação para *ela*. Eu agradei ao Conde com educação, e levei Laura para fora do aposento. Sim!, agradei a ele; pois eu já sentia, com uma sensação de impotência e humilhação indizíveis, que era ou interesse dele ou capricho dele garantir que eu continuasse morando em Blackwater Park; e eu sabia, depois da conduta de Sir Percival para comigo, que sem o apoio da influência do Conde, eu não poderia ter esperanças de continuar lá. A influência dele; a influência, dentre todas as outras, que eu mais temia, era, na verdade, o único elo que agora me prendia a Laura na hora em que ela mais precisava de apoio!

Nós ouvimos as rodas do *dog-cart* fazendo barulho no caminho coberto de cascalho, enquanto passávamos para o saguão. Sir Percival havia iniciado a sua viagem.

“Para onde ele está indo, Marian?”, sussurrou Laura. “Cada coisa nova que ele faz parece me deixar apavorada em relação ao futuro. Você tem alguma suspeita?”

Depois do que ela passara naquela manhã, eu não estava com vontade de lhe comunicar as minhas suspeitas.

“E como eu conheceria os segredos dele?”, eu disse, evasiva.

“Eu me pergunto se a governanta sabe?”, ela insistiu.

“Com certeza, não”, eu repliquei. “Ela deve saber tão pouco quanto nós.”

Laura balançou a cabeça, duvidosa.

“Você não ouviu a governanta dizer que havia um relato sobre Anne Catherick ter sido vista nestas redondezas? Você não acha que ele pode ter ido procurá-la?”

“Eu preferiria me acalmar, Laura, não pensando nisso de jeito nenhum; e,

depois do que aconteceu, é melhor você seguir o meu exemplo. Venha para o meu quarto, e descanse e se tranquilize um pouquinho.”

Nós nos sentamos juntas perto da janela, e deixamos que o fragrante ar estival acariciasse os nossos rostos.

“Eu tenho vergonha de olhar para você, Marian”, ela disse, “depois daquilo a que você se submeteu lá embaixo, por minha causa. Oh, meu amor, meu coração quase se parte quando penso nisso! Mas eu vou tentar recompensá-la... vou, mesmo!”

“Quietinha! Quietinha!”, eu respondi. “Não fale assim. O que significa uma simples mortificação de meu orgulho comparada ao pavoroso sacrifício da sua felicidade?”

“Você ouviu o que ele me disse?”, ela prosseguiu, rapidamente e com veemência. “Você ouviu as palavras... mas não sabe o que elas significavam... não sabe por que eu soltei a pena e dei as costas para ele.” Ela se levantou com uma súbita agitação e saiu andando pelo quarto. “Eu ocultei muitas coisas de você, Marian, por temer angustiar você, e deixá-la infeliz no começo de nossas novas vidas. Você não sabe como ele tem me tratado. E, no entanto, precisaria saber, pois viu como ele me tratou hoje. Você o ouviu me desdenhando por querer ser escrupulosa; você o ouviu dizer que eu me rendi à situação ao me casar com ele.” Ela se sentou de novo, seu rosto enrubescendo profundamente e as suas mãos se retorciam e se entrelaçavam em seu regaço. “Eu não posso contar para você agora”, ela disse, “vou começar a chorar se falar agora... Mais tarde, Marian, quando eu estiver mais segura de mim mesma. Minha pobre cabeça dói, querida... dói, dói, dói. Onde está o seu vidro de saís? Deixe que eu converse com você a seu respeito. Eu gostaria de ter assinado, por sua causa. Devo assinar amanhã? Eu preferiria me comprometer a comprometer você. Depois de você ficar ao meu lado contra ele, ele vai colocar toda a culpa em você se eu me recusar de novo. O que nós vamos fazer? Oh, se tivéssemos um amigo que nos ajudasse e nos aconselhasse! Um amigo em quem realmente pudéssemos confiar!”

Ela suspirou amargamente. Eu vi no seu rosto que ela estava pensando em Hartright — vi com clareza ainda maior porque as últimas palavras dela tinham me feito pensar nele também. Decorridos apenas seis meses do seu casamento, nós queríamos os préstimos fiéis que ele nos havia oferecido em suas palavras de despedida. Quão pouco eu outrora pensei que nós um dia pudéssemos precisar dele!

“Nós precisamos fazer o que puder para nos ajudar”, eu disse. “Vamos tentar conversar sobre isso com calma, Laura... Que nós façamos o que está em nosso poder para decidir pelo que for melhor.”

Juntando o que ela sabia sobre os problemas de seu marido, e o que eu

havia ouvido da conversa dele com o advogado, nós chegamos necessariamente à conclusão de que o pergaminho na biblioteca havia sido escrito com o propósito de emprestar dinheiro, e que a assinatura de Laura era absolutamente necessária para adequá-lo à concretização dos objetivos de Sir Percival.

A segunda questão, relacionada à natureza do contrato legal por meio do qual o dinheiro seria obtido, e o grau de responsabilidade pessoal a que Laura poderia se sujeitar se o assinasse sem saber o que fazia, envolvia considerações que iam muito além de qualquer conhecimento e experiência que qualquer uma de nós duas tivesse. Minhas convicções pessoais me levaram a acreditar que o conteúdo oculto do pergaminho escondia uma transação do tipo mais vil e mais fraudulento.

Eu não havia chegado a essa conclusão em consequência da recusa de Sir Percival mostrar o que estava escrito ou explicá-lo; pois essa recusa poderia muito bem ter se originado de sua índole obstinada e de seu temperamento dominador por si só. Meu único motivo para desconfiar da honestidade dele decorria da alteração que eu havia observado na linguagem e nos modos dele em Blackwater Park, uma alteração que me convenceu de que ele estivera desempenhando um papel durante todo o período de noivado na Mansão de Limmeridge. Sua delicadeza elaborada; sua cortesia cerimoniosa, que se harmonizava com as ideias antiquadas do Sr. Gilmore; sua modéstia com Laura, sua sinceridade para comigo, sua moderação com o Sr. Fairlie — todos esses eram artifícios de um homem mesquinho, ardiloso e brutal, que havia deixado cair a sua máscara quando sua duplicidade bem ensaiada alcançara o seu intuito, e havia se mostrado com clareza na biblioteca, nesse mesmo dia. Eu nada digo da amargura que essa descoberta causou em mim por conta de Laura, pois ela não deverá ser manifestada por quaisquer palavras minhas. Só me refiro a ela porque isso me levou a me opor a que Laura assinasse o pergaminho, quaisquer que pudessem ser as consequências, a não ser que Laura em primeiro lugar tivesse ciência do conteúdo.

Em tais circunstâncias, a única chance para nós, quando o dia de amanhã chegasse, seria ter uma objeção para assinar, que pudesse se basear em bases comerciais ou legais suficientemente firmes para abalar a resolução de Sir Percival, e fazê-lo suspeitar que nós duas, mulheres, conhecíamos as leis e as regras dos negócios tão bem quanto ele.

Depois de alguma reflexão, eu me decidi a escrever para o único homem honesto ao nosso alcance em quem poderíamos confiar para nos ajudar com discrição, em nossa situação de desamparo. O homem era o sócio do Sr. Gilmore — Sr. Kyrle — que administrava o negócio agora que nosso velho amigo havia sido obrigado a se afastar dele e a partir de Londres por causa de

sua saúde. Expliquei para Laura que tinha a palavra do próprio Sr. Gilmore para ter confiança implícita na integridade, discrição e conhecimento profundo de seu sócio de todos os negócios dela; e, com aprovação total dela, sentei-me na mesma hora para escrever a carta.

Eu comecei apresentando com exatidão para ele qual era a nossa situação; e então pedi seu conselho, manifestado em termos claros e precisos que nós pudéssemos compreender sem qualquer risco de má interpretação e de erros. Minha carta foi tão breve quanto fui capaz de escrevê-la, e estava, eu espero, livre de desculpas desnecessárias e de detalhes desnecessários.

No instante em que eu ia colocar o endereço no envelope, foi descoberto por Laura um obstáculo, que, no esforço e preocupação de escrever, havia me escapado completamente.

“Como nós vamos conseguir a resposta a tempo?”, ela perguntou. “Sua carta não será entregue em Londres antes de amanhã de manhã; e o correio não trará a resposta aqui até a manhã seguinte.”

O único modo de superar essa dificuldade era fazer com que a resposta nos fosse trazida do escritório do advogado por um mensageiro especial. Escrevi um *postscriptum*, pedindo que o mensageiro pudesse ser enviado com a resposta no trem das onze horas da manhã, que o deixaria em nossa estação vinte minutos depois da uma hora, assim lhe permitindo chegar a Blackwater Park no mais tardar às duas horas. Ele deveria receber instruções para procurar por mim, para não responder quaisquer perguntas feitas a ele por nenhuma outra pessoa, e para não entregar a carta em outras mãos que não fossem as minhas.

“Caso Sir Percival volte amanhã antes das duas horas”, eu disse para Laura, “o melhor recurso para você adotar é estar fora de casa, a manhã toda, com o seu livro ou com o seu bordado, e não aparecer aqui até o mensageiro ter tido tempo de chegar com a carta. Eu vou esperar por ele aqui, a manhã toda, para me precaver contra quaisquer contratempos ou erros. Seguindo este plano, espero e acredito que nós evitemos ser apanhadas de surpresa. Vamos para a sala de estar, agora. Podemos despertar suspeitas se ficarmos trancadas aqui por muito tempo.”

“Suspeitas?”, ela repetiu. “Suspeitas de quem nós podemos despertar, agora que Sir Percival saiu da casa? Você está pensando no Conde Fosco?”

“Talvez eu esteja, Laura.”

“Você está começando a não gostar dele tanto quanto eu, Marian.”

“Não; não a não gostar dele. Não gostar está sempre, de certo modo, associado ao desprezo; não vejo nada no Conde a ser desprezado.”

“Você não está com medo dele, está?”

“Talvez eu esteja... um pouquinho.”

“Com medo dele, depois de ele interferir em nosso favor hoje!”

“Sim. Tenho mais medo da interferência dele, do que da violência de Sir Percival. Lembre-se do que eu disse para você na biblioteca. O que quer que você faça, Laura, não faça do Conde um inimigo!”

Nós fomos para o andar de baixo. Laura entrou na sala de visitas, enquanto eu atravessava o saguão, com a carta na mão, para colocá-la na sacola do correio, que estava pendurada na parede à minha frente.

A porta da casa se abriu; e, quando eu passei por ela, vi o Conde Fosco e a esposa parados, conversando nos degraus do lado de fora, com os rostos voltados para mim.

A Condessa entrou no saguão, bastante apressada, e perguntou se eu tinha tempo para uma conversa particular de cinco minutos. Sentindo-me um pouco espantada por tal pedido vindo de tal pessoa, coloquei a minha carta na sacola e respondi que estava ao dispor dela. Ela pegou o meu braço com uma amabilidade e familiaridade pouco habituais; e, em vez de me levar a uma sala vazia, me levou para fora da casa até a faixa de grama que rodeava o grande lago dos peixes.

Quando nós passamos pelo Conde nos degraus, ele fez uma mesura e sorriu, e entrou imediatamente em casa, empurrando a porta do saguão às suas costas, mas não a fechando.

A Condessa me conduziu lentamente ao redor do lago dos peixes. Eu esperava ser a receptora de alguma confidência extraordinária; e fiquei atônita ao descobrir que a comunicação de Madame Fosco destinada apenas aos meus ouvidos era nada mais que uma cortês afirmação de sua simpatia por mim, depois do que havia acontecido na biblioteca. Seu marido tinha lhe contado tudo que se passara, e sobre os modos insolentes com que Sir Percival havia se dirigido a mim. Essa informação a havia chocado e angustiado tanto, por minha causa e por causa de Laura, que ela havia resolvido, se qualquer coisa desse tipo acontecesse de novo, mostrar a sua opinião sobre a conduta vergonhosa de Sir Percival partindo da casa. O Conde aprovara a ideia dela, e agora ela esperava que eu a aprovasse também.

Eu achei que esse era um procedimento muito estranho da parte de uma mulher tão reservada como Madame Fosco — sobretudo depois da troca de palavras ríspidas que havia acontecido entre nós durante a conversa no abrigo para barcos, naquela manhã mesmo. Entretanto, era meu claro dever reciprocamente uma afirmação cortês e amistosa, da parte de alguém mais velho que eu, com uma resposta cortês e amistosa. Eu respondi para a Condessa adequadamente, como ela falara comigo; e então, julgando que nós havíamos dito tudo que era necessário de cada lado, fiz uma tentativa de voltar para a

casa.

Porém, Madame Fosco parecia decidida a não se separar de mim e, para meu indizível espanto, resolveu também conversar. Até então a mais silenciosa das mulheres, ela então me importunou com fluentes lugares-comuns sobre o tema de vida de casada, sobre o tema de Sir Percival e de Laura, sobre o tema de sua própria felicidade; sobre o tema da conduta do falecido Sr. Fairlie em relação a ela no tocante ao legado, e sobre meia dúzia de outros assuntos além desses, até ela ter me detido, dando voltas e mais voltas no lago dos peixes, por mais de meia hora, e ter me cansado bastante. Quer ela tenha descoberto isso ou não, eu não saberia dizer; mas ela se deteve de modo tão abrupto como havia começado — olhou na direção da porta da casa — recobrou os seus modos frios em um instante — e soltou o meu braço por conta própria, antes que eu pudesse pensar em uma desculpa para me afastar dela.

Assim que eu abri a porta e entrei no saguão, me vi, repentinamente, frente a frente com o Conde de novo. Ele estava acabando de colocar uma carta na sacola do correio.

Depois de ele tê-la colocado, e de ter fechado a sacola, ele me perguntou onde eu havia deixado Madame Fosco. Eu lhe disse; e ele saiu pela porta do saguão, na mesma hora, para se juntar à esposa. Seus modos, quando ele conversou comigo, estavam tão estranhamente tranquilos e reprimidos que me voltei e olhei para ele, me perguntando se estaria doente ou deprimido.

Por que minha atitude seguinte foi me dirigir diretamente à sacola do correio, tirar a minha carta, olhá-la de novo, com uma vaga desconfiança em mim; e por que o fato de olhá-la pela segunda vez instantaneamente sugeriu à minha mente a ideia de selar o envelope para sua maior segurança, são mistérios que são ou muito profundos ou muito superficiais para que eu compreendesse. Mulheres, como todos sabem, constantemente agem movidas por impulsos que elas não podem explicar nem mesmo para si próprias; e só posso supor que um desses impulsos foi a causa oculta de minha conduta inexplicável nessa ocasião.

Qualquer que fosse a influência que me movia, encontrei motivos para me congratular por ter obedecido a ela ao me preparar para selar a carta em meu quarto. Eu havia originalmente fechado o envelope do modo usual, umedecendo a ponta adesiva e pressionando-a sobre o papel embaixo dela; e, quando mexi nela com o meu dedo, após um intervalo de quarenta e cinco minutos, o envelope se abriu em um instante, sem grudar ou rasgar. Talvez eu o tivesse pressionado de modo insuficiente? Talvez pudesse ter havido algum defeito na faixa adesiva?

Ou, talvez... Não! é muito revoltante sentir essa terceira conjectura se

agitando em minha mente. Eu prefiro não vê-la me confrontando com toda a clareza.

Quase temo o dia de amanhã — tanta coisa depende de meu tirocínio e autocontrole. Há duas precauções, de qualquer modo, que eu com certeza não esquecerei. Uma delas é a de manter uma aparência amistosa com o Conde; e a outra, estar bem prevenida, quando o mensageiro do escritório vier aqui com a resposta para a minha carta.

V

DIA 17 DE JUNHO. Quando a hora do jantar nos colocou todos juntos de novo, o Conde Fosco estava com seu estado de espírito habitual. Ele se esforçou para atrair a nossa atenção e nos entreter, como se estivesse determinado a apagar de nossas lembranças todas as recordações do que havia se passado na biblioteca naquela tarde. Vívidas descrições de suas aventuras ao viajar; histórias divertidas sobre pessoas famosas com quem ele havia se encontrado no exterior; comparações singulares entre os costumes sociais de diversas nações, ilustrados de modo indiscriminado com exemplos tirados de homens e de mulheres por toda a Europa; confissões bem-humoradas de inocentes extravagâncias de sua juventude, quando ele ditava a moda de uma cidadezinha italiana de segunda categoria, e escrevia absurdos romances à moda francesa para um jornal italiano de segunda categoria — tudo fluía em sucessão com tanta facilidade e com tanta alegria de seus lábios, e tudo voltado para as nossas várias curiosidades e vários interesses de modo tão direto e tão delicado, que Laura e eu o ouvimos com tanta atenção e, por mais que isso possa parecer inconsistente, com tanta admiração também, quanto a própria Madame Fosco. As mulheres são capazes de resistir ao amor de um homem, à fama de um homem, à aparência pessoal de um homem, e ao dinheiro de um homem; mas não são capazes de resistir à língua de um homem, quando ele sabe como conversar com elas.

Após o jantar, enquanto a impressão favorável que ele havia causado em nós ainda estava viva em nossas mentes, o Conde, modesto, se retirou para ler na biblioteca.

Laura propôs um passeio no parque para aproveitar o fim do longo anoitecer. Era necessário, por uma questão de cortesia, convidar Madame Fosco para se juntar a nós; mas, dessa vez, ela aparentemente havia recebido as suas ordens de antemão, e pediu-nos que fôssemos gentis e a desculpássemos. “O Conde provavelmente vai querer um novo suprimento de cigarros”, ela observou, à guisa de desculpas, “e ninguém consegue fazê-los como ele os aprecia, a não ser eu.” Seus frios olhos azuis quase se animaram enquanto ela dizia essas palavras — ela realmente parecia orgulhosa de ser o

meio pelo qual seu soberano e senhor se tranquilizasse com fumaça de tabaco!

Laura e eu saímos sozinhas.

Era um anoitecer enevoado e opressivo. Havia uma sensação de algo pernicioso no ar; as flores pendiam no jardim, e o chão estava ressequido e não havia sereno. A oeste, o céu, quando nós o víamos acima das árvores imóveis, tinha uma tonalidade amarelo pálida, e o sol estava se pondo, opaco, em meio à neblina. A chuva parecia próxima; ela cairia provavelmente com o cair da noite.

“Para que lado nós vamos?”, eu perguntei.

“Na direção do lago, Marian, se você quiser”, ela respondeu.

“Você parece estranhamente apegada, Laura, àquele lago sombrio.”

“Não; não ao lago, mas ao cenário à volta dele. A areia e a vegetação rasteira, e os abetos, são os únicos objetos que eu consigo ver, em toda esta grande propriedade, que me fazem lembrar de Limmeridge. Mas nós vamos andar em outra direção, se você preferir.”

“Não tenho passeios de minha predileção em Blackwater Park, meu bem. Um é igual ao outro, para mim. Vamos ao lago; nós podemos achar que está mais fresco ao ar livre do que está aqui.”

Nós caminhamos à sombra dos abetos cultivados em silêncio. O ar abafado do anoitecer nos oprimia a ambas; e, quando chegamos ao abrigo por barcos, ficamos felizes por nos sentar e descansar, lá dentro.

Uma cerração branca e baixa pairava sobre o lago. A densa linha marrom das árvores na margem oposta aparecia acima dela, como uma floresta anã flutuando no céu. O chão arenoso, que começava a sua descida no ponto onde nos sentávamos, estava misteriosamente perdido nos refolhos da cerração. O silêncio era horrível. Não se ouvia o sussurrar das folhas — nenhum canto de pássaro no bosque — nenhum grito de ave aquática lá das poças do lago oculto. Até o coaxar dos sapos havia cessado nessa noite.

“É muito desolado e melancólico”, disse Laura. “Mas aqui nós podemos ficar mais sozinhas que em qualquer outro lugar.”

Ela falou em voz baixa, e olhou a vastidão de areia e de nevoeiro com olhos fixos e pensativos. Eu conseguia perceber que a sua mente estava ocupada demais para sentir as lúgubres impressões advindas do mundo exterior, que já se haviam fixado em minha mente.

“Eu prometi, Marian, contar para você a verdade sobre a minha vida de casada, em vez de deixar você levar mais tempo para adivinhá-la por conta própria”, ela começou. “O segredo é o primeiro que já guardei de você, meu bem, e estou determinada a que ele seja o último. Eu fiquei quieta, como você sabe, por sua causa; e talvez um pouquinho por minha causa também. É muito

difícil para uma mulher confessar que o homem a quem ela entregou toda a sua vida, é o homem, dentre todos os outros, que menos se importa com a doação. Se você fosse casada, Marian... e, sobretudo, se fosse feliz no casamento... você sentiria por mim como nenhuma mulher solteira *pode* sentir, por mais gentil e fiel que possa ser.”

Que resposta poderia eu dar? Só fui capaz de pegar a mão dela, e de olhar para ela com todo o meu coração, conforme meus olhos me permitissem.

“Quantas vezes”, ela prosseguiu, “eu ouvi você dando risada a respeito daquilo que você costumava chamar de a sua ‘pobreza’! Quantas vezes você me fez discursos caçoístas de congratulação por minha riqueza! Oh, Marian, nunca mais dê risada. Agradeça a Deus por sua pobreza; ela fez de você a sua senhora, e poupou você do fado que recaiu sobre *mim*.”

Um triste começo partindo dos lábios de uma jovem esposa! Triste, em sua verdade discreta e claramente manifestada. Os poucos dias que havíamos passado juntos em Blackwater Park tinham sido suficientes para me mostrar — para mostrar para qualquer pessoa — o motivo pelo qual seu marido havia se casado com ela.

“Você não deve ficar angustiada”, ela disse, “por ouvir quão cedo as minhas decepções e as minhas provações começaram; ou, até por saber quais elas eram. Já é muito ruim tê-las em *minha* memória. Se eu contar para você como ele recebeu a primeira e última tentativa de demonstrar afeto de minha parte, você vai saber como ele sempre me tratou, tão bem como se eu tivesse descrito isso em muitas palavras. Foi um dia em Roma, quando havíamos ido juntos ao túmulo de Cecília Metella. O céu estava tranquilo e tão bonito, e as grandes e antigas ruínas pareciam lindas, e a recordação de que o amor de um marido havia erigido aquilo para a memória de uma esposa, me fez sentir mais terna e mais ansiosa em relação ao *meu* marido do que eu jamais havia sentido. ‘Você construiria um túmulo assim para *mim*, Percival?’, perguntei para ele. ‘Você disse que me amava muito, antes de nós nos casarmos; e, no entanto, desde aquela época...’ Não consegui prosseguir, Marian! Ele não estava nem olhando para mim! Eu abaixei o meu véu, achando melhor não deixá-lo ver que meus olhos estavam cheios de lágrimas. Imaginei que ele não tivesse prestado a menor atenção em mim; mas, ele tinha. Ele disse, ‘Vamos’, e deu risada sozinho, enquanto me ajudava a montar em meu cavalo. Ele montou o dele; e riu de novo, enquanto nos afastávamos. ‘Se eu construir um túmulo para você’, ele disse, ‘vai ser feito com seu próprio dinheiro. Eu fico me perguntando se Cecília Metella tinha uma fortuna e pagou o dela.’ Eu não respondi — e como poderia, se estava chorando sob o meu véu? ‘Ah, vocês, mulheres de pele clara, são todas emburradas’, ele disse. ‘O que você quer? Elogios e discursos amorosos? Bem, estou de bom humor esta manhã.

Considere os elogios feitos, e os discursos pronunciados.’ Os homens mal sabem, quando nos dizem coisas cruéis, quão bem nós nos lembramos delas, e quanto mal elas nos causam. Teria sido melhor para mim se eu tivesse continuado a chorar; mas o desprezo dele secou as minhas lágrimas e endureceu o meu coração. Desde essa ocasião, Marian, eu nunca mais me impedi de pensar em Walter Hartright. Eu deixo a lembrança daqueles dias felizes, quando nós nos amávamos tanto em segredo, retornar e me confortar. O que mais eu tinha para buscar como consolo? Se nós estivéssemos juntas, você teria me ajudado a melhorar a situação. Eu sei que isso foi errado, querida... mas, diga-me se eu estava errada, sem qualquer desculpa.”

Eu fui forçada a virar o rosto para o outro lado.

“Não me pergunte!”, eu disse. “Eu sofri como você sofreu? Que direito tenho de decidir?”

“Eu costumava pensar nele...”, ela continuou, baixando o tom de voz e se aproximando de mim, “eu costumava pensar nele, quando Percival me deixava sozinha à noite, para ir ficar entre o povo da Ópera. Eu costumava imaginar o que eu teria sido, se tivesse apazado a Deus me abençoar com a pobreza, e se eu tivesse sido esposa dele. Eu costumava me imaginar com meu vestido limpo e simples, sentada em casa e esperando por ele, enquanto ele estava ganhando o nosso sustento... sentada em casa e trabalhando por ele, e o amando ainda mais porque eu *tinha de* trabalhar para ele... vendo-o chegar cansado, e ajudando-o a tirar o chapéu e o casaco... e, Marian, o agradando com pratos simples no jantar, que eu tinha aprendido a fazer por causa dele. Oh, espero que ele nunca esteja sozinho o suficiente e triste o suficiente para pensar em mim, e me ver, assim como eu tenho pensado *nele* e *o* visto!”

Enquanto ela pronunciava essas palavras melancólicas, toda a ternura perdida retornou à sua voz, e toda a beleza perdida tremulou em seu rosto. Seus olhos se fixaram tão amorosos na paisagem perniciosa, solitária e agourenta à nossa frente, como se vissem as amistosas colinas de Cumberland no céu turvo e ameaçador.

“Não fale mais de Walter”, eu disse, assim que consegui me controlar. “Oh, Laura, poupe-nos da infelicidade de falar dele, agora!”

Ela se animou e me olhou com ternura.

“Eu preferiria me calar a respeito dele para sempre”, ela respondeu, “a causar um momento de dor a você.”

“É por pensar em você”, eu justifiquei, “é por sua causa que eu falo. Se o seu marido ouvisse você...”

“Não o surpreenderia, se ele me ouvisse.”

Ela me deu essa estranha resposta com uma calma e uma frieza apáticas. A alteração em seus modos, quando ela me deu a resposta, me sobressaltou

quase tanto quanto a própria resposta.

“Não o surpreender!”, eu repeti. “Laura! Lembre-se do que você está me dizendo... você me assusta!”

“É verdade”, ela disse; “é o que eu queria dizer para você hoje, quando estávamos conversando em seu quarto. Meu único segredo, quando desvelei o meu coração para ele em Limmeridge, era um segredo inofensivo, Marian... você mesma disse isso. O nome foi tudo que eu oculteí dele... e ele o descobriu.”

Eu a ouvi, mas não fui capaz de dizer nada. As últimas palavras dela haviam matado o pouquinho de esperança que ainda vivia em mim.

“Tudo aconteceu em Roma”, ela prosseguiu, com a mesma calma e frieza apáticas. “Nós estávamos em uma pequena festa, oferecida aos ingleses por alguns amigos de Sir Percival... o Sr. e a Sra. Markland. A Sra. Markland tinha a reputação de desenhar muito bem; e alguns dos convidados pediram-lhe que nos mostrasse alguns de seus desenhos. Nós todos os admiramos; mas algo que eu disse atraiu a atenção dela especialmente para mim. ‘Com certeza a senhora desenha?’, ela perguntou. ‘Eu costumava desenhar um pouco, outrora’, respondi, ‘mas desisti.’ ‘Se a senhora já desenhou’, ela disse, ‘pode retomar em algum momento; e, se o fizer, gostaria que me permitisse recomendar um professor.’ Eu não disse nada, você sabe a razão, Marian, e tentei mudar de assunto. Mas a Sra. Markland insistiu. ‘Eu tive todos os tipos de professor’, ela prosseguiu, ‘mas o melhor deles, o mais inteligente e o mais atencioso, foi um Sr. Hartright. Se algum dia a senhora voltar a desenhar, experimente-o como professor. Ele é jovem, modesto e com modos de cavalheiro; com certeza a senhora vai gostar dele.’ Pense nessas palavras me sendo ditas em público, na presença de estranhos... estranhos que haviam sido convidados para conhecer o noivo e a noiva! Fiz tudo que pude para me controlar; eu nada disse, e abaixei os olhos para examinar melhor os desenhos. Quando eu me arrisquei a erguer a cabeça de novo, meus olhos e os do meu marido se encontraram; e eu sabia, pelo olhar dele, que meu rosto me havia traído. ‘Nós vamos pensar nesse Sr. Hartright’, ele disse, me olhando o tempo todo, ‘quando voltarmos para a Inglaterra. Concorde com a senhora, Sra. Markland... Acho que Lady Glyde certamente gostará dele.’ Ele colocou tamanha ênfase nas últimas palavras que fez com que minhas faces queimassem e que meu coração comesçasse a bater como se fosse me sufocar. Nada mais foi dito; nós fomos embora cedo. Ele ficou em silêncio na carruagem, ao voltar para o hotel. Ele me ajudou a descer, e me seguiu escada acima, como sempre. Mas, no instante em que estávamos na sala de estar, ele trancou a porta, me empurrou em uma cadeira, e se inclinou por cima de mim, com as mãos nos meus ombros. ‘Desde aquela manhã em que você fez a sua

audaciosa confissão para mim em Limmeridge’, ele disse, ‘eu tenho tido vontade de descobrir o homem; e o descobri no seu rosto, esta noite. Seu professor de desenho era o homem; e o nome dele é Hartright. Você há de se arrepender disso, e ele há de se arrepender disso, até o último minuto de suas vidas. Agora, vá para a cama, e sonhe com ele, se quiser... com as marcas do meu chicote nos ombros dele.’ Sempre que está bravo comigo, agora, ele se refere ao que eu lhe declarei na sua presença, Marian, com desdém ou com uma ameaça. Eu não tenho forças para impedi-lo de dar a sua própria interpretação às horríveis ideias dele em relação ao segredo que lhe confiei. Eu não tenho influência para fazê-lo acreditar em mim, ou para mantê-lo em silêncio. Você pareceu se surpreender, hoje, quando o ouviu me dizer que eu havia me rendido à situação ao me casar com ele. Você não se surpreenderá de novo, quando o ouvir repetir isso, da próxima vez em que ele estiver zangado... Oh, Marian! Não! Não! Você está me machucando!”

Eu a pegara em meus braços; e a dor e o tormento de meu remorso os haviam cerrado ao redor do corpo dela como uma torquês. Sim! O meu remorso. O pálido desespero do rosto de Walter Hartright, quando as minhas palavras cruéis o apunhalaram no coração na casa de verão em Limmeridge, surgiu à minha frente em uma censura muda e insuportável. Minha mão havia indicado o caminho que conduziu o homem que minha irmã amava, passo a passo, para longe deste país e dos amigos dele. Entre aqueles dois corações jovens eu havia me colocado, para separá-los para sempre um do outro; e a vida dele e a vida dela jaziam, estéreis, à minha frente, como testemunhas da ação. Eu havia feito isso; e feito isso por Sir Percival Glyde.

Por Sir Percival Glyde.

Eu ouvia Laura falando, e sabia, pelo seu tom de voz, que ela estava me confortando — a *mim*, que não merecia nada além da censura do silêncio dela! Quanto tempo se passou antes de eu controlar a profunda tristeza de meus próprios pensamentos, eu não saberia dizer. Em primeiro lugar, eu me dei conta de que ela estava me beijando; e então os meus olhos pareceram despertar repentinamente para sua capacidade de enxergar, e eu sabia que estava olhando mecanicamente à minha frente para a paisagem do lago.

“Está tarde”, eu a ouvi murmurar. “Vai estar escuro em meio às árvores.” Ela sacudiu o meu braço e repetiu, “Marian! Vai estar escuro em meio às árvores.”

“Dê-me mais um minuto”, eu disse, “um minuto, para eu me sentir melhor.”

Eu receava não ter condição de olhá-la; e mantive os olhos fixos na paisagem.

Estava tarde. A densa linha marrom das árvores no céu havia se dissipado na escuridão que se avolumava, lembrando vagamente uma longa nuvem de fumaça. O nevoeiro sobre o lago lá embaixo havia furtivamente se expandido, e avançava em nossa direção. O silêncio estava mais sem vida do que nunca — porém, o horror dele se dissipara, e o solene mistério de sua impassibilidade era tudo o que restava.

“Estamos longe da casa”, ela murmurou. “Vamos voltar.”

Laura se deteve subitamente, e virou o rosto na direção da entrada do abrigo para barcos.

“Marian!”, ela disse, tremendo muito. “Você não está vendo nada? Olhe!”

“Onde?”

“Lá adiante, lá embaixo.”

Ela apontou. Os meus olhos seguiram a mão dela, e eu também vi.

Uma pessoa estava se movendo em meio à grande extensão de vegetação rasteira, à distância. Ela atravessou o nosso campo de visão, e passou, sombria, para o outro lado do nevoeiro. Ela se deteve, bem longe, à nossa frente — esperou — e prosseguiu; movendo-se lentamente, com a nuvem branca da névoa por trás e acima dela — devagar, devagar, até ter deslizado pelo canto do abrigo, e nós não a vimos mais.

Nós duas estávamos enervadas por tudo que havia acontecido entre nós naquele anoitecer. Alguns minutos se passaram antes que Laura se avertisse a caminhar entre as árvores, e antes de eu conseguir me resolver a levá-la de volta para a casa.

“Era um homem, ou uma mulher?”, ela perguntou, em um sussurro, enquanto nós finalmente íamos, na umidade escura do ar livre.

“Não tenho certeza.”

“O que você pensa?”

“Parece uma mulher.”

“Eu estava com medo de que fosse um homem com um casaco comprido.”

“Pode ser um homem. Com esta luz fraca, não é possível ter certeza.”

“Espere, Marian! Estou apavorada... não vejo o caminho. E se a figura nos seguir?”

“Não é provável, Laura. Não há nada mesmo com que se assustar. As margens do lago não ficam longe do vilarejo, e qualquer pessoa tem liberdade para andar ao longo delas, durante o dia ou à noite. É apenas de se espantar que não tenhamos visto nenhuma criatura viva ali antes.”

Nós estávamos então entre os abetos cultivados. Estava muito escuro — tão escuro que tivemos certa dificuldade para seguir o caminho. Eu dei o meu

braço para Laura, e nós andamos tão rápido quanto possível a caminho da casa.

Antes de termos feito metade do trajeto, ela se deteve e me forçou a me deter com ela. Ela estava ouvindo.

“Quietinha”, ela sussurrou. “Estou ouvindo alguma coisa atrás de nós.”

“Folhas secas”, eu disse, para animá-la, “ou um galhinho arrancado das árvores.”

“É verão, Marian, e não há o menor sopro de vento. Ouça!”

Eu ouvi o som, também — um som parecido com o de passos ligeiros nos seguindo.

“Não importa quem seja, ou o que seja”, eu disse, “vamos continuar andando. Em mais um minuto, se houver alguma coisa para nos assustar, estaremos perto o suficiente da casa para que nos ouçam.”

Nós prosseguimos rapidamente — tão rapidamente que Laura estava sem fôlego quando havíamos quase atravessado o terreno com os abetos cultivados, e já poderíamos ser vistas através das janelas iluminadas.

Esperei um instante, para Laura recuperar o fôlego. Assim que estávamos a ponto de continuar, ela me deteve de novo, e fez um gesto com a mão para que eu ouvisse uma vez mais. Nós duas ouvimos, claramente, um suspiro longo e profundo, atrás de nós, em meio ao negror das árvores.

“Quem está aí?”, eu disse, em voz alta.

Não houve resposta.

“Quem está aí?”, eu repeti.

Um minuto de silêncio se seguiu; e então nós ouvimos o ligeiro soar dos passos novamente, cada vez mais fracos... se perdendo na escuridão... se perdendo, se perdendo, se perdendo... até eles desaparecerem no silêncio.

Nós saímos apressadamente do meio das árvores para o gramado; o atravessamos rapidamente e, sem que outra palavra fosse trocada entre nós, chegamos à casa.

À luz da lamparina do saguão, Laura me olhou, com faces pálidas e olhos assustados.

“Estou morrendo de medo”, ela disse. “Quem poderia ter sido?”

“Nós vamos tentar adivinhar amanhã”, eu respondi. “Enquanto isso, não diga nada para ninguém sobre o que ouvimos e vimos.”

“Por que não?”

“Porque o silêncio é seguro; e nós temos necessidade de segurança nesta casa.”

Eu mandei Laura ir para o andar de cima na mesma hora; esperei um

minuto para tirar o meu chapéu e ajeitar os meus cabelos, e então fui na mesma hora fazer as minhas primeiras investigações na biblioteca, com a desculpa de procurar um livro.

Lá estava sentado o Conde, ocupando a maior poltrona da casa; fumando e lendo calmamente, com os pés em uma otomana, sua gravata sobre os joelhos e o colarinho aberto. E lá estava sentada Madame Fosco, como uma criança quietinha, em um escabelo ao lado dele, preparando os cigarros. Nem o marido nem a esposa poderiam, de maneira alguma, ter saído por muito tempo naquela noite, e ter acabado de voltar para casa às pressas. Eu senti que meu objetivo de ir à biblioteca havia sido respondido no momento em que coloquei os olhos neles.

O Conde Fosco se ergueu em uma confusão cortês, e deu o nó em sua gravata, quando eu entrei no aposento.

“Por favor, não permita que eu o perturbe”, eu disse. “Eu só vim aqui para pegar um livro.”

“Todos os pobres homens do meu tamanho sofrem com o calor”, disse o Conde, se refrescando, sério, com um grande leque verde. “Eu gostaria de poder trocar de lugar com a minha excelente esposa. Ela está tão fresca, neste instante, quanto um peixe no lago lá fora.”

A Condessa se permitiu degelar sob a influência da singular comparação de seu marido.

“Eu nunca sinto calor, Srta. Halcombe”, ela observou, com o modesto ar de uma mulher que estava confessando para alguém um de seus próprios méritos.

“A senhorita e Lady Glyde saíram esta noite?”, perguntou o Conde, enquanto eu pegava um livro da estante, para preservar as aparências.

“Sim; nós saímos para tomar um pouquinho de ar.”

“Posso perguntar em qual direção?”

“Na direção do lago... até o abrigo para barcos.”

“Ahá? Até o abrigo para barcos?”

Em outras circunstâncias, eu poderia ter me ressentido de sua curiosidade. Porém, esta noite eu a recebi como outra prova de que nem ele e nem a sua esposa tinham relação com a misteriosa aparição no lago.

“Nada de mais aventuras, eu suponho, esta noite?”, ele prosseguiu. “Nada de mais descobertas, como a sua descoberta do cachorro ferido?”

Ele fixou os insondáveis olhos cinzentos em mim, com aquele brilho frio, límpido e irresistível neles, que sempre me obriga a olhar para ele, e sempre me deixa desassossegada enquanto olho. Uma indizível suspeita de que a mente dele está investigando a minha me domina nessas ocasiões; e ela me

dominava nesse momento.

“Não”, eu respondi, concisa, “nada de aventuras... nada de descobertas.”

Eu tentei desviar os olhos dele e sair da sala. Estranho como possa parecer, acho que dificilmente teria conseguido se Madame Fosco não tivesse me ajudado fazendo com que ele se movesse e desviasse o olhar em primeiro lugar.

“Conde, o senhor está fazendo com que a Srta. Halcombe fique em pé”, ela disse.

No momento em que ele se virou para pegar uma cadeira, eu aproveitei a oportunidade, agradei, me desculpei e saí de mansinho.

Uma hora mais tarde, quando a empregada de Laura estava no quarto de sua patroa, eu aproveitei para me referir à noite abafada, tendo em vista me certificar em seguida de como os empregados haviam passado o seu tempo.

“Vocês estão sofrendo muito com o calor lá embaixo”, perguntei.

“Não, senhorita”, disse a moça, “nós não temos sentido, não a ponto de falar nisso.”

“Vocês então estiveram passeando no bosque?”

“Alguns de nós pensaram em ir, senhorita. Mas a cozinheira disse que ia colocar a cadeira dela no lado fresco do pátio, para fora da porta da cozinha; e, pensando melhor, todos nós colocamos as nossas cadeiras lá, também.”

A governanta era então a única pessoa que ainda restava.

“A Sra. Michelson já foi dormir?”, eu perguntei.

“Eu diria que não, senhorita”, disse a moça, sorrindo. “A Sra. Michelson provavelmente está se levantando agora, em vez de ir dormir.”

“Por quê? O que você está querendo dizer? A Sra. Michelson foi para a cama durante o dia?”

“Não, senhorita; não exatamente, mas, algo muito perto disso. Ela esteve dormindo no sofá, nos aposentos dela, desde o anoitecer.”

Juntando o que eu havia observado na biblioteca e o que eu havia acabado de ouvir da empregada da Laura, uma conclusão parecia inevitável. A figura que nós havíamos visto no lago não era a de Madame Fosco, de seu marido, ou de qualquer das empregadas. Os passos que ouvimos às nossas costas não eram os passos de ninguém que morasse na casa.

Quem poderia ter sido?

Parecia inútil perguntar. Eu não podia nem decidir se a figura era a de uma mulher ou de um homem. Só posso dizer que achava ser a de uma mulher.

DIA 18 DE JUNHO. O desespero da autocensura que eu senti, ontem à noite, ao ouvir o que Laura me disse no abrigo para barcos, retornou na solidão da noite, e me manteve acordada e infeliz por muitas horas.

Eu finalmente acendi a vela, e li os meus antigos diários para ver qual havia realmente sido a minha parcela no erro fatal do casamento dela, e o que poderia ter feito para salvá-la dele. O resultado me acalmou um bocadinho — pois me mostrou que, por mais que eu agisse às cegas e impensadamente, agi com a melhor das intenções. Chorar, geralmente, me faz mal; mas não foi o que aconteceu a noite passada — acho que me aliviou. Eu acordei hoje de manhã com uma resolução tomada e uma mente tranquila. Nada que Sir Percival possa dizer ou fazer irá me irritar de novo, ou me fazer esquecer, por um momento, que estou aqui, apesar das mortificações, dos insultos e das ameaças, para ajudar Laura e por amor a Laura.

As especulações a que nós poderíamos ter-nos dedicado, hoje de manhã, sobre o assunto da figura no lago e os passos em meio aos abetos cultivados foram todas suspensas por um ligeiro incidente que causou grande pesar a Laura. Ela perdeu o pequeno broche que eu lhe dei de presente, na véspera de seu casamento. Como ela o usava ontem, quando saímos ao anoitecer, nós só podíamos supor que ele deveria ter caído do vestido dela, ou no abrigo para barcos ou a caminho de volta. Os empregados foram mandados procurar, e voltaram de mãos abanando. E agora a própria Laura saiu procurá-lo. Se ela o encontrar ou não, a perda ajudará a justificar a ausência dela da casa, se Sir Percival voltar antes de a carta do sócio do Sr. Gilmore ser colocada em minhas mãos.

Acabou de soar uma hora. Estou pensando se seria melhor eu esperar aqui a chegada do mensageiro de Londres, ou sair discretamente e esperar por ele do lado de fora da casa do caseiro.

Minhas suspeitas de todos e de tudo nesta casa me inclinam a pensar que o segundo plano possa ser o melhor. O Conde está seguro na sala do café da manhã. Eu o ouvi, através da porta, enquanto subia as escadas, há dez minutos, exercitando seus canários nos truques deles: “Venham para o dedinho, meus lindí-din-dinhos! Venham e subam a escada! Um, dois, três... e para cima! Três, dois, um... e para baixo! Um, dois, três... piu, piu, piu, piiiuuu!” Os passarinhos irromperam em seu habitual êxtase canoro, e o Conde chilreava e assobiava para eles em resposta, como se ele próprio fosse um passarinho. A porta de meu quarto está aberta, e consigo ouvir o canto agudo e os assobios neste exato momento. Se realmente devo sair de mansinho, sem ser observada, agora é a hora.

Quatro horas. As três horas que se passaram desde que fiz a minha última anotação levaram toda a série de acontecimentos em Blackwater Park a uma

nova direção. Se para o bem, ou para o mal, ainda não posso e não ousa decidir.

Que eu volte em primeiro lugar ao ponto em que deixei o diário — ou então irei me perder na confusão de meus pensamentos.

Eu saí, como havia me proposto, para encontrar o mensageiro com a minha carta de Londres, ao lado da casa do caseiro. Nas escadas, não vi ninguém. No saguão, ouvi o Conde, ainda exercitando os seus passarinhos. Mas, ao atravessar o pátio, passei por Madame Fosco, caminhando sozinha em seu circuito favorito, ao redor do lago dos peixes. Eu na mesma hora comecei a andar mais devagar, de modo a evitar toda a aparência de estar com pressa; e cheguei até mesmo, por cautela, a perguntar se ela estava pensando em sair antes do almoço. Ela sorriu para mim do modo mais amistoso — disse que preferia ficar perto da casa — fez um aceno gentil com a cabeça — e tornou a entrar no saguão. Eu olhei para trás, e vi que ela havia fechado a porta antes de eu ter aberto o portãozinho ao lado do portão das carruagens.

Em menos de quinze minutos, eu cheguei à casa do caseiro.

A alameda dava uma virada abrupta para a esquerda, seguia em linha reta por uns cem metros, e então dava outra virada abrupta para a direita para se juntar à estrada principal. Entre essas duas viradas, escondida da casa do caseiro por um lado, e do caminho para a estação por outro, eu esperei, andando para lá e para cá. Sebes altas se encontravam dos meus dois lados; e, por vinte minutos, segundo o meu relógio, não vi nem ouvi nada. No fim desse espaço de tempo, o som de uma carruagem chegou aos meus ouvidos; e eu me deparei, ao me dirigir para a segunda virada, com uma carruagem de aluguel da estrada de ferro. Eu fiz sinal para o cocheiro se deter. Quando ele me obedeceu, um homem de aparência respeitável colocou a cabeça para fora da janela para ver o que havia acontecido.

“Com sua licença”, eu disse, “estou certa ao supor que o senhor vai indo a Blackwater Park?”

“Sim, senhora.”

“Com uma carta para alguém?”

“Com uma carta para a Srta. Halcombe, senhora.”

“Pode me entregar a carta. Eu sou a Srta. Halcombe.”

O homem tirou o chapéu, desceu da carruagem de aluguel imediatamente e me entregou a carta.

Eu a abri na mesma hora, e li estas linhas. Eu as copio aqui, achando melhor destruir o original por precaução.

“CARA SENHORA. Sua carta, recebida hoje de manhã, me causou grande ansiedade. Vou respondê-la do modo mais breve e simples possível.

Minha ponderada avaliação da declaração feita pela senhora, e meu conhecimento da posição de Lady Glyde, conforme definida no pacto antenupcial, me levam, lamento dizê-lo, à conclusão de que um empréstimo do dinheiro do contrato fiduciário a Sir Percival (ou, em outras palavras, um empréstimo de certa parte das vinte mil libras da fortuna de Lady Glyde) está sendo analisado, e que Lady Glyde é apresentada como uma das partes no negócio, de modo a garantir a aprovação dela de uma flagrante quebra do contrato, e apresentar a assinatura dela contra sua palavra, caso ela fosse reclamar posteriormente. É impossível, em qualquer outra suposição, justificar, na situação em que se encontra Lady Glyde, que a participação dela em qualquer tipo de negócio seja necessária.

Na hipótese de Lady Glyde assinar tal documento, assim como sou levado a supor que o instrumento em questão seja, os executores do dinheiro dela terão liberdade para adiantar para Sir Percival uma quantia de dinheiro retirada das vinte mil libras. Se o total assim emprestado não for restituído, e se Lady Glyde tiver filhos, a fortuna deles então ficaria com esse valor, pequeno ou grande, que foi adiantado, a menos. Em termos ainda mais simples, a transação, tanto quanto Lady Glyde saiba, pode ser uma fraude contra os seus filhos ainda não nascidos.

Em circunstâncias assim graves, eu recomendaria a Lady Glyde apresentar como motivo para recusar a assinatura dela o desejo de que o documento seja em primeiro lugar apresentado a mim, como representante legal da família (na ausência de meu sócio, o Sr. Gilmore). Nenhuma objeção razoável pode ser feita quanto à adoção dessa medida — pois, se a transação for honrosa, necessariamente não haverá dificuldade para que eu dê a minha aprovação.

Garantindo sinceramente minha prontidão para prestar-lhe qualquer auxílio adicional ou oferecer-lhe conselho que possa ser necessitado, peço-lhe que me creia, Senhora, seu fiel servidor,

WILLIAM KYRLE.”

Eu li essa carta gentil e racional com muita gratidão. Ela dava a Laura um motivo incontestável para se opor à assinatura, e que nós duas conseguíamos entender. O mensageiro havia esperado perto de mim enquanto eu estava lendo, para receber suas instruções quando eu tivesse acabado a leitura.

“O senhor faria a gentileza de dizer que entendi a carta, e que estou muito grata?”, eu disse. “Não há outra resposta necessária, agora.”

Bem no momento em que eu dizia essas palavras, segurando a carta aberta em minha mão, o Conde Fosco fez a curva da alameda vindo da estrada principal, e ficou parado à minha frente como se tivesse brotado do chão.

O inopinado do surgimento dele, no último lugar na face da terra em que

eu teria esperado encontrá-lo, me pegou completamente de surpresa. O mensageiro me desejou um bom dia e tornou a subir na carruagem de aluguel. Não consegui lhe dizer uma só palavra — nem fui capaz de retribuir a sua mesura. A convicção de que eu havia sido flagrada — e por aquele homem, dentre todos — me deixou absolutamente petrificada.

“Está voltando para casa, Srta. Halcombe?”, ele perguntou, sem aparentar a menor surpresa, e sem nem mesmo olhar para a carruagem, que partiu enquanto ele estava falando comigo.

Eu me recobrei o suficiente para fazer um gesto afirmativo.

“Também estou voltando”, disse ele. “Por favor, conceda-me o prazer de acompanhá-la. A senhorita aceita o meu braço? A senhorita parece surpresa por me ver!”

Eu aceitei o braço dele. O primeiro dos meus sentidos abalados a retornar foi o sentido que me alertou a sacrificar qualquer coisa a fazer do Conde um inimigo.

“A senhorita parece surpresa por me ver!”, ele repetiu, com seus modos discretamente persistentes.

“Eu achei, Conde, ter ouvido o senhor com os seus passarinhos na sala do café da manhã”, respondi, com tanta firmeza e presteza quanto fui capaz.

“Certamente. Mas meus filhinhos alados, cara senhorita, são muito parecidos com outros filhos. Eles têm os seus dias de perversidade, e hoje de manhã foi um deles. Minha esposa entrou, quando eu estava colocando-os de volta na gaiola, e me disse que a senhorita havia saído sozinha para dar um passeio. A senhorita lhe disse isso, não disse?”

“Claro que sim.”

“Bem, Srta. Halcombe, o prazer de acompanhar a senhorita foi uma tentação grande demais para eu resistir. Na minha idade, não há perigo de fazer tal confissão, há? Eu agarrei o meu chapéu, e saí para me oferecer como sua companhia. Até mesmo um homem velho e gordo como Fosco é melhor que nenhuma companhia? Peguei o caminho errado... Eu voltei, desesperado... e cá estou eu, tendo chegado (posso dizê-lo) no ponto alto dos meus desejos.”

Ele falava, nesse modo elogioso, com uma fluência que não me deixou nada a fazer além do esforço de manter a compostura. Ele não se referiu, nem mesmo superficialmente, ao que ele havia visto na alameda, ou à carta que eu ainda tinha em mãos. Essa descrição aziaga ajudou a me convencer de que ele deveria ter descoberto, pelos meios mais desonrados, o segredo de minha solicitação junto do advogado em nome dos interesses de Laura; e, tendo agora tido a garantia do modo sigiloso como eu havia recebido a resposta, havia descoberto o suficiente para atender aos seus propósitos, e tencionava apenas tentar acalmar as suspeitas que ele sabia que deveria ter despertado em

minha mente. Eu fui sábia o bastante, nas circunstâncias, para não tentar enganá-lo com explicações plausíveis — e mulher o bastante, não obstante o temor que eu sentia dele, para sentir como se minha mão estivesse maculada por se apoiar no braço dele.

Na frente da casa, nós encontramos o *dog-cart* que estava sendo levado de volta para os estábulos. Sir Percival havia acabado de retornar. Ele saiu para nos encontrar na porta da casa. Quaisquer que fossem os outros resultados da viagem, ela não havia conseguido subjugar o temperamento feroz dele.

“Oh! Cá estão vocês dois, de volta”, ele disse, com um rosto carrancudo. “O que significa a casa estar vazia desse jeito? Onde está Lady Glyde?”

Eu contei para ele da perda do broche e disse que Laura havia ido procurá-lo entre os abetos cultivados.

“Broche ou não”, ele resmungou, emburrado, “eu recomendo que ela não se esqueça do seu compromisso na biblioteca, esta tarde. Espero vê-la em meia hora.”

Eu tirei a mão do braço do Conde e subi lentamente as escadas. Ele me deu a honra de uma de suas magníficas medidas; e então se dirigiu, alegre, ao carrancudo dono da casa.

“Diga-me, Percival”, ele falou, “você fez um passeio agradável? E a sua bela e lustrosa Brown Molly voltou cansada?”

“A Brown Molly que vá pro inferno... e o passeio também! Eu quero o meu almoço.”

“E eu quero cinco minutos de conversa com você, Percival, antes”, retrucou o Conde. “Cinco minutos de conversa, meu amigo, aqui no gramado.”

“Sobre o quê?”

“Sobre negócios que lhe dizem muito respeito.”

Eu me detive, ao passar pela porta do saguão, o suficiente para ouvir essa pergunta e resposta, e para ver Sir Percival enfiar as mãos nos bolsos, em uma hesitação emburrada.

“Se você quer me importunar com qualquer um de seus escrúpulos infernais”, ele disse, “eu, por minha vez, não quero ouvi-los. Quero o meu almoço!”

“Venha cá, e fale comigo”, repetiu o Conde, ainda sem sofrer a menor influência das mais rudes palavras que o seu amigo pudesse lhe dirigir.

Sir Percival desceu os degraus. O Conde pegou-o pelo braço, e o conduziu para longe com gentileza. Os “negócios”, eu tinha certeza, se referiam à questão da assinatura. Eles estavam falando de Laura, e de mim, sem a menor dúvida. Eu me senti desencorajada e trêmula de ansiedade. Poderia ser da

maior importância para nós duas saber o que eles estavam dizendo um para o outro naquele momento — e nenhuma palavra daquilo tudo iria, com toda certeza, chegar aos meus ouvidos.

Eu andei pela casa, de um cômodo para o outro, com a carta do advogado em meu seio (eu tinha medo, nessa ocasião, até mesmo de colocá-la sob sete chaves), até a opressão de meu suspense quase me enlouquecer. Não havia sinais do retorno de Laura, e eu pensei em sair para procurá-la. Porém, as minhas forças estavam tão combalidas pelas tribulações e ansiedades da manhã, que o calor daquele dia me subjugou; e, após uma tentativa de chegar à porta, fui obrigada a voltar para a sala de estar e me deitar no sofá mais próximo para me recuperar.

Eu estava me recompondo quando a porta se abriu com suavidade, e o Conde deu uma olhada para dentro.

“Mil perdões, Srta. Halcombe”, ele disse, “só me arrisco a perturbá-la por ser o portador de boas notícias. Percival, que é caprichoso em todos os aspectos, como a senhorita sabe, julgou melhor mudar de ideia, no último momento, e a questão da assinatura foi deixada de lado por enquanto. Um grande alívio para nós todos, Srta. Halcombe, conforme eu vejo com prazer em seu rosto. Por favor, apresente os meus respeitos e felicitações quando a senhorita mencionar essa agradável mudança de circunstâncias para Lady Glyde.”

Ele saiu antes que eu me recuperasse de meu espanto. Não poderia haver dúvida de que essa extraordinária mudança de atitude na questão da assinatura se devia à influência dele, e que o fato de ele descobrir que eu escrevera para Londres ontem, e de ter recebido uma resposta hoje, lhe havia oferecido os meios de interferir com certo sucesso.

Eu senti essas impressões; porém, a minha mente parecia compartilhar da exaustão de meu corpo, e eu não tinha condições de me deter nelas, com qualquer referência útil ao presente duvidoso ou ao futuro ameaçador. Eu tentei, uma segunda vez, sair rapidamente e encontrar Laura; mas minha cabeça estava tonta, e meus joelhos tremiam. Não havia escolha a não ser desistir de novo, e voltar para o sofá, muito contra a minha vontade.

A quietude na casa e o zumbido dos insetos de verão do lado de fora das janelas abertas me acalmaram. Meus olhos se fecharam involuntariamente, e passei aos poucos para uma estranha condição, que não era estar desperta — pois eu nada sabia do que estava acontecendo ao meu redor — e também não era estar dormindo — pois eu tinha consciência de estar repousando. Nesse estado, a minha mente febril se descontrolou, enquanto o meu corpo exausto estava descansando; e, em um transe, ou sonho acordado de minha imaginação — não sei como chamá-lo — vi Walter Hartright. Eu não havia

pensado nele, desde que acordara naquela manhã; Laura não havia me dito nem uma palavra direta ou indiretamente que se referisse a ele; e, no entanto, eu o via então, com tanta clareza como se os tempos passados tivessem voltado, e nós estivéssemos uma vez mais juntos na Mansão de Limmeridge.

Ele apareceu para mim como um entre muitos outros homens, e eu não conseguia discernir claramente nenhum dos rostos deles. Estavam todos deitados nos degraus de um imenso templo em ruínas. Colossais árvores tropicais — com vigorosas trepadeiras se entrelaçando interminavelmente em seus troncos, e hediondos ídolos de pedra tremeluzindo e sorrindo ironicamente por entre folhas e caules e galhos — rodeavam o templo, e impediam a visão do céu, e lançavam uma sombra lúgubre sobre o desamparado grupo de homens nos degraus. Miasmas brancos se revolviam e se erguiam, furtivos, do chão, se aproximando dos homens em espirais, como fumaça, os tocando e os deixando mortos, um por um, nos lugares onde eles jaziam. Uma agonia de piedade e de temor por Walter soltou a minha língua, e eu lhe implorei que fugisse. “Volte! Volte!”, eu disse. “Lembre-se de sua promessa para *ela* e para *mim*. Volte para nós, antes que a Pestilência alcance você, e largue você morto assim como os demais!”

Ele me olhou, com uma tranquilidade sobrenatural em seu rosto. “Espere”, ele disse, “eu vou voltar. A noite em que eu encontrei a Mulher de Branco perdida na estrada foi a noite que reservei a minha vida para ser o instrumento de um Desígnio ainda invisível. Aqui, perdido na selva, ou lá, acolhido na terra onde nasci, ainda estou trilhando a estrada sombria que me conduz, e a você, e à irmã do seu amor e do meu, à desconhecida Vingança e ao inevitável Fim. Espere e observe. A Pestilência que afeta os demais irá passar por *mim*.”

Eu o vi de novo. Ele ainda estava na floresta, e a quantidade dos seus companheiros desvalidos havia se reduzido a muito poucos. O templo havia desaparecido, e os ídolos haviam desaparecido — e, no lugar deles, as figuras de homens escuros e muito pequenos à espreita por entre as árvores, com arcos em suas mãos, e flechas já encaixadas nos arcos. Uma vez mais, eu temi por Walter, e gritei para alertá-lo. Uma vez mais, ele se voltou para mim, com a imutável tranquilidade em seu rosto. “Mais um passo”, ele disse, “na estrada sombria. Espere e observe. A flecha que atinge os demais vai poupar a *mim*.”

Eu o vi pela terceira vez, em um navio naufragado, encalhado em um litoral selvagem e arenoso. Os botes superlotados estavam se afastando dele rumo à terra, e apenas ele havia sido deixado, para afundar com o navio. Eu gritei para ele chamar a atenção do bote que estava mais perto e fazer um derradeiro esforço por sua vida. O rosto tranquilo olhou para mim, e a voz serena me deu a resposta imutável. “Mais um passo na jornada. Espere e

observe. O Mar que afoga os demais vai poupar a *mim*.”

Eu o vi pela derradeira vez. Ele estava ajoelhado ao lado de um túmulo de mármore branco; e a sombra de uma mulher protegida por um véu surgiu por detrás do túmulo, e esperou ao lado dele. A tranquilidade sobrenatural do rosto dele havia se transformado em um pesar sobrenatural. Porém, a terrível convicção de suas palavras permaneceu a mesma. “Cada vez mais sombria”, ele disse, “cada vez mais distante. A Morte leva os bons, os belos e os jovens — e poupa a *mim*. A Pestilência que devasta, a Flecha que atinge, o Mar que afoga, o Túmulo que se fecha sobre o Amor e a Esperança, são etapas de minha jornada, e me conduzem para cada vez mais perto do Fim.”

Meu coração ficou oprimido por um temor que as palavras não são capazes de descrever, por uma amargura que as lágrimas não seriam capazes de aliviar. A escuridão se avolumou ao redor do peregrino junto do túmulo de mármore; se avolumou ao redor da mulher protegida por um véu que surgira detrás do túmulo; se avolumou ao redor da pessoa que sonhava e olhava para eles. Eu não vi e nem ouvi mais nada.

Fui despertada por uma mão que tocava o meu ombro. Era a de Laura.

Ela havia caído de joelhos ao lado do sofá. Seu rosto estava afogueado e agitado; e os seus olhos se encontraram com os meus, assombrados e desnorteados. Eu tive um sobressalto no instante em que a vi.

“O que aconteceu?”, perguntei. “O que assustou você?”

Ela olhou para a porta entreaberta — aproximou os lábios de meu ouvido — e respondeu em um sussurro:

“Marian!... a figura no lago... os passos, a noite passada... eu acabei de vê-la! eu acabei de falar com ela!”

“Com quem, pelo amor de Deus?”

“Anne Catherick.”

Eu estava tão sobressaltada com a perturbação no rosto e nos modos de Laura, e tão abatida por causa das primeiras impressões causadas por meu sonho ao acordar, que não tinha condição de aguentar a revelação que se me impôs quando o nome de Anne Catherick foi pronunciado pelos lábios dela. Só fui capaz de ficar paralisada, olhando Laura em um silêncio absoluto.

Ela estava absorta demais com o que havia acontecido para perceber o efeito que a sua resposta havia causado em mim. “Eu vi Anne Catherick! Eu falei com Anne Catherick!”, ela repetiu, como se eu não a tivesse ouvido. “Oh, Marian, tenho tantas coisas para contar para você! Venha... podemos ser interrompidas aqui... venha agora mesmo aos meus aposentos.”

Com essas palavras cheias de ansiedade, ela me pegou pela mão e me levou através da biblioteca para o último aposento no piso térreo, que havia sido preparado para uso especial dela. Nenhuma outra pessoa, com exceção da sua camareira, poderia ter tido qualquer desculpa para nos surpreender lá. Ela me fez entrar na frente, trancou a porta, e puxou as cortinas de chintz penduradas pelo lado de dentro.

O sentimento estranho e aturdido que havia se apossado de mim ainda perdurava. Mas uma convicção cada vez maior de que as complicações que haviam por tanto tempo ameaçado envolver Laura, e me envolver, de repente haviam apertado o cerco ao redor de nós duas, estava então começando a se insinuar em minha mente. Eu não era capaz de colocar em palavras — mal conseguia discernir isso de forma indistinta em meus pensamentos. “Anne Catherick!”, eu sussurrei, com meus botões, com uma inútil e impotente repetição, “Anne Catherick!”

Laura me levou para o assento mais próximo, uma otomana no meio do aposento. “Olhe!”, ela disse, “olhe aqui!”, e apontou para o peito de seu vestido.

Eu vi, pela primeira vez, que o broche perdido estava preso em seu devido lugar de novo. Havia algo real na contemplação dele, algo real no tocá-lo em seguida, que parecia acalmar o torvelinho e a confusão em meus pensamentos e me ajudar a me recompor.

“Onde você encontrou o seu broche?” As primeiras palavras que fui capaz de lhe dirigir eram palavras que faziam essa pergunta trivial naquele momento importante.

“Ela o encontrou, Marian.”

“Onde?”

“No chão do abrigo para barcos. Oh, como eu vou começar... como vou contar para você a respeito disso! Ela falou comigo de modo tão estranho... ela parecia tão terrivelmente doente... ela se afastou de mim tão de repente...!”

Sua voz ficou mais alta enquanto o tumulto de suas recordações se avolumava em sua mente. A desconfiança arraigada que, dia e noite, se faz presente em meu espírito nesta casa na mesma hora despertou para alertar Laura — assim como a contemplação do broche havia me levado a questioná-la, um instante antes.

“Fale baixo”, eu disse. “A janela está aberta, e a trilha do jardim passa por baixo dela. Comece pelo começo, Laura. Diga-me, palavra por palavra, o que se passou entre essa mulher e você.”

“Devo fechar a janela antes?”

“Não; apenas fale baixo; apenas lembre-se de que Anne Catherick é um assunto perigoso sob o teto de seu marido. Onde você a viu em primeiro lugar?”

“No abrigo, Marian. Eu saí, como você sabe, para procurar o meu broche; e andei pelo caminho através dos abetos cultivados, olhando para o chão com cuidado a cada passo. Desse jeito cheguei, depois de um bom tempo, ao abrigo; e, assim que eu estava lá dentro, fiquei de joelhos para procurar pelo chão. Eu ainda estava procurando, de costas para a entrada, quando ouvi uma voz baixa e estranha dizendo às minhas costas, ‘Senhorita Fairlie’.”

“Senhorita Fairlie!”

“Sim... meu velho nome... o nome tão caro e familiar, do qual eu achava ter me despedido para sempre. Eu me levantei de um salto... não assustada, a voz era muito meiga e gentil para assustar qualquer pessoa... mas muito surpresa. Lá, olhando para mim da porta de entrada, estava parada uma mulher, cujo rosto eu não lembrava ter visto antes...”

“Como ela estava vestida?”

“Ela estava com um vestido branco simples e bonito, e por cima dele um xale escuro simples, ralo e muito usado. A sua touca era de palha marrom, tão simples e muito usada quanto o xale. Eu fiquei espantada com a diferença entre o vestido e o resto das roupas dela, e ela viu que percebi isso. ‘Não olhe para a minha touca e o meu xale’, ela disse, falando de um modo rápido, sem fôlego e repentino, ‘se não posso usar branco, não me importa o que eu visto. Olhe o meu vestido, tanto quanto quiser; eu não tenho vergonha dele.’ Muito estranho, não foi? Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa para acalmá-la, ela estendeu uma das mãos, e vi meu broche nela. Eu fiquei tão contente e tão grata que me aproximei bastante dela para dizer o que eu realmente sentia. ‘A senhorita se sente grata o suficiente para me fazer uma pequena gentileza?’, ela perguntou. ‘Sim, claro’, respondi, ‘qualquer coisa que esteja ao meu alcance, eu ficarei feliz em fazer pela senhorita.’ ‘Então, permita que eu coloque o broche no seu vestido, agora que o encontrei.’ O pedido dela foi tão inesperado, Marian, e ela o fez com uma ansiedade tão extraordinária, que eu me afastei um ou dois passos, sem saber muito bem o que fazer. ‘Ah!’, ela disse, ‘sua mãe teria me deixado prender o broche.’ Havia alguma coisa na voz e no olhar dela, bem como no modo de ela mencionar a minha mãe com aquele tom de censura, que me fez ter vergonha de minha desconfiança. Eu peguei a mão dela que segurava o broche, e a coloquei com gentileza no peito do meu vestido. ‘A senhorita conheceu a minha mãe?’, perguntei. ‘Isso faz muito tempo? Eu vi a senhorita antes alguma vez?’ As mãos delas estavam ocupadas prendendo o broche; ela se deteve e as pressionou contra o meu peito. ‘A senhorita não se lembra de um lindo dia de primavera em

Limmeridge’, ela disse, ‘e a sua mãe caminhando pela trilha que levava à escola, com uma menininha de cada lado dela? Não tenho mais nada em que pensar desde então; e eu *me* lembro disso. A senhorita era uma das meninhas, e eu era a outra. A bela e inteligente Srta. Fairlie, e a pobre e perturbada Anne Catherick estiveram mais perto uma da outra, naquele dia, do que elas estão agora!’

“Você se lembrou dela, Laura, quando ela disse o seu nome para você?”

“Sim... Eu me lembrei de você, perguntando sobre Anne Catherick em Limmeridge, e de você dizer que uma vez ela tinha sido considerada parecida comigo.”

“O que fez você se lembrar disso, Laura?”

“*Ela* me fez lembrar. Enquanto eu estava olhando para ela, enquanto ela estava tão perto de mim, passou-me de repente pela cabeça que nós éramos parecidas uma com outra! O rosto dela estava pálido e magro e exausto; mas a expressão dele me sobressaltou, como se tivesse sido a visão de meu próprio rosto no espelho depois de uma longa doença. A descoberta, eu não sei o motivo, me causou tamanho choque, que fui perfeitamente incapaz de falar com ela naquele instante.”

“Ela pareceu magoada com o seu silêncio?”

“Receio que ela tenha ficado magoada por causa dele. ‘A senhorita não tem o rosto de sua mãe’, ela disse, ‘ou o coração de sua mãe. O rosto de sua mãe era moreno; e o coração de sua mãe, Srta. Fairlie, era o coração de um anjo.’ ‘Tenho certeza de que sinto simpatia pela senhorita’, eu disse, ‘embora possa não ser capaz de expressar isso conforme deveria. Por que a senhorita me chama de Srta. Fairlie...?’ ‘Porque eu amo o nome Fairlie, e odeio o nome Glyde’, ela respondeu, com violência. Eu não havia percebido nela nada que se parecesse com insanidade antes disso; mas, imaginei tê-la visto então nos olhos dela. ‘Apenas achei que a senhorita pudesse não saber que eu estava casada’, eu disse, lembrando-me da carta insana que ela me escreveu em Limmeridge, e tentando acalmá-la. Ela suspirou com amargura, e me deu as costas. ‘Não saber que a senhorita estava casada!’, ela repetiu. ‘Estou aqui *porque* a senhorita está casada. Estou aqui para expiar perante a senhorita, antes de me encontrar com a sua mãe no mundo além do túmulo.’ Ela se afastou cada vez mais de mim, até sair do abrigo; e então, observou e ficou escutando por uns minutos. Quando ela se virou para falar de novo, em vez de tornar a entrar, se deteve onde estava, olhando para mim, com uma mão em cada lado da entrada. ‘A senhorita me viu no lago, a noite passada?’, ela perguntou. ‘A senhorita me ouviu a seguindo em meio às árvores? Eu tenho esperado há dias para conversar sozinha com a senhorita... Deixei a única amiga que tenho no mundo, ansiosa e assustada por minha causa... Eu me

arrisquei a ser aprisionada de novo no manicômio... e tudo por sua causa, Srta. Fairlie, tudo por sua causa.’ As palavras dela me assustaram, Marian; e, no entanto, havia alguma coisa no seu modo de falar que me fez sentir dó dela com todo o meu coração. Eu tenho certeza de que minha pena deve ter sido sincera, porque ela me deu coragem para dizer à pobre criatura que entrasse, e se sentasse no abrigo para barcos, ao meu lado.”

“E ela se sentou?”

“Não. Ela balançou a cabeça, e me disse que deveria ficar onde estava, para observar e ouvir, e garantir que nenhuma outra pessoa nos surpreendesse. E, do começo ao fim, lá ela ficou, na entrada, com uma das mãos em cada lado da porta; às vezes se inclinando tão de repente para falar comigo; às vezes se retraindo tão de repente para olhar para os lados. ‘Eu estive aqui, ontem’, ela disse, ‘antes que escurecesse; e ouvi a senhorita, e a senhora que estava junto, conversando. Ouvi a senhorita dizer tudo a respeito de seu marido. Ouvi a senhorita dizer que não tinha influência para fazê-lo acreditar na senhorita, e não tinha influência para mantê-lo em silêncio. Ah! eu sabia o que essas palavras significavam; a minha consciência me disse enquanto estava ouvindo. Por que eu permiti que a senhorita se casasse com ele! Oh, meu medo... meu medo insano, infeliz e nefasto...!’ Ela cobriu o rosto com o seu xale simples e muito usado, e gemeu e murmurou consigo mesma por baixo dele. Eu comecei a ficar com medo de que ela pudesse se entregar a um desespero grande demais, que nem ela nem eu conseguiríamos controlar. ‘Tente se acalmar’, eu disse, ‘tente me contar como a senhorita poderia ter evitado o meu casamento.’ Ela tirou o xale do rosto, e olhou para mim com um olhar perdido. ‘Eu deveria ter tido coragem suficiente para ficar em Limmeridge’, ela respondeu. ‘Eu nunca deveria ter deixado que a notícia da chegada dele lá me fizesse ir embora. Eu deveria ter alertado e livrado a senhorita antes que fosse tarde demais. Por que eu só tive coragem para escrever aquela carta para a senhorita? Por que eu só causei o mal, quando queria e tencionava fazer o bem? Oh, meu medo... meu medo insano, infeliz e nefasto!’ Ela repetiu essas palavras, e ocultou de novo o rosto na ponta do seu xale simples e muito usado. Era pavoroso vê-la, e pavoroso ouvi-la.”

“Mas é claro, Laura, que você perguntou qual era o medo de que ela falava com tanta urgência?”

“Sim, eu perguntei.”

“E o que ela disse?”

“Ela me perguntou, em resposta, se *eu* não teria medo de um homem que me houvesse aprisionado em um manicômio, e certamente me aprisionaria de novo, se ele pudesse? Eu perguntei, ‘A senhorita ainda tem medo? Com certeza a senhorita não estaria aqui, se estivesse com medo, agora?’ ‘Não’, ela

disse, ‘eu não estou com medo, agora.’ Eu perguntei por que não. Ela de repente se inclinou para dentro do abrigo, e disse, ‘A senhorita não é capaz de ver por quê?’ Eu neguei com um gesto da cabeça. ‘Olhe para mim’, ela prosseguiu. Eu disse que lamentava ver que ela aparentava estar muito pesadosa e muito doente. Ela sorriu, pela primeira vez. ‘Doente?’, ela repetiu. ‘Eu estou morrendo. A senhorita sabe por que não estou com medo dele agora. A senhorita acha que vou encontrar a sua mãe no céu? Ela irá me perdoar, se eu a encontrar?’ Eu estava tão chocada e tão sobressaltada, que não consegui responder. ‘Eu tenho pensado nisso’, ela continuou, ‘o tempo todo em que tenho me escondido de seu marido, todo o tempo em que tenho estado doente. Os meus pensamentos me trouxeram para cá... eu quero expiar... quero desfazer tudo que eu puder do mal que uma vez causei.’ Eu lhe pedi, com tanta sinceridade quanto fui capaz, que me explicasse o que ela queria dizer com aquilo. Ela ainda me olhava com olhos fixos e perdidos. ‘Eu irei desfazer o mal?’, ela disse consigo mesma, em tom de dúvida. ‘A senhorita tem amigos para defendê-la. Se *a senhorita* ficar sabendo do Segredo dele, ele terá medo da senhorita; não irá se atrever a usá-la assim como ele me usou. Ele vai ter de tratar a senhorita com misericórdia, por amor a ele próprio, se ele tiver medo da senhorita e dos seus amigos. E se ele tratar a senhorita com misericórdia, e se eu puder dizer que isso foi obra minha...’ Eu ouvia ansiosa para saber mais; porém, ela se deteve nessas palavras.”

“Você tentou fazê-la continuar?”

“Eu tentei; mas ela só se afastou de mim de novo, e apoiou os braços e o rosto na parede do abrigo. ‘Oh!’, eu a ouvi dizer, com uma ternura dolorosa e desesperada em sua voz, ‘oh! Se apenas eu pudesse ser enterrada com a sua mãe! Se eu apenas pudesse acordar ao lado dela, quando a trombeta do anjo soar, e os túmulos derem os seus mortos na ressurreição!’ Marian!, eu tremia dos pés à cabeça... era tão horrível ouvi-la. ‘Mas, não há esperança quanto a isso’, ela disse, se mexendo um pouco, de modo a me olhar de novo, ‘não há esperanças para uma pobre desconhecida como eu. *Eu* não vou descansar sob a cruz de mármore que eu lavei com minhas próprias mãos, e a deixei tão branca e imaculada por amor a sua mãe. Oh, não! oh, não! A misericórdia de Deus, não a do homem, irá me levar até ela, onde os maus cessam de perturbar e onde repousam os cansados.’ Ela disse essas palavras tranquila e com um tom triste, com um suspiro profundo e desesperançado; e então esperou um pouquinho. O rosto dela estava confuso e perturbado; ela parecia estar pensando, ou tentando pensar. ‘O que foi que eu acabei de dizer?’, ela perguntou, depois de uns instantes. ‘Quando sua mãe ocupa os meus pensamentos, tudo mais se afasta deles. O que eu estava dizendo? O que eu estava dizendo?’ Eu lembrei a pobre criatura com toda a gentileza e delicadeza de que fui capaz. ‘Ah, sim, é isso’, ela disse, ainda de um modo

vago e perplexo. ‘A senhorita nada pode fazer com o seu marido perverso. Sim. E eu devo fazer o que vim fazer aqui... Eu preciso expiar perante a senhorita por ter tido medo de me manifestar em uma hora mais propícia.’ ‘O que é que a senhorita tem a me dizer?’, perguntei. ‘O Segredo de que seu cruel marido tem medo’, ela respondeu. ‘Certa vez, eu o ameacei com o Segredo, e o amedrontei também.’ O rosto dela ficou ensombrecido; e um olhar duro e raivoso se fixou nos olhos dela. Ela começou a abanar a mão para mim, de um modo estranho e sem sentido. ‘Minha mãe conhece o Segredo’, ela disse. ‘Minha mãe definhou sob o peso do Segredo metade da vida dela. Um dia, quando eu tinha crescido, ela disse alguma coisa para *mim*. E, no dia seguinte, o seu marido...’”

“E então? E então? O que ela disse depois?”

“Ela se deteve de novo, Marian, nesse ponto...”

“E não disse mais nada?”

“E ela ouvia, muito atenta. ‘Shhh!’, ela sussurrou, ainda abanando a mão para mim. ‘Shhh!’ Ela se moveu para o lado, fora da porta, se moveu devagar e furtivamente, passo a passo, até eu perdê-la de vista no canto do abrigo para barcos.”

“Mas é claro que você a seguiu?”

“Sim, a minha ansiedade me fez ser ousada o bastante para eu me levantar e segui-la. Assim que cheguei à entrada, ela apareceu de novo, de repente, lá do canto do abrigo. ‘O segredo’, eu sussurrei para ela, ‘espere e me conte o segredo!’ Ela segurou o meu braço, e me olhou, com olhos desvairados e assustados. ‘Agora não’, ela disse, ‘não estamos sozinhas... estamos sendo vigiadas. Venha aqui amanhã, nesta hora... sozinha... veja bem... sozinha.’ Ela me empurrou com força para dentro do abrigo de novo, e não a vi mais.”

“Oh, Laura, Laura, outra chance perdida! Se eu estivesse perto de você, ela não nos teria escapado. De que lado você a perdeu de vista?”

“Do lado esquerdo, onde o terreno está em declive e as árvores são mais cerradas.”

“Você saiu correndo de novo? Você a chamou?”

“Como eu poderia? Eu estava apavorada demais para me mexer ou falar.”

“Mas quando você *se mexeu*... quando você saiu...?”

“Eu vim correndo para cá, para contar para você o que tinha acontecido.”

“Você viu alguém, ou ouviu alguém, entre os abetos?”

“Não... tudo parecia estar tranquilo e silencioso, quando eu passei por lá.”

Esperei uns instantes, para refletir. Seria essa terceira pessoa, que supostamente teria estado presente, às escondidas, durante a conversa, uma realidade ou uma figura saída da imaginação exacerbada de Anne Catherick?

Era impossível determinar. A única coisa certa era: nós havíamos fracassado de novo, quando estávamos prestes a descobrir; fracassado total e irremediavelmente, a não ser que Anne Catherick fosse ao encontro no abrigo para barcos no dia seguinte.

“Você tem certeza absoluta de que me disse tudo que aconteceu? Cada palavra que foi dita?”, eu perguntei.

“Acho que sim”, ela respondeu. “Minha capacidade de memória, Marian, não é igual à sua. Mas eu estava tão fortemente impressionada, tão profundamente interessada, que nada importante pode ter-me escapado.”

“Minha querida Laura, as menores ninharias são importantes no que diz respeito a Anne Catherick. Pense de novo. Nenhuma referência casual foi feita por ela sobre o lugar onde ela está vivendo agora?”

“Nenhuma de que eu possa me lembrar.”

“Ela não mencionou uma companheira e amiga... uma mulher chamada Sra. Clements?”

“Oh, sim! Sim! Eu me esqueci disso. Ela me disse que a Sra. Clements queria muito ir com ela ao lago, e cuidar dela, e pediu e implorou que ela não fosse se arriscar sozinha nestas vizinhanças.”

“Isso foi tudo que ela disse sobre a Sra. Clements?”

“Sim, foi tudo.”

“Ela não disse nada para você sobre o local onde ela se refugiou depois de partir de Todd’s Corner?”

“Nada... Tenho certeza absoluta.”

“Nem onde ela tem vivido desde então? Nem qual foi a doença dela?”

“Não, Marian; nem uma palavra. Diga-me, por favor, diga-me o que você acha disso. Eu não sei o que pensar, ou o que fazer em seguida.”

“Você tem de fazer o seguinte, meu bem: você precisa, com cautela, ir ao encontro no abrigo para barcos, amanhã. É impossível dizer o que não pode depender de seu encontro com essa mulher de novo. Você não vai ficar sozinha uma segunda vez. Eu vou seguir você, a uma distância segura. Ninguém há de me ver; mas ficarei ao alcance de sua voz, se qualquer coisa acontecer. Anne Catherick escapou de Walter Hartright, e escapou de *você*. O que quer que aconteça, ela não há de escapar de *mim*.”

Os olhos de Laura perscrutaram os meus.

“Você acredita”, ela disse, “nesse segredo de que meu marido tem medo? Suponha, Marian, que ele exista, afinal de contas, apenas na imaginação de Anne Catherick. Suponha que ela apenas quisesse me ver e falar comigo, por causa das velhas recordações? Os modos dela eram tão estranhos, que quase duvidei dela. Você confiaria nela em outros aspectos?”

“Eu não confio em nada, Laura, além de minha própria observação da conduta de seu marido. Eu julgo as palavras de Anne Catherick pelas ações dele; e acredito que *haja* um segredo.”

Eu nada mais disse, e me levantei para sair do aposento. Pensamentos que eu poderia ter-lhe dito se nós tivéssemos conversado por mais tempo me perturbavam, e poderia ter sido perigoso para ela conhecê-los. A influência daquele sonho pavoroso do qual ela me havia despertado, pairava tenebrosa e opressiva acima de todas as impressões recentes que o desenrolar da narrativa dela produziu em minha mente. Eu senti o Futuro aziago se aproximando, me enregelando, com um indizível temor; impondo a mim a convicção de um Desígnio impremeditável na longa cadeia de problemas que havia então nos circundado. Eu pensei em Hartright — assim como o vi, fisicamente, quando ele se despediu; assim como o vi, em espírito, em meu sonho — e também comecei a me perguntar então se nós não estávamos avançando, às cegas, rumo a um determinado e inevitável Fim.

Deixando Laura ir sozinha para o andar superior, eu saí para dar uma olhada nas trilhas nas proximidades da casa. As circunstâncias em que Anne Catherick havia se despedido de Laura haviam me deixado secretamente ansiosa para descobrir como o Conde Fosco estava passando a tarde; e havia me deixado secretamente desconfiada dos resultados daquela viagem solitária da qual Sir Percival não havia retornado senão há poucas horas.

Após procurá-los em todas as direções, e nada descobrindo, eu voltei para a casa e entrei nos diferentes aposentos do piso térreo, um depois do outro. Todos eles estavam vazios. Eu saí de novo para o saguão, e subi para me juntar a Laura. Madame Fosco abriu a sua porta, quando passei por ela ao seguir pelo corredor, e parei para ver se ela poderia me informar sobre o paradeiro do marido dela e de Sir Percival. Sim; ela os havia visto, da sua janela, havia mais de uma hora. O Conde havia olhado para cima, com sua costureira gentileza e mencionado, com sua habitual atenção para com ela nas mais insignificantes ninharias, que ele e seu amigo estavam saindo juntos para um longo passeio.

Para um longo passeio! Eles nunca tinham estado na companhia um do outro com esse objetivo, pelo que eu conhecia deles. Sir Percival não se importava com atividades físicas a não ser cavalgar; e o Conde (a não ser quando era cortês o suficiente para ser meu acompanhante) não se importava com atividade física nenhuma.

Quando eu me juntei a Laura, descobri que ela havia se lembrado, em minha ausência, da premente questão da assinatura do documento, que, na ânsia de discutir a sua conversa com Anne Catherick, nós tínhamos até então deixado de lado. As primeiras palavras dela, quando a vi, expressaram sua

surpresa com a ausência da esperada convocação para ir ter com Sir Percival na biblioteca.

“Você pode ficar tranquila a esse respeito”, eu disse. “No momento presente, pelo menos, nem a sua decisão, nem a minha, serão expostas a qualquer tribulação futura. Sir Percival mudou seus planos; a questão da assinatura foi deixada de lado.”

“Deixada de lado?”, Laura repetiu, espantada. “Quem disse isso para você?”

“Meu informante é o Conde Fosco. Acredito que é devido à interferência dele que nós devemos a súbita mudança de intenções de seu marido.”

“Parece impossível, Marian. Se o objetivo de minha assinatura era, como nós supomos, obter dinheiro para Sir Percival, de que ele necessita com urgência, como o assunto pode ser deixado de lado?”

“Eu acho, Laura, que temos em mãos os meios de esclarecer essa dúvida. Você se esqueceu da conversa que ouvi entre Sir Percival e o advogado, enquanto eles estavam atravessando o saguão?”

“Não; mas eu não me lembro de...”

“Eu me lembro. Duas alternativas foram propostas. A primeira era a de obter sua assinatura no documento. A outra era ganhar tempo dando notas promissórias para três meses. Esta última medida é, evidentemente, a medida agora adotada; e nós podemos esperar que seremos liberadas de nosso envolvimento nas dificuldades de Sir Percival por algum tempo no futuro.”

“Oh, Marian, isso soa bom demais para ser verdade!”

“Soa, meu bem? Você acabou de me cumprimentar pela minha boa memória não faz muito tempo... mas parece duvidar dela agora. Eu vou pegar o meu diário, e você vai ver se estou certa ou estou errada.”

Eu fui pegar o diário na mesma hora. Ao olhar as anotações que se referiam à visita do advogado, nós descobrimos que as minhas lembranças das duas alternativas apresentadas eram totalmente corretas. Era quase um alívio tão grande para a minha mente quanto para a de Laura descobrir que minha memória me havia ajudado, nessa ocasião, com tanta fidelidade quanto de costume. Na perigosa incerteza de nossa atual situação, é difícil dizer quais interesses futuros não poderão depender da regularidade das anotações em meu diário, e da confiabilidade de minhas recordações no momento em que eu as escrevo.

O rosto e os modos de Laura sugeriram-me que essa última consideração lhe havia ocorrido, assim como também me ocorrera. De qualquer modo, essa é apenas uma questão insignificante, e estou quase com vergonha de colocá-la aqui por escrito — ela parece colocar a nossa situação de desamparo em uma

luz tão lamentavelmente vívida. Nós temos muito pouco mesmo com que contar, quando a descoberta de que ainda se pode confiar em minha memória para nos servir é aclamada como se fosse a descoberta de um novo amigo!

O primeiro sino para o jantar nos separou. Assim que ele havia acabado de soar, Sir Percival e o Conde voltaram de seu passeio. Nós ouvimos o dono da casa berrando com o empregado por estar cinco minutos atrasado; e o hóspede do dono da casa interferindo, como de costume, em nome do bom procedimento, da paciência e da paz.

* * * * *

A noite caiu e passou. Não houve nenhum acontecimento extraordinário. No entanto, observei certas peculiaridades na conduta de Sir Percival e na do Conde, que me fizeram ir dormir sentindo-me muito ansiosa e intranquila por causa de Anne Catherick, e por causa dos resultados que o dia de amanhã pode produzir.

Eu sei o bastante, agora, para ter a certeza de que o mais falso aspecto de Sir Percival, e que, portanto, é o que tem um significado pior, é o seu aspecto cortês. Aquela longa caminhada com o seu amigo tivera como resultado ele melhorar os seus modos, especialmente em relação à sua esposa. Para a secreta surpresa de Laura, e para meu segredo receio, ele a chamou pelo nome de batismo; perguntou-lhe se ela havia tido notícias do tio recentemente; perguntou quando a Sra. Vesey receberia o convite para vir a Blackwater, e prodigalizou-lhe tantas outras pequenas atenções que ele quase rememorou os dias de sua odiosa corte na Mansão de Limmeridge. Esse era um mau sinal, para começar; e considere ainda mais funesto que ele fingisse, depois do jantar, adormecer na sala de estar, e que seus olhos acompanhassem, arditos, a Laura e a mim, quando ele achava que nenhuma de nós duas suspeitasse dele. Eu nunca tive a menor dúvida de que a repentina viagem solitária o tivesse levado a Welmingham para interrogar a Sra. Catherick — mas a experiência desta noite me fez temer que o trajeto não tivesse sido feito em vão, e que ele tivesse obtido a informação que o levara a se afastar de nós para conseguir. Se eu soubesse onde encontrar Anne Catherick, eu acordaria amanhã com o nascer do sol, e a avisaria.

Enquanto o aspecto sob o qual Sir Percival se apresentava esta noite fosse, infelizmente, familiar demais para mim, o aspecto sob o qual o Conde se apresentava, por outro lado, era totalmente novo para o conhecimento que eu tinha dele. Ele me permitiu, nesta noite, conhecê-lo, pela primeira vez, no papel de um Homem de Sentimentos — de sentimentos, conforme creio, realmente sentidos, e não fingidos para a ocasião.

Por exemplo, ele estava quieto e melancólico; seus olhos e sua voz

expressavam uma sensibilidade contida. Ele usava (como se houvesse alguma conexão oculta entre a sua mais vistosa indumentária e seus mais profundos sentimentos) o mais magnífico colete com que ele já havia se apresentado — feito de seda de um tom pálido de verde-mar, e delicadamente arrematado com finíssimos fios de prata. A sua voz adotou as mais ternas inflexões, o seu sorriso expressava uma admiração reflexiva e paternal, sempre que ele falava com Laura ou comigo. Ele apertava a mão da esposa, por baixo da mesa, quando ela lhe agradecia por pequenas delicadezas durante o jantar. Ele bebeu vinho com ela. “À sua saúde e felicidade, meu anjo!”, ele disse, com olhos amorosos e úmidos. Ele comeu pouco, quase nada, e suspirava e dizia, “Bom Percival!”, quando o seu amigo ria dele. Depois do jantar, ele pegou Laura pela mão e lhe perguntou se ela seria “tão gentil e tocaria para ele.” Ela concordou, completamente aturdida. Ele se sentou ao lado do piano, com a corrente do relógio se enroscando, como uma serpente de ouro, na protuberância verde-marinha de seu colete. Sua imensa cabeça pendia, lânguida, para um lado; e ele gentilmente acompanhava o ritmo da música com dois dos seus dedos amarelo-esbranquiçados. Ele deu a sua aprovação total para a música, e admirou, com ternura, o modo como Laura tocava — não como o pobre Hartright costumava elogiar, com uma inocente fruição dos doces sons, mas com um conhecimento claro, culto e prático dos méritos da composição, em primeiro lugar, e dos méritos do modo como a musicista tocava, em segundo lugar. Quando a noite caiu, ele pediu que a adorável luz que se extinguia não fosse profanada exatamente naquele instante com o aparecimento das lamparinas. Ele se aproximou, com seus passos horivelmente silenciosos, da janela distante junto da qual eu estava parada, para ficar fora do caminho e evitar a mera visão dele — ele foi lá para me pedir que apoiasse o protesto dele contra as lamparinas. Se qualquer uma delas pudesse tão somente tê-lo queimado, naquele instante, eu desceria até a cozinha e a pegaria pessoalmente.

“Certamente a senhorita gosta deste modesto e tremeluzente crepúsculo inglês?”, ele disse, em voz baixa. “Ah! eu o amo. Eu sinto a minha inata admiração por tudo que é nobre e grande e bom purificada pelo hálito do Céu, em uma noite como esta. A Natureza tem alguns encantos imperecíveis, algumas ternuras inextinguíveis para mim...! Eu sou um homem velho e gordo: palavras que cairiam bem se pronunciadas por seus lábios, Srta. Halcombe, soam como um escárnio e uma zombaria pronunciadas pelos meus. É difícil ser motivo de troça em ocasiões de sentimento, como se minh'alma fosse como eu, velha e muito grande. Observe, cara senhorita, o que é a luz que morre sobre as árvores! Ela penetra no seu coração, assim como penetra no meu?”

Ele fez uma pausa — me olhou — e repetiu os famosos versos de Dante

sobre o anoitecer, com uma melodia e uma ternura que acrescentaram um encanto todo próprio à incomparável beleza da própria poesia.

“Bah!”, ele exclamou, de repente, tão logo a derradeira cadência daquelas nobres palavras italianas se extinguiu em seus lábios, “eu faço o papel de um velho tolo, e apenas enfasto a todos! Vamos cerrar a janela em nossos peitos, e voltar ao mundo prosaico. Percival! Eu sanciono a admissão das lamparinas. Lady Glyde... Srta. Halcombe... Eleanor, minha boa esposa... qual das três satisfará os meus caprichos com uma partida de dominó?”

Ele se dirigiu a nós três, mas olhou especificamente para Laura.

Ela havia aprendido a sentir o meu medo de ofendê-lo, e aceitou a proposta dele. Era mais do que eu teria podido fazer, naquela hora. Eu não teria conseguido me sentar à mesma mesa com ele, por nada deste mundo. Os olhos dele pareciam alcançar o mais profundo de minh'alma através da escuridão cada vez maior do crepúsculo. A voz dele tremia em cada nervo de meu corpo e me deixava alternadamente encalorada e gelada. O mistério e o terror de meu sonho, que me haviam atormentado, de tempos em tempos, durante todo o anoitecer, agora oprimiam a minha mente com um pressentimento intolerável e um temor indizível. Eu via o túmulo branco de novo, e a mulher protegida com um véu que surgia junto dele, ao lado de Hartright. Pensamentos relacionados a Laura se avolumaram como uma fonte nos recônditos de meu coração, e o encheram com as águas da amargura, que ele nunca, nunca antes havia conhecido. Eu a segurei pela mão quando ela passou por mim se dirigindo à mesa, e a beijei como se aquela noite fosse nos separar para sempre. Enquanto todos me olhavam, atônitos, saí às pressas pela porta que estava aberta à minha frente e levava ao pátio — saí às pressas para me esconder deles na escuridão, para me esconder até de mim mesma.

Nós nos separamos, naquela noite, mais tarde que de costume. Perto da meia-noite, o silêncio do verão foi interrompido pelo estremecimento de um vento fraco e melancólico entre as árvores. Nós todos sentimos o súbito refrescar na atmosfera, mas o Conde foi o primeiro a observar o vento que, furtivamente, ficava cada vez mais forte. Ele se deteve enquanto estava acendendo minha vela para mim, e ergueu a mão, admoestatório:

“Ouça!”, ele disse, “amanhã haverá uma mudança.”

VII

DIA 19 DE JUNHO. Os acontecimentos de ontem me alertaram para eu me preparar, mais cedo ou mais tarde, para me defrontar com o pior. O dia de hoje ainda não terminou, e o pior aconteceu.

A julgar pelo cálculo mais preciso do horário que Laura e eu conseguimos

fazer, nós chegamos à conclusão de que Anne Catherick deveria ter aparecido no abrigo para barcos às duas e meia da tarde de ontem. Eu, conseqüentemente, planejei que Laura apenas apareceria à mesa do almoço, hoje, e então sairia de mansinho na primeira oportunidade, deixando-me para trás para manter as aparências, e para segui-la assim que eu o pudesse fazer com segurança. Tal modo de proceder, se nenhum obstáculo surgisse para nos frustrar, permitiria a Laura estar no abrigo antes das duas e meia; e (quando eu terminasse de almoçar) me deixaria em uma posição segura entre os abetos cultivados antes das três horas.

A mudança no tempo, que o vento da noite passada nos fez esperar, chegou com a manhã. Estava chovendo forte quando eu me levantei; e continuou a chover até o meio-dia — quando as nuvens se dispersaram, o céu azul apareceu, e o sol brilhou de novo com a luminosa promessa de uma bela tarde.

Minha ansiedade para saber como Sir Percival e o Conde ocupariam a primeira parte do dia não foi tranquilizada, de modo algum, no que diz respeito a Sir Percival, pelo fato de ele nos deixar logo após o café da manhã, e sair sozinho, apesar da chuva. Ele não nos disse para onde estava indo, nem quando deveríamos esperá-lo de volta. Nós o vimos passar pela janela da sala do café da manhã, apressado, com suas botas altas e seu casaco impermeável — e isso foi tudo.

O Conde passou a manhã tranquilamente, dentro de casa; uma parte dela, na biblioteca; uma parte, na sala de estar, tocando fragmentos de música ao piano e cantarolando para si mesmo. A julgar pelas aparências, o lado sentimental de sua personalidade ainda estava persistentemente inclinado a se mostrar. Ele estava silencioso e sensível, e pronto para suspirar e se entristecer (assim como somente os homens gordos *são capazes* de suspirar e de se entristecer), à menor provocação.

A hora do almoço chegou; e Sir Percival não retornou. O Conde assumiu o lugar de seu amigo à mesa — lamentoso, devorou a maior parte de uma torta de frutas, submersa no conteúdo de um pote inteiro de creme — e explicou todo o mérito da proeza para nós, assim que havia acabado de comer.

“O gosto pelos doces”, ele disse, com a sua voz mais melíflua e com os seus modos mais ternos, “é o gosto inocente das mulheres e das crianças. Gosto de compartilhá-lo com elas; é outro elo, minhas caras, entre mim e as senhoras.”

Laura saiu da mesa em dez minutos. Eu me senti fortemente tentada a acompanhá-la. Mas, se nós duas tivéssemos saído juntas, teríamos despertado suspeitas; e, ainda pior, se permitíssemos que Anne Catherick visse Laura acompanhada por uma segunda pessoa que ela não conhecia, nós iríamos,

com toda a probabilidade, perder a confiança dela, a partir desse instante, para nunca mais recuperá-la.

Eu esperei, portanto, com tanta paciência quanto fui capaz, até que a empregada veio tirar a mesa. Quando saí da sala, não havia sinal, dentro da casa ou fora dela, do retorno de Sir Percival. Deixei o Conde com um torrão de açúcar nos lábios e a perversa cacatua trepando pelo colete dele para alcançá-lo, enquanto Madame Fosco, sentada do lado oposto ao do marido, observava os procedimentos da ave e dele com tanta atenção como se ela nunca tivesse visto nada parecido em sua vida. Ao me dirigir aos abetos cultivados, eu me mantive cuidadosamente fora do alcance da vista da janela da sala de almoço. Ninguém me viu, e ninguém me seguiu. Faltavam então quinze minutos para as três, segundo meu relógio.

Estando entre as árvores, eu caminhei rapidamente, até ter avançado mais de metade do terreno. Nesse ponto, diminuí o ritmo dos meus passos, e prossegui com cautela — mas, não vi ninguém, e não ouvi vozes. Aos pouquinhos, eu me aproximei da parte dos fundos do abrigo — parei e escutei — e então prossegui, até estar bem atrás dele, e deveria ter ouvido quaisquer pessoas que estivessem conversando lá dentro. Ainda o silêncio perdurava; ainda, à distância ou por perto, nenhum sinal de uma criatura viva aparecia em nenhum lugar.

Após passar pela parte de trás da construção, primeiro por um lado, e depois do outro, e nada descobrindo, eu me arrisquei a ir até a frente dele e olhei para dentro. O local estava vazio.

Eu chamei, “Laura!”, a princípio em voz baixa, e depois cada vez mais alto. Ninguém respondeu, e ninguém apareceu. Tanto quanto eu conseguisse ver e ouvir, a única criatura humana nas proximidades do lago e dos abetos cultivados era eu mesma.

Meu coração começou a bater violentamente; mas me ative à minha decisão, e examinei primeiro o abrigo para barcos, e então o terreno na frente dele, buscando quaisquer marcas que pudessem me mostrar se Laura havia realmente chegado ali ou não. Nenhuma marca da presença dela aparecia no lado de dentro da construção; mas, encontrei traços dela do lado de fora, sob a forma de pegadas na areia.

Detectei as pegadas de duas pessoas — pegadas largas, como as de um homem, e pegadas menores, as quais, colocando meu pé nelas e assim testando o seu tamanho, eu tive certeza serem as de Laura. O chão estava marcado pelas pegadas, de modo confuso, bem na frente do abrigo para barcos. Bem perto de um dos lados dele, sob o abrigo de um telhado, eu descobri um pequeno buraco na areia — um buraco feito artificialmente, sem dúvida. Eu apenas o percebi, e então me volvei na mesma hora para

acompanhar as pegadas tanto quanto me fosse possível, e para seguir na direção que elas pudessem me conduzir.

Elas me conduziram, a começar do lado esquerdo do abrigo, ao longo da borda do terreno plantado com árvores, uma distância, eu diria, entre duzentos e trezentos metros — e então, o piso arenoso não mostrou mais traços delas. Sentindo que as pessoas cujo rumo eu estava seguindo obrigatoriamente deveriam ter entrado em meio aos abetos cultivados nesse lugar, também entrei. A princípio, não consegui descobrir uma trilha — mas descobri uma, em seguida, praticamente indistinta entre as árvores, e a segui. Ela me levou, durante certa distância, na direção do vilarejo, até eu me deter em um ponto no qual outras pegadas passavam por cima delas. O mato crescia compacto de cada lado dessa segunda trilha. Eu me detive, olhando-a, sem saber que direção tomar em seguida; e, enquanto eu olhava, vi em um galho cheio de espinhos alguns fragmentos da franja de um xale de mulher. Uma inspeção mais minuciosa da franja me deu a certeza que ela havia sido arrancada de um xale de Laura; e eu na mesma hora segui essa segunda trilha. Ela me levou, finalmente, para meu grande alívio, para a parte de trás da casa. Eu digo para meu grande alívio porque deduzi que Laura deveria, por algum motivo desconhecido, ter voltado antes de mim por esse caminho menos direto. Eu passei pelo pátio e pela cozinha e lavanderia. A primeira pessoa com quem eu me encontrei ao cruzar o saguão dos empregados foi a Sra. Michelson, a governanta.

“A senhora sabe”, eu perguntei, “se Lady Glyde já voltou de sua caminhada ou não?”

“Milady voltou, não faz muito tempo, com Sir Percival”, respondeu a governanta. “Eu receio, Srta. Halcombe, que algo muito aflitivo tenha acontecido.”

Eu senti mãos geladas apertando o meu coração.

“A senhora não quer dizer um acidente!”, eu disse, com voz fraca.

“Não, não... graças a Deus, nenhum acidente. Mas milady subiu correndo para o quarto dela, em lágrimas, e Sir Percival me deu ordens para avisar Fanny para partir desta casa em uma hora.”

Fanny era a camareira de Laura; uma menina boa e afetuosa que trabalhara para ela por anos; a única pessoa na casa em cuja fidelidade e devoção nós poderíamos confiar.

“Onde está a Fanny?”, perguntei.

“Em meu quarto, Srta. Halcombe. A mocinha está muito agoniada; e eu disse para ela se sentar, e tentar se recobrar.”

Eu fui ao quarto da Sra. Michelson, e encontrei Fanny em um canto, com sua bagagem ao seu lado, chorando amargamente.

Ela não era capaz de me dar qualquer explicação a respeito de sua demissão súbita. Sir Percival havia ordenado que ela recebesse um mês de salário, em vez de um mês de aviso, e fosse embora. Nenhuma razão havia sido dada; nenhuma objeção havia sido feita em relação à sua conduta. Ela havia sido proibida de recorrer à sua patroa, proibida até mesmo de vê-la por uns instantes para se despedir. Ela deveria ir embora sem explicações ou despedidas — e ir de uma vez por todas.

Depois de consolar a pobre menina com algumas palavras amistosas, eu perguntei onde ela tencionava dormir naquela noite. Ela respondeu que estava pensando em ir a uma pequena estalagem no vilarejo, cuja dona era uma mulher respeitável, conhecida dos empregados de Blackwater Park. Na manhã seguinte, se saísse cedo, ela conseguiria voltar para sua família em Cumberland, sem parar em Londres, onde ela nada conhecia.

Eu percebi na mesma hora que a partida de Fanny nos oferecia um meio seguro de comunicação com Londres e com a Mansão de Limmeridge, do qual poderia ser muito bom que nos aproveitássemos. Portanto, eu disse para Fanny que ela poderia esperar ter notícias de sua patroa, ou minhas, no decorrer da noite, e que ela poderia ter certeza de que nós duas faríamos tudo que estivesse ao nosso alcance para ajudá-la, na dificuldade de se afastar de nós. Tendo dito essas palavras, eu troquei um aperto de mãos com ela, e subi.

A porta que conduzia aos aposentos de Laura era a porta de uma antessala, que se abria para o corredor. Quando eu tentei abri-la, ela estava aferrolhada, pelo lado de dentro.

Eu bati à porta, e ela foi aberta pela mesma empregada pesada e grandalhona, cuja insensibilidade estúpida havia testado tanto a minha paciência no dia em que descobri o cachorro ferido. Eu havia, desde aquela ocasião, descoberto que o nome dela era Margaret Porcher, e que ela era a empregada mais desajeitada, desmazelada e teimosa da casa.

Ao abrir a porta, ela imediatamente se postou na soleira, e ficou parada me olhando com um sorriso vazio em um silêncio impassível.

“Por que você está parada aí?”, eu disse. “Não está vendo que eu quero entrar?”

“Ah, mas a senhorita não pode entrar”, foi a resposta, com outro sorriso ainda maior.

“Como você ousa falar comigo desse jeito? Afaste-se agora mesmo!”

Ela esticou as mãos e os braços grandes e vermelhos de cada lado do corpo, de modo a bloquear a porta, e lentamente balançou a sua cabeça oca em minha direção.

“Ordens do patrão”, ela disse, e balançou a cabeça de novo.

Eu precisava de todo o meu autocontrole para me acautelar contra discutir o assunto com *ela*, e para lembrar-me de que as palavras seguintes que eu tinha a dizer teriam de ser dirigidas ao patrão dela. Eu lhe dei as costas, e na mesma hora desci para procurá-lo. Minha decisão de manter meu autocontrole em face de todas as irritações de que Sir Percival pudesse ser capaz havia sido, a essas alturas, tão completamente esquecida — eu o digo para minha vergonha — como se eu nunca a tivesse tomado. Isso me fez bem — depois de tudo que eu havia passado e reprimido nesta casa — realmente me fez bem sentir quão irritada eu estava.

A sala de estar e a sala do café da manhã estavam ambas vazias. Eu fui à biblioteca, e lá encontrei Sir Percival, o Conde e Madame Fosco. Os três estavam em pé, perto um do outro, e Sir Percival tinha um pedacinho de papel na mão. Quando eu abri a porta, eu ouvi o Conde dizendo para ele, “Não... mil vezes, não.”

Eu me encaminhei diretamente a ele, e olhei-o no rosto.

“Devo entender, Sir Percival, que os aposentos de sua esposa são uma prisão, e que a sua empregada é o carcereiro que a vigia?”, eu perguntei.

“Sim; isso *é* o que a senhorita tem de entender”, ele respondeu. “Cuidado para que o meu carcereiro não tenha uma tarefa dupla a cumprir... Cuidado para que os seus aposentos não sejam uma prisão, também.”

“O *senhor* veja bem como trata a sua esposa e como *me* ameaça”, eu disse, no ímpeto de minha raiva. “Há leis na Inglaterra para proteger as mulheres da crueldade e da afronta. Se o senhor tocar em um fio de cabelo da Laura, se o senhor ousar interferir em minha liberdade, aconteça o que acontecer, eu irei recorrer a essas leis.”

Em vez de me responder, ele se voltou para o Conde.

“O que eu disse para você?”, ele perguntou. “O que você diz, agora?”

“O que eu disse antes”, respondeu o Conde. “Não.”

Até mesmo no auge de minha raiva, eu senti os olhos cinzentos dele, calmos e frios, em meu rosto. Eles se afastaram assim que ele terminou de falar, e olhou de modo significativo para sua esposa. Madame Fosco na mesma hora se aproximou de mim e, nessa posição, se dirigiu a Sir Percival antes que qualquer um de nós pudesse falar de novo.

“Conceda-me a sua atenção por um instante”, ela disse, com sua dicção clara e fria. “Eu preciso agradecer ao senhor, Sir Percival, por sua hospitalidade, e me recusar a aceitá-la por mais tempo. Eu não permaneço em nenhuma casa onde as senhoras são tratadas como sua esposa e a Srta. Halcombe estão sendo tratadas aqui, hoje!”

Sir Percival deu um passo para trás, e a encarou em um silêncio mortal. A

declaração que ele havia acabado de ouvir — uma declaração que ele sabia muito bem, assim como eu sabia, que Madame Fosco jamais teria se aventurado a fazer sem a permissão de seu marido — pareceu paralisá-lo com a surpresa. O Conde ficou de lado, e olhou para a esposa com a admiração mais entusiasmada.

“Ela é sublime!”, ele disse consigo mesmo. Ele se aproximou dela, enquanto falava, e passou a mão dela pelo braço dele. “Estou às suas ordens, Eleanor”, ele prosseguiu, com uma dignidade tranquila que eu nunca havia percebido nele antes. “E às ordens da Srta. Halcombe, se ela me der a honra de aceitar toda a assistência que eu possa lhe oferecer.”

“Diabo dos infernos! O que você está querendo dizer?”, exclamou Sir Percival, enquanto o Conde se encaminhava, em silêncio, com a esposa, para a porta.

“Em outros momentos, eu quero dizer o que eu digo mesmo; mas, agora, eu quero dizer o que a minha esposa disse”, respondeu o impenetrável italiano. “Nós trocamos de lugar, Percival, uma vez; e a opinião de Madame Fosco é... a minha.”

Sir Percival amarrotou o papel em sua mão; e, passando pelo Conde com outra maldição, ficou entre ele e a porta.

“Aja como bem entender”, ele disse, com uma raiva cheia de perplexidade, sua voz quase um sussurro. “Aja como bem entender... e veja o que resulta disso.” E com essas palavras, saiu da biblioteca.

Madame Fosco lançou um olhar rápido e inquisitivo para o marido.

“Ele foi embora muito de repente”, ela disse. “O que isso significa?”

“Significa que você e eu, juntos, fizemos o homem com o pior temperamento de toda a Inglaterra agir de modo sensato”, respondeu o Conde. “Isso significa, Srta. Halcombe, que Lady Glyde está livre de uma ultrajante indignidade, e a senhorita da repetição de um insulto imperdoável. Permita-me manifestar minha admiração pela sua conduta e sua coragem em um momento muito difícil.”

“Sincera admiração”, sugeriu Madame Fosco.

“Sincera admiração”, ecoou o Conde.

Eu não tinha mais a força de minha resistência raivosa inicial para me dar apoio. Minha desesperada ansiedade em ver Laura e a sensação de minha própria ignorância sobre o que havia acontecido no abrigo para barcos se apoderaram de mim com um peso insuportável. Eu tentei manter as aparências, conversando com o Conde e sua esposa no tom que eles haviam escolhido adotar ao falar comigo. Mas as palavras não passavam pelos meus lábios — minha respiração estava ofegante — os meus olhos fixavam,

ansiosos e em silêncio, a porta. O Conde, entendendo a minha ansiedade, abriu-a, saiu e fechou a porta às suas costas. Ao mesmo tempo, os passos pesados de Sir Percival desceram a escada. Eu os ouvi sussurrando juntos, do lado de fora, enquanto Madame Fosco me garantia, com os seus modos mais calmos e mais convencionais, que ela se alegrava, por causa de todos nós, por a conduta de Sir Percival não ter obrigado seu marido, e ela própria, a partir de Blackwater Park. Antes de ela ter acabado de falar, os sussurros cessaram, a porta se abriu, e o Conde olhou para dentro.

“Srta. Halcombe”, ele disse, “sinto-me feliz por informar à senhorita que Lady Glyde é, uma vez mais, senhora em sua própria casa. Eu achei que poderia ser mais agradável para a senhorita ouvir a respeito dessa mudança para melhor de *mim*, do que de Sir Percival; e, portanto, voltei expressamente para dizer isso.”

“Admirável delicadeza!”, disse Madame Fosco, retribuindo o tributo de admiração de seu marido com a moeda do próprio Conde, com os próprios modos do Conde. Ele sorriu e fez uma mesura, como se tivesse recebido um cumprimento formal de um desconhecido cortês, e se afastou para me deixar passar primeiro.

Sir Percival estava parado no saguão. Enquanto eu subia apressadamente as escadas, eu o ouvi dizendo, impaciente, para o Conde sair da biblioteca.

“Você está aí esperando o quê?”, ele disse. “Quero falar com você.”

“E eu quero pensar um pouco, sozinho”, respondeu o outro. “Espere até mais tarde, Percival... espere até mais tarde.”

Nem ele nem seu amigo disseram mais nada. Eu cheguei ao topo das escadas, e corri pelo corredor. Em minha pressa e agitação, deixei a porta da antessala aberta — mas fechei a porta do quarto no momento em que entrei.

Laura estava sentada, sozinha, na outra ponta do quarto; os braços apoiados pesados em uma mesa, e o rosto escondido nas mãos. Ela se endireitou, com uma exclamação de alegria, ao me ver.

“Como você entrou aqui?”, ela perguntou. “Quem deu permissão para você? Não foi Sir Percival?”

Em minha ansiedade avassaladora para ouvir o que ela tinha a me dizer, não fui capaz de responder — só conseguia fazer perguntas. A impaciência de Laura para saber o que havia se passado no andar de baixo, entretanto, mostrou ser forte demais para sofrer resistência. Persistente, ela repetiu as suas perguntas.

“O Conde, é claro”, eu respondi, impaciente. “Influência de quem, nesta casa...?”

Ela me deteve com um gesto de desprezo.

“Não fale dele”, ela exclamou. “O Conde é a criatura mais vil na face da Terra! O Conde é um Espião infeliz...!”

Antes que qualquer uma de nós pudesse dizer outra palavra, fomos assustadas por uma batida suave na porta do quarto.

Eu ainda não havia me sentado, e fui ver quem era. Quando abri a porta, Madame Fosco apareceu na minha frente, com meu lenço na mão.

“A senhorita o deixou cair lá embaixo, Srta. Halcombe”, ela disse, “e achei que poderia trazê-lo para a senhorita, enquanto estava indo para o meu quarto.”

O rosto dela, naturalmente pálido, havia adquirido uma palidez tão fantasmagórica, que eu me assustei ao vê-lo. As mãos dela, tão confiantes e firmes em todas as outras ocasiões, tremiam violentamente; e seus olhos passaram por mim através da porta aberta e se fixaram, furiosos, em Laura.

Ela estivera ouvindo antes de bater à porta! Percebi isso em seu rosto pálido; percebi isso em suas mãos trêmulas; percebi isso no olhar que ela lançou para Laura.

Depois de aguardar um instante, ela se virou em silêncio, e lentamente se afastou.

Eu tornei a fechar a porta.

“Oh, Laura! Laura! Nós duas vamos lastimar o dia em que você chamou o Conde de Espião!”

“Você teria se referido a ele desse modo, Marian, se tivesse sabido o que eu sei. Anne Catherick tinha razão. *Havia* uma terceira pessoa nos observando entre as árvores, ontem; e essa terceira pessoa...”

“Você tem certeza de que era o Conde?”

“Tenho certeza absoluta. Ele era o espião de Sir Percival... ele era o informante de Sir Percival... ele fez Sir Percival ficar observando e esperando, a manhã toda, por Anne Catherick e por mim.”

“Encontraram Anne? Você a viu no lago?”

“Não. Ela se salvou se mantendo afastada do local. Quando eu cheguei ao abrigo, não havia ninguém lá.”

“E então? E então?”

“Eu entrei, e me sentei por alguns minutos. Mas, minha inquietação me fez levantar de novo, para andar um pouquinho ali por perto. Ao sair, vi umas marcas na areia, perto da frente do abrigo. Eu me abaixei para examiná-las, e descobri uma palavra escrita em letras grandes na areia. A palavra era — OLHE.”

“E você raspou a areia, e cavoucou um buraco raso no local?”

“Como você sabe disso, Marian?”

“Eu vi o buraco raso, quando fui atrás de você lá no abrigo. Continue... Continue!”

“Sim; raspei a areia na superfície, e em alguns instantes encontrei por baixo uma tira de papel escondida, que tinha algo escrito. A escrita estava assinada com as iniciais de Anne Catherick.”

“Onde está o papel?”

“Sir Percival o tirou de mim.”

“Você consegue lembrar o que estava escrito? Acha que é capaz de repetir para mim?”

“Na essência eu consigo, Marian. Era muito curto. Você teria se lembrado, palavra por palavra.”

“Tente me dizer qual era a essência, antes de prosseguirmos.”

Ela concordou. Escrevo as linhas a seguir, assim como Laura as repetiu para mim. Elas diziam o seguinte:

Eu fui vista com a senhorita, ontem, por um homem alto e corpulento, e tive de correr para me salvar. Ele não foi rápido o suficiente para me seguir, e me perdeu no meio das árvores. Eu não ousou voltar aqui hoje, no mesmo horário. Estou escrevendo isto, e vou esconder na areia, às seis da manhã, para dizer-lhe isso. Quando nós falarmos da próxima vez sobre o Segredo de seu marido perverso, temos de conversar em segurança, ou não conversar de jeito nenhum. Tente ter paciência. Prometo que a senhorita há de me ver de novo, e logo. — A.C.

A referência ao “homem alto e corpulento” (estes termos Laura tinha a certeza de ter repetido para mim corretamente) não deixava dúvida quanto a quem havia sido o intruso. Eu recordei ter dito a Sir Percival, na presença do Conde, no dia anterior, que Laura havia ido ao abrigo para barcos para procurar o seu broche. Era grande a probabilidade de ele a ter seguido até lá, com os seus modos atenciosos, para tranquilizá-la a respeito da questão da assinatura, imediatamente depois de ele ter mencionado para mim, na sala de estar, a alteração nos planos de Sir Percival. Nesse caso, ele só conseguiria ter chegado às proximidades do abrigo no momento exato em que Anne Catherick o descobriu. A maneira suspeitosamente apressada com que ela se despediu de Laura tinha, sem dúvida, ocasionado a tentativa inútil da parte dele de segui-la. Da conversa que havia ocorrido antes entre elas, ele não poderia ter ouvido nada. A distância entre o abrigo e o lago, e o horário em que ele me deixou na sala de estar, em comparação com o período em que Laura e Anne Catherick haviam conversado juntas, provou esse fato para nós, de qualquer forma, sem a menor sombra de dúvida.

Tendo chegado a algo parecido com uma conclusão, até esse ponto, o meu grande interesse a seguir era saber quais descobertas Sir Percival havia feito, depois de o Conde Fosco ter-lhe dado essa informação.

“Como foi que você perdeu a carta?”, eu perguntei. “O que você fez com

ela, quando a encontrou na areia?”

“Depois de lê-la uma vez, por inteiro”, ela respondeu, “eu a levei ao abrigo, para me sentar e dar uma olhada nela pela segunda vez. Enquanto eu estava lendo, uma sombra passou sobre o papel. Eu olhei para cima, e vi Sir Percival parado, na porta, me observando.”

“Você tentou esconder a carta?”

“Tentei... mas ele me deteve. ‘Você não precisa se dar ao trabalho de esconder isso’, ele disse. ‘Por acaso, eu a li.’ Só fui capaz de olhar para ele, impotente... eu não conseguia dizer nada. ‘Você está entendendo?’, ele continuou. ‘Eu a li. Eu a tirei da areia, há duas horas, e a enterrei de novo, e escrevi a palavra por cima dela de novo, e a deixei pronta para as suas mãos. Você não pode mentir para se salvar. Você viu Anne Catherick em segredo, ontem; e tem a carta dela em suas mãos neste momento. Eu ainda não a peguei; mas peguei *você*. Me dê a carta.’ Ele se aproximou de mim... Eu estava sozinha com ele, Marian... O que eu poderia fazer? Dei a carta para ele.”

“O que ele disse, quando você a entregou?”

“A princípio, ele não disse nada. Ele me pegou pelo braço, e me levou para fora do abrigo, e olhou ao redor dele, em todas as direções, como se tivesse medo de nós sermos vistos ou ouvidos. Então, ele segurou meu braço com força, e sussurrou para mim... ‘O que a Anne Catherick disse para você, ontem? Eu insisto em ouvir cada palavra, da primeira à última.’”

“Você contou para ele?”

“Eu estava sozinha com ele, Marian... a mão cruel dele estava machucando o meu braço... O que eu poderia fazer?”

“A marca ainda aparece em seu braço? Deixe-me vê-la.”

“Por que você quer vê-la?”

“Eu quero vê-la, Laura, porque a nossa tolerância tem de terminar, e nossa resistência tem de começar, hoje. Essa marca é uma arma para atacar Sir Percival. Deixe-me vê-la, agora... Eu posso ter de jurar tê-la visto, em qualquer momento do futuro.”

“Oh, Marian, não olhe desse jeito! Não fale desse jeito! Ela não está doendo, agora!”

“Deixe-me vê-la!”

Ela me mostrou as marcas. Eu era incapaz de lamentar por elas, incapaz de chorar por causa delas, incapaz de me impressionar com elas. Dizem que nós somos ou melhores ou piores que os homens. Se a tentação que, de algum modo, passou pela vida de algumas mulheres e as tornou piores tivesse passado pela minha, naquele momento... Graças a Deus! Meu rosto não

demonstrou nada que a esposa dele pudesse ver. A criatura gentil, inocente e afetuosa achou que eu estava apavorada por causa dela, e triste por causa dela — e não pensou em mais nada.

“Não dê valor exagerado a isso, Marian”, ela disse, com simplicidade, enquanto abaixava a manga de novo. “Não está doendo, agora.”

“Vou tentar pensar nisso com tranquilidade, meu bem, por sua causa. Muito bem! Muito bem! E você contou para ele tudo que Anne Catherick disse para você... tudo que você me contou?”

“Sim, tudo. Ele insistiu... Eu estava sozinha com ele... Não consegui esconder nada.”

“Ele disse alguma coisa quando você terminou?”

“Ele me olhou, e riu consigo mesmo, de um jeito caçoísta e amargo. ‘Eu tenciono que você me conte o resto’, ele disse, ‘está me ouvindo? O resto.’ Eu declarei para ele, solene, que tinha dito tudo o que sabia. ‘Não você!’, ele respondeu. ‘Você sabe mais do que resolveu contar. Não vai contar? Você vai! Eu vou arrancar de você em casa, se não conseguir arrancar de você aqui.’ Ele me levou embora por um caminho diferente entre as árvores... um caminho no qual não havia esperança de nós nos encontrarmos com *você*... e ele não falou mais, até nos aproximarmos da casa. Então ele se deteve de novo, e disse, ‘Você vai aceitar uma segunda chance, se eu a der para você? Vai pensar melhor no assunto, e me contar o resto?’ Eu só fui capaz de repetir as mesmas palavras que eu havia dito antes. Ele amaldiçoou a minha teimosia, e prosseguiu, e me trouxe com ele aqui para a casa. ‘Você não pode me enganar’, ele disse, ‘você sabe mais do que resolveu contar. Eu vou arrancar o seu segredo de você; e vou arrancá-lo daquela sua irmã, também. Não vai mais haver segredinhos e conversinhas sussurradas entre você. Nem você nem ela vão se ver de novo até você ter confessado a verdade. Eu vou mandar vigiar você de manhã, à tarde e à noite, até você confessar a verdade.’ Ele se fazia de surdo a tudo que eu pudesse dizer. Ele me levou direto para o meu quarto. Fanny estava sentada lá, fazendo umas costuras para mim; e ele na mesma hora mandou-a embora. ‘Eu vou tomar cuidado para que *você* não se imiscua na conspiração’, ele disse. ‘Você vai partir desta casa hoje. Se sua patroa precisar de uma empregada, ela há de ter uma de minha escolha.’ Ele me empurrou para o quarto e fechou a porta na minha cara... ele colocou aquela mulher insensível para me vigiar do lado de fora... Marian! Ele tinha a aparência de um homem louco, e falava como tal. Você mal consegue entender isso... ele aparentava mesmo.”

“Eu entendo, Laura. Ele *está* louco... louco por causa do terror de uma consciência pesada. Cada palavra que você disse me faz ter a certeza absoluta de que quando Anne Catherick se afastou ontem, você estava prestes a

descobrir um segredo, que poderia ter sido a ruína de seu marido abjeto... e ele acha que você o *descobriu*. Nada que você possa dizer ou fazer vai aplacar essa desconfiança culposa, e convencer a natureza falsa dele de sua honestidade. Não estou dizendo isso, meu bem, para assustar você. Eu digo isso para fazer você entender a sua posição, e para convencê-la da necessidade urgente de me deixar agir, do melhor modo possível, para sua proteção, enquanto ainda tenho a chance. A interferência do Conde Fosco me garantiu acesso a você hoje; porém, ele pode deixar de exercer essa influência amanhã. Sir Percival já despediu a Fanny, porque ela é uma menina inteligente e muito apegada a você; e escolheu uma mulher para ficar no lugar dela que não se importa nem um pouco com os seus interesses, e cuja inteligência embotada a coloca no nível do cão de guarda que fica no pátio. É impossível dizer quais medidas violentas ele pode tomar a seguir, a não ser que nós aproveitemos ao máximo as nossas oportunidades enquanto as tivermos.”

“O que nós podemos fazer, Marian? Oh, se pudéssemos partir desta casa, para nunca mais vê-la!”

“Ouça-me, meu bem... e tente pensar que você não está tão impotente enquanto eu estou aqui, com você.”

“Vou pensar assim... Eu penso assim. Não se esqueça completamente da pobre da Fanny, ao pensar em mim. Ela precisa de ajuda e de conforto, também.”

“Eu não vou me esquecer dela. Eu a vi antes de vir para cá; e arrumei um modo de entrar em contato com ela esta noite. Cartas não estão seguras na sacola do correio em Blackwater Park, e tenho duas para escrever hoje, por sua causa, que não podem passar por outras mãos que não as de Fanny.”

“Quais cartas?”

“Eu tenciono escrever em primeiro lugar, Laura, para o sócio do Sr. Gilmore, que se ofereceu para nos ajudar em qualquer nova emergência. Pouco como eu conheço a lei, tenho certeza de que ela pode proteger uma mulher de tal tratamento como o que o patife infligiu a você hoje. Não vou entrar em detalhes sobre Anne Catherick, por não ter informações precisas para oferecer. Mas o advogado vai ficar sabendo dessas marcas no seu braço, e da violência infligida a você neste quarto... Ele vai, antes que eu vá descansar esta noite!”

“Mas pense no escândalo, Marian!”

“Eu estou contando com o escândalo. Sir Percival tem mais a temer por causa dele do que você. A perspectiva de um escândalo pode fazê-lo agir de outro modo, quando nada mais fizer.”

Eu me levantei, enquanto falava; mas, Laura me suplicou que não a deixasse.

“Você vai levá-lo ao desespero”, ela disse, “e aumentar dez vezes os riscos que corremos.”

Eu percebi a verdade — a desencorajadora verdade — dessas palavras. Mas não conseguia me forçar a admitir isso para Laura. Em nossa horrível situação, não havia auxílio e nem esperança para nós, a não ser arriscar o pior. Eu disse isso, em termos contidos. Ela suspirou amargamente — mas não contestou a questão. Ela apenas me perguntou sobre a segunda carta que eu me propusera a escrever. A quem ela seria endereçada?

“Ao Sr. Fairlie”, eu disse. “Seu tio é seu parente homem mais próximo, e o chefe da família. Ele deve interferir, e irá fazê-lo.”

Laura balançou a cabeça, pesarosa.

“Sim, sim”, prossegui, “seu tio é um homem fraco, egoísta e que não toma atitudes, eu sei. Mas ele não é Sir Percival Glyde; e não tem um amigo como o Conde Fosco por perto dele. Eu não espero nada da gentileza dele, nem dos sentimentos de ternura dele para com você, ou para comigo. Mas, ele fará qualquer coisa para satisfazer a própria indolência, e para garantir a tranquilidade dele. Eu só preciso convencê-lo de que a interferência dele, neste momento, irá poupar-lhe problemas inevitáveis e infelicidade e responsabilidade daqui por diante, e ele fará alguma coisa por amor a si mesmo. Eu sei como lidar com ele, Laura... tive um pouco de prática.”

“Se você tão somente conseguisse convencê-lo a me permitir voltar para Limmeridge por um pouco de tempo, e ficar lá, tranquila, com você, Marian, eu ficaria quase tão contente de novo como eu era antes de me casar!”

Essas palavras me fizeram considerar novas ideias. Seria possível colocar Sir Percival entre duas alternativas, a de se expor ao escândalo da interferência legal em favor de sua esposa, ou de permitir que ela discretamente se separasse dele por certo tempo sob o pretexto de uma visita à casa do tio? E, nesse caso, seria possível esperar que ele aceitasse a segunda alternativa? Era duvidoso — mais do que duvidoso. E, no entanto, por mais desesperançada que a tentativa parecesse ser, com certeza valia a pena tentar? Eu resolvi tentar, no completo desespero de saber qual melhor caminho se pudesse tomar.

“Seu tio ficará sabendo do desejo que você acabou de manifestar”, eu disse, “e vou pedir conselhos para o advogado sobre o assunto, também. Algo de bom pode surgir disso... e vai surgir, eu espero.”

Dizendo isso, eu me levantei de novo; e de novo Laura tentou me fazer voltar para a minha cadeira.

“Não me deixe”, ela disse, intranquila. “Meu material para escrever está naquela mesa. Você pode escrever aqui.”

Custou-me muito recusar o pedido, até mesmo por causa dela própria.

Mas, nós já tínhamos ficado trancadas juntas por muito tempo. A chance de podermos nos encontrar de novo poderia depender completamente de não suscitar quaisquer novas suspeitas. Já era hora de eu aparecer, tranquila e despreocupada, entre os infelizes que estavam, talvez naquele exato momento, pensando em nós e falando de nós lá embaixo. Expliquei essa triste necessidade para Laura; e insisti para que a reconhecesse, como eu o fazia.

“Eu vou voltar, meu bem, em uma hora, ou menos”, eu disse. “O pior já passou por hoje. Fique tranquila, e não tema nada.”

“A chave está na porta, Marian? Posso trancá-la pelo lado de dentro?”

“Sim, cá está a chave. Tranque a porta; e não a abra para ninguém, até eu tornar a subir.”

Eu a beijei e me afastei. Para mim, foi um alívio, ao me afastar, ouvir a chave girando na fechadura, e saber que a porta estava sob o controle de Laura.

VIII

DIA 19 DE JUNHO. Eu havia ido só até o topo da escadaria quando a porta de Laura sendo fechada me sugeriu a precaução de também fechar a minha própria porta, e manter a chave em segurança comigo enquanto estivesse fora do quarto. Meu diário já estava seguro, com outros papéis, na gaveta da mesa, mas o meu material de escrita havia sido deixado para fora. Ele incluía um lacre, contendo o corriqueiro desenho de duas pombas bebendo na mesma taça; e algumas folhas de papel mata-borrão, que traziam a marca das últimas linhas das minhas anotações nestas páginas, escritas durante a noite passada. Corroída pela suspeita que havia então passado a ser parte de mim, mesmo coisas insignificantes como essas pareciam perigosas demais para que ficassem sem proteção — mesmo a gaveta trancada da mesa parecia não estar suficientemente protegida, em minha ausência, até que os meios de ter acesso a ela também tivessem sido cuidadosamente colocados sob proteção.

Não detectei traços de alguém ter entrado no quarto enquanto eu estivera conversando com Laura. Meu material de escrita (eu dera instruções à empregada para nunca mexer nele) estava espalhado sobre a mesa, como de costume. A única circunstância relacionada a ele que me chamou a atenção foi o lacre estar muito bem colocado na bandeja com os lápis e a cera. Não fazia parte dos meus hábitos descuidados (lamento dizê-lo) colocá-lo lá; tampouco eu me lembrava de tê-lo colocado lá. Mas, como eu não conseguia me lembrar, por outro lado, onde mais eu poderia tê-lo posto, e como também estava em dúvida se não poderia, ao menos uma vez, o ter colocado mecanicamente no local correto, eu me absteve de aumentar a perplexidade com que os acontecimentos do dia haviam enchido a minha cabeça

perturbando-a com uma ninharia. Eu tranquei a porta; coloquei a chave em meu bolso, e desci as escadas.

Madame Fosco estava sozinha no saguão, olhando para o barômetro.

“Continua a cair”, disse ela. “Acho que devemos esperar mais chuva.”

O rosto dela estava uma vez mais com a sua habitual expressão e a sua habitual cor. Mas a mão com que ela apontou para o mostrador do barômetro ainda tremia. Poderia ela já ter dito ao marido que havia escutado Laura o insultando, em minha presença, chamando-o de “Espião”? Minhas fortes suspeitas de que ela deveria lhe ter dito; meu temor irresistível (ainda mais avassalador por causa de sua própria vagueza) das consequências que poderiam se seguir; minha firme convicção, com base em inúmeros e ínfimos atos reveladores que as mulheres percebem umas nas outras, de que Madame Fosco, apesar de sua assumida aparência de civilidade, não havia perdoado a sobrinha por inocentemente se interpor entre ela e o legado de dez mil libras — tudo isso passou em um instante por minha mente; tudo isso me levou a falar, na vã esperança de usar a minha própria influência e os meus próprios poderes de persuasão para a expiação da ofensa de Laura.

“Posso contar com a sua bondade para me desculpar, Madame Fosco, se eu me arrisco a conversar com a senhora sobre um assunto extremamente doloroso?”

Ela cruzou as mãos na frente do corpo, e fez um gesto solene com a cabeça, sem pronunciar uma palavra, e sem tirar os olhos dos meus por um instante.

“Quando a senhora fez a gentileza de me trazer o meu lenço”, prossegui, “eu receio muito, muito mesmo, que a senhora possa acidentalmente ter ouvido Laura dizer algo que não desejo repetir, e que não tentarei justificar. Eu apenas vou ousar esperar que a senhora não o tenha considerado de importância suficiente para ser mencionado ao Conde?”

“Eu acho que não tem a menor importância”, disse Madame Fosco, brusca e repentinamente. “Porém”, ela acrescentou, retomando os seus modos frios em um instante, “eu não guardo segredos de meu marido, nem mesmo relacionados a ninharias. Quando ele percebeu, agora mesmo, como eu aparentava estar angustiada, foi o meu doloroso dever dizer-lhe por que eu estava angustiada; e vou ser sincera ao reconhecer, Srta. Halcombe, que eu *contei* para ele.”

Eu estava preparada para ouvir isso; e, no entanto, ela me deixou gelada quando disse essas palavras.

“Permita-me rogar à senhora, Madame Fosco... permita-me rogar ao Conde... que façam certa concessão devido à triste posição em que minha irmã se encontra. Ela falou enquanto estava sofrendo com o insulto e a

injustiça que lhe foram infligidos pelo marido... E ela não agia como de costume quando disse essas palavras imprudentes. Posso esperar que elas sejam perdoadas com a devida consideração e generosidade?”

“Com toda a certeza”, disse a voz tranquila do Conde, às minhas costas. Ele havia se aproximado de nós, com seus passos silenciosos, seu livro nas mãos, vindo da biblioteca.

“Quando Lady Glyde disse essas palavras impensadas”, ele prosseguiu, “ela cometeu uma injustiça, que eu lamento... e perdoo. Que nós não retomemos mais o assunto, Srta. Halcombe; que nós tranquilamente concordemos em esquecer-lo, a partir deste momento.”

“O senhor é muito gentil”, eu disse, “o senhor me tranquiliza de modo inexprimível...”

Eu tentei prosseguir — mas, os olhos dele estavam fixos em mim; seu sorriso mortal, que oculta tudo, estava fixo, duro e inabalável, em seu rosto largo e macio. Minha falta de confiança na insondável falsidade dele, a sensação de minha própria degradação ao me rebaixar para aplacá-lo e à sua esposa, me agitaram e perturbaram tanto, que as próximas palavras não passaram pelos meus lábios, e fiquei ali, em silêncio.

“Eu lhe peço de joelhos para não dizer mais nada, Srta. Halcombe... Eu me sinto verdadeiramente chocado com o fato de que a senhorita tenha considerado necessário dizer tanto.” Com essas palavras cortesias, ele pegou a minha mão — oh, como eu me desprezo! Oh, quão pouco conforto existe, mesmo em eu saber que me submetia a isso por causa de Laura! — ele pegou a minha mão e a levou aos seus lábios venenosos. Nunca eu tinha percebido quanto o detestava até então. Aquela inocente familiaridade fez meu sangue ferver, como se tivesse sido o insulto mais abjeto que um homem me pudesse fazer. No entanto, ocultei o desgosto que sentia dele — tentei sorrir — eu que, inflexível, outrora desprezei a falsidade em outras mulheres, era tão falsa quanto a pior delas, tão falsa quanto o Judas cujos lábios haviam tocado a minha mão.

Eu não teria sido capaz de manter o meu degradante autocontrole — isso é tudo que me redime em minha própria estimativa, saber que eu não seria capaz — se ele tivesse continuado a fixar o olhar em meu rosto. Os ciúmes ferozes de sua esposa me salvaram, e forçaram a atenção dele a se desviar de mim, no momento em que ele se apossou de minha mão. Os frios olhos azuis dela se incendiaram; suas faces pálidas e sem vida se enrubesceram profundamente; ela aparentava ser muitos anos mais nova em um instante.

“Conde!”, disse ela. “As suas formas estrangeiras de cortesia não são compreendidas por inglesas.”

“Perdoe-me, meu anjo! A melhor e a mais estimada das inglesas neste

mundo as compreende.” Com estas palavras, ele soltou a minha mão, e calmamente levou a mão da esposa aos lábios, no lugar da minha.

Eu subi às pressas, para me refugiar em meu próprio quarto. Se tivesse havido tempo para pensar, os meus pensamentos, quando eu estava sozinha de novo, teriam me causado um profundo sofrimento. Mas não havia tempo para pensar. Felizmente, para a preservação de minha calma e de minha coragem, não havia tempo para nada a não ser a ação.

As cartas para o advogado e para o Sr. Fairlie ainda tinham de ser escritas; e eu me sentei na mesma hora, sem um instante de hesitação, para me dedicar a elas.

Não havia uma imensidão de alternativas para me deixar perplexa — não havia absolutamente ninguém com quem contar, a princípio, a não ser eu mesma. Sir Percival não tinha nem amigos nem família nas vizinhanças cuja intercessão eu pudesse tentar empregar. Ele tinha um relacionamento frio — em alguns casos, extremamente frio — com as famílias de sua própria classe e posição social que viviam perto dele. Nós, duas mulheres, não tínhamos nem pai, nem irmão, que viessem à propriedade e nos defendessem. Não havia escolha a não ser escrever essas duas cartas duvidosas — ou colocar Laura em uma posição falsa, e a mim em uma posição falsa, e tornar no futuro todas as negociações pacíficas impossíveis, partindo às escondidas de Blackwater Park. Nada além do perigo pessoal mais iminente poderia justificar que nós tomássemos essa segunda medida. As cartas deveriam ser tentadas em primeiro lugar; e eu as escrevi.

Eu nada disse ao advogado a respeito de Anne Catherick; porque (como já havia insinuado a Laura) esse tópico se relacionava a um mistério que nós ainda não tínhamos condição de explicar e, portanto, seria inútil escrever sobre ele para um advogado. Eu deixei que o meu correspondente atribuisse a conduta infame de Sir Percival, se ele o desejasse, a novas brigas a respeito de questões financeiras; e simplesmente o consultei sobre a possibilidade de tomar medidas legais para a proteção de Laura, no caso de o marido dela se recusar a permitir que ela partisse de Blackwater Park por certo tempo, e voltasse comigo a Limmeridge. Falei para ele contatar o Sr. Fairlie a respeito dos detalhes da última proposição — eu lhe garanti que escrevia com a autorização de Laura — e finalizei suplicando-lhe que agisse em nome dela, com todas as suas forças, e com a menor perda de tempo possível.

A carta para o Sr. Fairlie me ocupou em seguida. Eu me dirigi a ele nos termos que eu havia mencionado para Laura como os que tinham maior possibilidade de fazê-lo tomar uma atitude; anexeí uma cópia de minha carta para o advogado para mostrar-lhe quão sério era o caso; e descrevi a nossa ida a Limmeridge como o único remédio que iria evitar que a aflição e a angústia

da atual posição de Laura acabassem afetando tanto a ela quanto ao tio, em um momento não muito distante.

Quando eu havia acabado, selado e endereçado os dois envelopes, voltei com as cartas para o quarto de Laura, para mostrar-lhe que elas haviam sido escritas.

“Alguém perturbou você?”, eu perguntei, quando ela abriu a porta para mim.

“Ninguém bateu à porta”, ela respondeu. “Mas ouvi alguém na antessala.”

“Era um homem ou uma mulher?”

“Uma mulher. Eu ouvi o ruje-ruje do vestido dela.”

“Um ruje-ruje como o da seda?”

“Sim; como o da seda.”

Evidentemente, Madame Fosco estivera vigiando do lado de fora. O dano que ela poderia causar por si mesma não era para ser muito temido. Porém, o dano que ela poderia causar como o obediente instrumento das mãos de seu marido, era temível demais para ser ignorado.

“O que aconteceu com o ruje-ruje do vestido quando você não o ouviu mais na antessala?”, eu perguntei. “Você o ouviu indo além da sua porta, pelo corredor?”

“Sim. Eu fiquei em silêncio, e prestei atenção, e o ouvi.”

“E em qual direção ele foi?”

“Na direção do seu quarto.”

Eu fiquei pensando de novo. O som não havia chegado aos meus ouvidos. Mas, eu estava então profundamente imersa em minhas cartas; e escrevo com a mão pesada e um bico de pena, raspando e arranhando com força sobre o papel. Era mais provável que Madame Fosco ouvisse o arranhar de minha pena do que eu ouvisse o ruje-ruje do vestido dela. Outra razão (se eu tivesse precisado de uma) para não confiar as minhas cartas à sacola do correio no saguão.

Laura me viu refletindo.

“Mais dificuldades!”, ela disse, exausta. “Mais dificuldades e mais perigos!”

“Perigos, não”, eu respondi. “Alguns pequenos contratempos, talvez. Estou pensando no modo mais seguro de colocar as minhas duas cartas nas mãos de Fanny.”

“Você as escreveu, então? Oh, Marian, não corra riscos... por favor, por favor, não corra riscos!”

“Não, não... não tenha medo. Vamos ver... que horas são agora?”

Faltavam quinze minutos para as seis horas. Haveria tempo para que eu fosse ao vilarejo e voltasse antes do jantar. Se eu esperasse até a noite, poderia não encontrar uma segunda oportunidade de sair em segurança da casa.

“Mantenha a porta trancada com a chave, Laura”, eu disse, “e não tenha medo por minha causa. Se você ouvir alguma pergunta sendo feita, responda através da porta e diga que eu saí para dar um passeio.”

“Quando você estará de volta?”

“Antes do jantar, sem falta. Coragem, meu bem. Amanhã, a esta hora, você terá um homem lúcido e de confiança agindo para o seu bem. O sócio do Sr. Gilmore é o melhor amigo que nós temos depois do próprio Sr. Gilmore.”

Um momento de reflexão, assim que fiquei sozinha, me convenceu de que seria melhor eu não aparecer em meu vestido de passeio até ter descoberto em primeiro lugar o que estava acontecendo no andar de baixo da casa. Eu ainda não havia verificado se Sir Percival estava dentro de casa ou fora.

O canto dos canários na biblioteca, e o cheiro de fumaça de tabaco que saía pela porta, que não estava fechada, me disseram na hora onde estava o Conde. Eu olhei para trás, ao passar pela porta; e vi, para minha surpresa, que ele estava exibindo a docilidade dos passarinhos, com os seus mais cativantes modos cortesões, à governanta. Ele deveria tê-la convidado especialmente para vê-los — pois ela nunca teria pensado em entrar na biblioteca por conta própria. Cada uma das mais insignificantes ações desse homem tinha por trás de si algum tipo de propósito. Qual poderia ser o propósito dele nesse momento?

Não era hora para ficar questionando os motivos dele. Procurei Madame Fosco, a seguir; e a descobri fazendo o seu passeio favorito, dando voltas e mais voltas no lago dos peixes.

Eu estava um pouquinho receosa, pensando como ela iria se portar comigo, depois do rompante de ciúmes, do qual eu tinha sido a causa havia tão pouco tempo. Mas, o marido a havia domado nesse intervalo; e ela então falou comigo com a mesma educação de sempre. Meu único objetivo ao me dirigir a ela era o de verificar se ela sabia o que havia acontecido com Sir Percival. Eu consegui me referir a ele de modo indireto; e, depois de um pouquinho de empenho de ambos os lados, ela finalmente mencionou que ele havia saído.

“Com qual dos cavalos ele saiu?”, eu perguntei, despreocupada.

“Nenhum deles”, ela respondeu. “Ele saiu, há duas horas, a pé. Segundo entendi, o objetivo dele era fazer novas perguntas a respeito da mulher chamada Anne Catherick. Ele parece estar irracionalmente ansioso para encontrá-la. A senhorita por acaso sabe se ela é louca e perigosa, Srta. Halcombe?”

“Não sei, Condessa.”

“A senhorita vai entrar?”

“Sim, acho que vou. Acho que logo vai ser hora de me vestir para o jantar.”

Nós entramos juntas na casa. Madame Fosco foi calmamente para a biblioteca, e fechou a porta. Na mesma hora, fui pegar o meu chapéu e o meu xale. Cada momento era importante, se fosse para eu me encontrar com Fanny na estalagem e voltar antes do jantar.

Quando cruzei o saguão de novo, não havia ninguém lá; e o canto dos canários na biblioteca havia cessado. Eu não poderia me deter para fazer mais investigações. Eu só poderia me certificar de que o caminho estava desimpedido, e então sair da casa, com as duas cartas a salvo em meu bolso.

A caminho do vilarejo, eu me preparei para a possibilidade de me encontrar com Sir Percival. Desde que eu tivesse de lidar com ele sozinha, eu tinha a certeza de não perder a minha presença de espírito. Qualquer mulher que consegue controlar a sua mente é páreo, a qualquer momento, para um homem que não consegue controlar o seu próprio mau gênio. Eu não temia Sir Percival tanto quanto temia o Conde. Em vez de me sobressaltar, ouvir qual era o motivo da saída dele me havia acalmado. Enquanto procurar Anne Catherick fosse a grande ansiedade que o ocupava, Laura e eu poderíamos contar com uma interrupção de qualquer perseguição ativa da parte dele. Por nossa causa, agora, assim como por causa de Anne, eu esperei ardentemente que ela ainda conseguisse escapar dele, e rezei por isso.

Eu caminhei tão rápido quanto o calor me permitia, até alcançar a encruzilhada que levava ao vilarejo; olhando para trás, de tempos em tempos, para me certificar de não estar sendo seguida por ninguém.

Nada estava atrás de mim, o caminho todo, a não ser uma carroça fechada vazia. O ruído feito pelas pesadas rodas me aborrecia; e quando descobri que a carroça havia entrado na estrada para o vilarejo, assim como eu, parei para deixá-la passar e assim ficar longe dos meus ouvidos. Quando olhei na direção dela, com mais atenção do que antes, julguei ter percebido, de vez em quando, os passos de um homem caminhando bem atrás dela; o carroceiro estando na frente, ao lado de seus cavalos. A parte da encruzilhada pela qual eu havia acabado de passar era tão estreita que a carroça, vindo atrás de mim, roçava as árvores e as sebes de cada lado; e tive de esperar até que ela se afastasse, antes de poder testar a veracidade de minha impressão. Aparentemente, a impressão estava errada, pois, quando a carroça passou por mim, a estrada atrás dela estava totalmente desimpedida.

Eu cheguei à estalagem sem me encontrar com Sir Percival, e sem perceber nada mais; e fiquei feliz por descobrir que a senhoria havia recebido

Fanny com toda a gentileza possível. A mocinha tinha uma pequena sala de estar para se sentar, longe do barulho da sala de refeições, e um quarto limpo no alto da casa. Ela começou a chorar de novo, quando me viu; e disse, pobre alma, com muita justeza, que era horrível se sentir jogada no mundo, como se tivesse cometido algum crime imperdoável, quando nenhuma culpa lhe poderia ser atribuída por ninguém — nem mesmo pelo patrão que a havia mandado embora.

“Não se deixe abater pelas circunstâncias, Fanny”, eu disse. “Sua patroa e eu vamos continuar sendo suas amigas, e não vamos permitir que você seja denegrida. Agora, ouça-me. Tenho pouco tempo ao meu dispor, e vou confiar uma tarefa muito importante a você. Eu gostaria que você se encarregasse destas duas cartas. Esta com o selo você vai colocar no correio, quando chegar a Londres, amanhã. A outra, endereçada ao Sr. Fairlie, você deve entregar pessoalmente, assim que chegar a Limmeridge. Conserve as duas cartas e não as entregue para ninguém. Elas são extremamente importantes para a sua patroa.”

Fanny colocou as cartas no corpete do seu vestido.

“Elas vão ficar aqui, senhorita”, ela falou, “até eu ter feito o que a senhorita me disse.”

“Cuide bem para estar na estação a tempo, amanhã”, eu prossegui. “E, quando se encontrar com a governanta em Limmeridge, transmita-lhe os meus cumprimentos, e diga-lhe que você está a meu serviço, até Lady Glyde ter condições de chamar você de volta. Nós podemos nos encontrar de novo antes do que você imagina. Então, não desanime, e não perca o trem das sete horas.”

“Obrigada, senhorita... muito obrigada. Dá coragem ouvir a sua voz de novo. Por favor, ofereça os meus respeitos à minha patroa; e diga que eu deixei todas as coisas tão arrumadas quanto fui capaz de deixar com o tempo que tive. Oh céus! céus! quem vai vesti-la para o jantar hoje? Parte mesmo o meu coração, senhorita, pensar nisso.”

Quando voltei para casa, tive apenas quinze minutos para me arrumar para o jantar e dizer umas palavras a Laura antes de eu descer.

“As cartas estão nas mãos de Fanny”, eu sussurrei para ela, à porta. “Você tenciona se juntar a nós para o jantar?”

“Oh, não, não... por nada neste mundo!”

“Algo aconteceu? Alguém perturbou você?”

“Sim... agora mesmo... Sir Percival...”

“Ele entrou no quarto?”

“Não; ele me assustou com um murro na porta, pelo lado de fora. Eu

disse, ‘Quem está aí?’ ‘Você sabe’, ele respondeu. ‘Você vai mudar de ideia, e me contar o resto? Você vai! Mais cedo ou mais tarde, eu vou arrancar isso de você. Você sabe onde Anne Catherick está agora!’ ‘Estou falando a verdade’, eu disse, ‘não sei.’ ‘Sabe!’, ele respondeu. ‘Eu vou acabar com a sua teimosia... tenha isso em mente! Eu vou arrancar essa história de você!’ Ele foi embora, com essas palavras; foi embora, Marian, não faz nem cinco minutos.”

Ele não havia encontrado Anne! Nós estávamos a salvo por aquela noite — ele ainda não a havia encontrado.

“Você vai descer, Marian? Volte aqui de novo à noite.”

“Sim, claro. Não fique preocupada, se eu me atrasar um pouquinho; preciso tomar cuidado para não ofender ninguém ao abandonar a companhia deles cedo demais.”

O sino para o jantar soou, e eu me afastei rapidamente.

Sir Percival acompanhou Madame Fosco até a sala de jantar; e o Conde me ofereceu o seu braço. Ele estava acalorado e enrubescido, e não estava vestido com seu habitual cuidado e minúcia. Teria ele também saído antes do jantar, e se atrasado para voltar? Ou estaria ele apenas sofrendo por causa do calor um pouquinho mais que de costume?

O que quer que fosse, ele estava indiscutivelmente perturbado por aborrecimentos ou ansiedades secretos, os quais, com toda sua capacidade de fingir, não foi totalmente capaz de dissimular. Durante todo o jantar, ele estava quase tão quieto quanto o próprio Sir Percival; e de vez em quando, olhava para a esposa com uma expressão de intranquilidade furtiva, que era algo inédito em meu convívio com ele. A única obrigação social que ele parecia ter autocontrole para desempenhar com tanto cuidado como sempre, era a obrigação de ser persistentemente educado e atencioso para comigo. Qual objetivo mesquinho ele tinha em vista, ainda não sou capaz de descobrir; mas, seja qual for esse objetivo, uma invariável cortesia para comigo, uma invariável humildade para com Laura, e uma invariável supressão (a quaisquer custos) da tosca violência de Sir Percival têm sido os meios que ele, decidida e inflexivelmente, usou para alcançar o seu objetivo, desde que colocou os pés nesta casa. Eu suspeitei disso quando ele interferiu pela primeira vez em nosso favor, no dia em que o documento foi apresentado na biblioteca, e eu tinha certeza disso, agora.

Quando Madame Fosco e eu nos levantamos para sair da sala, o Conde também se levantou para nos acompanhar à sala de estar.

“Saindo a troco de quê?”, perguntou Sir Percival. “Eu me refiro a *você*, Fosco.”

“Estou saindo porque já comi o suficiente, e bebi vinho o suficiente”,

respondeu o Conde. “Seja gentil, Percival, e faça uma concessão ao meu costume estrangeiro de sair com as senhoras, bem como de entrar na sala com elas.”

“Tolice! Mais uma taça de claret não vai matar você. Sente-se de novo, como um inglês. Eu quero uma meia hora de conversa tranquila com você, enquanto tomamos vinho.”

“Uma conversa tranquila, de todo coração, mas não agora, e não tomando vinho. Mais tarde, esta noite, por favor; mais tarde, esta noite.”

“Muito educado!”, disse Sir Percival, com violência. “Comportamento muito educado, palavra de honra, em relação a um homem em sua própria casa!”

Eu o havia visto mais de uma vez olhando para o Conde, intranquilo, durante o jantar, e havia observado que o Conde cautelosamente se furtava de olhar para ele. Essa circunstância, somada à ansiedade do dono da casa por uma conversinha tranquila enquanto bebiam vinho, e a resolução obstinada do convidado de não tornar a se sentar à mesa, reviveram em minha memória o pedido que Sir Percival havia, em vão, feito ao amigo, mais cedo, para sair da biblioteca e ir conversar com ele. O Conde se recusara a ter essa conversa a sós, quando ela havia sido solicitada pela primeira vez à tarde, e havia se recusado novamente, quando ela foi pedida uma segunda vez na hora do jantar. Qualquer que fosse o tema a ser discutido entre eles, claramente era um tema importante na estimativa de Sir Percival — e, talvez (a julgar por sua evidente relutância em abordá-lo), um tema perigoso também, na avaliação do Conde.

Essas considerações me ocorreram enquanto estávamos indo da sala de jantar para a sala de estar. O comentário irado de Sir Percival sobre o seu amigo tê-lo abandonado não havia produzido o mais leve efeito. O Conde obstinadamente nos acompanhou até a mesa do chá; esperou um ou dois minutos na sala, e então foi até o saguão e voltou com a sacola do correio nas mãos. Eram então oito horas — o horário em que as cartas sempre eram despachadas de Blackwater Park.

“A senhorita tem alguma carta para enviar, Srta. Halcombe?”, ele perguntou, se aproximando de mim com a sacola.

Eu vi Madame Fosco, que estava fazendo o chá, se deter, com a colherinha do açúcar na mão, para ouvir a minha resposta.

“Não, Conde, obrigada. Não tenho cartas hoje.”

Ele entregou a sacola ao empregado, que estava então na sala; sentou-se ao piano, e tocou a alegre canção popular napolitana, “La mia Carolina”, duas vezes. Sua esposa, que geralmente era a mais minuciosa das mulheres em todos os seus movimentos, fez o chá com tanta rapidez quanto eu própria

poderia tê-lo feito — bebeu a sua xícara em dois minutos — e silenciosamente deslizou para fora da sala.

Eu me levantei para seguir o exemplo dela; em parte por suspeitar que ela fosse tentar alguma mesquinha no andar de cima com Laura; em parte por eu estar decidida a não ficar sozinha no mesmo aposento com o marido dela.

Antes que eu conseguisse chegar à porta, o Conde me deteve, pedindo-me uma xícara de chá. Eu lhe dei a xícara de chá; e tentei pela segunda vez sair da sala. Ele me deteve de novo — dessa vez, voltando para o piano, e repentinamente recorrendo a mim a respeito de uma questão musical na qual ele declarava que a honra de sua pátria estava comprometida.

Em vão eu aleguei a minha completa ignorância sobre música, e total falta de gosto nesse sentido. Ele apenas recorreu a mim de novo com uma veemência que tornou inúteis todos os protestos de minha parte. “Os ingleses e os alemães (ele declarou, indignado) estavam sempre insultando os italianos por sua inabilidade em cultivar os tipos mais elevados de música. Nós falávamos o tempo todo dos nossos Oratórios; e eles estavam perpetuamente falando de suas Sinfonias. Nós esquecemos, e esqueceram eles o seu imortal amigo e compatriota, Rossini? O que era ‘Moisés no Egito’, senão um sublime oratório, encenado no palco, em vez de ser cantado, friamente, em uma sala de concertos? O que era a abertura de ‘Guilherme Tell’, a não ser uma sinfonia com outro nome? Teria eu ouvido ‘Moisés no Egito’? Eu ouviria isto, e isto, e isto, e diria se algo mais majestosamente sagrado e grandioso alguma vez havia sido composto por um homem mortal? — E, sem esperar por uma concordância ou discordância de minha parte, olhando-me fixamente no rosto o tempo todo, ele começou a tocar com todas as forças no piano, e cantando com esse acompanhamento com um entusiasmo pomposo e sonoro; apenas se interrompendo, de tempos em tempos, para me anunciar, com vigor, os títulos das diferentes peças de música: “‘Coro dos Egípcios, na Praga das Trevas’, Srta. Halcombe! ‘Recitativo de Moisés, com as tábuas da Lei’; ‘Prece dos Israelitas, ao atravessar o Mar Vermelho’. Ahá! Ahá! Isto é sagrado? Isto é sublime?” O piano tremia sob as suas mãos poderosas, e as xícaras de chá sobre a mesa chacoalhavam, enquanto a sua forte voz de baixo trovejava as notas, e o seu pé pesado marcava o ritmo no chão.

Havia algo horrível — algo feroz e demoníaco, no rompante do seu deleite com o seu próprio canto e música, e no triunfo com que ele observou o efeito deles sobre mim, à medida que eu, me encolhendo, ia para cada vez mais perto da porta. Fui liberada, finalmente, não por meus próprios esforços, mas pela intervenção de Sir Percival. Ele abriu a porta da sala de jantar e se manifestou em voz alta para saber o que “esse barulho infernal” significava. Na mesma hora, o Conde se afastou do piano. “Ah! se Percival está vindo”,

ele disse, “a harmonia e a melodia, ambas estão se acabando. A Musa da Música, Srta. Halcombe, nos deserta, consternada; e eu, o velho e gordo menestrel, exalo o resto do meu entusiasmo ao ar livre!” Ele foi a passos largos para a varanda, colocou as mãos nos bolsos, e retomou o ‘recitativo de Moisés’, *sotto voce*,² no jardim.

Eu ouvi Sir Percival chamá-lo, da janela da sala de jantar. Mas ele não prestou atenção; parecia determinado a não escutar. Aquela conversa tranquila entre os dois, tantas vezes adiada, ainda seria postergada, ainda teria de esperar a vontade e o prazer absolutos do Conde.

Ele me havia detido na sala de estar quase meia hora a partir do momento em que sua esposa nos havia deixado. Onde ela estivera, e o que ela estivera fazendo nesse ínterim?

Eu subi para me certificar, mas nada descobri; e, quando perguntei para Laura, descobri que ela não havia ouvido nada. Ninguém a havia perturbado — nenhum sutil ruje-ruje de um vestido de seda havia sido ouvido, ou na antessala ou no corredor.

Faltavam, então, vinte minutos para as nove horas. Depois de ir ao meu quarto para pegar o meu diário, voltei e me sentei com Laura; às vezes escrevendo, às vezes parando para conversar com ela. Ninguém se aproximou de nós, e nada aconteceu. Nós ficamos juntas até as dez horas. Então me levantei; disse as minhas últimas palavras animadoras; e lhe desejei boa noite. Ela trancou a porta de novo, depois de nós acertarmos que a primeira coisa que eu faria de manhã seria vir vê-la.

Eu tinha apenas umas poucas frases a mais para acrescentar ao meu diário antes de ir dormir; e, enquanto eu descia para a sala de estar, depois de deixar Laura pela última vez naquele dia esgotante, resolvi simplesmente aparecer lá para me desculpar, e então me retirar uma hora mais cedo que de costume para dormir.

Sir Percival, o Conde e a sua esposa estavam sentados juntos. Sir Percival estava bocejando em uma poltrona; o Conde estava lendo; Madame Fosco estava se abanando. É estranho dizer, o rosto *dela* estava enrubescido, então. Ela, que nunca sofria com o calor, estava indubitavelmente sofrendo por causa dele nesta noite.

“Eu receio, Condessa, que a senhora não esteja tão bem quanto de costume?”, eu disse.

“Exatamente a observação que eu ia fazer ao *seu* respeito”, ela respondeu. “A senhorita está pálida, minha cara.”

Minha cara! Era a primeira vez que ela se dirigia a mim com essa familiaridade! Havia um sorriso insolente em seu rosto, também, quando ela disse isso.

“Estou com uma das minhas horríveis dores de cabeça”, eu respondi, friamente.

“Ah, é mesmo? Falta de exercício, eu suponho? Uma caminhada antes do jantar teria sido a melhor coisa para a senhorita.” Ela se referiu à ‘caminhada’ com uma estranha ênfase. Teria ela me visto sair? Não importa se tinha visto. As cartas estavam a salvo, agora, nas mãos de Fanny.

“Venha fumar, Fosco”, disse Sir Percival, se levantando, com outro olhar intranquilo na direção de seu amigo.

“Com prazer, Percival, quando as senhoras tiverem ido dormir”, respondeu o Conde.

“Com sua licença, Condessa, dou o exemplo de me afastar da companhia”, eu disse. “O único remédio para uma dor de cabeça como a minha é ir dormir.”

Eu me despedi. Havia o mesmo sorriso insolente no rosto da mulher quando eu troquei um aperto de mãos com ela. Sir Percival não me deu atenção. Ele estava olhando, impaciente, para Madame Fosco, que não dava sinais de sair da sala comigo. O Conde sorriu com seus botões por trás de seu livro. Ainda havia outro empecilho para aquela conversa tranquila com Sir Percival — e agora o empecilho era a Condessa.

IX

DIA 19 DE JUNHO. Estando fechada, em segurança, no meu quarto, eu abri estas páginas e me preparei para abordar aquela parte do relato deste dia que ainda tinha ficado por escrever.

Por dez minutos ou mais, eu me sentei, ociosa, com a pena na mão, refletindo sobre os acontecimentos das últimas doze horas. Quando finalmente resolvi me dedicar à minha tarefa, senti uma dificuldade para continuar com ela que nunca havia sentido antes. Apesar dos meus esforços para concentrar os pensamentos no assunto em questão, eles vagavam, com uma estranha persistência, na direção de Sir Percival e do Conde; e todo o interesse que eu tentava concentrar no meu diário se fixava, em vez disso, naquela conversa particular entre eles, que havia sido postergada durante o dia todo, e que agora iria acontecer no silêncio e na solidão da noite.

Nesse meu estado de espírito malfazejo, a recordação do que havia se passado desde a manhã não me vinha à mente; e não havia recurso a não ser fechar o meu diário e me afastar dele por algum tempo.

Abri a porta que levava do meu quarto de dormir para a minha saleta particular e, tendo passado, fechei-a de novo, para evitar quaisquer acidentes em caso de correntes de vento, com a vela deixada sobre a penteadeira. A

janela da minha saleta particular estava escancarada; e eu me inclinei para fora, apática, para olhar a noite.

Estava escuro e silencioso. Nem a lua nem as estrelas estavam visíveis. Havia um cheiro parecido com o de chuva no ar pesado e parado; e eu estendi a mão para fora da janela. Não. A chuva estava apenas ameaçando; ela ainda não havia começado.

Fiquei debruçada no peitoril da janela por quase uns quinze minutos, olhando para fora, distraída, para a mais completa escuridão, e nada ouvindo, a não ser o distante barulho de uma porta se fechando, na parte inferior da casa.

Bem no momento em que eu estava me afastando, cansada, da janela, para voltar para o quarto de dormir, e fazer uma segunda tentativa de completar as anotações ainda por terminar em meu diário, senti o cheiro de fumaça de tabaco, subindo sub-repticiamente em minha direção no pesado ar noturno. No momento seguinte, vi uma minúscula centelha rubra se aproximando do lado mais distante da casa em meio à escuridão profunda. Eu não ouvi passos, e nada conseguia ver além da centelha. Ela caminhava pela noite; passou pela janela junto da qual eu estava parada, e se deteve no lado oposto da janela do meu quarto de dormir, dentro do qual eu havia deixado a vela queimando na penteadeira.

A centelha permaneceu imóvel por um momento, então se encaminhou de novo na direção pela qual havia vindo. Enquanto eu seguia o seu percurso, vi uma segunda centelha, maior que a primeira, se aproximando à distância. As duas se encontraram na escuridão. Lembrando quem fumava cigarros, e quem fumava charutos, eu deduzi, na mesma hora, que o Conde havia saído primeiro para olhar e ouvir, sob a minha janela, e que Sir Percival posteriormente se unira a ele. Ambos deveriam ter estado caminhando no gramado — ou eu certamente teria ouvido os passos pesados de Sir Percival, embora os passos macios do Conde pudessem ter me escapado, até mesmo no caminho de cascalho.

Eu esperei, silenciosa, à janela, certa de que nenhum deles poderia me ver, na escuridão do quarto.

“O que está acontecendo?”, eu ouvi Sir Percival dizer, em voz baixa. “Por que você não entra e se senta?”

“Eu quero ver a luz se apagando naquela janela”, respondeu o Conde, em voz baixa.

“E que perigo a luz pode representar?”

“A luz mostra que ela ainda não foi dormir. Ela é arguta o suficiente para suspeitar de alguma coisa, e ousada o suficiente para descer e escutar, se tiver a oportunidade. Paciência, Percival... paciência.”

“Tolice! Você está sempre falando de paciência.”

“Eu vou falar sobre outra coisa logo mais. Meu bom amigo, você está à beira do seu precipício doméstico; e se eu permitir que você dê às mulheres mais uma chance, dou minha palavra de honra, elas vão empurrá-lo sobre a borda!”

“Que diabos você está querendo dizer?”

“Nós vamos chegar às nossas explicações, Percival, quando a luz for apagada naquela janela, e quando eu der uma olhadinha nos aposentos de cada lado da biblioteca, e uma espreitada na escadaria também.”

Eles lentamente se afastaram; e o resto da conversa entre eles (que havia acontecido, o tempo todo, no mesmo tom baixo de voz) deixou de ser audível. Não fazia diferença. Eu havia ouvido o suficiente para me determinar a justificar a opinião do Conde sobre a minha argúcia e a minha coragem. Antes que as centelhas rubras estivessem fora do alcance de meus olhos na escuridão, eu havia resolvido que deveria haver um ouvinte quando aqueles dois homens se sentassem para conversar — e que esse ouvinte, apesar de todas as precauções em contrário tomadas pelo Conde, deveria ser eu. Eu queria apenas um motivo para sancionar a atitude perante a minha própria consciência e para me dar coragem suficiente para realizá-la; e esse motivo eu tinha. A honra de Laura e a felicidade de Laura — a própria vida de Laura — poderiam depender de meus ouvidos afiados e de minha memória fiel, esta noite.

Eu havia ouvido o Conde dizer que ele tencionava examinar os aposentos de cada lado da biblioteca, e a escadaria também, antes de iniciar qualquer explicação para Sir Percival. Essa manifestação de suas intenções bastava para me informar que a biblioteca era o aposento onde ele havia proposto que a conversa acontecesse. O único intervalo de tempo que durou o suficiente para me levar a essa conclusão também foi o intervalo que me mostrou os meios de burlar as precauções dele — ou, em outras palavras, de ouvir o que ele e Sir Percival diziam um ao outro, sem o risco de descer para as partes mais baixas da casa.

Ao descrever os aposentos no piso térreo, eu havia mencionado casualmente a varanda do lado de fora deles, para a qual todos se abriam por meio de portas-janelas que se estendiam da cornija ao chão. O topo dessa varanda era reto; a água da chuva sendo tirada dele por canos que levavam a tanques que ajudavam a suprir a casa. Sobre o estreito telhado de chumbo, que corria ao longo dos quartos de dormir e ficava bem menos, eu diria, de um metro abaixo dos peitoris das janelas, uma fileira de vasos de flores estava disposta, com grandes intervalos entre cada vaso; sendo o conjunto protegido contra quedas, devido aos ventos fortes, por uma grade ornamental de ferro

que corria ao longo da borda do telhado.

O plano que me havia ocorrido era o de descer, pela janela da minha saleta particular, até esse telhado; arrastar-me silenciosamente até alcançar a parte dele que ficava bem acima da janela da biblioteca; e me agachar entre os vasos de flores com o ouvido encostado à grade de ferro. Se Sir Percival e o Conde se sentassem e fumassem esta noite, como eu os havia visto sentados e fumando muitas noites antes, com suas cadeiras perto da janela aberta, e os pés esticados nos bancos de zinco colocados sob a varanda, cada palavra que eles dissessem um para o outro acima de um sussurro (e nenhuma conversa longa, como nós todos sabemos por experiência, pode ser feita *em* um sussurro) inevitavelmente chegaria aos meus ouvidos. Se, por outro lado, esta noite eles resolvessem se sentar dentro da biblioteca, então, as chances seriam de que eu ouviria pouco ou nada; e, neste caso, eu precisaria correr o risco bem mais sério de tentar ser mais sagaz que eles lá no andar de baixo.

Por mais que eu estivesse fortalecida em minha resolução devido à natureza desesperadora de nossa situação, eu esperava ardentemente poder escapar dessa última contingência. Minha coragem era apenas a coragem de uma mulher, afinal; e ela estava quase a ponto de me faltar, quando eu pensei em me colocar no piso térreo, na calada da noite, ao alcance de Sir Percival e do Conde.

Eu voltei silenciosamente ao meu quarto de dormir, para tentar o expediente mais seguro do teto da varanda, em primeiro lugar.

Uma mudança completa na minha vestimenta era absolutamente necessária, por muitas razões. Eu tirei o meu vestido de seda, para começar, porque o mais ligeiro ruído feito por ele, naquela noite silenciosa, poderia ter me traído. Em seguida, removi as partes brancas e incômodas de minhas roupas de baixo e as substituí por uma anágua de flanela escura. Por cima dela, vesti o meu casaco preto de viagem e coloquei o capuz. Em meu habitual vestido de noite, eu ocupava o espaço de pelo menos três homens. Com as roupas que estava usando, quando elas eram mantidas bem perto de meu corpo, nenhum homem poderia ter passado pelos espaços mais estreitos com maior facilidade que eu. O pequeno vão deixado no teto da varanda, entre os vasos de flor de um lado, e a parede e as janelas da casa do outro, fez disso uma reflexão muito séria. Se eu derrubasse alguma coisa, se eu fizesse o menor ruído, quem poderia dizer quais seriam as consequências?

Eu só esperei para colocar os fósforos perto da vela, antes de apagá-la, e voltei às apalpadelas para a minha saleta particular. Tranquei a porta, assim como havia trancado a porta do meu quarto de dormir — então silenciosamente saí pela janela e, com cautela, coloquei os pés no teto de chumbo da varanda.

Meus dois aposentos ficavam na extremidade interna da nova ala da casa em que nós todos vivíamos; e eu tinha de passar por cinco janelas antes de conseguir chegar à posição que precisava ocupar acima da biblioteca. A primeira janela pertencia a um quarto de visitas, que estava vazio. A segunda e a terceira janelas pertenciam ao quarto de Laura. A quarta janela pertencia ao quarto de Sir Percival. A quinta pertencia ao quarto da Condessa. As outras, pelas quais não era necessário que eu passasse, eram as janelas do quarto de vestir do Conde, do quarto de banho e do segundo quarto de visitas vazio.

Nenhum som chegou aos meus ouvidos — a escuridão espessa da noite me rodeava quando eu pus os pés na varanda, a não ser naquela parte para a qual a janela do quarto da Condessa se abria. Lá, exatamente no lugar acima da biblioteca, para o qual eu deveria me dirigir — lá, vi um brilho de luz! A Condessa ainda não havia ido dormir.

Era tarde demais para retroceder; não era hora de esperar. Eu me determinei a ir com todos os riscos, e confiar em minha própria cautela e na escuridão da noite para ter segurança. “Por causa de Laura!”, pensei com os meus botões, enquanto dava o primeiro passo adiante sobre o telhado, com uma das mãos segurando o casaco bem perto do meu corpo, e a outra tateando a parede da casa. Era melhor ficar pertinho da parede do que me arriscar a bater os pés nos vasos de flor a uns poucos centímetros de distância de mim, do outro lado.

Eu passei pela janela escura do quarto de visitas, experimentando o teto de chumbo a cada passo, com o pé, antes de me arriscar a colocar o meu peso nele. Eu passei pelas janelas escuras dos aposentos de Laura (“Deus a abençoe e a guarde esta noite!”). Eu passei pela janela escura do quarto de Sir Percival. Então, esperei um instante, me ajoelhei, com as mãos para me dar apoio; e então me arrastei para o meu posto sob a proteção da parede baixa entre a base da janela iluminada e o teto da varanda.

Quando me arrisquei a olhar para a própria janela, descobri que apenas a parte de cima dela estava aberta, e que as cortinas na parte de dentro estavam puxadas. Enquanto eu olhava, vi a sombra de Madame Fosco passando pelo campo branco da cortina — e depois passar lentamente de novo. Até então, ela não poderia ter me ouvido — ou a sombra teria, com certeza, se detido na cortina, mesmo que ela não tivesse coragem suficiente para abrir a janela o olhar para fora?

Eu me posicionei de lado, encostada às grades da varanda; em primeiro lugar me certificando, ao tocá-los, da posição dos vasos de flor dos meus dois lados. Havia espaço suficiente para que eu me sentasse entre eles, e nada mais. As pétalas perfumadas da flor à minha esquerda tocaram o meu rosto

enquanto eu apoiei levemente a cabeça na grade.

Os primeiros sons que chegaram até mim lá de baixo foram provocados pela abertura ou pelo fechamento (mais provavelmente este) de três portas sucessivamente — as portas, sem dúvida, que levavam ao saguão e aos aposentos de cada lado da biblioteca, que o Conde havia se comprometido a examinar. A primeira coisa que vi foi a centelha rubra que de novo saía pela noite, vindo da varanda; se afastando na direção de minha janela; aguardando uns instantes; e então retornando ao local de onde ela havia saído.

“Pros diabos com o seu desassossego! Quando você tenciona se sentar?”, grunhiu a voz de Sir Percival logo abaixo de mim.

“Aff! Como faz calor!”, disse o Conde, suspirando e ofegando, cansado.

Sua exclamação foi seguida pelo arrastar das cadeiras do jardim no piso de ladrilhos sob a varanda — o bem-vindo som que me informou que eles iriam se sentar perto da janela, como sempre. Até então, a oportunidade era minha. O relógio na torre soou um quarto para a meia-noite enquanto eles se sentavam em suas cadeiras. Eu ouvi Madame Fosco, através da janela aberta, bocejando, e vi a sombra dela passar uma vez mais no campo branco da cortina.

Entrementes, Sir Percival e o Conde começaram a conversar, embaixo; de vez em quando baixando a voz um pouquinho mais que de costume, mas nunca chegando a um sussurro. A singularidade e o perigo de minha situação, o medo, que eu não conseguia controlar, da janela iluminada de Madame Fosco, tornavam-me difícil, quase impossível a princípio, manter a minha presença de espírito e concentrar a minha atenção apenas na conversa ali em baixo. Por alguns minutos, eu só consegui apanhar o teor geral dela. Ouvi o Conde dizer que a única janela iluminada era a de sua esposa; que o piso térreo da casa estava desimpedido; e que eles poderiam então conversar, sem temer acidentes. Sir Percival apenas respondeu censurando o seu amigo por ter, de modo injustificável, desconsiderado os seus desejos e negligenciado os seus interesses, durante o dia todo. O Conde, com isso, se defendeu declarando que ele tinha estado envolvido com certos problemas e ansiedades que haviam absorvido toda sua atenção, e que o único momento seguro para uma explicação era o momento em que eles tivessem a certeza de não serem nem interrompidos nem ouvidos. “Nós estamos em um momento crítico em nossos negócios, Percival”, ele disse, “e se temos de decidir a respeito de nosso futuro, temos de decidir, secretamente, esta noite.”

Essa frase do Conde foi a primeira que a minha atenção estava pronta para entender, exatamente como ela foi dita. A partir desse ponto, com certas pausas e interrupções, todo o meu interesse se fixou ininterruptamente na conversa, e a segui palavra por palavra.

“Crise?”, repetiu Sir Percival. “É uma crise pior do que você pode imaginar, eu posso garantir!”

“E assim eu pensaria, a julgar pelo seu comportamento nos últimos dias”, retrucou o outro, com frieza. “Mas espere um pouco. Antes de nós passarmos para o que eu *não* sei, vamos nos assegurar do que eu *sei*. Vamos, em primeiro lugar, ver se tenho razão a respeito do tempo que já passou, antes que eu faça qualquer proposta para você em relação ao tempo que está por vir.”

“Pare até que eu pegue o *brandy* e a água. Beba um pouco você também.”

“Obrigado, Percival. A água fria, com prazer, uma colher e o açucareiro. *Eau sucrée*,³ meu amigo... nada mais.”

“Açúcar e água, para um homem de sua idade! Cá está! Misture a sua beberagem. Vocês estrangeiros são todos iguais.”

“Agora, ouça, Percival. Eu vou colocar a sua situação com clareza para você, assim como a vejo; e você vai me dizer se estou certo ou errado. Você e eu viemos para esta casa, vindos do Continente, com os nossos negócios em grandes dificuldades...”

“Vá direto ao ponto! Eu precisava de alguns milhares, e você, de algumas centenas... E, sem o dinheiro, nós dois estamos arruinados juntos. Eis a situação. Faça bom proveito dela. Continue.”

“Bem, Percival, em suas próprias e firmes palavras inglesas, você precisava de alguns milhares e eu precisava de algumas centenas; e o único modo de consegui-las era você obter o dinheiro para atender às suas necessidades (com uma pequena margem, além disso, para as minhas pobres centenas), com o auxílio de sua esposa. O que eu falei para você sobre sua esposa a caminho da Inglaterra? E o que eu disse para você de novo, quando nós chegamos aqui e quando eu vi, com os meus próprios olhos, o tipo de mulher que a Srta. Halcombe era?”

“E como eu iria saber? Você ficou tagarelando sem parar, eu suponho, como de costume.”

“Eu disse isto: O engenho humano, meu amigo, até o presente só descobriu dois modos pelos quais um homem consegue controlar uma mulher. Um modo é subjugá-la... um método amplamente adotado pelas brutais classes inferiores de pessoas, mas absolutamente abominável para as classes mais refinadas e educadas acima delas. O outro modo (muito mais longo, muito mais difícil, mas, no fim, não menos certo) é nunca aceitar uma provocação partindo de uma mulher. Isso vale para as criaturas irracionais, vale para as crianças, e vale para as mulheres, que não são nada além de crianças crescidas. Uma determinação tranquila é a única qualidade em que as criaturas irracionais, as crianças e as mulheres, todas são deficientes. Se elas

puderem uma única vez abalar essa qualidade superior em seus senhores, elas levam a melhor sobre *eles*. Se elas nunca conseguem perturbá-lo, ele leva a melhor sobre *elas*. Eu disse para você, Lembre-se dessa verdade nua e crua, quando quiser que sua esposa ajude você com o dinheiro. Eu disse, ‘Lembre-se disso’ duas, três vezes, na presença da irmã de sua esposa, a Srta. Halcombe. Você se lembrou disso? Nem uma vez, em todas as complicações que se imiscuíram em nossa vida nesta casa. Cada vez que a sua esposa e a irmã dela puderam provocá-lo, você na mesma hora aceitou a provocação. Seu mau gênio perdeu a assinatura do documento, perdeu o dinheiro na sua mão, fez com que a Srta. Halcombe escrevesse para o advogado pela primeira vez...”

“Primeira vez? Ela escreveu de novo?”

“Sim; ela escreveu de novo, hoje.”

Uma cadeira caiu no piso da varanda — caiu com um estrondo, como se tivesse sido chutada.

Foi muito bom para mim que a revelação do Conde suscitasse a raiva de Sir Percival, como suscitou. Ao ouvir que eu havia sido descoberta pela segunda vez, tive um sobressalto tão grande que as grades contra as quais eu me apoiava rangeram de novo. Teria ele me seguido até a estalagem? Teria ele deduzido que eu deveria ter dado as cartas para Fanny, quando eu lhe disse que não tinha nada para colocar na sacola do correio? E, mesmo que fosse assim, como poderia ele ter examinado as cartas, se elas haviam saído diretamente de minhas mãos para o corpete do vestido de Fanny?

“Agradeça à sua boa estrela”, eu ouvi o Conde dizer em seguida, “por você ter a mim nesta casa, para desfazer o mal tão rápido quanto você o faz. Agradeça à sua boa estrela por eu ter dito, Não, quando você foi louco o suficiente para falar em trancafiar a Srta. Halcombe a chave, assim como fez, em sua insensatez pernicioso, com a sua esposa. Onde estão os seus olhos? Você consegue olhar para a Srta. Halcombe e não ver que ela tem a presciência e a resolução de um homem? Tivesse eu essa mulher como aliada, pouco me importaria com este mundo. Com essa mulher como minha inimiga, eu, com todo o meu cérebro e experiência... eu, Fosco, tinioso como o próprio diabo, como você já me disse umas cem vezes... eu, para usar a sua expressão inglesa, ando pisando em ovos! E essa estupenda criatura... eu bebo à saúde dela com a minha água com açúcar... essa estupenda criatura, que se posta, com a força do amor e da coragem dela, firme como uma rocha, entre nós dois e aquela sua pobre e banal linda esposa loira — essa mulher magnífica, a quem eu admiro com toda minh’alma, embora me oponha a ela devido aos seus interesses e aos meus, você a leva aos extremos, como se ela não fosse mais arguta e mais ousada que o resto das mulheres. Percival! Percival! Você

merece fracassar, e você *fracassou*.”

Houve uma pausa. Escrevo as palavras do patife ao meu respeito porque tenciono me lembrar delas, porque ainda espero pelo dia quando eu possa falar em alto e bom som, de uma vez por todas, na presença dele, e jogá-las de volta, uma a uma, na cara dele.

Sir Percival foi o primeiro a romper o silêncio de novo.

“Sim, sim; ameace e vocifere tanto quanto você quiser”, ele disse, emburrado; “a dificuldade em relação ao dinheiro não é a única dificuldade. Você seria a favor de tomar medidas drásticas com as mulheres... se soubesse tanto quanto eu sei.”

“Nós passaremos para essa segunda dificuldade no seu devido tempo”, replicou o Conde. “Você pode se confundir, Percival, tanto quanto quiser, mas não vai me confundir. Deixe que a questão do dinheiro seja esclarecida em primeiro lugar. Eu convenci a sua obstinação? Eu mostrei para você que seu gênio não vai deixar que você ajude a si mesmo? Ou devo voltar, e (como você afirmou em seu caro e objetivo inglês) ameaçar e vociferar um pouco mais?”

“Pfff! É fácil demais ficar rosnando para *mim*. Diga o que se há de fazer; isso é um pouco mais difícil.”

“É? Bah! Isto é o que tem de ser feito: Você abre mão de todo o controle sobre os negócios a partir desta noite; você o deixa, para o futuro, apenas em minhas mãos. Eu estou falando com um Inglês Prático... hã? Bem, Prático, isso está de acordo com você?”

“O que você propõe, se eu deixar tudo em suas mãos?”

“Responda-me em primeiro lugar. Ele vai ficar em minhas mãos, ou não?”

“Considere-o em suas mãos... e então?”

“Algumas perguntas, Percival, para começar. Eu preciso esperar um pouco, ainda, para permitir que as circunstâncias me orientem; e preciso saber, de todas as maneiras possíveis, quais provavelmente serão essas circunstâncias. Não há tempo a perder. Já falei para você que a Sra. Halcombe escreveu para o advogado hoje, pela segunda vez.”

“Como você descobriu isso? O que ela disse?”

“Se eu contasse para você, Percival, nós apenas voltaríamos para o ponto em que nos encontramos agora. Já basta que eu tenha descoberto; e a descoberta causou aqueles problemas e ansiedades que me deixaram tão inacessível para você durante o dia de hoje. Então, para refrescar a sua memória sobre seus negócios... já faz certo tempo desde que eu os discuti com você. O dinheiro foi obtido, na falta da assinatura de sua esposa, por meio de ordens de pagamento para três meses; obtidos a um custo que faz o meu pobre

cabelo estrangeiro ficar em pé só de pensar nisso! Quando as ordens de pagamento forem executadas, não há realmente um modo de pagá-las se não for com o auxílio de sua esposa?”

“Nenhum.”

“O quê! Você não tem dinheiro no banco!”

“Umas poucas centenas, quando eu preciso de muitos milhares.”

“Você não tem outras propriedades por meio das quais conseguir dinheiro?”

“Nem um alfinete.”

“O que você realmente obteve com a sua esposa, no momento presente?”

“Nada além dos juros das vinte mil libras dela; mal são suficientes para pagar as nossas despesas diárias.”

“O que você espera da sua esposa?”

“Três mil por ano, quando o tio dela morrer.”

“Uma bela fortuna, Percival. Que tipo de homem é o tio dela? Velho?”

“Não... nem velho nem moço.”

“Um homem de bom gênio e que vive à larga? Casado? Não... acho que minha esposa me disse, não é casado.”

“Claro que não. Se ele fosse casado e tivesse um filho, Lady Glyde não seria a próxima herdeira da propriedade. Vou dizer para você o que ele é. Ele é um tolo choramingas, desprezível e egoísta que atormenta todas as pessoas que chegam perto dele com seu estado de saúde.”

“Homens desse tipo, Percival, vivem por muito tempo, e se casam por pirraça quando você menos espera. Eu não tenho grandes esperanças, meu amigo, por suas chances nesses três mil por ano. Não há nada mais que venha para você da sua esposa?”

“Nada.”

“Absolutamente nada?”

“Absolutamente nada, a não ser em caso da morte dela.”

“Ahá? No caso da morte dela.”

Houve outra pausa. O Conde saiu da varanda e foi para o caminho de cascalho. Eu sabia que ele havia ido, por causa da voz dele.

“A chuva finalmente começou”, eu o ouvi dizer. Ela *havia* começado. O estado do meu casaco mostrava que ela estivera caindo forte por um tempinho.

O Conde voltou para a varanda; ouvi a cadeira ranger sob o peso dele enquanto se sentava nela de novo.

“Bem, Percival”, ele disse, “e, no caso da morte de Lady Glyde, o que

“você obtém, então?”

“Se ela não deixar filhos...”

“Que ela provavelmente deixará?”

“Que ela não tem a menor probabilidade de deixar...”

“Sim?”

“Ora, então eu fico com as vinte mil libras dela.”

“Na mesma hora?”

“Na mesma hora.”

Eles ficaram em silêncio uma vez mais. Quando as vozes deles se calaram, a sombra de Madame Fosco escureceu a cortina uma vez mais. Em vez de passar desta vez, ela permaneceu, por um momento, imóvel. Eu vi os dedos dela deslizando pelo canto da cortina e puxando-a para um lado. A indistinta silhueta branca do rosto dela, olhando para fora diretamente em minha direção, apareceu por trás da janela. Eu me mantive imóvel, envolta dos pés à cabeça em meu casaco negro. A chuva, que estava rapidamente me encharcando, batia contra o vidro, o empanava e impedia que Madame Fosco visse qualquer coisa. “Mais chuva!”, eu a ouvi dizer para si mesma. Ela soltou a cortina — e respirei tranquila de novo.

Embaixo, a conversa continuava; o Conde a retomando, desta vez.

“Percival! Você se importa com a sua esposa?”

“Fosco! Essa é uma pergunta muito direta.”

“Eu sou um homem direto, e a repito.”

“E por que diabos você olha para mim desse jeito?”

“Você não vai me responder? Bem, então; vamos dizer que a sua esposa morra antes do fim do verão...”

“Pare com isso, Fosco!”

“Vamos dizer que a sua esposa morra...”

“Pare com isso, estou dizendo!”

“Nesse caso, você ganharia vinte mil libras; e perderia...”

“Eu perderia a chance de três mil por ano.”

“A *remota* chance, Percival... Apenas a remota chance. E você precisa de dinheiro, imediatamente. Em sua posição, o ganho é certo; a perda, duvidosa.”

“Fale por si mesmo, bem como por mim. Uma parte do dinheiro que eu quero foi emprestada a *você*. E se você for falar em ganhos, a morte da *minha* esposa representaria dez mil libras no bolso da *sua* esposa. Arguto como você é, você parece ter convenientemente se esquecido do legado de Madame Fosco. Não me olhe desse jeito! Eu não vou aceitar isso! Com esses seus olhares e as suas perguntas, palavra de honra, você faz a minha pele ficar

arrepiada!”

“Sua pele? Pele significa consciência, em inglês? Estou falando da morte de sua esposa, como eu falo de uma possibilidade. Por que não? Os respeitáveis advogados que escrevinham os seus documentos e os seus testamentos olham a morte das pessoas na cara. Os advogados fazem a sua pele ficar arrepiada? Por que eu deveria fazer? É minha tarefa, esta noite, tornar a sua posição clara além da possibilidade de erro... e eu o fiz. Eis a sua posição. Se a sua esposa viver, você paga essas ordens de pagamento com a assinatura dela no documento. Se a sua esposa morrer, você as paga com a morte dela.”

Enquanto ele falava, a luz no quarto de Madame Fosco foi apagada; e todo o segundo piso da casa estava então mergulhado na escuridão.

“Falatório! Falatório!”, grunhiu Sir Percival. “Alguém poderia, ouvindo você, pensar que a assinatura da minha esposa no documento já tivesse sido obtida.”

“Você deixou a questão em minhas mãos”, retorquiu o Conde, “e eu tenho mais de dois meses à minha frente para pensar nela. Não diga mais nada a respeito disso, por favor, no momento. Quando as ordens de pagamento forem executadas, você vai ver por si mesmo se meu ‘falatório! falatório!’ vale alguma coisa, ou se não vale. E agora, Percival, tendo encerrado a questão do dinheiro, por esta noite, posso colocar a minha atenção ao seu dispor, se você deseja me consultar a respeito daquela segunda dificuldade, que se imiscuiu com os nossos pequenos percalços, e que mudou tanto você para pior, que eu mal o reconheço. Fale, meu amigo... E me perdoe se eu choco o seu fogoso gosto nacional preparando para mim um segundo copo de água com açúcar.”

“É muito bonito dizer para eu falar”, replicou Sir Percival, em um tom de voz mais baixo e mais cortês do que ele havia adotado até então, “mas não é fácil saber como começar.”

“Posso ajudar você?”, sugeriu o Conde. “Posso dar a essa sua dificuldade particular um nome? E se eu a chamasse de... Anne Catherick?”

“Veja bem, Fosco, você e eu nos conhecemos há muito tempo; e, se você me ajudou a sair de uma ou duas situações difíceis antes disto, eu fiz o melhor que pude para ajudar você, no que diz respeito a dinheiro. Nós temos feito tantos sacrifícios amistosos, de ambos os lados, quanto os homens podem fazer; mas nós guardamos os nossos segredos um do outro, naturalmente... não guardamos?”

“Você guarda um segredo de *mim*, Percival. Há um fantasma assombrando você aqui em Blackwater Park, e que tem atacado, nestes últimos dias, outras pessoas além de você.”

“Bem, vamos supor que sim. Se isso não diz respeito a você, você não

precisa ficar curioso a respeito do assunto, precisa?”

“Eu aparento estar curioso a respeito do assunto?”

“Sim, aparenta.”

“Isso! Isso! O meu rosto diz a verdade, então? Que imenso manancial de bondade deve haver na natureza de um homem que chega à minha idade, e cujo rosto ainda não perdeu o hábito de dizer a verdade!... Ora, Glyde! Vamos ser sinceros um com o outro. Esse seu segredo veio atrás de *mim*; eu não fui atrás *dele*. Digamos que eu esteja curioso... você me pede, como seu velho amigo, para respeitar o seu segredo, e para deixá-lo, de uma vez por todas, em suas mãos?”

“Sim... É exatamente isso o que eu peço.”

“Então a minha curiosidade se acabou. Ela morre dentro de mim, a partir de agora.”

“Você está mesmo querendo dizer isso?”

“O que leva você a duvidar de mim?”

“Eu tenho tido um pouco de experiência, Fosco, com os seus modos tortuosos; e não tenho certeza de que você não vai arrancá-lo de mim, no fim das contas.”

A cadeira de repente tornou a ranger — eu senti o pilar de treliça sob meu corpo balançar de uma ponta a outra. O Conde havia se levantado de um salto e batido nele com a mão, indignado.

“Percival! Percival!”, ele exclamou, com veemência, “você não me conhece? Toda a sua experiência ainda não lhe mostrou nada do meu caráter? Eu sou um homem à antiga! Sou capaz dos mais exaltados atos de virtude... quando tenho a chance de realizá-los. Foi a desventura de minha vida eu ter tido poucas chances. Minha ideia de amizade é sublime! É culpa minha que o seu fantasma tenha vindo me assombrar? Por que eu confesso a minha curiosidade? Oh, pobre inglês superficial, é para engrandecer o meu próprio autocontrole. Eu poderia tirar o seu segredo de você, se quisesse, assim como afasto este dedo da palma de minha mão... você sabe que eu poderia! Mas você fez um apelo à minha amizade; e os deveres da amizade são sagrados para mim. Veja! Eu pisoteio a minha indigna curiosidade. Meus sentimentos exaltados me colocam acima disso. Reconheça-os, Percival! Imita-os, Percival! Aperte a minha mão... eu perdoo você.”

A voz dele falhou ao dizer as últimas palavras — falhou, como se ele realmente estivesse chorando!

Sir Percival, confuso, tentou se desculpar. Mas o Conde era magnânimo demais para ouvi-lo.

“Não!”, ele disse. “Quando o meu amigo me magoou, eu sou capaz de

perdoá-lo sem desculpas. Diga-me, em palavras simples, você quer a minha ajuda?”

“Sim, desesperadamente.”

“E você consegue pedi-la sem se comprometer?”

“Posso tentar, de qualquer modo.”

“Tente, então.”

“Bem, a situação é a seguinte: eu disse a você, hoje, que fiz o melhor possível para encontrar Anne Catherick, e fracassei.”

“Sim, você disse.”

“Fosco! Eu sou um homem perdido, se eu *não* encontrá-la.”

“Ah! é tão sério assim?”

Um pequeno feixe de luz passou por sob a varanda, e recaiu sobre o caminho de cascalho. O Conde havia trazido a lamparina da biblioteca, para ver o amigo com clareza à luz dela.

“Sim!”, ele disse. “*Seu* rosto está falando a verdade desta vez. É sério, realmente... tão sério quanto a própria questão financeira.”

“Mais sério. Tão certo quanto eu estar sentado aqui, mais sério!”

A luz tornou a desaparecer, e a conversa prosseguiu.

“Eu mostrei a você a carta para minha esposa que Anne Catherick escondeu na areia”, continuou Sir Percival. “Não há vanglória naquela carta, Fosco... ela conhece *mesmo* o Segredo.”

“Diga o menos possível, Percival, em minha presença, sobre o Segredo. Ela ficou sabendo por seu intermédio?”

“Não; por intermédio da mãe dela.”

“Duas mulheres na posse de seus pensamentos mais íntimos... ruim, ruim, ruim, meu amigo! Uma pergunta neste ponto, antes de seguirmos adiante. O motivo pelo qual você aprisionou a filha no sanatório agora fica totalmente claro para mim... porém, o modo como ela fugiu não é assim tão claro. Você suspeita que as pessoas responsáveis por ela tenham fechado os olhos de propósito, a pedido de algum inimigo, que poderia fazer com que isso valesse a pena para eles?”

“Não; ela era a paciente mais bem comportada que eles tinham... E, como tolos, eles confiaram nela. Ela é louca o suficiente para ser aprisionada, e são o suficiente para me arruinar quando está por aí... se você consegue entender isso?”

“Eu entendo muito bem. Então, Percival, vá direto ao ponto; e então saberei o que fazer. Qual é o perigo para a sua posição no momento presente?”

“Anne Catherick está nas redondezas, e em contato com Lady Glyde... eis o perigo, com toda a clareza. Quem pode ler a carta que ela escondeu na areia e não ver que a minha esposa se encontra na posse do segredo, por mais que ela possa negar isso?”

“Um momento, Percival. Se Lady Glyde conhece o segredo, ela também deve saber que é um segredo que compromete *você*. Como sua esposa, certamente é interesse dela mantê-lo?”

“É? Eu vou chegar a esse ponto. Poderia ser interesse dela se ela se importasse um pouquinho comigo. Mas casualmente eu sou uma pedra no caminho de outro homem. Ela estava apaixonada por ele antes de se casar comigo; ela está apaixonada por ele agora; um vagabundo desgraçado de um professor de desenho, chamado Hartright.”

“Meu caro amigo! O que há de extraordinário nisso? Todas elas estão apaixonadas por algum outro homem. Quem alcança em primeiro lugar o coração de uma mulher? Em toda a minha experiência, nunca me deparei com o homem que foi o Número Um. Número Dois, às vezes. Número Três, Quatro, Cinco, com frequência. Número Um, nunca! Ele existe, é claro... mas eu ainda não me encontrei com ele.”

“Espere! Eu ainda não acabei. Quem você acha que ajudou Anne Catherick a tomar a dianteira, quando os funcionários do manicômio estavam atrás dela? Hartright. Quem você acha que a viu de novo em Cumberland? Hartright. Nas duas vezes, ele conversou com ela a sós. Pare! Não me interrompa. O salafrário está tão enrabichado pela minha esposa como ela por ele. Ele conhece o segredo, e ela conhece o segredo. É só deixar que eles fiquem juntos de novo, e é interesse dela e interesse dele usar essa informação contra mim.”

“Calma, Percival... calma! Você não pensa na virtude de Lady Glyde?”

“Uma ova para a virtude de Lady Glyde! Eu não acredito em nada a respeito dela a não ser no seu dinheiro. Você não vê como a situação está? Ela pode ser bastante inofensiva por si só; mas se ela e aquele vagabundo do Hartright...”

“Sim, sim, estou vendo. Onde se encontra o Sr. Hartright?”

“Fora do país. Se ele tenciona manter a pele toda sobre os ossos, eu recomendo que ele não volte às pressas.”

“Você tem certeza de que ele está fora do país?”

“Certeza. Eu o mandei vigiar desde o momento em que ele partiu de Cumberland até o dia em que ele embarcou. Oh, eu fui cuidadoso, posso garantir isso para você! Anne Catherick ficou hospedada com algumas pessoas em uma propriedade rural perto de Limmeridge. Eu fui lá, depois de ela ter me escapado, e garanti que eles não sabiam de nada. Eu dei para a mãe

dela um modelo de carta para escrever para a Srta. Halcombe, me eximindo de quaisquer motivos escusos para colocar Anne sob vigilância médica. Eu gastei, tenho medo de dizer quanto dinheiro, tentando localizá-la. E, apesar de tudo, ela aparece aqui, e escapa de mim em minha própria propriedade! Como eu sei quem mais pode vê-la, com quem mais ela pode conversar? Aquele salafrário intrometido, Hartright, pode voltar sem que eu saiba, e pode se aproveitar de Anne amanhã...”

“Não ele, Percival! Enquanto eu estiver por perto, e enquanto essa mulher estiver nas vizinhanças, garanto que nós colocaremos as mãos nela, antes do Sr. Hartright... mesmo que ele volte. Eu entendo! Sim, sim, eu entendo! Encontrar Anne Catherick é a necessidade imperiosa; tranquilize-se a respeito do resto. Sua esposa está aqui, na palma da sua mão; a Srta. Halcombe não se afasta dela, e, portanto, também está na palma da sua mão; e o Sr. Hartright está fora do país. Essa sua invisível Anne é tudo em que temos de pensar no momento. Você fez as suas investigações?”

“Sim. Fui ter com a mãe dela; eu revirei o vilarejo... e tudo em vão.”

“E se pode confiar na mãe dela?”

“Sim.”

“Ela contou o seu segredo uma vez.”

“Ela não vai contar de novo.”

“E por que não? É interesse dela mantê-lo, bem como o seu?”

“Sim... um interesse imenso.”

“Fico feliz por ouvir isso, Percival, por sua causa. Não desanime, meu amigo. Nossas questões financeiras, como eu lhe disse, me deixam tempo de sobra para pensar nelas; e *eu* posso procurar Anne Catherick amanhã com mais proveito que você. Uma última pergunta, antes de irmos dormir.”

“Qual é?”

“A seguinte: quando eu fui ao abrigo para barcos para dizer a Lady Glyde que o pequeno problema relacionado à assinatura dela havia sido deixado de lado, a casualidade me levou lá em tempo de ver uma mulher desconhecida se afastando de sua esposa de um modo muito suspeito. Porém, a casualidade não me levou perto o suficiente para ver o rosto dessa mesma mulher com clareza. Eu preciso saber como reconhecer a nossa invisível Anne. Qual é a aparência dela?”

“Aparência? Ora! Eu vou dizer em duas palavras. Ela é a cara da minha esposa.”

A cadeira rangeu, e o pilar balançou uma vez mais. O Conde estava em pé de novo — e, desta vez, espantado.

“O quê!!!”, ele exclamou, ansioso.

“Pense na minha esposa, depois de uma doença grave, com um toque de algo errado na cabeça... e eis Anne Catherick para você”, respondeu Sir Percival.

“Elas são parentes?”

“Nem mesmo distantes.”

“E, mesmo assim, tão parecidas?”

“Sim, tão parecidas. De que você está rindo?”

Não houve resposta, e nenhum tipo de som. O Conde estava rindo com a sua suave risada íntima.

“De que você está rindo?”, tornou a dizer Sir Percival.

“Talvez de minha própria imaginação, meu bom amigo. Seja condescendente com meu senso de humor italiano... eu não venho da ilustre nação que criou o show do Punch? Ora, ora, ora, eu vou reconhecer Anne Catherick quando eu a vir... e basta por esta noite. Tranquelize-se, Percival. Durma, meu filho, o sono dos justos; e veja o que eu vou fazer por você quando a luz do dia surgir para ajudar a ambos. Tenho os meus projetos e os meus planos, aqui na minha grande cabeça. Você há de pagar aquelas ordens de pagamento e encontrar Anne Catherick... minha sagrada palavra de honra quanto a isso, você vai! Eu sou um amigo a ser conservado no melhor cantinho de seu coração, ou não sou? Eu sou digno daqueles empréstimos de dinheiro, os quais você me fez recordar há alguns minutos? O que quer que você faça, nunca mais magoe os meus sentimentos. Reconheça-os, Percival! Imita-os, Percival! Eu perdoo você de novo; troco um aperto de mãos de novo. Boa noite!”

Nenhuma palavra a mais foi dita. Eu ouvi o Conde fechar a porta da biblioteca. Ouvi Sir Percival fechando as venezianas. Estava chovendo, chovendo o tempo todo. Eu estava enrijecida por causa de minha posição, e enregelada até os ossos. Quando tentei me mover pela primeira vez, o esforço me foi tão doloroso, que fui obrigada a desistir. Tentei uma segunda vez, e consegui me colocar de joelhos no teto molhado.

Enquanto eu me arrastava até a parede, e me erguia apoiada nela, olhei para trás e vi a janela do quarto de vestir do Conde brilhando com luz. Minha coragem debilitada se acendeu de novo em meu íntimo, e manteve os meus olhos fixos na janela dele, enquanto eu me esgueirava, passo a passo, de volta, acompanhando a parede da casa.

O relógio soou um quarto depois da uma quando coloquei as mãos no peitoril da janela de meu próprio quarto. Eu não tinha visto nada, e nem ouvido nada que pudesse me levar a supor que meu esconderijo tivesse sido descoberto.

DIA 20 DE JUNHO. Oito horas da manhã. O sol está brilhando em um céu claro. Eu não me aproximei de minha cama — eu não fechei os meus olhos fatigados e insones nem um instante. Da mesma janela pela qual eu olhei para a escuridão da noite passada, eu olho, agora, para a luminosa quietude da manhã.

Eu conto as horas que se passaram desde que me esgueirei para o refúgio deste quarto com base em minhas próprias sensações — e essas horas parecem semanas.

Quão curto o espaço de tempo, e, no entanto, quão longo para *mim* — desde que mergulhei na escuridão, aqui, no chão, totalmente encharcada, com todos os membros doendo, enregelada até os ossos, uma criatura inútil, impotente e dominada pelo pânico.

Mal sei quando eu recobrei os sentidos. Mal sei quando eu fui tateando até o quarto de dormir, e acendi a vela, e procurei (estranhamente sem saber, a princípio, onde procurá-las) roupas secas para me aquecer. A realização dessas atividades está em minha mente, mas não o momento em que foram feitas.

Eu consigo mesmo me lembrar quando a sensação de frio e de enrijecimento me abandonou, e o calor pulsante surgiu em seu lugar?

Com certeza, foi antes de o sol nascer? Sim; ouvi o relógio soar três horas. Eu me lembro da hora por causa da repentina luminosidade e clareza, a tensão e a excitação febris de todas as minhas faculdades decorrentes disso. Eu me lembro de minha resolução de me controlar, de esperar, paciente, hora após hora, até que se apresentasse a oportunidade de tirar Laura deste lugar horrível, sem o perigo de uma descoberta e de uma perseguição imediatas. Eu me lembro da convicção se estabelecendo em minha mente de que as palavras que aqueles dois homens tinham trocado entre si nos proporcionariam não apenas a nossa justificativa para deixar a casa, mas também as nossas armas de defesa contra eles. Eu rememoro o impulso que se despertou em mim para preservar essas palavras na escrita, exatamente como foram pronunciadas, enquanto eu ainda tinha tempo, e enquanto a minha memória as recordasse em detalhes. De tudo isso eu me lembro com clareza; ainda não há confusão em minha cabeça. Vir para cá, do quarto de dormir, com minha pena e tinta e papel, antes do nascer do sol — sentar-me perto da janela escancarada para obter todo o ar que eu pudesse para me refrescar — escrever ininterruptamente, cada vez mais rápido, cada vez mais veemente, continuando, cada vez mais alerta, durante todo o pavoroso intervalo antes

que a casa acordasse de novo — com quanta clareza eu rememoro isso, desde o início à luz de velas, ao fim da página anterior a esta, à luz do sol do novo dia!

Por que ainda estou sentada aqui? Por que eu fatigo os meus olhos abrasados e a minha cabeça febril escrevendo mais? Por que não me deito e descanso, e tento mitigar a febre que me consome, no sono?

Não ousou tentar isso. Um temor maior que todos os outros se apoderou de mim. Eu tenho medo deste calor que resseca a minha pele. Eu tenho medo do formigar e do pulsar que sinto em minha cabeça. Se eu me deitar agora, como eu vou saber que poderei ter o discernimento e as forças para me levantar de novo?

Oh, a chuva, a chuva... a chuva cruel que me enregelou a noite passada!

* * * * *

Nove horas. Soaram as nove horas, ou oito? Nove, com certeza? Estou tremendo de novo — tremendo dos pés à cabeça, no ar do verão. Eu fiquei sentada aqui, adormecida? Não sei o que eu estive fazendo.

Oh, meu Deus! Eu vou ficar doente?

Doente, em uma ocasião como esta!

Minha cabeça — eu estou com muito medo por causa de minha cabeça. Consigo escrever, mas as linhas se embaralham. Eu vejo as palavras. Laura — eu consigo escrever Laura, e eu vejo que escrevi. Oito ou nove — qual delas?

Tão frio, tão frio... oh, aquela chuva a noite passada! — e as batidas do relógio, as batidas que não consigo contar, continuam a soar em minha cabeça...

* * * * *

Nota

[Nesta parte, a anotação no Diário deixa de ser legível. As três linhas a seguir contêm fragmentos de palavras apenas, misturados com borrões e rabiscos da pena. As últimas marcas no papel têm certa semelhança com as duas primeiras letras (L e A) do nome de Lady Glyde.

Na página seguinte do Diário, aparece outra anotação. Ela foi feita em uma caligrafia masculina, grande, vigorosa e muito regular; e a data é “Dia 21 de junho”. Ela contém estas linhas:]

POSTSCRIPTUM DA PARTE DE UM AMIGO SINCERO

A doença da nossa excelente Srta. Halcombe me proporcionou a oportunidade de desfrutar de um inesperado prazer intelectual.

Eu me refiro à leitura (que finalizei agora mesmo) deste interessante Diário.

Há muitas centenas de páginas nele. Posso colocar a mão sobre o coração, e declarar que cada página me encantou, me revigorou e me deleitou.

Para um homem com os meus sentimentos, é indizivelmente gratificante poder dizer isso.

Admirável mulher!

Eu me refiro à Srta. Halcombe.

Esforço estupendo!

Eu me refiro ao Diário.

Sim! Estas páginas são impressionantes. O tato que encontro nelas, a discrição, a rara coragem, o maravilhoso poder da memória, a observação acurada da personalidade, a graça do estilo, os encantadores arroubos de sentimentos feminis, todos eles aumentaram de modo inexprimível a minha admiração por essa criatura sublime, essa magnífica Marian. A apresentação de meu caráter é perfeita ao extremo. Certifico, com a maior sinceridade, a fidelidade do retrato. Eu sinto quão vívida foi a impressão que devo ter produzido para ter sido pintado com tais cores tão fortes, tão vivas, tão sólidas como estas. Eu lamento de novo a cruel necessidade que coloca os nossos interesses em desacordo, e nos opõe um ao outro. Sob circunstâncias mais felizes, quão digno eu teria sido da Srta. Halcombe — e quão digna a Srta. Halcombe teria sido de MIM.

Os sentimentos que animam o meu coração me garantem que as linhas que acabei de escrever manifestam uma Verdade Profunda.

Esses sentimentos me exalçam acima de todas as meras considerações pessoais. Eu presto o meu tributo, do modo mais desinteressado, à excelência do estratagema por meio do qual essa mulher inigualável ouviu a conversa particular entre mim e Percival. E também à maravilhosa acurácia do relato dela de toda a conversa, do início ao fim.

Esses sentimentos me levaram a oferecer ao insensível médico que cuida dela o meu vasto conhecimento de química, e minha brilhante experiência dos recursos mais sutis que a ciência médica e a cura magnética têm colocado ao dispor da humanidade. Até o momento, ele se recusou a aproveitar a minha assistência. Desgraçada criatura!

Finalmente, esses sentimentos ditam as linhas — gratas, compassivas e paternais — que aparecem neste momento. Eu fecho o diário. Meu rígido senso de adequação o devolve (pelas mãos de minha esposa) ao seu lugar na

mesa da autora. Os acontecimentos estão me levando a agir rapidamente. As circunstâncias me estão conduzindo a questões mais sérias. Amplas perspectivas de sucesso se descortinam perante os meus olhos. Eu concretizo o meu destino com uma calma que é impressionante para mim. Nada além da homenagem de minha admiração é minha. Eu a coloco, com respeitosa ternura, aos pés da Srta. Halcombe.

Eu murmuro os meus desejos pela recuperação dela.

Eu me condeo do fracasso inevitável de todos os planos que ela criou para o benefício da irmã. Ao mesmo tempo, lhe suplico que acredite que as informações por mim extraídas do diário dela não irão, de modo algum, me ajudar a contribuir para esse fracasso. Elas simplesmente confirmam o plano de conduta que eu havia estabelecido antes. Tenho de agradecer a estas páginas por elas despertarem as mais refinadas sensibilidades em minha natureza — nada mais.

Para uma pessoa de igual sensibilidade, esta simples asseveração irá explicar e justificar tudo.

A Srta. Halcombe é uma pessoa de igual sensibilidade.

Com tal convicção, eu assino,

Fosco.

¹ Chocolate com baunilha

² Em voz baixa.

³ Água com açúcar.

*A História continuada por FREDERICK FAIRLIE, ESQ.,
da Mansão de Limmeridge.*¹

É o grande infortúnio de minha vida o fato de que ninguém vai me deixar tranquilo.

Por que... eu pergunto a todos... por que me perturbar? Ninguém responde a essa pergunta; e ninguém me deixa em paz. Parentes, amigos e desconhecidos, todos se mancomunam para me aborrecer. O que foi que eu fiz? Eu me pergunto, pergunto ao meu criado, Louis, cinquenta vezes por dia — o que foi que eu fiz? Nenhum de nós consegue responder. Muito extraordinário!

O último aborrecimento que se me impôs é o aborrecimento de ser convocado para escrever esta Narrativa. É um homem em meu torturante estado de nervos capaz de escrever narrativas? Quando eu apresento esta objeção extremamente razoável, me dizem que estou envolvido em certos acontecimentos graves, relacionados à minha sobrinha; e que por essa razão eu sou a pessoa adequada para descrevê-los. Eu sou ameaçado, se eu não conseguir me esforçar da maneira exigida, com consequências em que eu não sou capaz nem de pensar sem uma total prostração. Realmente não há necessidade de me ameaçar. Destroçado por minha lamentável saúde e por meus problemas familiares, eu sou incapaz de resistir. Se vocês insistem, vocês se aproveitam injustamente de mim; e eu cedo imediatamente. Eu vou me esforçar para lembrar o que eu posso (sob protestos) e escrever o que eu posso (também sob protestos); e o que eu não consigo lembrar e não consigo escrever, Louis tem de lembrar e escrever por mim. Ele é um imbecil, e eu sou um inválido; e, juntos, nós dois seremos capazes de cometer todos os tipos de erro. Quão humilhante!

Pedem-me que eu me lembre de datas. Deus do céu! Jamais fiz tal coisa em minha vida — como poderia eu começar agora?

Eu perguntei para Louis. Ele não é tão imbecil quanto eu até então supunha. Ele se recorda da data do acontecimento, no espaço de uma ou duas semanas — e eu me lembro do nome da pessoa. A data foi perto do fim de junho, ou no começo de julho; e o nome (em minha opinião, um nome

notavelmente vulgar), era Fanny.

No fim de junho, ou no começo de julho, então, eu estava reclinado, como de costume, em meu estado habitual, rodeado pelos inúmeros objetos de arte que eu tenho reunido para aperfeiçoar o gosto dessas pessoas bárbaras em minha vizinhança. Quer dizer, eu tinha ao meu redor as fotografias de minhas pinturas, e das gravuras, e das moedas, e assim por diante, que eu pretendia, um dia desses, oferecer (as fotografias, eu quero dizer, se a desajeitada língua inglesa me permitir qualquer coisa) — oferecer à Instituição em Carlisle (lugar horrível!), com o objetivo de aperfeiçoar o gosto dos Membros (Godos e Vândalos, todos eles). Pode-se supor que um cavalheiro que estivesse a ponto de conferir um grande benefício nacional aos seus concidadãos fosse o último cavalheiro neste mundo que, insensível a essa situação, estaria preocupado com questões familiares e dificuldades particulares. Um grande erro, eu garanto a vocês, no meu caso.

Entretanto, lá estava eu, reclinado, com os meus tesouros artísticos ao meu redor, e desejando uma manhã tranquila. Porque eu desejava uma manhã tranquila, é claro que Louis apareceu. Era perfeitamente natural que eu perguntasse que diabos ele queria aparecendo daquele jeito, quando eu não havia tocado o meu sino. Eu raramente praguejo — este é um hábito tão pouco típico de um cavalheiro — mas quando Louis respondeu com um sorriso, eu acho que foi também perfeitamente natural que eu o xingasse por sorrir. De qualquer modo, eu o fiz.

Esse rigoroso modo de tratamento, eu tenho observado, invariavelmente faz com que as pessoas das classes inferiores tornem a agir de modo racional. Isso fez com que Louis *agisse de modo racional*. Ele foi tão educado a ponto de deixar de sorrir e me informar que uma Jovem Pessoa estava fora do quarto, desejando me ver. Ele acrescentou (com a odiosa loquacidade dos empregados), que o nome dela era Fanny.

“Quem é Fanny?”

“A empregada de Lady Glyde, senhor.”

“E o que a empregada de Lady Glyde quer *comigo*?”

“Uma carta, senhor...”

“Pegue-a.”

“Ela se recusa a entregá-la a qualquer pessoa que não seja o senhor.”

“Quem está mandando a carta?”

“A Srta. Halcombe, senhor.”

No momento em que eu ouvi o nome da Srta. Halcombe, eu desisti. É um costume meu sempre ceder à Srta. Halcombe. Eu descobri, por experiência, que isso poupa barulho. Eu desisti nessa ocasião. Cara Marian!

“Deixe que a empregada de Lady Glyde entre, Louis. Pare! Os sapatos dela rangem?”

Eu tive de fazer a pergunta. Sapatos que rangem invariavelmente me deixam nervoso durante o resto do dia. Eu havia me resignado a ver a Jovem Pessoa, mas *não* estava resignado a permitir que os sapatos da Jovem Pessoa me deixassem nervoso. Há um limite até para a minha tolerância.

Louis afirmou claramente que se podia confiar nos sapatos dela. Eu balancei a mão. Ele a introduziu. É necessário dizer que ela manifestou a sua sensação de constrangimento fechando a boca e respirando pelo nariz? Para o estudante da natureza humana feminina das classes inferiores, certamente não.

Que eu faça justiça à menina. Os sapatos dela *não* rangiam. Mas, por que todas as Jovens Pessoas trabalhadoras transpiram nas mãos? Por que todas elas têm narizes grossos e bochechas duras? E por que os rostos delas são tão lamentavelmente mal-acabados, principalmente perto dos cantos das pálpebras? Eu não sou forte o suficiente para pensar profundamente em qualquer assunto; no entanto, faço um apelo aos homens capacitados que o são. Por que nós não temos variedade em nossa cepa de Jovens Pessoas?

“Você tem uma carta para mim, da Srta. Halcombe? Coloque-a na mesa, por favor; e não mexa em nada. Como está a Srta. Halcombe?”

“Muito bem, obrigada, senhor.”

“E Lady Glyde?”

Eu não recebi resposta. O rosto da Jovem Pessoa ficou mais mal-acabado que nunca; e eu acho que ela começou a chorar. Eu certamente vi algo úmido em volta dos olhos dela. Lágrimas ou suor? Louis (a quem eu acabei de consultar) está inclinado a pensar, lágrimas. Ele se encontra na mesma classe que ela, na vida; e ele deve ter mais conhecimento. Vamos dizer, lágrimas.

A não ser quando o processo depurativo da Arte judiciosamente remove delas toda a semelhança com a Natureza, eu objeto categoricamente às lágrimas. Lágrimas são cientificamente descritas como uma Secreção. Eu sou capaz de entender que uma secreção possa ser saudável ou não saudável; mas, não consigo ver qual é o interesse de uma secreção de um ponto de vista sentimental. Talvez, as minhas próprias secreções estando todas erradas, eu seja um pouquinho preconceituoso em relação ao assunto. Não importa. Eu me comportei, nessa ocasião, com toda a adequação e sentimento possíveis. Eu fechei os meus olhos e disse para Louis:

“Esforce-se para descobrir o que ela quer dizer.”

Louis se esforçou, e a Jovem Pessoa se esforçou. Eles conseguiram confundir um ao outro a tal ponto que, por um sentido de gratidão, eu devo dizer, eles realmente me entreteram. Eu acho que vou mandar buscá-los de novo, quando estiver acabrunhado. Eu acabei de mencionar a ideia para Louis.

É estranho dizer, ela parece deixá-lo intranquilo. Pobre-diabo!

Com certeza, não se espera que eu repita a explicação da empregada de minha sobrinha sobre as lágrimas dela, interpretadas no inglês de meu criado de quarto suíço? A coisa toda é declaradamente impossível. Eu talvez possa oferecer as minhas próprias impressões e sentimentos. Isso pode ter o mesmo valor? Por favor, digam que Sim.

Minha ideia é a de que ela começou a me dizer (por intermédio de Louis) que o patrão dela a havia mandado embora do serviço de sua patroa. (Observem, o tempo todo, a estranha irrelevância da Jovem Pessoa. Era culpa minha ela ter perdido a sua posição?) Ao ser mandada embora, ela havia ido à estalagem para dormir. (*Eu não sou dono da estalagem... por que a mencionar para mim?*) Entre as seis horas da tarde e as sete horas, a Srta. Halcombe havia ido se despedir, e tinha lhe dado duas cartas, uma para mim, e uma para um cavalheiro em Londres. (*Eu não sou um cavalheiro em Londres — para os diabos com o cavalheiro em Londres!*) Ela havia cuidadosamente colocado as duas cartas no corpete do vestido (o que eu tenho a ver com o corpete do vestido dela?); ela tinha se sentindo muito infeliz, quando a Srta. Halcombe foi embora de novo; ela não tinha coragem para colocar um tiquinho de comida ou de água na boca até ser quase hora de dormir; e então, quando já estava perto das nove horas da noite, ela havia pensado que gostaria de uma xícara de chá. (E sou eu responsável por qualquer uma dessas vulgares vicissitudes que começam com infelicidade e terminam com chá?) Bem na hora em que ela estava *aquecendo a chaleira* (eu escrevo estas palavras com base na autoridade de Louis, que diz saber o que elas significam, e deseja explicar, mas eu o repreendo por princípio) — bem quando ela estava aquecendo a chaleira, a porta se abriu, e ela *ficou que não tirava um dedo do lugar* (palavras dela de novo, e perfeitamente ininteligíveis, desta vez, para Louis, bem como para mim) pelo surgimento, na sala de estar da estalagem, de sua senhoria, a Condessa. Eu ofereço a descrição feita pela empregada de minha sobrinha do título de minha irmã com uma sensação do mais elevado deleite. Minha pobre e cara irmã é uma mulher cansativa que se casou com um estrangeiro. Para continuar: a porta se abriu; sua senhoria, a Condessa, apareceu na sala de estar, e a Jovem Pessoa não tirava um dedo do lugar. Muito extraordinário!

Eu realmente preciso descansar um pouquinho antes de poder prosseguir. Quando eu tiver me recostado por alguns minutos, com os olhos fechados, e quando Louis tiver refrescado as minhas pobres têmporas doloridas com um pouquinho de água-de-colônia, eu talvez tenha condição de continuar.

Sua senhoria, a Condessa...

Não. Eu tenho condição de prosseguir, mas não de ficar sentado. Eu vou

me recostar e ditar. Louis tem um sotaque horrível, mas conhece a língua e sabe escrever. Quão conveniente!

Sua senhoria, a Condessa, justificou a sua inesperada presença na estalagem dizendo para Fanny que havia vindo trazer uma ou duas mensagens de que a Srta. Halcombe, em sua pressa, se esquecera. Com isso, a Jovem Pessoa esperou ansiosa para saber quais eram as mensagens; mas a Condessa parecia pouco inclinada a mencioná-las (tão característico dos modos enfadonhos de minha irmã!), até Fanny ter bebido o seu chá. Sua senhoria estava surpreendentemente gentil e atenciosa em relação ao chá (extremamente não característico de minha irmã), e disse, “Tenho certeza, pobre menina, de que você deve estar querendo o seu chá. Nós podemos deixar as mensagens para depois. Ora, ora, se nada mais vai deixar você tranquila, eu vou fazer o chá e tomar uma xícara com você.” Acho que essas foram as palavras, conforme foram relatadas cheias de excitação, em minha presença, pela Jovem Pessoa. De qualquer modo, a Condessa insistiu em preparar o chá, e levou a sua ridícula ostentação de humildade ao ponto de beber uma xícara, e insistir que a mocinha bebesse a outra. A mocinha bebeu o chá; e, segundo seu próprio relato, celebrou a extraordinária ocasião, cinco minutos depois, caindo dura feito pedra pela primeira vez em sua vida. Aqui, novamente, eu uso as palavras dela. Louis acha que elas foram acompanhadas por uma crescente secreção de lágrimas. Eu não sou capaz de dizer. O esforço de ouvir sendo tudo que eu podia fazer, os meus olhos estavam fechados.

Onde foi que eu parei? Ah, sim... Ela desmaiou, depois de beber uma xícara de chá com a Condessa; um procedimento que poderia ter me interessado, se eu fosse seu médico; mas, não sendo nada disso, eu me senti entediado ao ouvir o fato, nada mais. Quando ela recobrou os sentidos, em meia hora, ela estava no sofá, e ninguém estava com ela a não ser a senhoria. A Condessa, achando que era tarde demais para ficar por mais tempo na estalagem, havia ido embora assim que a menina deu sinais de estar se recuperando; e a senhoria tinha sido gentil o bastante para ajudá-la a ir para o andar de cima e se deitar.

Deixada a sós, ela havia apalpado o seu corpete (eu lamento a necessidade de me referir a essa parte do assunto uma segunda vez), e encontrado as duas cartas lá, a salvo, mas estranhamente amarrotadas. Ela tinha passado a noite com tontura, mas acordado bem o suficiente para viajar de manhã. Ela havia colocado a carta endereçada ao intrometido desconhecido, o cavalheiro de Londres, no correio; e havia então deixado a outra carta em minhas mãos, conforme lhe haviam dito. Essa era a verdade nua e crua; e embora não pudesse se culpar por qualquer negligência intencional, ela estava muito perturbada, e precisando muito de um conselho. Neste ponto, Louis acha que

as secreções apareceram novamente. Talvez tenham aparecido; mas é de uma importância infinitamente maior mencionar que, também neste ponto, eu perdi a minha paciência, abri os olhos e interfeiri.

“Qual é o propósito de tudo isso?”, eu perguntei.

A irrelevante empregada de minha sobrinha ficou me olhando, muda.

“Esforce-se para explicar”, eu disse para o meu criado. “Traduza-me, Louis.”

Louis se esforçou, e traduziu. Em outras palavras, ele imediatamente se lançou em um infinito abismo de confusão; e a Jovem Pessoa o seguiu. Eu realmente não sei quando eu havia me entretido tanto. Eu os deixei no fundo do abismo, enquanto eles me entretiveram. Quando deixaram de me entreter, eu empreguei a minha inteligência, e os trouxe para cima de novo.

É desnecessário dizer que minha interferência me permitiu, no devido tempo, descobrir o significado das observações da Jovem Pessoa.

Eu descobri que ela estava intranquila porque a série de acontecimentos que ela havia acabado de me descrever impedira que ela recebesse aquelas mensagens adicionais que a Srta. Halcombe havia dado à Condessa para entregar. Ela temia que as mensagens pudessem ter sido de grande importância para os interesses de sua patroa. O medo que ela sentia de Sir Percival havia impedido que ela fosse a Blackwater Park tarde da noite para pedi-las; e as instruções da própria Srta. Halcombe para ela, de não perder de modo algum o trem na manhã seguinte, haviam-na impedido de esperar na estalagem no dia seguinte. Ela temia muito que o infortúnio de ter desmaiado levasse ao segundo infortúnio de fazer com que a sua patroa a considerasse negligente, e ela iria humildemente pedir licença para me perguntar se eu a aconselharia a escrever as suas explicações e desculpas para a Srta. Halcombe, pedindo para receber as mensagens por carta, se não fosse tarde demais. Eu não me desculpo por este parágrafo extremamente prosaico. Eu recebi ordens de escrevê-lo. Há pessoas, por mais inexplicável que possa parecer, que realmente se interessam mais por aquilo que a empregada de minha sobrinha me disse na ocasião, e não por aquilo que eu disse à empregada de minha sobrinha. Divertida perversidade!

“Eu ficaria muito grata ao senhor, se o senhor fizesse a gentileza de me dizer o que seria melhor eu fazer”, observou a Jovem Pessoa.

“Deixe que as coisas fiquem como estão”, eu disse, adaptando minha linguagem à minha ouvinte. “*Eu* invariavelmente deixo que as coisas fiquem como estão. Sim. Isso é tudo?”

“Se o senhor acha que eu estaria tomando uma liberdade, senhor, ao escrever, naturalmente eu não me arriscaria a fazer isso. Mas, eu estou tão ansiosa para fazer tudo o que posso para atender a minha patroa fielmente...”

As pessoas nas classes inferiores da vida nunca sabem quando ou como sair de um aposento. Elas invariavelmente precisam ser auxiliadas por seus superiores. Eu achei que já era mais que tempo de ajudar a Jovem Pessoa a sair. Eu o fiz com duas sábias palavras:

“Bom dia!”

Alguma coisa, dentro ou fora dessa menina sem igual, repentinamente rangeu. Louis, que estava olhando para ela (o que eu não estava fazendo) diz que ela rangeu quando fez a mesura. Curioso. Seriam os sapatos dela, ou as barbatanas do corpete dela, ou os ossos dela? Louis acha que foram as barbatanas do corpete. Muito extraordinário!

Assim que fui deixado a sós, tirei um cochilo — eu realmente precisava disso. Quando acordei de novo, percebi a carta da cara Marian. Se eu tivesse tido a menor ideia do seu conteúdo, certamente eu não teria tentado abri-la. Estando, para meu infortúnio, totalmente destituído de qualquer suspeita, eu li a carta. Na mesma hora, ela me perturbou para o resto do dia.

Eu sou, por natureza, uma das criaturas de melhor índole que já viveram — eu tenho consideração para com todos, e não me ofendo com nada. Mas, como observei antes, há limites para a minha tolerância. Eu deixei a carta de Marian de lado e me senti — me senti, com toda a justiça — um homem insultado.

Eu estou a ponto de fazer uma observação. Ela é, naturalmente, aplicável à grave questão agora discutida — ou eu não permitiria que ela aparecesse neste momento.

Nada, em minha opinião, apresenta o odioso egoísmo da humanidade em uma luz tão repulsivamente vívida como o tratamento, em todas as classes da sociedade, que as pessoas Solteiras recebem das mãos das pessoas Casadas. A partir do momento em que você se mostrou muito cheio de consideração e abnegado para acrescentar uma família só sua a uma população já muito grande, você é rancorosamente escolhido por seus parentes casados, que não têm uma consideração semelhante e nem uma abnegação semelhante, como recipiente de metade dos seus problemas conjugais, e o amigo nato de todos os filhos deles. Maridos e esposas *falam* a respeito das responsabilidades do matrimônio; e os solteiros e as solteiras as *suportam*. Examinemos o meu caso. Eu, muito refletido, permaneço solteiro; e meu pobre e caro irmão Philip, irrefletido, se casa. O que ele faz, quando morre? Deixa a filha *comigo*. Ela é uma menina meiga. Ela é também uma responsabilidade pavorosa. Por que a colocar em minhas mãos? Porque eu sou obrigado, na inofensiva figura de um homem solteiro, a aliviar os meus parentes casados de todos os problemas deles. Eu faço o melhor possível com a responsabilidade de meu

irmão; eu caso a minha sobrinha, com infinito espalhafato e dificuldade, com o homem com quem o pai dela queria que ela se casasse. Ela e o marido não estão de acordo, e consequências desagradáveis se seguem. O que ela faz com essas consequências? Ela as transfere para *mim*. Por que as transferir para *mim*? Porque eu sou obrigado, na inofensiva figura de um homem solteiro, a aliviar os meus parentes casados de todos os problemas deles. Pobres pessoas solteiras! Pobre natureza humana!

É bastante desnecessário dizer que a carta de Marian me ameaçava. Todos me ameaçam. Todos os tipos de horrores iriam recair sobre a minha devotada cabeça, se eu hesitasse em transformar a Mansão de Limmeridge em um refúgio para a minha sobrinha e os infortúnios dela. Eu hesitei, não obstante.

Eu mencionei que meu procedimento habitual, até agora, tinha sido o de me submeter à cara Marian, e evitar barulho. Mas, nessa ocasião, as consequências envolvidas em sua proposta extremamente inconsiderada eram de uma natureza que me levava a me deter. Se eu abrisse a Mansão de Limmeridge como refúgio para Lady Glyde, que segurança eu teria contra Sir Percival segui-la até aqui, em um estado de violento ressentimento contra *mim*, por acolher a sua esposa? Eu vi tal perfeito labirinto de dissabores envolvidos nesse procedimento, que me determinei a tatear o terreno, por assim dizer. Eu escrevi, portanto, para a cara Marian, para pedir (já que ela não tinha um marido para se encarregar dela) que viesse aqui sozinha, em primeiro lugar, e discutisse a questão comigo. Se ela conseguisse responder às minhas objeções me satisfazendo totalmente, então eu lhe garanti que eu receberia a nossa meiga Laura com o maior prazer — mas não de outra maneira.

Eu senti, naturalmente, na época, que essa protelação, de minha parte, provavelmente resultaria em trazer Marian aqui em um estado de virtuosa indignação, batendo portas. Porém, o outro tipo de procedimento poderia resultar em trazer Sir Percival aqui em um estado de virtuosa indignação, batendo portas também; e, das duas indignações e bateções de porta, eu preferia as de Marian — porque eu estava acostumado com ela. Assim sendo, eu enviei a carta pelo correio seguinte. Ela me dava tempo, de qualquer modo — e, oh, céus! que ponto vital, para começar.

Quando eu estou totalmente prostrado (eu mencionei que fiquei totalmente prostrado por causa da carta de Marian?), sempre preciso de três dias para me recompor. Eu fui muito insensato — eu esperava três dias de tranquilidade. É claro, eu não os tive.

O correio do terceiro dia me trouxe uma carta muito impertinente de uma pessoa que eu não conhecia de modo algum. Ele se descreveu como o sócio na ativa de nosso homem de negócios — o nosso caro, velho e teimoso

Gilmore — e me informou que havia recebido recentemente, pelo correio, uma carta endereçada a ele com a caligrafia da Srta. Halcombe. Ao abrir o envelope, ele havia descoberto, para sua surpresa, que ela não continha nada além de uma folha de papel em branco. A circunstância lhe pareceu tão suspeita (sugerindo à sua inquieta mente legal que a carta havia sido falseada), que ele havia imediatamente escrito para a Srta. Halcombe e não havia recebido resposta pelo correio seguinte. Nessa contingência, em vez de agir como um homem sensato e deixar que as coisas seguissem o seu rumo, o próximo procedimento absurdo dele, como ele próprio demonstrou, foi o de *me* atormentar, escrevendo para perguntar se eu sabia algo sobre o assunto. E como diabos eu saberia algo a respeito disso? Por que *me* assustar, bem como a ele próprio? Eu respondi algo nesse sentido. Foi uma das minhas cartas mais veementes. Eu não produzi nada com um viés epistolar mais contundente, desde que eu dei a demissão por escrito para aquela criatura tão enfadonha, o Sr. Walter Hartright.

Minha carta surtiu o seu efeito. Eu não tive mais notícias do advogado.

Isso, talvez, não seja de todo surpreendente. Mas certamente foi uma circunstância notável que uma segunda carta de Marian não tenha chegado às minhas mãos, e que não tenha havido sinais alertando sobre a chegada dela. Sua inesperada ausência me fez muito bem. Era tão tranquilizante e agradável inferir (como eu naturalmente fiz) que os meus parentes casados haviam se entendido. Cinco dias de tranquilidade não perturbada, de um delicioso e abençoado celibato, me reanimaram bastante. No sexto dia, eu me senti forte o suficiente para mandar chamar o meu fotógrafo e fazê-lo trabalhar de novo nas cópias de meus tesouros artísticos que eu doarei, com o intuito, como eu já mencionei, de aprimorar o gosto nesta vizinhança selvagem. Eu havia acabado de mandá-lo para o seu local de trabalho, e havia acabado de começar a namorar as minhas moedas, quando Louis repentinamente apareceu com um cartão em suas mãos.

“Outra Jovem Pessoa?”, eu disse. “Não vou vê-la. No meu estado de saúde, Jovens Pessoas não me caem bem. Não em casa.”

“É um cavalheiro desta vez, senhor.”

Um cavalheiro, naturalmente, fez a diferença. Eu olhei o cartão.

Deus de misericórdia! O marido estrangeiro de minha maçante irmã. Conde Fosco.

É necessário dizer qual foi a minha primeira impressão, quando olhei o cartão de meu visitante? Não mesmo? Minha irmã tendo se casado com um estrangeiro, só havia uma impressão que qualquer homem racional poderia ter. Naturalmente, o Conde havia vindo me pedir dinheiro emprestado.

“Louis”, eu disse, “você acha que ele iria embora se você lhe desse cinco

xelins?”

Louis aparentou ficar bastante chocado. Ele me surpreendeu de modo indizível, declarando que o marido estrangeiro de minha irmã estava vestido de modo impecável e aparentava ser a imagem da prosperidade. Sob tais circunstâncias, minha primeira impressão se alterou até certo ponto. Eu então dei como certo que o Conde tinha dificuldades matrimoniais próprias com que lidar, e que ele havia vindo, assim como o resto da família, para jogá-las todas em meus ombros.

“Ele mencionou o que o traz aqui?”, eu perguntei.

“O Conde Fosco disse ter vindo aqui, senhor, porque a Srta. Halcombe não tinha condições de sair de Blackwater Park.”

Novos problemas, ao que parecia. Não exatamente os dele, como eu havia suposto, mas os da cara Marian. Isso fazia muito pouca diferença. Problemas, de qualquer modo. Oh, céus!

“Traga-o aqui”, eu disse, resignado.

A primeira impressão do Conde realmente me fez ter um sobressalto. Ele era uma pessoa tão assustadoramente grande, que eu tremi. Eu tinha certeza de que ele iria balançar o chão e derrubar os meus tesouros artísticos. Ele não fez nem um, nem o outro. Estava vestido com um refrescante traje de verão; seus modos eram deliciosamente confiantes e tranquilos — ele tinha um sorriso encantador. Minha impressão inicial foi altamente favorável. Não faz jus à minha perspicácia — como a sequência irá mostrar — reconhecer isso; porém, eu sou um homem naturalmente honesto, e *reconheço* isso, não obstante.

“Permita que eu me apresente, Sr. Fairlie”, ele disse. “Venho de Blackwater Park, e tenho a honra e a felicidade de ser o esposo de Madame Fosco. Permita-me tirar a primeira e derradeira vantagem dessa circunstância suplicando-lhe que não me considere um desconhecido. Eu rogo que o senhor não se perturbe; eu lhe rogo que não se mova.”

“O senhor é muito bom”, eu respondi. “Eu gostaria de ser forte o bastante para poder me levantar. Encantado em vê-lo na Mansão de Limmeridge. Por favor, sente-se.”

“Receio que o senhor não esteja se sentindo bem hoje”, disse o Conde.

“Como de costume”, eu disse. “Não sou mais que um feixe de nervos vestido para ficar parecido com um homem.”

“Eu estudei muitos assuntos em minha época”, observou essa criatura compassiva. “Entre outros, o inesgotável tema dos nervos. Posso fazer uma sugestão, ao mesmo tempo a mais simples e a mais profunda? O senhor me permite alterar a luz em seus aposentos?”

“Certamente... se o senhor for gentil o suficiente para não permitir que nem um pouco incida sobre mim.”

Ele se dirigiu à janela. Que contraste com a cara Marian! Tão cheio de consideração em todos os seus movimentos!

“A luz”, disse ele, naquele tom deliciosamente confidencial que é tão tranquilizante para um inválido, “é da maior importância. A luz estimula, nutre, preserva. O senhor não pode viver sem ela, Sr. Fairlie, como uma flor também não. Observe. Aqui, onde o senhor se senta, eu fecho as venezianas, para acalmá-lo. Ali, onde o senhor *não* se senta, puxo a cortina e deixo que entre o sol revigorante. Admita a luz em seus aposentos, se o senhor não consegue suportá-la sobre si mesmo. A luz, senhor, é o grande decreto da Providência. O senhor aceita a Providência com as suas próprias restrições. Aceite a Luz... nos mesmos termos.”

Eu considerei isso muito convincente e atencioso. Ele havia me conquistado — até esse ponto sobre a luz, ele certamente havia me conquistado.

“O senhor me vê desconcertado”, ele disse, voltando ao seu lugar, “dou a minha palavra de honra, Sr. Fairlie, o senhor me vê desconcertado em sua presença.”

“Chocado ao ouvir isso, com certeza. Posso perguntar a razão?”

“Senhor, seria eu capaz de entrar neste aposento (onde o senhor se encontra como um sofredor), e vê-lo rodeado por estes admiráveis objetos de Arte, sem descobrir que o senhor é um homem cujos sentimentos são profundamente impressionáveis, cujas simpatias são perpetuamente suscetíveis? Diga, eu seria capaz disso?”

Se eu tivesse forças suficientes para me sentar ereto em minha cadeira, eu naturalmente teria feito uma mesura. Não sendo forte o suficiente, eu agradei com um sorriso, em vez disso. O resultado foi o mesmo; nós nos entendíamos.

“Por favor, siga a minha linha de pensamentos”, prosseguiu o Conde. “Eu me sento aqui, um homem de inclinações refinadas, na presença de outro homem de inclinações refinadas também. Tenho a consciência de uma terrível necessidade de dilacerar tais inclinações, referindo-me a acontecimentos domésticos de uma natureza muito melancólica. Qual é a inevitável consequência? Eu me concedi a honra de já mencioná-la para o senhor. Estou desconcertado.”

Foi nesse momento que eu comecei a suspeitar que ele fosse me entediar? Acho que sim.

“É absolutamente necessário se referir a essas questões desagradáveis?”, eu perguntei. “Em nossas simples palavras inglesas, Conde Fosco, não podemos deixá-las para depois?”

O Conde, com a solenidade mais assustadora, suspirou e balançou a cabeça.

“Eu realmente tenho de ouvi-las?”

Ele deu de ombros (foi a primeira coisa estranha que ele fez, desde que entrou nos aposentos); e me olhou de um modo desagradavelmente penetrante. Meus instintos me disseram que seria melhor eu fechar os olhos. Eu obedeci aos meus instintos.

“Por favor, diga com gentileza”, eu supliquei. “Alguém morreu?”

“Morreu!”, exclamou o Conde, com uma desnecessária firmeza estranha. “Sr. Fairlie! Sua compostura nacional me aterroriza. Em nome de Deus, o que eu disse, ou fiz, para levar o senhor a pensar que sou um mensageiro da morte?”

“Por favor, aceite as minhas desculpas”, eu respondi. “O senhor nada disse ou fez. Eu tenho por regra, nesses casos aflitivos, sempre antecipar o pior. Alivia o golpe, já estar preparado para ele, e assim por diante. Indizivelmente aliviado, com certeza, ao ouvir que ninguém morreu. Alguém doente?”

Eu abri os olhos, e olhei para ele. Ele estava muito amarelo, ao entrar? Ou ele havia ficado muito amarelo nos últimos minutos? Eu realmente não sei dizer; e não posso perguntar para Louis, porque ele não estava nos aposentos na ocasião.

“Alguém doente?”, eu repeti, observando que a minha compostura nacional ainda parecia afetá-lo.

“Esta é uma parte das minhas más notícias, Sr. Fairlie. Sim. Alguém está doente.”

“Lamento, com certeza. Quem está doente?”

“Para o meu profundo pesar, a Srta. Halcombe. Talvez o senhor já estivesse até certo ponto preparado para ouvir isso? Talvez, quando descobriu que a Srta. Halcombe não veio aqui pessoalmente, como o senhor propôs, e não escreveu uma segunda vez, a sua afetuosa ansiedade possa tê-lo feito temer que ela estivesse doente?”

Não duvido que a minha afetuosa ansiedade tenha levado a essa melancólica apreensão, em um momento ou outro; mas, naquele instante, minha memória miserável falhou completamente em me fazer lembrar a circunstância. Entretanto, eu disse, Sim, em justiça a mim mesmo. Eu estava muito chocado. Era tão pouco característico de uma pessoa robusta como a cara Marian ficar doente, que eu só pude imaginar que ela tivesse sofrido um acidente. Um cavalo, ou uma pisada em falso na escada, ou algo parecido.

“É sério?”, eu perguntei.

“Sério, sem dúvida”, ele respondeu. “Perigoso... espero e confio que não seja. A Srta. Halcombe, infelizmente, se expôs a ficar encharcada por uma chuva pesada. O resfriado que se seguiu era de um tipo muito forte; e ele acarretou a pior consequência: Febre.”

Quando eu ouvi a palavra Febre, e quando me lembrei, ao mesmo tempo, de que a inescrupulosa pessoa que estava então se dirigindo a mim tinha acabado de vir de Blackwater Park, eu achei que poderia ter desmaiado na mesma hora.

“Bom Deus!”, eu disse. “É infecciosa?”

“Não no momento”, ele respondeu, com uma compostura detestável. “Ela pode se transformar em infecção; mas, uma complicação tão deplorável não havia ocorrido quando eu parti de Blackwater Park. Tenho tido o maior interesse pelo caso, Sr. Fairlie; eu me esforcei para auxiliar o médico encarregado observando a febre; aceite as minhas garantias pessoais da sua natureza não infecciosa, quando eu a vi pela última vez.”

Aceitar as garantias dele! Eu nunca estive mais longe de aceitar qualquer coisa em minha vida. Eu não teria acreditado nele se ele jurasse. Ele era amarelo demais para ser de confiança. Ele parecia ser uma epidemia das Índias Ocidentais ambulante. Ele era grande o suficiente para transportar tifo às toneladas, e para tingir o tapete em que pisava com febre escarlatina. Em certas emergências, minhas decisões são tomadas de modo incrivelmente rápido. Eu na mesma hora me determinei a me livrar dele.

“O senhor há de fazer a gentileza de desculpar um inválido”, eu disse, “mas conversas longas de qualquer tipo invariavelmente me perturbam. Posso pedir encarecidamente para saber exatamente o motivo a que devo a honra de sua visita?”

Eu fervorosamente esperava que essa insinuação bastante explícita o fizesse perder a compostura — se confundir — o reduzisse a desculpas corteses — resumindo, o afastasse dos aposentos. Pelo contrário, ela apenas o acomodou em sua cadeira. Ele ficou ainda mais solene e digno e confidencial. Ergueu dois de seus dedos horríveis, e me lançou outro de seus desagradáveis olhares penetrantes. O que eu poderia fazer? Eu não era forte o bastante para discutir com ele. Imaginem a minha situação, por favor. A linguagem é adequada para descrevê-la? Acho que não.

“Os motivos de minha visita”, ele prosseguiu, irreprimível, “são contados em meus dedos. Eles são dois. Em primeiro lugar, vim dar meu testemunho, com profundo pesar, sobre os lamentáveis desentendimentos entre Sir Percival e Lady Glyde. Sou o mais velho amigo de Sir Percival; sou aparentado com Lady Glyde pelo casamento; sou uma testemunha ocular de tudo que tem acontecido em Blackwater Park. Nestas três posições eu falo com autoridade,

com confiança, com um honroso pesar. Senhor! Eu lhe informo, como chefe da família de Lady Glyde, que a Srta. Halcombe não exagerou nada na carta que ela lhe endereçou. Eu afirmo que a providência que essa admirável senhora propôs é a única providência que irá poupar o senhor dos horrores de um escândalo público. Uma separação temporária entre marido e esposa é a única solução pacífica para essa dificuldade. Separe-os neste momento; e quando todas as causas de irritação forem removidas, eu, que agora tenho a honra de me dirigir ao senhor, eu farei com que Sir Percival recobre a razão. Lady Glyde é inocente, Lady Glyde foi insultada; mas... siga o meu raciocínio neste ponto!, ela é, por essa mesma razão, (e digo isso com vergonha), a causa de irritação enquanto permanece sob o teto de seu esposo. Nenhuma outra casa pode recebê-la com decoro a não ser a sua. Eu convido o senhor a oferecê-la.”

Ótimo. Eis uma tempestade matrimonial de granizo caindo no sul da Inglaterra; e eu era convidado, por um homem com febre em cada dobra de seu casaco, a sair do norte da Inglaterra e a receber a minha quota de pedradas. Eu tentei apresentar o ponto de vista com vigor, assim como eu o apresentei aqui. O Conde, deliberadamente, abaixou um de seus dedos horríveis; manteve o outro esticado, e prosseguiu — passou por cima de mim, por assim dizer, sem ao menos a corriqueira atenção de um cocheiro de gritar, “Ei!”, antes de me derrubar.

“Siga o meu raciocínio uma vez mais, por favor”, ele retomou. “Meu primeiro objetivo o senhor já ouviu. Meu segundo objetivo ao vir a esta propriedade é fazer o que a doença da Srta. Halcombe a impediu de fazer pessoalmente. Minha grande experiência é consultada em todos os assuntos difíceis em Blackwater Park; e meu conselho amistoso foi solicitado sobre o interessante assunto de sua carta para a Srta. Halcombe. Compreendi na hora, pois as minhas inclinações são as suas inclinações, por que o senhor desejava vê-la aqui, antes de o senhor se comprometer a convidar Lady Glyde. O senhor tem toda a razão, ao hesitar em receber a esposa, até ter a certeza de que o marido não vai exercer a sua autoridade exigindo o retorno dela. Concordo com isso. E também concordo que tais explicações delicadas como essa dificuldade envolve não são explicações que possam ser devidamente dadas apenas por escrito. Minha presença aqui (para grande estorvo meu) é a prova de que falo com sinceridade. Quanto às explicações propriamente ditas, eu, Fosco, eu que conheço Sir Percival muito melhor do que a Srta. Halcombe o conhece, afirmo para o senhor, com a minha palavra de honra, que ele não irá se aproximar desta casa, ou tentar se comunicar com esta casa, enquanto a sua esposa estiver vivendo nela. Os negócios dele estão em situação difícil. Ofereça-lhe a liberdade dele, por meio da ausência de Lady Glyde. Prometo ao senhor que ele irá aproveitar essa liberdade, e voltar para o Continente tão

logo ele possa partir. Ficou claro como cristal para o senhor? Sim, ficou. O senhor tem perguntas a me fazer? Que seja; estou aqui para responder. Pergunte, Sr. Fairlie; faça-me a cortesia de perguntar para sua total satisfação.”

Ele já havia falado tanto, a despeito de mim mesmo; e aparentava ser tão pavorosamente capaz de falar muito mais, também a despeito de mim mesmo, que eu recusei o amável oferecimento, em pura autodefesa.

“Muito agradecido”, eu repliquei. “Estou perdendo as forças rapidamente. Em meu estado de saúde, eu preciso dar as coisas por certas. Permita-me fazer isso, na presente ocasião. Nós nos entendemos muito bem. Sim. Muito grato, com certeza, por sua gentil interferência. Se um dia eu me sentir melhor, e se um dia eu tiver uma segunda oportunidade de conhecê-lo melhor...”

Ele se levantou. Achei que ele ia embora. Não. Mais falatório; mais tempo para o desenvolvimento de influências infecciosas — em *meus* aposentos, também; lembrem-se disso, em *meus* aposentos!

“Mais um momento”, ele disse, “um momento antes de eu me despedir. Peço permissão, ao partir, de insistir com o senhor sobre uma necessidade urgente. É isto, senhor! O senhor não pode pensar em esperar até que a Srta. Halcombe se recupere, antes de receber Lady Glyde. A Srta. Halcombe tem os cuidados do médico, da governanta de Blackwater Park, bem como de uma enfermeira experiente; três pessoas por cuja capacidade e dedicação eu respondo com a minha vida. Eu lhe digo isso. E lhe digo, também, que a ansiedade e a preocupação com a doença de sua irmã já afetaram a saúde e o estado de espírito de Lady Glyde, deixando-a completamente incapaz de poder ajudar no quarto da doente. A posição dela junto ao marido fica mais deplorável e perigosa a cada dia. Se o senhor a deixar por muito tempo em Blackwater Park, o senhor não faz nada para apressar a recuperação da irmã dela, e, ao mesmo tempo, arrisca o escândalo público que o senhor, e eu, e todos nós, estamos comprometidos, nos sagrados interesses da Família, a evitar. Com toda a sinceridade, eu aconselho o senhor a tirar de suas mãos a grande responsabilidade de postergar, escrevendo para Lady Glyde vir para cá imediatamente. Cumpra com o seu afetuoso, o seu honrado, o seu inevitável dever; e, o que quer que aconteça no futuro, ninguém pode colocar a culpa no *senhor*. Eu falo com base em minha grande experiência; ofereço meu conselho amigo. Ele é aceito... Sim, ou Não?”

Eu olhei para ele — apenas olhei para ele — com a minha percepção da impressionante confiança dele, e a minha nascente resolução de chamar Louis, e fazer esse homem sair do meu quarto, manifestadas em cada traço de meu rosto. É perfeitamente inacreditável, mas muito verdadeiro, que meu rosto não pareceu produzir a menor impressão sobre ele. Nascido sem nervos —

evidentemente, nascido sem nervos!

“O senhor hesita?”, ele disse. “Senhor Fairlie! Eu compreendo essa hesitação. O senhor se opõe... veja senhor, como as minhas inclinações se fixam diretamente em seus pensamentos! O senhor diz que Lady Glyde não está em condições nem de saúde nem mentais para fazer a longa viagem de Hampshire até aqui, sozinha. A camareira dela foi afastada dela, como o senhor sabe; e, quanto a outros empregados com condição de viajar com ela, de um extremo da Inglaterra para outro, não há nenhum em Blackwater Park. O senhor diz, de novo, que ela não pode parar e descansar com tranquilidade em Londres, a caminho daqui, porque ela não pode ir tranquilamente sozinha a um hotel público onde é uma completa desconhecida. Por um lado, eu concordo com as duas objeções; por outro lado, eu as removo. Siga meu raciocínio, por favor, pela última vez. Era minha intenção, quando retornei à Inglaterra com Sir Percival, me estabelecer nas cercanias de Londres. Esse objetivo acabou de ser alcançado. Eu aluguei, por seis meses, uma casinha mobiliada, na localidade chamada St. John’s Wood. Seja gentil e conserve esse fato em mente; e observe o itinerário que agora proponho. Lady Glyde viaja para Londres (uma viagem curta); eu a encontro pessoalmente na estação; eu a levo para descansar e repousar em minha casa, que também é a casa da tia dela; quando ela estiver descansada, eu a acompanho até a estação de novo; ela viaja para cá, e a empregada dela (que se encontra agora sob o seu teto) a recebe na porta do vagão do trem. Eis o conforto sendo levado em consideração; eis os interesses do decoro levados em consideração; eis o seu dever, o dever da hospitalidade, da simpatia, da proteção, a uma senhora desventurada que precisa dos três, aplainado e facilitado, do começo ao fim. Cordialmente conclamo o senhor a apoiar os meus esforços nos sagrados interesses da Família. Eu o aconselho seriamente a escrever, por meu intermédio, oferecendo a hospitalidade de sua casa (e de seu coração), e a hospitalidade de minha casa (e de meu coração) àquela insultada e desventurada senhora cuja causa eu defendo hoje.”

Ele agitou a sua mão horrível em minha direção; ele bateu em seu peito infecioso; ele se dirigiu a mim cheio de retórica, como se eu estivesse encerrado na Câmara dos Comuns. Era mais que hora de adotar algum tipo de medida desesperada. Também era mais que hora de chamar Louis, e adotar a precaução de fumigar o aposento.

Nessa situação desesperadora, uma ideia me ocorreu — uma ideia inestimável que, por assim dizer, matava dois coelhos com uma cajadada só. Eu me determinei a me livrar da enfadonha eloquência do Conde, e dos enfadonhos problemas de Lady Glyde, concordando com o pedido desse estrangeiro odioso e escrevendo a carta imediatamente. Não

havia o menor risco de o convite ser aceito, pois não havia a menor chance de Laura consentir em partir de Blackwater Park enquanto Marian estivesse de cama, doente. Como esse obstáculo encantadoramente conveniente poderia ter escapado à importuna perspicácia do Conde, era impossível conceber — mas *havia* lhe escapado. Meu temor de que ele pudesse percebê-lo, se eu lhe desse mais tempo para pensar, me estimulou a tal ponto que eu lutei para me sentar ereto; agarrei, realmente agarrei o material para escrita ao meu lado; e produzi a carta com tanta rapidez como se eu fosse um reles amanuense em um escritório. “Cara Laura, Por favor, venha quando quiser. Faça uma pausa na viagem dormindo em Londres na casa de sua tia. Lamento saber da doença da cara Marian. Seu afetuoso.” Entreguei estas linhas, com o braço esticado, para o Conde; eu me deixei cair em minha cadeira; eu disse, “Peço desculpas, estou totalmente prostrado; não aguento mais. O senhor pode repousar e se alimentar no andar de baixo? Lembranças a todos, e simpatias, e assim por diante. *Bom dia.*”

Ele fez outro discurso — o homem era absolutamente inexaurível. Eu fechei os olhos; eu me esforcei para ouvir o mínimo possível. Apesar dos meus esforços, fui obrigado a ouvir muita coisa. O infundável marido de minha irmã se parabenizou e me parabenizou pelo resultado de nossa conversa; mencionou muitas coisas mais sobre suas inclinações e as minhas; ele deplorou a minha precária saúde; se ofereceu para me dar uma receita de remédio; tornou a falar sobre a necessidade de não esquecer o que ele havia dito a respeito da importância da luz; aceitou o meu polido convite para repousar e almoçar; me recomendou que eu esperasse Lady Glyde em dois ou três dias; solicitou a minha permissão para antever o nosso próximo encontro, em vez de se afligir e de me afligir, se despedindo; ele acrescentou muitas coisas mais, em que, eu me alegro em pensar, eu não prestei atenção na hora e de que não me lembro agora. Eu ouvi a voz agradável dele se afastando de mim aos poucos; mas, grande como ele era, eu nunca *o* ouvi. Ele tinha o mérito negativo de não fazer o menor ruído. Eu não sei quando ele abriu a porta, ou quando a fechou. Eu me arrisquei a fazer uso dos meus olhos de novo, após um intervalo de silêncio — e ele tinha ido embora.

Eu toquei o sino chamando Louis, e me retirei para o meu quarto de banho. Água tépida, reforçada com vinagre aromático, para mim, e uma abundante fumigação para os meus aposentos, foram as precauções óbvias a tomar; e, naturalmente, eu as adotei. Eu me alegro ao dizer, elas mostraram ser bem-sucedidas. Eu desfrutei de minha *siesta* habitual. Eu acordei renovado e refrescado.

Minhas primeiras perguntas se referiram ao Conde. Nós tínhamos mesmo nos livrado dele? Sim; ele havia partido no trem da tarde. Ele havia almoçado,

e sim, o quê? Exclusivamente torta de frutas e creme. Que homem! Que digestão!

Alguém espera que eu diga algo mais? Creio que não. Creio ter chegado aos limites que me foram impostos. As chocantes circunstâncias que aconteceram em um momento posterior, sinto-me grato ao dizer, não aconteceram em minha presença. Eu rogo e suplico que ninguém seja tão insensível a ponto de colocar qualquer parte da culpa dessas circunstâncias em *mim*. Eu fiz o melhor possível. Eu não sou responsável por uma deplorável calamidade praticamente impossível de prever. Estou destruído por causa dela; eu tenho sofrido por causa dela como ninguém mais sofreu. Meu empregado, Louis (que é mesmo apegado a mim, do seu modo tosco), acha que eu nunca vou superar tudo isso. Ele me vê ditando neste momento, com meu lenço sobre os meus olhos. Eu desejo mencionar, fazendo justiça a mim mesmo, que não foi minha culpa, e que estou totalmente exausto e com o coração partido. Preciso dizer mais alguma coisa?

¹ O modo como a Narrativa do Sr. Fairlie, e outras Narrativas que logo a seguirão, foram originalmente obtidas, são o tema de uma explicação que irá aparecer em um momento posterior da História.

*A História continuada por ELIZA MICHELSON,
Governanta em Blackwater Park*

I

Pediram-me que relatasse com clareza o que eu sei sobre o progresso da doença da Srta. Halcombe, e as circunstâncias nas quais Lady Glyde partiu de Blackwater Park rumo a Londres.

A razão dada para me fazerem essa solicitação é que o meu testemunho é necessário para o bem da verdade. Como viúva de um clérigo da Igreja da Inglaterra (reduzida, pelos infortúnios, à necessidade de aceitar uma posição), eu fui ensinada a colocar os ditames da verdade acima de todas as outras considerações. Portanto, concordo com o pedido que eu poderia, caso contrário, pela relutância em me relacionar a angustiantes questões familiares, ter hesitado em atender.

Não fiz nenhuma anotação na época e, portanto, não posso ter certeza quanto ao dia exato; mas acredito estar correta ao afirmar que a doença séria da Srta. Halcombe começou durante a última quinzena ou os últimos dez dias de junho. A hora do café da manhã era tardia em Blackwater Park — às vezes, tão tarde quanto dez horas, nunca antes das nove e meia. Na manhã a que estou me referindo, a Srta. Halcombe (que era, geralmente, a primeira a descer) não estava presente à mesa do café. Depois de a família ter esperado por um quarto de hora, a camareira foi enviada ao quarto dela e saiu correndo de lá, terrivelmente assustada. Encontrei a empregada na escadaria, e fui imediatamente ao quarto da Srta. Halcombe para ver o que estava acontecendo. A pobre senhora não era capaz de me dizer. Ela estava andando pelo quarto, com uma pena na mão, delirando, com uma febre altíssima.

Lady Glyde (não estando mais a serviço de Sir Percival, posso, sem ferir o decoro, mencionar a minha antiga patroa pelo nome, em vez de chamá-la de Milady) foi a primeira a entrar, vindo de seu quarto. Ela ficou tão terrivelmente assustada e angustiada, que não pôde prestar ajuda. O Conde Fosco e sua senhora, que subiram logo em seguida, foram os dois muito prestativos e gentis. Sua senhoria, a Condessa, me ajudou a colocar a Srta. Halcombe na cama. Sua senhoria, o Conde, permaneceu na saleta particular

dela e, tendo mandado buscar o meu estojo de medicamentos, preparou uma mistura para a Srta. Halcombe e uma loção refrescante para ser aplicada na sua cabeça, de modo a não perder tempo antes de o médico chegar. Nós aplicamos a loção, mas não conseguimos fazê-la beber a mistura. Sir Percival se encarregou de mandar chamar o médico. Ele despachou um cavaleiro, a cavalo, à casa do médico das vizinhanças, o Sr. Dawson, de Oak Lodge.

O Sr. Dawson chegou em menos de uma hora. Ele era um respeitável homem de idade, muito conhecido em toda a região; e ficamos muito assustados quando descobrimos que ele considerava o caso muito sério.

Sua senhoria, o Conde, muito afável, começou a conversar com o Sr. Dawson, e deu as suas opiniões com uma liberdade judiciosa. O Sr. Dawson, não muito cortês, perguntou se os conselhos de sua senhoria eram os conselhos de um médico; e, sendo informado de que eram os conselhos de alguém que havia estudado medicina de modo não profissional, replicou que ele não estava habituado a se consultar com médicos amadores. O Conde, com uma verdadeira mansidão cristã, sorriu e saiu do quarto. Antes de sair, ele me disse que poderia ser encontrado, caso precisassem dele no decorrer no dia, no abrigo para barcos às margens do lago. Por que ele iria para lá, não sei dizer. Mas ele foi; permanecendo afastado o dia inteiro até as sete horas da noite, quando era a hora do jantar. Talvez ele desejasse dar o exemplo de manter a casa tão tranquila quanto possível. Era muito característico da parte dele agir desse modo. Ele era um nobre cheio de consideração.

A Srta. Halcombe passou uma noite muito ruim; a febre indo e voltando, e piorando ao amanhecer, em vez de melhorar. Nenhuma enfermeira adequada para cuidar dela tendo sido encontrada nas vizinhanças, sua senhoria, a Condessa, e eu, nos incumbimos da tarefa, nos revezando. Lady Glyde, não muito sensatamente, insistiu em ficar conosco. Ela estava muito nervosa e tinha a saúde muito delicada para enfrentar a ansiedade da doença da Srta. Halcombe com calma. Ela apenas causava mal a si própria, sem prestar verdadeira ajuda. Uma senhora mais gentil e afetuosa nunca existiu; mas ela chorava, e estava apavorada — duas fraquezas que a tornavam totalmente inadequada para estar presente em um quarto de doente.

Sir Percival e o Conde vieram pela manhã para ter notícias.

Sir Percival (aflito, eu suponho, com a angústia de sua senhora, e a doença da Srta. Halcombe) parecia muito confuso e agitado. Sua senhoria apresentava, pelo contrário, uma compostura e um interesse adequados. Ele tinha o seu chapéu de palha em uma das mãos, e o livro na outra; e mencionou para Sir Percival, perto de mim, que iria sair de novo, e estudar no lago. “Vamos manter a casa em silêncio”, ele disse. “Não fumemos dentro de casa, meu amigo, agora que a Srta. Halcombe está doente. Você cuide de sua vida,

e eu cuido da minha. Quando estudo, gosto de ficar sozinho. Tenha um bom dia, Sra. Michelson.”

Sir Percival não era educado o suficiente — talvez eu devesse dizer, com toda justiça, não estivesse equilibrado o suficiente — para se despedir de mim com a mesma cortesia. A única pessoa na casa, na verdade, que me tratava, naquela circunstância ou em qualquer outra, na condição de uma dama em circunstâncias difíceis, era o Conde. Ele tinha os modos de um verdadeiro nobre; era gentil para com todos. Até a jovem pessoa (Fanny, era o nome dela) que atendia Lady Glyde, não escapou à atenção dele. Quando ela foi mandada embora por Sir Percival, sua senhoria (mostrando-me os seus amorosos passarinhos na ocasião) estava cheio de uma ansiedade gentil para saber o que havia acontecido com ela, para onde ela iria no dia em que partiu de Blackwater Park, e assim por diante. É em tais atenções delicadas que as vantagens do nascimento aristocrático sempre se evidenciam. Eu não me desculpo por introduzir tais detalhes; eles são apresentados em justiça a sua senhoria, cujo caráter, eu tenho razões para saber, é visto por um prisma muito severo por certas pessoas. Um nobre capaz de respeitar uma dama em circunstâncias difíceis, e de sentir um interesse paternal pelo destino de uma humilde empregada, mostra princípios e sentimentos de um tipo muito elevado para ser contestado levianamente. Eu não dou opiniões — ofereço apenas fatos. Meu esforço durante a vida é o de não julgar, para não ser julgada. Um dos melhores sermões de meu amado esposo se baseava nesse texto. Eu o leio constantemente — em minha cópia pessoal da edição impressa, nos primeiros dias de minha viuvez, por subscrição — e, a cada nova leitura, obtenho maior benefício espiritual e edificação.

Não houve uma melhora no estado da Srta. Halcombe; e a segunda noite foi até pior que a primeira. O Sr. Dawson foi constante nos seus cuidados. As tarefas práticas de cuidar da doente ainda estavam divididas entre mim e a Condessa; Lady Glyde persistindo em ficar conosco, embora nós duas lhe suplicássemos que descansasse um pouco. “Meu lugar é ao pé da cama de Marian”, era a única resposta dela. “Se eu estiver doente, ou bem, nada vai me fazer perdê-la de vista.”

Perto do meio-dia, eu desci para cuidar de alguns de meus deveres habituais. Uma hora depois, a caminho do quarto da doente, vi o Conde (que havia saído de novo, cedo, pela terceira vez), entrando no saguão, parecendo muito bem-humorado. Sir Percival, no mesmo instante, colocou a cabeça para fora da porta da biblioteca e se dirigiu ao seu nobre amigo, com grande ansiedade, com estas palavras:

“Você a encontrou?”

O rosto grande de sua senhoria ficou todo cheio de covinhas com sorrisos

plácidos; mas ele não respondeu com palavras. Ao mesmo tempo, Sir Percival virou a cabeça, observou que eu estava me aproximando da escadaria e olhou para mim da maneira mais rude possível.

“Entre aqui e me diga tudo a respeito”, ele disse para o Conde. “Enquanto houver mulheres em uma casa, elas certamente estarão subindo ou descendo as escadas.”

“Meu caro Percival”, observou sua senhoria, gentilmente, “a Sra. Michelson tem deveres. Por favor, reconheça o modo admirável como ela os desempenha com tanta sinceridade quanto eu o faço! Como está a enferma, Sra. Michelson?”

“Não está melhor, milorde, eu lamento dizer.”

“Triste... muito triste!”, observou o Conde. “A senhora aparenta estar cansada, Sra. Michelson. Certamente é hora de a senhora e minha esposa terem um pouco de auxílio nos cuidados com a doente. Eu posso ser o meio de oferecer-lhes esse auxílio. Circunstâncias obrigarão Madame Fosco a viajar para Londres, ou amanhã ou depois de amanhã. Ela partirá de manhã, e retornará à noite; e trará, para auxiliá-las, uma enfermeira de excelente conduta e competência, que agora não está empregada. Minha esposa sabe que essa mulher é uma pessoa em que se pode confiar. Antes de ela vir para cá, não fale nada sobre ela para o médico, por favor, porque ele irá olhar com maus olhos para qualquer enfermeira que eu providencie. Quando ela aparecer nesta casa, ela falará por si própria; e o Sr. Dawson será obrigado a reconhecer que não há justificativas para não a empregar. Lady Glyde irá dizer o mesmo. Por favor, apresente os meus melhores respeitos e simpatias a Lady Glyde.”

Eu expressei o meu grato reconhecimento pela gentil consideração de sua senhoria. Sir Percival o interrompeu dizendo ao seu nobre amigo (usando, lamento dizer, uma expressão profana) que entrasse na biblioteca, e não o mantivesse esperando por mais tempo.

Eu segui para o andar de cima. Nós somos pobres criaturas cheias de erros; e, por mais que os princípios de uma mulher possam ser sólidos, ela não pode se manter sempre em guarda contra a tentação de sentir uma vã curiosidade. Eu me envergonho por dizer que uma vã curiosidade, nessa ocasião, levou a melhor sobre os *meus* princípios, e me fez ser indevidamente curiosa a respeito da pergunta que Sir Percival havia feito ao seu nobre amigo à porta da biblioteca. Quem o Conde esperava encontrar, durante as suas saídas para estudar, em Blackwater Park? Uma mulher, era o que se poderia supor, a julgar pelos termos da pergunta de Sir Percival. Eu não suspeitei de nada impróprio relacionado ao Conde — conheço seu caráter moral bem demais. A única pergunta que eu me fiz foi — Ele a encontrou?

Retomando. A noite passou como sempre, sem produzir qualquer mudança para melhor na Srta. Halcombe. No dia seguinte, ela pareceu melhorar um bocadinho. No dia depois desse, sua senhoria, a Condessa, sem mencionar o propósito de sua viagem para ninguém perto de mim, seguiu para Londres no trem da manhã; seu nobre marido, com sua costumeira atenção, acompanhando-a até a estação.

Eu fui deixada então sozinha para cuidar da Srta. Halcombe, aparentemente com todas as chances, como consequência da resolução de sua irmã de não sair do pé da cama da enferma, de ter de cuidar da própria Lady Glyde em seguida.

A única circunstância de alguma importância que aconteceu no decorrer do dia foi outro encontro desagradável entre o médico e o Conde.

Sua senhoria, ao voltar da estação, subiu à saleta particular da Srta. Halcombe para ter notícias. Eu saí do quarto para falar com ele, o Sr. Dawson e Lady Glyde estando com a paciente nesse momento. O Conde me fez várias perguntas a respeito do tratamento e dos sintomas. Eu lhe informei que o tratamento era do tipo descrito como “salino”; e que os sintomas, entre os ataques de febre, eram certamente fraqueza e exaustão crescentes. Exatamente no momento em que eu mencionava os últimos detalhes, o Sr. Dawson saiu do quarto de dormir.

“Bom dia, senhor”, disse sua senhoria, se adiantando com os modos mais corteses, e detendo o médico, com uma resolução muito educada impossível de resistir. “Eu temo muito que o senhor não tenha percebido uma melhora nos sintomas hoje?”

“Eu percebi uma sensível melhora”, respondeu o Sr. Dawson.

“O senhor ainda persiste em seu tratamento com diluição para esse caso de febre?”, continuou sua senhoria.

“Eu persisto no tratamento justificado por minha própria experiência profissional”, disse o Sr. Dawson.

“Permita-me fazer-lhe uma pergunta relacionada ao vasto tema da experiência profissional”, observou o Conde. “Eu não ousa mais oferecer conselhos; apenas ousa fazer uma pergunta. O senhor vive a certa distância dos gigantescos centros de atividade científica — Londres e Paris. O senhor já ouviu falar do efeito debilitante da febre sendo racional e inteligentemente combatido fortificando o paciente exaurido com *brandy*, vinho, sais de amônio e quinino? Esta recente heresia das mais competentes autoridades médicas chegou aos seus ouvidos... Sim, ou Não?”

“Quando um profissional me fizer essa pergunta, responderei de bom grado”, disse o médico, abrindo a porta para sair. “O senhor não é um profissional; e eu peço licença para não responder *ao senhor*.”

Sendo ferido desse modo indesculpavelmente descortês, em uma face, o Conde, como um cristão praticante, imediatamente ofereceu a outra, e disse, com os modos mais gentis:

“Bom dia, Sr. Dawson.”

Se o meu falecido e estimado marido tivesse tido a felicidade de conhecer sua senhoria, quão profundamente ele e o Conde teriam estimado um ao outro!

Sua senhoria, a Condessa, voltou pelo último trem à noite, e trouxe a enfermeira de Londres. Fui informada de que o nome dessa pessoa era Sra. Rubelle. Sua aparência pessoal, e seu inglês imperfeito, quando ela falou, me informaram que ela era uma estrangeira.

Eu sempre cultivei um sentimento de humana indulgência para com os estrangeiros. Eles não têm as nossas bênçãos e vantagens; e são, em sua maior parte, criados nos erros cegos do papismo. Também sempre foi meu preceito e prática, assim como foi o preceito e prática de meu caro marido antes de mim (ver Sermão XXIX, na Compilação do falecido Rev. Samuel Michelson, M.A.), agir como eu gostaria que agissem comigo. Por esses dois motivos, eu não vou dizer que a Sra. Rubelle me pareceu ser uma pessoa pequena, esguia e astuta, em torno de uns cinquenta anos de idade, com uma tez morena escura ou de um *Creole*,¹ e vigilantes olhos de um tom cinza-claro. Tampouco vou mencionar, pelas razões recém-apresentadas, que considereei a vestimenta dela, embora fosse da mais simples seda negra, inapropriadamente cara e desnecessariamente refinada em guarnições e acabamentos para uma pessoa em sua situação na vida. Eu não gostaria que dissessem essas coisas ao meu respeito; e, portanto, é o meu dever não as dizer a respeito da Sra. Rubelle. Vou simplesmente mencionar que os modos dela eram — não talvez desagradavelmente reservados — mas apenas admiravelmente discretos e circunspectos; que ela olhava demais ao seu redor, e falava muito pouco, o que pode ter sua origem tanto em seu próprio recato, quanto na incerteza de sua posição em Blackwater Park; e que ela se recusou a compartilhar da ceia (o que era curioso, talvez, mas certamente não era suspeito?), embora eu pessoalmente a convidasse com toda a cortesia para essa refeição, em meus aposentos.

Segundo a sugestão específica do Conde (tão típico da magnânima gentileza de sua senhoria!), foi combinado que a Sra. Rubelle não assumiria as suas funções até ter sido vista e aprovada pelo médico na manhã seguinte. Eu passei a noite com a enferma. Lady Glyde parecia não desejar que a nova enfermeira fosse empregada para cuidar da Srta. Halcombe. Tal falta de generosidade para com uma estrangeira, da parte de uma dama com a educação e o refinamento dela, me surpreendeu. Eu me arrisquei a dizer,

“Milady, nós todos devemos nos lembrar de não ser apressados ao julgar os nossos inferiores; sobretudo quando eles vêm de países estrangeiros.” Lady Glyde não aparentou me ouvir. Ela apenas suspirou, e beijou a mão da Srta. Halcombe que estava apoiada na colcha. Dificilmente um procedimento sensato em um quarto de doente, com uma paciente a quem era muito desejável não excitar. Porém, a pobre Lady Glyde nada sabia sobre cuidar de um doente — absolutamente nada, eu lamento dizer.

Na manhã seguinte, a Sra. Rubelle foi mandada para a saleta particular, para ser aprovada pelo médico, quando ele estivesse a caminho do quarto.

Deixei Lady Glyde com a Srta. Halcombe, que estava cochilando na ocasião, e me juntei à Sra. Rubelle, com o intuito de gentilmente evitar que ela se sentisse desconfortável e nervosa em consequência da incerteza de sua situação. Ela não parecia encará-la desse modo. Ela parecia estar bastante segura, de antemão, que o Sr. Dawson a aprovaria; e sentava-se calmamente olhando pela janela, com toda a aparência de estar desfrutando do ar campestre. Algumas pessoas poderiam ter considerado que tal conduta sugerisse uma confiança despudorada. Eu peço licença para dizer que, de modo mais liberal, eu a atribuí a uma extraordinária força de caráter.

Em vez de o médico vir até nós, mandaram-me ir ter com ele. Considerei essa alteração bastante estranha; mas a Sra. Rubelle não pareceu ter sido afetada por isso de modo algum. Eu a deixei ainda calmamente olhando pela janela, e ainda silenciosamente desfrutando do ar campestre.

O Sr. Dawson estava à minha espera, na sala do café da manhã.

“Quanto a essa nova enfermeira, Sra. Michelson”, disse o médico.

“Pois não, senhor?”

“Eu acho que ela foi trazida para cá pela esposa daquele estrangeiro velho e gordo, que está sempre tentando atravessar o meu caminho. Sra. Michelson, o estrangeiro velho e gordo é um Charlatão.”

Isso era muito rude. Naturalmente, fiquei chocada com as palavras.

“O senhor sabe”, eu disse, “que está falando de um nobre?”

“Hmpf! Ele não é o primeiro Charlatão com um apêndice em seu nome. Todos eles são Condes... pros diabos com eles!”

“Ele não seria amigo de Sir Percival Glyde, senhor, se não fosse membro da mais alta aristocracia; com exceção da aristocracia inglesa, é claro.”

“Muito bem, Sra. Michelson, chame-o do que a senhora quiser; e vamos voltar à enfermeira. Eu já ponho objeções a ela.”

“Sem tê-la visto, senhor?”

“Sim, sem tê-la visto. Ela pode ser a melhor enfermeira na face da terra; mas não é uma enfermeira que eu tenha providenciado. Já apresentei essa

objeção a Sir Percival, como dono da casa. Ele não me apoia. Ele diz que uma enfermeira que eu providenciasse teria sido desconhecida em Londres também; e ele acha que a mulher deve ser testada, depois de a tia da esposa dele ter tido o trabalho de ir buscá-la em Londres. Há certa justiça nisso; e não posso dizer, de modo cortês, Não. Mas impus a condição de que ela deverá partir na mesma hora se eu tiver motivos para me queixar dela. Essa proposta sendo algo que eu tenho certo direito de fazer, como médico encarregado, Sir Percival consentiu. Então, Sra. Michelson, sei que posso confiar na senhora; e quero que fique vigiando a enfermeira, nos dois primeiros dias, e cuide que ela não ministre à Srta. Halcombe nenhum remédio a não ser os meus. Esse seu nobre estrangeiro está desesperado para tentar seus remédios charlatanescos (incluindo mesmerismo) em minha paciente; e uma enfermeira trazida para cá pela esposa dele pode estar um pouco inclinada demais a ajudá-lo. A senhora está entendendo? Muito bem, então, podemos subir. A enfermeira está lá? Vou conversar um pouco com ela, antes de ela ir para o quarto da paciente.”

Nós encontramos a Sra. Rubelle ainda se deleitando à janela. Quando eu a apresentei para o Sr. Dawson, nem os olhares duvidosos nem as perguntas rigorosas do médico pareceram perturbá-la um tantinho que fosse. Ela respondeu tranquilamente em seu inglês imperfeito; e, embora ele tentasse com todas as forças confundi-la, ela nunca demonstrou a menor ignorância a respeito de qualquer parte de suas tarefas. Isso era, sem dúvida, o resultado da força de caráter, como eu disse antes, e não confiança despudorada.

Nós todos fomos para o quarto da Srta. Halcombe.

A Sra. Rubelle olhou, muito atenta, para a paciente; fez uma mesura para Lady Glyde; ajeitou uma ou duas coisinhas no quarto, e sentou-se, quieta, em um canto para esperar até que precisassem dela. Sua senhoria parecia assustada e aborrecida com o surgimento da enfermeira desconhecida. Ninguém disse nada, por medo de despertar a Srta. Halcombe, que ainda estava cochilando — com exceção do médico, que sussurrou uma pergunta sobre como ela passara a noite. Eu respondi, em voz baixa, “Mais ou menos do mesmo modo”; e então o Sr. Dawson saiu. Lady Glyde o seguiu, suponho, para falar sobre a Sra. Rubelle. De minha parte, eu já havia decidido que essa tranquila mulher estrangeira iria manter o seu posto. Ela estava plenamente alerta; e com certeza entendia de seu serviço. Até então, eu dificilmente poderia ter agido de modo muito melhor com a paciente.

Lembrando-me do aviso que me fora dado pelo Sr. Dawson, submeti a Sra. Rubelle a um escrutínio severo, em certos intervalos, durante os três ou quatro dias seguintes. Uma vez depois da outra, entrei silenciosa e repentinamente no quarto; porém, nunca a flagrei em alguma atitude suspeita.

Lady Glyde, que a vigiava com tanta atenção quanto eu, também não descobriu nada. Eu nunca detectei um indício de os vidros de remédio terem sido adulterados; nunca vi a Sra. Rubelle dizer uma palavra ao Conde, ou o Conde para ela. Ela cuidava da Srta. Halcombe com cuidado e discrição indiscutíveis. A pobre senhora oscilava entre um tipo de exaustão sonolenta, que era em parte um desmaio e em parte um cochilo, e ataques de febre que acarretavam mais ou menos desvarios. A Sra. Rubelle nunca a perturbava no primeiro caso, e nunca a sobressaltava no segundo, aparecendo rápido demais ao pé da cama na qualidade de uma desconhecida. Que seja dada honra a quem a honra é devida (seja estrangeiro ou inglês), e eu a concedo imparcialmente à Sra. Rubelle. Ela era extremamente reservada a respeito de si mesma, e agia com muita independência quanto a quaisquer conselhos de pessoas experientes que conhecessem os encargos de um quarto de doente — mas, com esses defeitos, ela era uma boa enfermeira, e nunca deu a Lady Glyde ou ao Sr. Dawson a sombra de um motivo para que eles reclamassem dela.

A próxima circunstância importante que aconteceu na casa foi a ausência temporária do Conde, ocasionada por negócios que o levaram a Londres. Ele partiu (eu creio) na manhã do quarto dia após a chegada da Sra. Rubelle; e, ao partir, conversou com Lady Glyde, com grande seriedade, em minha presença, sobre a Srta. Halcombe.

“Confie no Sr. Dawson”, ele disse, “por apenas mais alguns dias, por favor. Mas, se não houver nenhuma mudança para melhor, nesse período, peça auxílio de Londres, que essa mula desse médico tem de aceitar, contra a vontade. Ofenda o Sr. Dawson e salve a Srta. Halcombe. Eu digo estas palavras com toda seriedade, dando a minha palavra de honra e do fundo de meu coração.”

Sua senhoria falou com muito sentimento e gentileza. Porém, os nervos de Lady Glyde estavam tão completamente em frangalhos que ela parecia estar com bastante medo dele. Ela tremia da cabeça aos pés; e permitiu que ele se afastasse sem pronunciar uma palavra. Ela se voltou para mim, quando ele havia saído, e disse:

“Oh, Sra. Michelson, eu estou desesperada por causa de minha irmã, e não tenho um amigo para me aconselhar! A *senhora* acha que o Sr. Dawson está errado? Ele me disse hoje de manhã que não havia o que temer, e nenhuma necessidade de novas opiniões.”

“Com todo respeito ao Sr. Dawson”, respondi, “no lugar de vossa senhoria, eu me lembraria dos conselhos do Conde.”

Lady Glyde se virou de lado de repente, com um ar de desespero, para o qual eu não encontrava explicação.

“O conselho *dele!*”, ela disse consigo mesma. “Deus nos ajude... o conselho *dele!*”

O Conde se ausentou de Blackwater Park, tanto quanto eu me lembre, por uma semana.

Sir Percival parecia sentir a ausência de sua senhoria de diferentes modos, e também parecia, eu pensei, muito deprimido e alterado por causa da doença e do pesar na casa. Ocasionalmente, ele estava tão inquieto que eu não conseguia deixar de perceber o fato; indo e vindo, e andando para lá e para cá nos jardins. Suas perguntas a respeito da Srta. Halcombe, e a respeito de sua esposa (cuja saúde em declínio parecia lhe causar uma sincera ansiedade), eram muito atenciosas. Acho que o coração dele estava muito abrandado. Se algum tipo de amigo do clero — um amigo como ele poderia ter encontrado em meu excelente falecido marido — tivesse estado perto dele nessa ocasião, um feliz progresso moral poderia ter sido alcançado com Sir Percival. Eu dificilmente me equivoco em uma questão dessas, tendo tido essa experiência para me guiar em meus felizes dias de casada.

Sua senhoria, a Condessa, que era então a única companhia para Sir Percival na parte de baixo da casa, o negligenciava bastante, conforme eu pensava. Ou, talvez, pode ter sido ele que a negligenciasse. Uma pessoa desconhecida quase poderia ter suposto que eles tendiam, agora que haviam sido deixados sozinhos, a realmente evitar um ao outro. Isso, naturalmente, não poderia ser. Não obstante, a Condessa fazia as suas refeições mais cedo, e sempre ia para o andar de cima perto do anoitecer, embora a Sra. Rubelle tivesse tirado as tarefas de enfermeira das mãos dela completamente. Sir Percival jantava sozinho; e William (o mordomo) observou, perto de mim, que o patrão dele estava se alimentando com metade da quantidade de comida e uma quantidade dupla de bebida. Não dei importância a uma observação insolente como essa, da parte de um empregado. Eu a censurei naquela ocasião; e desejo que compreendam que a censuro uma vez mais, nesta ocasião.

Durante os dias seguintes, certamente pareceu para nós todos que a Srta. Halcombe estava se recuperando um pouquinho. Nossa fé no Sr. Dawson reviveu. Ele parecia estar muito confiante em relação ao caso; e garantiu a Lady Glyde, quando ela conversou com ele sobre o assunto, que ele próprio iria mandar chamar um médico, no momento em que tivesse a menor sombra de dúvida passando por sua cabeça.

A única pessoa entre nós que não pareceu estar aliviada com essas palavras era a Condessa. Ela me disse, a sós, que não conseguia se tranquilizar a respeito da Srta. Halcombe, com base nas palavras do Sr. Dawson, e que iria aguardar, ansiosa, a opinião do marido, quando ele retornasse. Esse retorno, as

cartas dele informavam para ela, aconteceria no período de três dias. O Conde e a Condessa se correspondiam regularmente todas as manhãs, durante a ausência de sua senhoria. Eles eram nesse ponto, assim como em todos os outros, um exemplo para as pessoas casadas.

No anoitecer do terceiro dia, percebi uma alteração na Srta. Halcombe que me causou muita apreensão. A Sra. Rubelle também a percebeu. Nós não dissemos nada sobre esse ponto para Lady Glyde, que estava então deitada, dormindo, completamente dominada pela exaustão, no sofá da saleta particular.

O Sr. Dawson não fez a sua visita senão bem mais tarde que de costume. Assim que ele colocou os olhos na paciente, eu vi o rosto dele se alterar. Ele tentou ocultar o fato; mas parecia tanto confuso quanto assustado. Um mensageiro foi enviado para a casa dele para pegar o estojo de medicamentos; produtos desinfetantes foram usados no quarto, e uma cama foi preparada para ele na casa segundo ordens dele próprio.

“A febre se transformou em infecção?”, perguntei baixinho para ele.

“Receio que sim”, ele respondeu; “nós saberemos melhor amanhã de manhã.”

Por instruções do próprio Sr. Dawson, Lady Glyde foi mantida na ignorância dessa mudança para pior. Ele próprio a proibiu, com base na saúde dela, de se juntar a nós no quarto naquela noite. Ela tentou resistir — foi uma cena triste —, mas ele tinha a autoridade médica para dar-lhe apoio; e fez valer suas palavras.

Na manhã seguinte, um dos empregados foi enviado a Londres, às onze horas, com uma carta para um médico na cidade, e com ordens para trazer o novo médico com ele no primeiro trem possível. Meia hora após o mensageiro ter partido, o Conde voltou para Blackwater Park.

A Condessa, assumindo a responsabilidade, imediatamente levou-o para ver a paciente. Não havia uma falta de decoro que eu pudesse discernir no fato de ela tomar essa decisão. Sua senhoria era um homem casado; era velho o suficiente para ser pai da Srta. Halcombe; e ele a viu na presença de uma parente do sexo feminino, a tia de Lady Glyde. O Sr. Dawson, não obstante, protestou contra a presença dele no quarto; mas, eu pude observar claramente, o médico estava assustado demais para oferecer séria resistência nessa ocasião.

A pobre senhora enferma não conseguia reconhecer ninguém ao seu redor. Ela parecia encarar os seus amigos como inimigos. Quando o Conde se aproximou da cama dela, os olhos dela, que tinham estado vagando incessantemente pelo quarto antes, se fixaram no rosto dele com um pavoroso olhar de terror, que eu vou recordar até o dia de minha morte. O Conde

sentou-se ao lado dela; sentiu o pulso e as têmperas dela; olhou-a com muita atenção; e então se voltou para o médico com tamanha expressão de indignação e de desdém em seu rosto, que o Sr. Dawson não soube o que dizer, e ficou, por um instante, pálido de raiva e de susto — pálido e absolutamente mudo.

Em seguida, sua senhoria olhou para mim.

“Quando essa mudança ocorreu?”, ele perguntou.

Eu lhe disse.

“Lady Glyde entrou no quarto desde então?”

Eu respondi que não. O médico havia absolutamente proibido que ela entrasse no quarto na noite anterior, e havia repetido a ordem de novo no dia seguinte.

“A senhora e a Sra. Rubelle tiveram ciência da extensão dos danos?”, foi a pergunta seguinte dele.

Nós tínhamos ciência, respondi, de que a doença era considerada infecciosa. Ele me deteve, antes que eu pudesse acrescentar mais alguma coisa.

“É Tifo”, ele disse.

No minuto que se passou, enquanto essas perguntas e respostas eram trocadas, o Sr. Dawson se recobrou e se dirigiu ao Conde, com sua costureira firmeza.

“*Não é tifo*”, ele disse, brusco. “Eu protesto contra essa intromissão, senhor. Ninguém tem o direito de fazer perguntas aqui, além de mim. Cumpri com o meu dever com o melhor de minha capacidade...”

O Conde o interrompeu, não com palavras, mas apenas apontando para a cama. O Sr. Dawson pareceu perceber essa silenciosa contradição da asseveração de sua própria capacidade, e ficar ainda mais irado por causa dela.

“Eu digo que cumpri com o meu dever”, ele reiterou. “Um médico de Londres foi chamado. Vou consultá-lo sobre a natureza da febre, e ninguém mais. Insisto que o senhor saia do quarto.”

“Eu entrei neste quarto, senhor, pelos sagrados interesses da humanidade”, disse o Conde. “E, por esses mesmos interesses, se a vinda do médico for retardada, vou entrar de novo. Eu lhe digo uma vez mais que a febre se transformou em Tifo, e que seu tratamento é o responsável por essa mudança lamentável. Se esta pobre senhora morrer, vou testemunhar em uma corte de justiça que a sua ignorância e a sua obstinação foram a causa da morte dela.”

Antes que o Sr. Dawson pudesse responder, antes que o Conde pudesse sair do quarto, a porta da saleta particular se abriu, e nós vimos Lady Glyde na

soleira.

“Eu *tenho de* entrar, e *vou* entrar”, ela disse, com uma extraordinária firmeza.

Em vez de detê-la, o Conde passou para a saleta particular, e abriu caminho para que ela entrasse. Em todas as outras ocasiões, ele era o último homem neste mundo a se esquecer de alguma coisa; porém, no calor do momento, ele aparentemente se esqueceu do perigo de infecção por tifo, e a urgente necessidade de forçar Lady Glyde a tomar o devido cuidado consigo mesma.

Para minha surpresa, o Sr. Dawson mostrou mais presença de espírito. Ele deteve sua senhoria no primeiro passo que ela deu na direção da cama da paciente.

“Eu sinto muito, lamento muitíssimo”, ele disse. “A febre pode ser, eu receio, infecciosa. Até eu ter a certeza de que não é, suplico à senhora que se mantenha longe do quarto.”

Ela lutou por um instante; então, repentinamente deixou os braços penderem e caiu para frente. Ela havia desmaiado. A Condessa e eu a pegamos dos braços do médico, e a levamos para o quarto dela. O Conde nos precedeu e esperou no corredor, até eu sair e lhe dizer que nós a havíamos feito se recobrar de seu desmaio.

Voltei para perto do médico, para lhe dizer, por solicitação de Lady Glyde, que ela insistia em falar com ele no mesmo instante. Ele se afastou na hora, para acalmar a agitação de sua senhoria, e para lhe garantir que o médico chegaria no decorrer de algumas horas. Essas horas se passaram lentamente. Sir Percival e o Conde ficaram juntos no andar de baixo e, de tempos em tempos, pediam notícias. Finalmente, entre as cinco e as seis horas, para nosso grande alívio, o médico chegou.

Ele era um homem mais jovem que o Sr. Dawson, muito sério e muito decidido. O que ele pensava do tratamento anterior, não sei dizer; mas pareceu-me curioso ele ter feito mais perguntas para mim e para a Sra. Rubelle do que fez para o médico, e que não parecesse ouvir com grande interesse o que o Sr. Dawson disse, enquanto ele estava examinando a paciente do Sr. Dawson. Comecei a suspeitar, com base no que eu havia observado, que o Conde tinha estado certo a respeito da doença o tempo todo; e naturalmente a minha ideia foi confirmada quando o Sr. Dawson, após um breve intervalo, fez a importante pergunta que o médico de Londres havia sido enviado para responder.

“Qual é a sua opinião sobre a febre?”, ele indagou.

“Tifo”, retrucou o médico. “Tifo, sem a menor sombra de dúvida.”

Aquela silenciosa pessoa estrangeira, a Sra. Rubelle, entrelaçou as suas

mão finas e morenas na frente do corpo, e olhou para mim com um sorriso muito significativo. O próprio Conde mal poderia ter aparentado estar mais satisfeito, se estivesse presente no quarto, e tivesse ouvido sua própria opinião confirmada.

Depois de nos dar algumas instruções úteis a respeito dos cuidados com a paciente, e mencionar que ele retornaria no prazo de cinco dias, o médico se retirou para conversar a sós com o Sr. Dawson. Ele não daria uma opinião sobre as chances de a Srta. Halcombe se recuperar; ele disse que era impossível, naquele estágio da doença, se pronunciar a favor ou contra.

Os cinco dias se passaram cheios de ansiedade.

A Condessa Fosco e eu nos alternamos para auxiliar a Sra. Rubelle; a condição da Srta. Halcombe ficando cada vez pior, e exigindo os nossos maiores cuidados e atenções. Foi um período terrivelmente penoso. Lady Glyde (tirando forças, como disse o Sr. Dawson, da sua constante tensão por causa de sua irmã), se recobrou da maneira mais extraordinária e mostrou uma firmeza e uma determinação pelas quais eu nunca lhe teria dado crédito. Ela insistiu em entrar no quarto da doente, duas ou três vezes por dia, para olhar a Srta. Halcombe pessoalmente; prometendo não se aproximar muito da cama, se o médico atendesse aos desejos dela até esse ponto. O Sr. Dawson, a contragosto, deu o consentimento que lhe era solicitado; acho que ele viu que era inútil discutir com ela. Lady Glyde ia todos os dias; e, abnegada, manteve sua promessa. Eu pessoalmente achava tão angustiante (por me lembrar de minha própria dor durante a doença final de meu marido) ver como ela sofria nessas circunstâncias, que peço licença para não me deter nesta parte do assunto por mais tempo. Para mim, é mais condizente mencionar que não aconteceram novas discussões entre o Sr. Dawson e o Conde. Sua senhoria fazia todas as suas perguntas por intermédio de alguém; e permanecia continuamente na companhia de Sir Percival no andar de baixo.

No quinto dia, o médico veio de novo, e nos deu um pouquinho de esperança. Ele disse que o décimo dia a partir das primeiras manifestações do tifo provavelmente decidiria o resultado da doença, e determinou que a sua terceira visita aconteceria nesse dia. O intervalo se passou como antes — com a exceção de que o Conde foi até Londres de novo, certa manhã, e voltou à noite.

No décimo dia, aprouve à misericordiosa Providência aliviar o nosso ambiente doméstico de todas as ansiedades e preocupações futuras. O médico nos garantiu com toda a certeza que a Srta. Halcombe estava fora de perigo.

“Ela não precisa de médico, agora; tudo de que ela necessita são grandes cuidados e ser observada por algum tempo; e vejo que isso ela tem.” Estas

foram as palavras dele. Naquela noite, eu li o tocante sermão do meu marido sobre a Recuperação de uma Enfermidade, com mais alegria e proveito (de um ponto de vista espiritual) do que me lembro de ter extraído dele antes.

O efeito das boas notícias sobre a pobre Lady Glyde foi, lamento dizer, bastante avassalador. Ela estava fraca demais para suportar a reação violenta; e, no espaço de um ou dois dias, caiu em um estado de debilidade e de depressão que a obrigou a ficar em seu quarto. Descanso e tranquilidade e mudança de ares em seguida eram os melhores remédios que o Sr. Dawson poderia sugerir para benefício dela. Foi uma felicidade a situação não ter sido pior, pois, exatamente no dia em que ela se confinou em seu quarto, o Conde e o médico entraram em desacordo de novo; e, dessa vez, a alteração entre eles foi de uma natureza tão séria, que o Sr. Dawson abandonou a casa.

Eu não estava presente na ocasião, mas soube que a causa da discussão foi a quantidade de alimentos que era necessário oferecer para auxiliar a convalescença da Srta. Halcombe, depois da exaustão da febre. O Sr. Dawson, agora que sua paciente estava a salvo, estava menos inclinado que nunca a aceitar interferência não profissional; e o Conde (não consigo imaginar o motivo) perdeu todo o autocontrole que ele havia tão judiciosamente preservado em momentos anteriores, e censurou o médico, repetidas vezes, pelo erro dele a respeito da febre, quando ela se transformou em tifo. O infeliz incidente terminou com o Sr. Dawson recorrendo a Sir Percival, e ameaçando (agora que ele poderia, sem o menor risco para a Srta. Halcombe, partir) não mais prestar assistência em Blackwater Park, se a interferência do Conde não fosse peremptoriamente interrompida a partir daquele momento. A resposta de Sir Percival (embora não propositalmente mal-educada) só teve como resultado tornar as coisas piores; e com isso o Sr. Dawson se retirou da casa, em um estado de indignação profunda com o modo como o Conde o tratara, enviando a sua conta na manhã seguinte.

Nós fomos, então, deixadas sem os cuidados de um médico. Embora não houvesse uma necessidade real de outro médico — cuidar e observar sendo, como o médico havia observado, tudo de que a Srta. Halcombe necessitava — eu ainda teria, se minha opinião tivesse sido consultada, obtido a assistência profissional de outra pessoa, por mera formalidade.

Sir Percival não pareceu ver a questão dessa maneira. Ele disse que haveria tempo suficiente para chamar outro médico, se a Srta. Halcombe mostrasse quaisquer sinais de piora. Enquanto isso, nós tínhamos o Conde para consultar em qualquer dificuldade menor; e não precisávamos perturbar, sem necessidade, a nossa paciente, em seu presente estado de fraqueza e de nervosismo, com a presença de um desconhecido ao pé de sua cama. Havia muita coisa sensata, sem dúvida, nessas considerações; mas elas me deixaram

um pouco ansiosa, não obstante. Tampouco eu fiquei convencida, em meu íntimo, da adequação de ocultar a ausência do médico, conforme nós o fizemos, de Lady Glyde. Foi um engodo misericordioso, eu admito — pois ela não estava em condições de suportar quaisquer novas ansiedades. Mas, ainda assim, era um engodo; e, como tal, para uma pessoa com os meus princípios, na melhor das hipóteses, um procedimento duvidoso.

Uma segunda circunstância desconcertante, que aconteceu no mesmo dia e me pegou completamente de surpresa, aumentou muito a sensação de inquietude presente em meus pensamentos.

Fui chamada para conversar com Sir Percival na biblioteca. O Conde, que estava com ele quando entrei, na mesma hora se levantou e nos deixou a sós. Sir Percival, educadamente, pediu que eu me sentasse; e então, para meu grande espanto, se dirigiu a mim com estas palavras:

“Eu quero falar com a senhora, Sra. Michelson, sobre uma decisão que tomei há certo tempo, e que teria mencionado antes não fosse pela doença e pelas preocupações nesta casa. Em poucas palavras, eu tenho motivos para desejar fechar imediatamente esta casa; deixando a senhora encarregada de tudo, é claro, como sempre. Assim que Lady Glyde e a Srta. Halcombe puderem viajar, ambas deverão mudar de ares. Meus amigos, o Conde Fosco e a Condessa, vão embora, antes desse período, para viver nas cercanias de Londres. E eu tenho motivos para não abrir a casa para mais ninguém, com o intuito de economizar tanto quanto possível. Não culpo a senhora; mas as minhas despesas aqui são grandes demais. Resumindo, vou vender os cavalos, e me livrar de todos os empregados imediatamente. Eu nunca faço as coisas pela metade, como a senhora sabe; e tenciono ter a casa livre de um punhado de pessoas inúteis a esta hora, amanhã.”

Eu o ouvi totalmente chocada e atônita.

“O senhor quer dizer, Sir Percival, que devo demitir os empregados internos, sob minha responsabilidade, sem o costumeiro mês de aviso?”, eu perguntei.

“Certamente que sim. Nós poderemos estar longe desta casa antes de mais um mês; e não vou deixar os empregados aqui, na ociosidade, com nenhum patrão a quem atender.”

“Quem vai cozinhar, Sir Percival, enquanto o senhor ainda estiver aqui?”

“Margaret Porcher é capaz de preparar uma comida... mantenha-a. Para que eu quero uma cozinheira, se não pretendo oferecer nenhum jantar?”

“A empregada que o senhor mencionou é a empregada menos inteligente na casa, Sir Percival...”

“Mantenha-a, estou dizendo; e arrume uma mulher do vilarejo para fazer a

limpeza e ir embora. Minhas despesas semanais devem ser reduzidas imediatamente, e serão. Eu não mandei chamar a senhora para colocar empecilhos, Sra. Michelson; mandei chamar a senhora para executar os meus planos de economia. Demita todo esse bando de empregados ociosos amanhã; com exceção de Porcher. Ela é forte como um cavalo; e nós a faremos trabalhar como um cavalo.”

“O senhor há de me desculpar por lembrar, Sir Percival, que se os empregados partirem amanhã, eles precisam ter um mês de salário no lugar de um mês de aviso.”

“Que eles tenham! Um mês de salário poupa um mês de desperdícios e de gluttonia nas dependências dos empregados.”

Essa última observação trazia uma insinuação do tipo mais ofensivo sobre minha administração doméstica. Eu tinha muito autorrespeito para me defender de uma imputação tão grosseira. Apenas a consideração cristã pela posição dependente da Srta. Halcombe e de Lady Glyde, e pela grande inconveniência que a minha ausência repentina da casa poderia infligir a elas, me impediu de pedir demissão de meu posto na hora. Eu me levantei imediatamente. Em minha estimativa, teria me rebaixado permitir que a conversa durasse um momento a mais.

“Depois dessa última observação, Sir Percival, nada mais tenho a dizer. Suas instruções serão obedecidas.” Pronunciando estas palavras, inclinei a cabeça com o mais frio respeito, e saí do aposento.

No dia seguinte, os empregados partiram em conjunto. O próprio Sir Percival demitiu os cavaleiros e os funcionários dos estábulos; mandando-os, com todos os cavalos, menos um, para Londres. De toda a criadagem, dentro de casa e fora, ficamos apenas eu, Margaret Porcher e o jardineiro; este vivia em sua casinha, sendo necessário para cuidar do único cavalo que ficou nos estábulos.

Com a casa deixada nessa situação estranha e solitária; com a patroa doente em seu quarto; com a Srta. Halcombe ainda tão dependente quanto uma criança; e com os cuidados do médico afastados de nós por causa de inimizade — certamente, não era incomum que meu estado de ânimo fraquejasse, e a minha costumeira compostura fosse difícil de manter. Minha mente estava intranquila. Eu desejava que as duas pobres senhoras ficassem bem de novo; e desejava estar longe de Blackwater Park.

II

O FATO seguinte que aconteceu foi de uma natureza tão singular, que ele poderia ter me causado um sentimento de surpresa supersticiosa, se minha mente não fosse fortalecida pelos meus princípios contra quaisquer fraquezas

pagãs desse tipo. A inquietante sensação de algo errado na família, que me havia feito desejar estar longe de Blackwater Park, foi na verdade seguida, é estranho dizer, pela minha partida da casa. É verdade que a minha ausência era apenas temporária; mas a coincidência não foi, em minha opinião, menos notável por causa disso.

Minha partida aconteceu nas seguintes circunstâncias:

No dia em que todos os empregados partiram, fui chamada de novo para falar com Sir Percival. O imerecido estigma que ele havia lançado em minha administração da casa, sinto-me feliz por dizer, não me impediu de pagar o mal com o bem do melhor modo possível acatando seu pedido com tanta presteza e respeito quanto de costume. Isso me custou uma luta com a natureza decaída de que todos nós compartilhamos, antes de eu ser capaz de conter os meus sentimentos. Estando acostumada com a autodisciplina, fiz o sacrifício.

Encontrei Sir Percival e o Conde Fosco sentados juntos, novamente. Nessa ocasião, sua senhoria permaneceu durante a conversa, e ajudou a esclarecer os pontos de vista de Sir Percival.

O assunto para o qual eles solicitavam então a minha atenção se relacionava à saudável mudança de ares, da qual nós todos esperávamos que a Srta. Halcombe e Lady Glyde logo pudessem desfrutar. Sir Percival mencionou que as duas senhoras provavelmente passariam o outono (a convite de Frederick Fairlie, *Esquire*) na Mansão de Limmeridge, Cumberland. Porém, antes de elas irem para lá, era opinião dele, confirmada pelo Conde Fosco (que, nesse momento, continuou a conversa e seguiu até o fim), de que elas se beneficiariam muito com uma curta permanência, em primeiro lugar, no agradável clima de Torquay. O grande objetivo, portanto, era o de reservar aposentos nessa localidade, oferecendo todos os confortos e vantagens dos quais as duas senhoras precisavam; e a grande dificuldade era a de encontrar uma pessoa experiente capaz de escolher o tipo de moradia que eles queriam. Nessa emergência, o Conde pedia permissão para perguntar, em nome de Sir Percival, se eu poria objeções a conferir às senhoras o benefício de minha assistência, indo pessoalmente a Torquay.

Era impossível, para uma pessoa em minha posição, ouvir qualquer proposta, feita nesses termos, com uma objeção séria.

Eu só pude me arriscar a recordar a grande inconveniência de me afastar de Blackwater Park, na ausência de todos os empregados de dentro de casa, com a única exceção de Margaret Porcher. Porém, Sir Percival e sua senhoria declararam que ambos estavam dispostos a enfrentar a inconveniência em prol das inválidas. Em seguida, eu respeitosamente sugeri escrever para um agente em Torquay; mas nesse ponto eles me recordaram da imprudência de reservar

aposentos sem em primeiro lugar vê-los. Também fui informada de que a Condessa (que, em outras circunstâncias, teria ido pessoalmente a Devonshire) não poderia, na atual condição de Lady Glyde, sair de perto de sua sobrinha; e que Sir Percival e o Conde tinham negócios a tratar juntos, o que os forçaria a permanecer em Blackwater Park. Resumindo, me foi claramente mostrado que, se eu não aceitasse o encargo, ninguém mais poderia desempenhar essa incumbência. Sob essas circunstâncias, só pude informar a Sir Percival que meus serviços estavam ao dispor da Srta. Halcombe e de Lady Glyde.

E, com isso, foi determinado que eu partiria na manhã seguinte; que eu deveria usar um ou dois dias examinando todas as casas mais convenientes em Torquay; e que eu deveria voltar, com meu relato, tão logo me fosse possível. Um memorando foi escrito para mim por sua senhoria, detalhando os vários requisitos que o local que eu iria reservar deveria ter; e uma nota quanto ao limite pecuniário permitido foi acrescentada por Sir Percival.

Minha ideia, ao ler do início ao fim essas instruções, era a de que nenhuma casa, assim como eu a via descrita, poderia ser encontrada em qualquer estação de águas na Inglaterra; e que, mesmo se por acaso ela pudesse ser encontrada, certamente não seria alugada por qualquer período nos termos que eu poderia oferecer. Mencionei discretamente essas dificuldades para os dois cavalheiros; mas, Sir Percival (que se encarregou de me responder) não pareceu percebê-las. A mim, não cabia contestar o assunto. Eu nada mais disse; mas senti uma forte convicção de que a tarefa de que me haviam encarregado estava tão repleta de dificuldades, que a minha incumbência era praticamente impossível desde o início.

Antes de partir, eu tomei a precaução de garantir que a Srta. Halcombe estivesse se recuperando bem.

Havia uma dolorosa expressão de ansiedade em seu rosto, que me fez temer que a mente dela, ao começar a se recuperar, não estivesse tranquila. Porém, ela certamente estava se fortalecendo com maior rapidez do que eu poderia ter me aventurado a antecipar; e consegui enviar mensagens gentis para Lady Glyde, dizendo que estava se recuperando rapidamente, e suplicando a sua senhoria que não fizesse nenhum esforço tão cedo. Eu a deixei sob os cuidados da Sra. Rubelle, que ainda estava agindo tão independente de todas as outras pessoas da casa quanto sempre. Quando eu bati à porta de Lady Glyde, antes de partir, me disseram que ela ainda estava lamentavelmente fraca e deprimida; minha informante tendo sido a Condessa, que estava então fazendo companhia a ela no quarto. Sir Percival e o Conde estavam andando no caminho para a casa do caseiro enquanto eu era levada pela carruagem aberta. Eu fiz uma mesura para eles, e saí da casa, sem uma

alma viva deixada nos aposentos dos empregados, além de Margaret Porcher.

Todos devem sentir o que eu tenho sentido desde aquela época, que essas circunstâncias eram mais que incomuns — elas eram quase suspeitas. Permitam-me, entretanto, afirmar novamente que era impossível, para mim, em minha posição subalterna, agir de modo diferente.

O resultado de minha ida a Torquay foi exatamente o que eu havia previsto. Nenhum aposento, conforme eu fora instruída a reservar, pôde ser encontrado na cidade toda; e os valores que eu tinha permissão de oferecer eram pequenos demais para o propósito, ainda que eu tivesse sido capaz de encontrar o que desejava. Voltei a Blackwater Park no terceiro dia, e informei a Sir Percival, que me encontrou à porta, que minha viagem havia sido feita em vão. Ele pareceu ocupado demais com algum outro assunto para se importar com o fracasso de minha incumbência, e as suas primeiras palavras me informaram que até naquele curto período de minha ausência outra alteração notável havia ocorrido na casa.

O Conde e a Condessa Fosco haviam partido de Blackwater Park indo morar em sua nova residência em St. John's Wood.

Não fui informada do motivo para essa partida intempestiva — apenas me disseram que o Conde havia sido muito específico ao deixar os seus cumprimentos mais gentis para mim. Quando eu me aventurei a perguntar a Sir Percival se Lady Glyde tinha alguém para cuidar dela na ausência da Condessa, ele respondeu que ela tinha Margaret Porcher para atendê-la; e acrescentou que uma mulher do vilarejo tinha sido chamada para fazer o serviço na parte inferior da casa.

A resposta realmente me chocou — havia uma inadequação tão evidente em permitir que uma segunda camareira ocupasse o posto de criada de confiança de Lady Glyde. Subi na mesma hora, e encontrei Margaret Porcher no patamar dos dormitórios. Seus serviços não tinham sido solicitados (algo mais que natural), sua patroa tendo se recuperado o suficiente, naquela manhã, para ter condições de se levantar da cama. Eu perguntei, em seguida, da Srta. Halcombe, mas recebi uma resposta negligente e emburrada que não me deixou mais esclarecida do que estava antes. Eu não quis repetir a pergunta, e talvez provocar uma resposta impertinente. Era, em todos os aspectos, muito mais adequado para uma pessoa em minha posição me apresentar imediatamente nos aposentos de Lady Glyde.

Eu descobri que a saúde de sua senhoria certamente havia melhorado durante os últimos três dias. Embora ainda muito fraca e nervosa, ela tinha condição de se levantar sem ser assistida, e de caminhar lentamente pelo quarto, não sentindo efeitos piores devido ao esforço além de uma ligeira sensação de fadiga. Ela havia ficado um pouco ansiosa naquela manhã por

causa da Srta. Halcombe, por não ter recebido notícias dela por intermédio de ninguém. Eu achei que isso parecia implicar uma indesculpável falta de atenção da parte da Sra. Rubelle; porém, nada disse, e permaneci com Lady Glyde para ajudá-la a se vestir. Quando ela estava pronta, nós duas saímos juntas dos aposentos, para ir ter com a Srta. Halcombe.

Nós fomos detidas no corredor pelo surgimento de Sir Percival. Ele parecia ter estado propositalmente esperando para nos ver.

“Aonde você vai indo?”, ele perguntou a Lady Glyde.

“Ao quarto de Marian”, ela respondeu.

“Pode poupar uma decepção para você”, observou Sir Percival, “se eu disser agora mesmo que não vai encontrá-la lá.”

“Não encontrá-la lá!”

“Não. Ela partiu desta casa ontem de manhã, com Fosco e a esposa dele.”

Lady Glyde não estava forte o suficiente para suportar a surpresa dessa extraordinária afirmação. Ela ficou terrivelmente pálida, e se apoiou à parede, olhando o marido em um silêncio mortal.

Eu própria fiquei tão surpresa que mal sabia o que dizer. Perguntei a Sir Percival se ele realmente queria dizer que a Srta. Halcombe havia partido de Blackwater Park.

“Com certeza”, ele respondeu.

“No estado dela, Sir Percival! Sem mencionar suas intenções para Lady Glyde!”

Antes que ele pudesse responder, sua senhoria se recobrou um pouquinho, e se manifestou:

“Impossível!”, ela exclamou, com voz alta e assustada, se afastando um ou dois passos da parede. “Onde estava o médico? Onde estava o Sr. Dawson quando Marian foi embora?”

“O Sr. Dawson não era necessário, e não estava aqui”, disse Sir Percival. “Ele foi embora por vontade própria, o que é suficiente por si só para mostrar que ela estava forte o bastante para viajar. Mas que olhar espantado, o seu! Se não acredita que ela foi embora, olhe pessoalmente. Abra a porta do quarto dela, e as portas de todos os outros quartos, se quiser.”

Ela tomou ao pé da letra as palavras dele, e eu a segui. Não havia ninguém no quarto da Srta. Halcombe além de Margaret Porcher, que estava ocupada o arrumando. Não havia ninguém nos quartos vazios, ou nos quartos de vestir, quando nós os olhamos em seguida. Sir Percival ainda nos esperava no corredor. Enquanto estávamos saindo do último quarto que havíamos olhado, Lady Glyde sussurrou:

“Não vá, Sra. Michelson! Não me deixe sozinha, pelo amor de Deus!”

Antes que eu pudesse dar qualquer resposta, ela estava de novo no corredor, falando com o marido.

“O que isso significa, Sir Percival? Eu insisto... eu peço e suplico que o senhor me diga o que isso significa!”

“Significa”, ele respondeu, “que a Srta. Halcombe estava forte o bastante ontem de manhã para se sentar e ser vestida; e que ela insistiu em aproveitar a ida de Fosco para Londres, e ir para lá também.”

“Para Londres!”

“Sim... a caminho de Limmeridge.”

Lady Glyde se voltou e se dirigiu a mim.

“A senhora foi a última pessoa a ver a Srta. Halcombe”, ela disse. “Diga-me com clareza, Sra. Michelson, a senhora achou que ela aparentava ter condições de viajar?”

“Não em *minha* opinião, milady.”

Sir Percival, por sua vez, se voltou na mesma hora e também se dirigiu a mim.

“Ante de partir”, ele disse, “a senhora falou, ou não falou, para a enfermeira, que a Srta. Halcombe aparentava estar muito mais forte e disposta?”

“Eu certamente fiz essa observação, Sir Percival.”

Ele se dirigiu a sua senhoria de novo, no momento em que dei essa resposta.

“Coloque as opiniões da Sra. Michelson uma ao lado da outra imparcialmente”, ele disse, “e tente ser razoável a respeito de uma questão absolutamente simples. Se ela não estivesse bem o suficiente para ser transportada, você acha que qualquer um de nós teria se arriscado a deixá-la partir? Ela tem três pessoas competentes para cuidar dela: Fosco e sua tia, e a Sra. Rubelle, que foi com eles expressamente com esse intuito. Eles ficaram com um vagão inteiro ontem, e fizeram uma cama para ela nos assentos, caso ela se cansasse. Hoje, Fosco e a Sra. Rubelle irão com ela a Cumberland...”

“E por que Marian vai até Limmeridge, e me deixa aqui sozinha?”, disse sua senhoria, interrompendo Sir Percival.

“Porque seu tio não vai receber você até ele ter visto a sua irmã em primeiro lugar”, ele retrucou. “Você se esqueceu da carta que ele escreveu para ela, no começo da doença dela? Ela foi mostrada a você; você mesma a leu; e deveria se lembrar dela.”

“Eu me lembro dela.”

“Se você se lembra, porque ficaria surpresa por sua irmã ter partido? Você quer voltar para Limmeridge; e ela foi lá para obter a permissão de seu tio

para você, de acordo com os termos dele.”

Os olhos da pobre Lady Glyde se encheram de lágrimas.

“Marian nunca se afastou de mim antes”, ela disse, “sem se despedir.”

“Ela teria se despedido, desta vez”, retrucou Sir Percival, “se não tivesse receado por ela própria e por você. Ela sabia que você tentaria detê-la; ela sabia que você iria deixá-la aflita chorando. Você quer fazer mais objeções? Se quiser, deve descer e fazer perguntas na sala de jantar. Esses seus medos me aborrecem. Eu quero uma taça de vinho.”

Ele se afastou de nós, de repente.

Os modos dele, durante toda essa estranha conversa, tinham sido muito diferentes do que normalmente eram. Em alguns momentos, parecia estar quase tão nervoso e agitado quanto a própria esposa. Eu nunca teria suposto que a saúde dele fosse tão delicada, ou que fosse tão fácil perturbar seu equilíbrio.

Eu tentei fazer com que Lady Glyde voltasse ao seu quarto; mas, foi inútil. Ela se deteve no corredor, com o olhar de uma pessoa cuja mente havia sido tomada pelo pânico.

“Alguma coisa aconteceu com a minha irmã!”, ela disse.

“Lembre, milady, que energia surpreendente existe na Srta. Halcombe”, eu repliquei. “Ela pode muito bem fazer um esforço que outras senhoras, na situação dela, não teriam condições de fazer. Espero, e creio, que não haja nada errado; espero mesmo.”

“Eu tenho de ir ter com Marian!”, disse sua senhoria, com o mesmo olhar cheio de pânico. “Eu tenho de ir para onde ela foi; tenho de ver que ela está viva e bem com os meus próprios olhos. Venha! Venha comigo falar com Sir Percival.”

Eu hesitei, temendo que a minha presença pudesse ser considerada uma intrusão; tentei explicar isso a sua senhoria; mas ela não me deu ouvidos. Ela segurou o meu braço com força suficiente para me obrigar a descer com ela; e ainda se agarrava a mim com todas as poucas forças que lhe sobravam, no momento em que eu abri a porta da sala de jantar.

Sir Percival estava sentado à mesa com um decantador de vinho à sua frente. Ele levou o copo aos lábios, enquanto nós entrávamos, e o esvaziou de um só gole. Vendo que ele me olhava com raiva quando colocou o copo na mesa de novo, tentei me desculpar por minha presença casual na sala.

“A senhora acha que há qualquer coisa secreta acontecendo aqui?”, ele disse, de repente, “não há nada... não há nada oculto; nada sendo escondido da senhora ou de qualquer pessoa.” Depois de pronunciar estas estranhas palavras, com voz alta e severa, ele se serviu de mais um copo de vinho, e

perguntou para Lady Glyde o que ela desejava dele.

“Se minha irmã tem condições de viajar, eu tenho condições de viajar”, disse sua senhoria, com mais firmeza do que havia mostrado até então. “Eu vim lhe pedir que compreenda a minha ansiedade por causa de Marian, e me permita ir vê-la imediatamente, pelo trem da tarde.”

“Você tem de esperar até amanhã”, replicou Sir Percival, “e então, se não tiver notícias em contrário, pode ir. Não acho que você vá ouvir nada em contrário; então, vou enviar uma carta para Fosco pelo correio da noite.”

Ele disse essas últimas palavras segurando o copo contra a luz, e olhando para o vinho, e não para Lady Glyde. Na verdade, ele não olhou para ela nem uma vez durante a conversa. Tal singular falta de bons modos em um cavalheiro de sua posição me causou uma dolorosa impressão, eu confesso.

“Por que o senhor deveria escrever para o Conde Fosco?”, ela perguntou, extremamente surpresa.

“Para dizer-lhe que espere você no trem do meio-dia”, disse Sir Percival. “Ele irá encontrá-la na estação, quando você chegar a Londres, e levará você para dormir na casa de sua tia, em St. John’s Wood.”

A mão de Lady Glyde começou a tremer violentamente em meu braço — por que, eu não era capaz de imaginar.

“Não há necessidade de o Conde Fosco ir ao meu encontro”, ela disse. “Eu preferiria não ficar em Londres para dormir.”

“Você tem de ficar. Você não pode fazer a viagem toda até Cumberland em um dia. Você tem de descansar uma noite em Londres; e não quero que vá para um hotel. Fosco se ofereceu ao seu tio para hospedar você no meio da viagem, e seu tio aceitou. Olhe! Cá está uma carta dele, endereçada a você. Eu deveria tê-la dado esta manhã, mas me esqueci. Leia-a, e veja o que o próprio Sr. Fairlie tem a dizer.”

Lady Glyde olhou a carta por um instante; e então a colocou em minhas mãos.

“Leia-a”, disse ela, em voz fraca. “Não sei o que está acontecendo comigo. Não consigo lê-la.”

Era uma carta de apenas três linhas — tão breve, e tão negligente, que me deixou espantada. Se bem me lembro, ela não continha mais que estas palavras:

‘Cara Laura, Por favor, venha, quando quiser. Faça uma pausa na viagem dormindo em Londres na casa de sua tia. Lamento saber da doença da cara Marian. Seu afetuoso, Frederick Fairlie.’

“Eu preferiria não ir lá... preferiria não passar uma noite em Londres”, disse sua senhoria, ansiosa, mal eu havia acabado de ler o bilhete, curto como

ele era. “Não escreva para o Conde Fosco! Por favor, não escreva para ele!”

Sir Percival encheu outro copo, tão desajeitado que o deixou tombar, e derramou todo o vinho sobre a mesa.

“Minha vista parece estar ficando fraca”, ele resmungou consigo mesmo, com uma voz estranha e abafada. Ele lentamente colocou o copo na vertical de novo, tornou a enchê-lo e o esvaziou uma vez mais de um gole só. Comecei a temer, devido à aparência e aos modos dele, que o vinho lhe estivesse subindo à cabeça.

“Por favor, não escreva para o Conde Fosco!”, insistiu Lady Glyde, mais ansiosa que antes.

“E por que não, eu gostaria de saber?”, gritou Sir Percival, com um súbito rompante de raiva que assustou a nós duas. “Onde você pode ficar com maior conveniência em Londres, do que na casa que seu próprio tio escolheu para você... na casa de sua tia? Pergunte para a Sra. Michelson.”

O arranjo proposto parecia tão inquestionavelmente o correto e o adequado, que não consegui apresentar objeções a ele. Por mais que eu simpatizasse com Lady Glyde em outros aspectos, não conseguia simpatizar com ela em seus injustos preconceitos contra o Conde Fosco. Nunca antes me deparei com qualquer dama, de sua classe e posição social, que fosse tão lamentavelmente mesquinha no tocante aos estrangeiros. Nem o bilhete de seu tio nem a crescente impaciência de Sir Percival pareciam exercer o menor efeito sobre ela. Ela ainda objetou a passar uma noite em Londres; ainda implorou para que o marido não escrevesse ao Conde.

“Esqueça isso!”, disse Sir Percival, rude, dando-nos as costas. “Se você não tem bom senso o suficiente para saber o que é melhor para você, outras pessoas devem saber por você. O arranjo está feito; e já basta. Só se espera que você faça o que a Srta. Halcombe fez antes de você...”

“Marian?”, repetiu sua senhoria, aturdida; “Marian dormindo na casa do Conde Fosco!”

“Sim, na casa do Conde Fosco. Ela dormiu lá, a noite passada, para fazer uma pausa na viagem. E é para você seguir o exemplo dela, e fazer o que seu tio lhe diz. Você deve dormir na casa de Fosco amanhã, como sua irmã dormiu, para fazer uma pausa na viagem. Não coloque muitos obstáculos em meu caminho! Não me faça arrepender de permitir que você vá!”

Ele se levantou; e, de repente, saiu para a varanda, pela porta de vidro aberta.

“Milady há de me perdoar”, sussurrei, “se eu sugerir que seria melhor nós não esperarmos aqui até Sir Percival retornar? Receio que ele esteja muito excitado por causa do vinho.”

Ela consentiu em sair da sala de jantar, de um modo fatigado e distraído.

Assim que estávamos seguras no andar de cima novamente, fiz todo o possível para tranquilizar sua senhoria. Eu lembrei que as cartas do Sr. Fairlie para a Srta. Halcombe e para ela própria certamente sancionavam, e até mesmo tornavam necessário, mais cedo ou mais tarde, o rumo que havia sido tomado. Ela concordou com isso, e até mesmo admitiu, por conta própria, que as duas cartas estavam bem de acordo com o peculiar temperamento de seu tio — mas, seus temores em relação à Srta. Halcombe, e seu inexplicável medo de dormir na casa do Conde em Londres ainda permaneciam inabaláveis, apesar de todos os argumentos que fui capaz de apresentar. Achei que era meu dever objetar à desfavorável opinião de Lady Glyde a respeito de sua senhoria; e o fiz, com tolerância e respeito adequados.

“Milady há de perdoar a liberdade que tomo”, observei, concluindo, “mas se diz que ‘por seus frutos o conhecereis’. Eu tenho certeza de que a constante gentileza e a constante atenção do Conde, desde o início da doença da Srta. Halcombe, merecem a nossa maior confiança e estima. Até mesmo o sério desentendimento de sua senhoria com o Sr. Dawson pode ser atribuído totalmente à ansiedade dele em relação à Srta. Halcombe.”

“Qual desentendimento?”, perguntou sua senhoria, com um olhar de súbito interesse.

Eu relatei as desafortunadas circunstâncias sob as quais o Sr. Dawson havia deixado de prestar assistência — mencionando-as com a maior presteza, por não aprovar o fato de Sir Percival continuar a esconder o que havia acontecido (como ele havia feito em minha presença) do conhecimento de Lady Glyde.

Sua senhoria se sobressaltou, dando todas as mostras de estar ainda mais agitada e assustada com o que eu lhe havia dito.

“Pior! Pior do que eu pensava!”, disse ela, andando pelo quarto, de modo desnorteado. “O Conde sabia que o Sr. Dawson jamais consentiria que Marian viajasse... Ele insultou o médico de propósito, para afastá-lo da casa.”

“Oh, milady! Milady!”, eu protestei.

“Sra. Michelson!”, ela prosseguiu, veemente, “nenhuma palavra já dita irá me convencer de que minha irmã está nas mãos daquele homem e na casa daquele homem, com o consentimento dela. O horror que sinto por ele é tamanho que nada que Sir Percival pudesse dizer, e nenhuma carta que meu tio pudesse escrever, me levariam, se eu tivesse apenas os meus sentimentos para consultar, a comer, beber ou dormir sob o teto dele. Mas, minha infelicidade por não saber o que aconteceu com Marian me dá a coragem para segui-la a qualquer lugar; para segui-la até mesmo na casa do Conde Fosco.”

Eu considerei adequado, nesse momento, mencionar que a Srta. Halcombe

já havia ido para Cumberland, segundo o relato feito por Sir Percival.

“Tenho medo de acreditar nisso!”, respondeu sua senhoria. “Tenho medo de que ela ainda esteja na casa daquele homem. Se eu estiver errada... se ela realmente foi para Limmeridge... estou resolvida a não dormir amanhã à noite sob o teto do Conde Fosco. Minha melhor amiga neste mundo, depois de minha irmã, vive perto de Londres. A senhora já me ouviu, já ouviu a Srta. Halcombe, falar da Sra. Vesey? Eu quero escrever e propor dormir na casa dela. Não sei como chegar lá; não sei como vou evitar o Conde, mas, para esse refúgio eu fugirei de algum modo, se minha irmã foi para Cumberland. Tudo que peço para a senhora fazer é garantir que a minha carta para a Sra. Vesey vá para Londres esta noite, com tanta certeza quanto a carta de Sir Percival vai para o Conde Fosco. Tenho motivos para não confiar na sacola do correio lá embaixo. A senhora guarda o meu segredo, e me ajuda nesta questão? É o último favor, talvez, que eu venha a pedir para a senhora.”

Eu hesitei — achei tudo isso muito estranho — e quase temi que a mente de sua senhoria estivesse um pouquinho afetada pela ansiedade e pelo sofrimento recentes. Por minha conta e risco, entretanto, acabei dando o meu consentimento. Se a carta tivesse sido endereçada a uma pessoa desconhecida, ou a qualquer outra pessoa que não fosse uma dama tão conhecida, mesmo só pelo nome, como a Sra. Vesey, eu poderia ter me recusado. Agradeço a Deus — vendo o que aconteceu em seguida — agradeço a Deus por não ter contrariado esse desejo, ou qualquer outro que Lady Glyde tivesse me manifestado, no último dia de sua residência em Blackwater Park.

A carta foi escrita e colocada em minhas mãos. Eu a coloquei pessoalmente no correio no vilarejo, naquele anoitecer.

Nós não vimos mais Sir Percival durante o resto do dia.

Eu dormi, por desejo expresso de Lady Glyde, no quarto pegado ao dela, com a porta aberta entre nós. Havia algo tão estranho e assustador na solidão e no isolamento da casa, que fiquei feliz, de minha parte, por ter uma companhia perto de mim. Sua senhoria ficou acordada até tarde, lendo cartas e as queimando, e esvaziando suas gavetas e cômodas daquelas coisinhas que ela apreciava, como se nunca esperasse retornar a Blackwater Park. Seu sono foi muito perturbado quando ela finalmente foi dormir: ela gritou várias vezes — uma vez, tão alto que ela acordou. Quaisquer que fossem os seus sonhos, ela não considerou adequado contá-los para mim. Talvez, em minha posição, não tivesse o direito de esperar que ela o fizesse. Agora, pouco importa. Eu sentia muito por ela — fiquei realmente muito sentida por causa dela de qualquer modo.

O dia seguinte estava bonito e ensolarado. Sir Percival apareceu, após o café da manhã, para nos dizer que a carruagem aberta estaria na porta faltando

quinze minutos para o meio-dia; o trem para Londres parava em nossa estação vinte minutos depois. Ele informou a Lady Glyde que seria forçado a sair, mas acrescentou esperar estar de volta antes de ela partir. Se qualquer imprevisto o atrasasse, eu deveria acompanhá-la até a estação, e tomar um cuidado especial para que ela não se atrasasse para pegar o trem. Sir Percival me deu essas instruções com muita pressa; andando, para lá e para cá, pelo aposento, o tempo todo. Sua senhoria olhava-o atentamente, aonde quer que ele fosse. Ele nunca olhou para ela, por sua vez.

Ela só falou quando ele havia terminado; e então ela o deteve enquanto ele se aproximava da porta, estendendo a mão.

“Não vou mais vê-lo”, disse ela, com modos muito decididos. “Esta é a nossa despedida... nossa despedida, e pode ser para sempre. Você irá tentar me perdoar, Percival, com tanta sinceridade quanto eu perdoo *você*?”

O rosto dele ficou terrivelmente pálido, e grandes gotas de perspiração apareceram em sua testa calva.

“Eu voltarei”, ele disse, e se dirigiu para a porta, com tanta pressa como se as palavras de despedida de sua esposa o tivessem impelido a sair do aposento.

Eu nunca havia gostado de Sir Percival — mas o modo como ele deixou Lady Glyde me fez sentir vergonha de ter comido o pão dele e vivido a serviço dele. Pensei em dizer algumas palavras de conforto cristão para a pobre senhora; mas, havia algo no seu rosto, enquanto ela olhava para o marido quando a porta se fechou às costas dele, que me fez mudar de ideia e manter silêncio.

No horário determinado, a carruagem aberta se deteve nos portões. Sua senhoria tinha razão — Sir Percival não retornou. Eu esperei por ele até o último instante — e esperei em vão.

Nenhuma responsabilidade recaía sobre os meus ombros; e, no entanto, eu não me sentia tranquila.

“É por livre vontade”, eu disse, quando a carruagem passou pelos portões da propriedade, “que vossa senhoria vai para Londres?”

“Eu irei a qualquer lugar”, ela respondeu, “para acabar com esse suspense pavoroso pelo qual estou passando neste momento.”

Ela havia feito com que eu me sentisse quase tão ansiosa e intranquila em relação à Srta. Halcombe quanto ela própria se sentia. Eu me aventurei a pedir-lhe para me escrever uma nota, se tudo corresse bem em Londres. Ela respondeu:

“Com toda a boa vontade, Sra. Michelson.”

“Nós todos temos as nossas cruzes para carregar, milady”, eu disse, vendo

que ela estava silenciosa e pensativa, depois de ter prometido escrever. Ela não respondeu; parecia estar por demais perdida em seus pensamentos para me dar atenção.

“Receio que vossa senhoria tenha dormido mal esta noite”, eu observei, depois de esperar um pouco.

“Sim”, disse ela, “eu fui horivelmente perturbada por sonhos.”

“É mesmo, milady?”

Eu achei que ela iria me contar os seus sonhos; mas não, quando ela falou em seguida foi apenas para fazer uma pergunta:

“A senhora postou a carta para a Sra. Vesey pessoalmente?”

“Sim, milady.”

“Sir Percival disse, ontem, que o Conde Fosco deveria me encontrar no terminal em Londres?”

“Ele disse, milady.”

Ela suspirou profundamente quando respondi a essa última pergunta, e não disse mais nada.

Nós chegamos à estação mal tendo dois minutos de sobra. O jardineiro (que nos havia levado) se ocupou com a bagagem, enquanto eu pegava a passagem. O apito do trem estava soando quando me juntei a sua senhoria na plataforma. Ela estava com uma aparência estranha, e colocou a mão sobre o coração, como se uma dor ou um medo súbitos a tivessem dominado naquele momento.

“Eu gostaria que a senhora estivesse indo comigo!”, disse ela, segurando com força o meu braço, quando lhe entreguei a passagem.

Se tivesse havido tempo; se eu tivesse me sentido no dia anterior como eu me sentia naquele instante, eu teria feito os meus preparativos para acompanhá-la — ainda que, ao fazê-lo, tivesse sido obrigada a pedir demissão para Sir Percival imediatamente. Naquelas circunstâncias, seus desejos, manifestados apenas no último instante, foram manifestados tarde demais para que eu pudesse acatá-los. Ela pareceu entender isso por si só antes que eu pudesse explicar, e não repetiu seu desejo de ter-me como companheira de viagem. O trem parou na plataforma. Ela entregou ao jardineiro um presente para os filhos dele, e segurou a minha mão, com os seus modos simples e calorosos, antes de entrar no vagão.

“A senhora foi muito gentil comigo e com minha irmã”, ela disse, “gentil quando nós duas não tínhamos amigos. Vou me lembrar da senhora com gratidão, enquanto eu viver para me recordar de alguém. Adeus... e Deus a abençoe!”

Ela disse essas palavras com um tom e um olhar que trouxeram lágrimas

aos meus olhos — ela as disse como se estivesse se despedindo de mim para sempre.

“Adeus, milady”, eu disse, colocando-a no vagão e tentando animá-la, “adeus, apenas por enquanto; adeus, com os meus melhores e mais sinceros votos de tempos mais felizes!”

Ela balançou a cabeça e estremeceu ao se acomodar no vagão. O guarda fechou a porta.

“A senhora acredita em sonhos?”, ela sussurrou para mim, à janela. “*Meus* sonhos, a noite passada, foram sonhos que eu nunca tive antes. O terror deles ainda está me acompanhando.” O apito soou antes que eu pudesse responder, e o trem se moveu. O rosto pálido e silencioso dela me olhou, pela última vez, me olhou triste e solene lá da janela — ela fez um aceno com a mão — e não a vi mais.

Cerca de cinco horas na tarde daquele mesmo dia, tendo um pouco de tempo livre em meio aos afazeres domésticos de que então estava encarregada, eu me sentei sozinha em meus aposentos e tentei acalmar a minha mente com o volume dos Sermões de meu marido. Pela primeira vez na vida, percebi que minha mente se afastava daquelas palavras piedosas e animadoras. Concluindo que a partida de Lady Glyde deveria ter me perturbado mais do que eu própria supusera, deixei o livro de lado, e saí para dar um passeio no jardim. Sir Percival ainda não havia voltado, tanto quanto eu soubesse, de modo que não hesitei em me mostrar no jardim.

Ao virar a quina da casa e ter uma visão do jardim, me sobressaltei ao ver uma pessoa desconhecida caminhando nele. A pessoa era uma mulher — ela percorria lentamente o caminho, de costas para mim, e estava colhendo flores.

Quando eu me aproximei, ela me ouviu, e se voltou.

Meu sangue gelou em minhas veias. A mulher desconhecida no jardim era a Sra. Rubelle!

Eu não conseguia nem me mover, nem falar. Ela se aproximou de mim, tão comedida quanto sempre, com as flores na mão.

“Qual é o problema, senhora?”, ela disse, tranquila.

“A *senhora* aqui!”, eu disse, ofegante. “Não foi para Londres! Não foi para Cumberland!”

A Sra. Rubelle cheirou as flores com um sorriso de piedade maldosa.

“Claro que não”, ela disse. “Eu nunca me afastei de Blackwater Park.”

Eu juntei fôlego suficiente e coragem suficientes para mais uma pergunta.

“Onde está a Srta. Halcombe?”

A Sra. Rubelle quase riu de mim, dessa vez; e respondeu com as seguintes

palavras:

“A Srta. Halcombe, senhora, também não se afastou de Blackwater Park.”

Quando ouvi essas palavras, todos os meus pensamentos se voltaram, com um sobressalto, para o instante em que me despedi de Lady Glyde. Eu mal posso dizer que me censurei — mas, naquele momento, acho que teria dado muitos anos de duras economias para ter sabido quatro horas antes o que eu sabia então.

A Sra. Rubelle aguardou, tranquilamente arrumando o seu ramallete, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

Eu nada podia dizer. Eu pensava nas energias enfraquecidas e na saúde combalida de Lady Glyde; e temia o momento em que o choque da descoberta que eu acabara de fazer recaísse sobre ela. Por um minuto, ou mais, meus temores pelas pobres senhoras me silenciaram. Depois disso, a Sra. Rubelle olhou de esguelha por sobre as flores, e disse:

“Eis Sir Percival, senhora, voltando de sua cavalgada.”

Eu o vi no mesmo instante em que ela. Ele se aproximou de nós, açoitando com maldade as flores com seu chicote de montaria. Quando estava perto o suficiente para ver o meu rosto, ele parou, bateu na bota com o chicote, e caiu na gargalhada, tão brusco e tão ruidoso, que os passarinhos saíram voando, assustados, da árvore junto da qual ele se encontrava.

“Bom, Sra. Michelson”, ele disse, “a senhora descobriu, finalmente... não descobriu?”

Eu não respondi. Ele se voltou para a Sra. Rubelle.

“Quando foi que a senhora apareceu no jardim?”

“Eu apareci cerca de meia hora atrás, senhor. O senhor disse que eu poderia recuperar a minha liberdade de novo, assim que Lady Glyde tivesse partido para Londres.”

“Muito bem. Não a estou censurando... só fiz a pergunta.” Ele esperou um instante, e então se dirigiu de novo a mim. “A senhora não consegue acreditar nisso, consegue?”, disse ele, trocista. “Vamos! Venha e veja por si mesma.”

Ele nos liderou até a frente da casa. Eu o segui, e a Sra. Rubelle me seguiu. Depois de passar pelos portões de ferro, ele se deteve, e apontou com o chicote para a parte central e não usada da construção.

“Lá!”, ele disse. “Olhe para o primeiro andar. Sabe os antigos quartos elisabetanos? A Srta. Halcombe está confortável e segura em um dos melhores deles, neste momento. Leve-a lá, Sra. Rubelle (a senhora tem a sua chave?); leve a Sra. Michelson lá, e deixe que os olhos dela lhe garantam que não há engodo desta vez.”

O tom com que ele falou comigo, e os minutos que haviam se passado desde que nós havíamos saído do jardim, ajudaram-me a recobrar um pouquinho o meu ânimo. O que eu poderia ter feito, nesse momento crítico, se toda a minha vida tivesse sido passada como governanta, eu não sei dizer. Nas circunstâncias, tendo os sentimentos, os princípios e a educação de uma dama, não tive hesitações quanto ao caminho correto a seguir. Tanto o meu dever para comigo quanto o meu dever para com Lady Glyde impediam-me de permanecer a serviço de um homem que havia vergonhosamente enganado a nós duas por meio de uma série de mentiras atrozes.

“Preciso pedir-lhe permissão, Sir Percival, para trocar algumas palavras com o senhor em particular”, eu disse. “Tendo feito isso, estarei pronta para ir com esta pessoa aos aposentos da Srta. Halcombe.”

A Sra. Rubelle, a quem eu indicara com um ligeiro aceno da cabeça, cheirou, insolente, o seu ramalhete, e se afastou, com grande deliberação, na direção da porta da casa.

“Bem”, disse Sir Percival, brusco, “o que foi agora?”

“Gostaria de mencionar, senhor, que desejo me demitir do posto que agora tenho em Blackwater Park.” Foi com essas palavras que me manifestei. Eu estava decidida que as primeiras palavras ditas em sua presença fossem palavras que expressassem a minha intenção de sair do serviço dele.

Ele me olhou com um de seus olhares mais perversos, e enfiou as mãos com violência nos bolsos de seu casaco de montaria.

“Por quê?”, disse ele, “por que, eu gostaria de saber?”

“Não cabe a mim, Sir Percival, expressar uma opinião sobre o que aconteceu nesta casa. Não desejo ofender. Eu apenas gostaria de dizer que não considero compatível com o meu dever para com Lady Glyde e comigo mesma permanecer por mais tempo a seu serviço.”

“É compatível com o seu dever *para comigo* ficar aqui, lançando suspeitas ao meu respeito na minha cara?”, ele exclamou, com seus modos mais violentos. “Eu vejo a que ponto a senhora quer chegar. A senhora adotou seu ponto de vista mesquinho e desonesto sobre um inocente estratagema apresentado a Lady Glyde, para o próprio bem dela. Era essencial para a saúde dela que ela tivesse uma mudança de ares imediatamente; e, a senhora sabe tão bem quanto eu que ela nunca teria partido, caso tivesse sabido que a Srta. Halcombe ainda estava aqui. Ela foi enganada para seu próprio bem, e eu não me importo com quem saiba disso. Vá, se quiser; há inúmeras governantas tão boas quanto a senhora, quando alguém precisar. Vá, quando quiser; mas veja bem como a senhora vai espalhar as suas mentiras a meu respeito e a respeito de meus negócios quando não estiver mais ao meu serviço. Diga a verdade, e nada além da verdade, ou vai ser pior para a

senhora. Veja a Srta. Halcombe com seus próprios olhos, veja se ela não tem sido bem tratada em uma ala da casa como na outra. Lembre-se das ordens do próprio médico de que Lady Glyde precisaria de uma mudança de ares na primeira oportunidade. Tenha tudo isso em mente... e então diga qualquer coisa contra mim e meus procedimentos, se a senhora ousar!

Ele pronunciou essas palavras com ferocidade, de um só fôlego, andando de um lado para o outro, e batendo no ar com o chicote.

Nada que ele tenha dito ou feito abalou a minha opinião sobre a desonrosa série de mentiras que ele havia dito, em minha presença, no dia anterior, ou sobre o engodo cruel por meio do qual ele separara Lady Glyde de sua irmã, e a havia mandado inutilmente para Londres, quando ela estava cheia de ansiedade por causa da Srta. Halcombe. Eu naturalmente mantive esses pensamentos em meu íntimo, e não disse mais nada para irritá-lo; mas não estava menos resolvida a persistir em meu propósito. A resposta branda desvia o furor; e reprimi meus sentimentos, da maneira adequada, quando era minha vez de responder.

“Enquanto eu estiver ao seu serviço, Sir Percival”, eu disse, “espero conhecer o meu dever o suficiente para não questionar os seus motivos. Quando eu não estiver ao seu serviço, espero conhecer a minha posição o suficiente para não falar de assuntos que não me dizem respeito...”

“Quando a senhora quer ir embora?”, ele perguntou, me interrompendo sem cerimônia. “Não fique pensando que estou ansioso para mantê-la aqui... não suponha que eu me importe com o fato de a senhora sair desta casa. Estou sendo perfeitamente justo e sincero nesta questão, do início ao fim. Quando a senhora quer ir embora?”

“Eu gostaria de ir embora assim que for possível para o senhor, Sir Percival.”

“Eu não tenho nada que ver com isso. Eu sairei desta casa, de uma vez por todas, amanhã de manhã; e posso acertar as suas contas esta noite. Se a senhora quiser pensar em alguém, seria melhor que fosse na Srta. Halcombe. O período de serviço da Sra. Rubelle termina hoje; e ela tem motivos para desejar estar em Londres esta noite. Se a senhora for imediatamente, a Srta. Halcombe não terá uma alma viva aqui para cuidar dela.”

Espero não ser necessário eu mencionar que fui totalmente incapaz de abandonar a Srta. Halcombe em tal emergência como a que havia acontecido com Lady Glyde e ela própria. Depois de ter confirmado com Sir Percival que a Sra. Rubelle partiria imediatamente se eu assumisse o lugar dela, e também depois de obter permissão para que o Sr. Dawson voltasse a cuidar de sua paciente, eu de boa vontade consenti em permanecer em Blackwater Park até a Srta. Halcombe não precisar mais de meus serviços. Ficou combinado que

eu daria ao representante legal de Sir Percival uma semana de aviso antes de eu partir; e que ele deveria se encarregar dos arranjos necessários para designar a minha sucessora. A questão foi discutida em poucas palavras. Quando ela foi acertada, Sir Percival abruptamente deu meia-volta, e me deixou livre para eu me juntar à Sra. Rubelle. Essa peculiar estrangeira estivera sentada, muito composta, nos degraus da porta, o tempo todo, esperando até eu poder segui-la aos aposentos da Srta. Halcombe.

Eu mal havia feito metade do percurso na direção da casa, quando Sir Percival, que havia se afastado na direção oposta, de repente se deteve e me chamou de volta.

“Por que a senhora está deixando o serviço?”, ele perguntou.

A pergunta era tão extraordinária, depois do que havia acabado de se passar entre nós, que eu mal sabia o que dizer em resposta.

“Veja bem! *Eu* não sei por que a senhora está partindo”, ele prosseguiu. “A senhora tem de dar uma razão para partir, eu suponho, quando conseguir outro emprego. Qual razão? A separação da família? É isso?”

“Não pode haver uma objeção, Sir Percival, a esse motivo...”

“Muito bem! É tudo o que eu quero saber. Se as pessoas pedirem referências sobre a senhora, essa é a sua razão, oferecida pela senhora mesma. A senhora está partindo como resultado da separação da família.”

Ele se voltou de novo, antes que eu pudesse dizer mais uma palavra, e caminhou rapidamente para os jardins. Seus modos eram tão estranhos quanto a sua linguagem. Reconheço que ele me assustou.

Até a paciência da Sra. Rubelle estava se esgotando quando me juntei a ela na porta da casa.

“Finalmente!”, disse ela, encolhendo os seus esguios ombros estranhos. Ela foi na minha frente até a parte desabitada da casa, subiu as escadas, e abriu com a sua chave a porta no fim do corredor, que se comunicava com os velhos quartos elisabetanos — uma porta nunca antes usada, em minha permanência em Blackwater Park. Os quartos eu os conhecia bem, tendo entrado neles, em diversas ocasiões, pelo outro lado da casa. A Sra. Rubelle parou na terceira porta ao longo do velho corredor, entregou-me a chave dela, com a chave da porta de comunicação, e me disse que eu encontraria a Srta. Halcombe naquele quarto. Antes de entrar, considerei necessário fazê-la entender que seus serviços haviam acabado. Consequentemente, falei para ela com palavras simples que a responsabilidade pela senhora doente, a partir daquele momento, recaía inteiramente em minhas mãos.

“Fico contente por ouvir isso, senhora”, disse a Sra. Rubelle. “Eu quero muito ir embora.”

“A senhora vai embora hoje?”, eu perguntei, para me certificar.

“Agora que a senhora se responsabilizou, eu parto em meia hora. Sir Percival gentilmente colocou à minha disposição o jardineiro e a carruagem aberta, a qualquer hora em que eu precisasse deles. Vou precisar deles em meia hora, para ir à estação. Já fiz as malas, antecipadamente. Desejo-lhe um bom dia, senhora.”

Ela fez uma breve mesura, e voltou pelo corredor, cantarolando uma cançãozinha e marcando o compasso, alegre, com o ramalhete em sua mão. Sinto-me sinceramente grata ao dizer que foi a última vez que vi a Sra. Rubelle.

Quando eu entrei no quarto, a Srta. Halcombe estava adormecida. Olhei ansiosamente para ela, enquanto ela jazia naquela triste e alta cama antiquada. Ela certamente não havia mudado para pior, desde que eu a vira pela última vez. Não havia sido negligenciada, estou pronta para admitir, de qualquer modo que eu pudesse perceber. O quarto era lúgubre, e empoeirado, e escuro; mas a janela (que tinha vista para um solitário pátio na parte de trás da casa) estava aberta para permitir que o ar fresco entrasse, e tudo que poderia ser feito para tornar o quarto confortável havia sido feito. Toda a crueldade do engodo de Sir Percival havia recaído sobre a pobre Lady Glyde. Os únicos maus-tratos que ele ou a Sra. Rubelle haviam infligido à Srta. Halcombe consistiam, tanto quanto eu pudesse ver, em escondê-la.

Eu saí de mansinho, deixando a senhora doente ainda tranquilamente adormecida, para dar ao jardineiro instruções a respeito de trazer o médico. Eu lhe pedi, depois de ele ter levado a Sra. Rubelle à estação, que passasse pela casa do Sr. Dawson, e deixasse uma mensagem, em meu nome, pedindo-lhe que viesse me ver. Eu sabia que ele viria por minha causa, e sabia que ele permaneceria ao saber que o Conde Fosco havia partido.

No devido tempo, o jardineiro retornou, e disse que havia passado pela residência do Sr. Dawson, depois de deixar a Sra. Rubelle na estação. O médico me mandara dizer que ele próprio estava doente, mas que viria, se possível, na manhã seguinte.

Tendo dado o recado, o jardineiro estava a ponto de se retirar, mas eu o detive para pedir-lhe que voltasse antes do escurecer, e permanecesse de vigia, naquela noite, em um dos quartos vazios, para estar por perto caso eu precisasse dele. Ele compreendeu na mesma hora a minha pouca vontade de ficar sozinha a noite toda, na parte mais desolada daquela casa desolada, e combinamos que ele deveria vir entre as oito e as nove horas.

Ele veio pontualmente, e tive motivos para ser grata por ter adotado a precaução de pedir-lhe que viesse. Antes da meia-noite, o estranho mau gênio de Sir Percival se manifestou do modo mais violento e assustador; e se o

jardineiro não estivesse no local para acalmá-lo na hora, tenho medo de pensar no que poderia ter ocorrido.

Durante quase toda a tarde e o anoitecer, ele estivera andando pela casa e pelos jardins, de um modo agitado e colérico; tendo, com toda a probabilidade, conforme eu pensava, ingerido uma quantidade excessiva de vinho em seu solitário jantar. O que quer que tenha sido, eu ouvi a voz dele chamando com raiva, na ala nova da casa, enquanto eu estava andando de um lado para outro ao longo do corredor, tarde da noite. O jardineiro na mesma hora desceu para ter com ele; e fechei a porta de comunicação, para evitar, se possível, que o alarido chegasse aos ouvidos da Srta. Halcombe. Uma boa meia hora se passou antes que o jardineiro voltasse. Ele declarou que seu patrão estava muito descontrolado — não por excitação devido à bebida, conforme eu suspeitava, mas por causa de um tipo de pânico ou de excitação nervosa, para o qual era impossível achar um motivo. Ele havia encontrado Sir Percival andando de um lado para outro, sozinho, no saguão; jurando, aparentando estar extremamente exaltado, que ele não iria ficar nem mais um minuto em uma masmorra como a sua própria casa, e que iria começar a primeira etapa de sua viagem imediatamente, no meio da noite. O jardineiro, ao se aproximar dele, havia sido mandado, com pragas e ameaças, aprontar o cavalo e a carruagem aberta na mesma hora. Em quinze minutos, Sir Percival havia se juntado a ele no pátio, subindo de um salto na carruagem e, chicoteando o cavalo para que galopasse, havia ido embora, com o rosto tão pálido quanto cinzas à luz do luar. O jardineiro havia ouvido o patrão gritando e praguejando para que o caseiro se levantasse e abrisse o portão — ouvido as rodas girando a toda velocidade de novo, na noite silenciosa, quando o portão foi destrancado — e nada mais.

No dia seguinte, ou um dia ou dois depois, esqueci qual deles, a carruagem aberta foi trazida de volta de Knowlesbury, a cidadezinha mais próxima, pelo moço da estrebaria da velha estalagem. Sir Percival havia parado lá e, em seguida, partido de trem — para qual destino, o moço não sabia dizer. Eu nunca recebi quaisquer informações posteriores, ou dele próprio, ou de alguma outra pessoa, sobre as ações de Sir Percival; e tampouco sei, neste momento, se ele está na Inglaterra ou longe daqui. Ele e eu não nos encontramos desde que ele partiu, como um criminoso em fuga, de sua própria casa; e minha esperança e prece fervorosas são de que nós nunca mais nos encontremos de novo.

Minha parte nessa triste história familiar agora está se aproximando do fim.

Fui informada de que os detalhes do despertar da Srta. Halcombe, e do que se passou entre nós quando ela me encontrou sentada ao pé da cama dela,

não são relevantes ao propósito que deve ser atendido por esta narrativa. Para mim, basta dizer, neste momento, que ela própria não tinha consciência dos meios empregados para transportá-la da parte habitada para a parte desabitada da casa. Ela estava profundamente adormecida na ocasião, se por meios naturais ou artificiais, ela não saberia dizer. Em minha ausência quando fui a Torquay, e na ausência de todos os outros empregados que moravam na propriedade, com exceção de Margaret Porcher (que estava sempre comendo, bebendo ou dormindo, quando não estava trabalhando), a transferência secreta da Srta. Halcombe de uma parte da casa para a outra foi, sem dúvida, realizada com facilidade. A Sra. Rubelle (como eu descobri, ao examinar o quarto) tinha colocados à sua disposição durante os poucos dias de seu confinamento com a senhora doente alimentos e todos os outros itens necessários, junto com os meios de aquecer água, sopa, e assim por diante, sem acender o fogo. Ela se recusara a responder as perguntas que a Srta. Halcombe havia naturalmente feito; mas, não havia, em outros aspectos, a tratado com falta de gentileza ou a negligenciado. A desonra de se prestar a um engodo é a única desonra da qual eu posso, conscientemente, acusar a Sra. Rubelle.

Não preciso escrever detalhes (eu sinto-me aliviada ao saber disso) sobre o efeito causado na Srta. Halcombe pela notícia da partida de Lady Glyde, ou pelas notícias muito mais melancólicas que chegaram até nós muito pouco tempo depois em Blackwater Park. Nos dois casos, eu preparei a mente dela de antemão com tanta gentileza e cuidado quanto possível; tendo os conselhos do médico para me guiar, apenas no último caso, devido ao fato de o Sr. Dawson estar muito doente para poder ir à casa por alguns dias depois de eu tê-lo chamado. Foi um triste período, um período que me aflige quando me lembro dele, ou quando escrevo sobre ele, agora. As preciosas bênçãos do consolo religioso que eu me esforcei para transmitir custaram muito a atingir o coração da Srta. Halcombe; mas espero e creio que eles finalmente tenham chegado até ela. Eu nunca saí de perto dela até ela ter recobrado as forças. O trem que me levou embora daquela casa miserável foi o trem que a levou embora também. Nós nos separamos, com muita tristeza, em Londres. Eu fiquei com uns parentes em Islington; e ela foi para a casa do Sr. Fairlie em Cumberland.

Eu tenho apenas mais algumas linhas para escrever, antes que encerre esta dolorosa declaração. Elas são ditadas por um sentimento de dever.

Em primeiro lugar, gostaria de registrar a minha convicção pessoal de que nenhuma culpa, em relação aos eventos que acabei de relatar, se associa ao Conde Fosco. Fui informada de que uma pavorosa suspeita foi suscitada, e que algumas hipóteses muito sérias são apresentadas sobre a conduta de sua

senhoria. Minha convicção da inocência do Conde permanece, entretanto, inabalável. Se ele auxiliou Sir Percival a me mandar para Torquay, ele auxiliou de boa-fé, fato pelo qual, por ser estrangeiro, ele não seria culpado. Se ele esteve envolvido ao trazer a Sra. Rubelle para Blackwater Park, foi infelicidade dele, e não culpa dele, quando aquela pessoa estrangeira foi vil o suficiente para participar de um engodo planejado e levado a cabo pelo dono da casa. Eu protesto, em nome da moral, contra a culpa ser, gratuita e injustificadamente, ligada aos procedimentos do Conde.

Em segundo lugar, eu gostaria de manifestar o meu pesar pela minha incapacidade de me lembrar da data precisa em que Lady Glyde partiu de Blackwater Park para Londres. Foi-me dito que é da maior importância estabelecer a data exata dessa viagem lamentável; e forcei a minha memória para me lembrar com muita ansiedade. O esforço foi em vão. Eu só consigo me lembrar agora de que foi perto do fim de julho. Todos nós temos ciência da dificuldade, depois de um período de tempo, de fixar com precisão uma data já passada, a não ser que ela tenha sido previamente escrita. Essa dificuldade é muito aumentada, em meu caso, pelos acontecimentos alarmantes e confusos que aconteceram no período da partida de Lady Glyde. Sinceramente desejo que eu tivesse feito um relato na época. Sinceramente desejo que minha lembrança da data fosse tão vívida como a do rosto da pobre senhora, quando ela me olhou, pesarosa, pela última vez, da janela do vagão do trem.

¹ Creole — nome dado aos europeus nascidos nas colônias da América.

A história continuada em diversas narrativas

1. A Narrativa de HESTER PINHORN, Cozinheira a Serviço do CONDE FOSCO [Escrita com base na declaração feita por ela]

Eu sinto dizer que nunca aprendi a ler ou a escrever. A minha vida inteira tenho sido uma mulher que trabalha muito, e sempre tive bom caráter. Eu sei que é um pecado e uma ruindade dizer uma coisa que não é verdade; e vou mesmo evitar fazer isso neste momento. Tudo que sei, eu vou dizer; e humildemente peço ao cavalheiro que está anotando isto para escrever direito enquanto ele anota, e dar a devida desculpa por eu não ser estudada.

Neste último verão, eu por acaso não tinha uma posição (embora não por culpa minha); e ouvi falar de uma, como cozinheira para fazer comida simples, no Número 5 da Forest-road, em St. John's Wood. Eu aceitei o emprego, como experiência. O nome do meu patrão era Fosco. Minha patroa era uma senhora inglesa. Ele era Conde e ela era Condessa. Eles tinham uma mocinha para fazer o serviço de camareira, quando cheguei lá. Ela não era muito limpa ou organizada — mas não era má pessoa. Eu e ela éramos as únicas empregadas da casa.

Nosso patrão e patroa chegaram depois de nós. E, assim que eles chegaram, nos disseram, na área dos empregados, que visitas vindo do interior eram esperadas.

A visita era a sobrinha da minha patroa, e o quarto dos fundos no primeiro andar foi arrumado para ela. Minha patroa mencionou para mim que Lady Glyde (esse era o nome dela) não estava bem de saúde, e que, por isso, eu tinha de ser muito cuidadosa na hora de cozinhar. Ela ia vir no dia seguinte, tanto quanto eu possa lembrar; mas, o que quer que o senhor faça, não confie na *minha* memória sobre isso. Eu sinto dizer que não adianta me perguntar sobre os dias do mês e essas coisas. A não ser os domingos, metade do meu

tempo eu não me preocupo com isso, por ser uma mulher que trabalha muito e não ser estudada. Tudo que eu sei é que Lady Glyde chegou; e, quando ela chegou, um grande susto ela deu em todos nós, com certeza. Eu não sei como o patrão a trouxe para casa, porque eu trabalhava demais. Mas ele trouxe, à tarde, eu acho; e a camareira abriu a porta para eles, e levou até a sala de estar. Antes de ela ter ficado muito tempo comigo na cozinha de novo, nós ouvimos uma confusão lá em cima, e o sino da sala de estar tocando feito louco, e a voz da minha patroa pedindo ajuda.

Nós duas subimos correndo; e lá nós vimos a senhora deitada no sofá, com o rosto branco como o de um fantasma, e as mãos fechadas com toda a força, e a cabeça virada para um lado. Ela tinha tomado um susto de repente, a minha patroa disse; e o patrão, ele disse para nós que ela estava tendo convulsões. Eu saí correndo, por conhecer a região um pouquinho melhor que os outros, para buscar a ajuda do médico que morava mais perto. O médico mais perto era o gabinete de Goodricke e Garth, que trabalhavam juntos como sócios, e eles tinham um bom nome e bons relacionamentos, como eu tinha ouvido dizer, em todo St. John's Wood. O Sr. Goodricke estava lá, e ele veio comigo na mesma hora.

Um tempo se passou antes que ele pudesse ser útil. A pobre e infeliz senhora passava de uma convulsão para outra — e continuou assim, até ela ficar exausta, e precisando de ajuda como um bebê recém-nascido. Nós então a levamos para a cama. O Sr. Goodricke foi para o gabinete dele para pegar remédios, e voltou de novo em uns quinze minutos, ou pouco menos. Além do remédio, ele trouxe um pedaço de madeira oca de mogno, que tinha o formato mais ou menos de um trompete; e, depois de esperar um pouco, ele colocou uma ponta no coração da senhora, e a outra no ouvido dele, e escutou com cuidado.

Quando terminou, ele disse para a minha patroa, que estava no quarto, “Este é um caso muito sério”, ele disse, “eu recomendo que a senhora escreva para a família de Lady Glyde agora mesmo.” Minha patroa disse para ele, “É doença do coração?” E ele disse, “É, é doença do coração, de um tipo muito sério.” Ele disse para ela exatamente o que ele achava que estava acontecendo, o que eu não era inteligente o suficiente para entender. Mas sei que ele terminou dizendo que ele temia que nem o socorro dele ou de nenhum outro médico pudesse ser de muita ajuda.

Minha patroa recebeu essa notícia ruim com muito mais tranquilidade que o meu patrão. Ele era um homem idoso grande, gordo e estranho, que tinha passarinhos e camundonginhos brancos, e falava com eles como se eles fossem uma porção de crianças cristãs. Ele pareceu muito sentido com o que tinha acontecido. “Ah! pobre Lady Glyde! Pobre, querida Lady Glyde!”, ele

disse — e saiu andando de um lado para o outro, torcendo as mãos gordas; muito mais parecido com um ator que com um cavalheiro. Para cada pergunta que a minha patroa fez sobre as chances que a senhora tinha de se recuperar, ele fez pelo menos umas cinquenta. Eu digo que ele atormentou nós todos — e, quando finalmente ficou quieto, ele foi para o jardimzinho dos fundos, colhendo uns ramalhetinhos de flores sem serventia, e me pedindo para levá-los para o andar de cima e tornar o quarto da doente bonito com eles. Como se *isso* ajudasse em alguma coisa! Eu acho que ele devia ser, em alguns momentos, meio fraco da cabeça. Mas ele não era um patrão ruim; ele tinha um jeito de falar tão educado; e uns modos alegres, tranquilos e delicados. Eu gostava muito mais dele que da minha patroa. Se já apareceu alguém difícil de lidar nesta vida, era ela.

Ao anoitecer, a senhora acordou um pouquinho. Ela tinha estado tão exausta, antes disso, por causa das convulsões, que não tinha mexido nem mão e nem pé, nem falado uma palavra para ninguém. Ela se mexia na cama, então; e ficou olhando fixamente para o quarto e para nós todos. Ela deve ter sido uma senhora bonita, quando estava bem de saúde, com cabelos claros e olhos azuis, e tudo mais. O sono dela foi perturbado, à noite — pelo menos, foi o que eu ouvi da minha patroa, que ficou cuidando dela sozinha. Só fui lá uma vez antes de ir dormir, para ver se eu podia ajudar em alguma coisa; e então a senhora estava falando sozinha, de um jeito confuso e desorientado. Ela parecia querer demais falar com alguém que estava longe dela, em algum lugar. Eu não consegui entender o nome, da primeira vez; e na segunda vez o patrão bateu à porta, com a quantidade de perguntas de sempre, e outro dos seus ramalhetes sem serventia.

Quando eu entrei no quarto, na manhã seguinte, a senhora estava muito fraquinha de novo, e parecia que estava meio desmaiada. O Sr. Goodricke trouxe o companheiro dele, o Sr. Garth, para consultar. Eles disseram que ela não deveria ser acordada do sono dela, de jeito nenhum. Eles fizeram muitas perguntas para a minha patroa, no outro lado do quarto, a respeito de como a saúde da senhora tinha sido antes, e quem havia cuidado dela, e se ela já havia sofrido por muito tempo com problemas mentais. Eu lembro que a minha patroa disse “Sim” para essa última pergunta. E o Sr. Goodricke olhou para o Sr. Garth, e balançou a cabeça; e o Sr. Garth olhou para o Sr. Goodricke, e balançou a cabeça. Eles pareciam pensar que esse problema poderia ter alguma coisa que ver com a doença no coração da senhora. Ela era uma coisinha tão fraca para se olhar, pobre criatura! Muito pouca força, em qualquer momento, eu diria — muito pouca força.

Mais tarde naquela mesma manhã, quando ela acordou, a senhora estava diferente, e parecia estar bem melhor. Não me deixaram entrar para vê-la de

novo, nem a camareira, e o motivo era que ela não podia ser perturbada por desconhecidos. O que eu ouvi sobre ela estar melhor foi por meio do meu patrão. Ele estava muito feliz com a mudança e, lá do jardim, olhou pela janela da cozinha, com o seu grande chapéu branco e de aba ondulada, quando ia sair.

“Bondosa Sra. Cozinheira”, disse ele, “Lady Glyde está melhor. Minha mente está mais tranquila do que estava; e eu vou sair para esticar as minhas grandes pernas com uma pequena caminhada de verão. Devo pedir alguma coisa ou fazer alguma compra, Sra. Cozinheira? O que a senhora está preparando aí? Uma deliciosa torta para o jantar? Muita massa, por favor... muita massa crocante, minha cara, que derrete e se desfaz deliciosamente na boca.” Esse era o jeito dele. Ele tinha mais de sessenta anos, e gostava de doces. Pense só nisso!

O médico voltou de novo perto do meio-dia, e viu pessoalmente que Lady Glyde havia acordado melhor. Ele nos proibiu de falar com ela, ou de deixar que ela conversasse com a gente, caso estivesse com vontade, dizendo que, acima de tudo, ela precisava ficar tranquila, e ser encorajada a dormir o mais possível. Ela não parecia querer conversar sempre que eu a via — a não ser durante a noite, quando não consegui entender o que ela estava dizendo — ela parecia estar muito fraca. O Sr. Goodricke não estava tão animado a respeito dela quanto o patrão. Ele não disse nada quando desceu, a não ser que ele iria vir de novo às cinco horas.

Mais ou menos nesse horário (que foi antes de o patrão voltar para casa de novo), o sino soou no quarto, e minha patroa apareceu correndo no patamar, e me pediu para ir chamar o Sr. Goodricke, e dizer para ele que a senhora havia desmaiado. Eu tinha colocado a minha touca e o meu xale, quando, por sorte, o próprio médico chegou para a visita prometida.

Eu o deixei entrar e subi junto com ele. “Lady Glyde estava como sempre”, disse a minha patroa para ele na porta, “ela estava acordada, e olhando ao redor, de um modo estranho e desamparado, quando eu a ouvi soltar um tipo de grito meio abafado, e ela desmaiou na hora.” O médico foi até a cama, e se inclinou sobre a senhora doente. Ele estava com um ar muito sério, de repente, por causa da aparência dela; e colocou a mão no coração dela.

Minha patroa olhou fixamente o rosto do Sr. Goodricke.

“Não está morta!”, disse ela, sussurrando, e tremendo da cabeça aos pés.

“Sim”, disse o médico, muito tranquilo e sério. “Morta. Eu receava que isso fosse acontecer de repente, quando examinei o coração dela ontem.” Minha patroa se afastou da cama enquanto ele estava falando, e tremia e tremia de novo. “Morta!”, ela falou baixinho, para ela mesma, “morta, tão de

repente! Morta, tão rápido! O que o Conde vai dizer?” O Sr. Goodricke aconselhou-a a descer e a se acalmar um bocadinho. “A senhora ficou acordada a noite toda”, disse ele, “e os seus nervos estão abalados. Esta pessoa”, disse ele, falando de mim, “esta pessoa vai ficar no quarto, até eu poder mandar buscar a assistência necessária.” Minha patroa fez o que ele disse. “Eu preciso preparar o Conde”, disse ela. “Eu preciso preparar o Conde, com cuidado.” E então ela saiu, tremendo da cabeça aos pés.

“Seu patrão é um estrangeiro”, disse o Sr. Goodricke, quando a minha patroa havia nos deixado. “Ele sabe o que fazer para registrar a morte?” “Eu não sei dizer direito, senhor”, eu disse, “mas diria que não.” O médico pensou um pouquinho, e então disse, “Eu geralmente não faço essas coisas”, ele disse, “mas pode poupar trabalho para a família neste caso, se eu registrar a morte pessoalmente. Eu vou passar pela sede do subdistrito em meia hora, e posso facilmente entrar. Mencione, por favor, que vou fazer isso.” “Sim, senhor”, eu disse, “com agradecimentos, tenho certeza, por sua gentileza em pensar nisso.” “Você não se importa em ficar aqui, até eu poder mandar a pessoa adequada?”, disse ele. “Não, senhor”, eu disse, “vou ficar com a pobre senhora até lá. Eu acho que nada mais poderia ser feito, senhor, do que foi feito?”, eu disse. “Não”, disse ele, “nada; ela deve ter sofrido muito antes de eu vê-la; o caso não tinha remédio quando fui chamado.” “Ah, bom Deus! Nós todos vamos passar por isso, cedo ou tarde, não vamos, senhor?”, eu disse. Ele não respondeu, ele não parecia gostar de conversa. Ele disse, “Bom dia”, e saiu.

Eu fiquei ao lado da cama a partir daquela hora, até a hora em que o Sr. Goodricke mandou a pessoa, como ele havia prometido. Ela se chamava Jane Gould. Achei que ela era uma mulher com ar respeitável. Ela não falou nada, a não ser para dizer que sabia o que era esperado dela, e que havia amortalhado muitos em sua vida.

Como o patrão suportou a notícia, quando ele ficou sabendo, é mais do que eu posso dizer, não estava presente. Quando eu o vi, ele parecia muito abalado com o fato, com certeza. Ele estava sentado, quieto, em um canto, com as mãos gordas nos joelhos grandes, e a cabeça baixa, e os olhos olhando para o nada. Ele não parecia tanto triste, quanto assustado e prostrado com o que havia acontecido. Minha patroa arrumou tudo que devia ser feito sobre o funeral. Deve de ter custado muito dinheiro; o caixão, especialmente, era muito bonito. O marido da senhora morta estava longe, nós ouvimos dizer, em um lugar estrangeiro. Mas a patroa (sendo tia dela) arrumou com a família dela no interior (Cumberland, eu acho) que ela devia ser enterrada lá, no mesmo túmulo que a mãe dela. Tudo foi feito muito bem feito, em relação ao funeral, eu digo de novo; e o patrão foi assistir ao enterro no interior

pessoalmente. Ele parecia muito imponente em seu luto fechado, com seu rosto grande e solene, e o jeito de andar devagar, e a fita larga no chapéu — parecia mesmo!

Concluindo, eu tenho que dizer, respondendo às perguntas que me fizeram:

(1) Que nem eu nem a outra empregada vimos o meu patrão dar pessoalmente a Lady Glyde qualquer remédio.

(2) Que, tanto quanto eu saiba, ele nunca foi deixado sozinho no quarto com Lady Glyde.

(3) Que eu não tenho condição de dizer o que causou aquele susto de repente, que minha patroa me disse que tinha dado na senhora quando ela chegou na casa. O motivo nunca foi explicado, nem para mim nem para a outra empregada.

A declaração acima foi lida inteira em minha presença. Não tenho nada a acrescentar a ela, ou a tirar dela. Eu digo, em meu juramento de mulher cristã, Essa é a verdade.

(assinado) HESTER PINHORN, O Sinal + Feito por Ela.

2. A Narrativa do Médico

“Ao Oficial do Subdistrito em que o Óbito abaixo mencionado ocorreu. — Por meio deste, certifico que atendi Lady Glyde, de Vinte e Um anos de idade completados no último Aniversário; que eu a vi pela última vez, no dia 25 de julho de 1850; que ela morreu no mesmo dia no N° 5, Forest-road, St. John’s Wood; e que a causa de sua morte foi Aneurisma. Duração da Doença, não se sabe.

(Assinado) ALFRED GOODRICKE.

Título Profissional. *M.R.C.S. Eng. L.S.A.*¹

Endereço. *12, Croydon Gardens, St. John’s Wood.*

3. A Narrativa de JANE GOULD

Eu fui a pessoa enviada pelo Sr. Goodricke, para fazer o que era correto e necessário com os restos mortais de uma senhora, que havia morrido na casa nomeada no certificado que precede esta declaração. Encontrei o corpo sob os cuidados da empregada, Hester Pinhorn. Eu fiquei com ele, e o preparei, no devido tempo, para ir ao túmulo. Ele foi colocado no caixão, em minha presença; e depois vi o caixão ser fechado, antes de ser removido. Quando isso havia sido feito, e não antes, recebi o que me era devido, e saí da casa. Eu

peço às pessoas que possam desejar investigar o meu caráter que se dirijam ao Sr. Goodricke. Ele me conhece há mais de seis anos; e irá testemunhar que podem confiar em mim para dizer a verdade.

(Assinado) JANE GOULD

4. A Narrativa da Pedra Tumular

Consagrado

À MEMÓRIA DE

LAURA,

LADY GLYDE,

ESPOSA DE SIR PERCIVAL GLYDE, BARONETE,

DE BLACKWATER PARK, HAMPSHIRE;

E

FILHA DO FALECIDO PHILIP FAIRLIE, ESQ.,

DA MANSÃO DE LIMMERIDGE, NESTA PARÓQUIA.

NASCIDA NO DIA 27 DE MARÇO DE 1829.

CASADA NO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1849

FALECIDA NO DIA 25 DE JULHO DE 1850.

5. A Narrativa de WALTER HARTRIGHT

No INÍCIO do verão de 1850, eu e meus companheiros sobreviventes deixamos a vastidão e as florestas da América Central, rumo às nossas casas. Tendo chegado à costa, nós embarcamos em um navio para a Inglaterra. O navio naufragou no Golfo do México; eu me encontrava entre os poucos resgatados do mar. Era a terceira vez que eu escapava do perigo da morte. Morte por doença, morte pelas mãos dos índios; morte por afogamento — todas as três haviam se aproximado de mim; todas as três haviam passado por mim.

Os sobreviventes do naufrágio foram resgatados por um navio norte-americano, com destino a Liverpool. O navio chegou ao porto no dia 13 de outubro de 1850. Nós desembarcamos no fim da tarde; e eu cheguei a Londres na mesma noite.

Estas páginas não são o registro de minhas andanças e dos riscos pelos quais passei longe de casa. Os motivos que me afastaram de meu país e de meus amigos para um novo mundo de aventuras e de riscos são conhecidos.

Desse exílio autoimposto eu voltei, conforme havia esperado, rezado e acreditado que voltaria — um homem mudado. Nas águas de uma vida nova eu havia modificado a minha natureza. Na rígida escola dos extremos e do perigo, a minha vontade havia aprendido a ser forte; o meu coração, a ser resoluto; e a minha mente, a confiar em si mesma. Eu havia partido para fugir de meu próprio futuro. Eu voltei para encará-lo, como um homem deveria fazer.

Encará-lo com aquela inevitável supressão de mim mesmo que eu sabia que o futuro iria exigir de mim. Eu havia renunciado à maior amargura do passado, mas não às recordações de meu coração do pesar e da ternura daquele período memorável. Eu não havia deixado de sentir a única e irreparável decepção de minha vida — havia apenas aprendido a suportá-la. Laura Fairlie se encontrava em todos os meus pensamentos quando o navio me levou embora e eu olhei pela última vez para a Inglaterra. Laura Fairlie se encontrava em todos os meus pensamentos quando o navio me trouxe de volta, e a luz da manhã me mostrou a costa amistosa à minha frente.

Minha pena traça as velhas letras enquanto meu coração retorna ao antigo amor. Eu ainda escrevo sobre ela como Laura Fairlie. É difícil pensar nela, é difícil mencioná-la, com o sobrenome do marido.

Não há mais palavras explicativas para acrescentar, quando apareço pela segunda vez nestas páginas. Esta narrativa, se eu tiver a força e a coragem para escrevê-la, pode prosseguir agora.

Minhas primeiras preocupações e primeiras esperanças, quando chegou a manhã, se concentraram em minha mãe e em minha irmã. Senti a necessidade de prepará-las para a alegria e a surpresa de meu retorno, depois de uma ausência durante a qual havia sido impossível que elas recebessem quaisquer notícias minhas por meses. Logo de manhã, enviei uma carta para o chalé em Hampstead; e a segui uma hora depois.

Passado o primeiro encontro, quando a nossa tranquilidade e a compostura de outros tempos começaram gradualmente a se fazer sentir, eu vi algo no rosto de minha mãe que me disse que uma opressão secreta amargurava o seu coração. Havia mais que amor — havia pesar nos olhos ansiosos que me fitavam com tanta ternura; havia piedade na mão gentil que lenta e carinhosamente segurava com força a minha. Nós não tínhamos segredos um para o outro. Ela sabia como a esperança de minha vida havia sido destruída — ela sabia por que eu havia partido. Eu estava a ponto de perguntar, com tanta compostura quanto fosse capaz, se alguma carta havia vindo para mim, da parte da Srta. Halcombe — se havia quaisquer notícias da irmã dela que eu pudesse ouvir. Porém, ao olhar para o rosto de minha mãe, perdi a coragem de fazer a pergunta, até mesmo dessa forma discreta. Eu só consegui dizer,

duvidoso e contido:

— A senhora tem algo a me dizer.

Minha irmã, que estivera sentada à nossa frente, se levantou repentinamente, sem uma palavra de explicação — se levantou, e saiu da sala.

Minha mãe se aproximou mais de mim no sofá, e passou os braços pelo meu pescoço. Aqueles braços ternos tremiam; as lágrimas correram rapidamente sobre o rosto fiel e amoroso.

— Walter! — ela sussurrou. — Oh, meu querido! Meu coração se condói de você. Oh, meu filho! Meu filho! Tente se lembrar de que eu ainda estou viva!

Minha cabeça pousou, pesada, no peito dela. Ela havia dito tudo, ao dizer essas palavras.

* * * * *

Era a manhã do terceiro dia desde o meu retorno — a manhã do dia dezesseis de outubro.

Eu havia ficado com elas no chalé; havia tentado com todas as forças não amargurar a felicidade que *elas* sentiam com o meu retorno, como a *minha* estava amargurada. Eu havia feito tudo que um homem pode para se reerguer depois do choque, e aceitar a minha vida com resignação — deixar o meu grande pesar se apossar com ternura de meu coração, e não com desespero. Era inútil e sem esperanças. Lágrimas não acalmavam os meus olhos doloridos; nenhum alívio advinha da simpatia de minha irmã ou do amor de minha mãe.

Naquele terceiro dia, abri o meu coração para elas. Finalmente passaram pelos meus lábios as palavras que eu ansiara dizer no dia em que minha mãe me contou da morte dela.

— Permitam que eu me afaste, por uns tempos — eu disse. — Eu vou suportar melhor a situação quando tiver olhado uma vez mais o local onde a vi pela primeira vez; quando tiver me ajoelhado e rezado junto do túmulo onde eles a colocaram para descansar.

Eu parti em minha viagem — minha viagem para o túmulo de Laura Fairlie.

Era uma tranquila tarde de outono quando eu desembarquei na estação solitária, e me dirigi sozinho, a pé, pela estrada de que tão bem me lembrava. O sol poente brilhava fraco por entre nuvens brancas e finas; o ar estava morno e parado; a paz da região solitária estava ensombrada e entristecida pela influência do ano que findava.

Eu cheguei à charneca; fiquei parado de novo na encosta da colina; olhei

ao longo do caminho — e lá estavam as familiares árvores dos jardins à distância, o nítido semicírculo do caminho de cascalho, as elevadas paredes brancas da Mansão de Limmeridge. Os acasos e as mudanças, as andanças e os perigos de tantos meses passados, tudo isso se reduziu a nada em minha mente. Era como se fosse ontem, desde que meus pés haviam trilhado pela última vez o fragrante terreno da charneca! Eu achei que veria Laura vindo se encontrar comigo, com seu chapéuzinho de palha sombreando seu rosto, seu vestido simples flutuando com a brisa, e seu álbum de desenhos a postos em suas mãos.

Oh, Morte, tu tens o teu aguilhão! Oh, Túmulo, tu tens a tua vitória!

Eu me volvei; e lá embaixo, no estreito vale, se encontrava a solitária igreja cinzenta; o pórtico onde eu havia esperado pela vinda da mulher de branco; as colinas circundando o tranquilo cemitério; o ribeiro gorgolejando frio sobre o seu leito de pedras. Lá estava a cruz de mármore, bela e branca, na ponta do túmulo — o túmulo que, agora, se erguia igualmente acima da mãe e da filha.

Eu me aproximei do túmulo. Cruzei uma vez mais os degraus de pedra, e tirei meu chapéu ao pisar no solo consagrado. Consagrado à gentileza e à bondade; consagrado à reverência e à amargura.

Eu me detive perante o pedestal do qual se erguia a cruz. De um lado dela, do lado mais perto de mim, a inscrição recém-entalhada atraíu os meus olhos — as duras, nítidas e cruéis letras negras que contavam a história da vida e da morte dela. Tentei lê-las. Eu as li, até chegar ao nome. “Consagrado à Memória de Laura...” Os olhos azuis gentis marejados de lágrimas; a bela cabeça pendendo, cansada; as inocentes palavras de despedida me implorando que eu me afastasse dela... Oh, se eu pudesse ter uma derradeira recordação dela mais feliz que esta; a recordação que levei comigo; a recordação que trouxe comigo, de volta, para o túmulo dela!

Uma segunda vez, tentei ler a inscrição. Eu vi, no fim, a data da morte dela; e, acima dela...

Acima dela havia as linhas no mármore, havia um nome entre elas, que perturbava meus pensamentos relacionados a ela. Eu dei a volta para o outro lado do túmulo, onde nada havia para ler — nada da vileza terrena que abra à força o seu caminho entre a alma dela e a minha.

Eu me ajoelhei junto do túmulo. Eu coloquei as mãos, coloquei a cabeça na grande pedra branca, e fechei os meus olhos esgotados para a terra ao meu redor, para a luz acima. Eu deixei que ela voltasse para mim. Oh, meu amor! meu amor! meu coração pode falar com você *agora*! É o dia de ontem, de novo, desde que nós nos separamos... ontem, desde que sua querida mão tocou a minha... ontem, desde que meus olhos fitaram você pela última vez.

Meu amor! meu amor!

* * * * *

O tempo havia passado; e o Silêncio havia caído, como a noite profunda, sobre o seu rumo.

O primeiro som que se ouviu, depois dessa paz celestial, farfalhou ligeiramente, como um sopro passageiro de ar, sobre a grama do cemitério. Eu o ouvi se aproximando de mim, lentamente, até ele chegar modificado aos meus ouvidos — se aproximar como passos que se adiantavam — e então se detinham.

Eu ergui o olhar.

O sol estava se pondo. As nuvens haviam se afastado; a luz oblíqua incidia com doçura sobre as colinas. O fim do dia estava frio e límpido e parado no tranquilo vale dos mortos.

À minha frente, no cemitério, paradas lado a lado na fria claridade da luz que fenecia, eu vi duas mulheres. Elas estavam olhando na direção do túmulo; olhando para *mim*.

Duas.

Elas se adiantaram um pouquinho, e se detiveram de novo. Os véus delas estavam abaixados e ocultavam os rostos dos meus olhos. Quando elas se detiveram, uma delas ergueu o véu. À luz do anoitecer, vi o rosto de Marian Halcombe.

Alterado, alterado como se anos tivessem passado por ele! Os olhos grandes e assustados, e me olhando com um estranho terror neles. O rosto emaciado e extenuado de modo lamentável. Dor e medo e amargor escritos em Marian como se marcados a fogo.

Eu me afastei do túmulo e dei um passo na direção dela. Ela não se mexeu — ela não falou. A mulher com o véu soltou um ligeiro grito. Eu me detive. As forças que me moviam fraquejaram; e o tremor de um medo impronunciável perpassou o meu corpo da cabeça aos pés.

A mulher com o rosto coberto pelo véu se afastou de sua companheira, e se dirigiu lentamente em minha direção. Deixada sozinha, parada sozinha, Marian Halcombe falou. Era a voz de que eu me lembrava — a voz não estava alterada, como estavam os olhos assustados e o rosto emaciado.

— Meu sonho! Meu sonho! — Eu a ouvi dizer essas palavras em voz baixa, no silêncio pavoroso. Ela caiu de joelhos, e ergueu as mãos entrelaçadas para o céu. — Pai! Dai-lhe forças! Pai! Ajudai-o, em sua hora de necessidade!

A mulher se aproximou, lenta e silenciosamente ela se aproximou. Eu

olhei para ela — para ela, e para ninguém mais, a partir daquele momento.

A voz que estava suplicando por mim falhou e passou para um murmúrio — e então se elevou subitamente, e me pediu, atemorizada, me pediu desesperadamente que eu me afastasse.

Porém, a mulher com o véu havia se apossado de mim, de corpo e alma. Ela parou de um lado do túmulo. Nós ficamos frente a frente, com a pedra tumular entre nós. Ela estava perto da inscrição do lado do pedestal. O vestido dela tocava as letras negras.

A voz se aproximou mais, e ficou mais alta e ficou ainda mais veemente.

— Esconda o seu rosto! Não olhe para ela! Oh, pelo amor de Deus, poupe-o!...

A mulher ergueu o véu.

Consagrado

À MEMÓRIA DE

LAURA,

LADY GLYDE —

Laura, Lady Glyde, estava parada ao lado da inscrição, e olhava para mim por sobre o túmulo.

[O Segundo Período da História se encerra aqui]

[Fim do segundo volume da edição em três volumes]

¹ O título se refere a Member of the Royal College of Surgeons, England (Membro da Escola Real de Cirurgiões, Inglaterra), Licentiate of the Society of Apothecaries (Licenciado pela Sociedade dos Boticários). (N. do T.)

O terceiro período

A História continuada por WALTER HARTRIGHT

I

EU INICIO uma nova página. Eu adianto a minha narrativa em uma semana.

A história do período que omito deve ficar sem ser registrada. Meu coração fraqueja, minha mente mergulha nas sombras e na confusão quando penso nele. Isso não pode acontecer se eu, que escrevo, devo guiar, como devo, vocês que leem. Isso não pode acontecer se o fio que conduz ao longo dos meandros da História deve permanecer, de uma ponta a outra, desembaraçado em minhas mãos.

Uma vida subitamente alterada — todo o seu propósito recriado; suas esperanças e seus temores, suas batalhas, seus interesses e seus sacrifícios, todos voltados de uma só vez, e para sempre, em uma nova direção — esta é a perspectiva que então se descortina à minha frente, como a súbita revelação da paisagem do alto de uma montanha. Abandono a minha narrativa na tranquila sombra da igreja de Limmeridge; eu a retomo, uma semana mais tarde, no rebuliço e no tumulto de uma rua de Londres.

A rua se localiza em um bairro populoso e pobre. O piso térreo de uma de suas casas é ocupado por uma pequena loja de um vendedor de jornais; e o primeiro e o segundo andares estão alugados como aposentos mobiliados do tipo mais modesto.

Aluguei esses dois andares, com um nome falso. No andar de cima, eu vivo, com um aposento para trabalhar e um quarto para dormir. No piso de baixo, sob o mesmo nome falso, vivem duas mulheres, descritas como minhas irmãs. Eu ganho o meu pão desenhando e fazendo gravuras em madeira para os periódicos baratos. Minhas irmãs supostamente me ajudam fazendo um pouco de trabalho com agulha. Nosso pobre local para morar, nossa situação modesta, nosso falso relacionamento e nosso nome falso são todos igualmente usados como um meio de nos ocultar na floresta de casas londrinas. Nós não

nos encontramos mais entre as pessoas cujas vidas são francas e conhecidas. Eu sou um homem obscuro, despercebido, sem patrão ou amigo para me ajudar. Marian Halcombe não é nada agora, além de minha irmã mais velha, que cuida das necessidades de nosso lar com o labor de suas mãos. Nós dois somos ao mesmo tempo os brinquedos e os agentes de uma ousada fraude. Somos considerados os cúmplices da louca Anne Catherick, que reivindica o nome, a posição e a personalidade viva da falecida Lady Glyde.

Essa é a nossa situação. É esse o aspecto alterado em que nós três devemos comparecer doravante, nesta narrativa, por muitas e muitas páginas vindouras.

Aos olhos da razão e da lei, no ponto de vista de parentes e de amigos, segundo todas as formalidades da sociedade civilizada, “Laura, Lady Glyde”, jaz enterrada com a sua mãe no adro da igreja de Limmeridge. Arrancada, em sua vida, da lista dos vivos, a filha de Philip Fairlie e a esposa de Sir Percival Glyde poderia ainda existir para a sua irmã, poderia ainda existir para mim, mas para todo o resto do mundo ela estava morta. Morta para o seu tio, que a rejeitou; morta para os empregados da casa, que não haviam conseguido reconhecê-la; morta para as pessoas com autoridade que haviam passado a fortuna dela para o seu marido e a sua tia; morta para a minha mãe e a minha irmã, que acreditavam que eu era o brinquedo de uma aventureira e a vítima de uma fraude; social, moral e legalmente — morta.

E, no entanto, viva! Viva na pobreza e na obscuridade. Viva, com o pobre professor de desenho para batalhar por ela e para reconquistar para ela o seu lugar no mundo dos seres vivos.

Nenhuma suspeita, despertada pelo meu conhecimento da semelhança de Anne Catherick com ela, passou pela minha cabeça, quando o rosto dela me foi revelado pela primeira vez? Nem a sombra de uma suspeita, a partir do momento em que ela ergueu o véu ao lado da inscrição que registrava sua morte.

Antes de o sol daquele dia ter se posto e antes de o último vislumbre do lar que estava fechado para ela tivessem se afastado de nossa vista, as palavras de despedida que eu dissera, quando nos separáramos na Mansão de Limmeridge, haviam sido lembradas por nós dois; repetidas por mim e reconhecidas por ela: “Mas, se chegar a ocasião em que a devoção de todo o meu coração e alma e forças lhe proporcionarem um momento de felicidade, ou lhe pouparem um momento de pesar, a senhorita há de tentar se lembrar do reles professor de desenho que lhe deu aulas?”. Ela, que então se lembrava de tão pouco dos percalços e do terror de um tempo posterior, lembrou-se dessas palavras, e encostou a sua pobre cabeça, com inocência e confiança, no peito do homem que as havia pronunciado. Naquele momento, quando ela me

chamou pelo meu nome, quando ela disse, “Eles tentaram me fazer esquecer de tudo, Walter; mas eu me lembro de Marian, e eu me lembro de *você*” — naquele momento, eu, que lhe havia há tanto tempo dado o meu amor, dei-lhe a minha vida, e agradei a Deus que fosse minha para conceder a ela. Sim! O momento havia chegado. De milhares e milhares de quilômetros de distância; através de florestas e de vastidões desoladas, onde companheiros mais fortes que eu haviam perecido ao meu lado; através do perigo da morte três vezes afastada, e três vezes evitada, a Mão que conduz os homens pela sombria estrada para o futuro, me havia conduzido para eu me deparar com aquele momento. Desamparada e rejeitada, extremamente sofrida e tristemente mudada; sua beleza fenecida, sua mente perturbada; destituída de sua posição no mundo, de seu lugar entre as criaturas vivas — a devoção que eu havia prometido, a devoção de todo meu coração e alma e de todas as minhas forças poderia ser agora, singelamente, colocada aos seus amados pés. Por causa de seu infortúnio, por causa de seu desamparo, ela finalmente era minha! Minha, para dar apoio, para proteger, para cuidar, para trazer de volta à saúde. Minha para amar e honrar como pai e como irmão. Minha para defender por meio de todos os riscos e todos os sacrifícios — ao longo de toda a desesperada luta contra a Posição Social e o Poder, durante a longa luta com o engodo influente e o Sucesso fortalecido, por meio da perda de minha reputação, por meio da perda de meus amigos, por meio do risco a que expus a minha vida.

II

MINHA posição está definida; os meus motivos foram apresentados. A história de Marian e a história de Laura devem vir a seguir.

Eu vou registrar as duas narrativas, não nas palavras (tantas vezes interrompidas, tantas vezes inevitavelmente confusas) das próprias protagonistas, mas nas palavras do curto, claro e propositalmente simples resumo que escrevi para me servir de guia, e para servir de guia ao meu conselheiro legal. Desse modo, a emaranhada teia será deslindada com maior presteza e de modo mais inteligível.

A história de Marian começa no ponto em que a narrativa da governanta de Blackwater Park terminou.

Com a partida de Lady Glyde da casa de seu marido, essa partida e a necessária explicação das circunstâncias sob as quais ela havia ocorrido foram comunicadas à Srta. Halcombe pela governanta. Não foi senão uns dias depois (quantos dias exatamente, a Sra. Michelson, na ausência de quaisquer notas escritas sobre o assunto, não pôde dizer), que chegou uma carta da parte de Madame Fosco, anunciando a morte súbita de Lady Glyde na casa do Conde Fosco. A carta evitava a menção a datas, e foi deixado ao parecer da Sra.

Michelson dar a notícia imediatamente para a Srta. Halcombe, ou postergar a comunicação até que a saúde dela estivesse mais forte.

Tendo consultado o Sr. Dawson (que, por problemas de saúde, havia ele próprio postergado a sua volta a Blackwater Park), a Sra. Michelson, a conselho do médico e na presença do médico, comunicou a notícia, ou no dia em que a carta foi recebida, ou no dia seguinte. Não é necessário se deter, neste momento, no efeito que a notícia da morte súbita de Lady Glyde produziu em sua irmã. Apenas é útil, para o presente propósito, dizer que ela não teve condições de viajar a não ser três semanas depois. No fim desse período, ela seguiu para Londres, acompanhada pela governanta. Lá elas se separaram; a Sra. Michelson informando previamente à Srta. Halcombe o seu endereço, caso elas desejassem se comunicar em um momento futuro.

Ao se despedir da governanta, a Srta. Halcombe foi na mesma hora ao escritório dos Srs. Gilmore e Kyrle, para conversar com este cavalheiro, na ausência do Sr. Gilmore. Ela mencionou para o Sr. Kyrle o que havia considerado prudente ocultar de todas as outras pessoas (incluindo a Sra. Michelson) — suas suspeitas das circunstâncias em que constava que Lady Glyde houvesse morrido. O Sr. Kyrle, que anteriormente havia dado provas amistosas de seu empenho em ajudar a Srta. Halcombe, na mesma hora se encarregou de fazer tais perguntas que a natureza delicada e perigosa da investigação que lhe fora proposta permitisse.

Para detalhar essa parte do assunto antes de prosseguir, pode ser mencionado aqui que o Conde Fosco ofereceu todas as facilidades ao Sr. Kyrle, quando este cavalheiro afirmou ter sido enviado pela Srta. Halcombe para saber detalhes que ainda não haviam sido informados a ela sobre o falecimento de Lady Glyde. O Sr. Kyrle foi colocado em contato com o médico, o Sr. Goodricke, e com as duas empregadas. Na ausência de quaisquer meios de estabelecer a data exata da partida de Lady Glyde de Blackwater Park, o resultado das evidências do médico e das empregadas e das declarações voluntárias do Conde Fosco e de sua esposa foi conclusivo para o Sr. Kyrle. Ele só foi capaz de supor que a intensidade do sofrimento da Srta. Halcombe com a perda de sua irmã a houvesse induzido a erro de uma maneira bastante deplorável; e escreveu para ela afirmando que a chocante suspeita à qual ela aludira em sua presença era, na opinião dele, destituída do menor vestígio de fundamento. E assim a investigação do sócio do Sr. Gilmore havia começado e terminado.

Enquanto isso, a Srta. Halcombe havia retornado à Mansão de Limmeridge, e lá havia reunido todas as informações adicionais que foi capaz de obter.

O Sr. Fairlie havia recebido a sua primeira comunicação sobre a morte de

sua sobrinha por parte de sua irmã, Madame Fosco; essa carta também não continha nenhuma referência exata a datas. Ele havia aprovado a proposta de sua irmã para que a falecida senhora fosse enterrada no túmulo de sua mãe no adro da igreja de Limmeridge. O Conde Fosco havia acompanhado os restos mortais a Cumberland e comparecido ao funeral em Limmeridge, que aconteceu no dia 30 de julho. Ele foi seguido, como marca de respeito, por todos os habitantes do vilarejo e das vizinhanças. No dia seguinte, a inscrição (escrita originalmente, foi dito, pela tia da falecida senhora, e submetida à aprovação de seu irmão, o Sr. Fairlie) foi gravada em um dos lados do monumento sobre o túmulo.

No dia do funeral, e no dia seguinte a ele, o Conde Fosco havia sido recebido como hóspede na Mansão de Limmeridge; mas nenhuma conversa aconteceu entre ele e o Sr. Fairlie, por desejo deste. Eles haviam se comunicado por escrito; e, por esse meio, o Conde Fosco havia inteirado o Sr. Fairlie dos detalhes da última doença e da morte de sua sobrinha. A carta que apresentava essas informações não acrescentava novos fatos aos já conhecidos; mas, um parágrafo muito digno de nota estava contido no post-scriptum. Ele se referia a Anne Catherick.

O teor do parágrafo em questão era o seguinte:

Ele em primeiro lugar informava ao Sr. Fairlie que Anne Catherick (sobre quem ele poderia ouvir maiores detalhes por parte da Srta. Halcombe, quando ela chegasse a Limmeridge) havia sido encontrada e detida nas vizinhanças de Blackwater Park e, pela segunda vez, colocada sob os cuidados do médico de cuja custódia ela havia uma vez fugido.

Essa era a primeira parte do post-scriptum. A segunda parte alertava o Sr. Fairlie de que a doença mental de Anne Catherick havia sido agravada por seu longo período sem controle; e que o ódio insano por Sir Percival e a falta de confiança nele, que haviam sido um de seus distúrbios mais marcantes em tempos passados, ainda existiam, sob uma nova forma. A última ideia da infeliz mulher em relação a Sir Percival era a ideia de perturbá-lo e angustiá-lo, e de se engrandecer, conforme ela supunha, na estima dos pacientes e das enfermeiras, assumindo a personalidade da falecida esposa dele; o plano para essa personificação tendo-lhe evidentemente ocorrido após uma conversa secreta que ela havia conseguido ter com Lady Glyde, e durante a qual ela havia observado a extraordinária semelhança acidental entre a falecida senhora e ela própria. Era altamente improvável que ela conseguisse fugir uma segunda vez do Sanatório; mas era bastante possível que ela pudesse descobrir algum meio de atormentar os parentes da falecida Lady Glyde com cartas; e, neste caso, o Sr. Fairlie havia sido acautelado de antemão quanto a como recebê-las.

O post-scriptum, escrito nesses termos, foi mostrado à Srta. Halcombe quando ela chegou a Limmeridge. Também foram colocadas em sua posse as roupas que Lady Glyde havia usado, e outros objetos que ela havia levado para a casa de sua tia. Eles haviam sido cuidadosamente reunidos e enviados a Cumberland por Madame Fosco.

Tal era o ponto em que se encontravam os fatos quando a Srta. Halcombe chegou a Limmeridge, no começo de setembro.

Logo em seguida, ela foi confinada ao seu quarto, por uma recaída; as suas enfraquecidas energias físicas cedendo sob a severa angústia mental pela qual estava então passando. Ao ficar mais forte de novo, em um mês, as suas suspeitas quanto às circunstâncias que teriam cercado a morte de sua irmã ainda permaneciam inabaláveis. Ela não havia tido notícias, nesse ínterim, de Sir Percival Glyde; mas havia recebido cartas de Madame Fosco, fazendo as mais afetuosas perguntas da parte do marido e dela própria. Em vez de responder a essas cartas, a Srta. Halcombe fez com que a casa em St. John's Wood e as atividades de seus moradores fossem vigiadas.

Nada duvidoso foi descoberto. O mesmo resultado foi obtido com as investigações seguintes, que foram secretamente feitas sobre a Sra. Rubelle. Ela havia chegado a Londres, uns seis meses antes, com o seu marido. Eles eram provenientes de Lyons; e tinham alugado uma casa nas vizinhanças de Leicester-square, que seria mobiliada como uma hospedaria para os estrangeiros que se esperava que visitassem a Inglaterra em grande quantidade para ver a Grande Exposição de 1851. Nada se sabia contra marido ou esposa, nas vizinhanças. Eles eram pessoas discretas e haviam vivido honestamente até o presente momento. As indagações finais se relacionavam a Sir Percival Glyde. Ele havia se estabelecido em Paris, e vivia lá, discretamente, em um pequeno círculo de amigos ingleses e franceses.

Derrotada em todos esses pontos, mas ainda incapaz de ficar em paz, a Srta. Halcombe em seguida se determinou a visitar o Sanatório onde ela supunha que Anne Catherick houvesse sido confinada pela segunda vez. Ela sentira uma forte curiosidade em relação a essa mulher em tempos passados; e agora estava duplamente interessada — em primeiro lugar, em verificar se o relato da tentativa de Anne Catherick de personificar Lady Glyde era verdadeiro; e, em segundo lugar (se fosse provado que a tentativa era verdadeira), em descobrir por si só quais eram os verdadeiros motivos da pobre criatura para tentar o engodo.

Embora a carta do Conde Fosco para o Sr. Fairlie não mencionasse o endereço do Sanatório, essa importante omissão não colocou dificuldades no caminho da Srta. Halcombe. Quando o Sr. Hartright havia se encontrado com Anne Catherick em Limmeridge, ela lhe havia contado o local em que a casa

se situava; e a Srta. Halcombe havia anotado o endereço em seu diário, com todos os outros detalhes da conversa, exatamente como os havia ouvido do próprio Sr. Hartright. Desse modo, ela procurou a anotação e pegou o endereço; munuiu-se da carta do Conde ao Sr. Fairlie, como um tipo de credencial que lhe poderia ser útil, e foi sozinha ao Sanatório no dia onze de outubro.

Ela passou a noite do dia 11 em Londres. Tinha sido sua intenção dormir na casa onde a velha governanta de Lady Glyde morava; porém, a agitação da Sra. Vesey ao ver a amiga mais íntima e mais querida de sua pupila falecida foi tão angustiante que a Srta. Halcombe, cheia de consideração, se absteve de permanecer em sua presença, e se dirigiu a uma respeitável hospedaria nas vizinhanças, recomendada pela irmã casada da Sra. Vesey. No dia seguinte, ela se dirigiu ao Sanatório, que se situava a uma distância não muito grande de Londres, na zona norte da metrópole.

Ela foi imediatamente levada à presença do proprietário.

A princípio, ele não aparentava estar disposto a deixá-la se comunicar com sua paciente. Porém, quando ela lhe mostrou o post-scriptum da carta do Conde Fosco — quando ela lhe lembrou ser a “Srta. Halcombe” nele mencionada e ser parente próxima da falecida Lady Glyde; e que, portanto, estava naturalmente interessada, por razões familiares, em observar pessoalmente o ponto a que chegava a alucinação de Anne Catherick em relação a sua falecida irmã — o tom de voz e os modos do proprietário do Sanatório se alteraram, e ele retirou as suas objeções. Ele provavelmente julgou que uma recusa contínua, em tais circunstâncias, não seria apenas um ato de descortesia por si só, mas iria também implicar que os procedimentos em seu estabelecimento não eram de uma natureza que suportasse indagações feitas por respeitáveis desconhecidos.

A impressão da própria Srta. Halcombe era a de que o proprietário do Sanatório não havia recebido confidências de Sir Percival e do Conde. Ele permitir que ela visitasse a sua paciente parecia oferecer uma prova do fato, e sua prontidão em admitir coisas que dificilmente poderiam ter passado pelos lábios de um cúmplice certamente parecia oferecer outra prova.

Por exemplo, durante a conversa introdutória, ele informou à Srta. Halcombe que Anne Catherick havia sido levada até ele, com as ordens e os certificados necessários, pelo Conde Fosco, no dia vinte e sete de julho; o Conde apresentando uma carta com explicações e instruções assinada por Sir Percival Glyde. Ao receber sua paciente de novo, o proprietário do Sanatório reconheceu ter observado algumas curiosas alterações pessoais nela. Tais alterações, sem dúvida, não eram sem precedentes em sua experiência com pessoas com problemas mentais. Pessoas insanas eram com frequência, em

certos momentos, tanto externa quanto internamente, diferentes daquilo que eram em outros; a mudança de melhor para pior, ou de pior para melhor, na insanidade, tendo uma tendência inevitável de produzir alterações externas de aparência. Ele aceitou tais mudanças; e também aceitou a modificação na forma do delírio de Anne Catherick, que se refletia, sem dúvida, em seus modos e expressão. Mas, ele ficava ainda perplexo, às vezes, com certas diferenças entre a sua paciente antes de ela ter fugido, e a sua paciente desde que havia sido trazida de volta. Essas diferenças eram ínfimas demais para que fossem descritas. Ele não poderia dizer, naturalmente, que ela estava completamente diferente na altura, no corpo ou na tez, ou na cor de seus cabelos e de seus olhos, ou no formato geral da sua face: a alteração era algo que ele sentia, mais do que algo que ele via. Resumindo, o caso fora um enigma desde o início, e mais uma perplexidade havia sido acrescentada a ele agora.

Não se pode dizer que essa conversa tenha levado ao resultado de preparar, ainda que de forma parcial, a mente da Srta. Halcombe para o que iria acontecer. Mas isso produziu, não obstante, um efeito muito sério nela. Ela estava tão profundamente enervada pela conversa, que um tempinho se passou antes de ela conseguir recuperar equilíbrio suficiente para seguir o proprietário do Sanatório à parte da casa em que os pacientes ficavam confinados.

Perguntas foram feitas, e disseram que a suposta Anne Catherick estava então fazendo exercícios no terreno da propriedade. Uma das enfermeiras se ofereceu para conduzir a Srta. Halcombe ao local; o proprietário do Sanatório tendo ficado na casa por alguns minutos para cuidar de um caso que exigia a sua atenção, e então se comprometendo a se juntar à sua visitante.

A enfermeira conduziu a Srta. Halcombe a uma parte distante da propriedade, que era muito bem cuidada; e, depois de olhar ao redor por uns instantes, entrou em um caminho relvado, sombreado por arbustos de ambos os lados. Mais ou menos na metade desse caminho, duas mulheres se aproximavam lentamente. A enfermeira as apontou, e disse, “Lá está a Anne Catherick, senhora, com a pessoa que cuida dela. A atendente vai responder quaisquer perguntas que a senhora deseje fazer.” E com essas palavras a enfermeira se afastou dela, para retornar às suas tarefas na casa.

A Srta. Halcombe prosseguiu, e as mulheres também. Quando elas estavam a poucos passos uma da outra, uma das mulheres parou por um instante, olhou intensamente para a senhora desconhecida, se soltou do braço da enfermeira e, no momento seguinte, correu para os braços da Srta. Halcombe. Naquele instante, a Srta. Halcombe reconheceu a sua irmã — reconheceu a morta-viva.

Felizmente para o sucesso das medidas tomadas subsequentemente, ninguém testemunhou esse reconhecimento a não ser a enfermeira. Ela era jovem, e ficou tão assustada com o fato que, a princípio, foi incapaz de interferir. Quando conseguiu fazê-lo, todos os seus préstimos foram necessários para a Srta. Halcombe, que havia ficado, naquele momento, completamente abalada pelo esforço de manter a própria compostura devido ao choque da descoberta. Depois de esperar alguns minutos ao ar livre e à sombra fresca, sua energia e coragem inatas a ajudaram um pouco, e ela ficou suficientemente senhora de si para perceber a necessidade de recobrar a presença de espírito por amor à sua infeliz irmã.

Ela conseguiu permissão para falar sozinha com a paciente, com a condição de que ambas ficassem bem perto da enfermeira. Não havia tempo para perguntas — só havia tempo para a Srta. Halcombe fazer a infeliz senhora compreender a necessidade de se controlar, assim lhe garantindo auxílio e resgate imediatos se ela agisse dessa forma. A perspectiva de fugir do Sanatório obedecendo às instruções da irmã bastou para acalmar Lady Glyde, e fazê-la compreender o que era esperado de sua parte. A Srta. Halcombe, em seguida, se aproximou da enfermeira, colocou todo o ouro que tinha em seus bolsos (três soberanos) nas mãos da enfermeira, e perguntou quando e onde elas poderiam conversar a sós.

A moça a princípio ficou surpresa e desconfiada. Mas, com a declaração da Srta. Halcombe de que ela apenas queria fazer algumas perguntas que não conseguia fazer naquele momento, por estar muito agitada; e que ela não tinha intenção de levar a enfermeira a abandonar os seus deveres, a moça pegou o dinheiro e sugeriu as três horas da tarde no dia seguinte como o horário da conversa. Ela conseguiria então sair despercebida por meia hora, depois de os pacientes terem jantado, e encontraria a senhora em um local afastado, fora do alto muro norte que cercava o terreno da propriedade. A Srta. Halcombe apenas teve tempo de assentir e sussurrar para a irmã que ela teria notícias suas no dia seguinte, quando o proprietário do Sanatório se juntou a elas. Ele percebeu a agitação de sua visitante, que a Srta. Halcombe justificou dizendo que a conversa com Anne Catherick a havia sobressaltado um bocadinho, no início. Ela se despediu o mais rápido possível — quer dizer, assim que conseguiu juntar coragem para se forçar a sair de perto de sua infeliz irmã.

Um pouco de reflexão, quando a capacidade de refletir retornou, convenceu-a de que qualquer tentativa de identificar Lady Glyde e de resgatá-la por meios legais iria, ainda que bem-sucedida, envolver um adiamento que poderia ser fatal para as faculdades mentais de sua irmã, já abaladas pelo horror da situação a que ela havia sido submetida. Quando a Srta. Halcombe chegou a Londres, ela havia se resolvido a efetuar pessoalmente a fuga de

Lady Glyde, por intermédio da enfermeira.

Ela foi imediatamente falar com o seu corretor, e vendeu toda a pouca propriedade que possuía, que alcançou bem menos de setecentas libras. Determinada, se necessário, a pagar o preço da liberdade de sua irmã com cada tostão que tivesse no mundo, ela voltou no dia seguinte, levando todo o seu dinheiro, em cédulas bancárias, para o seu encontro fora dos muros do Sanatório.

A enfermeira estava lá. A Srta. Halcombe abordou o assunto cautelosamente, com muitas perguntas preliminares. Ela descobriu, entre outros detalhes, que a enfermeira que havia, anteriormente, cuidado da verdadeira Anne Catherick, havia sido considerada responsável (embora não pudesse levar a culpa) pela fuga da paciente e perdido seu emprego como consequência. A mesma punição, foi acrescentado, seria dada à pessoa que então conversava com ela, se a suposta Anne Catherick desaparecesse uma segunda vez; e, além do mais, a enfermeira, neste caso, tinha um interesse especial em manter o emprego. Ela estava comprometida a se casar; e ela e seu futuro marido estavam esperando até poderem poupar, juntos, entre duzentas e trezentas libras para começar um negócio. O salário da enfermeira era bom; e ela poderia conseguir, com uma rígida economia, contribuir com sua quota para a soma necessária em dois anos.

Ao ouvir esse detalhe, a Srta. Halcombe se manifestou. Ela declarou que a suposta Anne Catherick era sua parente próxima; que ela havia sido colocada no Sanatório com base em um erro fatal; e que a enfermeira estaria fazendo um bem, e uma ação cristã, ao ser o meio de permitir que elas ficassem juntas. Antes que houvesse tempo para uma única objeção, a Srta. Halcombe pegou de seu bolso quatro cédulas de cem libras cada, e as ofereceu para a moça, como uma compensação pelo risco que ela iria correr, e pela perda do emprego.

A enfermeira hesitou, devido à total incredulidade e surpresa. A Srta. Halcombe insistiu em seu ponto de vista com firmeza.

“A senhorita estará fazendo uma boa ação”, ela repetiu, “a senhorita estará ajudando a mulher mais insultada e mais infeliz na face da terra. Cá está a parte com que a senhorita quer contribuir ao se casar como recompensa. Traga-a, em segurança, até mim, aqui; e colocarei estas quatro cédulas em suas mãos antes de eu ir embora com ela.”

“A senhora me dá uma carta dizendo essas palavras, que eu possa mostrar para o meu noivo, quando ele perguntar como arrumei o dinheiro?”, perguntou a moça.

“Eu trago a carta, escrita e assinada”, respondeu a Srta. Halcombe.

“Então eu vou arriscar”, disse a enfermeira.

“Quando?”

“Amanhã.”

Foi combinado às pressas entre elas que a Srta. Halcombe deveria voltar cedo na manhã seguinte, e esperar, escondida entre as árvores — sempre, entretanto, se mantendo perto do local silencioso junto à parede norte. A enfermeira não poderia marcar uma hora para aparecer; a cautela requeria que ela esperasse, e fosse guiada pelas circunstâncias. Com esse acordo, elas se separaram.

A Srta. Halcombe estava em seu posto, com a carta prometida e as cédulas prometidas, antes das dez horas da manhã seguinte. Ela esperou mais de uma hora e meia. No fim desse período, a enfermeira veio rapidamente contornando o ângulo do muro, segurando Lady Glyde pelo braço. No momento em que se encontraram, a Srta. Halcombe colocou as cédulas e a carta nas mãos dela — e as irmãs estavam reunidas de novo.

A enfermeira havia vestido Lady Glyde, como uma excelente precaução, com uma touca, um véu e um xale dela. A Srta. Halcombe a deteve apenas para sugerir um meio de desviar a busca em uma direção falsa, quando a fuga fosse descoberta no Sanatório. A enfermeira deveria voltar para a casa; mencionar, perto de outras enfermeiras, que Anne Catherick andara perguntando, recentemente, a respeito da distância de Londres a Hampshire; esperar até o último instante, antes que a descoberta fosse inevitável; e então alertar que Anne havia sumido. As supostas perguntas sobre Hampshire, quando comunicadas ao dono do Sanatório, iriam levá-lo a supor que sua paciente havia retornado a Blackwater Park, sob a influência do delírio que a levava a insistir em se apresentar como Lady Glyde; e a primeira busca iria, com toda probabilidade, se voltar para essa direção.

A enfermeira consentiu em seguir essas sugestões — com a maior prontidão, pois elas lhe ofereciam o modo de se precaver contra quaisquer consequências piores que a perda de seu emprego, ficando no Sanatório e, assim, mantendo a aparência de inocência, pelo menos. Ela voltou para a casa na mesma hora, e a Srta. Halcombe não perdeu tempo em levar a irmã de volta para Londres. As duas pegaram o trem da tarde para Carlisle no mesmo dia, e chegaram a Limmeridge, sem incidentes ou dificuldades de qualquer tipo, naquela noite.

Durante a parte final da viagem, elas estavam sozinhas no vagão, e a Srta. Halcombe conseguiu reunir as lembranças do passado que a memória confusa e enfraquecida de sua irmã foi capaz de recordar. A terrível história da conspiração, obtida desse modo, foi apresentada em fragmentos, lamentavelmente incoerentes por si só, e isolados uns dos outros. Imperfeita como foi a revelação, ela deve, não obstante, ser registrada aqui antes de este

relato explicativo se encerrar com os acontecimentos do dia seguinte na Mansão de Limmeridge.

As recordações de Lady Glyde dos acontecimentos que se seguiram à sua partida de Blackwater Park começam com a sua chegada ao terminal de Londres da South Western Railway. Ela não havia feito um registro de antemão sobre o dia em que fez a viagem. Toda esperança de fixar essa importante data, da parte dela, ou da parte da Sra. Michelson, deveria ser dada como perdida.

Com a chegada do trem à plataforma, Lady Glyde encontrou o Conde Fosco à espera dela. Ele estava na porta do vagão assim que o funcionário conseguiu abri-la. O trem estava lotado de forma incomum, e houve uma grande confusão para pegar as bagagens. Uma pessoa que o Conde havia trazido pegou a bagagem que pertencia a Lady Glyde. Ela estava marcada com o seu nome. Lady Glyde partiu sozinha com o Conde, em um veículo em que ela não prestou atenção especial na hora.

Sua primeira pergunta, ao sair do terminal, se relacionava à Srta. Halcombe. O Conde informou que a Srta. Halcombe ainda não havia ido para Cumberland; maiores reflexões tendo feito com que ele questionasse a prudência de ela fazer uma viagem tão longa sem alguns dias prévios de descanso.

A seguir, Lady Glyde perguntou se sua irmã estava então na casa do Conde. Sua recordação da resposta era confusa, sua única impressão nítida em relação a isso era a de que o Conde declarou que estava então a levando para ver a Srta. Halcombe. O conhecimento que Lady Glyde tinha de Londres era tão restrito que ela não tinha condição de saber, na ocasião, por quais ruas eles estavam passando. Mas eles não saíram das ruas, e não passaram por quaisquer jardins ou árvores. Quando a carruagem se deteve, ela se deteve em uma ruazinha atrás de uma praça — uma praça na qual havia lojas e edifícios públicos, e muitas pessoas. Partindo dessas recordações (das quais Lady Glyde tinha certeza), parece ficar bem claro que o Conde Fosco não a levou para sua casa, na localidade de St. John's Wood.

Eles entraram na casa, e subiram a escada até um quarto nos fundos, ou no primeiro ou no segundo andar. A bagagem foi cuidadosamente trazida. Uma empregada abriu a porta; e um homem com uma barba escura, aparentemente um estrangeiro, os encontrou no saguão, e com grande cortesia indicou-lhes o caminho escada acima. Em resposta às perguntas de Lady Glyde, o Conde garantiu-lhe que a Srta. Halcombe estava na casa, e que ela seria imediatamente avisada da chegada de sua irmã. Ele e o estrangeiro então saíram, e deixaram Lady Glyde sozinha no aposento. Ele era parcamente mobiliado como uma sala de visitas, e tinha vista para os fundos das casas.

O local era extremamente silencioso; não se ouvia o som de passos subindo ou descendo as escadas — ela apenas ouviu no aposento abaixo do dela um eco indistinto de vozes masculinas falando. Antes de ela ter ficado sozinha por muito tempo, o Conde retornou, para explicar que a Srta. Halcombe estava repousando, e não poderia ser perturbada por mais alguns minutos. Ele entrou acompanhado por um cavaleiro (um inglês), a quem ele pediu para apresentar como um amigo seu.

Depois dessa apresentação singular — durante a qual nenhum nome, tanto quanto Lady Glyde pudesse lembrar, havia sido mencionado —, ela foi deixada a sós com o desconhecido. Ele foi perfeitamente educado; mas a assustou e confundiu fazendo algumas perguntas bizarras sobre ela, e olhando-a, enquanto perguntava, de modo estranho. Depois de ficar um pouquinho, ele saiu; e um minuto ou dois mais tarde um segundo desconhecido — também um inglês — entrou. Essa pessoa se apresentou como outro amigo do Conde Fosco; e ele, por sua vez, olhou Lady Glyde de modo curioso e fez-lhe algumas perguntas estranhas — nunca, tanto quanto ela conseguia se lembrar, se dirigindo a ela pelo nome; e saindo de novo, depois de alguns minutos, assim como o primeiro homem. Nessa hora, ela estava com tanto medo por sua própria causa, e tão intranquila por causa de sua irmã, que pensou em se arriscar a descer de novo, e pedir a proteção e a assistência da única mulher que ela havia visto na casa — a empregada que abria a porta.

Assim que ela havia se levantado de sua cadeira, o Conde retornou para o aposento.

No momento em que ele apareceu, ela perguntou, ansiosa, por quanto tempo o encontro entre ela e sua irmã ainda seria postergado. A princípio, ele deu uma resposta evasiva; mas, ao ser pressionado, ele reconheceu, com uma grande relutância aparente, que a Srta. Halcombe não estava tão bem quanto ele até então havia dito que ela estava. Seu tom de voz e seus modos, ao dar essa resposta, assustaram tanto Lady Glyde, ou melhor, aumentaram de modo tão doloroso a intranquilidade que ela havia sentido na companhia dos dois desconhecidos, que uma tontura súbita se apoderou dela, e ela foi obrigada a pedir um copo d'água. O Conde foi à porta e pediu água e um vidro de sais de cheiro. Ambos foram trazidos pelo homem barbudo de aparência estrangeira. A água, quando Lady Glyde tentou bebê-la, tinha um gosto tão ruim que aumentou a tontura; e rapidamente ela pegou o vidro de sais da mão do Conde e o cheirou. Na mesma hora, ela sentiu ainda mais vertigens. O Conde pegou o vidro quando ele caiu da mão dela, e a última impressão da qual ela teve consciência foi a de que o vidro havia sido aproximado de suas narinas de novo.

A partir desse ponto, suas recordações se mostraram confusas, fragmentadas e difíceis de reconciliar com qualquer probabilidade razoável.

Sua impressão era a de que ela havia recobrado os sentidos mais tarde; que ela então havia deixado a casa; que ela havia ido (conforme havia planejado ir, em Blackwater Park) à casa da Sra. Vesey; que lá ela tomara chá; e que havia passado a noite na companhia da Sra. Vesey. Ela era totalmente incapaz de dizer como, ou quando, ou na companhia de quem, ela havia deixado a casa à qual o Conde Fosco a havia levado. Porém, ela insistia em afirmar que estivera com a Sra. Vesey; e, ainda mais extraordinário, que ela havia sido ajudada a se desvestir e a se deitar pela Sra. Rubelle! Ela não conseguia se lembrar qual havia sido a conversa na casa da Sra. Vesey, ou quem ela havia visto além dessa senhora, ou por que a Sra. Rubelle teria estado presente na casa para ajudá-la.

Suas lembranças do que havia acontecido com ela na manhã seguinte eram ainda mais vagas e não confiáveis.

Ela tinha uma vaga ideia de ter saído (a que horas, não era capaz de dizer) com o Conde Fosco — e com a Sra. Rubelle de novo, como companhia feminina. Mas quando, e por que, ela saiu da casa da Sra. Vesey, ela não sabia dizer; tampouco sabia em qual direção a carruagem seguira, ou onde ela havia sido deixada, ou se o Conde e a Sra. Rubelle tinham ou não ficado com ela o tempo todo em que ela estivera fora. Nesse ponto em sua triste história havia um lapso total. Ela não tinha nem as impressões mais ligeiras para comunicar — nenhuma ideia se um dia, ou mais de um dia, havia transcorrido — até recobrar os sentidos de repente em um lugar estranho, rodeada por mulheres a quem não conhecia.

Esse era o Sanatório. Lá ela pela primeira vez se ouviu sendo chamada pelo nome de Anne Catherick; e lá, como uma última circunstância digna de nota na história da conspiração, os seus próprios olhos lhe informaram que ela estava vestindo as roupas de Anne Catherick. A enfermeira, na primeira noite no Sanatório, havia lhe mostrado as marcas em cada peça de sua roupa branca, à medida que a desvestia, e havia dito, de modo algum irritada ou brusca, “Olhe para o seu próprio nome em suas próprias roupas, e não nos aborreça mais a respeito de ser Lady Glyde; ela está morta e enterrada; e você está viva e saudável. Olhe as suas roupas agora! Cá está, bem marcado com tinta; e você vai ver a marca em todas as suas antigas roupas, que nós mantivemos na casa: Anne Catherick, tão claro quanto o dia!” E lá estava a marca, quando a Srta. Halcombe examinou as roupas brancas que a sua irmã usava, na noite da chegada delas à Mansão de Limmeridge.

Essas eram as únicas recordações — todas incertas, e algumas delas contraditórias — que puderam ser obtidas de Lady Glyde, por meio de

perguntas cuidadosas durante a viagem a Cumberland. A Srta. Halcombe se absteve de pressioná-la com quaisquer perguntas relativas aos acontecimentos no Sanatório; a mente dela estando claramente incapaz de suportar a provação de rememorá-los. Pela admissão voluntária do proprietário do Sanatório, se sabia que ela havia sido recebida no dia vinte e sete de julho. A partir dessa data, até o dia quinze de outubro (o dia de seu resgate), ela ficara confinada; sua identidade como Anne Catherick sistematicamente reafirmada, e sua sanidade, do início ao fim, praticamente negada. Faculdades mentais equilibradas com menor delicadeza e um temperamento estruturado com menor sensibilidade deveriam ter sofrido com semelhante ordálio. Nenhum homem poderia ter passado por isso e sobrevivido sem alterações.

Chegando a Limmeridge já tarde na noite do dia quinze, a Srta. Halcombe, prudente, resolveu não tentar afirmar a identidade de Lady Glyde até o dia seguinte.

Logo cedo de manhã, ela foi aos aposentos do Sr. Fairlie; e usando de todos os preparativos e precauções possíveis, finalmente disse para ele, com toda a clareza o que havia acontecido. Assim que o espanto e o susto iniciais dele haviam passado, ele declarou, irritado, que a Srta. Halcombe havia permitido ser enganada por Anne Catherick. Ele mencionou para ela a carta do Conde Fosco, e o que ela própria havia lido sobre a semelhança física entre Anne e a sua falecida sobrinha; e categoricamente se recusou a admitir em sua presença, até mesmo por apenas um minuto, uma mulher louca a quem era um insulto e um ultraje ter trazido para a casa dele.

A Srta. Halcombe saiu dos aposentos; esperou até que o rompante inicial de sua indignação tivesse passado; decidiu, depois de refletir, que o Sr. Fairlie deveria ver a sobrinha por uma questão de humanidade, antes de fechar as portas para ela como uma estranha; e com isso, sem uma palavra de aviso, levou Lady Glyde com ela ao quarto. O empregado estava parado à porta para impedir a entrada delas; porém, a Srta. Halcombe insistiu em passar por ele, e abriu caminho à presença do Sr. Fairlie, levando a irmã pela mão.

A cena que se seguiu, embora tenha durado apenas alguns minutos, era dolorosa demais para ser descrita — a própria Srta. Halcombe evitava se referir a ela. Que seja suficiente dizer que o Sr. Fairlie declarou, nos termos mais categóricos, não reconhecer a mulher levada aos seus aposentos; que ele não via nada no rosto ou nos modos dela que o levassem a duvidar por um instante do fato de a sua sobrinha estar enterrada no adro da igreja de Limmeridge; e que ele iria chamar a lei para protegê-lo antes de o dia findar se ela não fosse retirada da casa.

Com base na pior estimativa do egoísmo, da indolência e da costumeira falta de sentimentos do Sr. Fairlie, era totalmente impossível supor que ele

fosse capaz de tamanha infâmia quanto reconhecer em segredo e renegar publicamente a filha de seu irmão. A Srta. Halcombe, humana e sensatamente, fez as devidas concessões à influência do preconceito e do susto que o impediam de usar com justiça suas faculdades mentais; e justificou o que havia acontecido desse modo. Mas, quando ela colocou os empregados à prova, e descobriu que eles também, sem exceção, estavam incertos, para dizer pouco, se a senhora apresentada era a jovem patroa deles, ou Anne Catherick, de cuja semelhança com Laura todos haviam ouvido falar, era inevitável a triste conclusão de que a alteração ocorrida no rosto e nos modos de Lady Glyde por ter sido confinada no Sanatório era muito mais séria do que a Srta. Halcombe havia suposto a princípio. O vil engodo que havia estabelecido sua morte desafiava a sua revelação até mesmo na casa onde ela havia nascido, e entre as pessoas com as quais havia vivido.

Em uma situação menos crítica, o esforço não precisaria ser dado como impossível, mesmo então.

Por exemplo, a camareira, Fanny, que casualmente não estava em Limmeridge, era esperada de volta em dois dias; e haveria uma chance de obter o reconhecimento dela, para começar, considerando que ela estivera em comunicação muito mais constante com a sua patroa, e fora muito mais apegada a ela que os outros empregados. Uma vez mais, Lady Glyde poderia ter sido mantida em segredo na casa, ou no vilarejo, para esperar até sua saúde ter se recuperado um pouco, e sua mente estar um pouquinho mais firme de novo. Quando se pudesse confiar de novo em sua memória para ajudá-la, ela naturalmente iria se referir a pessoas e a acontecimentos no passado, com uma certeza e uma familiaridade que nenhum impostor poderia simular; e assim a sua identidade, que sua aparência não havia conseguido estabelecer, poderia, subsequentemente, ser provada, tendo o tempo para ajudá-la, pelo teste mais seguro de suas próprias palavras.

No entanto, as circunstâncias nas quais ela conseguira a sua liberdade tornavam todo recurso a meios como esse simplesmente impraticável. A busca feita pelo Sanatório, direcionada a Hampshire apenas por certo tempo, iria em seguida, infalivelmente, se dirigir à Mansão de Limmeridge no espaço de poucas horas; e no atual estado de espírito do Sr. Fairlie, eles poderiam contar com a aplicação imediata de sua influência e autoridade locais para ajudá-los. A mais simples consideração pela segurança de Lady Glyde impôs à Srta. Halcombe a necessidade de abandonar a luta para fazer-lhe justiça, e de removê-la, imediatamente, do lugar, entre todos os outros, que era então mais perigoso para ela — as redondezas de sua própria casa.

Um retorno imediato a Londres era a primeira e a mais segura medida de segurança que se apresentava. Na grande cidade, todos os traços delas

poderiam ser apagados com maior rapidez e maior eficiência. Não havia preparativos a fazer — nenhuma palavra de despedida e gentileza para dizer a ninguém. Na tarde daquele memorável dia dezesseis, a Srta. Halcombe incitou a irmã a uma derradeira prova de coragem; e, sem que vivalma lhes desejasse felicidades ao partir, as duas foram enfrentar o mundo sozinhas, e deram as costas para sempre à Mansão de Limmeridge.

Elas haviam passado a colina que encimava o adro da igreja, quando Lady Glyde insistiu em dar a volta para olhar pela última vez o túmulo da mãe. A Srta. Halcombe tentou dissuadi-la; mas, nessa ocasião, tentou em vão. Ela estava irredutível. Seus olhos baços se iluminaram com uma luz repentina, e lampejaram através do véu que pendia à frente deles; seus dedos emaciados seguraram com força cada vez maior em torno do braço amigo, o qual eles haviam segurado tão apáticos até aquele instante. Em minh'alma, eu acredito que a Mão de Deus estava apontando o caminho de volta para elas; e que a mais inocente e a mais angustiada de Suas criaturas foi escolhida, naquele momento pavoroso, para testemunhar isso.

Elas dirigiram os seus passos para o cemitério e, com esse ato, selaram o futuro de nossas três vidas.

III

ESSA era a história do passado — a história até o ponto em que nós a conhecíamos então.

Duas conclusões óbvias se apresentavam à minha mente, depois de ouvi-la. Em primeiro lugar, eu vi, soturno, qual havia sido a natureza da conspiração; como as oportunidades haviam sido aguardadas e as circunstâncias manipuladas para garantir a impunidade a um crime ousado e intricado. Mesmo todos os detalhes ainda sendo um mistério para mim, não havia a menor dúvida sobre a maneira vil como havia sido tirada vantagem da semelhança pessoal entre a mulher de branco e Lady Glyde. Estava claro que Anne Catherick havia sido introduzida na casa do Conde Fosco como Lady Glyde; estava claro que Lady Glyde havia assumido o lugar da mulher morta no Sanatório — a substituição tendo sido feita de modo a fazer de pessoas inocentes (o médico e as duas empregadas, certamente; e o proprietário do manicômio, com toda a probabilidade) cúmplices do crime.

A segunda conclusão surgia como uma consequência necessária da primeira. Nós três não poderíamos esperar clemência do Conde Fosco e de Sir Percival Glyde. O sucesso da conspiração havia acarretado para os dois homens um ganho indubitável de trinta mil libras — vinte mil para um e dez mil para outro, por intermédio de sua esposa. Eles tinham esse motivo, bem como outros, para garantir que não fossem expostos a um escândalo; e eles

não deixariam nenhum expediente sem ser tentado, nenhum sacrifício sem ser consumado, nenhuma traição sem ser planejada, para descobrir o local em que a vítima deles estava escondida, e separá-la dos únicos amigos que ela tinha no mundo — Marian Halcombe e eu próprio.

A certeza desse grave perigo — um perigo que cada dia e cada hora poderiam trazer ainda mais perto de nós — foi a única influência que me guiou ao fixar o local de nosso refúgio. Eu o escolhi na parte mais distante a leste de Londres, onde havia pouquíssimas pessoas ociosas que ficassem vagueando e se ocupando da vida alheia nas ruas. Eu o escolhi em uma vizinhança pobre e populosa — pois, quanto mais árdua a luta pela existência entre os homens e as mulheres perto de nós, menor a chance de eles terem tempo ou de se darem ao trabalho de observar desconhecidos que se instalassem entre eles. Essas eram as grandes vantagens que eu buscava; mas, nossa localidade também era um ganho, em outro aspecto dificilmente menos importante. Nós conseguiríamos viver frugalmente com o trabalho diário de minhas mãos; e poderíamos poupar cada tostão que possuíssemos para atender ao propósito — o propósito honrado de reparar um erro vergonhoso, que, do princípio ao fim, eu então mantinha em vista com firmeza.

No período de uma semana, Marian Halcombe e eu havíamos estabelecido qual deveria ser o rumo de nossa nova vida.

Não havia outros inquilinos na casa, e nós tínhamos a possibilidade de entrar e de sair sem passar pela loja. Eu determinei, pelo menos no momento presente, que nem Marian nem Laura deveriam sair da porta para fora sem eu estar com elas; e que, em minha ausência da casa, elas não deveriam permitir que ninguém entrasse em seus aposentos sob quaisquer pretextos. Tendo estabelecido essa regra, fui procurar um amigo que eu havia conhecido em outros tempos — ele fazia gravuras em madeira, e tinha um grande negócio — para procurar emprego; dizendo-lhe, ao mesmo tempo, que eu tinha motivos para desejar permanecer anônimo.

Ele, na mesma hora, concluiu que eu estava endividado; manifestou seu pesar da forma habitual, e então prometeu fazer o possível para me auxiliar. Deixei essa falsa impressão prevalecer; e aceitei o trabalho que ele tinha a oferecer. Ele sabia que podia confiar em minha experiência e em minha habilidade. Eu tinha o que ele desejava, constância e facilidade; e, embora os meus ganhos não fossem senão pequenos, eles bastavam para as nossas necessidades. Assim que pudemos ter a certeza disso, Marian Halcombe e eu juntamos o que tínhamos. Ela possuía entre duzentas e trezentas libras que haviam sobrado de sua propriedade pessoal; e eu tinha quase a mesma quantia sobrando do dinheiro obtido pela venda do meu gabinete de professor de desenho antes de eu partir da Inglaterra. Juntos, reunimos mais de

quatrocentas libras. Eu depusitei essa pequena fortuna em um banco, para ser guardada para o pagamento daquelas indagações e investigações secretas que eu estava determinado a iniciar e a levar por conta própria, se não conseguisse encontrar ninguém para me ajudar. Nós calculamos nossos gastos mensais até o último tostão, e nunca tocávamos no nosso pequeno fundo, a não ser para cuidar dos interesses de Laura, e por causa de Laura.

O serviço de casa, que, se tivéssemos ousado confiar em uma desconhecida entre nós, teria sido feito por uma empregada, foi assumido no primeiro dia, assumido como seu de direito, por Marian Halcombe.

— O que as mãos de uma mulher *são* capazes de fazer — ela disse —, cedo ou tarde, estas minhas mãos irão fazer. — Elas tremiam quando ela as estendeu. Os braços emaciados contavam a sua triste história do passado, enquanto Marian arregaçava as mangas do pobre vestido simples que ela usava por uma questão de segurança; mas o espírito inquebrantável da mulher ainda estava vivo dentro dela. Eu vi as grandes lágrimas subirem aos seus olhos, e correrem lentamente por suas faces quando ela me olhou. Ela as secou com um toque de sua antiga energia, e sorriu com um leve reflexo de seu antigo temperamento.

— Não duvide de minha coragem, Walter — ela pediu —, é a minha fraqueza que está chorando, não *eu*. O trabalho doméstico há de vencê-la, se *eu* não conseguir. — E ela manteve a sua palavra: a vitória fora alcançada quando nos encontramos à noite, e ela se sentou para descansar. Seus olhos escuros grandes e enérgicos me fitaram com um lampejo de sua firmeza dos dias passados.

— Eu ainda não estou totalmente derrotada — ela disse —; sou digna de confiança em minha parte do trabalho. — Antes que eu fosse capaz de responder, ela acrescentou em um sussurro. — E digna de confiança também em minha parte do risco e do perigo. Lembre-se disso, se chegar a hora!

E eu me lembrei mesmo, quando a hora chegou.

Já no fim de outubro, o ritmo diário de nossas vidas havia assumido o seu rumo estabelecido; e nós três estávamos tão completamente isolados em nosso esconderijo como se a casa em que morávamos fosse uma ilha deserta, e a grande rede de ruas e os milhares de nossos semelhantes ao nosso redor fossem as águas de um mar sem fim. Eu podia então contar com um pouco de tempo livre para pensar qual seria o meu futuro plano de ação, e como eu poderia me armar, no início, com maior segurança para a luta vindoura com Sir Percival e o Conde.

Desisti de todas as esperanças de recorrer ao fato de eu reconhecer Laura, ou de Marian reconhecê-la, como prova da identidade dela. Se nós a

tivéssemos amado com menos forças, se o instinto enraizado em nós por esse amor não tivesse sido muito mais garantido que qualquer raciocínio, mais arguto que qualquer processo de observação, até nós poderíamos ter hesitado ao vê-la pela primeira vez.

As alterações externas ocasionadas pelo sofrimento e pelo terror do passado haviam reforçado, de modo temível, quase irremediável, a fatal semelhança entre Anne Catherick e Laura. Em minha narrativa dos acontecimentos do período de minha residência na Mansão de Limmeridge, eu registrei, com base em minhas próprias observações das duas, como a semelhança, grande como era quando olhada de modo geral, falhava em muitos pontos importantes quando considerada em detalhes. Naqueles dias passados, se as duas tivessem sido vistas juntas, lado a lado, nenhuma pessoa poderia, por um só momento, ter confundido uma com a outra — como tem acontecido com frequência no caso de gêmeos. Eu não poderia dizer isso agora. O pesar e o sofrimento que eu havia outrora me censurado por associar, ainda que por um pensamento momentâneo, com o futuro de Laura Fairlie, *havam* fixado as suas marcas profanadoras na juventude e na beleza de sua face; e a semelhança fatal que eu havia outrora visto, e tremera ao ver, apenas em pensamento, era agora uma semelhança real e viva que se afirmava perante os meus próprios olhos. Desconhecidos, conhecidos, até amigos que não conseguiam olhá-la como nós a olhávamos, se ela lhes tivesse sido mostrada nos primeiros dias depois de ser resgatada do Sanatório, poderiam ter duvidado se ela era a Laura Fairlie que eles haviam outrora conhecido, e duvidariam sem que fossem censurados.

A única chance restante, que eu havia a princípio considerado que poderia nos ajudar — a chance de recorrer às recordações dela de pessoas e de acontecimentos das quais nenhum impostor poderia ter conhecimento provou, pelo triste teste de nossa experiência posterior, ser impensável. Todos os pequenos cuidados que Marian e eu tomávamos em relação a ela; cada pequena providência que tentávamos para dar forças e firmar, aos poucos, as capacidades mentais enfraquecidas e abaladas, eram por si só um novo protesto contra o risco de voltar os pensamentos dela para o passado perturbador e terrível.

Os únicos acontecimentos dos dias passados que nós nos aventurávamos a encorajá-la a recordar eram os pequenos incidentes domésticos e triviais daquele tempo feliz em Limmeridge, quando fui para lá e ensinei Laura a desenhar. O dia em que eu despertei essas lembranças mostrando-lhe o desenho da casa de verão, que ela me havia dado na manhã de nossa despedida, e que nunca havia se separado de mim desde então, foi o nascimento de nossa primeira esperança. Terna e gradualmente, a recordação

das velhas trilhas e caminhos voltou à mente dela; e os pobres e acabrunhados olhos cansados olharam para Marian e para mim com um novo interesse e com uma reflexão hesitante neles que, a partir daquele momento, nós acarinhámos e mantivemos vivos. Comprei para ela uma pequena caixa de tintas, e um álbum de desenhos parecido com o velho álbum que eu havia visto nas mãos dela na manhã em que nos encontramos pela primeira vez. Uma vez mais — oh, céus, uma vez mais! —, nas horas livres que eu tinha de meu trabalho, à luz baça de Londres, no pobre aposento londrino, eu me sentava ao lado dela, para guiar os traços hesitantes, para ajudar a mão fraca. Dia a dia, estimei e estimei o novo interesse até que o lugar dele no vazio da existência dela finalmente foi garantido — até ela conseguir pensar em seu desenho, e falar dele, e pacientemente treiná-lo sozinha, com um pálido reflexo do prazer inocente em meu encorajamento e o crescente deleite com o seu próprio progresso que pertenciam à vida perdida e à felicidade perdida dos dias passados.

Nós vagarosamente ajudamos a mente dela com esses simples expedientes; nós a levávamos para caminhar, nos dias bonitos, em uma tranquila e velha praça na City, bem perto de casa, onde não havia nada para confundi-la ou assustá-la; separamos algumas libras do fundo depositado no banco para comprar para ela vinho e os alimentos delicados de que ela precisava para se fortalecer; nós a divertíamos à noite com jogos de cartas para crianças, com livros cheios de gravuras que eu pegava emprestado do gravador que me empregava — com essas, e outras pequenas atenções semelhantes, nós acalmamos e equilibramos Laura, e esperamos todas as coisas, com tanta alegria quanto fomos capazes, advindas do tempo e dos cuidados, e do amor que nunca falhava e nunca perdia as esperanças em relação a ela. Mas tirá-la impiedosamente da reclusão e do sossego; confrontá-la com desconhecidos, ou com conhecidos que pouco mais eram que desconhecidos; despertar as dolorosas impressões de sua vida passada, que nós havíamos com tanto cuidado posto de lado — isso, até mesmo para o bem dela, não ousávamos fazer. Quaisquer fossem os sacrifícios necessários, quaisquer fossem os adiamentos longos, exaustivos e angustiantes envolvidos, a injustiça que lhe havia sido causada, se meios mortais fossem capazes de repará-la, deveria ser reparada sem o conhecimento e sem a ajuda dela.

Essa decisão sendo tomada, era necessário decidir como o primeiro risco deveria ser enfrentado, e quais deveriam ser os primeiros procedimentos.

Depois de conversar com Marian, resolvi começar juntando tantos fatos quantos pudessem ser reunidos — depois, pedir o conselho do Sr. Kyrle (em quem sabíamos que poderíamos confiar); e verificar com ele, em primeiro lugar, se as providências legais se encontravam razoavelmente dentro de

nosso alcance. Pensando em Laura, eu não poderia colocar todo o futuro dela em meus próprios esforços desassistidos, enquanto houvesse a mais ínfima perspectiva de reforçar a nossa posição conseguindo uma ajuda confiável de qualquer tipo.

A primeira fonte de informações a que recorri foi o diário mantido em Blackwater Park por Marian Halcombe. Havia trechos nesse diário, relacionados a mim, que ela considerou melhor eu não ver. Assim sendo, ela leu para mim o manuscrito, e eu tomava as notas que desejava à medida que ela prosseguia. Nós só tínhamos tempo para fazer isso ficando acordados até tarde da noite. Três noites foram dedicadas a esse propósito, e foram suficientes para me deixar na posse de tudo que Marian poderia dizer.

Meu procedimento seguinte foi o de conseguir tantas evidências adicionais quantas eu conseguisse obter de outras pessoas, sem despertar suspeitas. Fui pessoalmente falar com a Sra. Vesey para me certificar se a impressão de Laura de ter dormido na casa dessa senhora era verdadeira ou não. Neste caso, em consideração para com a idade e a condição da Sra. Vesey, e em todos os casos subsequentes do mesmo tipo, devido à cautela, eu mantinha a nossa real posição em segredo, e sempre tinha o cuidado de falar sobre Laura como “a falecida Lady Glyde”.

A resposta da Sra. Vesey às minhas perguntas apenas confirmou as apreensões que eu havia sentido antes. Laura certamente havia escrito para dizer que passaria a noite sob o teto de sua velha amiga — mas ela nunca estivera na casa.

Sua mente, nesse caso e, conforme eu temia, em outros casos além desse, confusamente lhe apresentava algo que ela apenas havia tencionado fazer à falsa luz de algo que ela realmente havia feito. A inconsciente contradição de si mesma era fácil de justificar desse modo — mas poderia levar a sérios resultados. Era um empecilho no limiar de nosso percurso; era uma falha na evidência que se voltava de modo fatal contra nós.

Quando, em seguida, pedi a carta que Laura escrevera para a Sra. Vesey, em Blackwater Park, ela me foi dada sem o envelope, que havia sido jogado na cesta de papéis e há muito tempo destruído. Na carta em si, nenhuma data era mencionada — nem mesmo o dia da semana. Ela continha apenas estas linhas: “Cara Sra. Vesey, eu me sinto muito afrita e ansiosa, e posso ir à sua casa amanhã à noite, e pedir um lugar para dormir. Não posso contar o que está acontecendo nesta carta — estou escrevendo com tanto medo de ser descoberta, que não consigo fixar a minha atenção em nada. Por favor, esteja em casa para me receber. Darei à senhora mil beijos, e lhe contarei tudo. Sua afetuosa, Laura.” Que auxílio havia nestas linhas? Nenhum.

Ao voltar da Sra. Vesey, falei para Marian escrever (observando a mesma

cautela que eu havia adotado) à Sra. Michelson. Ela deveria manifestar, se assim desejasse, alguma suspeita geral sobre a conduta do Conde Fosco; e pedir à governanta para nos fornecer uma declaração dos acontecimentos, em prol da verdade. Enquanto esperávamos pela resposta, que chegou às nossas mãos em uma semana, eu fui ter com o médico em St. John's Wood, apresentando-me como enviado pela Srta. Halcombe para saber, se possível, mais detalhes sobre a doença final de sua irmã do que o Sr. Kyrle havia tido tempo de obter. Com o auxílio do Sr. Goodricke, eu obtive uma cópia do atestado de óbito, e uma entrevista com a mulher (Jane Gould) que havia sido empregada para preparar o corpo para o enterro. Por meio dessa pessoa, também descobri o modo de me comunicar com a empregada, Hester Pinhorn. Ela havia recentemente deixado o seu emprego, como consequência de um desacordo com a sua patroa; e estava hospedada na casa de algumas pessoas na vizinhança, a quem a Sra. Gould conhecia. Do modo assim mencionado, eu obtive as Narrativas da governanta, do médico, de Jane Gould e de Hester Pinhorn, exatamente como elas são apresentadas nestas páginas.

Munido de evidências adicionais fornecidas por esses documentos, eu me considerei suficientemente preparado para uma consulta com o Sr. Kyrle; e Marian, portanto, escreveu para mencionar o meu nome e especificar o dia e a hora em que eu pedia permissão para vê-lo por motivos particulares.

Havia tempo suficiente, de manhã, para eu levar Laura fazer o seu passeio habitual, e vê-la tranquila fazendo o seu desenho em seguida. Ela olhou para mim com uma nova ansiedade em seu rosto, quando me levantei para sair do aposento; e os dedos dela começaram, do velho modo, a tatear, hesitantes, os pincéis e os lápis na mesa.

— Você ainda não está cansado de mim? — ela disse. — Você não está indo embora porque está cansado de mim? Vou tentar fazer melhor... eu vou tentar ficar boa. Você gosta tanto de mim, Walter, como costumava gostar, agora que eu estou pálida e magra, e demoro tanto a aprender a desenhar?

Ela falou como uma criança teria falado; ela me apresentou os seus pensamentos como uma criança poderia tê-los apresentado. Esperei mais uns minutos — esperei para dizer que ela me era mais cara neste momento do que já havia sido em tempos passados.

— Tente ficar boa de novo — eu disse, encorajando a nova esperança no futuro, que via brotando em sua mente —, tente ficar boa de novo, por amor a Marian e por amor a mim.

— Sim — disse ela com os seus botões, voltando a desenhar. — Eu tenho de tentar, porque os dois gostam tanto de mim. — De repente, ela ergueu o olhar de novo. — Não demore muito! Eu não consigo continuar o desenho, Walter, quando você não está aqui para me ajudar.

— Vou voltar logo, minha querida; vou voltar logo para ver como você está progredindo.

Minha voz tremeu um pouco contra a minha vontade. Eu me obriguei a sair do aposento. Não era hora, então, de abandonar o autocontrole que poderia ainda me ajudar em minha necessidade antes que o dia tivesse terminado.

Ao abrir a porta, fiz um gesto para Marian me seguir às escadas. Era necessário prepará-la para um resultado que eu julgava poder, mais cedo ou mais tarde, se seguir ao fato de eu me mostrar abertamente nas ruas.

— Com toda probabilidade, voltarei em algumas horas — eu disse —, e você vai tomar cuidado, como sempre, para não permitir que ninguém entre por estas portas em minha ausência. Mas, se alguma coisa acontecer...

— O que pode acontecer? — ela me interrompeu, rapidamente. — Diga-me com clareza, Walter, se há algum perigo; e saberei como enfrentá-lo.

— O único perigo — eu repliquei — é Sir Percival Glyde ter sido chamado de volta a Londres com a notícia da fuga de Laura. Você sabe que ele mandou me vigiar antes de eu partir da Inglaterra, e que ele provavelmente me conhece de vista, embora eu não o conheça?

Ela colocou a mão em meu ombro, e me olhou em um silêncio ansioso. Eu vi que ela compreendia o sério risco que nos ameaçava.

— Não é provável — eu disse — que eu seja visto em Londres de novo tão cedo, ou pelo próprio Sir Percival, ou pelas pessoas a quem ele emprega. Mas, há uma pequena possibilidade de que um acidente possa acontecer. Neste caso, você não vai ficar assustada se eu não retornar esta noite; e vai responder a quaisquer perguntas feitas por Laura com a melhor desculpa que possa arrumar para mim? Se eu tiver o menor motivo para suspeitar de estar sendo vigiado, vou tomar muito cuidado para nenhum espião me seguir de volta a esta casa. Não duvide de meu retorno, Marian, por mais que ele possa ser postergado; e não tema nada.

— Nada! — respondeu ela, com firmeza. — Você não há de lamentar, Walter, o fato de ter apenas uma mulher para ajudá-lo. — Ela fez uma pausa e me deteve por mais uns instantes. — Cuide-se! — ela disse, apertando a minha mão, ansiosa. — Cuide-se!

Eu a deixei; e saí para pavimentar o caminho para a descoberta — o sombrio e incerto caminho, que começava na porta do advogado.

IV

NENHUMA circunstância da menor importância aconteceu em meu trajeto até o escritório dos Srs. Gilmore e Kyrle, na Alameda da Chancelaria.

Enquanto meu cartão era levado ao Sr. Kyrle, me ocorreu um pensamento que lamentei profundamente não ter considerado antes. A informação originada do diário de Marian dava como certo que o Conde Fosco abrira a primeira carta dela de Blackwater Park para o Sr. Kyrle e, por intermédio de sua esposa, interceptara a segunda. Ele tinha, portanto, pleno conhecimento do endereço do escritório, e naturalmente iria deduzir que, se Marian desejasse aconselhamento e assistência após a fuga de Laura do Sanatório, ela recorreria à experiência do Sr. Kyrle. Neste caso, o escritório na Alameda da Chancelaria seria o primeiro lugar que ele e Sir Percival mandariam colocar sob vigilância; e, se as mesmas pessoas que tinham sido empregadas para me seguir antes de minha partida da Inglaterra fossem escolhidas para esse propósito, o fato de meu retorno seria, com toda a probabilidade, confirmado naquele mesmo dia. Eu havia pensado, de modo geral, nas possibilidades de ser reconhecido nas ruas; porém, o risco especial relacionado ao escritório nunca me havia ocorrido até aquele momento. Era tarde demais agora para retificar esse infeliz erro de julgamento — tarde demais para desejar que eu tivesse tomado providências para me encontrar com o advogado em algum local determinado de antemão e de modo particular. Eu só pude me decidir a ter cautela ao partir da Alameda da Chancelaria, e não voltar direto para casa sob quaisquer circunstâncias.

Depois de esperar por alguns minutos, fui levado ao escritório particular do Sr. Kyrle. Ele era um homem pálido, magro e seguro de si, com olhos atentos e uma voz muito baixa e modos muito reservados; não (conforme eu julgava) pronto a demonstrar sua simpatia quando desconhecidos estivessem envolvidos; e nem um pouco fácil de perturbar em sua compostura profissional. Um homem melhor para o meu propósito dificilmente poderia ser encontrado. Se ele se compromettesse com uma decisão, e se a decisão fosse favorável, a força do nosso caso estaria praticamente provada desde esse instante.

— Antes de passar para os motivos que me trazem aqui — eu disse —, devo avisá-lo, Sr. Kyrle, que a mais curta declaração que posso fazer deles poderá ocupar um tempinho.

— Meu tempo está à disposição da Srta. Halcombe — ele replicou. — Quando quaisquer interesses dela estão envolvidos, eu represento o meu sócio pessoalmente, bem como profissionalmente. Foi solicitação dele que eu assim procedesse, quando deixou de tomar parte ativa nos negócios.

— Posso perguntar se o Sr. Gilmore se encontra na Inglaterra?

— Ele não se encontra; está morando com parentes na Alemanha. Sua saúde melhorou, mas o momento em que ele retornará ainda é incerto.

Enquanto trocávamos essas palavras introdutórias, ele estivera procurando

entre os papéis à sua frente, e pegou dentre eles uma carta selada. Achei que ele estava a ponto de entregá-la para mim; mas, aparentemente mudando de ideia, ele a colocou na mesa, se acomodou em sua cadeira e, silencioso, esperou para ouvir o que eu tivesse a dizer.

Sem perder um instante com palavras introdutórias de qualquer tipo, eu passei à minha narrativa, e coloquei o Sr. Kyrle na plena posse dos acontecimentos já narrados nestas páginas.

Por mais que ele fosse advogado até a medula dos ossos, eu o fiz esquecer sua compostura profissional. Expressões de incredulidade e de surpresa, que ele não conseguiu conter, me interromperam inúmeras vezes, antes de eu ter terminado. Perseverei, no entanto, até o fim; e, assim que terminei, fiz a importante pergunta, com ousadia:

— Qual é a sua opinião, Sr. Kyrle?

Ele era cauteloso demais para se comprometer com uma resposta sem ter tido tempo de recuperar o seu autocontrole em primeiro lugar.

— Antes de dar a minha opinião — ele disse —, devo pedir permissão para esclarecer certos pontos com algumas perguntas.

Ele fez as perguntas — perguntas pertinentes, suspeitosas e descrentes, as quais claramente me mostraram, enquanto eram feitas, que ele me julgava vítima de uma ilusão; e que ele poderia até ter pensado, não fosse a minha introdução por parte da Srta. Halcombe, se eu não estaria tentando cometer uma fraude arditamente elaborada.

— O senhor acredita que eu tenha dito a verdade, Sr. Kyrle? — perguntei, quando ele acabou de me interrogar.

— No que diz respeito às suas próprias convicções, tenho a certeza de que o senhor disse a verdade — ele replicou. — Eu tenho a mais profunda estima pela Srta. Halcombe, e tenho, portanto, todos os motivos para respeitar um cavalheiro em cuja interferência ela confia em uma questão como essa. Eu irei até mais adiante, se o senhor quiser, e admitirei, por uma questão de cortesia e de argumentação, que a identidade de Lady Glyde, como pessoa viva, é um fato comprovado para a Srta. Halcombe e para o senhor. Mas, o senhor veio até mim para ter uma opinião legal. Como advogado, e apenas como advogado, é meu dever dizer-lhe, Sr. Hartright, que o senhor não tem a sombra de um caso.

— O senhor fala de modo muito incisivo, Sr. Kyrle.

— Eu vou tentar falar com muita clareza, também. A evidência da morte de Lady Glyde é, à primeira vista, clara e satisfatória. Há o testemunho da tia dela para provar que ela foi à casa do Conde Fosco, que ela adoeceu, e que ela morreu. Há o testemunho do atestado médico para provar a morte, e para mostrar que ela aconteceu sob circunstâncias naturais. Há o fato do funeral em

Limmeridge, e há a prova da inscrição no túmulo. Este é o caso que o senhor deseja derrubar. Quais evidências o senhor tem para dar apoio à sua declaração de que a pessoa que morreu e foi enterrada não era Lady Glyde? Vamos passar pelos pontos principais da sua afirmação e examinar o valor deles. A Srta. Halcombe vai até certo Sanatório particular, e lá vê certa paciente. É fato sabido que uma mulher chamada Anne Catherick, que tem uma semelhança extraordinária com Lady Glyde, fugiu desse Sanatório; é fato sabido que a pessoa recebida lá em julho passado foi recebida como a Anne Catherick trazida de volta; é fato sabido que o cavalheiro que a levou lá avisou ao Sr. Fairlie que era parte da insanidade dela ter a tendência a personificar a falecida sobrinha dele; e é fato sabido que ela declarou repetidas vezes no Sanatório (onde ninguém acreditou nela) ser Lady Glyde. Estes são todos os fatos. O que o senhor tem para apresentar contra eles? O fato de a Srta. Halcombe reconhecer a mulher, reconhecimento invalidado ou contradito por eventos posteriores. A Srta. Halcombe declara a identidade de sua suposta irmã para o dono do Sanatório e toma medidas legais para resgatá-la? Não; ela secretamente suborna uma enfermeira para permitir que a paciente fuja. Quando a paciente foi liberada dessa maneira duvidosa, e é levada à presença do Sr. Fairlie, ele a reconhece? Ele fica, por um instante, abalado em sua crença na morte de sua sobrinha? Não. Os empregados a reconhecem? Não. Ela é mantida nas vizinhanças, para declarar a sua própria identidade, e para passar pelo teste de procedimentos posteriores? Não; ela é levada às escondidas para Londres. Entrementes, o senhor também a reconheceu; porém, o senhor não é um parente; o senhor não é nem mesmo um velho amigo da família. Os empregados contradizem o senhor; e o Sr. Fairlie contradiz a Srta. Halcombe; e a suposta Lady Glyde se contradiz. Ela declara ter passado a noite em Londres em certa casa. As evidências trazidas pelo senhor mostram que ela nunca esteve perto dessa casa; e sua própria admissão é a de que a condição mental dela impede que o senhor a apresente em qualquer lugar para ser submetida a uma investigação e para falar por si própria. Eu lhe pergunto, se este caso fosse agora para um tribunal de justiça... Fosse comparecer perante o júri, que está comprometido a encarar os fatos como eles parecem ser... Onde estão as suas provas?

Fui obrigado a esperar e a me tranquilizar antes de poder responder. Era a primeira vez que a história de Laura e a história de Marian me eram apresentadas do ponto de vista de um desconhecido — a primeira vez que os terríveis obstáculos que se encontravam em nosso caminho haviam sido mostrados em sua verdadeira face.

— Não pode haver dúvidas — eu disse —, de que os fatos, assim como o senhor os apresentou, parecem estar contra nós, porém...

— Porém, o senhor pensa que esses fatos possam ser explicados — interrompeu o Sr. Kyrle. — Permita-me dizer-lhe o resultado de minha experiência nesse ponto. Quando um júri inglês tem de escolher entre um simples fato *às claras*, e uma longa explicação *conjectural*, ele sempre aceita o fato, e não a explicação. Por exemplo, Lady Glyde (vou chamar a senhora a quem o senhor representa por esse nome para a argumentação) declara que ela dormiu em certa casa, e é provado que ela não dormiu nessa casa. O senhor explica a circunstância apelando para o estado mental dela, e deduzindo com base nele uma conclusão metafísica. Eu não digo que a conclusão esteja errada; só digo que o júri vai ver o fato de ela se contradizer em detrimento de qualquer motivo para a contradição que o senhor possa oferecer.

— Mas, não é possível — eu insisti — com paciência e empenho, descobrir evidências adicionais? A Srta. Halcombe e eu temos algumas centenas de libras...

Ele me olhou com pena mal contida, e balançou a cabeça.

— Considere o assunto, Sr. Hartright, de seu próprio ponto de vista — ele disse. — Se o senhor estiver certo a respeito de Sir Percival e do Conde Fosco (o que eu não admito, veja bem), todas as dificuldades imagináveis serão colocadas no seu caminho para o senhor obter novas evidências. Todos os empecilhos litigiosos seriam apresentados; cada ponto no caso seria sistematicamente contestado; e, quando nós tivéssemos desembolsado os nossos milhares de libras, em vez de as nossas centenas, o resultado final seria, com toda a probabilidade, contrário a nós. Questões de identidade, quando casos de semelhança pessoal estão envolvidos, são, por si só, as mais difíceis de todas as questões para definir; as mais difíceis, mesmo quando estão livres das complicações que envolvem o caso que estamos agora discutindo. Eu realmente não vejo perspectivas de lançar qualquer luz neste caso extraordinário. Mesmo que a pessoa enterrada no adro da igreja de Limmeridge não seja Lady Glyde, ela era, em vida, como o senhor próprio demonstra, tão parecida com ela, que nós não ganharíamos nada se recorrêssemos às autoridades competentes para ter o corpo exumado. Resumindo, não há um caso, Sr. Hartright... realmente não há um caso.

Eu estava determinado a acreditar que *havia* um caso; e, com essa determinação, mudei de tática, e apelei ao Sr. Kyrle uma vez mais.

— Não há outras provas que nós pudéssemos apresentar, além da prova de identidade? — perguntei.

— Não do modo como o senhor se situa — ele replicou. — A mais simples e a mais garantida de todas as provas, a prova por comparação de datas, está, segundo eu entendo, completamente fora de seu alcance. Se o senhor conseguisse mostrar uma discrepância entre a data do certificado do

médico e a data da viagem de Lady Glyde para Londres, a questão adquiriria um aspecto totalmente diferente; e eu seria o primeiro a dizer, Vamos seguir adiante.

— Essa data ainda pode ser descoberta, Sr. Kyrle.

— No dia em que ela for descoberta, Sr. Hartright, o senhor terá um caso. Se o senhor tem qualquer perspectiva, neste momento, de obtê-la, diga-me, e nós veremos se posso aconselhar o senhor.

Eu refleti. A governanta não poderia nos ajudar; Laura não poderia nos ajudar; Marian não poderia nos ajudar. Com toda a probabilidade, as únicas pessoas vivas que sabiam da data eram Sir Percival e o Conde.

— Não consigo pensar em meios de confirmar a data no momento — eu disse —, porque não consigo pensar em outras pessoas que com certeza a saibam, a não ser o Conde Fosco e Sir Percival Glyde.

O rosto atento do Sr. Kyrle se abriu, pela primeira vez, em um sorriso.

— Com a sua opinião sobre a conduta desses dois cavalheiros — ele disse —, o senhor não espera ajuda desse lado, eu suponho? Se eles entraram em conluio para obter grandes somas de dinheiro por meio de uma conspiração, dificilmente irão confessar o fato, de qualquer maneira.

— Eles podem ser forçados a confessar, Sr. Kyrle.

— Por quem?

— Por mim.

Nós dois nos levantamos. Ele olhou atentamente o meu rosto, com maior aparência de interesse do que havia demonstrado até então. Consegui ver que eu o havia deixado um tantinho perplexo.

— O senhor está muito determinado — ele disse. — O senhor tem, sem dúvida, um motivo pessoal para prosseguir, e não me cabe fazer perguntas nesse sentido. Se um caso puder ser apresentado no futuro, só posso dizer que meus melhores préstimos estarão ao seu serviço. Ao mesmo tempo, devo alertar o senhor, como a questão financeira sempre entra na questão legal, que eu vejo poucas esperanças, ainda que o senhor acabe estabelecendo o fato de Lady Glyde estar viva, de recuperar a fortuna dela. O estrangeiro iria provavelmente deixar o país, antes de os procedimentos serem iniciados; e as dificuldades financeiras de Sir Percival são grandes o suficiente, e prementes o suficiente para transferir quase qualquer quantia de dinheiro que ele possa ter para os seus credores. O senhor, com certeza, sabe...

Eu o interrompi neste ponto.

— Permita-me pedir ao senhor que não discutamos os negócios de Lady Glyde — eu disse. — Nunca soube nada a respeito deles, em outros tempos; e não sei nada sobre eles agora, a não ser que a fortuna dela está perdida. O

senhor tem razão ao assumir que tenho motivos pessoais para persistir nessa questão. Eu gostaria que esses motivos fossem sempre tão desinteressados como são no presente momento...

Ele tentou interromper e explicar. Eu estava um pouquinho irritado, suponho, por sentir que ele havia duvidado de mim; e prossegui, brusco, sem esperar ouvi-lo.

— Não haverá motivo financeiro — eu disse —, nem ideia de vantagem pessoal, no serviço que tenciono prestar a Lady Glyde. Ela foi expulsa como pessoa estranha da casa onde nasceu; uma mentira que registra a sua morte foi escrita no túmulo da mãe dela; e há dois homens, vivos e incólumes, que são responsáveis por isso. Essa casa se abrirá de novo para recebê-la, na presença de cada criatura que seguiu o falso funeral até o túmulo; essa mentira será publicamente apagada da lápide, com a autorização do chefe da família; e esses dois homens responderão pelo seu crime perante MIM, embora a justiça que se apresenta nos tribunais seja impotente para persegui-los. Eu devotei a minha vida a esse propósito; e, sozinho como eu me encontro, se Deus me permitir, eu o irei cumprir.

Ele se aproximou de sua mesa e não disse nada. Seu rosto mostrava claramente que ele achava que a minha ilusão havia levado a melhor sobre a minha razão, e que ele considerava totalmente inútil me dar mais conselhos.

— Cada qual há de manter a sua opinião, Sr. Kyrle — eu disse —, e temos de esperar até que os acontecimentos futuros decidam entre nós. Enquanto isso, sou muito grato ao senhor pela atenção dada às minhas palavras. O senhor me mostrou que as providências legais se encontram, em todos os sentidos da palavra, além de nossos recursos. Não podemos apresentar a prova legal; e não somos ricos o suficiente para pagar as despesas legais. Saber disso é um ganho.

Eu fiz uma mesura e me dirigi à porta. Ele me chamou de volta, e me deu a carta que eu o havia visto colocar na mesa no começo de nossa conversa.

— Ela veio pelo correio, alguns dias atrás — ele disse. — Talvez o senhor não se importe em entregá-la? Por favor, diga à Srta. Halcombe que eu lamento sinceramente, até o momento, ser incapaz de ajudá-la, a não ser por meio de conselhos, que não serão mais bem recebidos, eu receio, por ela que pelo senhor.

Olhei a carta enquanto ele falava. Ela estava endereçada à “Srta. Halcombe. Aos cuidados dos Srs. Gilmore e Kyrle, Alameda da Chancelaria.” A caligrafia era totalmente desconhecida para mim.

Ao sair da sala, fiz uma última pergunta.

— O senhor por acaso sabe — eu disse — se Sir Percival ainda está em Paris?

— Ele voltou para Londres — replicou o Sr. Kyrle. — Pelo menos, foi o que me disse o representante legal dele, com quem me encontrei ontem.

Depois dessa resposta, eu saí.

Ao sair do edifício, a primeira precaução a ser observada era evitar atrair a atenção parando para olhar ao meu redor. Eu me dirigi a uma das mais tranquilas das grandes praças ao norte de Holborn — e então me detive de repente, e me volvei em um ponto onde um grande trecho de rua ficava atrás de mim.

Havia dois homens na esquina da praça, que haviam se detido também, e estavam conversando. Depois de um momento de reflexão, dei meia-volta, para passar por eles. Um se moveu, quando me aproximei, e virou a esquina que levava da praça à rua. O outro permaneceu parado. Eu o olhei ao passar, e na mesma hora reconheci um dos homens que me haviam vigiado antes de eu partir da Inglaterra.

Se eu tivesse liberdade para seguir os meus instintos, provavelmente teria começado falando com o homem, e teria acabado o derrubando. Porém, tinha de pensar nas consequências. Se eu cometesse um só erro publicamente, colocaria as armas na mesma hora nas mãos de Sir Percival. Não havia escolha a não ser combater a astúcia com a astúcia. Segui pela rua onde o segundo homem havia desaparecido, e passei por ele, esperando em uma soleira de porta. Ele era desconhecido para mim; e fiquei feliz por registrar sua aparência pessoal, em caso de aborrecimentos futuros. Tendo feito isso, tornei a seguir na direção norte, até chegar a New-road. Lá, me volvei para o oeste (tendo os homens atrás de mim o tempo todo), e esperei em um ponto onde eu sabia estar a certa distância de um ponto de parada de carruagens, até que um veloz cabriolé vazio passasse por mim. Um passou em poucos minutos, subi nele de um salto, e disse ao condutor para ir rapidamente na direção de Hyde Park. Não havia um segundo cabriolé veloz para os espiões atrás de mim. Eu os vi indo às pressas para o outro lado da rua, para me seguir correndo, até que um cabriolé, ou um ponto de parada de carruagens aparecesse na frente deles. Mas eu havia tomado a dianteira, e quando detive o cocheiro e apeei, eles não estavam em nenhum lugar à vista. Eu atravessei Hyde Park e me garanti, nos jardins, de que estava livre. Quando finalmente dirigi os meus passos na direção de casa, não foi senão muitas horas mais tarde — depois do anoitecer.

Encontrei Marian à minha espera, sozinha na pequena sala de visitas. Ela havia persuadido Laura a ir descansar, depois de prometer me mostrar o desenho dela assim que eu entrasse. O pobre e pequenino desenho sem vida — tão insignificante por si só, tão comovente por suas associações — estava apoiado cuidadosamente em dois livros na mesa, e colocado onde a fraca luz

da única vela que nós nos permitíamos pudesse recair sobre ele do melhor modo. Eu me sentei para olhar o desenho e para contar a Marian, em sussurros, o que havia acontecido. As paredes que nos separavam do quarto ao lado eram tão finas que quase conseguíamos ouvir a respiração de Laura, e poderíamos tê-la perturbado se tivéssemos falado em voz alta.

Marian manteve a compostura quando descrevi a minha conversa com o Sr. Kyrle. Mas seu rosto ficou perturbado quando contei, em seguida, dos homens que me haviam seguido desde o escritório do advogado, e quando contei que soubera do retorno de Sir Percival.

— Más notícias, Walter — disse ela —, as piores notícias que você poderia trazer. Você não tem nada mais a me dizer?

— Eu tenho algo para lhe dar — respondi, entregando-lhe a carta que o Sr. Kyrle havia confiado aos meus cuidados.

Ela olhou o endereço e reconheceu a caligrafia na hora.

— Você sabe quem é seu correspondente? — eu disse.

— Bem demais — ela respondeu. — Meu correspondente é o Conde Fosco.

Com essa resposta, ela abriu a carta. Seu rosto enrubescou profundamente enquanto ela a lia — seus olhos brilharam de raiva quando a entregou para mim, para que eu, por minha vez, a lesse.

A carta continha as seguintes linhas:

“Movido por honrosa admiração — honrosa para mim, honrosa para a senhorita — eu escrevo, magnífica Marian, pensando em sua tranquilidade, para dizer duas palavras de consolo:

Nada tema!

Exercite o seu excelente bom senso, e permaneça reclusa. Cara e admirável mulher, não atraia publicidade perigosa. Resignação é sublime — adote-a. A modesta tranquilidade do lar é eternamente revigorante, desfrute dela. As tempestades da vida passam, sem causar danos, sobre o vale da Reclusão — habite, cara senhora, nesse vale.

Faça isso, e eu autorizo a senhorita a não temer nada. Nenhuma nova calamidade irá lacerar as suas sensibilidades — sensibilidades preciosas para mim como as minhas próprias. A senhorita não será incomodada; a bela companheira de seu retiro não será perseguida. Ela encontrou um novo asilo em seu coração. Inestimável asilo! — Eu a invejo, e a deixo lá.

Uma última palavra de advertência afetuosa, de cautela paternal — e me privo do encanto de me dirigir à senhorita; eu encerro estas fervorosas linhas.

Não vá mais além do que a senhorita já foi; não comprometa sérios interesses; não ameace ninguém. Eu imploro à senhorita, não me force a agir — EU, o Homem de Ação — quando é o mais caro objetivo de minha vida ser passivo, limitar o vasto alcance de minhas energias e de meus planos, por sua causa. Se a senhorita tiver amigos impetuosos, modere o ardor deplorável deles. Se o Sr. Hartright voltar à Inglaterra, não mantenha contato com ele. Eu sigo o meu caminho, e Percival segue à minha sombra. No dia em que o Sr. Hartright cruzar esse caminho, ele é um homem perdido.”

A única assinatura para essas linhas era a letra inicial F, rodeada por um círculo de floreios intrincados. Joguei a carta na mesa, com todo o desprezo que

eu sentia por ela.

— Ele está tentando assustar você... um sinal seguro de que ele próprio está assustado — eu disse.

Ela era uma mulher verdadeira demais para tratar a carta como eu a havia tratado. A insolente familiaridade da linguagem era excessiva para o seu autocontrole. Ao olhar para mim por sobre a mesa, suas mãos se crisparam em seu regaço, e o velho temperamento fegoso luziu de novo, com fulgor, em suas faces e em seus olhos.

— Walter! — disse ela. — Se um dia esses dois homens ficarem à sua mercê, e se você for obrigado a poupar um deles, que não seja o Conde.

— Eu vou guardar esta carta, Marian, para auxiliar a minha memória quando chegar a hora.

Ela me olhou detidamente, enquanto eu guardava a carta em meu livro de apontamentos.

— Quando chegar a hora? — ela repetiu. — Você pode falar do futuro como se tivesse certeza dele? Certeza, depois do que ouviu no escritório do Sr. Kyrle, depois do que aconteceu com você hoje?

— Eu não conto o tempo a partir de hoje, Marian. Tudo que fiz hoje foi pedir a outro homem para agir por mim. Eu conto a partir de amanhã...

— Por que amanhã?

— Porque amanhã tenciono agir por conta própria.

— Como?

— Eu vou a Blackwater pelo primeiro trem; e volto, assim espero, à noite.

— A Blackwater!

— Sim. Tive tempo para pensar, desde que saí do escritório do Sr. Kyrle. A opinião dele, em um aspecto, confirma a minha. Nós temos de persistir, até o fim, na busca da data da viagem de Laura. O único ponto fraco na conspiração, e provavelmente a única chance de provar que ela é uma mulher viva, se concentra na descoberta da data.

— Você quer dizer — disse Marian — a descoberta de que Laura não partiu de Blackwater Park até *depois* da data da morte dela no atestado do médico?

— Certamente.

— O que leva você a pensar que isso pode ter acontecido *depois*? Laura não é capaz de nos dizer nada sobre o tempo em que esteve em Londres.

— Mas o proprietário do Sanatório disse a você que ela foi recebida lá no dia vinte e sete de julho. Não acredito na capacidade do Conde Fosco de mantê-la em Londres, e mantê-la sem ter ideia de tudo que estava acontecendo ao redor dela, por mais de uma noite. Nesse caso, ela deve ter

iniciado a viagem no dia vinte e seis, e deve ter chegado a Londres um dia depois da data da sua própria morte no atestado do médico. Se nós conseguirmos provar essa data, provamos o nosso caso contra Sir Percival e o Conde.

— Sim, sim... Entendo! Mas como essa prova será obtida?

— A narrativa da Sra. Michelson me sugeriu dois modos de tentar obtê-la. Um deles é questionar o médico, o Sr. Dawson, que deve saber quando ele retomou os seus cuidados médicos em Blackwater Park, depois de Laura ter partido da casa. O outro é fazer perguntas na estalagem à qual Sir Percival se dirigiu sozinho naquela noite. Sabemos que a partida dele se seguiu à de Laura, depois do intervalo de algumas horas; e podemos conseguir a data dessa forma. É válido pelo menos fazer a tentativa; e, amanhã, estou resolvido que ela será feita.

— E, suponha que ela fracasse... eu penso no pior agora, Walter; mas vou pensar no melhor, se as decepções vierem nos colocar à prova... Suponha que ninguém possa ajudar você em Blackwater?

— Há dois homens que podem me ajudar, e me ajudarão, em Londres: Sir Percival e o Conde. Pessoas inocentes podem se esquecer da data; mas *elas* são culpados e *elas* a sabem. Se eu fracassar em tudo mais, tenciono forçar uma confissão de um deles, em meus próprios termos.

Tudo que havia de feminino em Marian refulgiu em seu rosto, enquanto eu falava.

— Comece com o Conde! — ela sussurrou, ansiosa. — Por mim, comece com o Conde.

— Nós temos de começar, por amor a Laura, onde houver a melhor chance de sucesso — eu repliquei.

A cor sumiu de suas faces de novo, e ela balançou a cabeça, tristonha.

— Sim — ela disse. — Você tem razão; foi mesquinho e lamentável de minha parte dizer isso. Vou tentar ser paciente, Walter, e ser mais bem sucedida agora do que fui em tempos mais felizes. Mas ainda tenho dentro de mim um pouquinho de meu antigo temperamento... e ele *vai* levar a melhor sobre mim quando eu penso no Conde!

— A vez dele vai chegar — eu disse. — Mas, lembre-se de que não há um ponto fraco na vida dele, do qual nós saibamos. — Esperei um pouco para permitir que ela recuperasse o autocontrole, e então disse as palavras decisivas.

— Marian! Há um ponto fraco do qual nós dois temos ciência na vida de Sir Percival...

— Você está pensando no segredo!

— Sim, o Segredo. Ele é o único modo seguro que temos de pressioná-lo. Eu posso fazê-lo abandonar a sua posição segura, posso expô-lo, e a vileza dele, à luz do dia, desse modo. O que quer que o Conde possa ter feito, Sir Percival consentiu na conspiração contra Laura por outro motivo além do motivo financeiro. Você o ouviu falar para o Conde que ele acreditava que a esposa soubesse o bastante para arruiná-lo? Você o ouviu dizer que ele seria um homem perdido se o segredo de Anne Catherick fosse descoberto?

— Sim! Sim! Eu ouvi.

— Bem, Marian, quando todos os nossos outros recursos tiverem se mostrado ineficazes, tenciono conhecer o segredo. Minha velha superstição se faz presente em mim. Eu digo de novo, a mulher de branco é uma influência viva na vida de nós três. O Fim foi determinado; o Fim está se aproximando de nós; e Anne Catherick, morta em seu túmulo, ainda indica o rumo para esse fim!

V

A HISTÓRIA de minhas perguntas iniciais em Hampshire é rapidamente contada.

Sair cedo de Londres permitiu-me chegar à casa do Sr. Dawson no fim da manhã. Nossa conversa, no que diz respeito ao objetivo de minha visita, não levou a resultados satisfatórios.

Os livros do Sr. Dawson certamente mostravam quando ele havia voltado a cuidar da Srta. Halcombe em Blackwater Park; porém, não era possível retroceder dessa data com qualquer exatidão sem o auxílio da Sra. Michelson, que eu sabia que ela era incapaz de oferecer. Ela não conseguia dizer de memória (quem, em casos semelhantes, alguma vez conseguiu?) quantos dias haviam se passado entre o médico ter voltado a cuidar de sua paciente e a partida de Lady Glyde. Ela tinha quase certeza de ter mencionado a circunstância da partida para a Srta. Halcombe no dia seguinte ao acontecimento — mas não havia sido mais capaz de fixar a data do dia em que a revelação aconteceu, do que de fixar a data do dia anterior, quando Lady Glyde havia partido para Londres. Tampouco ela foi capaz de calcular, com maior exatidão, o período que havia decorrido desde a morte de sua patroa até o período em que a carta sem data de Madame Fosco havia chegado. Finalmente, como que para completar a série de dificuldades, o próprio médico, tendo estado doente na época, havia deixado de fazer a sua costumeira anotação do dia da semana e do mês em que o jardineiro de Blackwater Park havia ido até a casa dele para entregar-lhe a mensagem da Sra. Michelson.

Sem esperanças de obter assistência do Sr. Dawson, resolvi tentar em

seguida ver se eu conseguiria estabelecer a data da chegada de Sir Percival a Knowlesbury.

Parecia uma fatalidade! Quando cheguei a Knowlesbury, a estalagem estava fechada, e avisos estavam pregados às paredes. Os negócios haviam sido muito ruins, conforme me informaram, desde os tempos da estrada de ferro. O novo hotel na estação havia gradualmente absorvido os negócios; e a velha estalagem (que nós sabíamos ser a estalagem em que Sir Percival havia se alojado), estava fechada fazia uns dois meses. O proprietário havia saído da cidade com armas e bagagens, e para onde ele havia ido, eu não consegui saber com certeza de ninguém. As quatro pessoas a quem perguntei fizeram-me quatro diferentes relatos dos planos e projetos dele quando ele partiu de Knowlesbury.

Ainda havia algumas horas livres antes de o último trem partir para Londres; e voltei, em uma carruagem de aluguel da estação de Knowlesbury, a Blackwater Park, com o propósito de interrogar o jardineiro e o caseiro. Se eles também se mostrassem incapazes de me auxiliar, meus recursos, no momento, teriam se esgotado, e eu poderia voltar à cidade.

Eu saltei da carruagem de aluguel a cerca de um quilômetro e meio do parque e, recebendo informações do cocheiro, segui sozinho para a casa.

Ao entrar na alameda saindo da estrada principal, vi um homem, com uma bolsa de viagem, caminhando rapidamente à minha frente a caminho da casa do caseiro. Era um homenzinho vestido com roupas pretas surradas, e usando um chapéu muito grande. Eu o defini (tanto quanto fosse possível julgar) como um escriturário de um advogado, e parei na mesma hora para aumentar a distância entre nós. Ele não me havia ouvido; e continuou a andar até desaparecer de vista, sem olhar para trás. Quando eu passei pelos portões, um pouquinho depois, não era possível vê-lo — ele evidentemente havia prosseguido para a casa.

Havia duas mulheres na casa do caseiro. Uma delas era velha; a outra, eu soube na mesma hora, pela descrição dela feita por Marian, que era Margaret Porcher.

Perguntei em primeiro lugar se Sir Percival estava no parque; e, recebendo uma resposta negativa, perguntei em seguida quando ele havia partido. Nenhuma das mulheres foi capaz de me dizer nada além de que ele havia partido no verão. Não consegui arrancar nada de Margaret Porcher além de sorrisos vagos e acenos com a cabeça. A mulher velha era um pouquinho mais inteligente; e consegui fazê-la falar sobre o modo como Sir Percival partira, e do susto que isso lhe causara. Ela se lembrava do patrão a arrancando da cama, e se lembrava de ele tê-la assustado com uma maldição — porém a data em que isso havia ocorrido estava, como ela honestamente

reconheceu, “muito longe de seu alcance.”

Ao partir da casa do caseiro, vi o jardineiro trabalhando, não muito longe. Quando comecei a falar com ele, ele me olhou bastante desconfiado; mas, quando mencionei o nome da Sra. Michelson, com uma referência educada a ele próprio, ele começou a conversar com muita prontidão. Não é necessário descrever o que se passou entre nós: tudo terminou, assim como as minhas outras tentativas de descobrir a data haviam terminado. O jardineiro sabia que o seu patrão havia partido à noite, “em julho, na última quinzena, ou nos últimos dez dias do mês” — e não sabia mais nada.

Enquanto estávamos conversando, eu vi o homem de preto, com o chapéu grande, sair da casa, e ficar parado a pouca distância, nos observando.

Certas suspeitas relacionadas à incumbência dele em Blackwater Park já haviam passado pela minha cabeça. Elas foram então intensificadas com a incapacidade (ou falta de vontade) do jardineiro de me dizer quem era o homem; e me resolvi a esclarecer a situação, se possível, falando com ele. A pergunta mais simples que eu poderia fazer, sendo um desconhecido, seria se visitantes tinham permissão de visitar a casa. Eu me dirigi a ele na mesma hora, e o abordei com essa pergunta.

O olhar e os modos dele deixaram transparecer claramente que ele sabia quem eu era e desejava me irritar e me levar a brigar com ele. A sua resposta foi insolente o bastante para ter atingido esse propósito, se eu estivesse menos determinado a me controlar. Assim sendo, eu lhe respondi com a mais resoluta cortesia; pedi-lhe desculpas por minha intromissão involuntária (a que ele chamou de “invasão”), e saí da propriedade. Havia ocorrido exatamente conforme eu suspeitava. O fato de eles terem me reconhecido, quando saí do escritório do Sr. Kyrle, fora evidentemente comunicado a Sir Percival Glyde; e o homem de preto havia sido mandado ao parque, já prevendo que eu faria perguntas na propriedade ou nas vizinhanças. Se eu tivesse lhe dado a menor chance de fazer qualquer tipo de reclamação legal contra mim, a interferência do magistrado local sem dúvida teria sido usada como um empecilho para os meus procedimentos, e um modo de me separar de Marian e de Laura por pelo menos alguns dias.

Eu estava preparado para ser vigiado no caminho de Blackwater até a estação, exatamente como havia sido vigiado em Londres no dia anterior. Porém, não consegui descobrir na época, e não descobri desde então, se realmente fui ou não seguido nessa ocasião. O homem de preto poderia ter, à sua disposição, meios de me vigiar dos quais eu não tivesse conhecimento — mas eu certamente não tive notícias dele, nem a caminho da estação e nem depois de minha chegada ao terminal de Londres, à noite. Cheguei à casa a pé; tomando a precaução, antes de me aproximar de nossa porta, de passar pela

rua mais solitária das vizinhanças, e de parar e olhar para trás mais de uma vez para o espaço aberto às minhas costas. Eu havia aprendido a usar essa estratégia contra a suspeita de traição nos ermos da América Central — e agora o estava usando de novo, com o mesmo propósito e com cautela ainda maior, no coração da Londres civilizada!

Nada havia acontecido para assustar Marian durante a minha ausência. Ela perguntou, ansiosa, se eu havia tido algum sucesso. Quando lhe contei, ela não conseguiu dissimular sua surpresa com a indiferença com que eu falei do fracasso das minhas investigações até o momento.

Na verdade, o fracasso das minhas indagações não havia me desencorajado. Eu as havia feito como uma questão de dever, e nada havia esperado delas. Em meu estado de espírito, na ocasião, era quase um alívio, para mim, saber que a luta estava então circunscrita a um jogo de forças entre mim e Sir Percival Glyde. O motivo da vingança havia se misturado, esse tempo todo, com meus outros — e melhores — motivos; e confesso que era uma satisfação, para mim, sentir que o caminho mais seguro — o único caminho restante — de defender a causa de Laura era o de, com todas as minhas forças, agarrar o vilão que se casara com ela.

Embora eu reconheça que não era forte o suficiente para manter os meus motivos acima desse instinto de vingança, por outro lado, posso honestamente dizer algo a meu favor. Nenhuma vil especulação relacionada ao futuro relacionamento entre mim e Laura, e aos acordos particulares e pessoais que eu poderia arrancar de Sir Percival se um dia eu o tivesse à minha mercê, jamais passaram pela minha mente. Eu nunca disse para mim mesmo, “Se eu for bem-sucedido, será um resultado de meu sucesso eu impedir que o esposo dela a afaste de mim de novo.” Eu não era capaz de olhar para ela e pensar no futuro com ideias como essas. A triste constatação da mudança ocorrida nela em relação ao que ela era antes fez do único interesse do meu amor um interesse de ternura e de compaixão, que o pai ou o irmão dela poderiam ter sentido, e que eu sentia, Deus o sabe, no mais fundo do meu coração. Todas as minhas esperanças não iam mais além, então, que o dia da recuperação dela. Nesse ponto, até ela estar forte de novo, e feliz de novo — nesse ponto, até ela poder olhar para mim como havia olhado outrora, e falar comigo como havia falado outrora — o futuro dos meus pensamentos mais felizes e dos meus mais caros desejos terminava.

Essas palavras não são escritas sob um impulso de uma ociosa autocontemplação. Trechos nesta narrativa logo surgirão, os quais farão com que outras pessoas julguem a minha conduta. É justo que o melhor e o pior de mim fossem equitativamente sopesados, antes desse momento.

Na manhã após o meu retorno de Hampshire, levei Marian ao andar de

cima, em meu local de trabalho; e lá lhe apresentei o plano que eu havia elaborado, até então, para ter controle sobre o único ponto fraco na vida de Sir Percival.

O caminho para o Segredo se encontrava em meio ao mistério, até então impenetrável, para todos nós, da mulher de branco. Abordá-lo, por sua vez, poderia ser possível obtendo a assistência da mãe de Anne Catherick; e o único meio garantido de levar a Sra. Catherick a agir ou a se pronunciar sobre a questão dependia da chance de eu descobrir detalhes locais e detalhes familiares, em primeiro lugar, com a Sra. Clements. Eu havia refletido muito sobre o assunto; e tinha a certeza de que novas investigações poderiam ser começadas entrando em contato com a fiel amiga e protetora de Anne Catherick.

A primeira dificuldade, então, era encontrar a Sra. Clements.

Eu fui grato à inteligência viva de Marian para resolver a questão pelo melhor meio, e o mais simples. Ela se ofereceu para escrever à propriedade rural perto de Limmeridge (Todd's Corner), para perguntar se a Sra. Clements havia se comunicado com a Sra. Todd nos últimos meses. Como a Sra. Clements havia sido separada de Anne, nós não poderíamos dizer; mas a separação tendo acontecido, certamente ocorreria à Sra. Clements indagar a respeito da mulher desaparecida nas vizinhanças do local, acima de todos os outros, ao qual ela era apegada — as vizinhanças de Limmeridge. Eu vi na hora que a proposta de Marian nos oferecia uma perspectiva de sucesso; e, assim sendo, ela mandou uma carta para a Sra. Todd no correio daquele dia.

Enquanto esperávamos pela resposta, eu me inteirei de todas as informações que Marian poderia oferecer sobre a família de Sir Percival e a vida pregressa dele. Ela só podia falar desses assuntos por ter ouvido falar neles; mas tinha bastante certeza da veracidade do pouco que tinha a dizer.

Sir Percival era filho único. Seu pai, Sir Felix Glyde, havia sofrido, desde o nascimento, com uma deformidade dolorosa e incurável, e evitado todo contato social desde a juventude. Sua única felicidade era desfrutar da música, e ele havia se casado com uma senhora com gostos semelhantes, e de quem se dizia que era uma musicista de talento. Ele havia herdado Blackwater Park quando ainda era jovem. Nem ele nem a esposa, depois de tomarem posse, fizeram qualquer tentativa de frequentar a sociedade das vizinhanças; e ninguém se esforçou para fazê-los abandonar a sua reserva, com a única e desastrosa exceção do pároco da paróquia.

O pároco era a pior de todas as pessoas que criam confusão sem querer — um homem extremamente zeloso. Ele havia ouvido dizer que Sir Felix havia saído da Universidade com a pecha de ser pouco melhor que um revolucionário quanto à política e um infiel quanto à religião; e chegou,

conscientiosamente, à conclusão de que era seu dever convocar o senhor do solar para ouvir sensatos pontos de vista pronunciados na igreja da paróquia. Sir Felix se ressentiu demais da interferência bem-intencionada, porém mal dirigida, do clérigo; insultando-o de modo tão grosseiro e público, que todas as famílias da vizinhança enviaram cartas com censuras indignadas ao parque; e até mesmo os arrendatários da propriedade Blackwater manifestaram a sua opinião com tanta veemência quanto eles ousaram. O baronete, que não tinha o menor gosto pela vida no campo, e não era apegado à propriedade, ou a qualquer pessoa que lá vivesse, declarou que a sociedade em Blackwater Park nunca teria uma segunda chance de aborrecê-lo, e partiu de lá imediatamente.

Depois de uma curta permanência em Londres, ele e a esposa partiram para o Continente, e nunca mais voltaram para a Inglaterra. Eles viveram parte do tempo na França, e parte na Alemanha — sempre se mantendo na mais estrita reclusão que a consciência mórbida de sua deformidade pessoal havia tornado uma necessidade para Sir Felix. O filho deles, Percival, havia nascido no estrangeiro e sido educado por professores particulares. A mãe foi o primeiro dos genitores que ele perdeu. O pai morreu alguns anos depois dela, em 1825 ou em 1826. Sir Percival havia estado na Inglaterra, quando jovem, uma ou duas vezes antes desse período; mas o seu relacionamento com o falecido Sr. Fairlie não começou senão depois do período da morte do pai. Eles logo ficaram muito amigos, embora Sir Percival raramente, ou nunca, estivesse na Mansão de Limmeridge naqueles tempos. O Sr. Frederick Fairlie poderia tê-lo encontrado uma ou duas vezes na companhia do Sr. Philip Fairlie; mas ele não poderia ter grande conhecimento dele naquele período ou em qualquer outro. O único amigo íntimo de Sir Percival na família Fairlie havia sido o pai de Laura.

Esses eram todos os detalhes que eu poderia saber de Marian. Eles não sugeriam nada que fosse útil para meu presente propósito, mas tomei nota deles cuidadosamente, caso eles demonstrassem ser importantes em qualquer momento futuro.

A resposta da Sra. Todd (endereçada, segundo nosso desejo, a uma postarrestante a certa distância de nossa casa) havia chegado ao seu destino quando fui buscá-la. As chances, que tinham ficado todas contra nós até então, se voltaram, a partir desse momento, ao nosso favor. A carta da Sra. Todd continha a primeira informação que nós buscávamos.

A Sra. Clements, ao que parecia, tinha (como nós havíamos conjecturado) escrito para Todd's Corner; em primeiro lugar, pedindo desculpas pelo modo abrupto como ela e Anne haviam abandonado os seus amigos na propriedade rural (na manhã depois de eu ter encontrado a mulher de branco no adro da igreja de Limmeridge); e então informando a Sra. Todd sobre o

desaparecimento de Anne, e suplicando que ela mandasse fazer perguntas nas vizinhanças, caso a mulher perdida pudesse ter retornado a Limmeridge. Ao fazer esse pedido, a Sra. Clements tivera o cuidado de acrescentar o endereço no qual sempre se teriam notícias dela; e esse endereço a Sra. Todd então informou a Marian. Era em Londres; e a meia hora de caminhada de nossa própria residência.

De acordo com o provérbio, eu não iria deixar para depois o que se pode fazer agora. Na manhã seguinte, parti para procurar a Sra. Clements e conversar com ela. Esse foi o meu primeiro passo adiante na investigação. A história da desesperada tentativa com a qual eu estava comprometido começa aqui.

VI

O ENDEREÇO informado pela Sra. Todd me levou a uma pensão, situada em uma rua respeitável perto de Gray's-Inn-road.

Quando bati à porta, ela foi aberta pela própria Sra. Clements. Ela não pareceu se lembrar de mim; e me perguntou o que eu desejava. Eu lembrei o nosso encontro no adro da igreja de Limmeridge, no fim da minha conversa com a mulher de branco, tomando o cuidado especial de lembrar-lhe que eu havia sido a pessoa que ajudara Anne Catherick (conforme a própria Anne declarara) a fugir da perseguição do pessoal do Sanatório. Esse era o único ponto que me conquistaria a confiança da Sra. Clements. Ela se lembrou da circunstância no momento em que a mencionei; e me convidou a entrar na sala de estar, na maior ansiedade para saber se eu havia lhe levado quaisquer notícias de Anne.

Para mim, era impossível dizer-lhe toda a verdade, sem, ao mesmo tempo, entrar em detalhes sobre o assunto da conspiração, o que teria sido perigoso confiar a uma pessoa desconhecida. Eu só poderia me abster de, com o maior cuidado, levantar quaisquer falsas esperanças, e então explicar que o objetivo de minha visita era o de descobrir as pessoas realmente responsáveis pelo desaparecimento de Anne. Até acrescentei, de modo a me exonerar de qualquer censura posterior de minha própria consciência, não ter a menor esperança de poder encontrar Anne; acreditar que nós nunca a veríamos com vida novamente; e que meu principal interesse no caso era o de punir os dois homens que eu suspeitava serem responsáveis por terem levado Anne, e em cujas mãos eu e algumas caras amigas minhas havíamos sofrido uma grande injustiça. Com essa explicação, deixei que a Sra. Clements dissesse se o nosso interesse pelo assunto (fossem quais fossem as diferenças nos motivos que nos impulsionavam) não era o mesmo; e se ela sentia qualquer relutância em me ajudar dando-me informações sobre o assunto de minhas perguntas que ela

por acaso tivesse.

A pobre mulher estava, a princípio, muito confusa e agitada para compreender bem o que eu lhe disse. Ela só conseguiu responder que eu ouviria tudo que ela pudesse me dizer em retribuição à gentileza que eu havia mostrado para com Anne. Mas, como ela não era muito sagaz e apta, nas melhores circunstâncias, para conversar com desconhecidos, ela me pediria que eu a colocasse no caminho certo, dizendo onde eu desejava começar.

Sabendo por experiência que a narrativa mais direta obtida das pessoas que não estão acostumadas a organizar as suas ideias é a narrativa que retrocede até o começo para evitar todos os percalços da retrospectiva em seu caminho, pedi à Sra. Clements que me dissesse, em primeiro lugar, o que havia acontecido depois de ela deixar Limmeridge; e então, com perguntas cuidadosas, levá-la de um ponto a outro até chegarmos ao período do desaparecimento de Anne.

O cerne das informações que obtive desse modo era o seguinte:

Ao partir de Todd's Corner, a Sra. Clements e Anne haviam viajado, naquele dia, até Derby; e lá permanecido uma semana, por causa de Anne. Elas haviam então ido até Londres, e lá vivido nos aposentos ocupados pela Sra. Clements na época, por um mês ou mais, quando circunstâncias relacionadas à casa e ao senhorio haviam-nas forçado a mudar de residência. O pavor de Anne de ser descoberta em Londres ou nas suas redondezas, sempre que elas se aventuravam a sair, gradualmente se transmitira à Sra. Clements; e ela havia se resolvido se mudar para um dos locais mais isolados na Inglaterra, a cidadezinha de Grimsby, em Lincolnshire, onde o seu falecido marido passara o começo de sua vida. Os parentes dele eram pessoas respeitáveis estabelecidas na cidadezinha; eles sempre haviam tratado a Sra. Clements com muita gentileza; e ela achou impossível fazer algo melhor do que ir para lá, e se aconselhar com a família do marido. Anne não queria nem ouvir falar de voltar para a casa da mãe em Welmingham, porque ela havia sido mandada de lá para o Sanatório, e porque Sir Percival certamente iria voltar lá e a encontraria de novo. Havia um motivo justo nessa objeção, e a Sra. Clements achou que ele não seria facilmente removido.

Em Grimsby, os primeiros sintomas sérios de doença haviam aparecido em Anne. Eles apareceram logo depois de a notícia do casamento de Lady Glyde ter sido publicada nos jornais e chegar até Anne por esse meio.

O médico que foi chamado para cuidar da doente descobriu na hora que ela estava sofrendo de uma séria doença cardíaca. A doença foi prolongada, deixou-a muito fraca, e voltava de tempos em tempos, embora com menor intensidade. As duas mulheres permaneceram em Grimsby, como consequência, durante a primeira metade do ano novo; e lá poderiam ter

ficado por muito mais tempo, não fosse pela decisão repentina de Anne de se aventurar a voltar a Hampshire, com o objetivo de conseguir uma conversa particular com Lady Glyde.

A Sra. Clements fez tudo ao seu alcance para se opor à execução desse projeto arriscado e incompreensível. Nenhuma explicação de seus motivos foi dada por Anne, a não ser ela acreditar que o dia de sua morte não estivesse muito distante, e ela ter algo em mente que precisaria ser comunicado a Lady Glyde, a qualquer custo, em segredo. Sua decisão de realizar esse desejo estava tão firmemente estabelecida, que ela declarou a sua intenção de ir sozinha a Hampshire, se a Sra. Clements pusesse qualquer objeção a ir com ela. O médico, ao ser consultado, foi da opinião de que uma oposição ferrenha aos desejos dela iria, com toda a probabilidade, produzir outro, e talvez fatal, ataque da doença; e a Sra. Clements, ouvindo esse conselho, cedeu à necessidade e, uma vez mais, com tristes presságios de problemas e de perigos vindouros, permitiu que Anne Catherick fizesse a sua vontade.

Na viagem de Londres a Hampshire, a Sra. Clements descobriu que uma de suas companheiras de viagem conhecia bem a vizinhança de Blackwater, e lhe poderia dar todas as informações de que ela precisava sobre a localidade. Desse modo, ela descobriu que o único lugar para onde elas poderiam ir que não ficasse perigosamente perto da casa de Sir Percival era uma cidadezinha chamada Sandon. A distância de lá até Blackwater Park era de uns quatro quilômetros e meio a seis quilômetros e meio — e essa distância, e de volta, Anne havia andado, em cada ocasião em que aparecera nas cercanias do lago.

Durante os poucos dias em que estiveram em Sandon sem serem descobertas, elas haviam morado um bocadinho afastadas da cidadezinha, no chalé de uma viúva respeitável, que tinha um quarto para alugar, e cujo discreto silêncio a Sra. Clements havia dado tudo de si para garantir, pelo menos durante a primeira semana. Ela também havia tentado com todas as forças induzir Anne a se contentar em escrever para Lady Glyde, a princípio. Mas o fracasso da advertência contida na carta anônima enviada a Limmeridge havia deixado Anne resolvida a falar dessa vez, e obstinada na determinação de ir sozinha em sua missão.

A Sra. Clements, não obstante, seguiu-a em segredo em cada ocasião quando ela foi ao lago — sem, entretanto, se arriscar a se aproximar o bastante do abrigo para barcos para testemunhar o que aconteceu lá. Quando Anne voltou pela última vez da perigosa vizinhança, o cansaço de caminhar, dia após dia, distâncias que eram grandes demais para as suas forças, somado ao efeito esgotante da agitação que ela havia sofrido, produziu o resultado que a Sra. Clements havia temido o tempo todo. A velha dor na altura do coração, e os outros sintomas da doença em Grimsby retornaram; e Anne ficou

confinada à sua cama no chalé.

Nessa emergência, a primeira necessidade, conforme a Sra. Clements sabia por experiência, era tentar acalmar a ansiedade de Anne; e, com esse propósito, a boa mulher foi pessoalmente no dia seguinte ao lago, para ver se conseguiria encontrar Lady Glyde (que, com certeza, como Anne disse, faria a sua caminhada diária ao abrigo para barcos), e insistir com ela para que fosse em segredo ao chalé perto de Sandon. Ao se aproximar do terreno com os abetos cultivados, a Sra. Clements havia se encontrado, não com Lady Glyde, mas com um cavalheiro alto, corpulento e idoso com um livro nas mãos — em outras palavras, o Conde Fosco.

O Conde, depois de examiná-la com atenção por um momento, perguntou se ela esperava encontrar alguém naquele local; e acrescentou, antes de ela poder responder, que ele estava esperando lá com uma mensagem de Lady Glyde, mas não tinha certeza se a pessoa que estava na sua frente correspondia à descrição da pessoa com quem queriam que ele se comunicasse.

Com isso, a Sra. Clements na hora mencionou a sua incumbência para ele, e suplicou-lhe que ajudasse a acalmar a ansiedade de Anne confiando-lhe a mensagem dele para ela. O Conde, com muita prontidão e gentileza, concordou com o pedido. A mensagem, ele disse, era muito importante. Lady Glyde suplicava a Anne e a sua boa amiga que retornassem imediatamente para Londres, pois ela estava certa de que Sir Percival iria descobri-las, se elas ficassem por mais tempo nas vizinhanças de Blackwater. Ela própria iria para Londres em pouco tempo; e se a Sra. Clements e Anne pudessem ir para lá antes, e informassem o endereço delas, teriam notícias dela, e a veriam, em uma quinzena, ou menos. O Conde acrescentou que ele já havia tentado dar um conselho amistoso à própria Anne, mas ela havia ficado assustada demais, ao ver que ele era um desconhecido, para permitir que ele se aproximasse e falasse com ela.

A essas palavras, a Sra. Clements retrucou, com o maior abalo e aflição, que não desejava nada melhor do que levar Anne em segurança a Londres, mas não havia esperanças de tirá-la daquela vizinhança perigosa, por ela estar acamada, doente, naquele momento. O Conde perguntou se a Sra. Clements havia procurado ajuda médica; e, ouvindo que ela havia até aquele momento hesitado em fazê-lo, devido ao medo de tornar a situação delas conhecida de todos na cidadezinha, informou que ele próprio era médico, e que ele iria com ela, se ela desejasse, e veria o que poderia ser feito por Anne. A Sra. Clements (sentindo uma natural confiança no Conde, como uma pessoa a quem fora confiada uma mensagem secreta de Lady Glyde), aceitou a oferta com gratidão; e eles voltaram juntos ao chalé.

Anne estava adormecida quando eles chegaram lá. O Conde ficou sobressaltado ao vê-la (evidentemente espantado com a semelhança dela com Lady Glyde). A pobre Sra. Clements supôs que ele só havia ficado chocado ao ver quão doente ela estava. Ele não permitiu que ela fosse acordada; ele se satisfez fazendo perguntas à Sra. Clements sobre os sintomas de Anne, olhando-a e tocando com delicadeza o seu pulso. Sandon era um local grande o suficiente para ter um merceiro e um boticário; e para lá o Conde se dirigiu, para escrever a sua receita e mandar preparar o remédio. Ele o trouxe pessoalmente; disse para a Sra. Clements que o remédio era um poderoso estimulante e certamente daria a Anne forças para se levantar e suportar a fadiga de uma viagem de apenas poucas horas até Londres. O remédio deveria ser administrado em horas determinadas, naquele dia e no dia seguinte. No terceiro dia, ela estaria bem o suficiente para viajar; e ele combinou de se encontrar com a Sra. Clements na estação de Blackwater, e vê-las partindo no trem do meio-dia. Se elas não aparecessem, ele iria supor que Anne estava pior e iria imediatamente para o chalé.

Entretanto, nenhuma emergência desse tipo aconteceu.

O remédio teve um efeito extraordinário em Anne, e seus bons resultados foram ajudados pela garantia que a Sra. Clements poderia então lhe dar de que ela logo veria Lady Glyde em Londres. No dia e no horário indicados (quando não haviam passado, no total, nem uma semana em Hampshire), elas chegaram à estação. O Conde estava à espera delas lá, e estava conversando com uma senhora idosa, que aparentava ir viajar no trem para Londres também. Ele, com muita gentileza, ajudou-as e as colocou pessoalmente no vagão, suplicando à Sra. Clements que não se esquecesse de enviar o endereço para Lady Glyde. A senhora idosa não viajou no mesmo compartimento; e elas não viram o que aconteceu com ela quando chegaram ao terminal em Londres. A Sra. Clements reservou aposentos respeitáveis em um bairro tranquilo; e então escreveu, como havia se comprometido a fazer, para informar a Lady Glyde o endereço.

Pouco mais de uma quinzena se passou, e nenhuma resposta veio.

No fim desse período, uma senhora (a mesma senhora idosa a quem elas haviam visto na estação) apareceu em um cabriolé, e disse vir da parte de Lady Glyde, que estava então em um hotel em Londres, e desejava ver a Sra. Clements com o intuito de combinar uma futura conversa com Anne. A Sra. Clements manifestou a sua aquiescência (Anne estando presente na ocasião, e suplicando-lhe que fosse) para prestar auxílio, especialmente por ela não precisar ficar longe da casa por mais que meia hora, no máximo. Ela e a senhora idosa (certamente Madame Fosco) então partiram no cabriolé. A senhora deteve o cabriolé, depois de ele ter percorrido certa distância, em uma

loja, antes de elas irem ao hotel; e suplicou à Sra. Clements que esperasse por ela uns minutos, enquanto ela fazia uma compra de que havia se esquecido. Ela nunca mais retornou.

Depois de esperar certo tempo, a Sra. Clements ficou assustada, e ordenou ao condutor do cabriolé que voltasse para seus aposentos. Quando ela chegou lá, depois de uma ausência de bem mais que meia hora, Anne havia desaparecido.

A única informação obtida dos moradores da casa foi dada pela empregada que atendia os inquilinos. Ela havia aberto a porta a um menino da rua, que havia deixado uma carta para “a moça que vivia no segundo andar” (a parte da casa ocupada pela Sra. Clements). A empregada entregara a carta; então havia descido para o outro andar; e, cinco minutos depois, viu Anne abrir a porta da frente e sair, vestida com sua touca e xale. Ela provavelmente havia levado a carta; pois ela não foi encontrada; e, por isso, era impossível dizer qual encorajamento havia sido oferecido para fazê-la sair da casa. Deve ter sido algo imperioso — pois ela nunca sairia sozinha em Londres por conta própria. Se a Sra. Clements não tivesse sabido disso por experiência, nada a teria induzido a sair no cabriolé, até mesmo por um período tão curto de tempo como apenas meia hora.

Assim que ela conseguiu raciocinar, a primeira ideia que naturalmente lhe ocorreu foi a de ir fazer perguntas no Sanatório, ao qual ela temia que Anne tivesse sido levada de volta.

Ela foi lá no dia seguinte — tendo sido informada da localização da casa pela própria Anne. A resposta que ela recebeu (sua visita tendo, com toda a probabilidade, sido feita um ou dois dias antes de a falsa Anne Catherick ser confinada no Sanatório) era a de que tal pessoa não havia sido levada de volta para lá. Ela havia então escrito para a Sra. Catherick, em Welmingham, para saber se ela havia visto a filha, ou tido notícias dela, e recebido uma resposta negativa. Depois de essa resposta ter chegado às suas mãos, ela estava com as mãos atadas, não sabia onde mais indagar, ou o que mais fazer. A partir daquele momento até agora, ela permanecera na total ignorância da causa do desaparecimento de Anne, e do fim da sua histórias.

VII

ATÉ ENTÃO, as informações que eu havia recebido da Sra. Clements — embora estabelecessem fatos dos quais eu não tinha ciência antes — eram somente de caráter preliminar.

Estava claro que a série de engodos que havia removido Anne Catherick para Londres e a separado da Sra. Clements havia sido levada a cabo apenas pelo Conde e pela Condessa; e o questionamento se qualquer parte da conduta

do marido ou da esposa havia sido do tipo que colocasse um dos dois ao alcance da lei poderia valer considerações futuras. Porém, o propósito que eu tinha então em mente me levava a uma direção diferente. O objetivo imediato de minha visita à Sra. Clements era o de fazer pelo menos uma tentativa de descobrir o segredo de Sir Percival; e ela ainda não havia dito nada que me fizesse progredir em meu caminho rumo a esse importante fim. Senti a necessidade de tentar despertar as recordações dela de outros tempos, outras pessoas e outros acontecimentos além daqueles em que sua memória havia até então se detido; e, quando eu falei em seguida, falei tendo esse objetivo indiretamente em vista.

— Gostaria de poder ajudar a senhora de alguma forma nessa triste contingência — eu disse. — Tudo que posso fazer é lamentar profundamente a sua aflição. Se Anne tivesse sido sua própria filha, Sra. Clements, a senhora não poderia ter-lhe demonstrado uma maior bondade... A senhora não poderia ter estado mais pronta a se sacrificar por amor a ela.

— Não há grande mérito nisso, senhor — disse a Sra. Clements, com simplicidade. — A pobrezinha era praticamente uma filha para mim. Cuidei dela desde bebê, alimentando-a com a mamadeira; e foi difícil criá-la. Não me doeria tanto perdê-la, se eu não tivesse feito os primeiros vestidinhos dela, e a ensinado a andar. Eu sempre disse que ela havia sido mandada para me consolar por nunca ter tido um filho. E agora que ela está perdida, os velhos tempos ficam voltando à minha lembrança; e até na minha idade eu não consigo deixar de chorar por causa dela... não consigo mesmo, senhor!

Eu esperei um pouquinho para dar tempo à Sra. Clements para se acalmar. Estaria a luz pela qual eu esperara por tanto tempo brilhando sobre mim, ainda tão distante, nas recordações da boa mulher sobre o início da vida de Anne?

— A senhora conhecia a Sra. Catherick antes de Anne nascer? — perguntei.

— Não por muito tempo, senhor; não por mais de quatro meses. Nós nos vimos bastante nessa época, mas nunca fomos muito amigas.

Sua voz estava mais firme ao dar essa resposta. Dolorosas como poderiam ser algumas de suas recordações, observei que era, inconscientemente, um alívio para a sua mente reverter aos indistintos problemas do passado, depois de se deter por tanto tempo nos vívidos pesares do presente.

— A senhora e a Sra. Catherick eram vizinhas? — eu perguntei, incitando a memória dela, do modo mais encorajador de que fui capaz.

— Oh, sim... vizinhas em Old Welmingham.

— *Old Welmingham*? Há dois lugares com esse nome, então, em Hampshire?

— Bem, senhor, costumava haver naqueles tempos, há bem mais de vinte

e três anos. Eles construíram uma nova cidade, a uns três quilômetros de distância, mais perto do rio... e Old Welmingham, que nunca foi muito mais que um vilarejo, com o tempo ficou deserta. A nova cidadezinha é o lugar que eles chamam de Welmingham agora; mas a velha igreja da paróquia ainda é a igreja paroquial. Ela está isolada, com as casas derrubadas ou deixadas à ruína, em volta dela. Eu vivi para testemunhar mudanças tristes. Era um lugar agradável e bonito, na minha época.

— A senhora vivia lá antes de se casar, Sra. Clements?

— Não, senhor; sou uma mulher de Norfolk. Não era o lugar onde meu marido nasceu, também. Ele era de Grimsby, como eu disse para o senhor; e ele passou lá o seu tempo de aprendiz. Mas, tendo amigos mais para o sul, e ouvindo falar de uma oportunidade, ele começou negócio em Southampton. Era um negócio pequeno, mas ele conseguiu o bastante para um homem simples se aposentar, e se estabeleceu em Old Welmingham. Fui para lá com ele, quando ele se casou comigo. Nenhum de nós era jovem, mas vivemos felizes, juntos... Mais felizes do que o nosso vizinho, o Sr. Catherick, viveu com a esposa, quando eles foram para Old Welmingham, um ou dois anos depois.

— Seu marido os conhecia antes disso?

— Conhecia o Catherick, senhor; não a esposa. Nenhum de nós dois a conhecia. Alguns cavalheiros haviam ajudado Catherick; e ele conseguiu o posto de diácono na igreja de Welmingham, e por isso ele se estabeleceu em nossa vizinhança. Ele levou a esposa, com quem havia acabado de se casar; e nós ouvimos falar, com o passar do tempo, que ela havia sido camareira de uma senhora em uma família que vivia em Varneck Hall, perto de Southampton. Catherick havia tido dificuldade para fazer com que ela se casasse com ele, porque ela se considerava muito superior. Ele havia pedido e pedido, e acabado por desistir, vendo que ela era tão contra a ideia. Quando ele *desistiu*, ela foi contra, do jeito oposto, e foi procurá-lo por conta própria, aparentemente sem o menor propósito. O meu pobre marido sempre dizia que aquela teria sido a hora de dar uma lição para ela. Mas Catherick gostava demais dela para fazer qualquer coisa desse tipo; ele nunca a contrariou, nem antes de se casarem, nem depois. Ele era um homem de gênio forte, permitindo que esse gênio o levasse longe demais, ora de um jeito, ora de outro; e teria estragado com mimos uma esposa melhor que a Sra. Catherick, se uma melhor tivesse se casado com ele. Não gosto de falar mal de ninguém, senhor; mas ela era uma mulher sem coração, com um temperamento horrível; gostava de uma admiração insensata e de boas roupas, e não se importava nem em mostrar um respeito superficial pelo Catherick, por mais que ele a tratasse sempre com delicadeza. Meu marido dizia que ele achava que as coisas não

acabariam bem, quando eles se mudaram para viver perto de nós, e suas palavras demonstraram ser verdade. Antes de eles terem estado quatro meses em nossa vizinhança, houve um escândalo pavoroso e um rompimento na casa deles. Ambos estavam errados... eu receio que os dois estivessem igualmente errados.

— A senhora quer dizer tanto o marido quanto a esposa?

— Oh, não, senhor! Não estou falando do Catherick... Só se podia sentir pena dele. Eu estava falando da esposa dele, e da pessoa...

— A pessoa que causou o escândalo?

— Sim, senhor. Um cavalheiro de nascimento e criação, que deveria ter dado um melhor exemplo. O senhor o conhece... e a pobre e querida Anne o conhecia bem demais.

— Sir Percival Glyde?

— Sim. Sir Percival Glyde.

Meu coração batia rapidamente — achei que estava com a chave nas mãos. Quão pouco eu sabia, então, dos meandros do labirinto que ainda iriam me enganar!

— Sir Percival vivia nas vizinhanças naquela época? — eu perguntei.

— Não, senhor. Ele apareceu entre nós como um desconhecido. O pai dele havia morrido, não fazia muito tempo, em um lugar do estrangeiro. Lembro que ele estava de luto. Ele se hospedou na pequena estalagem perto do rio (ela foi demolida desde então), onde os cavalheiros costumavam ir para pescar. Ninguém prestou muita atenção nele, quando ele apareceu; era algo muito comum que os cavalheiros viajassem, de todas as partes da Inglaterra, para pescar em nosso rio.

— Ele apareceu no vilarejo antes de Anne nascer?

— Sim, senhor. Anne nasceu em junho de mil oitocentos e vinte e sete; e eu acho que ele apareceu no fim de abril, ou no começo de maio.

— Apareceu como um desconhecido para todos? Um desconhecido para a Sra. Catherick, bem como para os demais vizinhos?

— Foi o que nós achamos, a princípio, senhor. Mas, quando se deu o escândalo, ninguém acreditava que eles não se conhecessem. Lembro como tudo aconteceu, tão bem como se tivesse sido ontem. Catherick apareceu em nosso jardim uma noite, e nos acordou jogando um punhado de cascalho em nossa janela. Eu o ouvi pedindo ao meu marido, pelo amor de Deus, para descer e conversar com ele. Eles ficaram um bom tempo juntos, conversando no pórtico. Quando o meu marido subiu, ele estava tremendo todo. Ele se sentou do lado da cama e me disse, “Lizzie! Eu sempre disse para você que aquela mulher era ruim; sempre disse que ela iria terminar mal... e receio, em

meus pensamentos, que o fim já tenha chegado. Catherick encontrou um punhado de lenços de renda e dois lindos anéis e um relógio de ouro com corrente, novos, escondidos na gaveta da esposa; coisas que ninguém a não ser uma dama de nascimento deveria ter, e a esposa não vai dizer como ela conseguiu aquilo.” “Ele acha que ela roubou?”, eu disse. “Não”, disse ele, “roubar seria muito ruim. Mas é pior que isso... ela não tinha chances de roubar umas coisas como aquelas, e ela não é mulher para roubar, se tivesse a chance. Essas coisas são presentes, Lizzie... tem as iniciais dela gravadas dentro do relógio; e Catherick a viu, conversando a sós, e agindo como nenhuma mulher casada deveria fazer, com aquele cavalheiro de luto, Sir Percival Glyde. Você não diga nada a respeito disso; eu acalmei Catherick por esta noite. Disse para ele ficar de boca fechada, e com os olhos e os ouvidos atentos, e esperar um ou dois dias, até ele poder ter toda certeza.” “Acho que vocês dois estão enganados”, eu disse. “Não é normal que a Sra. Catherick fosse ter um relacionamento com um desconhecido casual como Sir Percival Glyde, tranquila e respeitável como ela está aqui.” “Ai, mas ele *é* um desconhecido para ela?”, disse o meu marido. “Você se esquece de como a esposa do Catherick se casou com ele. Ela foi procurá-lo por conta própria, depois de dizer Não, uma vez depois da outra, quando ele a pediu em casamento. Tem havido mulheres imorais antes dela, Lizzie, que usaram homens honestos que as amavam como um meio de salvar a própria reputação; e receio muito que essa Sra. Catherick seja tão imoral como a pior delas. Nós vamos ver”, disse o meu marido, “vamos ver, e logo.” E, só dois dias depois, nós vimos mesmo.

A Sra. Clements esperou uns momentos antes de prosseguir. Até mesmo naquela hora, comecei a duvidar se a chave que eu pensava ter encontrado estivesse realmente me levando para o mistério central do labirinto, afinal de contas. Seria essa história comum, comum demais, da perfídia de um homem e da fraqueza de uma mulher a chave do segredo que havia sido o terror de toda a vida de Sir Percival Glyde?

— Bem, senhor, Catherick aceitou o conselho do meu marido, e esperou — prosseguiu a Sra. Clements. — E, como eu disse para o senhor, ele não precisou esperar muito. No segundo dia, ele encontrou a esposa e Sir Percival juntos, aos sussurros, com muita familiaridade, na sacristia da igreja. Suponho que eles achassem que lá perto da sacristia fosse o último lugar no mundo em que alguém iria pensar em procurar os dois; mas, como quer que tenha sido, lá estavam eles. Sir Percival, aparentemente surpreso e perturbado, se defendeu tão cheio de culpa, que o pobre Catherick (e eu já falei do mau gênio dele para o senhor) entrou em um tipo de frenesi por causa de sua própria desonra, e atacou Sir Percival. Ele não era (e eu lamento dizer isso) páreo para o homem que o havia enganado; e levou uma surra muito cruel, antes de os vizinhos,

que haviam ido para lá quando ouviram o tumulto, poderem entrar para separar os dois. Tudo isso aconteceu perto do anoitecer; e, antes de a noite cair, quando meu marido foi à casa de Catherick, ele havia ido embora, ninguém sabia para onde. Nenhuma criatura viva lá do vilarejo viu ele de novo. Ele sabia muito bem, naquelas alturas, qual havia sido o infame motivo para sua mulher se casar com ele; e sentiu sua infelicidade e sua desonra, ainda mais depois do que havia acontecido entre ele e Sir Percival, com muita força. O clérigo da paróquia colocou um aviso nos jornais, suplicando para ele voltar, e dizendo que ele não perderia perder o seu posto ou os seus amigos. Porém, Catherick tinha muito orgulho e espírito, como algumas pessoas diziam, sentimentos demais, eu acho, senhor, para enfrentar os vizinhos de novo, e tentar viver com a lembrança de sua desonra. Meu marido teve notícias dele, quando ele partiu da Inglaterra; e teve notícias uma segunda vez, quando ele estava estabelecido e prosperando, na América. Ele está vivo lá, tanto quanto eu saiba, mas nenhum de nós na velha pátria, a imoral esposa dele menos ainda, tem a possibilidade de tornar a colocar os olhos nele.

— O que aconteceu com Sir Percival? — perguntei. — Ele permaneceu nas redondezas?

— Ele é que não, senhor. O lugar estava ruim demais para ele. Ouviram ele discutindo com a Sra. Catherick na noite em que se deu o escândalo; e na manhã seguinte ele foi embora.

— E a Sra. Catherick? Com certeza ela não ficou no vilarejo, entre as pessoas que sabiam da desonra dela?

— Ela ficou, senhor. Ela era dura o suficiente, e desalmada o suficiente para desafiar a opinião de todos os vizinhos. Ela declarou para todos, do clérigo até o mais humilde morador, que era a vítima de um erro pavoroso, e que todos os criadores de escândalo da localidade não iriam colocar ela para fora como se fosse uma mulher culpada. Durante todo o tempo em que estive lá, ela viveu em Old Welmingham; e, depois de meu tempo, quando a nova cidade foi construída, e os vizinhos respeitáveis começaram a se mudar para lá, ela se mudou também, como se estivesse determinada a viver entre eles e a escandalizar todos eles até o fim. E lá ela está agora, e lá ela vai ficar, desafiando o melhor dentre eles, até o dia da sua morte.

— Mas, como ela viveu, esses anos todos? — eu perguntei. — O marido tinha condições de ajudá-la, e estava disposto a isso?

— Tinha condições e estava disposto, senhor — disse a Sra. Clements. — Na segunda carta que ele escreveu para o meu bom marido, ele disse que ela havia usado o nome dele, e vivido na casa dele; e que, imoral como era, ela não poderia morrer de fome como uma mendiga nas ruas. Ele tinha condição de dar uma pequena renda para ela, e ela poderia retirá-la de três em três

meses, em um lugar em Londres.

— E ela aceitou a renda?

— Nem um tostão dela, senhor. Ela disse que nunca iria dever a Catherick um tostão que fosse, nem que ela vivesse até os cem anos. E ela manteve a palavra desde então. Quando meu pobre e caro marido morreu e deixou tudo para mim, a carta de Catherick foi colocada nas minhas mãos, com as outras coisas; e eu disse para ela que me informasse se algum dia precisasse de alguma coisa. “Eu vou deixar a Inglaterra inteira saber se eu precisar”, ela disse, “antes que eu diga para o Catherick, ou para algum amigo de Catherick. Aceite isso como resposta... e dê a *ele* como resposta, se ele escrever de novo.”

— A senhora acha que ela teria dinheiro próprio?

— Muito pouco, e se tivesse, senhor. Diziam, e diziam a verdade, eu receio, que o dinheiro para ela viver provinha, em segredo, de Sir Percival Glyde.

Depois dessa última resposta, esperei um pouco, para pensar no que havia ouvido. Se eu aceitasse sem reservas a história até então, ficaria então claro que nenhuma abordagem, direta ou indireta, ao Segredo, me havia sido revelada, e que a busca de meu objetivo havia terminado deixando-me de novo cara a cara com o mais palpável e o mais desencorajador fracasso.

Mas havia um ponto na narrativa que havia me feito questionar a validade de aceitá-la sem reservas, e sugeria a ideia de algo escondido sob a superfície.

Eu não conseguia justificar para mim mesmo a circunstância de a esposa culpada do diácono voluntariamente passando toda a sua existência no cenário de sua desonra. A afirmação da própria mulher de que ela havia adotado esse estranho procedimento como uma asseveração prática de sua inocência não me satisfazia. A mim me parecia mais natural e mais provável supor que ela não fosse uma participante tão totalmente livre nessa questão quanto ela própria afirmara. Nesse caso, quem seria a pessoa com maior probabilidade de ter o poder de forçá-la a permanecer em Welmingham? A pessoa de quem ela, inquestionavelmente, recebia o meio de subsistência. Ela havia recusado auxílio do marido; não tinha recursos próprios; era uma mulher sem amigos e desonrada: de qual fonte ela obteria auxílio se não fosse a fonte apontada pelo relato — Sir Percival Glyde?

Raciocinando com base nessas suposições, e sempre tendo em mente o único fato certo a me guiar, que a Sra. Catherick estava na posse do Segredo, eu facilmente compreendi que era interesse de Sir Percival mantê-la em Welmingham, porque o temperamento dela naquele lugar com certeza a isolaria de todo o contato com as vizinhas, e não lhe daria oportunidades de

falar sem cautela, em uma conversa com inquisitivas amigas íntimas. Mas, qual seria o mistério a ser escondido? Não a infame conexão de Sir Percival com a desonra da Sra. Catherick — pois os vizinhos eram exatamente as pessoas que sabiam disso. Não a suspeita de que ele fosse o pai de Anne — pois Welmingham era o local onde essa suspeita deveria inevitavelmente existir. Se eu aceitasse a aparência de culpa descrita para mim, tão sem reservas quanto outras pessoas as aceitaram, se eu tirasse delas a mesma conclusão superficial que o Sr. Catherick e todos os vizinhos dele haviam tirado — onde estava a sugestão, em tudo o que eu havia ouvido, de um segredo perigoso entre Sir Percival e a Sra. Catherick, que havia sido mantido escondido desde aquela época até o presente?

E, no entanto, naqueles encontros furtivos, naqueles sussurros familiares entre a esposa do diácono e “o cavalheiro de luto”, encontrava-se a chave para a descoberta, sem a menor dúvida.

Seria possível que as aparências, nesse caso, tivessem apontado para um lado, enquanto a verdade se encontrasse, o tempo todo, ignorada, em outra direção? Poderia a afirmação da Sra. Catherick, de que ela era vítima de um erro pavoroso, ter qualquer possibilidade de ser verdade? Ou, considerando-a falsa, poderia a conclusão que associava Sir Percival à culpa dela ter sido baseada em algum erro inconcebível? Teria Sir Percival, de algum modo, favorecido a suspeita que era errada, para desviar de si mesmo outra suspeita que pudesse estar correta? Neste ponto, se eu pudesse descobri-lo — nele se localizava o acesso ao Segredo, profundamente escondido sob a superfície da história aparentemente não promissora que eu havia acabado de escutar.

Minhas perguntas seguintes foram então direcionadas com o intuito de verificar se o Sr. Catherick havia, ou não, chegado à conclusão da má conduta de sua esposa com base na verdade. As respostas que recebi da Sra. Clements não me deixaram com dúvidas a esse ponto. A Sra. Catherick havia claramente comprometido a sua reputação, enquanto era solteira, com alguma pessoa desconhecida; e havia se casado para se salvar. Havia sido verificado, com cálculos de tempo e de local, nos quais não preciso me deter em detalhes, que a filha que levava o nome do marido não era filha do marido dela.

O tema seguinte das investigações, se era igualmente certo que Sir Percival deveria ser o pai de Anne, estava envolvido em dificuldades ainda maiores. Eu não tinha condição de testar as probabilidades de um lado ou do outro, nesse caso, por qualquer teste melhor que o teste da semelhança pessoal.

— Suponho que a senhora tenha visto Sir Percival com frequência, quando ele estava no seu vilarejo? — eu disse.

— Sim, senhor... com muita frequência — respondeu a Sra. Clements.

— E alguma vez a senhora percebeu que Anne se parecia com ele?

— Ela não se parecia nem um pouco com ele, senhor.

— Ela se parecia com a mãe, então?

— Com a mãe também não, senhor. A Sra. Catherick era morena, e tinha o rosto grande.

Não se parecia com a mãe, e não se parecia com seu (suposto) pai. Eu sabia que não era possível confiar cegamente no teste da semelhança pessoal — mas, por outro lado, ele não poderia ser totalmente rejeitado por esse motivo. Seria possível dar peso à evidência descobrindo quaisquer fatos conclusivos em relação à vida da Sra. Catherick e à de Sir Percival, antes de qualquer um dos dois aparecer em Old Welmingham? Quando fiz as minhas perguntas seguintes, eu as fiz com esse intuito.

— Quando Sir Percival apareceu em sua vizinhança — eu disse —, a senhora ficou sabendo de onde ele havia vindo?

— Não, senhor. Alguns diziam que de Blackwater Park; e alguns diziam da Escócia; mas ninguém sabia.

— A Sra. Catherick estava trabalhando em Varneck Hall imediatamente antes do casamento dela?

— Sim, senhor.

— E ela estivera lá por muito tempo?

— Três ou quatro anos, senhor; não tenho bem certeza.

— A senhora alguma vez ouviu falar o nome do cavalheiro a quem Varneck Hall pertencia naquela época?

— Sim, senhor. O nome dele era Major Donthorne.

— O Sr. Catherick, ou qualquer outra pessoa que a senhora conheceu, alguma vez ouviu falar que Sir Percival fosse amigo do Major Donthorne, ou alguma vez viu Sir Percival nas cercanias de Varneck Hall?

— Não o Catherick, senhor, que eu possa me lembrar... e nenhuma outra pessoa, que eu saiba.

Anotei nome e endereço do Major Donthorne, caso ele ainda estivesse vivo, e pudesse ser útil, em algum momento futuro, recorrer a ele. Enquanto isso, a impressão em minha mente estava claramente contrária à opinião de que Sir Percival fosse o pai de Anne, e decididamente favorável à conclusão de que o segredo das suas conversas às escondidas com a Sra. Catherick não tinha a menor conexão com a desonra que a mulher havia infligido ao bom nome do marido. Eu não conseguia pensar em mais perguntas que pudesse fazer para reforçar essa impressão — só pude encorajar a Sra. Clements a falar, em seguida, sobre o começo da vida da Anne, e prestar atenção em

qualquer indício casual que pudesse, desse modo, se me oferecer.

— Ainda não fiquei sabendo — eu disse — como a pobre criança, nascida em meio a todo esse pecado e tristeza, passou a ser confiada aos seus cuidados, Sra. Clements.

— Não havia ninguém mais, senhor, para tomar conta para pobre criaturinha desamparada — respondeu a Sra. Clements. — A mãe maldosa parecia odiá-la... como se o pobre bebê tivesse culpa!... desde o dia em que ela nasceu. Eu sentia tanto pela criança; e me ofereci para criá-la com tanto carinho como se fosse minha.

— Anne ficou totalmente sob os seus cuidados, desde essa época?

— Não totalmente, senhor. A Sra. Catherick tinha seus caprichos e vontades a respeito dela, às vezes; e de vez em quando queria ficar com a criança, como se ela desejasse me contrariar por criá-la. Mas esses impulsos dela nunca duraram muito tempo. A pobrezinha da Anne sempre foi devolvida para mim, e sempre ficava feliz por voltar; embora tivesse uma vida melancólica em minha casa, não tendo companheiros de brinquedo, como outras crianças, para alegrá-la. Nossa separação maior foi quando a mãe a levou a Limmeridge. Bem nessa época, eu perdi o meu marido; e achei que seria bom, naquela tristeza tão grande, que Anne não ficasse em casa. Ela estava com uns dez ou onze anos de idade, então; lenta em seus estudos, pobre alma, e não tão alegre quanto as outras crianças; mas uma menininha tão bonita para se olhar quanto o senhor quisesse ver. Eu esperei em casa até a mãe trazê-la de volta; e então me ofereci para levá-la comigo para Londres; a verdade, senhor, era que eu não tinha vontade de ficar em Old Welmingham, depois da morte de meu marido; o lugar estava tão mudado e tão triste para mim.

— E a Sra. Catherick consentiu com a sua proposta?

— Não, senhor. Ela voltou do norte mais dura e mais amarga do que nunca. As pessoas diziam que ela tinha sido obrigada a pedir a permissão de Sir Percival para ir, para começar; e que ela foi só para cuidar da irmã doente em Limmeridge porque diziam que a pobre criatura havia poupado dinheiro; e na verdade ela mal deixou o suficiente para enterrá-la. Essas coisas devem ter amargurado a Sra. Catherick, com toda a certeza... Mas, como quer que fosse, ela não queria nem ouvir falar que eu levasse a menina embora. Ela parecia gostar de afligir nós duas nos separando. Tudo que pude fazer foi dar meu endereço para Anne, e dizer, em particular, se alguma vez ela estivesse com problemas, para ir ter comigo. Mas anos se passaram antes que ela tivesse liberdade para ir. Eu não a vi de novo, pobre alma, até a noite em que ela fugiu do hospício.

— A senhora sabe, Sra. Clements, por que Sir Percival Glyde a internou?

— Eu só sei o que a própria Anne me disse, senhor. A pobrezinha costumava divagar e ficar falando sobre isso, aflita. Ela disse que a mãe tinha algum segredo de Sir Percival para guardar, e havia contado para ela, muito depois de eu ter ido embora de Hampshire; e quando Sir Percival soube que ela sabia, ele a internou. Mas ela nunca conseguiu me dizer o que era esse segredo, quando perguntei. Tudo que ela conseguia me dizer era que a mãe dela poderia ser a ruína e a destruição de Sir Percival, se ela quisesse. A Sra. Catherick pode ter dito só isso, e nada mais. Tenho quase certeza de que eu teria ouvido toda a verdade da Anne se ela realmente a tivesse conhecido, como ela fingia conhecer... e que ela provavelmente imaginava conhecer, pobre alma.

Essa ideia havia mais de uma vez passado pela minha cabeça. Eu já havia dito a Marian que eu duvidava que Laura estivesse a ponto de fazer qualquer descoberta importante quando ela e Anne Catherick foram perturbadas pelo Conde Fosco no abrigo para barcos. Estava perfeitamente de acordo com o problema mental de Anne que ela declarasse ter um conhecimento total do Segredo, sem nenhuma base mais concreta que vagas suspeitas, originadas de insinuações que sua mãe havia, incauta, feito em sua presença. A desconfiança culposa de Sir Percival iria, nesse caso, infalivelmente, inspirar-lhe a falsa ideia de que Anne havia sabido por intermédio da mãe, assim como havia, posteriormente, fixado na mente dele a suspeita igualmente falsa de que a esposa havia sabido tudo por intermédio de Anne.

O tempo estava passando; a manhã estava se acabando. Era duvidoso que eu ouvisse algo mais da Sra. Clements que pudesse ser útil para o meu propósito se ficasse mais tempo. Eu já havia descoberto aqueles detalhes locais e familiares relacionados à Sra. Catherick, os quais estivera procurando; e havia chegado a certas conclusões, totalmente novas para mim, que poderiam me auxiliar muito a direcionar o rumo de meus procedimentos futuros. Eu me levantei para me despedir, e para agradecer à Sra. Clements pela amistosa prontidão que ela havia demonstrado ao me oferecer informações.

— Receio que a senhora tenha me considerado muito curioso — eu disse. — Eu a incomodei com mais perguntas do que a maioria das pessoas teria se importado em responder.

— Qualquer coisa que eu possa lhe dizer, o senhor ouvirá com toda minha boa vontade — respondeu a Sra. Clements. Ela parou e me olhou, melancólica. — Mas eu gostaria — disse a pobre mulher — que o senhor pudesse ter me falado um pouquinho mais sobre Anne. Achei ter visto algo em seu rosto, quando o senhor entrou, que dava a impressão de que o senhor poderia falar. O senhor não pode imaginar como é difícil não saber se ela está

viva ou morta. Eu conseguiria suportar com mais facilidade se tivesse a certeza. O senhor disse que não esperava vê-la viva de novo. O senhor sabe... o senhor sabe mesmo... que foi a vontade de Deus levá-la?

Eu não fiquei imune a esse apelo; teria sido indizivelmente mesquinho e cruel de minha parte se tivesse resistido a ele.

— Eu receio que não haja dúvidas sobre a verdade — respondi, com gentileza. — Em meu íntimo, tenho a certeza de que os sofrimentos dela neste mundo se acabaram.

A pobre mulher se deixou cair em sua cadeira e ocultou o rosto.

— Oh, senhor — ela disse —, como o senhor sabe disso? Quem pode ter-lhe dito?

— Ninguém me disse, Sra. Clements. Mas tenho razões para ter certeza disso; razões que prometo que a senhora ficará sabendo tão logo eu possa explicá-las com segurança. Tenho certeza de que ela não foi negligenciada em seus momentos finais; tenho certeza de que o problema no coração, com o qual ela tanto sofreu, foi a verdadeira causa da morte dela. A senhora logo poderá ter tanta certeza disso quanto eu; a senhora irá saber, antes que se passe muito tempo, que ela está enterrada em um tranquilo cemitério no interior, em um lugar bonito e cheio de paz, que a senhora mesma poderia ter escolhido para ela.

— Morta! — disse a Sra. Clements. — Morta tão jovem... E eu viva, para ouvir isso! Eu fiz os primeiros vestidinhos dela. Eu a ensinei a andar. A primeira vez que ela disse Mãe, ela disse para *mim*... e agora estou aqui, e Anne foi levada! O senhor disse... — a pobre mulher falou, tirando o lenço do rosto e olhando para mim pela primeira vez — o senhor disse que ela foi enterrada de modo adequado? Foi o tipo de funeral que ela poderia ter tido, se ela tivesse mesmo sido minha filha?

Eu lhe garanti que sim. Ela pareceu sentir um inexplicável orgulho com a minha resposta — encontrar nela um conforto que nenhuma consideração de ordem mais alta poderia proporcionar.

— Teria partido o meu coração — disse ela, com simplicidade — se Anne não tivesse sido enterrada de modo adequado... Mas como o senhor sabe disso? Quem contou para o senhor? — Uma vez mais, eu lhe supliquei que esperasse até eu poder conversar com ela sem reservas.

— A senhora com certeza vai me ver de novo — eu disse —, pois tenho um favor para lhe pedir, quando a senhora estiver um pouco mais calma, talvez em um ou dois dias.

— Não fique esperando por minha conta — disse a Sra. Clements. — Não se importe por eu chorar, se eu puder ajudar. Se tiver em mente qualquer coisa para me dizer, senhor, por favor, diga agora.

— Eu só gostaria de lhe fazer uma última pergunta — eu disse. — Só quero saber o endereço da Sra. Catherick em Welmingham.

Meu pedido assustou tanto a Sra. Clements que, naquele instante, até as notícias da morte de Anne pareciam ter sido afastadas de sua cabeça. Suas lágrimas pararam de correr de repente, e ela ficou sentada me olhando, pálida de espanto.

— Pelo amor de Deus, senhor! — ela disse. — O que o senhor deseja com a Sra. Catherick?

— Eu desejo o seguinte, Sra. Clements — respondi. — Desejo conhecer o segredo daqueles encontros particulares dela com Sir Percival Glyde. Há algo mais, no que a senhora me falou sobre a conduta anterior dessa mulher e do relacionamento passado desse homem com ela, do que a senhora, ou qualquer um de seus vizinhos, tenha alguma vez suspeitado. Entre esses dois, há um Segredo que nenhum de nós conhece, e vou ver a Sra. Catherick com a decisão de descobri-lo.

— Pense duas vezes nisso, senhor! — disse a Sra. Clements, se levantando, ansiosa, e colocando a mão em meu braço. — Ela é uma mulher má... o senhor não a conhece, como eu. Pense duas vezes nisso.

— Tenho certeza de que a senhora tem boas intenções, Sra. Clements. Mas, eu estou resolvido a ver essa mulher, o que quer que resulte do encontro.

A Sra. Clements me olhou ansiosamente nos olhos.

— Vejo que o senhor está decidido — ela disse. — Vou lhe dar o endereço.

Eu o escrevi em meu livro de apontamentos; e então segurei a mão da boa mulher para me despedir.

— A senhora terá notícias minhas logo — eu disse —; a senhora há de saber tudo que prometi lhe dizer.

A Sra. Clements suspirou e balançou a cabeça, em dúvida.

— Às vezes vale a pena seguir os conselhos de uma mulher velha, senhor — ela disse. — Pense duas vezes antes de ir a Welmingham.

VIII

QUANDO voltei para casa de novo, depois de minha conversa com a Sra. Clements, fiquei assustado com a alteração na aparência de Laura.

A gentileza e a paciência constantes que os prolongados sofrimentos haviam posto à prova de modo tão cruel, e ainda não haviam subjugado, pareciam agora tê-la abandonado repentinamente. Insensível a todas as tentativas de Marian para acalmá-la e distraí-la, ela se sentava, com o seu desenho abandonado empurrado para longe sobre a mesa; os olhos resolutamente baixos, os dedos se entrelaçando e se soltando sem parar em seu regaço. Marian se levantou quando eu entrei, com uma angústia silenciosa no rosto; esperou um instante, para ver se Laura iria erguer o olhar com a minha aproximação; sussurrou para mim, “Veja se *você* consegue animá-la”, e saiu do aposento.

Eu me sentei na cadeira vazia; gentilmente soltei os pobres dedos emaciados e inquietos, e segurei as duas mãos nas minhas.

— Em que você está pensando, Laura? Conte para mim, meu bem... tente

me contar o que é.

Ela lutou consigo mesma e me olhou nos olhos.

— Não consigo me sentir feliz — ela disse. — Não posso deixar de pensar... — Ela parou, se inclinou um pouquinho e apoiou a cabeça em meu ombro, com uma impotência silenciosa que atingiu o meu coração.

— Tente me dizer — repeti, com doçura —, tente me dizer por que você não está feliz.

— Eu sou tão inútil... Eu sou um fardo tão grande para vocês dois — ela respondeu, com um suspiro cansado e desesperançado. — Você trabalha e ganha dinheiro, Walter; e Marian ajuda você. Por que não tem nada que eu possa fazer? Você vai acabar gostando mais de Marian que de mim... você vai, porque eu sou tão sem valia! Oh, não, não, não me trate como uma criança!

Eu ergui a cabeça dela e ajeitei os cabelos despenteados que caíam sobre seu rosto, e a beijei — minha pobre flor fenecida!, minha irmã perdida e aflita!

— Você vai nos ajudar, Laura — eu disse —, você vai começar hoje, meu bem.

Ela me olhou com uma ansiedade febril, interessada, contendo o fôlego, o que me deixou ansioso pela nova vida de esperanças que eu havia despertado com essas poucas palavras.

Eu me levantei e ajeitei o material de desenho dela, e o coloquei perto dela de novo.

— Você sabe que eu trabalho e ganho dinheiro desenhando — falei. — Agora que você se esforçou tanto, agora que você melhorou tanto, você vai começar a trabalhar e a ganhar dinheiro também. Tente terminar este pequeno desenho com tanto capricho e tão bem feito quanto você puder. Quando ele estiver pronto, eu o vou levar comigo, e a mesma pessoa que compra meus desenhos irá comprar este. Você vai guardar os seus ganhos em sua bolsa; e Marian vai vir pedir para você ajudá-la, tantas vezes como ela vem falar comigo. Pense como você vai ser útil para nós dois, e logo vai estar muito feliz, Laura.

O rosto dela ficou mais animado e se iluminou com um sorriso. No instante em que esse sentimento durou, no instante em que ela pegou de novo os lápis que havia colocado de lado, ela quase se parecia com a Laura de dias passados.

Eu havia interpretado corretamente os primeiros sinais de um novo desenvolvimento e de novas forças em sua mente, inconscientemente se manifestando na percepção que ela havia tido das tarefas que ocupavam a vida de sua irmã e a minha. Marian (quando lhe contei o que havia se passado) viu,

como eu via, que Laura estava ansiando para assumir a sua pequena posição de importância, para crescer em sua própria estima e na nossa — e, a partir desse dia, nós alimentamos com ternura a nova ambição que prometia um tempo cheio de esperanças e de alegria, que poderia não estar muito distante. Os desenhos dela, quando ela os terminava, ou tentava terminá-los, eram colocados em minhas mãos; Marian os pegava e os escondia cuidadosamente; e eu punha de lado um pequeno tributo semanal dos meus ganhos, para ser oferecido a Laura como o preço pago por desconhecidos pelos pobres, descorados e ínfimos desenhos, dos quais eu era o único comprador. Às vezes era difícil manter o nosso inocente engodo quando ela, orgulhosa, trazia a sua bolsa para contribuir com a sua parte das despesas, e se perguntava, com grande interesse, se eu ou ela havíamos recebido mais naquela semana. Eu ainda tenho todos esses desenhos escondidos: eles são meu tesouro incalculável — as caras lembranças que gosto de manter vivas — os amigos, na adversidade passada, dos quais meu coração nunca vai se separar, e que minha ternura nunca vai esquecer.

Estarei eu perdendo tempo aqui, com as agruras de minha missão? Estarei antecipando os tempos melhores, que minha narrativa ainda não alcançou? Sim. Retornando — retornando aos dias de dúvida e de temor, quando meu espírito lutava com bravura por sua vida, na gelada quietude do suspense perpétuo. Fiz uma pausa e descansei um pouco no meu caminho para o futuro. Talvez não seja tempo desperdiçado, se os amigos que leram estas páginas fizeram uma pausa e descansaram também.

Eu aproveitei a primeira oportunidade que tive para falar com Marian a sós, e comunicar-lhe o resultado das perguntas que havia feito naquela manhã. Ela pareceu compartilhar a opinião já manifestada pela Sra. Clements sobre a viagem que eu tencionava fazer a Welmingham.

— Certamente, Walter — ela disse —, você mal sabe o suficiente para ter alguma esperança de conquistar a confiança da Sra. Catherick? É sensato ir até tais extremos, antes de você realmente ter esgotado todos os meios mais seguros e simples de alcançar o seu objetivo? Quando você me disse que Sir Percival e o Conde eram as duas únicas pessoas vivas que sabiam a data exata da viagem de Laura, você se esqueceu, e eu me esqueci, de que havia uma terceira pessoa que, com certeza, deve sabê-la; estou pensando na Sra. Rubelle. Não seria muito mais fácil, e menos perigoso, insistir em uma confissão da parte dela, do que arrancá-la de Sir Percival?

— Poderia ser mais fácil — eu repliquei —, mas não temos conhecimento de até que ponto a Sra. Rubelle foi conivente na conspiração e do interesse que ela tem pelo assunto; e, portanto, não temos certeza se a data foi conservada na lembrança dela, como certamente foi conservada nas

lembranças de Sir Percival e do Conde. É tarde demais, agora, para perder com a Sra. Rubelle o tempo que pode ser muito importante para a descoberta do único ponto fraco na vida de Sir Percival. Você está pensando com seriedade demais, Marian, no risco que posso correr em voltar a Hampshire? Você está começando a duvidar se Sir Percival Glyde não poderá, no fim das contas, ser um adversário mais forte que eu?

— Ele não vai ser um adversário forte — ela replicou, decidida — porque não vai ser ajudado a resistir a você pelas artimanhas do Conde.

— O que levou você a essa conclusão? — perguntei, com certa surpresa.

— Meu próprio conhecimento da teimosia e da impaciência de Sir Percival quanto ao controle do Conde — ela respondeu. — Eu acredito que ele irá insistir em encontrar você sozinho; assim como ele insistiu, a princípio, em agir sozinho em Blackwater Park. O momento de suspeitar da interferência do Conde será o momento em que você tiver Sir Percival à sua mercê. Os interesses diretos dele serão então ameaçados, e ele vai agir, Walter, implacável, em defesa própria.

— Nós podemos privá-lo de suas armas de antemão — eu disse. — Alguns dos detalhes que ouvi da Sra. Clements ainda podem ser usados contra ele; e outros modos de reforçar o caso podem estar à nossa disposição. Trechos na narrativa da Sra. Michelson mostram que o Conde julgou necessário se colocar em contato com o Sr. Fairlie; e pode haver circunstâncias que o comprometam nesse procedimento. Enquanto eu estiver fora, Marian, escreva para o Sr. Fairlie, e diga que deseja uma resposta descrevendo exatamente o que se passou entre ele e o Conde, e informando também quaisquer detalhes que possam ter chegado ao conhecimento dele ao mesmo tempo, relacionados à sobrinha dele. Diga-lhe que o depoimento que você está pedindo será, mais cedo ou mais tarde, exigido, se ele demonstrar qualquer relutância em providenciá-lo para você espontaneamente.

— A carta será escrita, Walter. Mas você está mesmo determinado a ir a Welmingham?

— Absolutamente determinado. Vou dedicar os próximos dois dias a ganhar o que nós precisamos para a semana seguinte; e, no terceiro dia, eu vou a Hampshire.

Quando o terceiro dia chegou, eu estava pronto para a minha viagem.

Como seria possível que eu me ausentasse por um tempinho, combinei com Marian que escreveríamos todos os dias; naturalmente nos dirigindo um ao outro sob nomes falsos. Desde que tivesse notícias dela regularmente, eu iria supor que nada estaria errado. Mas, se a manhã chegasse e não me trouxesse nenhuma carta, meu retorno a Londres aconteceria, como algo garantido, pelo primeiro trem. Consegui fazer Laura aceitar a minha partida

dizendo que eu ia ao interior para encontrar novos compradores para os desenhos dela e os meus; e a deixei ocupada e feliz. Marian desceu comigo até a porta da rua.

— Lembre-se de que corações ansiosos você deixa aqui — ela sussurrou, enquanto estávamos juntos no corredor —, lembre-se de todas as esperanças que dependem de seu retorno em segurança. Se coisas estranhas acontecerem com você nesta viagem; se você e Sir Percival se encontrarem...

— O que faz você pensar que nós nos encontraremos? — eu perguntei.

— Não sei...Tenho temores e ideias que não consigo explicar. Ria deles, Walter, se quiser... Mas, pelo amor de Deus, se controle, se você entrar em contato com esse homem!

— Não tenha medo, Marian! Eu respondo pelo meu autocontrole.

Com essas palavras nós nos despedimos.

Caminhei a passos rápidos até a estação. Havia um fulgor de esperanças em mim; havia uma convicção crescente em meus pensamentos de que a minha viagem, dessa vez, não seria feita em vão. Era uma manhã bonita, clara e fria; meus nervos estavam sob controle, e eu sentia toda a força de minha resolução se agitando em mim, com vigor, da cabeça aos pés.

Ao cruzar a plataforma da estação e olhar à direita e à esquerda entre as pessoas lá reunidas, para procurar entre elas por quaisquer faces que eu conhecesse, fiquei me perguntando se não teria sido mais vantajoso se eu tivesse adotado um disfarce antes de partir para Hampshire. Porém, havia algo tão repelente, para mim, nessa ideia — algo tão mesquinhamente semelhante à ralé de espíões e de informantes no mero ato de adotar um disfarce — que eu deixei a ideia de lado, quase na mesma hora em que ela havia passado pela minha cabeça. Mesmo como uma simples questão de conveniência, o procedimento era duvidoso ao extremo. Se eu tentasse a experiência em casa, o senhorio, mais cedo ou mais tarde, iria me descobrir e teria as suas suspeitas despertadas na mesma hora. Se eu tentasse longe de casa, as mesmas pessoas poderiam me ver, pela maior das casualidades, com o disfarce e sem ele; e eu iria, desse modo, atrair a atenção e a desconfiança que era o meu interesse mais premente evitar. Sendo eu mesmo, eu havia agido até então — e sendo eu mesmo eu estava decidido a continuar até o fim.

O trem me deixou em Welmingham no começo da tarde.

Há alguma imensidão de areia nos desertos da Arábia, ou há qualquer perspectiva desoladora entre as ruínas da Palestina que possa rivalizar com o efeito repelente aos olhos e a influência deprimente nos pensamentos exercidos por uma cidade do interior da Inglaterra no primeiro estágio de sua existência, e no estado de transição de sua prosperidade? Eu me fiz essa pergunta, enquanto passava pela desolação total, a feiura limpa e o torpor

empertigado das ruas de Welmingham. E os comerciantes que ficavam me olhando de suas lojas desertas; as árvores que se inclinavam sem viço em seu árido exílio de crescentes e de praças inacabados; as carcaças de casas mortas que esperavam em vão pelo vivificante elemento humano para animá-las com o sopro da vida; toda criatura que eu vi, todos os objetos pelos quais passei pareciam responder em uníssono: Os desertos da Arábia não são culpados por nossa desolação civilizada; as ruínas da Palestina são incapazes de nossa melancolia moderna!

Perguntei o caminho para a região da cidadezinha em que a Sra. Catherick morava; e, ao lá chegar, me encontrei em uma praça com casinhas de um andar. Havia um pequeno terreno gramado no meio, protegido por uma banal cerca de arame. Uma babá idosa e duas crianças estavam paradas em um canto do terreno, olhando um bode magro amarrado a uma estaca na grama. Dois pedestres estavam conversando juntos em um lado da calçada na frente das casas, e um menininho ocioso estava levando um cachorrinho ocioso pela coleira, no outro lado. Eu ouvi o monótono tilintar de um piano à distância, acompanhado pelo intermitente bater de um martelo nas proximidades. Tais eram todos os indícios e sons de vida que me receberam quando cheguei à praça.

Eu me dirigi imediatamente à porta do Número Treze — o número da casa da Sra. Catherick — e bati à porta, sem esperar para pensar de antemão como eu poderia me apresentar melhor quando eu entrasse. A necessidade maior era a de ver a Sra. Catherick. Eu poderia então avaliar, com base em minha observação, o modo mais seguro e fácil de abordar o tema de minha visita.

A porta foi aberta por uma empregada melancólica de meia-idade. Eu lhe dei o meu cartão, e perguntei se poderia ver a Sra. Catherick. O cartão foi levado à sala de estar da frente; e a empregada voltou com uma mensagem solicitando que eu declarasse qual era o motivo de minha visita.

— Diga, por favor, que minha visita se relaciona à filha da Sra. Catherick — repliquei. Esse foi o melhor pretexto em que pude pensar, de repente, para justificar a minha visita.

A empregada novamente se encaminhou para a sala de estar; novamente voltou; e, dessa vez, me pediu, com um olhar de melancólico espanto, que eu entrasse.

Entrei em uma saleta com um papel de parede de cor viva, com estampas imensas. Cadeiras, mesas, cômoda, sofá, todos luziam com o brilho víscido de estofamentos baratos. Na mesa maior, no meio do aposento, ficava uma elegante Bíblia, colocada exatamente no centro, em uma esteira de lã amarela e vermelha; e ao lado da mesa mais perto da janela, com uma pequena cesta

de tricô no regaço, e um velho spaniel asmático e de olhos remelentos acororado aos seus pés, estava sentada uma mulher de idade, usando uma touca de renda preta e um vestido de seda preta, e com mitenes cor de ardósia nas mãos. Seus cabelos de um cinzento escuro caíam em ondas pesadas de cada lado de seu rosto; seus olhos escuros fitavam bem à sua frente, com um olhar duro, desafiador e implacável. Ela tinha as maçãs do rosto grandes e quadradas; queixo longo e firme; e lábios grossos, sensuais e desbotados. Ela era robusta e austera, e seus modos eram agressivamente confiantes. Essa era a Sra. Catherick.

— O senhor veio para conversar comigo sobre minha filha — ela disse, antes que eu pudesse dizer uma palavra. — Tenha a consideração de mencionar o que o senhor tem a dizer.

O seu tom de voz era tão duro, tão desafiador e tão implacável quanto a expressão de seus olhos. Ela indicou uma cadeira, e me examinou, atenta, da cabeça aos pés, enquanto eu me sentava. Vi que minha única chance com essa mulher seria a de conversar com ela com o mesmo tom de voz, e combatê-la, desde o início de nossa conversa, com suas próprias armas.

— A senhora sabe — eu disse — que a sua filha desapareceu?

— Tenho plena ciência disso.

— A senhora sentiu alguma apreensão de que a desventura do seu desaparecimento pudesse ser seguida pela desventura da morte dela?

— Sim. O senhor veio me dizer que ela está morta?

— Eu vim.

— Por quê?

Ela fez essa pergunta extraordinária sem a menor alteração em sua voz, em seu rosto, ou em seus modos. Ela não poderia ter aparentado estar mais completamente indiferente se eu lhe tivesse falado da morte do bode no terreno lá fora.

— Por quê? — repeti. — A senhora me pergunta por que eu vim lhe contar sobre a morte de sua filha?

— Sim. Que interesse o senhor sente por mim, ou por ela? Como o senhor veio a saber alguma coisa a respeito de minha filha?

— Do seguinte modo. Eu a encontrei na noite em que ela fugiu do Sanatório; e a ajudei a chegar a um local seguro.

— O senhor agiu muito mal.

— Lamento ouvir a mãe dela dizer isso.

— A mãe dela diz isso. Como o senhor sabe que ela está morta?

— Não tenho autorização para dizer como sei; mas, eu *sei*.

— O senhor tem autorização para dizer como descobriu o meu endereço?

— Certamente. Eu obtive o seu endereço com a Sra. Clements.

— A Sra. Clements é uma tola. Ela lhe disse para vir aqui?

— Ela não disse.

— Então, eu lhe pergunto de novo, por que o senhor veio?

Como ela estava determinada a ter uma resposta, eu a dei da forma mais clara possível.

— Eu vim — disse — por pensar que a mãe de Anne Catherick pudesse sentir um interesse natural em saber se ela estava viva ou morta.

— Exato — disse a Sra. Catherick, com um autocontrole adicional. — O senhor não tinha outros motivos?

Eu hesitei. A resposta verdadeira para essa pergunta não era fácil de encontrar, assim de repente.

— Se o senhor não tem outros motivos — ela prosseguiu, deliberadamente tirando as mitenes cor de ardósia e as enrolando —, só posso lhe agradecer por sua visita; e dizer que não vou detê-lo aqui por mais tempo. Sua informação seria mais satisfatória se o senhor estivesse disposto a explicar como a obteve. Entretanto, ela justifica, suponho, o fato de eu vestir luto. Não há muita alteração necessária em minha indumentária, como o senhor vê. Quando eu tiver trocado as minhas mitenes, estarei toda de preto.

Ela procurou no bolso do seu vestido; tirou um par de mitenes de renda negra; colocou-as com a compostura mais fria e deliberada; e então tranquilamente entrelaçou as mãos no regaço.

— Eu lhe desejo um bom dia — ela disse.

O frio desdém de seus modos me levou a reconhecer que o propósito de minha visita ainda não havia sido atingido.

— Eu *tenho* outro motivo para vir aqui — eu disse.

— Ah! Eu achava que sim — observou a Sra. Catherick.

— A morte de sua filha...

— De que ela morreu?

— De uma doença do coração.

— Ah, sim. Prossiga.

— A morte de sua filha foi o pretexto para causar um grande mal a uma pessoa que me é muito cara. Dois homens estão envolvidos, tenho certeza absoluta, na perpetração desse crime. Um deles é Sir Percival Glyde.

— Mas que coisa!

Eu a olhei com atenção, para ver se ela reagia à menção súbita a esse nome. Nem um músculo dela se moveu; a expressão dura, desafiadora e implacável nos olhos dela não se alterou por um instante.

— A senhora pode ficar pensando — prossegui — como a morte de sua filha pode ter sido o meio de causar mal a outra pessoa.

— Não — disse a Sra. Catherick —, eu não fico pensando em nada. Isso parece ser problema seu. O senhor está interessado em meus problemas. Eu não estou interessada nos seus.

— A senhora pode perguntar, então — eu insisti —, por que menciono a questão em sua presença.

— Sim, eu *pergunto*.

— Eu menciono porque estou determinado a responsabilizar Sir Percival Glyde pela perversidade que ele cometeu.

— O que tenho eu a ver com a sua determinação?

— A senhora há de ouvir. Há certos acontecimentos na vida pregressa de Sir Percival que, para o meu propósito, é necessário eu conhecer em detalhes. *A senhora* os conhece; e, por esse motivo, vim falar com *a senhora*.

— A que acontecimentos o senhor se refere?

— Acontecimentos ocorridos em Old Welmingham, quando seu marido era diácono naquele local, e antes do período em que a sua filha nasceu.

Eu finalmente havia atingido a mulher através da barreira de reserva impenetrável que ela havia tentado criar entre nós. Vi o mau gênio dela chamejando em seus olhos — tão claramente quanto vi as suas mãos ficarem desassossegadas, então se desentrelaçando e começando a, mecanicamente, alisar o vestido sobre os joelhos.

— O que o senhor sabe sobre esses acontecimentos? — ela perguntou.

— Tudo que a Sra. Clements pode me dizer — eu respondi.

Um rubor momentâneo passou por seu rosto firme e quadrado, uma imobilidade momentânea em suas mãos desassossegadas, que pareciam indicar um rompante de raiva que poderia descontrolá-la. Mas, não — ela controlou a irritação crescente; se reclinou em sua cadeira e cruzou os braços à frente do peito; e, com um sorriso de sarcasmo amargo em seus lábios finos, me olhou com tanta firmeza quanto antes.

— Ah! Estou começando a entender, agora — disse ela, sua raiva controlada e disciplinada apenas se manifestando na elaborada zombaria de sua entonação e de seus modos. — O senhor sente a sua raiva pessoal de Sir Percival Glyde, e eu devo ajudá-lo a saciá-la. Devo lhe dizer isto, isso e mais aquilo a respeito de mim e de Sir Percival, não devo? Sim, devo? O senhor andou espionando os meus assuntos pessoais. O senhor acha que encontrou uma mulher perdida com quem lidar, que vive aqui no sofrimento; e irá fazer qualquer coisa que o senhor pedir, por medo de que o senhor possa prejudicá-la na opinião dos habitantes da cidade. Eu estou vendo muito bem o senhor e a

sua preciosa especulação; eu estou! E isso me diverte. Ah! Ah!

Ela se deteve por uns instantes; seus braços se apertaram sobre o peito, e ela riu consigo mesma — uma risada dura, ríspida e raivosa.

— O senhor não sabe como eu tenho vivido neste local, e o que tenho feito neste local, Sr. Como-é-mesmo-o-seu-nome — ela prosseguiu. — Vou lhe dizer, antes de tocar o sino e colocar o senhor para fora. Eu vim para cá como uma mulher insultada. Eu vim para cá, com a reputação perdida, e determinada a reconquistá-la. Passei anos e anos lutando por isso; e a *reconquistei*. Eu me equiparei às pessoas respeitáveis, de modo justo e franco, jogando o jogo delas. Se elas dizem qualquer coisa contra mim, agora, elas têm de dizer em segredo; elas não podem dizer, elas não ousam dizer, abertamente. Eu tenho uma posição elevada o suficiente, nesta cidadezinha, para ficar fora do alcance do senhor. *O clérigo faz uma mesura para mim*. Ahá! O senhor não esperava por essa, quando veio para cá. Vá à igreja e pergunte ao meu respeito; o senhor vai descobrir que a Sra. Catherick tem o lugar na igreja, assim como os demais, e paga o dízimo no dia devido. Vá à sede do conselho municipal. Há uma petição lá; uma petição dos moradores respeitáveis para não permitir que um Circo venha realizar as suas funções aqui e corromper a nossa moral; sim! NOSSA moral. Eu assinei essa petição, hoje de manhã. Vá à livraria. Os sermões vespertinos do clérigo sobre a Justificação pela Fé estão lá publicados, por subscrição; eu faço parte da lista. A esposa do médico só colocou um xelim no prato da coleta no nosso último sermão de caridade; eu coloquei meia-coroa. O curador da igreja, Sr. Soward segurava o prato, e fez uma mesura para mim. Dez anos atrás, ele disse para Pigrum, o iatroquímico, que eu deveria ser expulsa da cidade a chicotadas, amarrada à traseira de uma carroça. Sua mãe está viva? Ela tem na mesa uma Bíblia mais bonita do que eu tenho na minha? Ela tem uma reputação melhor entre os comerciantes que a atendem do que eu entre os meus? Ela sempre viveu dentro de sua renda? Eu sempre vivi dentro da minha. Ah! *Eis o clérigo* vindo pela praça. Olhe, Sr. Como-é-mesmo-o-seu-nome... olhe, por favor!

Ela se levantou, com a vivacidade de uma mulher jovem; foi à janela; esperou até o clérigo passar, e fez uma mesura solene para ele. O clérigo, cerimonioso, ergueu o chapéu, e continuou andando. A Sra. Catherick voltou para a sua cadeira, e me olhou com um sarcasmo ainda mais amargo que antes.

— Então! — ela disse. — O que o senhor pensa disso em relação a uma mulher com a reputação perdida? Como está a sua especulação agora?

A maneira singular como ela havia escolhido se afirmar, a extraordinária defesa que ela havia acabado de oferecer de sua posição na cidadezinha me haviam deixado tão perplexo, que a ouvi em um silêncio cheio de espanto. Eu

não estava menos resolvido, entretanto, a fazer outro esforço para fazê-la perder a compostura. Se o mau gênio da mulher escapasse uma vez de seu controle, e por uma vez se voltasse contra mim, ela ainda poderia dizer as palavras que colocariam a chave do mistério em minhas mãos.

— Como está a sua especulação agora? — ela repetiu.

— Exatamente como quando eu entrei — respondi. — Não duvido da posição que a senhora alcançou na cidadezinha; e não desejo atacá-la, mesmo que eu pudesse. Eu vim aqui porque Sir Percival é, tenho certeza disso, seu inimigo, bem como meu. Se eu sinto rancor dele, a senhora sente rancor dele também. A senhora pode negar isso, se quiser; a senhora pode desconfiar de mim quanto quiser; a senhora pode ficar com tanta raiva quanto quiser... Mas, de todas as mulheres da Inglaterra, a senhora, se tiver qualquer ideia de ter sofrido uma ofensa, é a mulher que deveria me ajudar a esmagar esse homem.

— Esmague-o por conta própria — ela disse —, e então volte aqui e veja o que eu digo para o senhor.

Ela pronunciou essas palavras de um modo como ainda não havia falado — rápida, irada e vingativa. Eu havia atizado em seu covil a serpente do ódio de tantos anos; mas, só por um momento. Assim como um réptil à espreita, esse ódio se voltou contra mim, quando a Sra. Catherick se inclinou para frente, na direção da cadeira em que eu estava sentado. Assim como um réptil à espreita, ele desapareceu de novo, enquanto a Sra. Catherick na mesma hora retomava a sua posição anterior na cadeira.

— A senhora não vai confiar em mim? — eu disse.

— Não.

— A senhora tem medo?

— Eu aparento ter?

— A senhora tem medo de Sir Percival Glyde.

— Tenho?

Ela estava enrubescendo, e as suas mãos se agitavam de novo, alisando o vestido. Eu insisti no assunto cada vez mais; prossegui, sem lhe dar um momento de sossego.

— Sir Percival tem uma posição elevada no mundo — eu disse —; não espantaria ninguém se a senhora estivesse com medo dele. Sir Percival é um homem poderoso... um baronete... dono de uma bela propriedade... descendente de uma grande família...

Ela me surpreendeu indescritivelmente caindo na gargalhada.

— Sim — ela repetiu, com uma entonação do escárnio mais amargo e decidido. — Um baronete... dono de uma bela propriedade... descendente de uma grande família... Sim, é mesmo! Uma grande família... Especialmente do

lado da mãe.

Não havia tempo para pensar nessas palavras que haviam acabado de lhe escapar; só havia tempo para considerar que elas eram dignas de consideração no instante em que eu saísse da casa.

— Não estou aqui para discutir com a senhora sobre questões familiares — eu disse. — Nada sei sobre a mãe de Sir Percival...

— E sabe tão pouco sobre o próprio Sir Percival — ela interrompeu, brusca.

— Eu aconselho a senhora a não ter tanta certeza disso — repliquei. — Sei algumas coisas a respeito dele; e suspeito de muitas mais.

— De que o senhor suspeita?

— Eu vou lhe dizer de que eu *não* suspeito. Eu *não* suspeito que ele seja o pai de Anne.

Ela se levantou de um salto, e se aproximou de mim com um olhar enfurecido.

— Como o senhor ousa falar comigo sobre o pai de Anne! Como o senhor ousa dizer quem era o pai dela, ou quem não era! — ela disse, o rosto agitado, a voz trêmula de raiva.

— O segredo entre a senhora e Sir Percival não é *esse* segredo — insisti. — O mistério que turva a vida de Sir Percival não nasceu com o nascimento de sua filha, e não morreu com a morte de sua filha.

Ela deu um passo para trás.

— Saia! — ela disse, e apontou, severa, para a porta.

— Não havia preocupação com a menina no seu coração ou no dele — prossegui, determinado a pressioná-la até o fim de suas forças. — Não havia um elo de amor culposo entre a senhora e ele, na época daqueles encontros furtivos... quando o seu marido encontrou os dois aos sussurros na sacristia da igreja.

A mão dela na mesma hora pendeu ao lado de seu corpo, e o profundo rubor de raiva desapareceu de seu rosto enquanto eu falava. Vi a alteração produzida nela; vi aquela mulher dura, firme, destemida e controlada titubear presa de um terror que a sua mais firme resolução não era forte o suficiente para resistir — quando eu disse as últimas quatro palavras, “na sacristia da igreja”.

Durante um minuto, ou mais, ficamos olhando um para o outro em silêncio. Eu falei primeiro.

— A senhora ainda se recusa a confiar em mim? — perguntei.

Ela não era capaz de recuperar as cores em seu rosto — mas havia firmado a voz, havia recobrado o desafiador autocontrole de seus modos ao me

responder.

— Eu me recuso — ela disse.

— A senhora ainda me diz para ir embora?

— Sim. Vá; para nunca mais voltar.

Eu me dirigi à porta, esperei um instante antes de abri-la, e voltei-me para olhar para a Sra. Catherick de novo.

— Posso ter notícias de Sir Percival para trazer, as quais a senhora não espera — eu disse —; e, nesse caso, voltarei.

— Não há notícias de Sir Percival que eu não espere, a não ser...

Ela se interrompeu; seu rosto pálido se ensombreceu; e ela se dirigiu com passos silenciosos e leves como os de um gato, para a sua cadeira.

— A não ser a notícia da morte dele — disse ela, sentando-se de novo, com um arremedo de um sorriso mal pairando em seus lábios cruéis, e a luz furtiva do ódio à espreita em seus olhos firmes.

Enquanto eu abria a porta da sala para sair, a Sra. Catherick me olhou rapidamente. O sorriso cruel lentamente se espalhou em seus lábios — ela me fitou com um interesse estranho e dissimulado da cabeça aos pés — uma indizível expectativa se mostrou com toda a sua perversidade em seu rosto. Estaria ela especulando, nos recônditos de seu coração, sobre a minha juventude e forças, sobre o poder de minha noção de insulto e os limites de meu autocontrole; e estaria ela considerando até onde eles poderiam me levar, se Sir Percival e eu algum dia nos encontrássemos? A mera dúvida de que poderia ser isso me afastou da presença dela, e silenciou até mesmo as banais fórmulas de despedida de meus lábios. Sem outras palavras, de minha parte ou da dela, eu saí da sala.

Enquanto eu abria a porta da rua, vi o mesmo clérigo que já havia passado uma vez pela casa, a ponto de passar por ela de novo, em seu caminho de volta ao longo da praça. Esperei nos degraus da porta para permitir que ele passasse, e olhei, enquanto me detinha, para a janela da sala.

A Sra. Catherick havia ouvido os passos dele se aproximando, no silêncio daquele local solitário; ela estava em pé, à janela de novo, à espera dele. Nem toda a força de todos os sentimentos violentos que eu havia despertado no coração daquela mulher seria capaz de enfraquecer seu apego ao único fragmento de respeito social que anos de esforço resoluto haviam colocado ao seu alcance. Lá estava ela de novo, nem um minuto depois de eu tê-la deixado, postada de propósito em um local que tornaria, da parte do clérigo, uma questão de mera cortesia fazer uma mesura para ela pela segunda vez. Ele tornou a erguer o chapéu. Eu vi o rosto duro e lívido por trás da janela se suavizar e se iluminar com o orgulho gratificado; vi a cabeça com a sombria

touca negra se inclinar, cerimoniosa, como resposta. O clérigo havia feito uma medida para ela — e na minha presença — duas vezes no dia!

IX

Eu saí da casa sentindo que a Sra. Catherick, mesmo contra a vontade, havia me ajudado a progredir. Antes de ter chegado à esquina que me afastava da praça, minha atenção repentinamente foi despertada pelo som de uma porta que se fechava às minhas costas.

Olhei ao redor e vi, nos degraus da porta de uma casa que, tão bem quanto eu poderia julgar, se localizava ao lado da residência da Sra. Catherick, no lado mais perto de mim, um homenzinho de preto. Ele não hesitou um instante quanto ao rumo que deveria seguir. Ele prosseguiu rapidamente na direção da esquina onde eu havia me detido. Eu o reconheci como o escriturário de advogado que me havia precedido em minha visita a Blackwater Park e tentado começar uma briga comigo, quando eu lhe perguntei se poderia ver a casa.

Esperei onde estava, para verificar se o objetivo dele era o de se aproximar e falar, nessa ocasião. Para minha surpresa, ele prosseguiu a passos rápidos, sem dizer uma palavra, sem nem mesmo olhar para o meu rosto, enquanto passava. Essa foi uma inversão tão completa no rumo dos procedimentos que eu tinha toda razão de esperar da parte dele, que a minha curiosidade, ou melhor, a minha suspeita, foi despertada, e me resolvi a mantê-lo cautelosamente à vista, e descobrir em qual missão ele poderia estar então empregado. Sem me importar se ele me havia visto ou não, segui atrás dele. Ele nunca olhou para trás, e me conduziu ao longo das ruas diretamente para a estação de trem.

O trem estava prestes a partir, e dois ou três passageiros que estavam atrasados se amontoavam perto da janelinha onde as passagens eram emitidas. Eu me juntei a eles, e ouvi claramente o escriturário de advogado pedir uma passagem para a estação de Blackwater. Verifiquei que ele havia realmente partido com aquele trem, antes de me afastar.

Existia apenas uma interpretação que eu poderia dar ao que eu havia acabado de ver e de ouvir. Eu havia indubitavelmente observado o homem saindo de uma casa pegada à residência da Sra. Catherick. Ele provavelmente estivera instalado lá como inquilino, seguindo instruções de Sir Percival, antevendo que as minhas investigações me levassem, mais cedo ou mais tarde, a me comunicar com a Sra. Catherick. Ele havia, sem dúvida, me visto entrar e sair; e havia ido às pressas pelo primeiro trem para fazer o seu relatório em Blackwater Park — local a que Sir Percival naturalmente iria se dirigir (sabendo o que ele evidentemente sabia sobre os meus movimentos),

de modo a estar de prontidão se eu voltasse a Hampshire. Antes que muitos dias se passassem, parecia haver toda a probabilidade, agora, de que Sir Percival e eu pudéssemos nos encontrar.

Qualquer fosse o resultado que os acontecimentos pudessem estar destinados a produzir, eu me decidi a seguir os meus próprios passos, rumo ao objetivo em vista, sem me deter ou me voltar, por causa de Sir Percival ou de qualquer outra pessoa. A grande responsabilidade que pesava tanto sobre mim em Londres — a responsabilidade de orientar as minhas mais ínfimas ações de modo a evitar que elas acidentalmente conduzissem à descoberta do local de refúgio de Laura — foi afastada, eu estando em Hampshire. Eu poderia ir e vir como bem me aprouvesse em Welmingham; e se falhasse ao observar quaisquer precauções necessárias, os resultados imediatos, pelo menos, não afetariam ninguém a não ser eu mesmo.

Quando saí da estação, o entardecer de inverno estava se aproximando. Havia pouca esperança de continuar com as minhas investigações com qualquer propósito útil após o escurecer, em uma localidade que eu desconhecia. Por conseguinte, me dirigi ao hotel mais próximo, e pedi meu jantar e uma cama. Tendo feito isso, escrevi para Marian, para dizer-lhe que estava seguro e bem, e que eu tinha boas perspectivas de sucesso. Eu havia lhe dito, ao sair de casa, para endereçar a primeira carta que ela me escrevesse (a carta que eu esperava receber na manhã seguinte) aos “Correios, Welmingham”; e então lhe pedi que mandasse a carta do segundo dia para o mesmo endereço. Eu poderia recebê-la com facilidade, escrevendo para o chefe dos correios, se por acaso estivesse longe da cidade quando a carta chegasse.

O salão do hotel, à medida que foi ficando mais tarde, se transformou em uma solidão perfeita. Eu pude refletir sobre o que havia realizado naquela tarde, sem ser interrompido, como se a casa fosse a minha própria. Antes de me retirar para descansar, havia considerado com atenção minha extraordinária conversa com a Sra. Catherick, do começo ao fim; e analisado, sem pressa, as conclusões que eu havia tirado apressadamente no começo do dia.

A sacristia da igreja de Old Welmingham era o ponto a partir do qual os meus pensamentos lentamente se detiveram em tudo o que eu havia ouvido a Sra. Catherick dizer, e em tudo que eu havia visto a Sra. Catherick fazer.

Na ocasião em que as proximidades da sacristia foram mencionadas pela primeira vez em minha presença pela Sra. Clements, eu as havia considerado o mais estranho e mais inconcebível de todos os lugares para Sir Percival escolher para um encontro furtivo com a esposa do diácono. Influenciado por essa impressão, e por nenhuma outra, eu havia mencionado “a sacristia da

igreja” para a Sra. Catherick por pura especulação — isso representava uma das menores peculiaridades da história, que me ocorrera enquanto eu falava. Eu estava preparado para ela me responder confusa ou irada; porém, o completo terror que havia se apossado dela, quando pronunciei as palavras, me tomou completamente de surpresa. Eu havia, muito tempo antes, associado o Segredo de Sir Percival com ao encobrimento de um crime sério, do qual a Sra. Catherick sabia — mas não havia ido além disso. Ora, o paroxismo de terror da mulher associava o crime, direta ou indiretamente, à sacristia, e me deixava convicto de que a Sra. Catherick havia sido bem mais que uma mera testemunha dele — ela também era cúmplice, sem a menor dúvida.

Qual havia sido a natureza do crime? Certamente havia um lado desprezível associado a ele, bem como um lado perigoso — ou a Sra. Catherick não teria repetido as minhas próprias palavras, se referindo à posição e ao poder de Sir Percival com um desdém tão pronunciado como o que ela indubitavelmente demonstrara. Era um crime desprezível, portanto, e um crime perigoso; e ela havia tomado parte nele e ele estava associado à sacristia da igreja.

A consideração seguinte a ser eliminada me levou um passo além desse ponto.

O desprezo indisfarçável da Sra. Catherick por Sir Percival claramente se estendia à mãe dele. Ela havia se referido, com o sarcasmo mais amargo, à grande família de que ele descendia — “especialmente do lado da mãe.” O que isso significava? Parecia haver apenas duas explicações para isso. Ou a mãe dele provinha de uma família humilde? Ou a reputação da mãe dele havia sido comprometida por algum fato oculto que a Sra. Catherick e Sir Percival secretamente conheciam? Eu só poderia colocar a primeira explicação à prova olhando o registro do casamento dela, e assim verificar o seu nome de solteira e o parentesco, como uma preliminar para investigações posteriores.

Por outro lado, se a segunda conjectura fosse a verdadeira, qual teria sido o comprometimento da reputação dela? Lembrando-me do relato que Marian me havia feito sobre o pai e a mãe de Sir Percival, e da vida suspeitosamente retirada que ambos haviam levado, eu então me perguntava se não poderia ser possível que a mãe dele nunca tivesse se casado. Aqui, de novo, o registro poderia, oferecendo evidência escrita do casamento, me provar, no fim das contas, se essa dúvida tinha alguma base na verdade. Mas onde se encontraria o registro? Neste ponto, retomei as conclusões que havia tirado antes, e o mesmo processo mental que havia descoberto onde se perpetrara o crime encoberto então colocava o registro também na sacristia da igreja de Old Welmingham.

Esses eram os resultados de minha conversa com a Sra. Catherick — essas eram as diversas considerações, todas convergindo firmemente para um só ponto, que decidiram o rumo de meus procedimentos no dia seguinte.

A manhã estava nublada e melancólica, mas não estava chovendo. Deixei a minha mala no hotel, para ficar à minha espera até que eu a requisitasse; e, depois de perguntar o caminho, saí a pé para a igreja de Old Welmingham.

Era uma caminhada de bem mais de três quilômetros, o terreno se elevando lentamente durante todo o percurso.

No ponto mais alto se encontrava a igreja — uma edificação antiga e avariada pelo tempo, com pesados contrafortes dos lados e uma desajeitada torre quadrada na frente. A sacristia, na parte posterior, havia sido construída pegada à igreja, e parecia ser da mesma época. Ao redor da edificação, em intervalos, apareciam as ruínas do vilarejo que a Sra. Clements havia descrito para mim como o local onde seu marido morara antigamente, e que os principais moradores fazia muito haviam abandonado em favor da nova cidadezinha. Algumas das casas vazias haviam sido destruídas, ficando somente as paredes externas; algumas haviam sido deixadas para que ruíssem com o passar do tempo; e algumas ainda eram habitadas por pessoas evidentemente das classes mais pobres. Era um cenário desolador — e, no entanto, no pior aspecto de sua ruína, não tão desolador quando a cidadezinha moderna de onde eu havia acabado de sair. Aqui, havia a ondulação castanha e arejada dos campos vizinhos para que o olhar neles repousasse; aqui as árvores, sem folhas como estavam, ainda diminuía a monotonia da paisagem e ajudavam a mente a antegozar o tempo de verão e a sombra.

Enquanto eu me afastava da parte de trás da igreja e passava por algumas das casinhas desmanteladas procurando uma pessoa que pudesse me levar ao diácono, vi dois homens virem andando tranquilos atrás de mim, saindo de trás de um muro. O mais alto dos dois — um homem corpulento e musculoso, com as roupas de um guarda-caça, eu não conhecia. O outro era um dos dois homens que haviam me seguido em Londres no dia em que saí do escritório do Sr. Kyrle. Eu o havia notado particularmente, na ocasião; e tive certeza de que não estava enganado ao identificar o camarada naquele momento.

Nem ele nem o seu companheiro tentaram falar comigo, e ambos se mantiveram a uma distância respeitosa — mas, o motivo da presença deles nas cercanias da igreja era muito claro. Era exatamente o que eu havia suposto — Sir Percival já estava preparado para me enfrentar. Minha visita à Sra. Catherick lhe havia sido relatada na noite anterior; e esses dois homens haviam sido colocados de atalaia, perto da igreja, antevendo a minha ida a Old Welmingham. Se eu tivesse precisado de mais provas de que as minhas investigações finalmente haviam tomado o rumo certo, o plano então adotado

para me vigiar as teria fornecido para mim.

Continuei a andar, afastando-me da igreja, até chegar a uma das casas habitadas, com uma pequena horta, onde um homem estava trabalhando. Ele me indicou a residência do diácono — um chalé a pouca distância, isolado nos arredores do vilarejo abandonado. O diácono se encontrava em casa, e estava vestindo o seu sobretudo. Ele era um homem alegre e amistososo que falava em voz alta, e tinha uma opinião muito ruim (como eu logo descobri) do local onde vivia, e uma feliz sensação de superioridade em relação aos seus vizinhos em virtude da grande distinção pessoal de ter estado uma vez em Londres.

— É muito bom o senhor ter vindo tão cedo — disse o velho, quando mencionei o objetivo de minha visita. — Eu já teria saído em mais dez minutos. Negócios da paróquia, senhor... e uma boa de uma caminhadinha antes de tudo estar resolvido, para um homem de minha idade. Mas, homessa, ainda tenho as pernas fortes! Enquanto um homem não perde a força nas pernas, ainda há muita energia nele. O senhor não pensa assim?

Ele pegou as suas chaves, enquanto falava, de um gancho atrás da lareira, e fechou a porta do seu chalé.

— Ninguém em casa para cuidar da casa para mim — disse o diácono, com uma alegre sensação de estar perfeitamente livre de todos os problemas familiares. — Minha esposa está lá no adro da igreja; e os meus filhos estão todos casados. Um lugar infeliz este, não é, senhor? Mas, a paróquia é grande... Um homem qualquer não conseguiria desempenhar todas as tarefas como eu. É o aprendizado que permite isso; e eu tive a minha quota, e um pouquinho mais. Sei falar o inglês da Rainha (Deus abençoe a Rainha!), e isso é mais do que a maior parte das pessoas por aqui é capaz de fazer. O senhor é de Londres, suponho? Eu estive em Londres, há uns vinte e cinco anos. Quais são as notícias de lá agora, por favor?

Tagarelando desse modo, ele me conduziu de volta à sacristia. Olhei ao redor, para ver se os dois espiões ainda estavam à vista. Eles não podiam ser vistos em local nenhum. Depois de descobrirem a minha ida à casa do diácono, eles provavelmente haviam se escondido onde pudessem observar meus procedimentos seguintes com perfeita liberdade.

A porta da sacristia era de carvalho, antiga e robusta, decorada com grandes pregos; e o diácono enfiou a chave grande e pesada na fechadura com a aparência de alguém que sabia ter uma dificuldade com que se deparar, e que não tinha plena certeza de conseguir vencê-la de modo honroso.

— Sou obrigado a trazê-lo por aqui, senhor — ele disse —, porque a porta que leva da sacristia para a igreja está aferrolhada pelo lado da sacristia. Não fosse por isso, poderíamos ter entrado pela igreja. Esta é uma fechadura

inclemente, se já houve alguma. É grande o suficiente para uma porta de prisão; ela já se estragou diversas vezes; e deveria ter sido trocada por uma nova. Já mencionei isso para o curador da igreja, no mínimo umas cinquenta vezes; ele sempre dizendo, “Vou providenciar”, e nunca providencia. Ah, é um tipo de fim do mundo, este lugar. Não como Londres... não é, senhor? Homessa, estamos todos dormindo por aqui! Nós não acompanhamos os tempos.

Depois de virar e revirar um pouco a chave, a fechadura pesada cedeu; e ele abriu a porta.

A sacristia era maior do que eu a teria imaginado a julgar apenas pelo exterior. Era um aposento com pouca luz, embolorado e melancólico, com um teto baixo de vigas. Ao longo de dois lados, os mais próximos do interior da igreja, se alinhavam pesados armários de madeira, carcomidos pelos insetos e desconjuntados por causa da idade. Pendurados em ganchos no canto interno de um desses armários se encontravam várias sobrepelizes, abauladas em suas extremidades inferiores em um amontoado de tecidos disformes de aparência irreverente. Por baixo das sobrepelizes, no fundo do armário, havia três caixas, com as tampas meio abertas, e a palha saindo em profusão de suas rachaduras e fendas por todos os lados. Por trás delas, em um canto, havia um amontoado de papéis empoeirados; alguns grandes e enrolados, como plantas de arquitetos; outros descuidadamente reunidos em pilhas, como contas a pagar ou cartas. O aposento havia outrora sido iluminado por uma pequena janela lateral; mas ela havia sido fechada com tijolos, e uma claraboia a havia substituído. A atmosfera local era pesada e embolorada; ficando ainda mais opressiva com o fechamento da porta que levava à igreja. A porta também era feita de sólido carvalho, e estava aferrolhada, no alto e embaixo, do lado da sacristia.

— Nós poderíamos ser mais organizados, não poderíamos, senhor? — disse o diácono. — Mas, quando o senhor se encontra em um fim de mundo como este, vai fazer o quê? Ora, olhe aqui... Só dê uma olhada nestas caixas. Cá estão elas, por um ano ou mais, prontas para ir para Londres... Cá estão elas, atravancando o local... e aqui vão ficar enquanto os pregos as mantiverem firmes. Vou lhe dizer uma coisa, senhor, como eu disse antes, aqui não é Londres. Nós todos estamos dormindo, aqui. Homessa, *nós* não acompanhamos os tempos!

— O que há nessas caixas? — perguntei.

— Pedacos de velhos entalhes em madeira, do púlpito, e painéis da capela-mor, e imagens da galeria do órgão — disse o diácono. — Imagens dos doze apóstolos, em madeira... e não tem um nariz inteiro entre eles. Tudo quebrado, e carcomido pelos insetos, e se desfazendo em poeira nos cantos...

Tão frágil quanto louça, senhor, e tão velho quanto a igreja, se não for mais velho.

— E por que eles vão para Londres? Para restauração?

— É isso, senhor. Para restauração; e se não puderem ser restaurados, para que sejam feitas cópias em madeira boa. Mas, homessa, o dinheiro ficou pouco... E cá estão eles, esperando novas subscrições, e ninguém para dar dinheiro. Tudo isso foi feito há um ano, senhor. Seis cavalheiros discutiram tudo em um jantar, no hotel na cidade nova. Eles fizeram discursos, e tomaram decisões, e escreveram seus nomes, e mandaram imprimir milhares de folhetos. Lindos folhetos, senhor, todos com floreios góticos em tinta vermelha, dizendo que era uma vergonha não restaurar a igreja e consertar os famosos entalhes, e assim por diante. Ali estão os folhetos que não puderam ser distribuídos, e os planos e as estimativas do arquiteto, e toda a correspondência que deixou todos tontos e terminou em briga, tudo ali naquele canto, por trás das caixas. Entrou um pouquinho de dinheiro a princípio... Mas o que se *pode* esperar longe de Londres? Havia o suficiente, o senhor sabe, para guardar os entalhes quebrados e fazer as estimativas, e pagar a conta da impressão... E, depois disso, não havia um tostão sobrando. E essa é a situação, como eu disse antes. Não temos onde mais colocá-las; ninguém na cidade nova se importa em *nos* ajudar... Nós estamos em um fim de mundo... e esta é uma sacristia desorganizada... e quem vai fazer alguma coisa? É o que eu gostaria de saber.

Minha ansiedade para examinar o registro não me dispôs a oferecer muito encorajamento para a tagarelice do homem. Concordei com ele que ninguém poderia fazer nada quanto à desorganização da sacristia; e então sugeri que nos dedicássemos à nossa tarefa sem mais delongas.

— Ah, é, o registro de casamento, com certeza — disse o diácono, pegando um pequeno molho de chaves no seu bolso. — Até que ano o senhor deseja olhar?

Marian havia me contado a idade de Sir Percival, quando havíamos conversado sobre o compromisso de casamento dele com Laura. Ela o havia descrito então como tendo quarenta e cinco anos de idade. Fazendo um cálculo em retrospectiva com base nisso, e fazendo a devida concessão ao ano que havia se passado desde que eu obtivera minha informação, descobri que ele deveria ter nascido em mil e oitocentos e quatro, e que eu poderia, com segurança, começar minha busca no registro a partir dessa data.

— Quero começar no ano de mil oitocentos e quatro — eu disse.

— Em qual direção, senhor? — perguntou o diácono. — Adiante, rumo aos nossos tempos, ou para trás?

— Para trás, começando em mil oitocentos e quatro.

Ele abriu a porta de um dos armários — o armário em cujo lado as sobrepelizes estavam penduradas — e tirou um grande volume encadernado em couro marrom ensebado. Eu fiquei espantado com a falta de segurança do local em que o livro de registros era guardado. A porta do armário estava empenada e rachada por causa da idade; a fechadura era do tipo menor e mais comum. Eu poderia tê-la forçado facilmente com a bengala que trazia nas mãos.

— Este é considerado um lugar seguro o suficiente para o registro? — indaguei. — Certamente, um livro tão importante como ele deveria ser protegido por uma fechadura melhor, e cuidadosamente guardado em um cofre de ferro?

— Ora vejam só, isso é curioso! — disse o diácono, tornando a fechar o livro logo depois de tê-lo aberto, e dando uma palmada na capa. — Essas eram exatamente as palavras que o meu velho patrão estava sempre dizendo, anos e anos atrás, quando eu era rapaz. “Por que o livro de registros” (se referindo a este registro aqui, em minhas mãos), “por que ele não é guardado em um cofre de ferro?” Eu o ouvi dizendo isso não uma, mas centenas de vezes. Ele era o representante legal naquela época, senhor, que tinha o cargo de escrevente paroquial desta igreja. Um cavalheiro tão cordial... e o homem mais singular que já viveu. Enquanto ele estava vivo, manteve uma cópia deste livro, em seu escritório em Knowlesbury, e mandava copiar os dados nele, de tempos em tempos, para corresponder aos novos registros aqui. O senhor mal pensaria nisso, mas ele designava uns dias, uma ou duas vezes a cada três meses, para vir a esta igreja com seu velho pônei branco para conferir a cópia, comparando com o livro de registros, com seus próprios olhos e mãos. “Como eu vou saber” (ele costumava dizer), “como eu vou saber que o livro de registros nesta sacristia não possa ser roubado ou destruído? Por que ele não é guardado em um cofre de ferro? Por que não consigo fazer com que as outras pessoas sejam tão cuidadosas como eu? Algum dia destes, um acidente vai acontecer, e quando o registro estiver perdido, então a paróquia vai ver o valor da minha cópia.” Ele costumava cheirar a sua pitada de rapé depois disso, e olhar ao seu redor, tão valente quanto um lorde. Ah! Não é fácil encontrar gente como ele para trabalhar, atualmente. O senhor pode ir a Londres, e não encontrar um par para ele até mesmo lá. Que ano mesmo o senhor falou? Mil oitocentos e...?

— Mil oitocentos e quatro — respondi, intimamente decidido a não dar ao velho mais oportunidades para falar, até que eu tivesse terminado de examinar o livro.

O diácono colocou os seus óculos, e virou as páginas do livro, cuidadosamente umedecendo seu dedo e o polegar, a cada três páginas.

— Cá está, senhor — disse ele, com outra palmada no livro aberto. — Este é o ano que o senhor deseja.

Como eu não sabia o mês em que Sir Percival havia nascido, comecei minha busca com o começo do ano. O livro era do tipo antiquado; os registros todos feitos em páginas em branco, em manuscrito, e as divisões que os separavam indicadas por linhas de tinta riscadas ao longo da página, no fim de cada anotação.

Eu cheguei ao começo do ano de 1804, sem encontrar o casamento; e então segui olhando em dezembro de mil oitocentos e três; novembro e outubro, o mês inteiro... Não! Não o mês todo de setembro também. Abaixo do cabeçalho daquele mês naquele ano, encontrei o casamento!

Eu examinei cuidadosamente o registro. Ele estava na parte de baixo de uma página e, por falta de espaço, inserido em um espaço menor que o ocupado pelos casamentos anteriores. O casamento imediatamente antes dele ficou gravado em minha memória pela circunstância de o nome de batismo do noivo ser igual ao meu. O registro imediatamente posterior (no topo da página seguinte) era notável de outro modo, pelo grande espaço que ocupava; neste caso, ele registrava os casamentos de dois irmãos ao mesmo tempo. O registro do casamento de Sir Felix Glyde não era de modo algum notável, a não ser pela exiguidade do espaço em que havia sido inserido no fim da página. A informação sobre a esposa dele era a informação habitual dada em tais casos. Ela era descrita como “Cecilia Jane Elster, de Park-View Cottages, Knowlesbury; única filha do falecido Patrick Elster, *Esq.*, antes morador de Bath.”

Anotei esses detalhes em meu livro de apontamentos, sentindo, ao anotar, tanto duvidoso quanto desencorajado em relação aos meus procedimentos seguintes. O Segredo, que eu havia acreditado, até aquele momento, estar ao alcance de minhas mãos, parecia mais distante que antes.

Quais sugestões de qualquer mistério inexplicado haviam surgido de minha ida à sacristia? Eu não via sugestões em parte alguma. Que progresso eu havia feito para descobrir a suposta mácula na reputação da mãe de Sir Percival? O único fato que eu havia verificado reforçava sua reputação. Novas dúvidas, novas dificuldades, novos atrasos começaram a se descortinar à minha frente em uma interminável perspectiva. O que eu deveria fazer a seguir? O único recurso imediato que me restava parecia ser o seguinte: eu poderia iniciar uma investigação sobre a “Srta. Elster de Knowlesbury”, com a possibilidade de avançar em meu objetivo principal, descobrindo em primeiro lugar o segredo do desprezo da Sra. Catherick pela mãe de Sir Percival.

— O senhor descobriu o que queria? — disse o diácono, enquanto eu

fechava o livro de registros.

— Sim — respondi —, mas ainda tenho algumas perguntas a fazer. Suponho que o clérigo que oficiava aqui no ano de mil oitocentos e três não esteja mais vivo?

— Não, não, senhor; ele morreu três ou quatro anos antes de eu vir para cá... e isso foi em vinte e sete. Eu obtive este posto, senhor — persistiu meu amigo velho e tagarela —, porque o diácono anterior o abandonou. Dizem que ele foi colocado para fora de casa pela esposa... e ela ainda vive, lá na nova cidade. Não sei os detalhes da história; tudo que sei é que eu consegui o posto. O Sr. Wansborough o conseguiu para mim... o filho do meu velho patrão, de quem falei para o senhor. Ele é um dos cavalheiros mais generosos e agradáveis que já viveram; caça, mantém os seus pointers, e tudo mais. Ele é o escrevente paroquial da igreja agora, como o pai dele foi antes dele.

— O senhor não me disse que o seu antigo patrão morava em Knowlesbury? — perguntei, rememorando a longa história a respeito do minucioso cavalheiro da velha escola, com a qual o meu amigo tagarela havia me fatigado ante de ele abrir o livro de registros.

— Sim, com certeza, senhor — replicou o diácono. — O velho Sr. Wansborough morava em Knowlesbury; e o jovem Sr. Wansborough mora lá também.

— O senhor acabou de dizer que ele era escrevente paroquial, assim como o pai dele anteriormente. Não tenho certeza se eu sei o que é um escrevente paroquial.

— Não sabe mesmo, senhor? E o senhor vem de Londres também! Toda igreja paroquial, o senhor sabe, tem um escrevente paroquial e um incumbente da paróquia. O incumbente é um homem como eu (a não ser pelo fato de eu ter muito mais estudo que a maior parte deles, embora não me vanglorie disso). O escrevente paroquial é um tipo de cargo que os advogados assumem; e se há qualquer coisa a ser feita pela assembleia paroquial, ora, eles estão ali para fazê-la. É a mesma coisa em Londres. Toda igreja paroquial tem o seu escrevente paroquial... e, o senhor pode acreditar em mim, ele com certeza é advogado.

— Então, o jovem Sr. Wansborough é um advogado, suponho?

— Mas é claro que é, senhor! Um advogado na High-street, Knowlesbury, o antigo escritório que o pai tinha antes dele. A quantidade de vezes que eu fiz limpeza naquele escritório, e vi o velho cavalheiro sair a serviço trotando no seu pônei branco, olhando à esquerda e à direita pela rua, e cumprimentando todos! Homessa, ele era uma pessoa muito conhecida! Ele teria tido sucesso em Londres!

— Qual é a distância entre Knowlesbury e este local?

— Uma boa caminhada, senhor — disse o diácono, com a ideia exagerada de distâncias e a vívida percepção das dificuldades de ir de um lugar para outro, característica de todas as pessoas do campo. — Uns bons oito quilômetros, eu lhe garanto!

Nem era meio-dia ainda. Havia bastante tempo para uma caminhada até Knowlesbury e para voltar a Welmingham; e provavelmente não haveria uma pessoa na cidade mais apta para me ajudar em minhas investigações a respeito da personalidade e da situação da mãe de Sir Percival, antes de seu casamento, que o representante legal local. Resolvido a ir imediatamente para Knowlesbury a pé, saí da sacristia.

— Eu lhe agradeço muito, senhor — disse o diácono, enquanto eu colocava uma gorjeta em sua mão. — O senhor vai mesmo andar o caminho todo até Knowlesbury e voltar? Bem! O senhor também tem as pernas fortes... e que bênção que isso é, não é? Eis a estrada; o senhor não pode se perder. Eu gostaria de seguir o seu caminho; é agradável encontrar cavalheiros de Londres, em um fim de mundo como este. A gente ouve as notícias. Eu lhe desejo um bom dia, senhor... e lhe agradeço muito, uma vez mais.

Nós nos separamos. Quando me afastei da igreja, olhei para trás — e lá estavam os dois homens de novo, na estrada mais para baixo, na companhia de um terceiro homem; essa terceira pessoa era o homenzinho de preto, que eu havia acompanhado até a estrada de ferro na tarde anterior.

Os três ficaram parados conversando por um tempinho — e então se separaram. O homem de preto seguiu sozinho na direção de Welmingham; os outros dois ficaram juntos, evidentemente esperando para me seguir, assim que eu saísse caminhando.

Segui meu caminho, sem deixar que os camaradas vissem que eu prestara alguma atenção neles. Eles não me causavam uma irritação consciente naquela ocasião — pelo contrário, reavivavam as minhas esperanças malogradas. Na surpresa da descoberta do registro do casamento, eu havia me esquecido da inferência que fizera ao ver pela primeira vez os homens nas cercanias da sacristia. O fato de eles reaparecerem fez-me lembrar que Sir Percival havia antecipado a minha visita à igreja de Old Welmingham, como consequência imediata de minha conversa com a Sra. Catherick — não fosse assim, ele nunca teria colocado os seus espiões ali para esperar por mim. Por mais corretas e justas que as aparências fossem na sacristia, havia algo de errado por trás delas — havia algo no livro de registros, tanto quanto eu soubesse, que eu ainda não havia descoberto.

X

Ao me afastar da igreja, segui andando a passos rápidos a caminho de

Knowlesbury.

A estrada era, em sua maior parte, reta e plana. Sempre que eu olhava para trás, via os dois espiões, me seguindo a passos firmes. Durante a maior parte do caminho, eles se mantiveram a uma distância segura. Mas, uma ou duas vezes, eles apertaram o passo, como se tivessem o propósito de me ultrapassar — então se detiveram — confabularam — e voltaram à sua posição anterior. Eles tinham em mente algum objetivo especial, com certeza; e pareciam estar hesitando ou divergindo sobre qual seria o melhor modo de concretizá-lo. Eu não conseguia imaginar com exatidão qual poderia ser o objetivo deles; mas tinha sérias dúvidas de que conseguiria chegar a Knowlesbury sem algum incidente acontecendo comigo no meio do caminho. Essas dúvidas foram concretizadas.

Eu havia acabado de entrar em um trecho solitário da estrada, com uma curva fechada a certa distância à minha frente, e concluído (calculando de acordo com o tempo) que eu deveria estar perto da cidadezinha, quando de repente ouvi os passos dos homens atrás de mim.

Antes que eu pudesse olhar ao redor, um deles (o homem que me havia seguido em Londres) passou rapidamente pela minha esquerda e me empurrou com o ombro. Eu tinha ficado mais irritado com o modo como ele e seu companheiro haviam seguido os meus passos desde Old Welmingham do que eu tinha consciência; e infelizmente empurrei o camarada com força com a mão aberta. Ele na mesma hora gritou pedindo socorro. Seu companheiro, o homem alto com roupas de guarda-caça, pulou para o meu lado direito — e, no momento seguinte, os dois larápios me mantinham preso entre eles no meio da estrada.

A certeza de que uma armadilha me havia sido preparada, e a irritação de saber que eu caíra nela, felizmente me impediram de tornar a minha posição ainda pior com uma briga inútil com dois homens — um dos quais estaria, sozinho, com toda probabilidade, mais que à minha altura. Reprimi o primeiro movimento natural com que havia tentado afastar os dois, e olhei ao redor para ver se havia alguma pessoa por perto a quem eu pudesse recorrer.

Um agricultor estava trabalhando em um campo ao lado, e deveria ter testemunhado tudo que se passara. Eu lhe pedi que fosse conosco até a cidadezinha. Ele balançou a cabeça com uma firme obstinação, e se afastou, na direção de uma casinha que ficava afastada da estrada principal. Ao mesmo tempo, os homens que me detinham declararam a sua intenção de me acusar de atacá-los. Eu estava calmo o suficiente e fui sensato o suficiente, então, para não me opor.

— Soltem os meus braços — eu disse —, e irei com os senhores à cidadezinha.

O homem com as roupas de guarda-caça recusou, brusco. Porém, o homem mais baixo foi arguto o bastante para pensar nas consequências, e não permitir que seu companheiro se comprometesse com uma violência desnecessária. Ele fez um gesto para o outro, e eu caminhei entre eles com os braços livres.

Chegamos à curva da estrada; e lá, bem perto de nós, estavam os arredores de Knowlesbury. Um dos policiais locais estava caminhando pelo caminho que margeava a estrada. Os homens na hora recorreram a ele. Ele replicou que o magistrado se encontrava no conselho municipal; e recomendou que comparecêsemos perante ele imediatamente.

Nós fomos ao conselho municipal. O escrevente fez uma citação formal; e a acusação foi feita contra mim, com o habitual exagero e o habitual falseamento da verdade, em tais ocasiões. O magistrado (um homem de mau gênio, que sentia um prazer amargo em exercer seu poder) perguntou se alguém na estrada, ou nas proximidades dela, havia testemunhado o ataque; e, para minha grande surpresa, o queixoso admitiu a presença do agricultor no campo. Eu fiquei sabendo, no entanto, qual era o objetivo dessa admissão com as palavras seguintes do magistrado. Ele me colocou sob custódia imediatamente, para que a testemunha fosse apresentada; manifestando, ao mesmo tempo, sua inclinação para me permitir ficar em liberdade, se eu pudesse apresentar alguém responsável pelo meu comparecimento. Se eu fosse conhecido na cidade, ele teria me liberado com a minha própria garantia; mas, como era um completo desconhecido, era necessário que eu achasse alguém responsável.

Todo o objetivo do estratagema me foi então revelado. Ele havia sido concebido de modo a tornar a custódia necessária em uma cidadezinha onde eu era um completo desconhecido, e onde não poderia ter esperanças de obter a minha liberdade sob fiança. A custódia se prolongaria por três dias, até a próxima audiência do magistrado. Mas, nesse ínterim, enquanto eu estivesse preso, Sir Percival poderia usar quaisquer meios que lhe aproovessem para dificultar meus procedimentos futuros — talvez evitar que ele fosse apanhado de algum modo — sem o menor temor de qualquer obstrução de minha parte. No fim dos três dias, a acusação seria, sem dúvida, retirada; e a presença da testemunha seria totalmente inútil.

Minha indignação, posso quase dizer, meu desespero, com essa mesquinha obstrução a todo progresso futuro — tão vil e insignificante por si só, e, no entanto, tão desencorajadora e tão séria quanto aos seus prováveis resultados — me deixaram incapaz, a princípio, de pensar no melhor meio de me salvar do dilema em que eu então me encontrava. Cometi a loucura de pedir material de escrita, e de pensar em comunicar a minha real situação em

segredo ao magistrado. A inutilidade e a imprudência desse procedimento não ficaram claras para mim antes de eu ter escrito as primeiras linhas da carta. Não foi senão depois de eu ter colocado o papel de lado — não até, me envergonho em dizer, eu ter quase permitido que o desespero de minha situação me dominasse — que um procedimento possível repentinamente me passou pela cabeça, que Sir Percival provavelmente não havia antecipado, e poderia me colocar em liberdade de novo em algumas horas. Eu me resolvi a comunicar a situação em que me encontrava ao Sr. Dawson, de Oak Lodge.

Eu havia visitado a casa desse cavalheiro, pode ser lembrado, na época de minhas primeiras investigações nas vizinhanças de Blackwater Park; e lhe dado uma carta de apresentação da Srta. Halcombe, na qual ela me recomendava à cordial atenção dele nos termos mais calorosos. Então escrevi, me referindo a essa carta, e ao que eu havia dito anteriormente ao Sr. Dawson sobre a natureza delicada e perigosa de minhas investigações. Eu não lhe havia revelado a verdade a respeito de Laura, tendo simplesmente descrito minha incumbência como da maior importância para interesses familiares particulares com os quais a Srta. Halcombe estava envolvida. Usando ainda a mesma cautela, então justifiquei a minha presença em Knowlesbury do mesmo modo — e deixei nas mãos do médico julgar se a confiança que uma senhora bem conhecida dele sentia em mim, e a hospitalidade que eu próprio recebera na casa dele, me justificavam ou não ao pedir-lhe que viesse em meu socorro em um local onde eu não tinha nenhuma amizade.

Eu obtive a permissão para contratar um mensageiro para partir na mesma hora com minha carta, em um veículo que poderia ser usado para trazer o médico imediatamente. Oak Lodge se localizava na região de Blackwater ao lado de Knowlesbury. O homem declarou que poderia ir até lá em quarenta minutos, e trazer o Sr. Dawson em mais quarenta. Eu o instruí a ir ter com o médico onde quer que ele se encontrasse, se não estivesse em casa — e então me sentei para esperar pelo resultado com toda a paciência e toda a esperança que pude reunir para me ajudar.

Ainda não era uma e meia quando o mensageiro partiu. Antes das três e meia, ele voltou, trazendo o médico. A gentileza do Sr. Dawson e a delicadeza com que ele tratou a sua pronta assistência como algo corriqueiro quase me sobrepujaram. A fiança solicitada foi oferecida, e na mesma hora acatada. Antes das quatro horas, naquela tarde — novamente um homem livre — eu estava trocando um caloroso aperto de mãos com o bom doutor nas ruas de Knowlesbury.

Hospitaleiro, o Sr. Dawson me convidou para voltar com ele a Oak Lodge, e me acomodar lá naquela noite. Eu só pude lhe responder que não era dono de meu tempo; só pude lhe pedir que me permitisse visitá-lo em alguns

dias, quando poderia renovar os meus agradecimentos, e oferecer-lhe todas as explicações que eu julgava lhe serem devidas, mas que não estava então em posição de oferecer. Nós nos despedimos com protestos de amizade de ambas as partes; e dirigi meus passos na hora para o escritório do Sr. Wansborough em High-street.

O tempo era então da maior importância.

A notícia de eu estar livre sob fiança chegaria a Sir Percival, com certeza absoluta, antes da noite. Se as próximas horas não me colocassem em posição de justificar os piores temores dele, e de deixá-lo irremediavelmente à minha mercê, eu poderia perder cada centímetro do terreno que havia conquistado, para nunca mais recuperá-lo de novo. A natureza inescrupulosa do homem, a influência local que ele exercia, o torturante perigo de exposição com que minhas investigações às cegas o ameaçavam — tudo me alertava para me esforçar a descobrir algo palpável, sem a inútil perda de um só minuto. Eu havia tido tempo para pensar, enquanto esperava pela chegada do Sr. Dawson; e o havia empregado muito bem. Certos trechos da conversa do diácono tagarela, que haviam me cansado na hora, então voltavam à minha memória com um novo significado; e uma suspeita que não me havia ocorrido enquanto estava na sacristia passou sombria pela minha mente. A caminho de Knowlesbury, eu havia apenas me proposto a me dirigir ao Sr. Wansborough atrás de informações sobre a mãe de Sir Percival. Meu objetivo, então, era o de examinar a duplicata do registro da Igreja de Old Welmingham.

O Sr. Wansborough estava em seu escritório quando perguntei por ele.

Ele era um homem jovial, de rosto avermelhado e de aparência tranquila — mais parecido com um *esquire* do interior que com um advogado — e parecia tanto surpreso quanto divertido com meu pedido. Ele havia ouvido falar da cópia do registro de seu pai; mas não a havia nem mesmo visto. Ela nunca fora solicitada — e estava, sem dúvida, na caixa-forte, entre outros documentos antigos que não haviam sido tocados desde a morte de seu pai. Era uma lástima (o Sr. Wansborough disse) que o velho cavalheiro não estivesse vivo para ouvir que alguém estava finalmente perguntando por sua preciosa cópia. Ele teria se dedicado ao seu passatempo favorito com mais empenho do que antes, agora. Como eu havia tido notícias da cópia? Fora por intermédio de alguém na cidadezinha?

Eu me esquivei da pergunta tão bem quanto fui capaz. Era impossível, naquele ponto da investigação, ter cautela em excesso; e era prudente não permitir que o Sr. Wansborough soubesse prematuramente que eu já havia examinado o registro original. Eu me apresentei, portanto, como alguém que estava fazendo uma investigação familiar, e para alcançar esse objetivo toda economia possível de tempo era da maior importância. Eu estava ansioso para

enviar alguns detalhes a Londres pelo correio daquele dia; e uma olhada na cópia do registro (pagando, naturalmente, as taxas necessárias) poderia oferecer o que eu requeria, e me poupar uma ida a Old Welmingham. Acrescentei que, caso necessitasse posteriormente de uma cópia do registro original, eu faria o pedido ao escritório do Sr. Wansborough para providenciar o documento.

Depois dessa explicação, nenhuma objeção foi feita à apresentação da cópia. Um escriturário foi enviado à caixa-forte e, depois de certa demora, voltou com o volume. Ele era exatamente do mesmo tamanho que o volume na sacristia; a única diferença era o fato de a cópia ter uma encadernação mais bonita. Eu a levei a uma mesa desocupada. Minhas mãos tremiam — minha cabeça fervia — eu sentia a necessidade de ocultar a minha agitação das pessoas por perto de mim no escritório tão bem quanto pudesse, antes de me arriscar a abrir o livro.

Na página em branco no início, à qual me dirigi em primeiro lugar, estavam traçadas algumas linhas, com tinta desbotada. Elas continham as seguintes palavras:

“Cópia do Registro de Casamentos da Igreja da Paróquia de Welmingham. Executada sob as minhas ordens; e posteriormente comparada, de registro em registro, com o original, por mim mesmo. (Assinado) Robert Wansborough, escrevente paroquial.” Abaixo dessa nota, havia uma linha acrescentada, em outra caligrafia, conforme segue: “Abrangendo o período de primeiro de janeiro de 1800 ao dia 30 de junho de 1815”.

Procurei o mês de setembro de mil oitocentos e três. Eu encontrei o casamento do homem cujo nome de batismo era o mesmo que o meu. Eu encontrei o registro duplo dos casamentos dos dois irmãos. E entre esses registros, na parte inferior da página...?

Nada! Nem um vestígio da anotação que registrava o casamento de Sir Felix Glyde e Cecília Jane Elster no registro da igreja!

Meu coração deu um grande pulo, e pulsava como se fosse me sufocar. Olhei de novo — estava com medo de acreditar na evidência dos meus próprios olhos. Não!, sem dúvida. O casamento não estava lá. Os registros na cópia ocupavam exatamente os mesmos lugares na página que os registros no original. A última anotação em uma página registrava o casamento do homem com o meu nome de batismo. Abaixo dela, havia um espaço em branco — um espaço evidentemente deixado por ser pequeno demais para conter o registro dos casamentos dos dois irmãos, que na cópia, assim como no original, ocupava o topo da página seguinte. Aquele espaço contava toda a história! Lá ele deveria ter permanecido, no registro da igreja, de mil oitocentos e três (quando os casamentos haviam sido realizados e a cópia havia sido feita) até

mil oitocentos e vinte e sete, quando Sir Percival apareceu em Old Welmingham. Aqui, em Knowlesbury, se encontrava a oportunidade de fazer a falsificação, mostrada para mim na cópia — e lá, em Old Welmingham, estava a falsificação feita, no registro da igreja!

Minha cabeça girava; eu me segurei na mesa para evitar cair. De todas as suspeitas que me haviam ocorrido em relação a esse homem desesperado, nenhuma estivera perto da verdade. A ideia de que ele não fosse Sir Percival Glyde, de que ele não tivesse maiores direitos ao título de baronete e a Blackwater Park que o mais pobre dos agricultores que trabalhava na propriedade, nunca se me havia ocorrido. Em uma ocasião, eu havia pensado que ele poderia ser o pai de Anne Catherick; em outra ocasião, eu havia pensado que ele poderia ter sido o marido de Anne Catherick — o crime de que ele realmente era culpado havia estado, do início ao fim, além dos mais insanos limites de minha imaginação.

Os meios vis através dos quais a fraude havia sido cometida, a magnitude e a ousadia do crime que ela representava e o horror das consequências envolvidas na descoberta me dominaram. Quem poderia se espantar, agora, com o tormento da vida desse homem desgraçado; com o desespero com que ele alternava entre a abjeta duplicidade e a violência imprudente; com a insanidade da desconfiança culposa que o havia levado a aprisionar Anne Catherick no Sanatório, e o havia feito se imiscuir na vil conspiração contra a sua esposa, devido à mera suspeita de que uma e outra conhecessem esse terrível segredo? A revelação desse segredo poderia, em tempos passados, tê-lo mandado para a forca — poderia agora mandá-lo para as colônias penais pelo resto da vida. A revelação desse segredo, mesmo que as vítimas de sua fraude o poupassem das penalidades da lei, o privaria, de um só golpe, da posição, da propriedade, de toda a existência social que ele havia usurpado. Esse era o Segredo, e ele era meu! Uma palavra minha; e casa, terras e título de baronete ficariam fora do alcance dele para sempre — uma palavra minha, e ele ficaria perdido no mundo, um pária sem nome, sem um tostão, sem amigos! Todo o futuro desse homem pendia de meus lábios — e ele sabia disso, agora, com tanta certeza quanto eu!

Esse último pensamento me equilibrou. Interesses muito mais preciosos que o meu dependiam da cautela que deveria então guiar as minhas mais insignificantes ações. Não havia nenhuma traição possível que Sir Percival não fosse tentar contra mim. No perigo e no desespero de sua posição, ele não vacilaria perante nenhum risco, ele não se eximiria de nenhum crime — ele, literalmente, não hesitaria perante nada para se salvar.

Refleti por uns instantes. Minha maior necessidade era a de garantir evidências palpáveis, escritas, da descoberta que eu havia acabado de fazer e,

no caso de algum infortúnio pessoal acontecer comigo, colocar essa evidência fora do alcance de Sir Percival. A cópia do registro com certeza estava a salvo na caixa-forte do Sr. Wansborough. Mas, a situação do original na sacristia era, como eu havia visto com os meus próprios olhos, qualquer coisa menos segura.

Nessa contingência, resolvi voltar à igreja, para recorrer novamente ao diácono, e fazer a necessária cópia do registro, antes de eu dormir aquela noite. Eu não sabia então que uma cópia com certificação legal era necessária, e que nenhum documento simplesmente copiado por mim poderia ter a devida importância como prova. Não sabia disso; e minha determinação de manter meus procedimentos um segredo impediu-me de fazer quaisquer perguntas que pudessem ter obtido a informação necessária. Minha única ansiedade era a ansiedade de retornar a Old Welmingham. Dei as melhores desculpas possíveis para o transtorno em meu rosto e em meus modos, que o Sr. Wansborough já havia percebido; deixei o pagamento necessário na mesa dele; combinei que eu lhe escreveria em um ou dois dias; e saí do escritório, com a cabeça girando, e o sangue pulsando em minhas veias com um calor febril.

Estava escurecendo. Ocorreu-me a ideia de que eu poderia ser seguido de novo, e atacado na estrada principal.

Minha bengala era leve, de pouca ou nenhuma serventia para propósitos de defesa. Eu me detive, antes de partir de Knowlesbury, e comprei um porrete pequeno e pesado na ponta. Com essa arma doméstica, se qualquer homem tentasse me deter, eu estaria à altura dele. Se mais de um me atacasse, eu poderia confiar em minhas pernas. Em meus dias de escola, eu havia sido um bom corredor — e não tinha sentido falta de prática desde então, na parte final de minha experiência na América Central.

Parti da cidadezinha a passos rápidos, e me conservei no meio da estrada.

Uma chuvinha nevoenta estava caindo, e era impossível, durante a primeira metade do percurso, garantir se eu estava sendo seguido ou não. Mas, na segunda metade da minha jornada, quando eu supunha estar a cerca de três quilômetros da igreja, vi um homem passar correndo por mim na chuva — e então ouvi o portão de um campo à beira da estrada se fechar, com força. Eu continuei, com meu porrete de prontidão nas mãos, meus ouvidos atentos, e os meus olhos se esforçando para ver em meio à névoa e à escuridão. Antes de ter avançado cem metros, houve um farfalhar na cerca-viva à minha direita, e três homens pularam para a estrada.

Na mesma hora corri para a margem da estrada. Os dois homens que estavam na frente correram e se afastaram muito de mim, antes de conseguirem se deter. O terceiro era tão rápido quanto um relâmpago. Ele

parou — se voltou — e me golpeou com a sua bengala. O golpe foi dado ao acaso, e não era forte. Ele caiu no meu ombro esquerdo. Eu respondi batendo com força na cabeça do homem. Ele cambaleou e deu um encontrão em seus companheiros, bem quando eles estavam correndo na minha direção. Essa circunstância me deu alguns instantes de vantagem. Passei por eles e voltei para o meio da estrada de novo, correndo o mais que podia.

Os dois homens que não estavam feridos me perseguiram. Ambos eram bons corredores; a estrada era lisa e plana; e, durante os cinco primeiros minutos, ou pouco mais, eu tinha consciência de que não conseguia levar vantagem sobre eles. Era perigoso correr por muito tempo na escuridão. Eu mal conseguia ver as linhas negras e indistintas da cerca-viva a cada lado; e qualquer obstáculo casual na estrada teria me derrubado com toda certeza. Em pouco tempo, senti que o terreno estava mudando: ele descia em uma curva, e então se erguia de novo à frente. Na descida da colina, os homens conseguiram ir bem mais rápido que eu; mas, na subida, comecei a me distanciar deles. As batidas regulares e rápidas dos pés deles ficaram mais fracas em meus ouvidos; e calculei, pelo som, que estava longe o suficiente para entrar pelos campos, com uma boa chance de eles passarem por mim na escuridão. Indo para a margem da estrada, eu me dirigi para a primeira abertura que consegui entrever, muito mais do que distinguir, na cerca viva. Era um portão fechado. Saltei por cima dele e, encontrando-me em um campo, segui por ele sem me deter, dando as costas para a estrada. Eu ouvi os homens passando pelo portão, ainda correndo — e então, um minuto depois, ouvi um deles dizendo ao outro para voltar. Não importava o que eles fizessem então; eu estava fora do alcance da vista e dos ouvidos deles. Segui reto pelo campo e, quando havia alcançado a extremidade mais distante dele, esperei ali por um minuto para recuperar o fôlego.

Era impossível me arriscar a voltar para a estrada; mas estava resolvido, não obstante, a chegar a Old Welmingham naquela noite.

Nem lua e nem estrelas apareceram para me guiar. Eu só sabia que havia deixado o vento e a chuva às minhas costas ao sair de Knowlesbury — e se agora eu continuasse a mantê-los às minhas costas, poderia, pelo menos, ter a certeza de não estar avançando na direção errada.

Adotando essa estratégia, atravessei o campo — não me deparando com obstáculos piores que cercas-vivas, valas e moitas, que, de vez em quando, me obrigavam a alterar um pouco o meu rumo — até me encontrar em uma colina, com o terreno se inclinando íngreme à minha frente. Desci para o fundo do vale, abri caminho em uma cerca-viva, e cheguei a uma vereda. Tendo virado à direita ao sair da estrada, então virei à esquerda, tentando voltar para a linha da qual eu havia me desviado. Depois de seguir o

enlameado serpentear da vereda por uns dez minutos ou mais, vi um chalé com uma luz em uma das janelas. O portão do jardim estava aberto; e entrei na hora para perguntar o caminho.

Antes que eu pudesse bater à porta, ela se abriu de repente, e um homem saiu correndo com um lampião aceso na mão. Ele se deteve e o ergueu na altura do meu rosto. Nós dois nos sobressaltamos quando nos vimos. Minhas idas e vindas haviam me conduzido aos arredores do vilarejo e me levado à sua parte mais baixa. Eu estava de volta a Old Welmingham; e o homem com o lampião não era ninguém além de meu conhecido daquela manhã, o diácono da paróquia.

Os seus modos pareciam ter se alterado de modo estranho, no intervalo desde que eu o havia visto pela última vez. Ele aparentava estar desconfiado e confuso; suas bochechas vermelhas estavam profundamente enrubescidas; e as suas primeiras palavras, quando ele falou, foram totalmente incompreensíveis para mim.

— Onde estão as chaves? — ele disse. — O senhor as pegou?

— Quais chaves? — perguntei. — Acabei de chegar de Knowlesbury. A que chaves o senhor se refere?

— As chaves da sacristia. O Senhor nos proteja e nos ajude! O que eu vou fazer? As chaves sumiram! O senhor está me ouvindo? — exclamou o velho, balançando o lampião, agitado, em minha direção. — As chaves sumiram!

— Como? Quando? Quem pode tê-las levado?

— Eu não sei — disse o diácono, olhando ao redor, desesperado, na escuridão. — Acabei de voltar. Eu disse para o senhor que tinha muito serviço hoje de manhã... Tranquei a porta e fechei a janela; ela está aberta, agora; a janela está aberta. Olhe! Alguém entrou aqui, e levou as chaves.

Ele se voltou para a janela de postigo para me mostrar que ela estava escancarada. A portinhola do lampião se abriu quando o diácono o balançou; e o vento soprou a vela na mesma hora.

— Arrume outra luz — eu disse —, e vamos juntos à sacristia. Rápido! Rápido!

Eu o fiz entrar correndo na casa. A traição que eu tinha todos os motivos para esperar, a traição que poderia me privar de toda a vantagem que eu havia conquistado, talvez estivesse, naquele momento, acontecendo. Minha impaciência para chegar à igreja era tão grande, que não consegui ficar inativo no chalé enquanto o diácono acendia o lampião de novo. Segui pelo caminho, ao longo do jardim, até a vereda.

Antes de eu ter me adiantado dez passos, um homem se aproximou de mim vindo da direção que levava à igreja. Ele falou respeitosamente quando

nos encontramos. Eu não conseguia ver seu rosto; mas, a julgar apenas por sua voz, ele era um completo desconhecido para mim.

— Peço-lhe desculpas, Sir Percival... — ele começou.

Eu o detive antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

— A escuridão o está confundindo — eu disse. — Não sou Sir Percival.

O homem se deteve na mesma hora.

— Achei que era o meu patrão — ele murmurou, confuso e duvidoso.

— Você esperava encontrar o seu patrão aqui?

— Recebi ordens de esperar na vereda.

Com essa resposta, ele voltou para onde tinha estado. Eu olhei para o chalé, e vi o diácono saindo, com o lampião aceso uma vez mais. Peguei o velho pelo braço, para ajudá-lo a ir mais depressa. Nós nos apressamos pela vereda, e passamos pela pessoa que me abordara. Tanto quanto consegui ver à luz do lampião, ele era um empregado sem libré.

— Quem é esse? — sussurrou o diácono. — Ele sabe alguma coisa sobre as chaves?

— Não vamos esperar para lhe perguntar — eu respondi. — Vamos primeiro à sacristia.

Não dava para ver a igreja, mesmo durante o dia, até que se alcançasse o fim da vereda. Enquanto subíamos o terreno em aclive que levava à edificação a partir daquele ponto, uma das crianças do vilarejo — um menino — se aproximou de nós, atraída pela luz que levávamos, e reconheceu o diácono.

— Seo pároco, se o senhor quer sabê — disse o menino, importuno, puxando casaco do homem —, tem arguém lá na igreja. Eu ouvi arguém entrano e trancano a porta... Eu ouvi arguém acender a luz com um fósfo.

O diácono tremia, e se apoiou com força em mim.

— Vamos! Vamos! — eu disse, encorajador. — Nós não chegamos tarde demais. Vamos pegar esse homem, quem quer que ele seja. Segure o lampião, e me siga tão rápido quanto o senhor puder.

Eu subi rapidamente a colina. A massa escura da torre da igreja foi o primeiro objeto que discerni, indistinto, contra o céu noturno. Quando dei a volta para chegar à sacristia, ouvi passos pesados às minhas costas. O empregado havia subido até a igreja atrás de nós.

— Não quero fazer mal nenhum — ele disse, quando me volvei para ele. — Eu só estou procurando meu patrão. — O tom com que ele falou traía um medo indisfarçável. Eu não lhe dei atenção, e prossegui.

No instante em que passei pelo ângulo da parede, e a sacristia apareceu à minha frente, vi a claraboia no teto vivamente iluminada pelo lado de dentro. Ela brilhava com uma luminosidade cegante contra o céu trevoso e sem

estrelas.

Eu me apressei ao longo do adro da igreja até a porta.

Ao eu me aproximar, havia um cheiro estranho se insinuando no ar noturno e úmido. Ouvi um estalido do lado de dentro — vi a luz lá no alto ficar cada vez mais brilhante — um vidro da janela se rachou — corri para a porta e coloquei a mão nela. A sacristia estava pegando fogo!

Antes que eu pudesse me mover, antes que eu conseguisse recuperar o fôlego depois dessa descoberta, fiquei paralisado, horrorizado com uma batida forte e pesada contra a porta, do lado de dentro. Ouvi a chave sendo virada com força na fechadura — ouvi a voz de um homem, atrás da porta, se elevando, pavorosamente aguda, gritando por socorro.

O empregado, que havia me seguido, recuou cambaleando e tremendo, e caiu de joelhos.

— Oh, meu Deus! — ele disse. — É Sir Percival!

Quando ele pronunciou essas palavras, o diácono se juntou a nós — e, no mesmo instante, houve outra — e derradeira — tentativa de girar a chave na fechadura.

— Deus tenha piedade da alma dele! — disse o velho. — Ele está condenado e morto. A fechadura emperrou.

Eu corri para a porta. O único propósito obcecante que havia ocupado todos os meus pensamentos e controlado todas as minhas ações, por semanas a fio, desapareceu em um instante de minha mente. Todas as recordações da desalmada injúria que os crimes desse homem haviam infligido; do amor, da inocência, da felicidade que ele, impiedoso, havia destroçado; do juramento que eu havia feito, em meu íntimo, de fazê-lo passar pelo terrível julgamento que ele merecia — desapareceram de minha memória como um sonho. Eu não me lembrava de nada a não ser do horror da situação. Eu não sentia nada a não ser o natural impulso humano de salvá-lo de uma morte pavorosa.

— Tente a outra porta! — gritei. — Tente a porta que dá para a igreja! A fechadura está emperrada. O senhor é um homem morto se perder mais um instante com ela!

Não houvera outro grito por socorro quando a chave havia sido virada pela última vez. Não havia som agora, de nenhum tipo, para indicar que ele ainda estava vivo. Não ouvi nada a não ser o crepitar mais forte das chamas, e o forte estalar do vidro na claraboia lá no alto.

Eu olhei para os meus dois companheiros. O empregado havia se levantado: ele pegara o lampião e o estava segurando olhando vagamente para a porta. O terror parecia tê-lo levado a uma total idiotia — ele ficava ao meu lado, ele me seguia quando eu me movia, como um cachorro. O diácono

sentava-se encurvado em um dos túmulos, tremendo e gemendo em voz baixa. O único momento em que olhei para eles foi o suficiente para me mostrar que ambos não poderiam ajudar.

Mal sabendo o que fazia, agindo desesperadamente com base no primeiro impulso que me ocorreu, eu agarrei o empregado e o empurrei contra a parede da sacristia.

— Abaixo-se! — eu disse. — E se segure nas pedras. Vou subir nas suas costas e alcançar o teto; eu vou quebrar a claraboia, e dar a esse homem um pouco de ar! — O homem tremia da cabeça aos pés, mas ficou firme. Subi nas costas dele, com meu porrete na boca; agarrei o parapeito com as duas mãos; e na mesma hora me encontrava no teto. Na pressa e agitação frenéticas do momento, nunca me ocorreu que eu poderia deixar sair a chama, em vez de deixar o ar entrar. Atingi a claraboia, e estilhacei o vidro rachado e quase solto com um golpe. O fogo saltou para fora como uma besta selvagem de seu covil. Se o vento causalmente não o tivesse afastado de mim, na posição em que eu me encontrava os meus esforços poderiam ter terminado ali, naquele instante. Eu me agachei no telhado, enquanto a fumaça saía acima de mim, junto com as chamas. O brilho e os reflexos da luz me mostravam o rosto do empregado olhando com ar vago para o alto, encostado à parede; o diácono, em pé no túmulo, retorcendo as mãos, desesperado; e a escassa população do vilarejo, homens abatidos e mulheres apavoradas, amontoados mais além no adro da igreja — todos aparecendo e desaparecendo no pavoroso rubor do clarão, no negror da fumaça sufocante. E o homem, aos meus pés! — o homem, sufocando, queimando, morrendo tão perto de nós todos, tão irremediavelmente fora do nosso alcance!

Esse pensamento quase me enlouqueceu. Desci do telhado, me segurando com as mãos, e me deixei cair no chão.

— A chave da igreja! — gritei para o diácono. — Nós temos de tentar por esse lado... Ainda podemos salvá-lo, se conseguirmos arrombar a porta interna.

— Não, não, não! — exclamou o velho. — Não há esperança! A chave da igreja e a chave da sacristia estão no mesmo aro... Ambas lá dentro! Oh, senhor, ele não pode ser salvo... ele é pó e cinzas, a esta hora!

— Eles vai ver o fogo lá da cidadezinha — disse uma voz entre os homens atrás de mim. — Tem uma máquina na cidadezinha. Eles vai salvar a igreja.

Eu chamei o homem — *ele* era capaz de pensar — eu o chamei para que viesse falar comigo. Demoraria um quarto de hora, pelo menos, até que os bombeiros conseguissem chegar até nós. O horror de permanecer inativo, esse tempo todo, era mais do que eu seria capaz de enfrentar. Contrariando meu

bom senso, eu me persuadi de que o infeliz condenado e perdido na sacristia poderia ainda estar deitado, sem sentidos, no chão, poderia ainda não estar morto. Se nós arrombássemos a porta, poderíamos salvá-lo? Eu sabia quão forte era a pesada fechadura — eu sabia quão espesso era o carvalho cheio de pregos — eu sabia quão inútil era atacar uma ou o outro com meios corriqueiros. Mas, certamente ainda haveria vigas mestras nas casinhas desmanteladas perto da igreja? E se pegássemos uma, e a usássemos como aríete contra a porta?

O pensamento passou célere pela minha cabeça, assim como o fogo saltara pela claraboia estilhaçada. Chamei o homem que havia falado em primeiro lugar sobre os bombeiros na cidadezinha.

— Vocês estão com as suas picaretas à mão? — Sim, eles estavam. — E uma machadinha, e um serrote, e um pedaço de corda? — Sim! Sim! Sim! Corri entre os moradores locais, com o lampião em minhas mãos. — Cinco xelins para cada homem que me ajudar! — Eles se animaram com essas palavras. Aquela voraz fome secundária da pobreza — a fome de dinheiro — os incitou a se agitar e a agir em um instante. — Dois de vocês peguem mais lampiões, se vocês os tiverem! Dois de vocês vão pegar as machadinhas e as ferramentas! Os demais vão comigo procurar a viga mestra! — Eles vibraram — com vozes agudas e esfaimadas eles vibraram. As mulheres e as crianças se afastaram dos dois lados. Nós corremos, juntos, pelo caminho da igreja até a primeira casinha vazia. Nenhum homem ficou para trás, a não ser o diácono — o pobre e velho diácono em pé na lápide achatada soluçando e se lamentando por causa da igreja. O empregado ainda estava ao meu lado; seu rosto branco, impotente e com uma expressão de pânico, estava junto de meus ombros quando entramos na casinha. Havia vigas caídas do piso superior no chão — mas eram muito leves. Uma viga mestra corria acima de nossas cabeças, mas não fora do alcance de nossos braços e de nossas picaretas — uma viga presa em cada ponta na parede em ruínas, com o teto e o piso arrancados, e um grande buraco no teto, aberto para o céu. Nós atacamos ambas as pontas da viga mestra ao mesmo tempo. Deus do céu! Como ela estava firme — como o tijolo e a argamassa da parede resistiam! Nós batemos, e labutamos, e arreventamos. A viga mestra cedeu em uma das pontas — ela caiu seguida por um pouco de alvenaria. Um grito partiu das mulheres amontoadas na soleira da porta para nos olhar — um brado dos homens — dois deles caídos, mas não machucados. Outro esforço conjunto — e a viga mestra estava solta nas duas pontas. Nós a erguemos e demos ordens para liberar a porta. E agora, mãos à obra! Agora, correr até a porta! O fogo está subindo para o céu, subindo mais claro que nunca, para nos iluminar! Firmes, ao longo do caminho da igreja; firmes com a viga mestra, para correr até a porta. Um, dois, três... e já! Soam os brados de novo, irreprimíveis. Nós

já abalamos a estrutura; as dobradiças devem ceder, se a fechadura não ceder. Outra investida com a viga mestra! Um, dois, três... e já! Cedeu! O fogo escondido salta sobre nós através da abertura. Outra, e derradeira investida! A porta cai com um estrondo. Um grande silêncio assombrado e uma quietude expectante se apossam de nossas almas. Nós procuramos o corpo. O calor calcinante em nossos rostos nos afasta; nada vemos — acima, ao redor, por toda a sacristia, nós nada vemos além de uma cortina de fogo vivo.

— Onde ele está? — sussurrou o empregado, fitando as chamas com um olhar vago.

— Ele é pó e cinzas — disse o diácono. — E os livros são pó e cinzas... e, oh, senhores! Logo a igreja também será pó e cinzas.

Somente os dois falaram. Quando ficaram em silêncio de novo, nada se movia naquela quietude a não ser o crepitar das chamas.

Ouçam!

Um chocalhar à distância — então, o som surdo das patas dos cavalos a pleno galope — então, o barulho em surdina, o predominante tumulto de centenas de vozes humanas gritando e bradando juntas. Finalmente, a máquina!

As pessoas ao meu redor deram as costas ao fogo, e correram ansiosas para a encosta da colina. O velho diácono tentou ir com elas; mas as suas forças haviam se acabado. Eu o vi se segurando em um dos túmulos.

— Salvem a igreja! — ele exclamou com voz fraca, como se os bombeiros já pudessem ouvi-lo. — Salvem a igreja!

O único homem que não se mexeu foi o empregado. Lá ele ficou, os olhos ainda presos às chamas com um olhar imutável e vazio. Eu falei com ele, o sacudi pelo braço. Era impossível animá-lo. Ele só sussurrou de novo:

— Onde ele está?

Em dez minutos, a máquina estava posicionada; o poço nos fundos da igreja a estava alimentando; e a mangueira foi levada à porta da sacristia. Se auxílio de minha parte tivesse sido necessário, eu não poderia tê-lo dado então. Minha força de vontade havia se acabado — minhas forças físicas estavam esgotadas — o tumulto de meus pensamentos temerosa e repentinamente se acalmara, agora que eu sabia que ele estava morto. Eu fiquei parado, inútil e impotente — olhando, olhando, olhando para a sacristia em chamas.

Vi o fogo lentamente ser subjugado. O clarão das chamas diminuiu — a fumaça subia em nuvens brancas, e no meio dela os montes de cinzas fumegantes apareciam rubros e negros no chão. Houve uma pausa — e então, um avanço em conjunto dos bombeiros e da polícia, que bloquearam a porta

— então uma conversa em voz baixa — e então, dois homens foram destacados dos demais, e enviados para fora do adro da igreja em meio à multidão. A multidão retrocedeu dos dois lados, em um silêncio mortal, para deixá-los passar.

Passados uns instantes, um grande frêmito percorreu as pessoas; e a massa humana lentamente se espalhou. Os homens passaram por ela, com uma porta de uma das casas vazias. Eles a levaram para a sacristia, e entraram. A polícia se aglomerou de novo na porta, e os homens saíram do meio da multidão em duplas e em trios, e ficaram atrás da polícia, para que fossem os primeiros a ver. Outros esperaram por perto, para que fossem os primeiros a ouvir. Mulheres e crianças se encontravam neste último grupo.

As notícias da sacristia começaram a correr entre a multidão — elas passavam lentamente de boca em boca, até chegarem ao lugar onde eu me encontrava. Ouvi as perguntas e respostas repetidas uma vez depois da outra, em voz baixa e ansiosa, ao meu redor.

“Eles o encontraram?” “Sim.” “Onde?” “Do lado da porta. Caído de bruços.” “Qual porta?” “A porta que dá para a igreja. A cabeça dele estava apoiada nela. Ele estava caído de bruços.” “O rosto dele está queimado?” “Não.” “Sim, está.” “Não; chamuscado, e não queimado; ele estava caído de bruços, eu estou dizendo.” “Quem era ele? Um lorde, estão dizendo.” “Não, não um lorde. *Sir* Qualquer-coisa; *Sir* quer dizer Cavaleiro.” “E Baroneteiro, também.” “Não.” “Sim, é.” “O que ele queria ali dentro?” “Nada de bom, pode acreditar nisso.” “Ele fez de propósito?” “Se queimar de propósito!” “Eu não quis dizer ele; eu quis dizer a sacristia.” “Dá medo olhar pra ele?” “Medo!” “Não no rosto, no entanto?” “Não, não, nem tanto no rosto.” “Ninguém num conhece ele?” “Tem um homem que diz que conhece.” “Quem?” “Um empregado, estão dizendo. Mas, ele tá que nem bobo, e a polícia não acredita nele.” “Ninguém mais num sabe quem ele é?” “Shhhh....!”

A voz alta e nítida de um homem investido de autoridade silenciou o zumbido das conversas ao meu redor, em um instante.

— Onde está o cavalheiro que tentou salvá-lo? — perguntou a voz.

— Ele está aqui, senhor... ele está aqui! — Dúzias de rostos ansiosos me rodearam; dúzias de braços ansiosos afastaram a multidão. O homem investido de autoridade se aproximou de mim com um lampião nas mãos.

— Por aqui, senhor, por favor — disse ele, em voz baixa.

Eu não conseguia falar com ele; eu não conseguia resistir a ele, quando ele segurou o meu braço. Tentei dizer que nunca havia visto o falecido, quando vivo — que não havia esperanças de identificá-lo por meio de um desconhecido como eu. Mas, as palavras não passaram pelos meus lábios. Eu estava fraco e silencioso e impotente.

— O senhor o conhece?

Eu estava parado no meio de um grupo de homens. Três deles, à minha frente, estavam segurando lampiões perto do chão. Os olhos deles, e os olhos de todos os demais, estavam fixos, silenciosos e expectantes, em meu rosto. Eu sabia o que estava aos meus pés — sabia por que eles estavam segurando os lampiões tão perto do chão.

— Pode identificá-lo, senhor?

Meus olhos se baixaram lentamente. A princípio, não vi nada abaixo deles a não ser um grosseiro pedaço de lona. O gotejar da chuva sobre ele era audível no silêncio pavoroso. Olhei ao longo da lona; e lá, na ponta, hirtos e sombrios e enegrecidos, à luz amarelada — lá, estava o rosto morto dele.

Então, pela primeira e última vez, eu o vi. E assim a Visitação de Deus determinou que ele e eu devêssemos nos encontrar.

XI

O INQUÉRITO foi apressado por certos motivos locais importantes para o *coroner* e as autoridades locais. Ele foi realizado na tarde do dia seguinte. Eu, obrigatoriamente, estava entre as testemunhas convocadas para auxiliar a investigação.

Meu primeiro procedimento, de manhã, foi ir aos correios, e perguntar sobre a carta que eu esperava de Marian. Nenhuma alteração nas circunstâncias, por mais extraordinária, poderia afetar a única grande ansiedade que afligia a minha mente enquanto eu estava longe de Londres. A carta matutina, a única garantia que eu poderia receber de que nenhum problema grave havia ocorrido em minha ausência, ainda era o interesse obcecante com o qual o meu dia começava.

Para meu alívio, a carta de Marian estava nos correios esperando por mim. Nada havia acontecido — ambas estavam seguras, e tão bem como quando eu as havia deixado. Laura mandava lembranças, e pedia que eu avisasse de meu retorno um dia antes. Sua irmã acrescentava, à guisa de explicação para essa mensagem, que ela havia poupado “quase um soberano” de seu dinheiro pessoal e reivindicado o privilégio de pedir e de oferecer o jantar que celebraria o dia de meu retorno. Li essas pequenas confidências domésticas, na manhã luminosa, com a pavorosa recordação do que havia acontecido na noite anterior vívida em minha memória. A necessidade de poupar Laura de qualquer conhecimento repentino da verdade foi a primeira consideração que a carta me sugeriu. Escrevi na mesma hora para Marian, para contar-lhe o que narrei nestas páginas; apresentando as notícias de modo tão gradual e gentil quanto fui capaz, e alertando-a para não permitir que um jornal caísse nas mãos de Laura enquanto eu estivesse ausente. No caso de qualquer outra

mulher, menos corajosa e menos confiável, eu poderia ter hesitado antes de revelar toda a verdade sem subterfúgios. Mas eu devia a Marian ser fiel ao conhecimento prévio que eu tinha dela, e a confiar nela como confiava em mim mesmo.

Minha carta, obrigatoriamente, foi longa. Ela me ocupou até chegar a hora de ir para o Inquérito.

Os objetivos da investigação legal estavam obrigatoriamente obstruídos por complicações e dificuldades peculiares. Além de investigar o modo como o falecido havia morrido, havia questões sérias a ser esclarecidas relacionadas à causa do incêndio, à apropriação das chaves, e à presença de um desconhecido na sacristia na hora em que o incêndio irrompeu. Nem a identificação do homem morto ainda havia sido feita. O estado em que o empregado se encontrava havia deixado a polícia desconfiada do reconhecimento que ele fizera de seu patrão. Eles haviam mandado alguém a Knowlesbury durante a noite para garantir a presença de testemunhas que conhecessem bem a aparência de Sir Percival Glyde, e haviam se comunicado, logo cedo, com Blackwater Park. Essas precauções permitiram ao *coroner* e ao júri esclarecer a questão da identidade, e confirmar a veracidade da declaração do empregado; a evidência oferecida por testemunhas confiáveis e pela descoberta de certos fatos sendo posteriormente reforçada por um exame do relógio do homem morto. O escudo e o nome de Sir Percival Glyde estavam gravados na parte interna dele.

As perguntas seguintes se referiam ao incêndio.

O empregado e eu, e o menino que havia ouvido o fósforo sendo riscado na sacristia, fomos as primeiras testemunhas convocadas. O menino deu as suas informações com muita clareza; porém, a mente do empregado ainda não havia se recuperado do choque a ela infligido — ele claramente era incapaz de esclarecer os objetivos do inquérito, e pediram-lhe que descesse do banco das testemunhas.

Para meu alívio, o meu interrogatório não foi longo. Eu não havia conhecido o falecido; nunca o havia visto; não sabia que ele se encontrava em Old Welmingham; e não estava na sacristia na hora em que encontraram o corpo. Tudo que pude provar foi que eu havia parado no chalé do diácono para perguntar sobre o caminho; que eu soubera por intermédio dele da perda das chaves; que o acompanhara à igreja para prestar qualquer auxílio possível; que eu havia visto o fogo; que eu havia ouvido uma pessoa desconhecida, dentro da sacristia, tentando em vão destrancar a porta; e que havia feito o que podia, por motivos humanitários, para salvar o homem. Perguntaram para outras testemunhas, que haviam conhecido o falecido, se elas poderiam explicar o mistério da suposta apropriação das chaves por parte dele, e da

presença dele na sacristia em chamas. Mas, o *coroner*, algo muito natural, parecia dar como certo que eu, como completo desconhecido nas redondezas, e completo desconhecido para Sir Percival Glyde, não estava em posição de oferecer qualquer evidência sobre esses dois pontos.

O rumo que eu deveria tomar, quando meu interrogatório formal havia terminado, me parecia claro. Não me senti impelido a oferecer qualquer declaração sobre as minhas convicções íntimas; em primeiro lugar, porque se eu o fizesse não atenderia a nenhum propósito prático, agora que toda a prova para confirmar quaisquer conjecturas de minha parte estava queimada com o registro queimado; em segundo lugar, porque não teria sido capaz de oferecer de modo inteligível a minha opinião — minha opinião sem provas — sem revelar toda a história da conspiração; e produzir, sem dúvida, o mesmo efeito insatisfatório na mente do *coroner* e do júri que eu já havia produzido na mente do Sr. Kyrle.

Nestas páginas, no entanto, e depois do tempo decorrido desde então, tais cuidados e controles como os aqui descritos não devem impedir a livre expressão de minha opinião. Vou dizer de modo sucinto, antes que a minha pena se ocupe com outros acontecimentos, como minhas convicções pessoais me levaram a explicar a apropriação das chaves, o início do incêndio e a morte do homem.

A notícia de eu ter sido inesperadamente colocado em liberdade sob fiança levou Sir Percival, conforme eu acredito, aos seus últimos recursos. A tentativa de ataque na estrada foi um deles; e a eliminação de todas as provas concretas de seu crime, com a destruição da página do registro em que a fraude havia sido cometida, era o outro, e o mais garantido dos dois. Se eu não fosse capaz de apresentar a anotação do livro original, para comparar com a cópia certificada em Knowlesbury, não poderia apresentar evidências concretas, e não poderia ameaçá-lo com uma exposição fatal. Tudo necessário para chegar a esse fim era que Sir Percival entrasse na sacristia sem ser percebido, arrancasse a página do registro, e saísse da sacristia de modo tão furtivo como havia entrado.

Com base nessa suposição, é fácil entender por que ele esperou até o cair da noite antes de fazer a sua tentativa, e por que se aproveitou da ausência do diácono para se apropriar das chaves. A necessidade o obrigaria a acender uma luz para encontrar o registro correto; e a precaução básica sugeriria que ele trancasse a porta por dentro, no caso da intrusão de algum desconhecido inquisidor, ou de minha parte, se casualmente eu estivesse nas vizinhanças naquela hora.

Não acredito que fosse parte das intenções dele fazer com que a destruição do registro parecesse ser o resultado de um acidente propositalmente atendo

fogo à sacristia. A simples chance de que a assistência imediata chegasse, e os livros pudessem, na mais remota possibilidade, ser salvos, teriam sido suficientes, em um momento de reflexão, para afastar qualquer ideia desse tipo da cabeça dele. Lembrando-me da quantidade de material inflamável na sacristia — a palha, os papéis, as caixas, a madeira seca, os velhos armários carcomidos pelos insetos — todas as probabilidades, em minha avaliação, apontam para o fogo como resultado de um acidente ou com os fósforos ou com a luz que ele levava.

O primeiro impulso dele, em tais circunstâncias, sem dúvida foi o de tentar apagar as chamas — e, não o conseguindo, seu segundo impulso (desconhecendo, como desconhecia, o estado da fechadura) foi o de tentar escapar pela porta que lhe havia permitido a entrada. Quando eu o chamei, as chamas já deveriam ter se espalhado até a porta que levava à igreja, em cujos lados os armários se alinhavam, e perto dos quais os outros materiais inflamáveis estavam colocados. Com toda a probabilidade, a fumaça e as chamas (confinadas como estavam no aposento) haviam sido demais para ele, quando tentou escapar pela porta interna. Ele deve ter caído em seu desmaio mortal — deve ter caído no local onde foi encontrado — assim que eu alcancei o telhado para quebrar a claraboia. Mesmo que tivéssemos sido capazes, em seguida, de entrar na igreja, e de arrombar a porta daquele lado, o atraso teria sido fatal. Ele já teria perdido a vida, muito antes, quando tivéssemos entrado. Nós apenas teríamos dado às chamas livre ingresso na igreja: a igreja que agora estava preservada, mas que, caso isso tivesse ocorrido, teria compartilhado do destino da sacristia. Não há dúvidas em minha mente — não pode haver dúvidas na mente de ninguém — de que ele era um homem morto antes mesmo de nós chegarmos à casinha abandonada, e lutarmos com todas as forças para arrancar a viga mestra.

Essa é a dedução que qualquer teoria minha pode apresentar para explicar um resultado visivelmente claro. Assim como os descrevi, os acontecimentos foram transmitidos para nós, do lado de fora. Assim como relatei, o corpo dele foi encontrado.

O Inquérito foi adiado por um dia; nenhuma explicação que os olhos da lei pudessem reconhecer tendo sido encontrada, até então, para explicar as misteriosas circunstâncias do caso.

Foi decidido que mais testemunhas seriam convocadas, e que o representante legal londrino do falecido deveria ser chamado para o inquérito. Um médico também foi encarregado de avaliar a condição mental do empregado, que parecia, no momento, impedir que ele fornecesse qualquer evidência, mesmo insignificante. Ele só era capaz de declarar, de modo vago, que havia recebido ordens, na noite do incêndio, de esperar na vereda, e que

não sabia de mais nada, a não ser que o falecido certamente era o patrão dele.

Minha impressão era a de que ele havia sido, em primeiro lugar, usado (sem nenhum conhecimento culposos de sua parte) para confirmar a ausência do diácono da casa no dia anterior; e que ele havia, em seguida, recebido ordens para esperar perto da igreja (mas longe da sacristia) para auxiliar o patrão, se eu escapasse do ataque na estrada, e se um confronto ocorresse entre mim e Sir Percival. É necessário acrescentar que o testemunho do empregado nunca foi obtido para confirmar essa hipótese. O relatório médico declarou que as poucas faculdades mentais que ele possuísse estavam seriamente abaladas; nada satisfatório foi extraído dele no Inquérito adiado; e, tanto quanto eu saiba, ele pode não ter se recuperado até o dia de hoje.

Voltei para o hotel em Welmingham, tão esgotado de corpo e espírito, tão enfraquecido e deprimido por tudo que eu havia passado, a ponto de ser incapaz de suportar a tagarelice local sobre o Inquérito, e de responder às perguntas banais que os hóspedes me dirigiram no salão de café. Do meu parco jantar, eu me retirei para o meu barato aposento na água-furtada, para garantir um pouco de tranquilidade para mim, e para pensar, sem ser perturbado, em Laura e em Marian.

Se eu fosse um homem rico, teria voltado a Londres e me confortado com a visão das duas estimadas faces de novo, naquela noite. Mas eu tinha de comparecer, se convocado, no Inquérito adiado, e estava duplamente comprometido a comparecer perante o magistrado em Knowlesbury. Nossos magros recursos já haviam sofrido; e o futuro duvidoso — mais duvidoso que nunca, agora — fizeram-me reear diminuir os nossos recursos sem necessidade, permitindo-me esse luxo, mesmo ao baixo custo de uma dupla viagem de trem, nos vagões da segunda classe.

O dia seguinte — o dia imediatamente posterior ao Inquérito — foi deixado à minha disposição. Comecei a manhã uma vez mais indo aos correios para pegar a minha correspondência regular com Marian. Ela estava à minha espera, como antes, e havia sido escrita, de modo geral, com ânimo. Li a carta com gratidão; e então saí, com a minha mente tranquilizada por aquele dia, para ir a Old Welmingham e ver a cena do incêndio à luz da manhã.

Com que grandes mudanças eu me deparei ao chegar lá!

Em todos os percursos de nosso mundo ininteligível, o trivial e o terrível caminham de mãos dadas. A ironia das circunstâncias não respeita nenhuma catástrofe mortal. Quando cheguei à igreja, o chão do cemitério todo pisoteado era o único traço nítido deixado para lembrar o incêndio e a morte. Um tosco amontoado de placas de madeira havia sido pregado na frente da porta da sacristia. Caricaturas grosseiras já haviam sido rabiscadas nelas; e as crianças do vilarejo estavam brigando e gritando pela posse da

melhor fresta para espiar. No local onde eu havia ouvido o grito de socorro vindo do aposento em chamas, no local onde o empregado aterrorizado havia caído de joelhos, um agitado bando de galinhas estava então bicando à procura das primeiras minhocas depois da chuva — e, no chão aos meus pés, onde a porta e seu pavoroso fardo haviam sido colocados, a refeição de um trabalhador estava à espera dele, colocada em uma vasilha amarela, e seu fiel cão vira-lata estava de guarda, ganindo para mim por eu me aproximar da comida. O velho diácono, observando com ar vago o lento início dos concertos, só tinha um assunto sobre o qual conseguia falar, então — o de escapar de toda a responsabilidade, no que lhe dizia respeito, em relação ao acidente que havia ocorrido. Uma das mulheres do vilarejo, cujo rosto branco e apavorado eu recordava como a imagem do terror, quando nós derrubamos a viga mestra, estava soltando risadinhas com outra mulher, a personificação da inanidade, por sobre uma velha bacia. Nada há de solene em relação à mortalidade! Salomão em toda a sua glória era Salomão com os elementos daquilo que é desprezível à espreita em cada dobra de seu manto e em cada canto de seu palácio.

Ao me afastar do local, meus pensamentos se voltaram, e não pela primeira vez, à completa derrocada que toda a atual esperança de estabelecer a identidade de Laura havia sofrido com a morte de Sir Percival. Ele havia perecido — e, com ele, perecera a chance que havia sido o principal objetivo de todos os meus esforços e de todas as minhas esperanças.

Poderia eu olhar para o meu fracasso sob um ponto de vista mais verídico que esse?

Suponhamos que ele tivesse vivido, teria essa completa mudança de circunstâncias realmente alterado o resultado? Poderia eu ter feito da descoberta algo de valor, até mesmo por causa de Laura, depois de ter descoberto que usurpar os direitos de outrem era a essência do crime de Sir Percival? Poderia eu ter oferecido o preço de *meu* silêncio em troca da confissão *dele* sobre a conspiração, quando o efeito desse silêncio deveria ter sido o de afastar o herdeiro legítimo da propriedade, e o legítimo dono do título? Impossível! Se Sir Percival tivesse sobrevivido, a descoberta, da qual (em minha ignorância da verdadeira natureza do Segredo) eu tanto havia esperado, não poderia ser minha para ocultá-la ou torná-la pública, conforme melhor me parecesse, para a reivindicação dos direitos de Laura. Por pura honestidade e pura honra, eu deveria ter ido na mesma hora falar com o desconhecido cujo direito de nascimento havia sido usurpado — eu deveria ter renunciado à vitória no momento em que ela seria minha, colocando, sem reservas, a minha descoberta nas mãos desse desconhecido — e eu deveria ter enfrentado da estaca zero todas as dificuldades que se interpunham entre mim

e o único objetivo de minha vida, exatamente como eu estava decidido, no mais profundo de meu ser, a enfrentá-las agora!

Retornei a Welmingham com a mente tranquila; sentindo-me mais seguro de mim mesmo e de minha resolução do que havia me sentido até aquele momento.

A caminho do hotel, passei pela ponta da praça em que a Sra. Catherick vivia. Eu deveria voltar à casa, e fazer outra tentativa para vê-la? Não. A notícia da morte de Sir Percival, que seria a última notícia que ela esperava ouvir, já deveria ter chegado até ela horas antes. Todos os procedimentos no Inquérito haviam sido relatados no jornal local naquela manhã: não havia nada que eu pudesse lhe dizer que ela já não soubesse. Meu interesse em fazê-la falar havia diminuído. Eu me lembrava do ódio furtivo em seu rosto quando ela dissera: “Não há notícias de Sir Percival que eu não espere, a não ser... A não ser a notícia da morte dele.” Eu me lembrava do interesse dissimulado em seus olhos quando eles se fixaram em mim na despedida, depois de ela ter dito essas palavras. Algum instinto, bem no fundo do meu coração, que eu sentia ser verdadeiro, tornou a perspectiva de comparecer à presença dela de novo repulsiva para mim — eu me afastei da praça e voltei direto para o hotel.

Algumas horas mais tarde, enquanto eu estava descansando no salão de café, uma carta foi colocada em minhas mãos pelo garçom. Ela estava endereçada a mim; e descobri, fazendo perguntas, que ela havia sido deixada no bar por uma mulher, quando já estava começando a escurecer, e um pouco antes de a iluminação a gás ser ligada. Ela nada havia dito; e havia ido antes que houvesse tempo de falar com ela, ou mesmo de perceber quem ela era.

Eu abri a carta. Ela não estava nem datada nem assinada; e a caligrafia estava visivelmente disfarçada. Antes de ter lido a primeira frase, entretanto, eu sabia quem era a minha correspondente. A Sra. Catherick.

A carta dizia o seguinte — eu a copiei exatamente, palavra por palavra:

A História continuada pela SRA. CATHERICK

SENHOR,

O senhor não voltou, conforme disse que voltaria. Não faz diferença; eu soube da notícia, e lhe escrevo para dizer isso. O senhor percebeu algo especial em meu rosto quando me deixou? Fiquei pensando, cá com os meus botões, se o dia da ruína dele havia finalmente chegado, e se o senhor seria a ferramenta escolhida para causá-la. O senhor foi — e a *causou*.

O senhor foi fraco o suficiente, conforme ouvi dizer, para tentar salvar a vida dele. Se tivesse conseguido, eu o teria considerado meu inimigo. Como fracassou, eu o considero meu amigo. As perguntas feitas pelo senhor o forçaram a entrar na sacristia à noite; essas perguntas, sem o seu conhecimento, e contra a sua vontade, auxiliaram o ódio e acarretaram a vingança de vinte e três anos. Obrigada, senhor, contra a sua vontade.

Eu devo alguma coisa ao homem que realizou isso. Como posso pagar minha dívida? Se eu ainda fosse uma moça, poderia dizer, “Venha! Passe o braço pela minha cintura, e beije-me, se quiser.” Eu teria gostado o suficiente do senhor, até mesmo para chegar a esse ponto; e o senhor aceitaria o meu convite — aceitaria, senhor, vinte anos atrás! Porém, agora sou uma velha. Bem! Posso satisfazer a sua curiosidade, e pagar a minha dívida desse modo. O senhor *tinha* uma grande curiosidade em conhecer certos assuntos particulares meus, quando veio me ver — assuntos particulares que toda a sua argúcia não conseguiu descobrir sem a minha ajuda — assuntos particulares que o senhor não descobriu, até mesmo agora. O senhor *vai* descobri-los; sua curiosidade será satisfeita. Eu vou me dar a qualquer trabalho para agradá-lo, meu jovem e estimável amigo!

O senhor era um menininho, eu suponho, no ano de vinte e sete? Eu era uma bela e jovem mulher, naquela época, vivendo em Old Welmingham. Eu tinha um tolo desprezível como marido. Também tinha a honra de ter conhecimento (não importa como) com certo cavalheiro (não importa quem). Eu não o chamarei pelo nome. Por que deveria? Não era o nome dele. Ele nunca teve um nome: o senhor sabe disso, agora, tão bem quanto eu.

Será mais proveitoso contar para o senhor como ele agiu para cair em

minhas boas graças. Eu nasci com os gostos de uma dama; e ele os satisfaz. Em outras palavras, ele me admirava, e me deu presentes. Nenhuma mulher consegue resistir à admiração e aos presentes — sobretudo aos presentes, desde que sejam exatamente a coisa que ela deseja. Ele era perspicaz o suficiente para saber disso — a maior parte dos homens é. Naturalmente, ele queria algo, em troca — todos os homens querem. E o que o senhor acha que era esse algo? Uma ninharia. Nada além da chave da sacristia, e da chave do armário que ficava lá, quando meu marido não estivesse por perto. Naturalmente ele mentiu quando lhe perguntei por que ele queria que eu lhe desse as chaves daquele modo tão sub-reptício. Ele poderia ter se poupado o trabalho — não acreditei nele. Mas eu gostava dos meus presentes, e queria mais. Então, consegui as chaves para ele, sem o conhecimento do meu marido e o vigiei, sem ele saber. Uma, duas, quatro vezes, eu o vigiei — e na quarta vez eu o flagrei.

Eu nunca tive grandes escrúpulos, quando os problemas de outras pessoas estivessem envolvidos; e não tive grandes escrúpulos por ele ter acrescentado um casamento aos do registro por conta própria.

Naturalmente, eu sabia que era errado; mas, isso não *me* prejudicava — o que era um bom motivo para não causar alvoroço por causa disso. E eu não tinha conseguido um relógio de ouro com corrente — que era outro, e ainda melhor. E ele havia me prometido um de Londres, apenas no dia anterior — o que era um terceiro motivo, e o melhor de todos. Se eu tivesse sabido como a lei encarava esse crime, e como a lei o punia, eu teria tomado conta de mim mesma, e o teria denunciado na mesma hora. Porém, eu não sabia de nada — e ansiava pelo relógio de ouro. Todas as condições em que insisti foram que ele deveria confiar em mim e me contar tudo. Eu me sentia tão curiosa a respeito dos assuntos dele, então, como o senhor se sente agora a respeito dos meus. Ele aceitou as minhas condições — por quê, o senhor vai ver em seguida.

Resumindo, foi o que eu ouvi dele. Ele não me disse de boa vontade tudo que estou dizendo para o senhor aqui. Arranquei dele uma parte com persuasão, e uma parte com perguntas. Eu estava decidida a obter toda a verdade — e acho que a obtive.

Ele sabia tanto quanto qualquer outra pessoa a respeito da verdadeira situação entre o pai e a mãe dele, até depois da morte da mãe. Então, o pai confessou, e prometeu fazer o que pudesse pelo filho. Ele morreu sem fazer nada — nem mesmo um testamento. O filho (quem pode culpá-lo?), muito providente, cuidou de si mesmo. Ele veio na mesma hora para a Inglaterra e tomou posse da propriedade. Não havia ninguém para suspeitar dele, e ninguém para lhe dizer não. Seu pai e sua mãe sempre tinham vivido como

marido e esposa — nenhuma das poucas pessoas que os conheciam jamais supôs que fossem outra coisa. A pessoa com o direito de reivindicar a propriedade (caso a verdade fosse sabida) era um parente distante, que não tinha ideia de herdá-la, e estava longe, no mar, quando o pai de Sir Percival morreu. A princípio, ele não teve dificuldades — tomou posse, naturalmente. Mas ele não poderia emprestar dinheiro dando como garantia a propriedade, naturalmente. Havia duas coisas que ele precisava apresentar, antes de poder pedir empréstimo. Uma era seu registro de nascimento; a outra era o registro do casamento dos seus pais. O registro do nascimento foi arrumado com facilidade — ele havia nascido no estrangeiro, e o registro estava lá. A outra era uma questão difícil — e então a dificuldade o trouxe a Old Welmingham.

Não fosse por um motivo, ele poderia ter ido para Knowlesbury em vez disso.

A mãe dele estava morando lá pouco antes de ela se encontrar com o pai dele — vivendo com seu nome de solteira; na verdade, ela era uma mulher casada; casada na Irlanda, onde o marido a maltratara e havia depois partido com outra pessoa. Eu conto isto para o senhor com base em fonte segura: Sir Felix mencionou o fato para o filho, como a razão pela qual não havia se casado. O senhor pode ficar se perguntando por que o filho, sabendo que os pais haviam se conhecido em Knowlesbury, não tentou fazer as suas falcatuazinhas com o registro daquela igreja, onde se poderia supor com facilidade que o pai e a mãe dele tivessem se casado. A razão era que o clérigo que servia a igreja de Knowlesbury no ano de mil oitocentos e três (quando, segundo o seu registro de nascimento, o pai e a mãe dele *deveriam* ter se casado), ainda estava vivo, quando Sir Percival tomou posse da propriedade no Ano Novo de mil oitocentos e vinte e sete. Esta circunstância canhestra o forçou a fazer mais investigações em nossas vizinhanças. Lá, não havia tal perigo: o antigo clérigo em nossa igreja estava morto já fazia alguns anos.

Old Welmingham servia aos seus propósitos tão bem quanto Knowlesbury. O pai havia tirado a mãe dele de Knowlesbury e vivido com ela em um chalé perto do rio, a pouca distância do nosso vilarejo. As pessoas que haviam conhecido os hábitos arredios dele quando solteiro não se espantaram com os hábitos arredios dele quando estava casado. Se ele tivesse sido algo além de uma criatura horrível de se olhar, sua vida reclusa com a mulher poderia ter despertado certas suspeitas; mas, do jeito que as coisas estavam, ele esconder sua feiura e deformidade na mais rígida privacidade não surpreendeu ninguém. Ele viveu em nossas redondezas até tomar posse de Blackwater Park. Depois de vinte e três ou vinte e quatro anos terem se passado, quem iria dizer (o clérigo estando morto) que seu casamento não

havia sido tão reservado quanto o resto da vida dele, e que ele não havia ocorrido na igreja de Old Welmingham?

Então, como eu disse para o senhor, o filho considerou as nossas redondezas o local mais seguro que poderia escolher para ajeitar as coisas a seu favor em segredo. Pode surpreender o senhor saber que o que ele realmente fez com o livro de registros foi feito de impulso — feito com uma ideia que lhe ocorreu depois.

A primeira ideia dele era apenas a de arrancar a folha (no ano e no mês corretos), destruí-la em segredo, voltar a Londres e dizer aos advogados que obtivessem para ele o registro necessário do casamento de seu pai, inocentemente mencionando para eles, é claro, a data na folha que havia sumido. Ninguém poderia dizer que seu pai e sua mãe *não* tivessem sido casados, depois disso — e se, nas circunstâncias, eles iriam ou não ser minuciosos demais quanto a emprestar-lhe dinheiro (ele achava que sim), ele já tinha a sua resposta pronta, em todo caso, se alguma vez fossem feitas perguntas sobre o direito dele ao nome e à propriedade.

Porém, quando ele foi pessoalmente olhar o registro em segredo, encontrou, no pé de uma das páginas do ano de mil oitocentos e três, umas linhas deixadas em branco, aparentemente por não haver espaço para fazer nelas um registro longo, que foi feito, em vez disso, no topo da página seguinte. Ver essa chance alterou seus planos. Era uma oportunidade pela qual ele nunca havia esperado, ou na qual houvesse pensado — e ele a aproveitou, o senhor sabe como. O espaço em branco, para ter ficado exatamente de acordo com o registro de nascimento dele, deveria ter ocorrido na parte de julho do registro. Em vez disso, ela ocorria na parte de setembro. No entanto, nesse caso, se perguntas suspeitosas fossem feitas, a resposta não era difícil de encontrar. Ele apenas teria de se apresentar como um nenê nascido aos sete meses.

Eu fui tola o bastante, quando ele me contou essa história, para sentir algum interesse por ele, e certa pena dele — exatamente o que ele havia esperado, como o senhor vai ver. Achei que ele havia sido injustiçado. Não era culpa dele se o pai e a mãe não eram casados; e tampouco era culpa do pai e da mãe. Uma mulher mais escrupulosa do que eu era — uma mulher que não estivesse tão determinada a ter um relógio de ouro com corrente — teria encontrado algumas justificativas para ele. Em todo caso, fiquei de boca fechada, e o ajudei a ocultar o que ele queria fazer.

Ele levou algum tempo para conseguir a tinta da cor exata (misturando-a, inúmeras vezes, em potes e vidros meus), e algum tempo, em seguida, treinando a letra. Mas, ele acabou conseguindo — e tornou a mãe dele, depois de morta em seu túmulo, uma mulher honesta! Até então, não nego que ele se

comportou de modo muito honrado para comigo. Ele me deu o meu relógio com corrente; e não poupou despesas ao comprá-los; ambos eram peças de grande qualidade e muito caros. Eu ainda os tenho — o relógio funciona às mil maravilhas.

O senhor disse, no outro dia, que a Sra. Clements havia lhe dito tudo que ela sabia. Nesse caso, não há necessidade de eu escrever sobre o mesquinho escândalo do qual fui a vítima — a vítima inocente, eu afirmo de modo categórico. O senhor deve saber tão bem quanto eu qual foi a ideia que meu marido colocou na cabeça, quando viu que eu estava me encontrando às escondidas com meu refinado conhecido, e trocando segredos juntos. Mas o que o senhor não sabe é como a história terminou entre mim e esse mesmo cavalheiro. O senhor vai ler, e ver como ele se comportou em relação a mim.

As primeiras palavras que eu lhe disse, quando vi o rumo que a situação havia tomado, foram: “Faça-me justiça; exima o meu caráter de uma mácula que o senhor sabe que não mereço. Não quero que o senhor confesse tudo para o meu marido — apenas diga-lhe, dando a sua palavra de cavalheiro, que ele está enganado e que eu não sou culpada do modo como ele está pensando que sou. Faça-me essa justiça, pelo menos, depois de tudo que eu fiz pelo senhor.” Ele se recusou categoricamente. Ele me disse, claramente, que era interesse dele deixar que o meu marido e todos os meus vizinhos acreditassem na mentira — porque, enquanto eles acreditassem, certamente nunca iriam suspeitar da verdade. Eu sabia me defender; e disse-lhe que eles saberiam a verdade por mim. A resposta dele foi curta, e direta ao assunto. Se eu falasse, seria uma mulher perdida; tão certo quanto ele seria um homem perdido.

Sim! A situação chegara a esse ponto. Ele havia me enganado quanto ao risco que eu corria ao ajudá-lo. Ele havia agido contando com a minha ignorância; havia me tentado com os seus presentes e me deixado interessada na história dele — e o resultado disso era que ele havia feito de mim sua cúmplice. Ele confessou isso, com frieza; e acabou me dizendo, pela primeira vez, qual era realmente o pavoroso castigo para o seu crime, e para qualquer pessoa que o ajudasse a cometê-lo. Naqueles dias, a Lei não era tão compassiva como eu ouço dizer que é agora. Assassinos não eram as únicas pessoas que poderiam ser enforcadas; e mulheres condenadas não eram tratadas como senhoras em imerecida situação aflitiva. Eu confesso que ele me apavorou — o mesquinho impostor! O canalha covarde! O senhor entende, agora, como eu o odeio? O senhor entende por que estou me dando a todo este trabalho — e com muita gratidão — para satisfazer a curiosidade do merecedor jovem cavalheiro que o encurralou?

Bem, prosseguindo. Ele não era tolo o bastante para me levar ao desespero total. Eu não era o tipo de mulher que fosse seguro encurralar em

um canto — ele sabia disso, e, providente, me aquietou com propostas para o futuro.

Eu merecia certa recompensa (ele foi gentil o bastante para dizer isso) pelo serviço que lhe havia prestado, e alguma compensação (ele foi tão amável em acrescentar) pelo que eu havia sofrido. Ele estava muito disposto — patife generoso! — a me dar uma bela renda anual, pagável a cada quatro meses, com duas condições. A primeira, eu tinha de ficar de boca fechada — por interesse próprio, bem como dele. A segunda, eu não deveria me afastar de Welmingham sem antes avisá-lo, e esperar até ter obtido a permissão dele. Em minhas redondezas, nenhuma mulher virtuosa iria me levar a sair falando coisas perigosas à mesa do chá. Em minhas redondezas, ele sempre saberia onde me encontrar. Uma condição dura, essa segunda — mas eu a aceitei.

O que mais eu poderia fazer? Estava com as mãos atadas, com a perspectiva de um contratempo sob a forma de uma criança. O que mais eu poderia fazer? Pedir misericórdia ao meu marido idiota e desertor, que havia suscitado o escândalo contra mim? Eu teria morrido antes de fazer isso. Além do mais, o pagamento *era* bem generoso. Eu tinha uma renda melhor, um teto melhor acima de minha cabeça e tapetes melhores no meu piso do que metade das mulheres que se mostravam horrorizadas quando me viam. A indumentária da Virtude, em nossas bandas, era algodão estampado. Eu tinha seda.

Então, aceitei as condições que ele me propôs, e tirei o melhor proveito delas, e lutei contra os meus respeitáveis vizinhos no campo deles, e venci a luta com o decorrer do tempo — como o senhor mesmo viu. Como eu conservei o Segredo dele (e o meu) durante todos esses anos que se passaram desde aquela época até agora, e se a minha falecida filha, Anne, alguma vez chegou a merecer a minha confiança, e ficou sabendo do Segredo também — são perguntas, eu ousou dizer, para as quais o senhor sente curiosidade em descobrir uma resposta. Bem! Minha gratidão não lhe recusa nada. Eu vou iniciar uma nova página, e dar-lhe a resposta em seguida. Porém, o senhor tem de me perdoar uma coisa — o senhor tem de me perdoar como eu inicio, Sr. Hartright, com uma expressão de surpresa pelo interesse que o senhor parece ter sentido por minha falecida filha. Ele é totalmente inexplicável para mim. Se esse interesse deixa o senhor ansioso por saber quaisquer detalhes dos primeiros anos de vida dela, tenho de lhe dizer para procurar a Sra. Clements, que tem maior conhecimento do assunto que eu. Por favor, compreenda que não finjo ter sentido grande afeição por minha falecida filha. Ela foi uma preocupação para mim do princípio ao fim, com a desvantagem adicional de sempre ter tido a cabeça fraca. O senhor gosta de honestidade, e eu espero que isso o satisfaça.

Não há necessidade de aborrecer o senhor com muitos detalhes pessoais relacionados a essa época passada. Basta dizer que respeitei os termos do acordo e desfrutei de minha bela renda, em troca, paga a cada quatro meses.

De vez em quando, eu me afastava, e mudava de cenário por um breve período; sempre pedindo a permissão de meu senhor e patrão em primeiro lugar, e, de modo geral, sempre a obtendo. Ele não era, como eu já disse para o senhor, tolo o bastante para me pressionar muito; e podia confiar no fato de eu manter a minha boca fechada, por minha causa, se não fosse pela dele. Uma das minhas mais longas viagens para longe de casa foi a viagem que fiz a Limmeridge, para cuidar de uma meia-irmã lá, que estava morrendo. Diziam que ela havia poupado dinheiro; e achei prudente (no caso de qualquer acidente interromper o pagamento de minha renda) cuidar dos meus interesses nesse sentido. Como acabou se revelando, entretanto, desperdicei os meus esforços; e não consegui nada, porque não havia nada para conseguir.

Eu havia levado Anne para o norte comigo; tendo os meus caprichos e fantasias, ocasionalmente, em relação à minha filha, e ficando, nessas ocasiões, com ciúmes da influência da Sra. Clements sobre ela. Eu nunca gostei da Sra. Clements. Ela era uma pobre mulher de cabeça oca e sem vida — o que o senhor chamaria de um burro de carga nato — e, de vez em quando, não me desgostava importuná-la levando Anne embora. Não sabendo que outra coisa fazer com a minha menina, enquanto cuidava de minha irmã em Cumberland, eu a coloquei na escola em Limmeridge. A dona da propriedade, a Sra. Fairlie (uma mulher extremamente sem atrativos, que havia agarrado um dos mais belos homens da Inglaterra), me divertiu muitíssimo, criando um grande apego pela minha menina. Como consequência, ela nada aprendeu na escola, e foi mimada e acarinhada na Mansão de Limmeridge. Entre outros caprichos e fantasias que eles lhe ensinaram lá, colocaram umas ideias tolas na cabeça dela sobre sempre se vestir de branco. Detestando branco, e sempre gostando de cores, eu me determinei a tirar as ideias tolas da cabeça dela assim que nós voltássemos para casa de novo.

É estranho dizer, minha filha resistiu a mim com todas as forças. Quando ela *metia* uma ideia na cabeça, ela era, assim como outras pessoas de cabeça fraca, tão teimosa quanto uma mula ao se apegar à ideia. Nós brigamos muito; e a Sra. Clements, não gostando de ver isso, eu suponho, se ofereceu para levar Anne para viver em Londres com ela. Eu teria dito, Sim, se a Sra. Clements não tivesse apoiado a minha filha na questão de ela se vestir de branco. Mas, estando determinada que ela *não* deveria se vestir de branco, e não gostando da Sra. Clements mais do que nunca, por ter ficado contra mim, eu disse Não, e eu queria dizer Não, e me aferrei ao Não. A consequência foi

que a minha filha ficou comigo; e a consequência disso, por sua vez, foi a primeira briga séria que aconteceu por causa do Segredo.

A circunstância aconteceu muito tempo depois da época sobre a qual estive escrevendo. Eu morava havia anos na nova cidade; estava fazendo com que as pessoas se esquecessem de minha má reputação e, lentamente, ganhando terreno entre os moradores respeitáveis. O que me ajudou muito a alcançar esse objetivo foi ter a minha filha comigo. Ela não fazia mal a ninguém, e a sua mania de se vestir de branco suscitou certa simpatia. Deixei de me opor ao capricho favorito dela por causa disso, porque parte da simpatia, com o devido tempo, com certeza recairia sobre mim. E uma parte certamente recaiu. Eu dato a circunstância de escolher os dois melhores bancos disponíveis na igreja a essa época; e dato a primeira mesura do clérigo por eu ter conseguido os bancos.

Bem, estando estabelecida desse modo, certa manhã eu recebi uma carta daquele cavalheiro de alta extração (agora falecido), a quem o senhor e eu conhecemos, em resposta a uma carta minha, avisando, conforme o nosso acordo, do meu desejo de sair da cidade, para uma pequena mudança de ar e de cenário.

O lado cruel dele deveria estar predominando, eu suponho, quando ele recebeu a minha carta — pois respondeu, me recusando, com uma linguagem tão abominavelmente insolente, que perdi todo meu autocontrole; e o insultei, na presença de minha filha, como “um vil impostor, a quem eu poderia arruinar para sempre, se eu resolvesse abrir a minha boca e contar o segredo dele.” Eu não disse nada além disso a respeito dele, tendo recobrado o bom senso assim que essas palavras se me escaparam, ao ver o rosto de minha filha, olhando ansiosa e curiosa para mim. Na mesma hora eu a mandei sair da sala, até ter me recomposto.

Minhas sensações não eram agradáveis, posso lhe garantir, quando passei a refletir sobre a minha insensatez. Anne estivera mais insana e estranha que o habitual naquele ano; e quando pensei na possibilidade de ela repetir as minhas palavras na cidadezinha, e de mencionar o nome *dele* em conexão com as palavras, se pessoas curiosas conversassem com ela, fiquei muito apavorada com as possíveis consequências. Meus maiores medos em relação a mim, meu maior temor do que ele poderia fazer, não me levaram além disso. Eu estava bastante despreparada para o que realmente aconteceu, apenas no dia seguinte.

Naquele dia, sem nenhum aviso para que eu o esperasse, ele veio à minha casa.

Suas primeiras palavras, e o tom com que ele as pronunciou, mesmo sendo arrogante, mostraram-me claramente que ele já havia se arrependido de

sua resposta insolente ao meu pedido e havia vindo, com todo o seu mau gênio, tentar remediar a situação de novo, antes que fosse tarde demais. Vendo minha filha na sala comigo (eu estava com medo de deixá-la fora do meu alcance, depois do que havia acontecido no dia anterior), ele a mandou sair. Um não gostava do outro, e ele desafogou *nela* o seu mau gênio, que estava com medo de *me* mostrar.

— Deixe-nos a sós — ele disse, olhando-a intranquilo. *Ela* olhou-o intranquila, e esperou, como se não se importasse em sair da sala. — Está me ouvindo? — ele urrou. — Saia da sala.

— Fale comigo com educação — diz ela, ficando com o rosto vermelho.

— Coloque a idiota para fora — diz ele, olhando para o meu lado. Ela sempre havia tido as suas ideias insanas a respeito de sua dignidade, e essa palavra, “idiota”, a perturbou na mesma hora. Antes que eu pudesse interferir, ela se aproximou dele, muito irritada. “Peça-me perdão agora mesmo”, diz ela, “ou vou tornar as coisas piores para o senhor. Eu vou contar o seu Segredo! Eu poderia arruiná-lo para sempre, se resolvesse abrir a minha boca.” Minhas próprias palavras! Repetidas praticamente como eu as havia dito no dia anterior — repetidas, na presença dele, como se tivessem saído da cabeça dela. Ele sentou-se, mudo, branco como o papel em que estou escrevendo, enquanto eu a empurrava para fora da sala. Quando ele se recobrou...

Não! Eu sou uma mulher respeitável demais para mencionar o que ele disse quando se recobrou. Minha pena é a pena de um membro da congregação do clérigo, e de uma assinante dos “Sermões da Quarta-feira sobre a Justificação pela Fé” — como o senhor pode esperar que eu a empregue para escrever uma linguagem de baixo calão? Imagine por si só o frenesi irado e vociferante do mais vil canalha na Inglaterra; e que nós prossigamos, tão rápido quanto possível, pelo caminho que levou ao fim de tudo isso.

E terminou, como o senhor provavelmente adivinha, a estas alturas, com ele insistindo em garantir sua própria segurança internando a minha filha.

Eu tentei ajeitar a situação. Disse para ele que ela havia simplesmente repetido, como um papagaio, as palavras que me havia ouvido dizer, e que ela não conhecia nenhum detalhe, porque eu não havia mencionado nenhum. Expliquei que ela havia fingido, por puro ressentimento contra ele, saber o que ela realmente *não* sabia; que ela apenas queria ameaçá-lo e exasperá-lo, por ele ter falado com ela como havia acabado de falar; e que as minhas palavras impensadas haviam dado a ela exatamente a oportunidade de causar o mal que ela estava procurando. Mencionei para ele outros modos estranhos dela, e as próprias experiências dele com os devaneios de pessoas de cabeça fraca —

tudo isso em vão — ele não acreditava em mim nem com meu juramento — ele tinha certeza absoluta de que eu havia traído todo o Segredo. Resumindo, ele não queria saber de nada além de aprisioná-la.

Em tais circunstâncias, cumpri o meu dever de mãe. “Nada de Sanatório para pobres”, eu disse, “não vou aceitar colocá-la em um Sanatório para pobres. Um Estabelecimento Particular, *por favor*. Eu tenho os meus sentimentos, como mãe, e meu caráter para preservar na cidadezinha; e não vou aceitar nada além de um Estabelecimento Particular, do tipo que meus vizinhos refinados escolheriam para seus parentes doentes.” Estas foram as minhas palavras. É gratificante, para mim, pensar que cumpri o meu dever. Embora nunca tivesse amado muito a minha falecida filha, eu tinha o devido orgulho em relação a ela. Nenhuma mácula por pobreza — graça à minha firmeza e resolução — jamais recaiu sobre a *minha* filha.

Tendo defendido o meu ponto de vista (o que eu fiz com maior facilidade como consequência das instalações oferecidas por Sanatórios particulares), não pude me recusar a admitir que houvesse certas vantagens em aprisioná-la. Em primeiro lugar, ela estava sendo muito bem tratada — sendo tratada (como tive o cuidado de mencionar na cidadezinha) na condição de uma Dama. Em segundo lugar, ela era mantida longe de Welmingham, onde poderia ter feito com que as pessoas suspeitassem e ficassem fazendo perguntas, repetindo as minhas palavras incautas.

O único problema decorrente de interná-la era ínfimo. Nós simplesmente transformamos a sua vanglória de conhecer o Segredo em uma ideia fixa. Tendo se manifestado pela primeira vez por puro despeito contra o homem que a havia ofendido, ela foi ardilosa o suficiente para ver que o havia assustado de verdade, e arguta o suficiente, em seguida, para descobrir que *ele* estava envolvido na internação dela. A consequência foi que ela se enfureceu contra ele, indo para o Sanatório; e as primeiras palavras que ela disse para as enfermeiras, depois de elas a terem acalmado, foram que ela havia sido internada por conhecer o segredo dele, e que ela tencionava abrir a boca e arruiná-lo, quando o devido tempo chegasse.

Ela pode ter dito a mesma coisa para o senhor, quando o senhor, impensadamente, ajudou-a a fugir. Ela certamente disse isso (como eu ouvi no verão passado) para a infeliz mulher que se casou com o nosso meigo e anônimo cavalheiro, recentemente falecido. Se o senhor ou aquela infeliz senhora tivessem questionado minha filha detidamente, os senhores a teriam visto perder toda sua importância de repente, e começar a divagar, e a ficar desassossegada e confusa — teriam descoberto que eu não estou escrevendo aqui nada além da pura verdade. Ela sabia que havia um Segredo — sabia quem estava ligado a ele — sabia quem sofreria se ele fosse conhecido — e,

além disso, por mais que ela se desse ares de importância, por mais que pudesse se vangloriar com desconhecidos, até o dia de sua morte, ela não soube mais nada.

Eu satisfiz a sua curiosidade? Eu me dei a muito trabalho para satisfazê-la, de qualquer modo. Realmente, não há nada mais que eu tenha a dizer para o senhor ao meu respeito, ou a respeito de minha filha. Minhas piores responsabilidades, no que diz respeito a ela, se acabaram quando ela foi internada no Sanatório. Eu tinha um modelo de carta relatando as circunstâncias em que ela foi internada, que me foi dado para escrever, como resposta para tal Srta. Halcombe, que tinha curiosidade sobre o assunto, e que deve ter ouvido uma porção de mentiras de certa língua muito acostumada a dizê-las. E fiz o que pude, em seguida, para localizar a minha filha fugitiva, e evitar que ela causasse danos, fazendo perguntas pessoalmente, nas vizinhanças onde falsamente disseram que ela havia sido vista. Mas, essas são ninharias de pouco ou nenhum interesse para o senhor, depois do que o senhor já ouviu.

Até então, escrevi com o espírito mais amistoso possível. Porém, não posso encerrar esta carta sem acrescentar aqui umas palavras de grave protesto e censura dirigidas ao senhor.

Durante a sua conversa particular comigo, o senhor, com muita audácia, se referiu à paternidade de minha falecida filha, como se essa paternidade fosse uma questão de dúvida. Isso foi muito impróprio e muito pouco digno de um cavalheiro! Se nós nos virmos novamente, lembre-se, por favor, de que não permitirei que liberdades sejam tomadas com a minha reputação, e que a atmosfera moral de Welmingham (para usar uma expressão favorita do meu amigo, o clérigo) não pode ser conspurcada por conversas vãs de nenhum tipo. Se o senhor se permitir duvidar de que o meu marido era o pai de Anne, o senhor me insulta pessoalmente, da maneira mais grosseira. Se o senhor sentiu, e se continua a sentir, uma curiosidade grosseira sobre esse assunto, eu lhe recomendo que a contenha, para o seu próprio bem, de uma vez por todas. Deste lado do túmulo, Sr. Hartright, o que quer que aconteça do outro lado, *essa* curiosidade jamais será satisfeita.

Talvez, depois de tudo que acabei de dizer, o senhor sinta a necessidade de me escrever um pedido de desculpas. Faça-o; e o receberei de bom grado. Eu irei, em seguida, se seus desejos se inclinam a uma segunda conversa, dar um passo adiante, e receber *o senhor*. Minhas circunstâncias só me permitem convidá-lo para o chá — não que elas tenham sido alteradas para pior com o que aconteceu. Sempre vivi, como acho que lhe disse, dentro de minha renda; e poupei o suficiente, nos últimos vinte anos, para me deixar bem tranquila para o resto de minha vida. Não é minha intenção partir de Welmingham. Há

uma ou duas pequenas vantagens que ainda preciso conseguir aqui. O clérigo faz medidas para mim — como o senhor viu. Ele é casado; e a esposa dele não é tão educada. Eu tenciono me juntar à Sociedade das Damas de Caridade; e tenciono fazer a esposa do clérigo fazer medidas para mim em seguida.

Se o senhor me honrar com a sua companhia, por favor, compreenda que a conversa deve versar tão somente sobre assuntos gerais. Qualquer tentativa de referência a esta carta será bem inútil — estou decidida a não reconhecer que a escrevi. A evidência foi destruída no incêndio, eu sei; mas considero desejável seguir pelo caminho da cautela, não obstante.

Por esse motivo, nomes não são mencionados nesta carta; tampouco uma assinatura será acrescentada a estas linhas; a caligrafia está disfarçada de ponta a ponta, e tenciono entregar a carta pessoalmente, em circunstâncias que irão impedir todo o medo de ela remontar à minha casa. O senhor não tem motivos justos para reclamar dessas precauções, vendo que elas não afetam a informação que aqui ofereço, em consideração à especial indulgência que o senhor mereceu de minha parte. A hora do meu chá é às cinco e meia; e a minha torrada amanteigada não espera ninguém.

A História continuada por WALTER HARTRIGHT

I

O MEU primeiro impulso, depois de ler essa carta extraordinária, foi o de destruí-la. A empedernida e desavergonhada depravação de toda a narrativa, do começo ao fim — a perversidade atroz da mente que, com persistência, me associava a uma calamidade pela qual eu não era, em nenhum sentido, responsável, me desgostou tanto, que eu estava a ponto de rasgar a carta quando se apresentou uma consideração que me aconselhou a esperar um pouco antes de destruí-la.

Essa consideração não tinha a menor relação com Sir Percival. A informação que me fora comunicada, no que dizia respeito a ele, pouco fazia além de confirmar as conclusões a que eu já havia chegado.

Ele havia cometido o seu crime assim como eu supusera que ele o cometera; e, a ausência de todas as referências, da parte da Sra. Catherick, à duplicata do registro em Knowlesbury reforçava minha convicção prévia de que a existência do livro, e o risco de detecção que ela implicava, não deveriam ser conhecidos por Sir Percival. O meu interesse pela questão da falsificação agora havia se acabado; e o meu único interesse ao manter a carta era o de torná-la útil no futuro, esclarecendo o último mistério que ainda me desconcertava — a paternidade de Anne Catherick. Havia uma ou duas frases, colocadas na narrativa da mãe dela, que eu poderia tornar a consultar, quando assuntos mais prementes me dessem tempo livre para procurar as evidências perdidas. Eu não desistira de ainda descobrir essa evidência; e não havia perdido nem um pouco de minha ansiedade em descobri-la, porque não havia perdido nem um pouco do meu interesse em encontrar o pai da pobre criatura que agora descansava no túmulo da Sra. Fairlie.

Consequentemente, selei a carta e a coloquei cuidadosamente em meu livro de apontamentos, para ser consultada de novo quando chegasse a ocasião.

O dia seguinte era o meu último dia em Hampshire. Depois de ter comparecido de novo perante o magistrado em Knowlesbury, e depois de ter

tomado parte no Inquérito adiado, eu estaria livre para voltar a Londres no trem da tarde ou da noite.

Minha primeira incumbência de manhã foi, como sempre, ir aos correios. A carta de Marian estava lá; mas, eu pensei, quando ela me foi entregue, ela parecia estranhamente leve. Ansioso, abri o envelope. Dentro, não havia nada além de uma pequena tira de papel, dobrada ao meio. As poucas linhas manchadas e escritas às pressas na carta continham as seguintes palavras:

“Venha assim que possível. Fui obrigada a me mudar de casa. Venha para Gower’s Walk, Fulham (número cinco). Estarei à sua espera. Não se preocupe conosco; nós duas estamos a salvo, e bem. Mas, volte. — Marian.”

A notícia contida nessas linhas — notícia que eu, na mesma hora, associei a alguma tentativa de traição por parte do Conde Fosco — me deixou bastante confuso. Eu mal respirava, com o papel amassado na mão. O que havia acontecido? Que sutil vileza o Conde havia planejado e executado em minha ausência? Uma noite havia se passado desde que o bilhete de Marian fora escrito — horas poderiam se passar, antes que eu pudesse voltar para perto delas — algum novo desastre já poderia ter acontecido, o qual eu ignorava. E aqui, a muitos e muitos quilômetros de distância, aqui eu deveria ficar — de mãos atadas, duplamente de mãos atadas, à disposição da lei!

Eu mal sei a que esquecimento de minhas obrigações a ansiedade e o susto não poderiam ter-me tentado se não fosse a tranquilizadora influência de minha fé em Marian. Minha confiança absoluta nela era a única consideração na face da terra que me ajudou a me conter, e me deu coragem para esperar. O Inquérito era o primeiro dos empecilhos no caminho de minha liberdade de ação. Compareci a ele no horário determinado, as formalidades legais requerendo a minha presença na sala; mas, como se viu, não me convocaram para repetir as minhas declarações. O atraso inútil foi uma dura provação, embora eu fizesse o melhor possível para acalmar a minha impaciência seguindo o curso dos procedimentos com tanta atenção quanto fui capaz.

O representante legal londrino do falecido (Sr. Merriman) estava entre as pessoas presentes. Entretanto, ele foi bastante incapaz de dar esclarecimentos no inquérito. Ele só foi capaz de dizer que estava indizivelmente chocado e espantado, e que não conseguiria lançar nenhuma luz nas misteriosas circunstâncias do caso. Em intervalos durante a investigação postergada, ele havia sugerido perguntas, que o *Coroner* fez, mas não levaram a nenhum resultado. Depois de uma paciente investigação, que durou quase três horas e esgotou todas as fontes de informação possíveis, o júri deu o veredicto costumeiro em casos de morte súbita por acidente. Eles acrescentaram à decisão formal uma declaração de não haver provas para mostrar como as chaves haviam sido subtraídas, como o fogo havia sido causado, ou por qual

motivo o falecido havia entrado na sacristia. Esse ato encerrou os procedimentos. O representante legal do homem morto foi liberado para tomar as providências para o enterro; e as testemunhas estavam livres para se retirar.

Resolvido a não perder um minuto para chegar a Knowlesbury, paguei a minha conta no hotel, e arrumei uma carruagem de aluguel para me levar à cidadezinha. Um cavaleiro, que me ouviu dando a ordem e viu que eu ia sozinho, me informou que vivia nas cercanias de Knowlesbury, e me perguntou se eu não objetava que ele fosse para casa compartilhando a carruagem comigo. Eu aceitei a proposta, sem pensar no assunto.

Nossa conversa durante o percurso naturalmente foi ocupada pelo único assunto de grande interesse local.

Meu novo conhecido tinha certo conhecimento do representante legal do falecido Sir Percival; e ele e o Sr. Merriman tinham estado discutindo a situação dos negócios do falecido cavaleiro e a sucessão à propriedade. As dificuldades financeiras de Sir Percival eram tão conhecidas por toda a região que o representante legal dele só pode se render à situação e reconhecê-las abertamente. Sir Percival havia morrido sem deixar testamento, e não tinha propriedade pessoal para legar, ainda que tivesse feito um testamento; toda a fortuna que ele havia obtido de sua esposa havia sido devorada por seus credores. O herdeiro da propriedade (Sir Percival tendo morrido sem filhos) era um filho do primo em primeiro grau de Sir Felix Glyde — um oficial em comando de um navio da Companhia das Índias. Ele iria ver que essa inesperada herança estava cheia de dívidas; mas a propriedade poderia se recuperar com o tempo e, se “o capitão” fosse cuidadoso, ele ainda poderia ser um homem rico antes de morrer.

Mesmo estando absorto com a ideia de voltar para Londres, essa informação (que os acontecimentos provaram ser perfeitamente correta) tinha um interesse todo seu para atrair a minha atenção. Eu achei que ela me justificava ao manter em segredo a minha descoberta da fraude de Sir Percival. O herdeiro cujos direitos ele havia usurpado era o herdeiro que agora receberia a propriedade. A renda dela, pelos últimos vinte e três anos, que deveria ter sido dele, e que o homem morto havia desbaratado até o último tostão, estava irremediavelmente perdida. Se eu falasse, minhas palavras não trariam vantagem para ninguém. Se eu guardasse segredo, meu silêncio encobriria o caráter do homem que havia enganado Laura e a levava a se casar com ele. Por causa dela, eu desejava encobri-lo — e por causa dela, ainda, conto esta história com nomes falsos.

Eu me separei de meu companheiro casual em Knowlesbury; e fui na mesma hora para o conselho municipal. Como eu havia antecipado, não havia

ninguém presente para apresentar o caso contra mim — as formalidades necessárias foram observadas — e fui liberado. Ao sair do tribunal, uma carta do Sr. Dawson foi colocada em minhas mãos. Ela me informava que ele estava ausente por motivos profissionais, e reiterava a oferta que eu já havia recebido dele de qualquer ajuda que eu pudesse precisar de sua parte. Eu respondi, calorosamente reconhecendo a minha dívida para com a gentileza dele, e me desculpando por não agradecer pessoalmente, como consequência de minha volta imediata, por negócios urgentes, para a cidade.

Meia hora mais tarde, eu voltava a toda velocidade para Londres pelo trem expresso.

II

CHEGUEI a Fulham entre nove e dez horas, e encontrei o caminho para Gower's Walk.

Laura e Marian vieram à porta para me receber. Eu acho que mal sabíamos quão estreito era o laço que nos ligava, até chegar a noite que nos uniu de novo. Nós nos encontramos como se tivéssemos ficado separados por meses, e não apenas por uns poucos dias. O rosto de Marian estava muito emaciado e ansioso. Eu vi quem havia sabido de todo o perigo e suportado todos os problemas em minha ausência, no instante em que olhei para ela. O aspecto mais alegre e o melhor estado de ânimo de Laura me disseram com quanto cuidado ela havia sido poupada de todo o conhecimento da pavorosa morte em Welmingham, e do verdadeiro motivo de nossa mudança de endereço.

A movimentação da mudança parecia tê-la alegrado e interessado. Ela só falava nisso como uma bela ideia de Marian para me surpreender, quando eu voltasse, com uma mudança daquela rua estreita e barulhenta para a agradável proximidade das árvores, e dos campos e do rio. Ela estava cheia de projetos para o futuro — relacionados aos desenhos que iria terminar; aos compradores que eu havia encontrado no interior, que iriam comprá-los; aos xelins e às moedas de seis *pence* que ela havia poupado, até sua bolsa estar tão pesada que ela, orgulhosa, me pediu para sopesá-la em minhas mãos. A mudança para melhor que havia acontecido com ela, durante os poucos dias de minha ausência, era uma surpresa para mim, para a qual não estava preparado — e toda a indizível alegria de testemunhá-la eu devia à coragem de Marian e ao amor de Marian.

Depois de Laura nos deixar, e quando pudemos conversar a sós sem restrições, tentei manifestar o reconhecimento e a admiração que enchiam minh'alma. Porém, a generosa criatura não esperou para me ouvir. Aquela sublime abnegação das mulheres, que tanto dá e tão pouco pede, afastou todos

os seus pensamentos de si mesma voltando-os para mim.

— Eu tinha só uns minutos antes da hora de o correio passar — ela disse —, caso contrário eu teria escrito de modo menos abrupto. Você aparenta estar abatido e fatigado, Walter... Receio que minha carta tenha assustado muito você?

— Apenas a princípio — repliquei. — Minha mente se tranquilizou, Marian, com a confiança que tenho em você. Eu estava certo ao atribuir essa repentina mudança de endereço a alguma ameaça de aborrecimento por parte do Conde Fosco?

— Totalmente certo — disse ela. — Eu o vi ontem; e, pior que isso, Walter... eu falei com ele.

— Falou com ele? Ele sabia onde nós morávamos? Ele foi até a casa?

— Sim. À casa, mas não subiu. Laura não o viu; Laura não suspeita de nada. Vou contar como aconteceu: o perigo, creio e espero, já passou, agora. Ontem, eu estava na sala de visitas, em nossos antigos aposentos. Laura estava à mesa, desenhando; e eu estava andando de um lado para outro e arrumando as coisas. Eu passei pela janela e, ao passar, olhei para a rua. Lá, na calçada oposta, vi o Conde, com um homem conversando com ele...

— Ele viu você à janela?

— Não... Pelo menos, eu achei que não. Estava assustada demais para ter certeza absoluta.

— Quem era o outro homem? Um desconhecido?

— Não era um desconhecido, Walter. Assim que consegui respirar de novo, eu o reconheci. Era o proprietário do Sanatório para enfermos mentais.

— O Conde estava indicando a casa para ele?

— Não; eles estavam conversando como se tivessem acidentalmente se encontrado na rua. Eu fiquei à janela olhando os dois por trás das cortinas. Se eu tivesse me voltado, e se Laura tivesse visto o meu rosto naquele instante... Graças a Deus, ela estava ocupada com o seu desenho! Eles logo se separaram. O homem do Sanatório foi para um lado, e o Conde para o outro. Comecei a ter esperanças de que eles estivessem na rua por acaso, até eu ver o Conde voltar, parar na calçada do lado oposto dos nossos aposentos, pegar os seus cartões e um lápis, escrever alguma coisa, e então atravessar a rua e ir à loja embaixo dos nossos aposentos. Passei correndo por Laura antes que ela conseguisse me olhar, e disse que havia esquecido alguma coisa no andar de cima. Assim que saí da sala, desci ao primeiro patamar e esperei; eu estava resolvida a detê-lo se ele tentasse subir. Ele não tentou. A menina da loja passou pela porta e foi para o corredor, com o cartão dele na mão — um cartão grande com desenhos em ouro, com o nome dele, e uma coroa no alto,

e estas linhas abaixo, escritas a lápis: “Cara senhora!” (sim, o patife ainda foi capaz de se dirigir a mim dessa maneira), “Cara senhora, uma palavrinha, eu lhe suplico, sobre um assunto importante para nós dois.” Se a pessoa consegue pensar, em momentos muito difíceis, a pessoa pensa rapidamente. Eu senti na hora que seria um erro fatal me deixar, e também a você, no escuro, se um homem como o Conde estivesse envolvido. Senti que a dúvida sobre o que ele poderia fazer, em sua ausência, seria dez vezes mais perturbadora para mim se eu me recusasse a vê-lo do que se eu consentisse. “Peça ao cavalheiro para esperar na loja”, eu disse. “Eu irei ter com ele em um minuto.” Eu corri para o andar de cima para pegar a minha touca, estando resolvida a não permitir que ele conversasse comigo dentro de casa. Conheço a voz sonora dele; e receava que Laura pudesse ouvi-la, mesmo na loja. Em menos de um minuto eu estava de novo no corredor, e havia aberto a porta que dá para a rua. Ele veio da loja para se encontrar comigo. Lá estava ele, de luto fechado, com a sua mesura delicada e o seu sorriso mortal, e algumas mulheres e menininhos desocupados perto dele, olhando fixamente para o tamanho dele, as suas belas roupas negras e a sua grande bengala com o castão dourado. Todo aquele período horrível em Blackwater Park ficou vívido no instante em que o olhei. Todo o velho rancor se apossou de meu corpo e o percorreu, quando ele tirou o chapéu com um floreio e falou comigo como se nós tivéssemos nos separado nos termos mais amistosos há menos de um dia.

— Você se lembra de o que ele disse?

— Não sou capaz de repetir, Walter. Você vai saber agora mesmo o que ele disse sobre *você*, mas não sou capaz de repetir o que ele *me* disse. Foi pior que a insolência cortês da carta dele. Minhas mãos tremiam com vontade de bater nele, como se eu fosse um homem! Eu só as mantive controladas rasgando o cartão dele em pedacinhos por baixo do meu xale. Sem dizer uma palavra, saí da casa (por medo de que Laura nos visse); e ele foi atrás, protestando baixinho o tempo todo. Na primeira ruazinha lateral, eu me volvei, e perguntei o que ele queria comigo. Ele queria duas coisas. A primeira, se eu não me opusesse, era manifestar os seus sentimentos. Eu me recusei a ouvi-los. A segunda, repetir o aviso contido na carta dele. Perguntei que motivo havia para repeti-lo. Ele fez uma mesura e sorriu, e disse que iria explicar. A explicação confirmou com precisão os temores que eu manifestei antes de você viajar. Eu disse, se você se lembra, que Sir Percival seria obstinado demais para aceitar o conselho do amigo se você estivesse envolvido; e que não haveria nada a temer por parte do Conde até que os interesses dele fossem ameaçados, e ele fosse levado a agir em defesa própria?

— Eu me lembro, Marian.

— Bem; e assim aconteceu. O Conde ofereceu o seu conselho, mas ele foi

recusado. Sir Percival só aceitaria os conselhos da sua própria violência, de sua própria teimosia e do ódio dele por *você*. O Conde permitiu que ele fizesse a sua vontade; em primeiro lugar se certificando, no caso de os interesses dele serem ameaçados em seguida, onde nós morávamos. Você foi seguido, Walter, ao voltar para cá, depois de sua primeira viagem a Hampshire — pelos homens do advogado, a certa distância, da estação do trem, e pelo próprio Conde até a porta da casa. Como ele conseguiu não ser visto por você, ele não me disse; mas ele nos encontrou naquela ocasião, e desse modo. Tendo feito a descoberta, ele não se aproveitou dela até a notícia da morte de Sir Percival chegar até ele; e então, como eu disse para você, agiu por conta própria, por acreditar que você, em seguida, iria agir contra o parceiro do falecido na conspiração. Ele na mesma hora fez os seus preparativos para se encontrar com o proprietário do Sanatório em Londres, e para levá-lo ao local onde a sua paciente fugitiva estava escondida; acreditando que o resultado, como quer que tudo acontecesse, seria o de envolver você em intermináveis disputas legais e dificuldades, e atar as suas mãos para todos os propósitos de ataque, no que dissesse respeito a ele. Esse era o propósito dele, na confissão feita para mim. A única consideração que o fez hesitar, no último instante...

— Sim?

— É difícil reconhecer isso, Walter... E, mesmo assim, tenho de reconhecer! *Eu* fui a única consideração. Não há palavras que possam expressar quão aviltada eu me sinto em minha própria estima quando penso nisso; mas o único ponto fraco no caráter férreo daquele homem é a horrível admiração que ele sente por *mim*. Eu tenho tentado, por amor ao meu autorrespeito, não acreditar nisso tanto quanto pude; mas, os olhares, as ações dele me forçam à vergonhosa convicção da verdade. Os olhos daquele monstro de perversidade se umedeceram enquanto ele falava comigo... se umedeceram mesmo, Walter! Ele declarou que, no momento de apontar a casa para o médico, ele pensou na minha infelicidade se eu fosse separada de Laura; em minha responsabilidade se eu fosse chamada para dar contas por auxiliar a sua fuga; e arriscou o pior que você pudesse fazer contra ele, pela segunda vez, por *minha* causa. Tudo que ele pedia era que eu me lembrasse do sacrifício, e contivesse a sua impetuosidade, por causa de meus interesses; interesses que ele poderia nunca mais ser capaz de levar em conta de novo. Não fiz tal acordo com ele; eu teria morrido antes. Mas, acreditando nele, ou não... se é verdade que ele mandou o médico embora com uma desculpa, uma coisa é certa: vi o homem ir embora, sem ao menos um olhar na direção da nossa janela, nem ao menos para a nossa calçada.

— Acredito, Marian. Os melhores homens não são consistentes no bem; por que deveriam os piores homens ser consistentes no mal? Ao mesmo

tempo, suspeito que ele estivesse simplesmente tentando assustar você, ameaçando fazer o que realmente não pode fazer. Não creio na capacidade dele de nos perturbar, por meio do proprietário do Sanatório, agora que Sir Percival está morto, e a Sra. Catherick está livre de todo controle. Mas quero ouvir mais. O que o Conde disse ao meu respeito?

— Ele falou de você no fim. Os olhos dele brilharam e ficaram frios, e os seus modos se transformaram naquilo de que eu me lembro em tempos passados: naquela mistura de resolução impiedosa e de zombaria enganadora que torna tão impossível compreendê-lo. “Avisar o Sr. Hartright!”, ele disse, com os seus modos mais altaneiros. “Ele tem de lidar com um homem que sabe pensar, um homem que desdenha as leis e as convenções da sociedade, ao se defrontar COMIGO. Se meu lamentado amigo tivesse ouvido o meu conselho, o assunto do Inquérito teria sido o corpo do Sr. Hartright. Porém, o meu lamentado amigo era obstinado. Veja! Eu pranteio a perda dele... intimamente, em minh’alma; exteriormente, em meu chapéu. Este trivial crepe manifesta sensibilidades que eu conclamo o Sr. Hartright a respeitar. Elas podem se transformar em inimizades incomensuráveis, se ele se aventurar a perturbá-las! Que ele se contente com o que conseguiu... com o que eu deixo assim como está, por sua causa, Srta. Halcombe, em relação a ele e à senhorita. Diga-lhe (com os meus cumprimentos), se ele me atizar, ele tem de lidar com Fosco. No inglês da Língua Popular, eu informo para ele: Fosco é inescrupuloso! Cara senhora, tenha um bom dia!” Os olhos dele, frios e cinzentos, se fixaram em meu rosto; ele tirou o chapéu, solene; fez uma medida, com a cabeça descoberta, e foi embora.

— Sem se voltar? Sem dizer mais nenhuma palavra?

— Ele se voltou na esquina da rua, e acenou com a mão, e então bateu com ela, de modo teatral, no peito. Eu o perdi de vista, depois disso. Ele desapareceu na direção oposta à da nossa casa; eu corri de volta para perto de Laura. Antes de ter entrado em casa de novo, já havia decidido que nós teríamos de partir. A casa (sobretudo em sua ausência) era um local perigoso, em vez de um local seguro, agora que o Conde a havia descoberto. Se eu pudesse ter tido a certeza do seu retorno, teria me arriscado a esperar até você voltar. Mas eu não tinha certeza de nada, e agi na hora, levada por meu impulso. Você havia falado, antes de partir, de nos mudarmos para um local mais tranquilo e com ar mais puro, por causa da saúde de Laura. Só precisei lembrá-la disso, e sugerir fazer uma surpresa para você e poupar a você o trabalho fazendo a mudança em sua ausência, para deixá-la tão ansiosa quanto eu pela mudança. Ela me ajudou a empacotar as suas coisas, Walter, e as organizou todas para você em seu novo local de trabalho, aqui.

— O que levou você a pensar em vir para cá?

— Meu desconhecimento de outras localidades nas cercanias de Londres. Eu senti a necessidade de ir para o mais longe possível de nossos antigos aposentos; e conhecia Fulham ligeiramente porque certa época estive em uma escola aqui. Mandeí um mensageiro, com um bilhete, caso a escola ainda existisse. Ela existia; as filhas de minha antiga professora a estavam administrando para ela; e elas alugaram este local segundo as instruções que eu lhes havia enviado. O mensageiro voltou com o endereço da casa exatamente na hora de o correio passar. Nós nos mudamos depois de escurecer; viemos para cá sem que fôssemos observadas. Eu agi bem, Walter? Justifiquei a sua confiança em mim?

Eu respondi caloroso e grato, como realmente me sentia. Porém, o olhar ansioso ainda permanecia no rosto dela enquanto eu estava falando; e a primeira pergunta que ela me fez quando terminei de falar se relacionava ao Conde Fosco.

Eu vi que ela estava pensando nele agora com um ponto de vista alterado. Nenhum novo arroubo de raiva contra ele, nenhum novo apelo para que eu apressasse o dia de prestar contas, passou pelos lábios dela. Sua convicção de que a odiosa admiração dele por ela era realmente sincera parecia ter aumentado muito a desconfiança que ela sentia da insondável astúcia dele e seu inato temor da energia e da vigilância perversa de todas as faculdades mentais dele. A voz dela ficou mais baixa, seus modos eram hesitantes, seus olhos procuravam os meus em um temor ansioso, quando ela me perguntou o que eu achava da mensagem dele, e o que eu tencionava fazer em seguida, depois de ouvi-la.

— Não se passaram muitas semanas, Marian — respondi —, depois de minha conversa com o Sr. Kyrle. Quando nós nos despedimos, as últimas palavras que eu lhe disse sobre Laura foram: “A casa de seu tio se abrirá de novo para recebê-la, na presença de cada criatura que seguiu o falso funeral até o túmulo; a mentira que registra a morte dela será publicamente apagada da lápide, com a autorização do chefe da família; e os dois homens que a ultrajaram responderão pelo seu crime perante MIM, embora a justiça que se apresenta nos tribunais seja impotente para persegui-los.” Um desses homens não está mais ao alcance das mãos mortais. O outro ainda está... e minha resolução continua a mesma.

Seus olhos se iluminaram; suas faces ganharam cor. Ela nada disse; mas vi todas as simpatias dela se unindo às minhas, em seu rosto.

— Eu não escondo de mim mesmo, ou de você — prossegui —, que a perspectiva à nossa frente é mais que duvidosa. É possível que os riscos que nós já corremos sejam ninharias, comparados com os riscos que nos ameaçam no futuro; porém, a tentativa será feita, Marian, mesmo com tudo isso. Não

sou irrefletido o suficiente para me confrontar com um homem como o Conde antes de eu estar bem preparado. Eu aprendi a ter paciência; posso esperar o meu momento. Deixem que ele acredite que a sua mensagem produziu o seu efeito; que ele não tenha notícias nossas, e não ouça nada ao nosso respeito; que nós lhe proporcionemos tempo o bastante para se sentir seguro; sua própria natureza jactanciosa, a não ser que eu me engane muito a respeito dele, irá apressar esse resultado. Este é um motivo para esperar; mas há outro, ainda mais importante. Minha posição deveria ser mais forte, em relação a você e a Laura, Marian, que a atual, antes que eu tente a nossa última cartada.

Ela se inclinou em minha direção, com um olhar de surpresa.

— E como ela pode ser mais forte? — ela perguntou.

— Eu vou lhe dizer — retruquei — quando chegar a hora. Ela ainda não chegou; poderá nunca chegar. Eu posso me manter em silêncio sobre o assunto com Laura para sempre... Devo me manter em silêncio agora, até mesmo com *você*, até ver que posso falar sem causar danos e com honradez. Vamos abandonar o assunto. Há outro que exige mais a nossa atenção. Você manteve Laura, com a graça de Deus a manteve na ignorância da morte do esposo...

— Oh, Walter, com certeza vai passar muito tempo ainda, antes que nós contemos isso para ela?

— Não, Marian. É melhor você revelar agora para ela, do que um acaso, contra o qual ninguém pode se prevenir, revele para ela em algum momento futuro. Poupe-a dos detalhes... Conte para ela com muito carinho... Mas diga-lhe que ele está morto.

— Você tem um motivo, Walter, para desejar que ela saiba da morte do marido, além desse que você acabou de mencionar?

— Tenho.

— Um motivo relacionado ao assunto que ainda não deve ser mencionado entre nós? Que poderá nunca ser mencionado para Laura?

Ela se deteve nas últimas palavras, de modo significativo. Quando lhe respondi com uma afirmativa, eu também me detive nelas.

O rosto dela ficou pálido. Por uns instantes, ela me olhou com um interesse triste e hesitante. Uma ternura pouco habitual lampejou em seus olhos escuros e suavizou os lábios firmes, ao olhar de relance para a cadeira vazia em que a cara companheira de todas as nossas alegrias e pesares estivera sentada.

— Acho que compreendo — ela disse. — Acho que devo a ela e a você, Walter, contar para ela da morte do marido.

Ela suspirou, e segurou minha mão com força por uns instantes — então a

soltou de modo abrupto, e saiu do aposento. No dia seguinte, Laura sabia que a morte dele a libertara, e que o erro e a calamidade de sua vida jaziam enterrados no túmulo dele.

O nome dele não foi mais mencionado entre nós. Doravante, nós nos abstivemos da mais ligeira menção à morte dele; e, do mesmo modo escrupuloso, Marian e eu evitávamos toda referência àquele outro assunto, que, com o consentimento dela e o meu, ainda não seria mencionado entre nós. Ele não era o menos presente em nossas mentes — ele era mantido vivo nelas pela censura que havíamos imposto sobre nós mesmos. Ambos observávamos Laura com mais ansiedade que nunca; às vezes aguardando e esperando; às vezes aguardando e temendo; até que o momento chegou.

Aos poucos, nós voltamos ao nosso habitual modo de vida. Retomei o trabalho diário, que havia sido interrompido durante a minha ausência em Hampshire. Nossos novos aposentos custavam mais que os menores e menos convenientes que havíamos deixado; e a consequente pressão sobre os meus esforços redobrados foi reforçada pela insegurança de nossas perspectivas futuras. Ainda poderiam acontecer emergências que esgotassem as nossas poucas economias no banco; e o trabalho de minhas mãos poderia ser, no fim das contas, tudo com que poderíamos contar para viver. Um emprego mais permanente e mais lucrativo do que o oferecido para mim até então era uma necessidade de nossa posição — uma necessidade que eu, diligente, me dispus a suprir.

Não se deve supor que o intervalo de descanso e reclusão, sobre o qual agora escrevo, suspendeu totalmente, de minha parte, todo o esforço em prol do único propósito com o qual as minhas ações e os meus pensamentos estão associados nestas páginas. Esse propósito, por meses e meses, nunca iria me abandonar. O seu lento amadurecer ainda me deixava uma medida de precaução para tomar, um dever de gratidão para cumprir, e uma questão duvidosa para resolver.

A medida de precaução se relacionava, obrigatoriamente, ao Conde. Era da maior importância verificar, se possível, se os planos dele o obrigavam a permanecer na Inglaterra — ou, em outras palavras, a permanecer ao meu alcance. Consegui esclarecer essa dúvida com um simples expediente. Eu conhecia o endereço dele em St. John's Woods e fiz perguntas pela vizinhança; e, tendo encontrado o agente que cuidava da casa mobiliada em que ele vivia, perguntei se o número cinco, Forest-road, provavelmente estaria para alugar em breve. A resposta foi negativa. Fui informado que o cavaleiro estrangeiro que então residia na casa havia renovado seu contrato de ocupação por mais seis meses, e ficaria na posse dela até o fim de junho do ano seguinte. Nós estávamos então apenas no início de dezembro. Eu me despedi do agente

com a mente livre de todos os temores de que o Conde me escapasse.

O dever de gratidão que eu tinha de cumprir me levou uma vez mais à presença da Sra. Clements. Eu havia prometido retornar, e contar-lhe os detalhes relacionados à morte e ao enterro de Anne Catherick, que havia sido obrigado a omitir na primeira visita. Alteradas como estavam então as circunstâncias, não havia motivos para não confiar à boa mulher tanto da história da conspiração quanto fosse necessário contar. Eu tinha todos os motivos que a simpatia e os sentimentos amistosos poderiam sugerir para me instar a um rápido cumprimento de minha promessa — e a cumpri conscienciosa e cuidadosamente. Não há necessidade de sobrecarregar estas páginas com qualquer declaração do que se passou na conversa. Será mais proveitoso dizer que a conversa por si só necessariamente trouxe à minha mente a única pergunta que ainda permanecia para ser resolvida — a questão da paternidade de Anne Catherick.

Uma infinidade de pequenas considerações relacionadas a esse assunto — bem insignificantes por si só, mas muito importantes quando postas lado a lado — havia recentemente me levado a uma conclusão que eu desejava por à prova. Eu havia obtido a permissão de Marian para escrever ao Major Donthorne, de Varneck Hall (onde a Sra. Catherick havia trabalhado por alguns anos antes de seu casamento), para fazer-lhe algumas perguntas. Eu as fiz em nome de Marian, e as descrevi como sendo relacionadas a assuntos de interesse pessoal da família dela, o que poderia explicá-las e justificá-las. Quando escrevi a carta, eu não sabia com certeza se o Major Donthorne ainda estava vivo; eu a enviei na hipótese de ele poder estar e capaz de responder, e disposto a responder.

Depois de um intervalo de dois dias, as provas vieram, sob a forma de uma carta, de que o Major estava vivo e pronto para nos ajudar.

A ideia em minha mente, quando lhe escrevi e a natureza de minhas perguntas serão facilmente deduzidas da resposta. A carta dele respondeu a minhas perguntas, comunicando os importantes fatos a seguir:

Em primeiro lugar, “o falecido Sir Percival Glyde, de Blackwater Park”, jamais havia colocado os pés em Varneck Hall. O falecido cavalheiro era um desconhecido completo para o Major Donthorne e toda a sua família.

Em segundo lugar, “o falecido Sr. Philip Fairlie, da Mansão de Limmeridge” havia sido, em seus dias de juventude, amigo íntimo e hóspede constante do Major Donthorne. Tendo refrescado a sua memória olhando antigas cartas e outros documentos, o Major estava em posição de dizer com certeza que o Sr. Philip Fairlie estava hospedado em Varneck Hall no mês de agosto de mil oitocentos e vinte e seis, e que ele ficou lá, para caçar, durante o mês de setembro e parte de outubro. Ele então partiu, tanto quanto o Major

pudesse saber, para a Escócia, e não voltou a Varneck Hall até depois de um intervalo de tempo, quando reapareceu como um homem recém-casado.

Tomada por si só, essa declaração talvez tivesse muito pouco valor — mas, considerada junto com certos fatos, que ou Marian ou eu sabíamos ser verdadeiros, sugeria uma simples conclusão que era, para as nossas mentes, irresistível.

Sabendo, agora, que o Sr. Philip Fairlie estivera em Varneck Hall no outono de mil oitocentos e vinte e seis, e que a Sra. Catherick estivera trabalhando lá ao mesmo tempo, nós sabíamos também: em primeiro lugar, que Anne havia nascido em junho de mil oitocentos e vinte e sete; em segundo lugar, que ela sempre havia tido uma extraordinária semelhança pessoal com Laura; e, em terceiro lugar, que a própria Laura era muito parecida com o pai. O Sr. Philip Fairlie havia sido um dos homens mais bonitos de sua época. Com temperamento completamente diferente do de seu irmão Frederick, ele era o queridinho mimado da sociedade, sobretudo das mulheres — um homem sociável, alegre, impulsivo, afetuoso; extremamente generoso; de modo inato descuidado em seus princípios, e claramente irresponsável quanto a obrigações morais no que dizia respeito às mulheres. Tais eram os fatos que nós sabíamos; tal era o caráter do homem. Certamente, a clara inferência que se segue não precisa ser destacada?

Lida sob a nova luz que se me havia apresentado, até a carta da Sra. Catherick, contra a sua vontade, dava as suas migalhas de informação para reforçar a conclusão a que eu chegara. Ela havia descrito a Sra. Fairlie (ao me escrever) como “sem atrativos” e que “havia agarrado um dos mais belos homens da Inglaterra.” Ambas as afirmativas eram feitas sem fundamento, e ambas eram falsas. Um desapreço ciumento (que, em uma mulher como a Sra. Catherick, se manifestaria sob a forma de maldade mesquinha em vez de não se manifestar de forma alguma) parecia, para mim, ser a única causa atribuível à peculiar insolência de sua referência à Sra. Fairlie, em circunstâncias que não precisavam de referência nenhuma.

A menção, neste momento, à Sra. Fairlie naturalmente sugere mais uma questão. Ela alguma vez suspeitou de quem poderia ser filha a menininha levada à Mansão de Limmeridge?

O testemunho de Marian era categórico nesse ponto. A carta da Sra. Fairlie para o marido, lida para mim em tempos passados — a carta descrevendo a semelhança de Anne com Laura, e reconhecendo o seu interesse afetuoso pela pequena desconhecida — havia sido escrita, sem a menor dúvida, na mais completa inocência. Até parecia duvidoso, pensando bem, que o próprio Sr. Fairlie tivesse estado mais próximo de suspeitar da verdade do que sua esposa. As circunstâncias vergonhosamente falsas em que

a Sra. Catherick havia se casado e o fato que o casamento tinha por objetivo encobrir poderiam muito bem mantê-la em silêncio por cautela, talvez por causa de seu orgulho também — até supondo que ela tivesse meios, na ausência dele, de se comunicar com o pai de seu bebê ainda não nascido.

Enquanto tal conjectura passou pela minha cabeça, então surgiu em minha memória a recordação das palavras das Escrituras em que nós todos pensamos, em nossos tempos, com espanto e com temor: “O SENHOR que visita a iniquidade dos pais nos filhos.” Não fosse pela fatal semelhança entre as duas filhas de um mesmo pai, a conspiração da qual Anne havia sido o inocente instrumento, e Laura a vítima inocente, poderia nunca ter sido planejada. Com que infalível e terrível exatidão a longa cadeia de circunstâncias conduziu do impensado erro cometido pelo pai ao desalmado dano causado à filha!

Esses pensamentos me ocorreram, e outros junto com ele, que levaram a minha mente ao pequeno adro da igreja em Cumberland, onde Anne Catherick estava agora enterrada. Pensei nos dias passados, quando eu a havia encontrado junto do túmulo da Sra. Fairlie, e a visto pela última vez. Pensei em suas pobres e fracas mãos batendo na pedra tumular, e em suas palavras cansadas e ansiosas, murmuradas para os restos mortais de sua protetora e amiga: “Oh, se eu pudesse morrer, e ficar escondida e em paz com *a senhora!*” Pouco mais de um ano havia se passado desde que ela manifestara esse desejo; e de que modo inescrutável e pavoroso ele havia sido concretizado! As palavras que ela dissera a Laura às margens do lago, essas mesmas palavras haviam então se tornado verdade. “Oh! Se apenas eu pudesse ser enterrada com a sua mãe! Se eu apenas pudesse acordar ao lado dela, quando a trombeta do anjo soar, e os túmulos derem os seus mortos na ressurreição!” Por meio de qual crime e horror mortais, por meio de quais sombrios caminhos que conduzem à Morte, a criatura desgarrada havia andado sob a liderança de Deus para a derradeira morada que, viva, ela nunca esperara alcançar! Nesse repouso sagrado eu a deixo — nessa companhia temida, que ela permaneça sem ser perturbada.

E assim a fantasmagórica figura que assombrou estas páginas, assim como assombrou a minha vida, mergulha nas Trevas impenetráveis. Como uma Sombra ela primeiro apareceu para mim, na solidão da noite. Como uma Sombra ela se afasta, na solidão dos mortos.

III

QUATRO meses se passaram. Abril chegou — o mês da Primavera, o mês da mudança.

O Tempo havia fluído, durante o intervalo desde o inverno, pacífica e tranquilamente em nossa nova casa. Eu havia feito com que esse período fosse produtivo; havia aumentado muito as minhas fontes de emprego e colocado os nossos meios de subsistência em um nível mais seguro. Livre do suspense e da ansiedade que a haviam testado tão duramente, e feito parte de sua vida por tanto tempo, o estado de espírito de Marian se recuperou; e a natural energia de seu temperamento começou a se estabelecer de novo, com parte, ainda que não por completo, da liberdade e do vigor de tempos passados.

Mais maleável frente à mudança que a sua irmã, Laura mostrou mais claramente o progresso feito pelas influências reanimadoras de sua nova vida. A aparência emaciada e exausta que havia envelhecido o seu rosto prematuramente o estavam abandonando com rapidez; e a expressão que outrora havia sido o maior dos seus encantos foi a primeira de suas belezas que retornou. As minhas observações mais minuciosas de Laura detectavam somente um resultado sério da conspiração que havia ameaçado o seu equilíbrio mental e a sua vida. Suas lembranças dos acontecimentos, do período em que ela havia partido de Blackwater Park até o momento em que nos encontramos no cemitério da Igreja de Limmeridge, estavam perdidas além de todas as esperanças de recuperação. À mais ligeira referência sobre aquele tempo, ela ainda se alterava e tremia; suas palavras ficavam confusas; sua memória vagava e se perdia tão impotente quanto antes. Neste, e apenas neste aspecto, as marcas do passado haviam se enraizado — profundas demais para que fossem arrancadas.

Em tudo mais, ela estava tão adiantada no caminho da recuperação que, em seus melhores e mais alegres dias, às vezes se parecia com a Laura dos velhos tempos, e falava como ela. A feliz alteração acarretou o seu resultado natural em nós dois. Do lado dela, e do meu, aquelas recordações perenes de nossa vida passada em Cumberland despertaram de seu torpor, e elas eram, todas, as recordações de nosso amor.

Gradual e inconscientemente, nosso relacionamento diário passou a ser distante. As palavras carinhosas que eu havia lido de modo tão natural, nos dias do pesar e do sofrimento dela, sumiam estranhamente de meus lábios. No período em que o temor de perdê-la estava mais presente em meus pensamentos, eu sempre a havia beijado quando ela se afastava de mim à noite, e quando ela me encontrava de manhã. O beijo parecia então ter sido proibido entre nós — afastado de nossa vida. Nossas mãos começaram a tremer de novo quando se encontravam. Nós mal olhávamos um para o outro longe da presença de Marian. A conversa com frequência era hesitante entre nós quando estávamos sozinhos. Quando eu a tocava acidentalmente, sentia meu coração pulsando rápido, como costumava pulsar na Mansão de

Limmeridge — eu via o adorável rubor de novo no rosto dela, como se estivéssemos de volta nas colinas de Cumberland em nossos antigos papéis de professor e de aluna uma vez mais. Ela passava por longos intervalos de silêncio e de reflexão; e negava ter estado pensando, quando Marian lhe perguntava. Eu me flagrei um dia negligenciando o meu trabalho, para devanear junto do pequeno retrato dela a aquarela, que eu havia feito na casa de verão onde nós nos encontramos pela primeira vez — assim como costumava negligenciar os desenhos do Sr. Fairlie, para devanear perto da mesma imagem, então recém-terminada em tempos idos. Alteradas como estavam todas as circunstâncias agora, nossa posição em relação um ao outro nos luminosos tempos de nossa camaradagem inicial parecia ter revivido com o revivescimento de nosso amor. Era como se o Tempo tivesse nos transportado, no naufrágio de nossas primeiras esperanças, à antiga e familiar praia!

Para qualquer outra mulher eu poderia ter dito as palavras decisivas que ainda hesitava em dizer para *ela*. O completo desamparo de sua situação; sua dependência de toda a paciente gentileza que eu pudesse mostrar-lhe; meu temor de tocar cedo demais em certa sensibilidade secreta nela, que o meu instinto, como homem, poderia não ter sido gentil o suficiente para descobrir — essas considerações, e outras semelhantes, mantinham-me desconfiadamente silencioso. E, no entanto, eu sabia que a restrição de ambos os lados deveria se acabar; que o relacionamento em que nós nos encontrávamos deveria ser alterado, de algum modo definido, para o futuro; e que cabia a mim, em primeiro lugar, reconhecer a necessidade de uma mudança.

Quanto mais eu pensava em nossa posição, mais difícil parecia a tentativa para alterá-la, enquanto as condições domésticas em que nós três tínhamos vivido juntos desde o inverno permanecessem sem ser perturbadas. Não posso prestar contas do caprichoso estado de espírito em que esse sentimento se originou — mas, não obstante, se apossou de mim a ideia de que uma mudança de local e de circunstâncias, alguma ruptura repentina na tranquila monotonia de nossas vidas, produzida de modo a alterar o aspecto familiar sob o qual estávamos acostumados a ver um ao outro, poderia preparar o caminho para que eu falasse, e poderia tornar mais fácil e menos embaraçoso para que Laura e Marian ouvissem.

Com esse propósito em mente, eu disse, certa manhã, achar que nós todos merecíamos umas pequenas férias e uma mudança de cenário. Depois de algumas considerações, foi decidido que nós iríamos passar uma quinzena à beira-mar.

No dia seguinte, nós partimos de Fulham para uma tranquila cidadezinha

na costa sul. Naquele período inicial do ano, éramos os únicos visitantes no local. As falésias, a praia, e as trilhas, todas estavam naquele estado solitário que era mais agradável para nós. O ar estava ameno; as paisagens de colinas e bosques e dunas variadas pelas cambiantes luzes e sombras de abril, e o mar agitado saltava sob as nossas janelas, como se ele sentisse, assim como a terra, o brilho e o frescor da primavera.

Eu tinha a obrigação de consultar Marian antes de conversar com Laura, e ser guiado, em seguida, pelos conselhos dela.

No terceiro dia após nossa chegada, encontrei uma oportunidade de conversar com ela a sós. No momento em que nós olhamos um para o outro, o seu instinto sagaz detectou o pensamento em minha mente antes que eu pudesse expressá-lo. Com suas habituais energia e objetividade, ela falou na mesma hora, e falou em primeiro lugar.

— Você está pensando naquele assunto mencionado entre nós na noite de seu retorno de Hampshire — ela disse. — Eu estive esperando que você aludisse a isso, há algum tempo. Tem de haver uma mudança em nosso pequeno lar, Walter; não podemos continuar assim como estamos por muito mais tempo. Eu vejo isso tão claramente quanto você; tão claramente quanto Laura vê, embora ela nada diga. Quão estranhamente os velhos tempos em Cumberland parecem ter retornado! Você e eu estamos juntos de novo; e o único tema de interesse entre nós é Laura uma vez mais. Eu quase imaginei que este aposento fosse a casa de verão em Limmeridge, e que aquelas ondas mais adiante estivessem quebrando em *nossa* praia.

— Fui guiado por seu conselho em dias passados — eu disse —, e agora, Marian, com a confiança dez vezes maior, serei guiado por ele de novo.

Ela respondeu segurando com força a minha mão. Eu vi que ela estava profundamente comovida pela minha referência ao passado. Nós nos sentávamos perto da janela; e, enquanto eu falava e ela ouvia, olhávamos para a glória da luz do sol brilhando no mar majestoso.

— O que quer que decorra desta confidência entre nós — eu disse —, quer ela termine com alegria, quer com tristeza para *mim*, os interesses de Laura serão sempre os interesses de minha vida. Quando nós partirmos deste local, e quaisquer sejam os termos em que partamos, minha determinação de arrancar do Conde Fosco a confissão que não consegui obter de seu cúmplice retorna comigo para Londres, com tanta certeza quanto eu próprio retornarei. Nem você nem eu podemos dizer como esse homem pode agir em relação a mim, se eu o acuar; nós apenas sabemos, pelas próprias palavras e ações dele, que ele é capaz de me atacar, por meio de Laura, sem um momento de hesitação ou um momento de remorso. Em nossa atual situação, não tenho um direito, sancionado pela sociedade, que me dê forças para resistir a *ele*, e

protegê-la. Isso me coloca em uma grande desvantagem. Se devo lutar contra o Conde, com a certeza da segurança de Laura, eu devo lutar por minha Esposa. Você concorda com isso, Marian, até este ponto?

— Com cada palavra — ela respondeu.

— Eu não vou invocar os meus sentimentos — prossegui —, eu não vou invocar o amor que sobreviveu a todas as mudanças e a todos os choques; vou me defender por pensar nela e falar nela como a minha esposa, como eu acabei de dizer. Se a chance de arrancar uma confissão do Conde é, conforme eu acredito, a última chance deixada para estabelecer publicamente o fato da existência de Laura, a razão menos egoísta que posso apresentar para o nosso casamento é reconhecida por nós dois. Mas, eu posso estar errado em minha convicção; outros modos de alcançar o nosso propósito, menos incertos e menos perigosos podem estar ao nosso alcance. Eu procurei, ansioso, em minha própria mente, esses meios; e não os encontrei. Você os encontrou?

— Não. Eu também pensei nisso, e pensei em vão.

— Com toda a probabilidade — continuei —, essas mesmas questões que ocorreram a você, ao pensar nesse difícil assunto, ocorreram a mim também. Nós deveríamos voltar com ela a Limmeridge, agora que ela voltou a ser como era, e confiar que os habitantes do vilarejo ou as crianças na escola a reconheçam? Nós devemos recorrer ao teste prático da caligrafia dela? Suponhamos que o fizéssemos. Suponhamos que ela seja reconhecida, e sua caligrafia seja estabelecida. Nestes dois casos, o sucesso forneceria algo além de uma excelente base para um julgamento em um tribunal de justiça? O reconhecimento e a caligrafia comprovariam a identidade dela para o Sr. Fairlie e a levariam de volta à Mansão de Limmeridge, contra as evidências da tia dela, contra as evidências do certificado do médico, contra o fato do funeral e o fato da inscrição no túmulo? Não! Nós poderíamos apenas esperar ser bem-sucedidos ao lançar uma dúvida quanto à morte dela; uma dúvida que nada menos de uma investigação legal pode definir. Vou supor que nós temos (o que certamente não temos) dinheiro suficiente para fazer essa investigação durante todas as suas etapas. Vou supor que as ideias preconcebidas do Sr. Fairlie possam ser dirimidas com provas; que o falso testemunho do Conde e de sua esposa, e todo o restante do falso testemunho, possam ser refutados; que o reconhecimento não possa de modo algum ser atribuído a um equívoco entre Laura e Anne Catherick, ou que a caligrafia seja declarada por nossos inimigos uma fraude muito bem feita... Todas essas são suposições que, de certa forma, fazem pouco das probabilidades mais simples, mas deixemos que elas sejam apresentadas... e vamos nos perguntar qual seria a primeira consequência das primeiras perguntas feitas à própria Laura sobre o assunto da conspiração. Nós sabemos bem demais quais seriam as consequências, pois

sabemos que ela nunca recuperou as lembranças do que lhe aconteceu em Londres. Interroguem-na em particular ou interroguem-na em público, ela é totalmente incapaz de auxiliar a defesa de seu próprio caso. Se você não vê isso, Marian, tão claramente quanto eu vejo, iremos a Limmeridge e tentaremos essa experiência amanhã.

— Eu *vejo*, Walter. Ainda que tivéssemos os recursos para pagar todas as despesas legais, ainda que fôssemos bem-sucedidos no fim, os adiamentos seriam insuportáveis; o perpétuo suspense, depois do que nós já sofremos, seria doloroso demais. Você tem razão quanto à inviabilidade de ir até Limmeridge. Eu gostaria de ter certeza de que você tem razão ao se determinar a tentar essa última chance com o Conde. Ela *é* uma chance?

— Sem a menor dúvida, Sim. É a chance de recuperar a data perdida da viagem de Laura a Londres. Sem retornar aos motivos que já apresentei para você, ainda estou tão persuadido como sempre de que há uma discrepância entre a data dessa viagem e a data no atestado de morte. Aí se encontra o ponto fraco de toda a conspiração; ela se desfaz se nós a atacarmos desse modo; e os meios para atacá-la estão nas mãos do Conde. Se eu for bem-sucedido e conseguir arrancá-los dele, o objetivo da sua vida, Marian, e da minha, será alcançado. Se eu fracassar, a injúria que Laura sofreu, neste mundo, não será remida.

— Você teme o fracasso, Walter?

— Eu não ousa antecipar o sucesso; e, por esse mesmo motivo, Marian, falo com clareza e sinceridade, como falei agora. Em meu íntimo, e em minha consciência, posso dizer: as esperanças de Laura para o futuro estão em seu pior aspecto. Eu sei que a fortuna dela está perdida; sei que a última oportunidade de recolocá-la na posição que lhe cabe neste mundo se encontra à mercê do pior inimigo dela, de um homem que agora é absolutamente inatacável, e pode permanecer inatacável até o fim. Com todas as vantagens deste mundo tiradas de Laura; com todas as perspectivas de recuperar a posição e a situação dela mais que duvidosas; com um futuro à frente dela que não é mais do que o futuro que o marido dela pode oferecer... o pobre professor de desenho pode, sem causar mal, finalmente abrir o seu coração. Nos dias de prosperidade dela, Marian, eu era somente o professor que guiava a mão dela; eu a peço, na adversidade, como a mão de minha esposa!

Os olhos de Marian se encontraram com os meus, afetuosos — eu não poderia dizer mais nada. Eu estava emocionado demais, meus lábios tremiam. Contra a minha vontade, eu corria o risco de apelar à piedade dela. Eu me levantei para sair do aposento. Ela se levantou no mesmo instante, colocou a mão com gentileza em meu ombro, e me deteve.

— Walter! — ela disse. — Certa vez separei vocês dois, para o seu bem e

para o dela. Espere aqui, meu Irmão! Espere, meu mais caro, meu melhor amigo, até que Laura venha, e diga para você o que eu fiz agora!

Pela primeira vez desde a manhã de nossa despedida em Limmeridge, ela tocou minha testa com os lábios. Uma lágrima caiu em meu rosto, quando ela me beijou. Ela se voltou rapidamente, e apontou para a cadeira da qual eu me havia levantado, e saiu do aposento.

Eu me sentei sozinho à janela, para esperar em meio ao ponto culminante de minha vida. Minha mente, naquele intervalo de suspense, estava totalmente vazia. Eu não tinha consciência de nada, a não ser da dolorosa intensidade de todas as percepções familiares. O sol adquiriu um brilho cegante; as brancas aves marinhas perseguindo umas às outras muito longe de mim, pareciam estar esvoaçando na frente do meu rosto; o doce murmúrio das ondas na praia era como um trovão em meus ouvidos.

A porta se abriu, e Laura entrou sozinha. Desse modo ela havia entrado na sala do café da manhã na Mansão de Limmeridge, na manhã em que nos despedimos. Lenta e indecisa, pesarosa e hesitante, ela havia se aproximado de mim. Agora, ela entrava com a pressa da felicidade em seus pés, com a luz da felicidade radiante em seu rosto. Por vontade própria, aqueles braços tão caros me envolveram; por vontade própria, os meigos lábios se aproximaram para se encontrar com os meus.

— Meu querido! — ela sussurrou. — Nós podemos dizer que amamos um ao outro, agora! — A cabeça dela se aconchegou com um terno contentamento em meu peito. — Oh — disse ela, inocente —, finalmente eu estou tão feliz!

Dez dias mais tarde, estávamos ainda mais felizes. Nós estávamos casados.

IV

O FLUXO desta narrativa, prosseguindo sem se deter, me carrega para longe do alvorecer de nossa vida de casados, e me leva adiante até o Fim.

No decorrer de outra quinzena, nós havíamos voltado para Londres; e a sombra da luta vindoura estava se insinuando sobre nós.

Marian e eu tivemos o cuidado de manter Laura na ignorância do motivo que nos havia trazido de volta às pressas — a necessidade de ter a certeza dos movimentos do Conde. Era começo de maio, e o contrato dele de permanência na casa na Forest-road terminava em junho. Se ele o renovasse (e eu tinha motivos, que logo serão mencionados, para acreditar que ele o faria), eu poderia ter a certeza de que ele não me escaparia. Mas, se por algum motivo ele contrariasse as minhas expectativas e saísse do país — então, eu não teria

tempo a perder me preparando para me confrontar com ele da melhor maneira possível.

Na completude inicial de minha nova felicidade, havia momentos em que minha resolução fraquejava — momentos em que eu era tentado a ficar contente e em segurança, agora que a mais cara aspiração de minha vida havia sido realizada na certeza do amor de Laura. Pela primeira vez, pensei, desencorajado, na grandeza do risco, nas chances adversas à minha espera: na bela promessa de nossas novas vidas, e no perigo em que eu poderia colocar a felicidade que havíamos conquistado a duras penas. Sim! Que eu o diga com honestidade. Por um curto período, eu vagueei, sob a doce liderança do amor, para longe do propósito ao qual havia sido fiel sob uma disciplina mais rígida e em dias mais sombrios. Inocente, Laura me havia tentado a desviar do caminho difícil — inocente, ela estava destinada a me conduzir para ele de novo.

Às vezes, sonhos daquele passado terrível faziam-na ainda se lembrar, no mistério dos sonhos, dos acontecimentos dos quais a sua memória consciente havia perdido todos os traços. Uma noite (sequer duas semanas depois de nosso casamento), quando eu a observava adormecida, vi lágrimas surgirem lentamente por entre as pálpebras fechadas; ouvi palavras fugidias fracamente murmuradas que me disseram que seu espírito havia retornado àquela viagem fatal de Blackwater Park. Esse apelo inconsciente, tão tocante e tão impressionante na sacralidade do sono dela, percorreu o meu corpo como fogo. O dia seguinte foi o dia em que voltamos para Londres — o dia em que a minha resolução retornou dez vezes mais forte.

A primeira necessidade era saber algo sobre o homem. Até então, a verdadeira história da vida dele era um mistério impenetrável para mim.

Eu comecei com as escassas fontes de informação que estavam ao meu dispor. A importante narrativa escrita pelo Sr. Frederick Fairlie (que Marian obtivera seguindo as instruções que eu lhe havia dado no inverno) provou não ser útil para o assunto específico que eu examinava. Enquanto eu a lia, reconsiderei a revelação que a Sra. Clements me fizera sobre a série de engodos que trouxera Anne Catherick a Londres deixando-a lá para servir aos interesses da conspiração. Neste ponto, uma vez mais, o Conde não havia se comprometido pessoalmente; neste ponto, ele estava, para todos os propósitos práticos, fora do meu alcance.

Em seguida, voltei ao diário de Marian em Blackwater Park. Por minha solicitação, ela havia lido de novo um trecho que se referia à sua antiga curiosidade sobre o Conde, e aos poucos detalhes que ela havia descoberto sobre ele.

O trecho a que me refiro ocorre na parte do diário que delineia a

personalidade e a aparência pessoal dele. Ela o descreve como “não tendo mais atravessado as fronteiras de seu país natal por muitos anos” — “ansioso por saber se quaisquer cavalheiros italianos estivessem residindo na cidadezinha mais próxima de Blackwater Park” — “recebendo cartas com todos os tipos de selos estranhos, e uma com um imenso selo de aparência oficial.” Ela tende a considerar que essa longa ausência de seu país natal pode ser justificada supondo que ele seja um exilado político. Mas, por outro lado, ela é incapaz de reconciliar essa ideia com o recebimento da carta do exterior, que traz o “imenso selo de aparência oficial” — cartas do Continente endereçadas a exilados políticos sendo, de modo geral, as últimas a atrair a atenção dos correios estrangeiros dessa maneira.

As considerações apresentadas a mim no diário, somadas a certas conjecturas minhas delas decorrentes, sugeriram uma conclusão que me deixou espantado por eu não ter chegado a ela antes. Eu então disse para mim mesmo — o que Laura havia certa vez dito a Marian em Blackwater Park; o que Madame Fosco entreouvira escutando atrás da porta — o Conde é um Espião!

Laura o caracterizara com essa palavra com a natural raiva por causa dos procedimentos dele em relação a ela. *Eu* o caracterizei com ela com a convicção deliberada de que a ocupação dele era ser um Espião. Baseado nessa conjectura, o motivo para a extraordinária permanência dele na Inglaterra, tanto tempo depois de os objetivos da conspiração terem sido concretizados, tornou-se, para mim, muito compreensível.

O ano sobre o qual estou escrevendo era o ano da famosa Exposição Universal no Palácio de Cristal em Hyde Park. Estrangeiros, em uma quantidade pouco habitual, já haviam chegado, e ainda estavam chegando, à Inglaterra. Estavam entre nós, às centenas, homens que haviam sido seguidos às nossas costas, de modo secreto, por intermédio de agentes designados pelos seus governos sempre desconfiados. As minhas conjecturas nem por um instante colocam um homem com as habilidades do Conde e sua posição social junto com a ralé de espões estrangeiros. Eu suspeitava que ele tivesse uma posição de autoridade, de ser encarregado, pelo governo ao qual ele servia em segredo, da organização e da administração de agentes especialmente empregados neste país, tanto homens quanto mulheres; e creio que a Sra. Rubelle, encontrada de modo tão oportuno para atuar como enfermeira em Blackwater Park, fosse, com toda a probabilidade, uma dessas pessoas.

Supondo que essa ideia minha tivesse uma base na verdade, a posição do Conde poderia demonstrar ser mais atacável do que eu havia até então me aventurado a esperar. A quem poderia eu recorrer para saber algo mais sobre a

história do homem, e sobre o próprio homem, do que eu sabia então?

Nessa contingência, naturalmente se me ocorreu que um conterrâneo dele, em quem eu pudesse confiar, poderia ser a pessoa mais adequada para me ajudar. O primeiro homem em quem pensei, nessas circunstâncias, era também o único italiano com quem eu tinha um relacionamento mais íntimo — o meu singular pequeno amigo, o Professor Pesca.

O Professor tem estado há tanto tempo ausente destas páginas, que ele correu certo risco de ser completamente esquecido.

É a lei obrigatória de um tipo de história como a minha que as pessoas nela envolvidas apenas apareçam quando o desenrolar dos acontecimentos as coloque em destaque — elas vêm e vão, não por desígnio de minha parcialidade pessoal, mas por sua conexão direta com as circunstâncias a serem explicadas. Por esse motivo, não apenas Pesca, mas a minha mãe e a minha irmã também, foram deixados afastados no pano de fundo da narrativa. Minhas visitas ao chalé em Hampstead; a lamentável crença de minha mãe na negação da identidade de Laura, que a conspiração havia concretizado; os meus inúteis esforços para superar a ideia preconcebida, por parte dela e de minha irmã, à qual, em sua zelosa afeição por mim, elas continuavam a se apegar; a dolorosa necessidade que essa ideia preconcebida me impôs de esconder o meu casamento delas até elas terem aprendido a fazer justiça à minha esposa — todos esses pequenos incidentes domésticos foram deixados sem registrar, por não serem essenciais ao principal interesse da história. Não por algo que eles tenham acrescentado às minhas ansiedades e amargurado as minhas decepções — a sequência ininterrupta dos acontecimentos deixou-os de lado de modo inexorável.

Pelo mesmo motivo, eu nada falei, aqui, sobre o consolo que encontrei na fraterna afeição de Pesca por mim, quando o vi de novo após a súbita interrupção de minha residência na Mansão de Limmeridge. Não registrei a fidelidade com que o meu caloroso pequeno amigo me seguiu ao meu local de embarque, quando viajei para a América Central, ou as ruidosas manifestações de alegria com que ele me recebeu quando nós nos encontramos de novo em Londres. Se eu tivesse me sentido com o direito de aceitar as ofertas de serviço que ele me fez, quando retornei, ele teria aparecido de novo muito antes deste momento. Mas, embora eu soubesse que poderia confiar implicitamente em sua honra e na coragem, não tinha tanta certeza se a discrição dele seria de confiança; e, apenas por esse motivo, fiz sozinho todas as minhas investigações. Agora será devidamente compreendido que Pesca não perdeu todo o contato comigo e com os meus interesses, embora ele tenha até este momento estado separado de qualquer conexão com o desenrolar desta narrativa. Ele ainda era um amigo tão

confiável e prestativo como havia sido em sua vida.

Antes de chamar Pesca para me ajudar, era preciso que eu visse com meus próprios olhos com que tipo de homem eu tinha de lidar. Até essa ocasião, eu nunca pusera os olhos no Conde Fosco.

Três dias depois de meu retorno com Laura e Marian para Londres, eu me dirigi sozinho a Forest-road, St. John's Wood, entre dez e onze horas da manhã. Era um belo dia — eu tinha algumas horas livres — e achei que seria provável, caso eu esperasse um pouquinho por ele, que o Conde fosse tentado a sair. Eu não tinha grandes motivos para temer a possibilidade de ele me reconhecer durante o dia, pois a única ocasião em que eu havia sido visto por ele fora a ocasião em que ele me havia seguido até minha casa à noite.

Ninguém apareceu nas janelas da frente da casa. Segui por um caminho que passava ao lado dela, e olhei por sobre o muro baixo do jardim. Uma das janelas de trás estava escancarada, e uma tela estava estendida ao longo da abertura. Não vi ninguém; mas ouvi, no aposento, primeiro um assobio agudo e o canto de pássaros — e então, a profunda voz sonora que a descrição de Marian havia tornado familiar para mim. “Venham para o dedinho, meus lindi-din-dinhos!”, exclamou a voz. “Venham e subam a escada! Um, dois, três... e para cima? Três, dois, um... e para baixo! Um, dois, três... piu, piu, piu, piiiuuu!” O Conde estava exercitando os seus canários, como costumava exercitá-los na época em que Marian vivia em Blackwater Park.

Esperei um pouco, e o canto e o assobio cessaram. “Venham e me beijem, meus lindinhos!”, disse a voz profunda. Houve um piar e chilrear como resposta — uma risada baixa e untuosa — um silêncio de mais ou menos um minuto — e então ouvi a porta da frente se abrindo. Dei meia-volta e tornei por onde havia vindo. A magnífica melodia da Prece em “Moisés no Egito” de Rossini, cantada por uma sonora voz de baixo, se elevou, majestosa, no silêncio urbano do local. A porta da frente do jardim se abriu e se fechou. O Conde havia saído.

Ele atravessou a rua e caminhou na direção do lado ocidental de Regent's Park. Eu me mantive do meu lado da calçada, um pouquinho atrás dele, e também caminhei naquela direção.

Marian havia me preparado para a estatura dele, a sua corpulência monstruosa e as suas vistosas indumentárias matutinas — porém, não para a horrível energia, alegria e vitalidade do homem. Ele vivia os seus sessenta anos como se fossem menos de quarenta. Ele caminhava sem pressa, usando o chapéu um bocadinho inclinado para um lado, com passos leves e desenvoltos; balançando a sua grande bengala e cantarolando para si mesmo; olhando, de tempos em tempos, para as casas e jardins de ambos os lados

dele, com uma condescendência altiva e sorridente. Se alguém tivesse dito a uma pessoa que desconhecesse o local que todo o bairro pertencia ao Conde, essa pessoa não ficaria surpresa ao ouvir isso. Ele nunca olhou para trás; aparentemente não prestou atenção em mim; aparentemente não prestou atenção em ninguém que passasse por ele de seu lado da rua — a não ser, ocasionalmente, quando sorria, com um bom humor tranquilo e paternal, para as babás e as crianças com quem se encontrava. Desse modo, ele me conduziu até chegarmos a uma série de lojas do lado externo dos terraços de Regent's Park.

Lá, ele se deteve em uma loja de doces, entrou (provavelmente para fazer um pedido) e saiu imediatamente com uma torta na mão. Um italiano estava tocando um órgão na frente da loja, e um pobre macaquinho enrugado estava sentado no instrumento. O Conde se deteve; mordeu um pedaço da torta e, sério, deu o resto para o macaco. “Meu pobre homenzinho!”, ele disse, com uma ternura grotesca, “você parece faminto. Pelo sagrado nome da humanidade, eu ofereço um pouco de comida para você!” O tocador de órgão, lamentoso, reivindicou um *penny* do benevolente desconhecido. O Conde deu de ombros, desdenhoso — e prosseguiu.

Nós chegamos às ruas e às lojas melhores entre Newroad e Oxford-street. O Conde se deteve de novo, e entrou em uma lojinha de um oculista, com uma inscrição na janela, anunciando que consertos eram feitos com capricho ali. Ele saiu de novo, com um binóculo de ópera na mão; caminhou alguns passos e parou para olhar um cartaz da Ópera, colocado do lado de fora de uma loja que vendia partituras musicais. Ele leu o cartaz com atenção, pensou por um momento, e então chamou um cabriolé vazio que passou por ele. “Bilheteria da Ópera”, ele disse para o homem — e foi levado embora.

Atravessei a rua, e olhei o cartaz. A produção anunciada era “Lucrécia Borgia”, e aconteceria naquela noite. O binóculo na mão do Conde, a leitura cuidadosa do cartaz, e sua instrução para o condutor do cabriolé, tudo sugeria que ele se propunha a fazer parte da audiência. Eu tinha como conseguir ingressos para mim e para um amigo, na plateia, recorrendo a um dos pintores de cenário empregados pelo teatro, com quem eu tivera uma boa amizade em tempos passados. Havia uma chance, pelo menos, de que o Conde pudesse ser facilmente localizado por mim, e por qualquer pessoa que estivesse comigo, entre os espectadores; e, nesse caso, eu tinha como confirmar se Pesca conhecia o seu contrerrâneo ou não, naquela noite mesmo.

Essa reflexão decidi na mesma hora como eu iria passar a noite. Consegui os ingressos, e a caminho deixei um bilhete nos aposentos do Professor. Às oito menos quarto, passei lá para levar Pesca comigo ao teatro. Meu pequeno amigo estava em um estado de grande animação, com uma

vistosa flor em sua botoeira, e sob o seu braço o maior binóculo de teatro que eu já havia visto.

— Você está pronto? — eu perguntei.

— Claro-mas-é-claro — disse Pesca.

Nós nos dirigimos para o teatro.

V

AS ÚLTIMAS notas da introdução da ópera estavam sendo tocadas, e as cadeiras na plateia estavam todas lotadas, quando Pesca e eu chegamos ao teatro.

Havia muitos lugares, entretanto, na coxia que corria ao longo da plateia, exatamente a posição mais adequada para atender aos propósitos pelos quais eu havia ido à representação. Em primeiro lugar, fui à mureta que nos separava das frisas, e procurei o Conde naquela parte do teatro. Ele não estava lá. Voltando pela coxia, do lado esquerdo do palco, e olhando ao redor com atenção, eu o descobri na plateia. Ele ocupava um lugar excelente, umas doze ou quatorze cadeiras a partir da ponta de um camarote; a três filas das frisas. Eu me posicionei exatamente na mesma direção que ele; Pesca ao meu lado. O Professor não sabia com qual propósito eu o levava ao teatro, e ficou muito espantado por nós não nos aproximarmos mais do palco.

A cortina se ergueu, e a ópera começou.

Durante todo o primeiro ato, permanecemos em nosso posto; o Conde, entretido pela orquestra e pelo palco, não lançando nem ao menos um olhar casual em nossa direção. Nenhuma nota da deliciosa música de Donizetti passou despercebida por ele. Lá ele se sentava, bem acima de seus vizinhos, sorrindo e acenando com sua grande cabeça com ar de apreciação, de tempos em tempos. Quando as pessoas perto dele aplaudiam no fim de uma ária (como uma audiência inglesa em tais circunstâncias sempre *vai* aplaudir), sem a menor consideração para com o movimento da orquestra que o sucedia imediatamente, ele olhava para elas com uma expressão de censura compadecida, e erguia uma das mãos com um gesto de súplica cortês. Nas mais refinadas passagens do canto, nas mais delicadas fases da música, que passavam sem que os demais as aplaudissem, as mãos gordas dele, adornadas com luvas negras de pelica perfeitamente ajustadas, aplaudiam suavemente, como um sinal da apreciação culta de um homem entendido em música. Em tais momentos, seu untuoso murmúrio de aprovação, “Bravo! Bra-a-a-a!”, soava em meio ao silêncio, como o ronronar de um grande gato. Os vizinhos mais perto dele, de cada lado — pessoas calorosas e de faces coradas vindas do interior do país, se banhando assombradas à luz do sol das altas rodas londrinas —, vendo-o e ouvindo-o, começaram a imitá-lo. Muitos dos

aplausos da plateia, naquela noite, se iniciaram com o suave e tranquilo bater das mãos enluvadas de negro. A voraz vaidade do homem devorava esse implícito tributo à sua supremacia local e crítica, com uma aparência do mais profundo deleite. Sorrisos surgiam continuamente no gordo rosto dele. Ele olhava ao seu redor, nas pausas na música, tranquilamente satisfeito com si mesmo e com seus semelhantes. “Sim! Sim! Esse bárbaro povo inglês está aprendendo alguma coisa COMIGO. Aqui, ali e acolá, eu — Fosco — sou uma Influência que é sentida, um Homem que se mantém supremo!” Se alguma vez um rosto falou, o rosto dele falou então — e essa era a sua linguagem.

A cortina caiu no primeiro ato; e a audiência se levantou para dar uma olhada no ambiente. Esse era o momento pelo qual eu havia esperado — a hora de tentar ver se Pesca conhecia o Conde.

Ele se levantou com os demais, e inspecionou os ocupantes dos camarotes, grandioso, com o seu binóculo. A princípio, estava de costas para nós; mas ele se voltou para o nosso lado do teatro, e olhou os camarotes acima de nós; usando seu binóculo por alguns minutos — e então o tirando, mas ainda continuando a olhar para o alto. Esse foi o momento que eu escolhi, quando o rosto dele estava bem visível, para chamar a atenção de Pesca para ele.

— Você conhece esse homem? — perguntei.

— Qual homem, meu amigo?

— O homem alto e gordo, sentado lá, com o rosto virado para nós.

— Não — disse o Professor. — O homem grande e gordo é um desconhecido para mim. Ele é famoso? Por que você o está destacando?

— Porque tenho motivos particulares para desejar saber algo a respeito dele. Ele é um compatriota seu; o nome dele é Conde Fosco. Você conhece esse nome?

— Não eu, Walter. Nem o nome nem o homem são conhecidos meus.

— Você tem certeza absoluta de que não o reconhece? Olhe de novo; olhe com atenção. Eu vou contar por que estou tão ansioso a esse respeito, quando sairmos do teatro. Calma! Deixe-me ajudar você a subir aqui, onde pode vê-lo melhor.

Ajudei o homenzinho a se empoleirar na borda do estrado sobre o qual as cadeiras da plateia estavam todas situadas. Ali, a sua baixa estatura não era empecilho para ele; ali, ele conseguia ver acima das cabeças das senhoras que estavam sentadas perto da parte externa da frisa.

Um homem magro, de cabelos claros, parado perto de nós, a quem eu não havia percebido antes — um homem com uma cicatriz na face esquerda — olhou atentamente para Pesca enquanto eu o ajudava a se levantar, e então

olhou com mais atenção, seguindo a direção do olhar de Pesca, para o Conde. Nossa conversa poderia ter chegado aos ouvidos dele, e poderia, como me pareceu, ter suscitado a sua curiosidade.

Enquanto isso, Pesca fixou os olhos com atenção no rosto largo, gordo e sorridente, voltado um pouquinho para cima, bem na direção oposta a ele.

— Não — ele disse —, nunca coloquei os meus dois olhos naquele homem grande e gordo antes, em toda a minha vida.

Enquanto ele falava, o Conde olhou para baixo, na direção dos camarotes atrás de nós na fileira da plateia.

Os olhos dos dois italianos se encontraram.

Um momento antes, eu tinha tido certeza absoluta, por causa da afirmação por ele reiterada, de que Pesca não conhecia o Conde. No momento seguinte, estava igualmente convicto de que o Conde conhecia Pesca!

Conhecia Pesca; e — ainda mais surpreendente — o *temia* também. Não havia como interpretar mal a mudança ocorrida no rosto do patife. A tonalidade acinzentada que alterou a sua tez amarelada em um átimo, a súbita rigidez de todos os seus traços, o escrutínio furtivo de seus olhos frios e cinzentos, a sua imobilidade dos pés à cabeça, contaram a sua história. Um medo mortal o havia dominado, corpo e alma — e o fato de ele ter reconhecido Pesca era a causa disso!

O homem magro, com a cicatriz na face, ainda estava perto de nós. Ele aparentemente havia tirado as suas conclusões por causa do efeito que a figura de Pesca produzira no Conde, como eu havia tirado as minhas. Ele era um homem tranquilo com o aspecto de um cavalheiro, aparentando ser estrangeiro; e o seu interesse em nossos procedimentos não se manifestava em nada que se aproximasse de modos ofensivos.

Quanto a mim, estava tão sobressaltado com a mudança no rosto do Conde, tão atônito com o rumo completamente inesperado que os fatos haviam tomado, que não sabia o que dizer ou o que fazer em seguida. Pesca me fez voltar à realidade retornando ao seu antigo posto ao meu lado, e falando em primeiro lugar:

— Como aquele homem gordo está olhando! — ele exclamou. — É para *mim*? Eu sou famoso? Como ele pode me conhecer, se eu não o conheço?

Continuei a olhar o Conde. Eu o vi se mexer pela primeira vez quando Pesca se mexeu, de modo a não perder o homenzinho de vista, na posição mais baixa em que ele então se encontrava. Eu estava curioso para ver o que aconteceria, se a atenção de Pesca, em tais circunstâncias, se afastasse dele; e, por conseguinte, perguntei ao Professor se ele reconhecia alguma de suas alunas, naquela noite, entre as senhoras nos camarotes. Pesca na mesma hora levou o grande binóculo aos olhos, e o moveu lentamente por toda a parte

superior do teatro, procurando suas alunas com o escrutínio mais consciencioso.

No momento em que ele demonstrou estar assim ocupado, o Conde se voltou, se esgueirou por entre as pessoas que ocupavam lugares no lado mais distante do ponto onde nos encontrávamos, e desapareceu no corredor central da plateia. Agarrei Pesca pelo braço e, para o seu indizível espanto, o levei às pressas para o fundo da plateia para interceptar o Conde antes que ele conseguisse chegar à porta. Para certa surpresa minha, o homem magro saiu apressado na nossa frente, evitando um momento de espera causado por algumas pessoas no nosso lado da plateia que saíam de seus lugares, com o que Pesca e eu fomos estorvados. Quando chegamos ao saguão, o Conde havia desaparecido — e o estrangeiro com a cicatriz também.

— Vamos para casa — eu disse —, vamos para os seus aposentos, Pesca. Eu preciso falar com você em particular; tenho de falar agora mesmo.

— Deus-oh-meu-Deus! — exclamou o Professor, em um estado do mais profundo espanto. — O que está acontecendo?

Saí andando rapidamente, sem responder. As circunstâncias nas quais o Conde havia saído do teatro me sugeriam que a extraordinária ansiedade dele para escapar de Pesca pudesse levá-lo a atitudes ainda mais extremas. Ele poderia *me* escapar, também, partindo de Londres. Eu me inquietava com o futuro, se eu lhe permitisse um dia de liberdade para agir conforme ele desejasse. E eu me inquietava com aquele estrangeiro desconhecido que havia tomado a dianteira e que, conforme eu suspeitava, estivesse intencionalmente seguindo o Conde.

Com essa dupla desconfiança em minha mente, não demorei muito tempo para fazer Pesca entender o que eu desejava. Assim que nós dois estávamos a sós nos seus aposentos, aumentei a confusão e o espanto dele cem vezes dizendo-lhe qual era o meu propósito, tão clara e honestamente quanto eu o reconheci nestas páginas.

— Meu amigo, o que eu posso fazer? — exclamou o Professor, lamentoso, me fazendo um apelo com as duas mãos. — Dos-infernos-diabos-infernos! Como posso ajudar você, Walter, se eu não conheço o homem?

— *Ele* conhece *você*... Ele tem medo de *você*... Ele saiu do teatro para escapar de *você*. Pesca! Tem de haver uma razão para isso. Relembre a sua própria vida, antes de *você* vir para a Inglaterra. *Você* partiu da Itália, *você* mesmo me disse, por razões políticas. *Você* nunca mencionou essas razões para mim; e não pergunto sobre elas, agora. Só peço a *você* para consultar as suas próprias recordações, e dizer se elas sugerem alguma causa passada para o terror que *você* produziu naquele homem.

Para minha imensa surpresa, essas palavras, inofensivas como elas *me*

pareciam, surtiram o mesmo efeito surpreendente em Pesca que a visão de Pesca havia produzido no Conde. O rosto rosado do meu pequeno amigo empalideceu em um instante; e ele se afastou de mim, lentamente, tremendo da cabeça aos pés.

— Walter! — ele disse. — Você não tem ideia do que pede.

Ele falou em um sussurro — ele me olhou como se eu tivesse repentinamente lhe revelado algum perigo oculto para nós dois. Em menos de um minuto, ele estava tão diferente daquele homenzinho tranquilo e singular de todo a minha experiência anterior que, se eu o tivesse visto na rua, alterado como eu o via então, com toda a certeza não o teria reconhecido.

— Perdoe-me, se eu, sem tencionar, magoei e assustei você — respondi. — Lembre-se da cruel injúria que minha esposa sofreu nas mãos do Conde Fosco. Lembre-se de que essa injúria pode nunca ser remida, a não ser que eu tenha em minhas mãos os meios para forçar o Conde a fazer justiça à minha esposa. Eu falo em nome dos interesses *dela*, Pesca... E peço de novo que me perdoe; não posso dizer mais nada.

Eu me levantei para ir. Ele me deteve antes de eu chegar à porta.

— Espere — ele disse. — Você me abalou dos pés à cabeça. Você não sabe como eu parti de meu país, e por que parti de meu país. Deixe que eu me recomponha; deixe-me pensar, se eu puder.

Eu voltei à minha cadeira. Ele andou de um lado para outro do aposento, falando consigo mesmo, de modo incoerente, em sua língua. Depois de várias voltas de um lado para o outro, ele de repente se aproximou de mim, e colocou as mãos pequenas com uma estranha ternura e solenidade no meu peito.

— Por tudo que é mais sagrado, Walter — ele disse —, não há outro modo de pôr as mãos nesse homem a não ser essa chance casual por *meu* intermédio?

— Não há outro modo — respondi.

Ele se afastou de mim de novo; abriu a porta do aposento e olhou, cauteloso, para o corredor; fechou-a de novo, e voltou.

— Você adquiriu seus direitos sobre mim, Walter — ele disse —, no dia em que me salvou a vida. Ela era sua a partir daquele momento, quando você quisesse reclamá-la. Reclame-a, agora. Sim! Eu estou falando sério. O que vou dizer a seguir, tão certo como o bom Deus está acima de nós, vai colocar a minha vida em suas mãos.

A trêmula ansiedade com que ele pronunciou esse extraordinário aviso me fez ter a convicção de que ele dizia a verdade.

— Preste atenção! — ele prosseguiu, agitando as mãos para mim na

veemência de sua agitação. — Não consigo estabelecer, em minha mente, nenhum elo entre aquele homem, Fosco, e o tempo passado que eu recordo por sua causa. Se você descobrir esse elo, mantenha-o com você... não me diga nada... De joelhos, suplico e peço, que eu fique na ignorância, que eu seja inocente, que eu fique cego para todo o futuro, como eu estou agora!

Ele disse mais algumas palavras, hesitante e incoerente, e então parou de novo.

Eu vi que o esforço de se expressar em inglês, em uma ocasião séria demais para permitir que ele usasse as singulares expressões e frases de seu vocabulário cotidiano, estava dolorosamente aumentando a dificuldade que ele havia sentido desde o início ao falar comigo. Tendo aprendido a ler e a entender a sua língua nativa (embora não a falar), nos primeiros dias de nossa amizade, eu então sugeri que ele se manifestasse em italiano, enquanto eu usaria o inglês para fazer quaisquer perguntas que pudessem ser necessárias para me esclarecer. Ele aceitou a proposta. Em sua língua melíflua, falada com uma agitação veemente que se traía no perpétuo contorcer de seus traços fisionômicos, na veemência e na brusquidão de seu gesticular estrangeiro, mas nunca no elevar de sua voz — eu então ouvi as palavras que me prepararam para a derradeira batalha a ser contada nesta história.¹

— Você não sabe nada sobre o meu motivo para partir da Itália — ele começou —, a não ser que foi por razões políticas. Se eu tivesse sido trazido a este país pela perseguição de meu governo, não teria mantido essas razões em segredo de você ou qualquer outra pessoa. Eu as ocultei porque nenhuma autoridade do governo pronunciou a sentença do meu exílio. Você já ouviu falar, Walter, das Sociedades políticas ocultas em todas as grandes cidades no continente europeu? A uma dessas Sociedades eu pertencia na Itália; e ainda pertencço, na Inglaterra. Quando eu vim para este país, vim sob a orientação de meu Chefe. Eu era muito fervoroso, em meus tempos de moço; corri o risco de me comprometer e de comprometer outras pessoas. Por esses motivos, recebi ordens de imigrar para a Inglaterra, e esperar. Eu imigrei; eu esperei; ainda espero. Amanhã, posso ser mandado embora; daqui a dez anos, posso ser mandado embora. É tudo a mesma coisa, para mim; estou aqui, eu me sustento dando aulas, e espero. Eu não quebro nenhum juramento (você logo vai ouvir por quê) ao tornar a minha confiança completa contando para você o nome da Sociedade à qual pertencço. Tudo que faço é colocar a minha vida em suas mãos. Se alguma vez eles souberem o que estou dizendo para você agora, tão certo quanto nós dois estarmos sentados aqui, eu sou um homem morto.

Ele sussurrou as palavras seguintes em meus ouvidos. Eu mantenho o segredo que ele me comunicou. A Sociedade à qual ele pertencia será

suficientemente identificada, para o propósito destas páginas, se eu a chamar de “A Irmandade”, nas poucas ocasiões em que qualquer referência ao assunto seja necessária nestas páginas.

— O objetivo da Irmandade — Pesca prosseguiu — é, resumidamente, o objetivo de outras sociedades políticas do mesmo tipo: a destruição da tirania e a afirmação dos direitos das pessoas. Os princípios da Irmandade são dois. Enquanto a vida de um homem for útil, ou mesmo somente inofensiva, ele tem o direito de desfrutar dela. Mas, se a vida dele causa danos ao bem-estar de seus semelhantes, a partir desse momento ele perde o direito, e não apenas não é um crime, mas é um verdadeiro mérito privá-lo desse direito. Não me cabe dizer em quais pavorosas circunstâncias de opressão e sofrimento essa Sociedade ascendeu. Não cabe a vocês dizer... vocês, ingleses, que conquistaram a sua liberdade há tanto tempo, que convenientemente esqueceram o sangue que derramaram, e a que extremos chegaram durante essa conquista... não cabe a *vocês* dizer até que ponto o pior de todos os desesperos pode, ou não pode, levar os homens enlouquecidos de uma nação escravizada. O ferro que penetrou em nossas almas penetrou fundo demais para que *vocês* o encontrem. Deixem o refugiado em paz! Riam dele, desconfiem dele, arregalem os seus olhos, espantados, para aquela alma secreta que refulge dentro dele, às vezes sob a respeitabilidade e tranquilidade quotidiana de um homem como eu; às vezes sob a pobreza inclemente e a miséria aviltante de homens menos sortudos, menos maleáveis, menos pacientes do que eu sou; mas, não nos julguem! No tempo do seu primeiro rei Carlos, vocês poderiam nos ter feito justiça; a longa bonança de sua própria liberdade tornou vocês incapazes de nos fazer justiça agora.

Todos os mais profundos sentimentos de sua natureza pareciam abrir caminho para a superfície com essas palavras; todo o seu coração se abriu para mim, pela primeira vez em nossas vidas — mas, ainda assim, a voz dele nunca se elevou; ainda assim, o medo dele da terrível revelação que me estava fazendo nunca o abandonou.

— Até então — ele voltou a falar —, você acha que a Sociedade é igual a outras Sociedades. Seu objetivo (em sua opinião inglesa) é anarquia e revolução. Ela tira a vida de um mau Rei ou de um mau Ministro, como se um e outro fossem perigosos animais selvagens que devessem levar um tiro na primeira oportunidade. Eu deixo que você assim pense. Porém, as leis da Irmandade não são as leis de nenhuma outra sociedade política na face da terra. Os membros não conhecem uns aos outros. Há um Presidente na Itália; há Presidentes no estrangeiro. Cada um deles tem o seu Secretário. Os Presidentes e os Secretários conhecem os membros; mas os membros, entre si, são todos desconhecidos, até que seus Chefes julguem conveniente, de acordo

com a necessidade política da época, ou de acordo com a necessidade particular da sociedade, fazer com que eles se conheçam. Com uma garantia como essa, não há um juramento entre nós na admissão. Somos identificados com a Irmandade por meio de uma marca secreta, que todos nós trazemos, e que dura toda a nossa vida. Recebemos ordens de seguir com a nossa vida corriqueira, e de comparecer perante o Presidente, ou o Secretário, quatro vezes por ano, caso os nossos serviços sejam requisitados. Nós somos alertados, se traírmos a Irmandade, ou se a prejudicarmos servindo a outros interesses, nós morremos segundo os princípios da Irmandade; morremos pela mão de um desconhecido que pode ser mandado do outro lado do mundo para dar o golpe... ou pela mão de nosso melhor amigo, que pode ter sido um membro desconhecido para nós durante todos os anos de nossa amizade. Às vezes, a morte é postergada; às vezes, ela acontece logo depois da traição. Nossa primeira função é saber como esperar; nossa segunda função é saber como obedecer quando a palavra for dita. Alguns de nós podemos esperar toda a vida, e não ser requisitados. Alguns de nós podemos ser chamados para o trabalho, ou para a preparação do trabalho, no mesmo dia de nossa admissão. Eu próprio, o pequeno, tranquilo e alegre homem que você conhece, que, por sua própria vontade, mal ergueria o lenço para atingir a mosca que voeja ao redor de seu rosto... Eu, quando era mais moço, sob uma provocação tão pavorosa que não vou comentar com você o assunto, entrei na Irmandade por um impulso, como poderia ter me matado por um impulso. Devo permanecer nela, agora; ela se apossou de mim, não importa o que eu possa pensar dela em minhas melhores circunstâncias, e em minha maturidade mais sóbria, até o dia de minha morte. Enquanto eu ainda estava na Itália, fui escolhido Secretário; e todos os membros daquela época, que foram trazidos perante o meu Presidente, foram trazidos perante *mim* também.

Eu comecei a entendê-lo; vi a qual fim sua extraordinária revelação estava então se encaminhando. Ele aguardou um momento, me observando, ansioso — observando, até evidentemente ter adivinhado o que estava se passando em minha mente, antes de prosseguir.

— Você já tirou as suas conclusões — ele disse. — Eu vejo em seu rosto. Não me diga nada; mantenha-me na ignorância do segredo de seus pensamentos. Deixe-me fazer um último sacrifício de minha pessoa, por sua causa... E então, acabar com este assunto, para nunca mais tornar a ele.

Ele me fez um gesto para que eu não lhe respondesse — se levantou — tirou o casaco — e enrolou a manga da camisa no seu braço esquerdo.

— Eu prometi que a confidência seria completa — ele sussurrou, falando perto de meu ouvido, os olhos vigiando a porta. — Não importa o que aconteça por causa disto, você não há de me censurar por ter escondido nada

que fosse necessário saber em prol de seus interesses. Eu disse que a Irmandade identifica os seus membros por uma marca que dura a vida toda. Veja o local, e a marca nele, com seus próprios olhos.

Ele ergueu o braço nu, e mostrou, bem no alto e no lado interno, uma marca profundamente queimada na pele e manchada de um vivo tom de vermelho sangue. Eu me abstenho de descrever o objeto que a marca representava. Bastará dizer que a sua forma era circular, e era tão pequena que poderia ter sido completamente coberta por uma moeda de um xelim.

— Um homem que tem esta marca neste local — disse ele, cobrindo o braço de novo — é um membro da Irmandade. Um homem que traiu a Irmandade é descoberto, mais cedo ou mais tarde, pelos Chefes que o conhecem, Presidentes ou Secretários, conforme o caso. E um homem descoberto pelo Chefe é um homem morto. *Nenhuma lei humana poderá protegê-lo*. Lembre-se do que você viu e ouviu; tire as conclusões que quiser; aja conforme bem quiser. Mas, em nome de Deus, o que quer que você faça, não me diga nada! Que eu possa ficar livre de uma responsabilidade que me horroriza só de pensar... que eu sei, em minha consciência, não ser *minha* responsabilidade, agora. Pela última vez, eu digo: pela minha honra como cavalheiro, pelo meu juramento como cristão, se o homem que você mostrou na Ópera *me* conhece, ele está tão diferente, ou tão disfarçado, que eu não o conheço. Eu ignoro os procedimentos ou os propósitos dele na Inglaterra; nunca o vi, nunca ouvi o nome dele, tanto quanto eu saiba, antes desta noite. Não digo mais nada. Deixe-me a sós um pouco, Walter; estou dominado por tudo que aconteceu; estou abalado por tudo que eu disse. Deixe-me tentar ser eu mesmo de novo, quando nos encontrarmos da próxima vez.

Ele se deixou cair em uma cadeira; e, dando-me as costas, ocultou o rosto nas mãos. Eu abri silenciosamente a porta, para não perturbá-lo, e disse as minhas palavras de despedida em voz baixa, que ele poderia ouvir, ou não, conforme quisesse.

— Eu vou conservar a lembrança do que aconteceu hoje no mais profundo de meu ser — disse. — Você nunca vai se arrepender da confiança que teve em mim. Posso vir aqui amanhã? Posso vir cedo, às nove horas da manhã?

— Sim, Walter — ele replicou, olhando-me com gentileza, e falando em inglês uma vez mais, como se a sua única ansiedade, agora, fosse a de voltar ao nosso antigo relacionamento um com o outro. — Venha para o meu parco café da manhã, antes que eu siga os meus caminhos entre os alunos para quem dou aula.

— Boa noite, Pesca.

— Boa noite, meu amigo.

Minha primeira convicção, assim que eu saí da casa, foi a de que não me havia sido deixada alternativa a não ser agir imediatamente com base na informação que recebera — garantir que veria o Conde, naquela noite, ou me arriscar a perder, se postergasse até de manhã, a derradeira chance de Laura. Eu olhei o meu relógio: eram dez horas.

Nem a sombra de uma dúvida passou pela minha mente quanto ao propósito que levava o Conde a sair do teatro. Ele escapar de nós, naquela noite, acima de qualquer dúvida, era uma preliminar apenas para a sua fuga de Londres. A marca da Irmandade estava em seu braço — eu tinha tanta certeza disso como se ele tivesse me mostrado a marca — e a traição da Irmandade pesava na consciência dele — eu havia percebido isso quando ele reconheceu Pesca.

Era fácil perceber por que o reconhecimento não havia sido mútuo. Um homem com o caráter do Conde jamais iria arriscar as terríveis consequências de se tornar espião sem pensar em sua segurança pessoal com tanto cuidado quanto ele antecipava a sua recompensa material. A face escanhada, que eu havia indicado na Ópera, poderia ter sido coberta por uma barba na época de Pesca; seu cabelo castanho-escuro poderia ser uma peruca. Os acasos do tempo poderiam tê-lo ajudado também — sua imensa corpulência poderia ter surgido em sua maturidade. Havia todos os motivos para que Pesca não o reconhecesse de novo — todos os motivos, também, para que ele tivesse reconhecido Pesca, cuja singular aparência pessoal fazia dele um homem marcado, onde quer que ele fosse.

Eu disse que tinha certeza do propósito do Conde quando ele fugiu de nós no teatro. Como poderia eu duvidar, quando vi, com os meus próprios olhos, que ele julgava, apesar da alteração em sua aparência, ter sido reconhecido por Pesca e, portanto, estar com a vida em risco? Se eu conseguisse falar com ele naquela noite, se pudesse mostrar-lhe que também sabia do perigo mortal em que ele se encontrava, que resultado poderia se seguir? Claramente, este. Um de nós deveria ser o senhor da situação — um de nós deveria, inevitavelmente, estar à mercê do outro.

Eu tinha a obrigação de pensar nas chances contra mim, antes de confrontá-las. Eu tinha a obrigação para com minha esposa de fazer tudo que estivesse ao meu alcance para diminuir o risco.

As chances contra mim não precisavam ser consideradas: todas elas se confundiam em uma. Se o Conde descobrisse, por minhas palavras, que o caminho para a segurança dele passava por minha vida, ele provavelmente seria o último homem vivo que iria se abster de me deixar desprevenido e

seguir por esse caminho, quando me tivesse sozinho ao seu alcance. Os únicos meios de defesa contra ele, com os quais eu poderia contar para diminuir o risco, se apresentaram, depois de uma reflexão cuidadosa, com muita clareza. Antes de eu fazer qualquer revelação pessoal de minha descoberta na presença dele, deveria colocar a própria descoberta onde ela estivesse pronta para uso imediato contra ele, e a salvo de quaisquer tentativas de supressão de sua parte. Se eu colocasse uma bomba sob os pés dele antes de eu me aproximar dele, e se eu deixasse instruções com uma terceira pessoa para explodi-la, ao expirar certo tempo, a não ser que instruções em contrário escritas pelas minhas mãos ou ditas pessoalmente fossem previamente recebidas — neste caso, a segurança do Conde estaria totalmente dependente da minha, e eu poderia ter a vantagem com segurança, até mesmo na própria casa dele.

Essa ideia me ocorreu quando eu estava perto dos novos aposentos que nós havíamos alugado ao voltar do litoral. Entrei, sem perturbar ninguém, com a minha chave. Havia uma vela no saguão, e subi silenciosamente com ela para meu local de trabalho, para fazer os meus preparativos e me comprometer com uma conversa com o Conde, antes que Laura ou Marian tivessem a menor suspeita do que eu tencionava fazer.

Uma carta endereçada a Pesca representava o meio mais seguro de me precaver que eu pudesse adotar. Escrevi o seguinte:

“O homem que eu mostrei para você na Ópera é um membro da Irmandade, e ele traiu o seu juramento. Coloque essas duas afirmações à prova agora mesmo. Você sabe o nome pelo qual ele é conhecido na Inglaterra. O endereço dele é número 5, Forest-road, St. John’s Wood. Pelo afeto que você outrora sentiu por mim, use o poder que tem em mãos, sem misericórdia e sem delongas, contra esse homem. Eu arrisquei tudo e perdi tudo — e o pior de meu fracasso foi pago com a minha vida.”

Eu assinei e datei essas linhas, coloquei-as em um envelope, e o selei. Do lado de fora, coloquei esta instrução: “Mantenha o lacre sem abrir, até as nove horas da manhã de amanhã. Se você não tiver notícias minhas, ou não me vir, antes dessa hora, quebre o selo quando o relógio soar, e leia o conteúdo.” Acrescentei minhas iniciais, e protegi tudo colocando a carta em um segundo envelope selado, endereçado a Pesca em seus aposentos.

Nada mais havia a ser feito depois disso além de encontrar o modo de enviar a minha carta ao seu destino na mesma hora. Eu teria então feito tudo que estava ao meu alcance. Se qualquer coisa acontecesse comigo na casa do Conde, eu havia então tomado providências para que ele pagasse com a sua vida.

Que o meio de evitar a fuga dele em quaisquer circunstâncias estava ao alcance de Pesca, se ele resolvesse agir, eu não duvidei nem por um instante.

A extraordinária ansiedade que ele havia mostrado para não saber a identidade do Conde — ou, em outras palavras, para ser deixado com bastante incerteza sobre os fatos para justificá-lo perante sua consciência por permanecer passivo — traía claramente que os meios de exercer a terrível justiça da Irmandade estavam ao alcance de suas mãos, embora, sendo naturalmente um homem compassivo, ele se abstivera de dizer isso com todas as palavras em minha presença. A precisão mortal com que a vingança de sociedades políticas estrangeiras pode perseguir um traidor da causa, não importa onde ele se escondesse, tinha sido com muita frequência exemplificada, até mesmo em minha experiência superficial, para deixar qualquer dúvida. Pensando no assunto apenas como um leitor de jornais, casos ocorriam à minha memória, tanto em Londres quanto em Paris, de estrangeiros encontrados apunhalados nas ruas, cujos assassinos nunca puderam ser encontrados — de corpos e de partes de corpos, jogados no Tamisa e no Sena, por mãos que nunca puderam ser descobertas — de mortes por violência secreta que somente poderiam ser explicadas de um modo. Não escondi nada relacionado a mim nestas páginas — e não escondo aqui — que eu acreditava ter assinado a sentença de morte do Conde, se a emergência fatal que autorizava Pesca a abrir o meu envelope acontecesse.

Saí de meu local de trabalho para descer ao piso térreo da casa e pedir ao senhorio que encontrasse um mensageiro para mim. Ele casualmente estava subindo as escadas naquela hora, e nos encontramos no patamar. O filho dele, um rapaz esperto, foi o mensageiro que ele me propôs, ao ouvir o que eu desejava. Nós pedimos para o rapaz subir, e lhe dei as instruções. Ele deveria levar a carta em um cabriolé, colocá-la nas mãos do próprio Professor Pesca, e me trazer uma resposta do cavaleiro; voltando no cabriolé, e o mantendo à porta para o meu uso. Eram então quase dez e meia. Eu calculei que o rapaz poderia estar de volta em vinte minutos; e que eu poderia ir até St. John's Wood, quando ele voltasse, em mais vinte minutos.

Depois de o rapaz ter partido em sua missão, voltei aos meus aposentos por alguns minutos, para organizar alguns papéis, de modo que eles pudessem ser encontrados, caso acontecesse o pior. A chave do antiquado móvel no qual os papéis eram conservados eu guardei em um envelope lacrado e deixei em minha mesa, com o nome de Marian escrito no lado externo do pequeno pacote. Tendo feito isso, desci para a sala de visitas, onde eu achava que encontraria Laura e Marian esperando pelo meu retorno da Ópera. Senti minha mão tremer pela primeira vez quando a coloquei na fechadura da porta.

Apenas Marian estava na sala. Ela estava lendo; e olhou o seu relógio, surpresa, quando eu entrei.

— Como você voltou cedo! — ela disse. — Vocês devem ter saído antes

de a Ópera terminar.

— Sim — repliquei —, nem Pesca nem eu esperamos pelo fim. Onde está Laura?

— Ela estava com uma de suas horríveis dores de cabeça esta noite, e eu a aconselhei a ir dormir, quando terminamos de tomar o chá.

Eu saí da sala de novo, com o pretexto de ir ver se Laura estava dormindo. Os olhos sagazes de Marian estavam começando a olhar, inquisitivos, para o meu rosto; o instinto sagaz de Marian estava começando a descobrir que eu tinha algo incomodando a minha mente.

Quando entrei no quarto de dormir, e me aproximei silenciosamente da cama à bruxuleante luz da lamparina, minha esposa estava adormecida.

Nós estávamos casados fazia menos de um mês. Se o meu coração estava oprimido, se a minha resolução por um momento fraquejou de novo, quando olhei para o rosto dela, em seu sono virado para o *meu* travesseiro, quando vi a mão dela descansando sobre as cobertas, como se inconscientemente esperando pela minha; com certeza haveria alguma justificativa para mim? Eu só me concedi uns poucos minutos para me ajoelhar ao lado da cama e olhar Laura atentamente — tão perto que a respiração dela bafejava o meu rosto. Apenas toquei a mão e a face dela com os meus lábios, como despedida. Ela se mexeu em seu sono, e murmurou o meu nome — mas sem acordar. Eu me detive por um instante à porta para olhá-la de novo. “Deus te abençoe e te proteja, minha querida!”, eu sussurrei — e saí de perto dela.

Marian estava no patamar da escada à minha espera. Em suas mãos havia um pedaço de papel dobrado.

— O filho do senhorio acabou de trazer isto para você — ela disse. — Ele está com um cabriolé à porta... disse que você deu ordens para ele o conservar à sua disposição.

— Exatamente, Marian. Eu preciso do cabriolé; vou sair de novo.

Eu desci as escadas enquanto falava, e entrei na sala de visitas para ler o pedaço de papel à luz que estava sobre a mesa. Ele continha estas duas frases, na caligrafia de Pesca:

“Sua carta foi recebida. Se eu não vir você antes da hora que você mencionou, vou romper o lacre quando o relógio soar.”

Coloquei o papel em meu livro de apontamentos e me dirigi à porta. Marian me encontrou na soleira, e me empurrou de volta para a sala, onde a luz do lampião incidiu em cheio em meu rosto. Ela segurou as minhas mãos, e os seus olhos se fixaram, inquisidores, nos meus.

— Entendo! — ela disse, em um sussurro ansioso. — Você está tentando a última chance esta noite.

— Sim... A última chance, e a melhor — eu sussurrei em resposta.

— Não sozinho! Oh, Walter, pelo amor de Deus, não sozinho! Deixe que eu vá com você. Não me recuse por eu ser apenas uma mulher. Eu tenho de ir! Eu vou! Eu fico esperando do lado de fora, no cabriolé!

Foi a minha vez de segurá-la. Ela tentou se soltar e chegar à porta primeiro.

— Se você quer me ajudar — eu disse — fique aqui, e durma no quarto de minha esposa esta noite. Só me deixe ir com a mente tranquila em relação a Laura, e eu respondo por tudo mais. Ora, Marian, me dê um beijo, e mostre que você tem a coragem de esperar até que eu volte.

Não ousei dar-lhe tempo para dizer uma palavra a mais. Ela tentou me segurar de novo. Eu soltei as mãos dela — e estava fora da sala em um instante. Lá embaixo, o rapaz me ouviu nas escadas, e abriu a porta do saguão. Entrei no cabriolé de um salto, antes que o cocheiro conseguisse descer.

— Forest-road, St. John's Wood — eu disse para ele através da janela frontal. — Pago em dobro, se o senhor chegar lá em quinze minutos.

— Eu chego, senhor.

Eu olhei o meu relógio. Onze horas — não havia um minuto a perder.

O movimento rápido do cabriolé, a sensação de que cada instante estava então me aproximando mais do Conde, a convicção de que eu havia, finalmente, embarcado, sem quaisquer empecilhos, em minha arriscada empreitada, me causou tanta excitação que gritei para o homem ir mais e mais rápido. Quando nós saímos das ruas e atravessamos St John's Wood-road, a minha impaciência me dominava tão completamente que fiquei em pé no cabriolé e coloquei a cabeça para fora da janela, para ver o fim do itinerário antes de nós o alcançarmos. Exatamente quando um relógio à distância soou um quarto depois das onze, nós entramos na Forest-road. Eu detive o cocheiro um pouco antes da casa do Conde — paguei, e o mandei embora — e me encaminhei para a porta.

Quando me aproximei do portão do jardim, vi outra pessoa andando na direção dele também, na direção oposta à minha. Nós nos encontramos sob a luz do lampião na rua, e olhamos um para o outro. Eu na mesma hora reconheci o estrangeiro de cabelos claros, com a cicatriz na face; e achei que ele havia *me* reconhecido. Ele nada disse; e, em vez de se deter na casa, como eu fiz, lentamente continuou a andar. Estaria ele na Forest-road por acaso? Ou ele havia seguido o Conde até sua casa, vindo da Ópera?

Eu não me detive nesses questionamentos. Depois de esperar um pouquinho, até que o estrangeiro tivesse lentamente sumido de vista, toquei o sino do portão. Eram então onze e vinte — tarde o suficiente para tornar fácil para o Conde se livrar de mim com a desculpa de estar dormindo.

O único modo de evitar essa contingência seria o de anunciar o meu nome, sem fazer quaisquer perguntas preliminares, e deixar que ele soubesse, ao mesmo tempo, que eu tinha um motivo sério para querer vê-lo naquela hora tão tardia. Por isso, enquanto eu estava esperando, peguei meu cartão de visitas e escrevi embaixo do meu nome, “Assunto muito importante”. A empregada atendeu a porta, enquanto eu escrevia a última palavra, a lápis, e me perguntou, desconfiada, o que eu “desejava”.

— Faça a gentileza de levar isto para o seu patrão — respondi, entregando-lhe o cartão.

Eu vi, pelos modos hesitantes da moça, que se tivesse pedido para ver o Conde em primeiro lugar, ela teria apenas seguido as suas instruções dizendo-me que ele não estava em casa. Ela ficou abalada com a confiança com que eu lhe entreguei o cartão. Depois de me olhar fixamente, muito perturbada, ela entrou na casa com a minha mensagem, fechando a porta e me deixando à espera no jardim.

Em mais ou menos um minuto, ela reapareceu. “Os cumprimentos do patrão, e eu faria a gentileza de dizer quais eram os meus negócios?”

— Retribua os meus cumprimentos — respondi —, e diga que os negócios não podem ser mencionados a ninguém a não ser o seu patrão. — Ela se afastou, de novo; de novo retornou, e, dessa vez, disse-me para entrar.

Eu a segui na mesma hora. Em mais alguns instantes, eu estava dentro da casa do Conde.

VII

NÃO havia luz no saguão; mas, à fraca luz da vela da cozinha que a moça havia trazido para o andar de cima, eu vi uma senhora idosa sair silenciosamente de um aposento na parte de trás da casa, no piso térreo. Ela me lançou um olhar viperino quando entrei no saguão, mas nada disse, e subiu lentamente as escadas sem responder à minha mesura. Minha familiaridade com o diário de Marian me garantiu que a senhora idosa era Madame Fosco.

A empregada me levou ao aposento que a Condessa havia acabado de deixar. Entrei nele, e me vi cara a cara com o Conde.

Ele ainda estava com os seus trajes de noite, com exceção do casaco, que ele havia jogado em uma cadeira. As mangas da camisa estavam enroladas acima dos pulsos — mas não além. Uma bolsa de viagem estava a um lado dele, e uma caixa, do outro. Livros, papéis e peças de roupa estavam espalhados pelo aposento. Em uma mesa, de um lado da porta, havia uma gaiola, tão conhecida por mim por descrições, que abrigava os seus camundonginhos brancos. Os canários e a cacatua provavelmente estavam

em outro aposento. O Conde estava sentado na frente da caixa, colocando coisas nela, quando entrei, e se levantou com alguns papéis na mão para me receber. O rosto dele ainda traía sinais claros do choque que o havia dominado na Ópera. Suas bochechas gordas pendiam, flácidas; seus olhos cinzentos e frios estavam furtivamente vigilantes; a voz, o olhar e os modos dele eram igualmente desconfiados, quando ele se adiantou para me encontrar, e me pediu, com uma educação formal, que eu me sentasse.

— O senhor vem aqui a negócios? — ele disse. — Não consigo imaginar quais negócios possam ser.

A indisfarçada curiosidade com que ele olhou fixamente meu rosto enquanto falava convenceu-me de que eu havia passado despercebido por ele na Ópera. Ele havia visto Pesca em primeiro lugar; e, a partir desse momento, até sair do teatro, não havia visto mais nada. Meu nome necessariamente lhe sugeriria que eu não havia ido à casa dele com um objetivo que não lhe fosse hostil — mas ele parecia ignorar completamente, até então, a real natureza de minha incumbência.

— Tenho a sorte de encontrá-lo aqui esta noite — eu disse. — O senhor parece estar prestes a fazer uma viagem?

— Os seus negócios se relacionam à minha viagem?

— Até certo ponto.

— Em qual ponto? O senhor sabe para onde estou indo?

— Não. Eu só sei que o senhor está partindo de Londres.

Ele passou por mim com a velocidade do pensamento; trancou a porta da sala, e colocou a chave no bolso.

— O senhor e eu, Sr. Hartright, somos muito conhecidos um do outro, de nome — ele disse. — Por acaso lhe ocorreu, ao vir até esta casa, que eu não seria o tipo de homem com quem o senhor pudesse brincar?

— Isso realmente me ocorreu — eu repliquei. — E não vim aqui para brincar com o senhor. Estou aqui por uma questão de vida ou morte; e se essa porta que o senhor trancou estivesse aberta neste momento, nada que o senhor pudesse dizer ou fazer me levaria a passar por ela.

Eu me adiantei e me postei na frente dele, no tapete na frente da lareira. Ele colocou uma cadeira na frente da porta e sentou-se nela, com o braço esquerdo apoiado na mesa. A gaiola com os camundonginhos estava perto dele, e as criaturinhas fugiram de seu local de repouso, quando o braço pesado dele balançou a mesa, e olharam para ele através das frestas dos arames pintados com esmero.

— Por uma questão de vida ou morte? — ele repetiu com os seus botões. — Essas palavras talvez sejam mais sérias do que o senhor pensa. O que o

senhor está querendo dizer?

— O que estou dizendo.

A transpiração apareceu na sua grande testa. Sua mão esquerda deslizou pela borda da mesa. Havia uma gaveta nela, com uma fechadura, e a chave estava na fechadura. O dedo e o polegar dele seguraram a chave, mas não mexeram nela.

— Então, o senhor sabe por que estou partindo de Londres? — ele prosseguiu. — Diga-me o motivo, por favor. — Ele virou a chave, e destrancou a gaveta enquanto falava.

— Posso fazer algo melhor que isso — respondi. — Eu posso *mostrar* para o senhor o motivo, se o senhor quiser.

— Como o senhor pode mostrá-lo?

— O senhor está sem seu casaco — eu disse. — Dobre a manga da camisa do seu braço esquerdo... e o senhor o verá nele.

A mesma alteração lívida e acinzentada que eu havia visto passar pelo seu rosto no teatro passou de novo por ele. O brilho mortal em seus olhos luziu firme e diretamente nos meus. Ele nada disse. Porém, a sua mão lentamente abriu a gaveta da mesa, e deslizou em silêncio para dentro dela. O barulho de algo pesado que ele estava movendo, e que eu não podia ver, soou por um instante — e então cessou. O silêncio que se seguiu era tão intenso, que o ligeiro mordiscar dos camundonginhos em seus arames era perfeitamente audível onde eu me encontrava.

Minha vida pendia por um fio — e eu sabia disso. Naquele derradeiro momento, pensei com a mente *dele*; senti com os dedos *dele* — eu sabia tão bem, como se tivesse visto, o que ele mantinha escondido de mim na gaveta.

— Espere um pouco — eu disse. — O senhor está com a porta trancada; o senhor vê que não estou me movendo; o senhor vê que as minhas mãos estão vazias. Eu tenho algo mais a dizer.

— O senhor já disse o suficiente — ele replicou, com uma súbita compostura, tão pouco natural e tão sinistra, que ela atíçou os meus nervos como nenhum rompante de violência poderia tê-los atíçado. — Quero uns momentos para pensar, por favor. O senhor imagina em que eu estou pensando?

— Talvez sim.

— Eu estou pensando — ele disse — se deveria aumentar a desordem nesta sala, espalhando os seus miolos na lareira.

Se eu tivesse me movido naquele instante, vi no rosto dele que ele teria feito isso.

— Eu aconselho o senhor a ler um bilhete de duas linhas que trouxe

comigo — repliquei —, antes de finalmente decidir essa questão.

A proposta pareceu excitar a sua curiosidade. Ele assentiu com um gesto. Eu peguei em meu livro de apontamentos o bilhete em que Pesca confirmava ter recebido a minha carta; o entreguei para ele a certa distância; e retomei a minha posição na frente da lareira.

Ele leu as linhas em voz alta: “Sua carta foi recebida. Se eu não vir você antes da hora que você mencionou, vou romper o lacre quando o relógio soar.”

Outro homem, em sua posição, teria precisado de alguma explicação para essas palavras — o Conde não sentiu tal necessidade. Uma leitura do bilhete mostrou-lhe a precaução que eu havia tomado, tão claramente como se ele tivesse estado presente no momento em que a adotei. A expressão em seu rosto se alterou na hora; e a mão dele se afastou da gaveta, vazia.

— Eu não vou trancar a minha gaveta, Sr. Hartright — disse ele —, e não estou dizendo que não posso espalhar os seus miolos na lareira, ainda. Mas, sou um homem justo, até mesmo para com o meu inimigo; e vou reconhecer, de antemão, que esses são miolos mais sagazes do que eu os havia considerado. Vá direto ao ponto, senhor! O senhor deseja alguma coisa de mim?

— Desejo... e quero obtê-la.

— Em quais condições?

— Sem condições.

A mão dele entrou na gaveta de novo.

— Bah! Nós estamos andando em círculos — ele disse —, e esses seus miolos sagazes estão em perigo de novo. Seu tom de voz é deploravelmente insolente, senhor... Modere-o agora mesmo! O risco de dar-lhe um tiro no local onde o senhor se encontra é menor, para mim, do que o risco de permitir que o senhor saia desta casa, a não ser em condições que eu determine e aprove. O senhor não tem de lidar com o meu pranteado amigo, agora; o senhor está frente a frente com FOSCO! Se a vida de vinte Senhores Hartright fossem as pedras que conduzissem à minha segurança, sobre todas essas pedras eu caminharia, apoiado por minha sublime indiferença, equilibrado por minha calma impenetrável. Respeite-me, se o senhor ama a sua própria vida! Eu exijo que o senhor responda três perguntas, antes de abrir a boca de novo. Ouça-as... Elas são necessárias para esta conversa. Responda-as... Elas são necessárias para MIM. — Ele ergueu um dos dedos da mão direita. — Primeira pergunta! — ele disse. — O senhor vem aqui na posse de informações, que podem ser verdadeiras, ou podem ser falsas... Onde o senhor as obteve?

— Eu me recuso a dizer.

— Não importa; eu irei descobrir. Se essa informação for verdadeira... Veja bem que eu digo, com toda a força de minha resolução, *se...* o senhor a está oferecendo aqui, por traição de sua parte, ou por traição de algum outro homem. Guardo essa circunstância para uso futuro, em minha memória, que nada esquece, e continuo. — Ele ergueu outro dedo. — Segunda pergunta! Essas linhas que o senhor me pediu para ler, elas não têm assinatura. Quem as escreveu?

— Um homem em quem *eu* tenho todas as razões para confiar; e a quem o *senhor* tem todas as razões para temer.

Minha resposta surtiu o efeito esperado. A mão dele tremeu de modo audível na gaveta.

— Quanto tempo o senhor me dá — ele perguntou, fazendo a terceira pergunta em uma voz mais baixa — antes de o relógio soar e o lacre ser rompido?

— Tempo suficiente para que o senhor concorde com os meus termos — eu respondi.

— Dê-me uma resposta clara, Sr. Hartright. A que horas o relógio irá soar?

— Nove horas da manhã de amanhã.

— Nove horas da manhã de amanhã? Sim, sim... sua armadilha está preparada para mim, antes que eu consiga regularizar o meu passaporte, e parta de Londres. Não é mais cedo, eu suponho? Nós vamos discutir isso em seguida... Posso mantê-lo como refém aqui, e negociar com o senhor para mandar essa carta antes de eu permitir que o senhor vá embora. Entrementes, faça a gentileza, em seguida, de mencionar as suas condições.

— O senhor irá ouvi-las. Elas são simples, e rapidamente apresentadas. O senhor sabe os interesses de quem eu represento, ao vir aqui?

Ele sorriu com a mais suprema compostura, e balançou a mão direita, despreocupado.

— Eu me permito dar um palpite — ele disse, zombeteiro. — Os interesses de uma senhora, naturalmente!

— Os interesses de minha Esposa.

Ele me olhou com a primeira expressão honesta que havia passado por seu rosto em minha presença — uma expressão de puro espanto. Consegui ver que havia caído na sua estimativa, como homem perigoso, a partir desse instante. Ele fechou a gaveta na mesma hora, cruzou os braços sobre o peito, e me ouviu com um sorriso de atenção satírica.

— O senhor conhece muito bem — eu prossegui — o rumo que minhas investigações tomaram nos últimos meses, para saber que qualquer tentativa

de negar os simples fatos será bastante inútil em minha presença. O senhor é culpado de uma vil conspiração. E ganhar uma fortuna de dez mil libras foi o seu motivo.

Ele nada disse. Porém, o seu rosto ficou subitamente anuviado por uma profunda ansiedade.

— Conserve os seus ganhos — eu disse. (O rosto dele se iluminou de novo, na mesma hora, e os olhos se arregalaram para mim em um espanto cada vez maior.) — Eu não estou aqui para me aviltar negociando um dinheiro que passou pelas suas mãos, e que foi o preço de um crime nefando...

— Com gentileza, Sr. Hartright. Sua tagarelice moral causa um efeito excelente na Inglaterra... conserve-a para si e seus concidadãos, por favor. As dez mil libras foram um legado deixado para minha respeitável esposa pelo falecido Sr. Fairlie. Coloque a questão nestes termos, e a discutirei, se o senhor desejar. Para um homem de meus sentimentos, entretanto, o assunto é deploravelmente sórdido. Eu prefiro deixá-lo de lado. Solicito que o senhor retome a discussão dos seus termos. O que o senhor exige?

— Em primeiro lugar, exijo uma confissão completa da conspiração, escrita e assinada em minha presença, pelo senhor.

Ele ergueu o dedo de novo. “Um!”, ele disse, me detendo com a atenção firme de um homem prático.

— Em segundo lugar, exijo uma prova concreta, que não dependa de sua afirmação pessoal, da data em que a minha esposa partiu de Blackwater Park, e viajou para Londres.

— Ora! Ora! O senhor consegue colocar o dedo, estou vendo, no ponto fraco — ele observou, sereno. — Algo mais?

— No momento, não.

— Bom! O senhor mencionou os seus termos; agora ouça os meus. Para mim, a responsabilidade de admitir o que o senhor quis chamar de “conspiração” é menor, talvez, de modo geral, que a responsabilidade de deixar o senhor morto nesse tapete. Digamos que eu aceite a sua proposta... em minhas condições. A declaração que o senhor exige de mim será escrita; e a prova cabal será oferecida. O senhor considera uma carta escrita pelo meu pranteado falecido amigo, informando-me data e hora da chegada de sua esposa a Londres, escrita, assinada e datada por ele, de uma prova, eu suponho? Posso dá-la para o senhor. Também posso encaminhar o senhor até o homem cuja carruagem eu aluguei para ir buscar a minha visita na estação ferroviária, no dia em que ela chegou; o livro de pedidos dele pode ajudar o senhor com a sua data, mesmo que seu cocheiro, que me conduziu, prove ser inútil. Essas coisas eu posso fazer, e as farei, com condições. Eu as apresento. Primeira condição! Madame Fosco e eu partimos desta casa, quando e como

nós quisermos, sem interferência de nenhum tipo de sua parte. Segunda condição! O senhor espera aqui, na minha companhia, para ver o meu agente, que virá às sete horas da manhã para acertar os meus negócios. O senhor dará ao meu agente uma ordem escrita para o homem que tem a sua carta lacrada para abrir mão da posse dela. O senhor espera aqui até que meu agente coloque a carta fechada em minhas mãos; e então me dará meia hora para partir desta casa; após o que, o senhor recupera toda a sua liberdade de ação, e vai para onde bem entender. Terceira condição! O senhor me dará a reparação de um cavalheiro por sua intrusão em meus assuntos pessoais e pela linguagem que se permitiu usar comigo nesta conversa. O dia e o local, no exterior, a serem fixados em uma carta escrita por mim quando eu estiver a salvo no Continente; e essa carta conterà uma tira de papel com a medida exata do comprimento de minha espada. Estes são os *meus* termos. Informe-me se o senhor os aceita... Sim, ou Não.

A extraordinária mistura de decisão, sagacidade providente e bravata charlatanesca nessa fala me abalou por uns instantes — e apenas por uns instantes. O único ponto a considerar era se eu estaria ou não justificado, com a posse dos meios de estabelecer a identidade Laura, ao permitir que o patife que a havia roubado escapasse de mim impunemente. Eu sabia que o motivo de garantir o justo reconhecimento de minha esposa em seu local de nascimento, do qual ela havia sido mandada embora como impostora, e de apagar publicamente a mentira que ainda profanava o túmulo de sua mãe, era muito mais puro, em sua ausência de toda a mácula de sentimentos malévolos, que o motivo vingativo que havia se misturado ao meu propósito desde o início. E, no entanto, eu não conseguia dizer com honestidade que as minhas próprias convicções morais fossem, sozinhas, fortes o suficiente para decidir a luta em meu íntimo. Elas foram ajudadas pela minha recordação da morte de Sir Percival. Quão pavorosamente, no derradeiro momento, havia o propósito de vingança, *nessa ocasião*, sido arrancado de minhas fracas mãos! Que direito tinha eu de decidir, em minha pobre ignorância mortal em relação ao futuro, que também esse homem deveria escapar impunemente, por ter escapado de *mim*? Eu pensei nesses pontos — talvez, com a superstição inerente à minha natureza; talvez com uma sensação mais digna de mim que a superstição. Era difícil, quando eu o havia agarrado, deixá-lo partir de novo por minha vontade — porém, me forcei a fazer o sacrifício. Em palavras mais simples, eu me determinei a ser guiado pelo motivo mais elevado nobre do qual estava certo, o motivo de servir a causa de Laura e a causa da Verdade.

— Aceito as suas condições — eu disse. — Com uma ressalva de minha parte.

— E qual seria essa ressalva? — ele perguntou.

— Ela se refere à carta lacrada — respondi. — Exijo que o senhor a destruía, sem ser aberta, em minha presença, assim que ela for colocada em suas mãos.

Meu objetivo ao fazer essa exigência era simplesmente o de impedir que ele levasse embora qualquer evidência escrita do teor de minha comunicação com Pesca. O *fato* de eu ter me comunicado ele obrigatoriamente descobriria, quando eu desse o endereço ao seu agente, de manhã. Mas ele não poderia fazer uso desse endereço, com seu próprio testemunho sem provas — mesmo que ele realmente se arriscasse a tentar fazê-lo — o que não suscitaria em mim a mais ligeira apreensão em relação a Pesca.

— Aceito a sua condição — ele replicou, depois de refletir sobre a questão, sério, por um ou dois minutos. — Ela não é digna de contestação... A carta será destruída quando chegar às minhas mãos.

Enquanto falava, ele se levantou da cadeira em que estivera sentado à minha frente, até esse instante. Com um esforço, ele parecia ter livrado sua mente de toda a pressão exercida sobre ela durante a conversa entre nós até então.

— Ufa! — ele exclamou, esticando os braços com volúpia. — A contenda foi feroz enquanto durou. Sente-se, Sr. Hartright. Nós nos confrontamos como inimigos mortais de agora em diante... Que nós, como cavalheiros galantes, troquemos cortesias entrementes. Permita-me tomar a liberdade de chamar a minha esposa.

Ele destrancou a porta e a abriu. “Eleanor!”, ele chamou, com sua voz profunda. A senhora com o rosto viperino entrou.

— Madame Fosco... o Sr. Hartright — disse o Conde, nos apresentando com uma dignidade tranquila. — Meu anjo — ele prosseguiu, se dirigindo à esposa —, os seus esforços de fazer as malas lhe permitem tempo para fazer um bom café forte para mim? Devo escrever algo para o Sr. Hartright... e preciso da posse total de minha inteligência para fazer justiça a mim mesmo.

Madame Fosco fez duas medidas com a cabeça — uma, séria, para mim; uma, submissa, para o marido — e saiu silenciosamente da sala.

O Conde se dirigiu a uma escrivaninha perto da janela, abriu a sua caixa de material de escrita e pegou dela várias folhas de papel e um monte de bicos de pena. Ele espalhou as penas pela mesa, de modo que elas pudessem ficar à disposição em todos os lados, para serem utilizadas quando necessárias, e então cortou o papel em uma pilha de tiras estreitas, do tipo usado por escritores profissionais para a imprensa.

— Eu vou fazer deste um documento notável — ele disse, olhando-me por sobre o ombro. — Hábitos de composição literária são extremamente familiares para mim. Um dos mais raros talentos intelectuais que um homem

pode possuir é a grande capacidade de organizar as suas ideias. Imenso privilégio! Eu o possuo. E o senhor?

Ele andou de um lado para outro da sala, até o café aparecer, cantarolando para si mesmo e marcando os pontos em que obstáculos surgiam para a organização de suas ideias batendo na testa, de tempos em tempos, com a palma da mão. A imensa audácia com que ele se aproveitou da situação em que eu o colocara, e a transformou no pedestal em que a sua vaidade se alçava com o propósito único e acarinhado da autopromoção, dominou o meu espanto pela mera força. Por mais que eu odiasse o homem com toda a sinceridade, a prodigiosa força de sua personalidade, até em seus aspectos mais triviais, me impressionou, mesmo contra a minha vontade.

O café foi trazido por Madame Fosco. Ele beijou a mão dela, em um grato reconhecimento, e a acompanhou à porta; voltou, serviu uma xícara de café para si mesmo, e a levou para a escrivaninha.

— Posso oferecer-lhe uma xícara de café, Sr. Hartright? — ele disse, antes de se sentar.

Eu recusei.

— O quê! O senhor acha que vou envenená-lo? — ele disse, alegre. — O intelecto inglês é bom, até certo ponto — ele prosseguiu, sentando-se à escrivaninha —, mas ele tem um grave defeito... É sempre cauteloso no momento errado.

Ele mergulhou a pena na tinta, posicionou a primeira tira de papel à sua frente com uma batida da mão na escrivaninha; limpou a garganta e começou. Ele escrevia com grande rumor e rapidez, com uma caligrafia tão grande e ousada, e com espaços tão largos entre as linhas, que chegou ao fim da tira de papel em não mais de dois minutos a partir do momento em que havia começado no topo. Cada tira, à medida que ele a terminava, era numerada e jogada por cima dos seus ombros no chão, para que não o atrapalhasse. Quando a primeira pena dele se gastou, *ela* foi jogada sobre o ombro dele também; e ele agarrou uma segunda do estoque espalhado por cima da mesa. Tira após tira, às dezenas, às dúzias, às centenas, voaram por cima de seus ombros, de ambos os lados, até ele ficar rodeado de papel ao redor de sua cadeira. Uma hora se seguiu à outra — e lá estava eu sentado, observando; lá estava ele sentado, escrevendo. Ele não se detinha, a não ser para bebericar o seu café; e quando este acabou, para bater a mão na testa, de vez em quando. Soou uma hora; soaram duas, três, quatro horas — e ainda as tiras de papel voavam ao redor dele; ainda a pena incansável raspava seu caminho incessantemente do topo para o pé da folha; ainda o caos branco de papel ficava cada vez mais alto, ao redor de sua cadeira. Às quatro horas, eu ouvi um repentino arranhar da pena, indicador do floreio com que ele assinava o

seu nome. “Bravo!”, ele exclamou — levantando-se com a agilidade de um homem jovem, e olhando-me no rosto com um sorriso de imenso triunfo.

— Terminado, Sr. Hartright! — ele anunciou, com uma nova batida de seu punho no peito largo. — Terminado, para minha profunda satisfação pessoal... Para o *seu* profundo espanto, quando o senhor ler o que escrevi. O assunto está esgotado: o Homem... Fosco... não. Eu parto para a organização de minhas tiras de papel, para a revisão de minhas tiras de papel, para a leitura de minhas tiras... dirigidas, enfaticamente, para os seus ouvidos apenas. Acabaram de soar quatro horas. Bom! Arrumação, revisão, leitura, das quatro às cinco. Breve cochilo restaurador para mim, das cinco às seis. Preparativos finais, das seis às sete. Negócios do agente e carta lacrada das sete às oito. Às oito, *en route*.² Observe a organização!

Ele sentou-se de pernas cruzadas no chão, entre os seus papéis; juntou-os com um furador e um pedaço de barbante; revisou-os; escreveu todos os títulos e honrarias com que ele se distinguia, no alto da primeira página; e então leu o manuscrito para mim, com uma sonora ênfase teatral e profusa gesticulação teatral. O leitor terá uma oportunidade, antes que muito tempo se passe, de formar a sua opinião sobre o documento. Agora, basta dizer aqui que ele atendeu ao meu propósito.

Em seguida ele escreveu o endereço da pessoa cuja carruagem ele havia alugado para ir à estação, e me entregou a carta de Sir Percival. Ela fora escrita em Hampshire no dia 25 de julho, e anunciava a viagem de “Lady Glyde” para Londres no dia 26. Portanto, no exato dia (o dia 25) em que o atestado médico declarava que ela havia morrido em St John’s Wood, ela estava viva, conforme declarava Sir Percival, em Blackwater — e, no dia seguinte, ela deveria fazer uma viagem! Quando a prova daquela viagem fosse obtida com o cocheiro, a evidência estaria completa.

— Cinco e quinze — ele disse, olhando o seu relógio. — Hora do meu cochilo restaurador. Eu me pareço pessoalmente com Napoleão, o Grande (como o senhor deve ter observado, Sr. Hartright); e também me pareço com esse homem imortal em meu poder de controlar o sono conforme minha vontade. Com sua licença, por um instante. Vou chamar Madame Fosco, para evitar que o senhor se sinta enfadado.

Sabendo tão bem quanto o Conde que ele estava convocando Madame Fosco para garantir que eu não saísse da casa enquanto ele estivesse dormindo, não dei resposta, e me ocupei organizando os papéis que ele havia colocado em minhas mãos.

A senhora entrou, fria, pálida e viperina como sempre.

— Entretenha o Sr. Hartright, meu anjo — disse o Conde. Ele providenciou uma cadeira para ela, beijou-lhe a mão pela segunda vez, se

dirigiu para o sofá e, em três minutos, estava dormindo tão tranquilo e feliz como o homem mais virtuoso deste mundo.

Madame Fosco pegou um livro da mesa, sentou-se, e olhou para mim, com a maldade inflexível e vingativa de uma mulher que nunca se esquecia e nunca perdoava.

— Eu estava ouvindo a sua conversa com o meu marido — ela disse. — Se eu tivesse estado no lugar *dele*... teria deixado o senhor morto no tapete da lareira.

Com essas palavras, ela abriu o livro; e não olhou para mim, ou falou comigo, a partir desse momento até o momento em que seu marido acordou.

Ele abriu os olhos e se levantou do sofá, exatamente uma hora depois do momento em que havia ido dormir.

— Eu me sinto infinitamente revigorado — ele observou. — Eleanor, minha boa esposa, você está com tudo pronto no andar de cima? Isso é muito bom. Meus poucos preparativos aqui podem ser finalizados em dez minutos; minha roupa de viagem vestida em outros dez. O que resta, antes de o agente chegar? — Ele olhou ao redor da sala, e percebeu a gaiola com os camundonginhos. — Ah! — ele exclamou, lamentoso. — Ainda resta uma derradeira laceração de minhas simpatias. Meus inocentes bichinhos! Meus filhinhos tão amados! O que eu irei fazer com eles? Por enquanto, não temos moradia; por enquanto, viajamos sem parar... Quanto menos bagagem levarmos, melhor para nós. Minha cacatua, meus canários, e meus camundonginhos... quem irá amá-los, quando o bom Paizinho deles tiver ido embora?

Ele caminhou pela sala, em profunda reflexão. Ele não estivera nem um pouco perturbado ao escrever a sua confissão, mas estava visivelmente perplexo e angustiado por causa da questão muito mais importante de o que fazer com os seus animais. Depois de muito considerar, ele de repente sentou-se de novo à escrivaninha.

— Uma ideia! — ele exclamou. — Vou oferecer meus canários e minha cacatua a esta vasta Metrópole; meu agente irá levá-los, em meu nome, ao Jardim Zoológico de Londres. O Documento que os descreve será preparado agora mesmo.

Ele começou a escrever, repetindo as palavras à medida que elas fluíam de sua pena.

— Número Um. Cacatua de plumagem transcendente: atração, por si só, para todos os visitantes de bom gosto. Número Dois. Canários de incomparável vivacidade e inteligência: dignos do jardim do Éden, dignos também do jardim em Regent's Park. Homenagem à Zoologia Britânica. Oferecidos por Fosco.

A pena arranhou de novo, e o floreio foi acrescentado à sua assinatura.

— Conde! O senhor não incluiu os camundonginhos — disse Madame Fosco.

Ele se levantou da mesa, segurou a mão dela e a colocou sobre o coração dele.

— Toda resolução humana, Eleanor — disse ele, solene — tem os seus limites. Os MEUS limites estão declarados nesse Documento. Não posso me separar dos meus camundonginhos brancos. Tolare meus caprichos, meu anjo, e transfira-os para a gaiola de viagem deles, no andar de cima.

— Admirável ternura! — disse Madame Fosco, admirando o marido com um derradeiro olhar viperino em minha direção. Ela pegou a gaiola, cuidadosamente, e saiu da sala.

O Conde consultou o seu relógio. Apesar de sua resoluta demonstração de compostura, ele estava ficando ansioso pela chegada do agente. As velas de há muito haviam se extinguido, e a luz do sol da nova manhã jorrava pela sala. Não foi senão às sete e cinco que o sino do portão soou, e o agente apareceu. Era um estrangeiro, com uma barba escura.

— O Sr. Hartright... Monsieur Rubelle — disse o Conde apresentando-nos. Ele levou o agente (um espião estrangeiro, em cada traço de seu rosto, se alguma vez houve um espião) a um canto da sala; sussurrou algumas instruções para ele e nos deixou juntos. “Monsieur Rubelle”, assim que nós ficamos sozinhos, sugeriu, com grande cortesia, que eu o agradecesse dando-lhe as suas instruções. Escrevi duas linhas para Pesca, autorizando-o a entregar a minha carta lacrada “ao Portador”; enderecei o bilhete e o entreguei para Monsieur Rubelle.

O agente aguardou comigo até seu empregador retornar, usando roupas de viagem. O Conde examinou o endereço de minha carta antes de mandar o agente embora. “Eu bem pensava!”, ele disse, voltando-se para mim, com um olhar sombrio, e mudando de novo o seu comportamento a partir desse instante.

Ele terminou de guardar as suas coisas; e então se sentou, consultando um mapa de viagem, fazendo anotações em seu livro de apontamentos e consultando, de vez em quando, impaciente, o seu relógio. Nenhuma palavra, dirigida a mim, passou pelos seus lábios. A aproximação de sua hora de partida, e a prova que ele havia visto da comunicação estabelecida entre mim e Pesca haviam claramente reclamado toda a atenção dele para as medidas necessárias para garantir a sua fuga.

Um pouquinho antes das oito horas, Monsieur Rubelle retornou com minha carta sem abrir. O Conde olhou cuidadosamente o escrito e o lacre, acendeu uma vela e queimou a carta.

— Eu cumpro a minha promessa — ele disse —, mas este assunto, Sr. Hartright, não vai acabar aqui.

O agente havia mantido à porta o cabriolé em que retornara. Ele e a empregada então se azafamaram removendo as bagagens. Madame Fosco desceu, com um véu espesso, com a gaiola de viagem dos camundonginhos brancos na mão. Ela não falou comigo nem olhou em minha direção. O Conde acompanhou-a ao cabriolé.

— Siga-me até o corredor — ele sussurrou em meu ouvido. — Eu posso querer falar com o senhor no último minuto.

Fui até a porta, o agente ficou parado à minha frente no jardim. O Conde retornou sozinho, e me levou alguns passos para dentro do corredor.

— Lembre-se da Terceira condição! — ele sussurrou. — O senhor terá notícias minhas, Sr. Hartright; posso exigir do senhor a reparação de um cavalheiro muito antes do que o senhor pensa. — Ele segurou a minha mão, antes que eu me desse conta, e a apertou com força; então se virou para a porta, se deteve, e voltou de novo.

— Mais umas palavrinhas — ele disse, em tom confidencial. — Quando vi a Srta. Halcombe pela última vez, ela aparentava estar magra e adoentada. Sinto-me ansioso em relação a essa mulher admirável. Cuide dela, senhor! Com a mão no coração, eu imploro ao senhor, solene... Cuide da Srta. Halcombe!

Essas foram as últimas palavras que ele me disse, antes de espremer o seu corpanzil no cabriolé, e partir.

O agente e eu esperamos à porta por alguns momentos, olhando para ele. Enquanto estávamos ali juntos, parados, um segundo cabriolé surgiu de uma esquina um pouco abaixo na rua. Ele seguiu a direção previamente tomada pelo cabriolé do Conde; e, ao passar pela casa e o portão aberto do jardim, uma pessoa olhou para nós pela janela. O estrangeiro da Ópera de novo! — o estrangeiro de cabelos claros com a cicatriz na face esquerda!

— O senhor aguarda aqui comigo, por mais meia hora! — disse Monsieur Rubelle.

— Aguardo.

Nós voltamos à sala de visitas. Eu não tinha presença de espírito para conversar com o agente, ou para permitir que ele falasse comigo. Peguei os papéis que o Conde havia colocado em minhas mãos, e li a terrível história da conspiração contada pelo homem que a havia planejado e levado a cabo.

¹ É conveniente mencionar, neste ponto, que eu repito a declaração de Pesca com as cuidadosas

supressões e alterações que a perigosa natureza do assunto, e o meu próprio sentimento de dever para com o meu amigo exigem. Meus primeiros e últimos subterfúgios para com o leitor são aqueles que a cautela torna absolutamente necessários nesta parte da narrativa.

² A caminho.

³ Senhor.

*A História continuada por ISIDOR, OTTAVIO,
BALDASSARE FOSCO;
Conde do Sacro Império Romano. Cavaleiro da Grande
Cruz da Ordem da Coroa de Bronze; Grão-Mestre
Perpétuo dos Pedreiros Rosacruçianos da Mesopotâmia.
Membro (em Qualidades Honorárias) de Sociedades
Médicas, Sociedades Musicais, Sociedades Filosóficas, e
de Sociedades Beneméritas,
por toda a Europa, &c, &c, &c.*

A Narrativa do CONDE

No verão de mil oitocentos e cinquenta, cheguei à Inglaterra, encarregado de uma delicada missão política do estrangeiro. Estavam ligadas a mim de modo semi-oficial pessoas confidenciais, cujas atividades eu tinha autorização para dirigir — Monsieur e Madame Rubelle se encontravam entre elas. Algumas semanas de tempo livre estavam ao meu dispor, antes de eu iniciar as minhas funções me estabelecendo nas cercanias de Londres. A curiosidade pode se deter aqui, para pedir alguma explicação sobre essas minhas funções. Compreendo totalmente o pedido. Também lamento que a discrição diplomática me proíba de satisfazê-lo.

Eu tomei providências para passar o período preliminar de repouso, ao qual acabei de me referir, na esplêndida mansão do meu pranteado falecido amigo, Sir Percival Glyde. *Ele* chegou do Continente com a *sua* esposa. *Eu* cheguei do Continente com a *minha*. A Inglaterra é a terra da felicidade doméstica — e de que modo tão apropriado nós nela entramos sob tais circunstâncias domésticas!

O laço de amizade que unia a mim e Percival foi reforçado, nessa ocasião, por uma tocante semelhança na situação financeira, do lado dele e do meu. Ambos queríamos dinheiro. Necessidade imensa! Desejo universal! Há um ser humano civilizado que não simpatize conosco? Quão insensível esse homem deve ser! Ou quão rico!

Não entro em detalhes sórdidos, ao discutir essa parte do assunto. Eles são repugnantes para minha mente. Com uma austeridade romana, mostro minha

carteira vazia, e a de Percival, ao repugnado escrutínio público. Que nós deixemos o deplorável fato se afirmar por si só, de uma vez por todas, desse modo — e prosseguir.

Nós fomos recebidos na Mansão pela magnífica criatura que está inscrita em meu coração como “Marian” — que é conhecida, na fria atmosfera da Sociedade, como “Srta. Halcombe”.

Misericórdia divina! Com que rapidez inconcebível aprendi a adorar essa mulher. Aos sessenta anos, eu a idolatrava com o ardor vulcânico dos dezoito. Todo o ouro de minha rica natureza foi derramado, sem esperanças, aos pés dela. Minha esposa — pobre anjo! — minha esposa, que me adora, não recebia nada além dos xelins e dos *pennies*. Assim é o Mundo; assim o Homem; assim o Amor. O que somos nós (eu pergunto), além de marionetes em um palco em miniatura? Oh, Destino onipotente, puxai as cordas com gentileza! Tirai-nos com misericórdia de nosso miserável palquinho!

As linhas antecedentes, devidamente compreendidas, expressam todo um sistema filosófico. O Meu.

Eu retomo o assunto.

A situação doméstica no início de nossa permanência em Blackwater Park foi registrada com uma exatidão espantosa e com uma acuidade mental profunda, pelas mãos da própria Marian. (Concedam-me a familiaridade inebriante de mencionar essa sublime criatura por seu nome de batismo.) O conhecimento detalhado do conteúdo de seu diário — ao qual eu tive acesso por meios clandestinos, e indizivelmente precioso para mim em sua recordação — acautela a minha pena ansiosa contra tópicos que essa mulher essencialmente já tornou seus.

Os interesses — interesses, sôfregos e imensos! — com que estou envolvido têm início com a lamentável calamidade da doença de Marian.

A situação, nesse período, era decididamente séria. Grandes quantias de dinheiro, necessárias em certo momento, eram desejadas por Percival (nada digo a respeito da módica quantia igualmente necessária para mim); e a única fonte com que se poderia contar para fornecê-las era a fortuna de sua esposa, da qual nenhum tostão estava disponível até a morte dela. Ruim, até então; mas havia algo ainda pior. Meu pranteado amigo tinha problemas particulares, sobre os quais o refinamento de meu apego desinteressado a ele me proibia de fazer perguntas com muita curiosidade. Eu não sabia nada além de que uma mulher, chamada Anne Catherick, estava escondida nas vizinhanças; que ela estava se comunicando com Lady Glyde; e que a revelação de um segredo, que seria a ruína certa de Percival, poderia ser a consequência. Ele próprio me havia dito que seria um homem perdido, a não ser que sua esposa fosse silenciada, e a não ser que Anne Catherick fosse encontrada. Se ele era um

homem perdido, o que aconteceria com os nossos interesses pecuniários? Corajoso como sou por natureza, eu tremi só com a ideia!

Toda a força de minha inteligência estava então voltada para descobrir Anne Catherick. Nossos negócios financeiros, importantes como eles eram, poderiam ser postergados — mas a necessidade de encontrar a mulher não poderia. Eu apenas a conhecia por descrição, como apresentando uma extraordinária semelhança com Lady Glyde. A declaração desse fato curioso — que tinha por objetivo unicamente me auxiliar na identificação da pessoa a quem buscávamos — quando associada à informação adicional de que Anne Catherick havia fugido de um manicômio, iniciou a primeira imensa concepção em minha mente, a qual, subsequentemente, levou a resultados tão assombrosos. A concepção envolvia nada menos que a completa transformação de duas identidades separadas. Lady Glyde e Anne Catherick deveriam trocar de nome, de local, e de destino, uma com a outra — as prodigiosas consequências contempladas pela alteração sendo o ganho de trinta mil libras, e a eterna preservação do segredo de Sir Percival.

Meus instintos (que dificilmente falham) me sugeriram, ao revisar as circunstâncias, que a nossa invisível Anne iria, mais cedo ou mais tarde, voltar ao abrigo para barcos em Blackwater Park. Lá eu me postei; previamente mencionando à Sra. Michelson, a governanta, que poderia ser encontrado, se precisassem de mim, mergulhado em estudos, naquele local solitário. É minha regra nunca criar mistérios desnecessários, e nunca fazer com que as pessoas suspeitem de mim por falta de um pouquinho de sinceridade oportuna de minha parte. A Sra. Michelson acreditou em mim, do início ao fim. Essa pessoa com modos de dama (viúva de um Pastor Protestante) exsudava fé. Tocado por tal abundância de simples confiança, em uma mulher de sua idade matronal, abri os amplos reservatórios de minha natureza, e a absorvi toda.

Fui recompensado por me postar de sentinela no lago, pelo aparecimento não da própria Anne, mas da pessoa que cuidava dela. Essa pessoa também exsudava uma fé simples, que eu absorvi, como no caso já mencionado. Eu a encarrego de descrever as circunstâncias (se ela já não o fez) sob as quais me apresentou o objeto de seus cuidados maternos. Quando vi Anne Catherick pela primeira vez, ela estava dormindo. Fiquei arrebatado com a semelhança entre essa infeliz mulher e Lady Glyde. Os detalhes do grande plano, que haviam se apresentado apenas em um esboço até aquele período, me ocorreram, em toda a sua combinação extraordinária, ao ver o rosto adormecido. Ao mesmo tempo, meu coração, sempre suscetível às ternas influências, se desfez em lágrimas com a cena de sofrimento à minha frente. Na mesma hora, eu me propus a trazer alívio. Em outras palavras,

providenciei o estimulante necessário para fortalecer Anne Catherick para fazer a viagem até Londres.

Neste ponto, eu inicio um protesto necessário, e corrijo um lamentável erro.

Os melhores anos de minha vida foram passados no dedicado estudo da ciência médica e química. A química, especialmente, sempre apresentou uma atração irresistível para mim, devido ao poder enorme, ilimitado, que o seu conhecimento oferece. Os químicos, eu afirmo de modo enfático, poderiam manejar, caso quisessem, os destinos da humanidade. Permitam-me explicar isso antes que eu prossiga.

A mente, dizem, governa o mundo. No entanto, o que governa a mente? O corpo. O corpo (sigam-me atentamente neste ponto) se encontra à mercê do mais onipotente de todos os potentados — o Químico. Deem-me — a mim, Fosco — química; e quando Shakespeare concebeu Hamlet, e se sentou para levar a cabo a concepção — com uns poucos grãos de pó salpicados em sua refeição diária, eu reduziria a mente dele, por meio da ação de seu corpo, até que sua pena produzisse as mais abjetas tolices que já degradaram uma folha de papel. Em circunstâncias semelhantes, apresentem-me vivo o ilustre Newton. Eu garanto que, quando ele vir a maçã cair, ele *a comerá*, em vez de descobrir o princípio da gravidade. O jantar de Nero irá transformar Nero no mais cordato dos homens, antes que ele termine de digeri-lo; e a bebida matinal de Alexandre, o Grande, irá fazer com que Alexandre dê às de viladiogo, ao ver o primeiro inimigo, na mesma tarde. Dou a minha mais sagrada palavra de honra, é uma sorte para a sociedade que os químicos modernos sejam, por uma incompreensível boa sorte, os mais inofensivos seres humanos. Em sua grande maioria, são bons pais de família, donos de lojas. Uns poucos são filósofos cheios de admiração pelo som de suas próprias vozes que proferem palestras; visionários que desperdiçam suas vidas com impossibilidades fantásticas; ou charlatães cuja ambição não se eleva mais alto que as nossas espigas de milho. Assim a Sociedade se salva; e o ilimitado poder da Química permanece o escravo dos fins mais superficiais e mais insignificantes.

Por que esse rompante? Por que essa eloquência hostil?

Porque a minha conduta foi mal interpretada; porque os meus motivos foram mal compreendidos. Supôs-se que usei os meus vastos recursos químicos contra Anne Catherick; e que eu os teria usado, se pudesse, contra a própria magnífica Marian. Odiosas insinuações, ambas! Todos os meus interesses estavam voltados (como será visto a seguir) para a preservação da vida de Anne Catherick. Todas as minhas ansiedades estavam concentradas em resgatar Marian das mãos daquele Imbecil diplomado que cuidava dela; e

que viu meu conselho ser confirmado, do início ao fim, pelo médico de Londres. Apenas em duas ocasiões — ambas igualmente inofensivas para a pessoa em quem eu as usei — conclamei a assistência do conhecimento químico. Na primeira delas, após seguir Marian até a Estalagem em Blackwater (estudando, por trás de uma conveniente carroça que me ocultava dela, a poesia do movimento, personificada nos seus passos), eu me vali dos serviços de minha inestimável esposa para copiar uma e interceptar a outra das duas cartas que a minha adorada inimiga havia confiado a uma empregada demitida. Neste caso, as cartas estando no corpete do vestido da moça, Madame Fosco só poderia abri-las, lê-las, seguir as suas instruções, lacrá-las, e recolocá-las no lugar com assistência científica — assistência que eu ofereci em um vidrinho bem pequeno. A segunda ocasião em que os mesmos meios foram empregados foi a ocasião (à qual eu logo vou me referir) da chegada de Lady Glyde a Londres. Nunca, em nenhum outro momento, eu devi algo à minha Arte como algo separado de meu engenho. Em todas as demais emergências e complicações a minha natural capacidade de lidar, sozinho, com as circunstâncias, esteve invariavelmente à altura delas. Eu afirmo a disseminada inteligência dessa capacidade. À custa do Químico, vingo o Homem.

Respeitem este rompante de generosa indignação. Ele me aliviou de modo indizível. *En route!*⁴ Vamos prosseguir.

Tendo sugerido à Sra. Clement (ou Clements, não sei exatamente) que o melhor método de manter Anne fora do alcance de Percival era mandá-la para Londres; tendo descoberto que a minha proposta foi recebida com presteza; e tendo determinado um dia para me encontrar com as viajantes na estação, e vê-las partindo — eu estava livre para voltar à propriedade, e enfrentar as dificuldades que ainda precisavam de solução.

Meu primeiro procedimento foi me valer da sublime devoção de minha esposa. Eu havia combinado com a Sra. Clements que ela deveria comunicar o seu endereço de Londres, para o bem de Anne, a Lady Glyde. Mas isso não era suficiente. Pessoas maquinadoras, em minha ausência, poderiam abalar a confiança simples da Sra. Clements, e ela poderia acabar não escrevendo, afinal. Quem eu poderia encontrar, capaz de viajar até Londres pelo trem em que ela estava indo, e de discretamente segui-la até sua casa? Eu me fiz esta pergunta. A parte conjugal de mim mesmo imediatamente me respondeu — Madame Fosco.

Depois de decidir a missão de minha esposa em Londres, providenciei para que a viagem servisse a um duplo propósito. Uma enfermeira para a padecedora Marian, igualmente dedicada à paciente e a mim, era uma necessidade para a minha posição. Uma das mais discretas e capazes mulheres

vivas estava, por sorte, a meu dispor. Eu me refiro àquela respeitável matrona, Madame Rubelle — a quem enderecei uma carta, em sua residência londrina, pelas mãos de minha esposa.

No dia marcado, a Sra. Clements e Anne Catherick se encontraram comigo na estação. Cortês, eu me despedi delas. Cortês, eu me despedi de Madame Fosco, que ia no mesmo trem. No fim da noite, a minha esposa retornou a Blackwater, tendo seguido suas instruções com a mais rigorosa perfeição. Ela estava acompanhada por Madame Rubelle; e me trouxe o endereço londrino da Sra. Clements. Acontecimentos posteriores mostraram que essa última precaução havia sido desnecessária. A Sra. Clements, pontualmente, informou a Lady Glyde onde ela estava morando. Cauteloso quanto a emergências futuras, eu me apropriei da carta.

No mesmo dia, eu tive uma breve conversa com o médico, durante a qual protestei, nos sagrados interesses da humanidade, contra o tratamento dado ao caso de Marian. Ele foi insolente, como todas as pessoas ignorantes são. Eu não demonstrei ressentimento; deixei para brigar com ele até que fosse necessário brigar com algum propósito.

Meu procedimento seguinte foi partir de Blackwater. Eu tinha de me estabelecer em minha residência em Londres, antevendo acontecimentos futuros. Eu também tinha de me encarregar de uma pequena incumbência, do tipo doméstico, junto do Sr. Frederick Fairlie. Encontrei a casa que eu queria em St. John's Wood. Encontrei o Sr. Fairlie em Limmeridge, Cumberland.

Minha familiaridade particular com a natureza da correspondência de Marian me informara previamente que ela havia escrito para o Sr. Fairlie, propondo, como um alívio para as dificuldades matrimoniais de Lady Glyde, levá-la a uma visita à casa do tio em Cumberland. Essa carta, sabiamente, eu havia permitido que chegasse ao seu destino final, julgando, na ocasião, que ela não poderia causar mal, e poderia causar o bem. Então me apresentei perante o Sr. Fairlie, para apoiar a proposta de Marian — com certas modificações que, felizmente para o sucesso de meus planos, tornaram-se realmente inevitáveis pela doença dela. Era necessário que Lady Glyde partisse de Blackwater sozinha, a convite de seu tio, e que, durante a viagem, ela descansasse uma noite, na casa de sua tia (a casa que eu tinha em St. John's Wood), por conselho expresso de seu tio. Alcançar tais resultados, e garantir um bilhete com o convite que pudesse ser mostrado a Lady Glyde, eram os objetivos de minha visita ao Sr. Fairlie. Quando eu mencionar que esse cavalheiro era igualmente fraco de mente e corpo, e que lancei toda a força de minha personalidade sobre ele, terei dito o suficiente. Eu fui, vi, e conquistei Fairlie.

Ao retornar a Blackwater Park (com a carta com o convite), descobri que

o tratamento inepto dado ao caso de Marian pelo médico havia levado aos resultados mais alarmantes. A febre havia se transformado em Tifo. Lady Glyde, no dia de meu retorno, tentou entrar à força no quarto para cuidar da irmã. Ela e eu não simpatizávamos um com o outro; ela havia cometido o insulto imperdoável às minhas sensibilidades, chamando-me de Espião; ela era um obstáculo no meu caminho e no de Percival — mas, mesmo com tudo isso, a minha magnanimidade me proibiu de colocá-la em risco de infecção por minhas próprias mãos. Ao mesmo tempo, eu não pus obstáculos para que ela se colocasse em perigo. Se ela tivesse conseguido fazê-lo, o intrincado nó que eu estava lenta e pacientemente tecendo, talvez pudesse ter sido cortado pelas circunstâncias. No pé em que a situação se achava, o médico interferiu, e ela foi mantida afastada do quarto.

Eu próprio havia, antes, recomendado que se buscasse conselho em Londres. Essa medida não havia sido tomada. O médico, ao chegar, confirmou o meu ponto de vista sobre o caso. A crise era séria. Mas, nós tínhamos esperanças em relação à nossa encantadora paciente no quinto dia após o Tifo ter se manifestado. Estive ausente de Blackwater apenas um dia nessa ocasião — quando fui a Londres, pelo trem da manhã, para fazer os arranjos finais relacionados à minha casa em St. John's Wood; para ter a garantia, investigando discretamente, de que a Sra. Clements não havia se mudado; e para resolver uma ou duas questões preliminares com o marido de Madame Rubelle. Eu voltei à noite. Cinco dias depois, o médico declarou que a nossa cativante Marian estava fora de qualquer perigo, e não precisava de nada além de muitos cuidados. Essa era a ocasião pela qual eu havia esperado. Agora que a presença do médico não era mais indispensável, fiz o primeiro movimento do jogo me indispondo com ele. Ele era uma dentre as muitas testemunhas em meu caminho que eu precisava remover. Uma animada discussão entre nós (em que Percival, previamente instruído por mim, se recusou a interferir), serviu ao propósito em vista. Eu me lancei sobre a infeliz criatura com uma irresistível avalanche de indignação — e o coloquei para fora da casa.

Os empregados eram o próximo empecilho a ser afastado. Uma vez mais, instruí Percival (cuja coragem moral requeria estímulos perpétuos), e a Sra. Michelson ficou perplexa, um dia, ao ouvir do patrão que a casa seria fechada. Nós tiramos todos os empregados da casa, com exceção de uma moça, mantida com propósitos domésticos, e cuja estupidez profunda nos dava a certeza de que ela não faria descobertas embaraçosas. Quando eles partiram, nada restava a não ser nos livrarmos da Sra. Michelson — um resultado que foi facilmente obtido enviando essa amável senhora para encontrar alojamentos para a sua patroa à beira-mar.

As circunstâncias então eram — exatamente o que nós precisávamos que elas fossem. Lady Glyde estava confinada em seus aposentos por uma doença nervosa; e a estúpida empregada (esqueci o nome dela) ficou trancafiada lá, à noite, cuidando de sua patroa. Marian, embora estivesse se recuperando rapidamente, ainda estava acamada, tendo a Sra. Rubelle como enfermeira. Nenhuma outra criatura viva estava na propriedade, além de minha esposa, eu próprio e Percival. Com todas as chances assim a nosso favor, enfrentei o problema seguinte, e fiz o segundo movimento do jogo.

O objetivo do segundo movimento era o de levar Lady Glyde a partir de Blackwater, sem a companhia da irmã. A não ser que conseguíssemos persuadi-la de que Marian havia ido antes para Cumberland, não havia chance de afastá-la, por livre vontade, da casa. Para causar essa necessária ação em sua mente, nós ocultamos a nossa cativante inválida em um dos quartos desocupados em Blackwater. Na calada da noite, Madame Fosco, Madame Rubelle e eu (Percival não era controlado o suficiente para merecer confiança), levamos a cabo a ocultação. A cena foi pitoresca, misteriosa, dramática, no mais alto grau. Por minhas instruções, a cama havia sido preparada, de manhã, em uma resistente estrutura de madeira removível. Nós tínhamos apenas de erguer a estrutura, com delicadeza, na cabeceira e nos pés, e transportar a nossa paciente para onde bem entendêssemos, sem perturbá-la, ou a cama. Nenhuma assistência química foi necessária ou usada, nesse caso. Nossa cativante Marian estava mergulhada no profundo sono da convalescença. Nós colocamos as velas e abrimos as portas, de antemão. Eu, com base em minha grande força pessoal, assumi a cabeceira da estrutura — minha esposa e Madame Rubelle pegaram os pés. Eu carreguei a minha parte daquele fardo inestimavelmente precioso com uma ternura máscula, com um cuidado paternal. Onde se encontra o moderno Rembrandt, que poderia retratar a nossa procissão noturna? Pobres das Artes! Pobre desse mais pictórico dos temas! O Rembrandt moderno não pode ser encontrado em nenhum lugar.

Na manhã seguinte, minha esposa e eu partimos para Londres — deixando Marian reclusa, na parte desabitada da casa, sob os cuidados de Madame Rubelle, que, gentilmente consentiu em se trancar com a sua paciente por dois ou três dias. Antes de nossa partida, dei a Percival a carta do Sr. Fairlie, convidando a sobrinha (instruindo-a a pernoitar na casa de sua tia em sua viagem a Cumberland), com instruções para mostrá-la a Lady Glyde ao ter notícias minhas. Também obtive dele o endereço do Sanatório em que Anne Catherick havia sido internada, e uma carta para o proprietário, anunciando a esse cavalheiro o retorno de sua paciente fugitiva aos cuidados médicos.

Eu havia tomado providências, em minha última visita à metrópole, para que o nosso modesto lar estivesse pronto para nos receber quando chegássemos a Londres no primeiro trem. Como consequência dessa sábia precaução, nós tivemos condições de, nesse mesmo dia, fazer o terceiro movimento do jogo — tomar posse de Anne Catherick.

As datas são importantes neste ponto. Eu combino em mim as características opostas de um Homem de Sentimentos e de um Homem de Negócios. Eu tenho todas as datas nas pontas dos dedos.

Na quarta-feira, dia 24 de julho de 1850, enviei minha esposa, em um cabriolé, para tirar a Sra. Clements do caminho, em primeiro lugar. Uma suposta mensagem de Lady Glyde, em Londres, foi o suficiente para obter esse resultado. A Sra. Clements foi levada no cabriolé, e foi deixada no cabriolé, enquanto a minha esposa (com o pretexto de comprar algo em uma loja) escapuliu e voltou para receber a sua esperada visitante em nossa casa em St. John's Wood. Mal é necessário acrescentar que a visitante havia sido descrita para os empregados como “Lady Glyde”.

Entrementes, eu havia seguido em outro cabriolé, com um bilhete para Anne Catherick, simplesmente mencionando o fato de Lady Glyde tencionar manter a Sra. Clements em sua companhia durante o dia, e que Anne deveria se juntar às duas, sob os cuidados do bom cavalheiro à espera na rua, e que já a havia livrado de ser descoberta por Sir Percival em Hampshire. O “bom cavalheiro” enviou esse bilhete por intermédio de um menininho que vivia na rua, e esperou os resultados, a uma ou duas portas de distância. No instante em que Anne apareceu na porta da casa e a fechou, esse excelente homem tinha a porta do cabriolé aberta, pronta para ela — a colocou no veículo — e partiu.

(Permitam-me, aqui, uma exclamação entre parênteses. Quão interessante isso é!)

A caminho de Forest-road, a minha acompanhante não demonstrou medo. Posso ser paternal — nenhum homem mais que eu — quando desejo; e fui intensamente paternal nessa ocasião. Que recomendações eu tinha para a confiança dela! Eu havia preparado o remédio que lhe havia feito bem; eu a havia acautelado contra o perigo representado por Sir Percival. Talvez eu tenha confiado de modo implícito demais nessas recomendações; talvez eu tenha subestimado a perspicácia dos instintos mais básicos nas pessoas de pouco intelecto — é certo que eu falhei ao prepará-la suficientemente para uma decepção ao entrar na casa. Quando a conduzi à sala de estar — ao não ver ninguém presente a não ser Madame Fosco, uma desconhecida para ela — Anne Catherick exibiu a mais violenta agitação: se ela tivesse farejado perigo no ar, como um cachorro fareja a presença de alguma criatura que não é vista,

seu susto não poderia ter se manifestado mais rapidamente e mais sem motivo. Eu interferi, em vão. O temor que ela estava sentindo, eu poderia ter apaziguado — mas a séria doença do coração, da qual ela padecia, estava além do alcance de todos os paliativos morais. Para meu indizível horror, ela foi tomada por convulsões — um choque para o organismo, em sua condição, que poderia tê-la deixado morta, a qualquer momento, aos nossos pés.

O médico mais próximo foi chamado, e disseram-lhe que “Lady Glyde” requeria os seus serviços imediatos. Para meu infinito alívio, ele era um homem capaz. Eu apresentei a minha visitante para ele como uma pessoa de pouco intelecto e sujeita a delírios; e tomei providências para que nenhuma enfermeira além de minha esposa ficasse no quarto da doente. A infeliz mulher estava doente demais, entretanto, para causar qualquer ansiedade quanto ao que ela pudesse dizer. O único temor que tomava conta de mim então era o temor de que a falsa Lady Glyde pudesse morrer, antes de a verdadeira Lady Glyde chegar a Londres.

Eu havia escrito um bilhete de manhã para a Sra. Rubelle, dizendo-lhe para se encontrar comigo, na casa do marido dela, no anoitecer da sexta-feira, dia 26; com outro bilhete para Percival, dizendo-lhe para mostrar à esposa a carta com o convite do tio dela, garantir que Marian havia viajado antes dela, e despachá-la para a cidade, no trem do meio-dia, também no dia 26. Pensando melhor, eu havia sentido a necessidade, considerando o estado de saúde de Anne Catherick, de apressar os acontecimentos, e de ter Lady Glyde ao meu dispor mais cedo que eu havia pensado originalmente. Quais novas instruções, na terrível incerteza de minha posição, poderia eu então dar? Eu nada podia fazer, a não ser confiar na sorte e no médico. Minhas emoções se manifestaram em patéticas apóstrofes — que eu tive autocontrole suficiente para unir, perto de outras pessoas, ao nome de “Lady Glyde”. Em todos os outros aspectos, Fosco, naquele dia memorável, era Fosco envolto em profundas sombras.

Ela não passou bem a noite — acordou enfraquecida — mas, no decorrer do dia, se recuperou de modo considerável. Meu estado de espírito se recuperou com ela. Não consegui receber respostas de Percival e de Madame Rubelle até a manhã do dia seguinte — o dia 26. Prevendo que eles seguiriam as minhas instruções, o que, a não ser por algum acontecimento inesperado, eles fariam, fui reservar uma carruagem de aluguel para ir buscar Lady Glyde na estação de trem; instruindo que ela estivesse em minha casa, no dia 26, às duas horas. Depois de ver o pedido sendo anotado no livro de registros, fui organizar os detalhes com Monsieur Rubelle. Também obtive o auxílio de dois cavalheiros, que puderam me oferecer os necessários certificados de insanidade. Um deles eu o conhecia pessoalmente; o outro era conhecido de

Monsieur Rubelle. Ambos eram homens cujas mentes vigorosas se elevavam acima de escrúpulos mesquinhos — ambos estavam passando por dificuldades temporárias — ambos acreditaram em MIM.

Eram mais de cinco horas da tarde quando eu voltei depois de desempenhar essas tarefas. Quando voltei, Anne Catherick estava morta. Morta, no dia 25; e Lady Glyde não iria chegar a Londres senão no dia 26!

Eu fiquei aturdido. Pensem nisso. Fosco aturdido!

Era tarde demais para voltar atrás. Antes de eu retornar, o médico havia, obsequioso, se encarregado de me poupar todo o trabalho, registrando a morte, na data em que ela ocorrera, com as suas próprias mãos. Meu grande plano, inatacável até aquele momento, tinha o seu ponto fraco, então — nenhum esforço, de minha parte, poderia alterar o acontecimento fatal do dia 25. Viril, eu encarei o futuro. Os interesses de Percival e os meus ainda estavam em causa, nada restava a não ser continuar com o jogo até o fim. Eu conclamei a minha calma inabalável — e o joguei.

Na manhã do dia 26, a carta de Percival chegou às minhas mãos, anunciando a chegada de sua esposa pelo trem do meio-dia. Madame Rubelle também escreveu dizendo que viria no trem da tarde. Saí na carruagem de aluguel, deixando a falsa Lady Glyde morta na casa, para receber a verdadeira Lady Glyde, quando ela chegasse à estação, às três horas. Escondidas sob o assento do veículo, eu levava todas as roupas que Anne Catherick havia usado ao vir para minha casa — elas tinham por objetivo auxiliar a ressurreição da mulher que estava morta, na pessoa da mulher que estava viva. Que situação! Eu a sugiro aos incipientes escritores de novelas da Inglaterra. Eu a ofereço, como totalmente inédita, aos exauridos dramaturgos da França.

Lady Glyde estava na estação. Havia uma grande multidão, e confusão, e mais atraso do que eu gostaria (no caso de algum dos conhecidos dela casualmente estar na estação), para pegar a sua bagagem. Suas primeiras perguntas, quando nós partimos, me suplicavam que eu lhe desse notícias da irmã. Invenitei notícias do tipo mais tranquilizador; garantindo-lhe que ela estava prestes a ver a irmã em minha casa. Minha casa, somente nessa ocasião, ficava nas vizinhanças de Leicester Square, e estava sob controle de Monsieur Rubelle, que nos acolheu no saguão.

Eu levei a minha visita para o andar de cima, em uma sala nos fundos da casa; os dois cavalheiros médicos estavam lá, esperando, no andar de baixo, para ver a paciente e me dar seus atestados. Depois de acalmar Lady Glyde com as necessárias garantias relacionadas à sua irmã, eu levei os meus amigos, separadamente, à presença dela. Eles desempenharam as formalidades da ocasião, rápida, inteligente e conscienciosamente. Entrei no aposento de novo, assim que eles haviam saído; e na hora desencadeei os

acontecimentos com uma referência, de natureza alarmante, sobre o estado de saúde da “Srta. Halcombe”.

Os resultados se seguiram conforme eu antecipara. Lady Glyde ficou apavorada e perdeu os sentidos. Pela segunda e última vez, eu chamei a Ciência ao meu socorro. Um copo de água com remédio e um vidro de sais com remédio aliviaram-na de todos os posteriores constrangimentos e sustos. Ministrações adicionais, mais tarde, garantiram-lhe a inestimável bênção de uma boa noite de sono. Madame Rubelle chegou a tempo para auxiliar a vestir Lady Glyde. As roupas dela lhe foram tiradas à noite, e as de Anne Catherick foram vestidas nela de manhã, com a mais rígida observação dos bons modos, pelas mãos matronais da boa Rubelle. Durante o dia, eu mantive a nossa paciente em um estado de semiconsciência, até a hábil assistência de meus amigos médicos me permitir arrumar a necessária ordem, bem mais cedo do que eu havia me arriscado a esperar. Naquele fim de tarde (do dia 27), Madame Rubelle e eu levamos a nossa revivescida “Anne Catherick” para o Sanatório. Ela foi recebida, com grande surpresa — mas sem suspeitas, graças à ordem e aos atestados, à carta de Percival, à semelhança, às roupas, e à própria confusão mental da paciente na ocasião. Eu voltei na mesma hora para auxiliar Madame Fosco nos preparativos para o funeral da falsa “Lady Glyde”, estando na posse das roupas e da bagagem da verdadeira “Lady Glyde”. Elas foram, em seguida, enviadas para Cumberland, no veículo que foi usado para o funeral. Eu estive presente no funeral, com uma dignidade adequada, vestido com o luto mais fechado.

Minha narrativa desses acontecimentos notáveis, escrita sob circunstâncias igualmente notáveis, se encerra neste ponto. As ínfimas precauções que eu adotei ao me comunicar com a Mansão de Limmeridge já são conhecidas — assim como o magnífico sucesso de minha empreitada — e assim são os resultados pecuniários concretos que se seguiram. Tenho de afirmar, com toda a força de minha convicção, que o único ponto fraco em meu plano nunca teria sido descoberto, se o único ponto fraco em meu coração não tivesse sido revelado antes. Nada além de minha admiração fatal por Marian me impediu de correr em meu próprio socorro, quando ela conseguiu efetuar a fuga da irmã. Eu corri o risco, e confiei na completa destruição da identidade de Lady Glyde. Se Marian ou o Sr. Hartright tentassem afirmar essa identidade, eles se exporiam aos olhos públicos à imputação de dar crédito a um embuste grosseiro; seriam vistos com desconfiança e, destarte, desacreditados; e não teriam, portanto, poder para colocar os meus interesses ou o segredo de Percival em risco. Eu cometi um erro ao confiar em um cálculo tão cego das probabilidades como esse. Cometi outro depois de Percival ter cumprido o castigo por sua própria teimosia e

violência, permitindo a Lady Glyde uma segunda fuga do manicômio, e permitindo ao Sr. Hartright uma segunda chance de me escapar das mãos. Resumindo, Fosco, nessa séria contingência, não estava à altura de si mesmo. Deplorável e pouco característico erro! Contemplem a causa, em meu Coração — contemplem, na imagem de Marian Halcombe, a primeira e derradeira fraqueza na vida de Fosco!

Na madura idade de sessenta anos, faço essa confissão ímpar. Jovens! Eu invoco as vossas simpatias! Donzelas! Eu conclamo as vossas lágrimas!

Mais uma palavra — e a atenção do leitor (concentrada, sem fôlego, em mim) será dispensada.

Minha própria sagacidade me informa que três perguntas inevitáveis serão feitas, aqui, por pessoas de mentes inquisitivas. Elas serão apresentadas; elas serão respondidas.

Primeira pergunta. Qual é o segredo da inabalável devoção de Madame Fosco ao cumprimento de meus desejos mais ousados, à realização de meus planos mais refinados? Eu poderia responder a essa pergunta simplesmente me referindo à minha própria personalidade, e perguntando, por minha vez: Onde, na história da humanidade, foi encontrado um homem de minha classe sem uma mulher nos bastidores, que se imolou no altar da vida dele? No entanto, eu lembro que estou escrevendo na Inglaterra; lembro que me casei na Inglaterra — e pergunto, se as obrigações conjugais de uma mulher, neste país, lhe proporcionam uma opinião particular a respeito dos princípios de seu marido? Não! Ela é encarregada, sem reservas, de amá-lo, honrá-lo e obedecer-lhe. Isso é exatamente o que a minha esposa fez. Eu me encontro, aqui, em uma elevação moral suprema; e, altaneiro, eu confio a ela o cumprimento exato dos seus deveres conjugais. Calai-vos, Calúnia! Vossas simpatias, Esposas da Inglaterra, por Madame Fosco!

Segunda pergunta. Se Anne Catherick não tivesse morrido quando morreu, o que eu teria feito? Eu teria, nesse caso, prestado auxílio à combalida Natureza para encontrar o repouso eterno. Eu teria aberto as portas da Prisão da Vida, e teria proporcionado à cativa (incuravelmente enferma, tanto de corpo quanto de mente) um feliz desenlace.

Terceira pergunta. Em uma calma revisão de todas as circunstâncias — É a minha conduta digna de alguma censura séria? Com toda a ênfase, Não! Eu não evitei, cuidadosamente, me expor ao ódio de cometer crimes desnecessários? Com os meus vastos conhecimentos de química, eu poderia ter tirado a vida de Lady Glyde. À custa de um imenso sacrifício pessoal, segui os ditames de minha própria engenhosidade, de minha própria humanidade, de minha própria cautela — e, em vez disso, tirei a identidade

dela. Julguem-me pelo que eu poderia ter feito. Quão comparativamente inocente! Quão indiretamente virtuoso eu aparento ser, no que realmente fiz!

Eu anunciei, ao iniciá-la, que esta narrativa seria um documento notável. Ela correspondeu plenamente às minhas expectativas. Recebam estas linhas fervorosas — meu último legado para o país que eu abandono para sempre! Elas são dignas da ocasião, e dignas de

FOSCO.

⁴ Prosseguindo! (em francês no original).

A História concluída por WALTER HARTRIGHT

I

QUANDO encerrei a última folha do manuscrito do Conde, a meia hora durante a qual eu me comprometera a ficar em Forest-road havia passado. Monsieur Rubelle consultou o seu relógio e fez uma medida. Eu me levantei na mesma hora, e deixei o agente na posse da casa vazia. Nunca mais o vi; nunca mais tive notícias dele ou de sua esposa. Através dos atalhos sombrios da vileza e do engodo, eles haviam se infiltrado em nosso caminho — e pelos mesmos atalhos eles se esgueiraram em segredo, e sumiram de nossas vistas.

Em um quarto de hora depois de partir de Forest-road, eu estava em casa de novo.

Porém, poucas palavras foram suficientes para contar para Laura e Marian como minha arriscada empreitada havia terminado, e qual seria provavelmente o próximo acontecimento em nossas vidas. Deixei todos os detalhes para que fossem descritos posteriormente naquele dia; e voltei rapidamente para St. John's Wood, para ver a pessoa com quem o Conde Fosco havia reservado a carruagem de aluguel, quando foi buscar Laura na estação.

O endereço em minha posse me levou a algumas “cocheiras de aluguel”, a aproximadamente quatrocentos metros de Forest-road. O proprietário provou ser um homem educado e respeitável. Quando lhe expliquei que um importante problema familiar me obrigava a pedir-lhe que consultasse os seus livros, com o intuito de verificar uma data que o registro dos seus negócios poderia me fornecer, ele não fez objeções a atender ao meu pedido. O livro foi trazido; e lá, sob a data “26 de julho de 1850”, estava anotado o pedido, com as seguintes palavras:

“*Brougham* para o Conde Fosco, número 5, Forest-road, às duas horas. (John Owen).”

Eu descobri, ao perguntar, que o nome “John Owen”, anexado à anotação, se referia ao homem empregado para conduzir a carruagem de aluguel. Ele estava então trabalhando no pátio da cocheira, e mandaram buscá-lo para que viesse me ver, a pedido meu.

— O senhor se lembra de conduzir um cavaleiro, no mês de julho passado, do número 5 na Forest-road até a estação Waterloo Bridge? — eu perguntei.

— Bem, senhor — respondeu o homem —, não posso garantir que me lembro.

— Talvez o senhor se lembre do próprio cavaleiro? O senhor consegue se recordar de ter levado um estrangeiro, no verão passado... um cavaleiro alto, e muito gordo?

O rosto do homem se iluminou na hora.

— Eu me lembro dele, senhor! O cavaleiro mais gordo que já vi... e o cliente mais pesado que já conduzi. Sim, sim... Eu me lembro dele, senhor. Nós *fomos* à estação, e *saímos* de Forest-road. Tinha um papagaio, ou qualquer bicho parecido, gritando na janela. O cavaleiro estava com uma pressa dos diabos por causa da bagagem da dama; e me deu uma bela recompensa por eu ser sagaz e pegar as caixas.

Pegar as caixas! Eu me lembrei na mesma hora que o relato da própria Laura, em sua chegada a Londres, descrevia a sua bagagem sendo trazida para ela por alguma pessoa a quem o Conde Fosco levara à estação. Eis o homem.

— O senhor viu a dama? — perguntei. — Como era a aparência dela? Era jovem ou idosa?

— Bom, senhor, com a correria e a multidão de pessoas empurrando em volta, não posso dizer direito qual era a aparência da dama. Eu não consigo me lembrar nada sobre ela, que eu saiba, a não ser o nome.

— O senhor se lembra do nome dela!

— Sim, senhor. O nome dela era Lady Glyde.

— Como o senhor se lembra disso, se esqueceu a aparência dela?

O homem sorriu, e moveu os pés, um tantinho constrangido.

— Ora, para dizer a verdade para o senhor — ele respondeu —, eu estava casado fazia pouco tempo naquela época; e o nome da minha esposa, antes de ela trocar pelo meu, era o mesmo daquela senhora... Quero dizer, o nome Glyde, senhor. A própria senhora o mencionou. “O seu nome está nas caixas, senhora?”, eu perguntei. “Sim”, disse ela, “meu nome está nas bagagens... é Lady Glyde.” “Caramba!”, eu disse comigo mesmo, “eu tenho péssima cabeça para nomes de gente fina em geral... mas *este* soa como um velho amigo, de qualquer modo.” Não posso falar nada sobre a ocasião, senhor; poderia ser um ano atrás, ou não. Mas posso jurar sobre o cavaleiro corpulento, e jurar sobre o nome da senhora.

Não havia necessidade de ele se lembrar da época; a data estava claramente estabelecida pelo livro de registros do patrão dele. Eu senti na

mesma hora que finalmente estavam em meu poder os meios de derrubar toda a conspiração de um golpe só com a irresistível arma dos fatos concretos. Sem um momento de hesitação, chamei o dono da cocheira em um aparte, e lhe contei qual era a verdadeira importância do seu livro de registros e da evidência do cocheiro. Um acordo para compensá-lo pela perda temporária dos serviços do homem foi facilmente feito; e uma cópia do pedido no livro foi feita por mim, e certificada como verdadeira pela assinatura do próprio patrão. Eu parti da cocheira, tendo acertado que John Owen ficaria à minha disposição pelos próximos três dias, ou por um período maior, se fosse necessário.

Eu então estava na posse de todos os documentos que queria; a cópia do próprio escrivão do atestado de morte, e a carta de Sir Percival para o Conde, datada, em segurança no meu livro de apontamentos.

Tendo essa evidência escrita em minhas mãos, e com as respostas do cocheiro frescas em minha memória, em seguida me voltei, pela primeira vez desde o início de minhas investigações, na direção do escritório do Sr. Kyrle. Um de meus objetivos, ao fazer-lhe essa segunda visita, era contar-lhe o que eu havia feito. O outro era avisá-lo de minha resolução de levar a minha esposa a Limmeridge na manhã seguinte, e fazer com que ela fosse publicamente recebida e reconhecida na casa de seu tio. Deixei que o Sr. Kyrle decidisse, nessas circunstâncias, e na ausência do Sr. Gilmore, se ele estava ou não comprometido, como representante legal dos Fairlie, a estar presente, nessa ocasião, em nome da família.

Nada vou dizer sobre o espanto do Sr. Kyrle, ou sobre os termos com que ele expressou a sua opinião sobre a minha conduta, desde o início da investigação até o fim. Só é necessário mencionar que, na mesma hora, ele decidiu nos acompanhar a Cumberland.

Nós partimos, na manhã seguinte, no primeiro trem. Laura, Marian, o Sr. Kyrle e eu em um vagão; e John Owen, com um escriturário do escritório do Sr. Kyrle, ocupando assentos em outro. Ao chegar à estação de Limmeridge, primeiro nós fomos à propriedade rural em Todd's Corner. Eu estava totalmente decidido que Laura não deveria entrar na casa de seu tio até ela aparecer lá publicamente reconhecida como sobrinha dele. Eu deixei Marian resolver a questão das acomodações com a Sra. Todd, tão logo a boa mulher se recuperou do assombro ao ouvir qual era a nossa missão em Cumberland; e arranjei com o marido dela que John Owen seria entregue à pronta hospitalidade dos empregados da propriedade. Essas preliminares tendo sido finalizadas, o Sr. Kyrle e eu nos dirigimos juntos para a Mansão de Limmeridge.

Não consigo escrever detalhadamente sobre nossa conversa com o Sr.

Fairlie, pois não posso me lembrar dela sem sentimentos de impaciência e de desdém, que tornam a cena, mesmo em minhas recordações, totalmente repulsiva para mim. Prefiro registrar simplesmente que fui bem-sucedido. O Sr. Fairlie tentou nos tratar com seus modos habituais. Nós prosseguimos sem dar atenção à cortês insolência dele no início da conversa. Nós ouvimos sem simpatia os protestos com os quais ele tentou, em seguida, nos persuadir de que a revelação da conspiração o deixara prostrado. Ele se lamuriou e choramingou, finalmente, como uma criança rabugenta. “Como ele iria saber que a sua sobrinha estava viva, se lhe haviam dito que ela estava morta? Ele receberia a cara Laura, com prazer, tão somente nós lhe concedêsemos tempo para se recuperar. Nós achávamos que ele aparentava querer ir às pressas para o seu túmulo? Não. Então, por que apressá-lo?” Ele repetiu essas censuras em todas as oportunidades disponíveis, até eu as calar de uma vez por todas, colocando-o firmemente entre duas alternativas inevitáveis. Eu lhe facultei escolher entre fazer justiça à sobrinha, em meus termos — ou enfrentar a consequência de um reconhecimento público da identidade dela em um tribunal de justiça. O Sr. Kyrle, a quem o Sr. Fairlie se voltou pedindo ajuda, disse-lhe com clareza que ele deveria resolver a questão, naquele local e instante. De modo característico, escolhendo a alternativa que prometia liberá-lo com maior prontidão de toda ansiedade pessoal, ele anunciou, com um súbito rompante de energia, que não era forte o suficiente para suportar mais ameaças, e que nós poderíamos agir conforme bem entendêsemos.

O Sr. Kyrle e eu, na mesma hora, descemos, e entramos em acordo sobre um tipo de carta que deveria ser enviado para os arrendatários que haviam comparecido ao falso funeral, convocando-os, em nome do Sr. Fairlie, a se reunir na Mansão de Limmeridge, dali a dois dias. Uma ordem, tendo como referência a mesma data, também foi escrita, solicitando a um escultor em Carlisle que enviasse um homem ao adro da igreja de Limmeridge, com o propósito de apagar uma inscrição — o Sr. Kyrle, que havia combinado dormir na casa, garantindo que o Sr. Fairlie ouviria a leitura das cartas, e as assinaria.

Ocupei o dia de intervalo, na propriedade rural, escrevendo uma narrativa objetiva da conspiração, e acrescentando a ela uma declaração das contradições práticas oferecidas pelos fatos ao registro da morte de Laura. Esta eu apresentei ao Sr. Kyrle, antes de lê-la, no dia seguinte, aos arrendatários reunidos. Também concordamos com a forma como as evidências deveriam ser apresentadas no final da leitura. Depois que essas questões foram resolvidas, o Sr. Kyrle tentou dirigir a conversa, em seguida, para os negócios de Laura. Nada sabendo, e nada desejando saber sobre esses negócios, e duvidando que ele aprovasse, como homem de negócios, a minha conduta em relação ao usufruto do legado deixado a Madame Fosco, supliquei

ao Sr. Kyrle que me desculpasse se eu me abstivesse de discutir o assunto. Ele estava relacionado, como eu pude sinceramente dizer-lhe, àqueles pesares e problemas do passado, aos quais nós nunca nos referíamos, e os quais, instintivamente, evitávamos discutir com terceiros.

Minha derradeira tarefa, com o cair da noite, foi obter “A narrativa da Pedra Tumular”, fazendo uma cópia da falsa inscrição no túmulo, antes de ela ser destruída.

Chegou o dia — o dia em que Laura, uma vez mais, entrou na familiar sala do café da manhã na Mansão de Limmeridge. Todas as pessoas reunidas se levantaram de suas cadeiras enquanto Marian e eu a conduzíamos. Um perceptível choque de surpresa, um audível murmúrio de interesse, passou por entre elas, ao ver o rosto de Laura. O Sr. Fairlie estava presente (por minha determinação expressa), com o Sr. Kyrle ao lado dele. O seu criado de quarto estava atrás dele, com um vidro de sais de cheiro em uma das mãos, e um lenço branco, encharcado de água-de-colônia, na outra.

Eu dei início aos procedimentos apelando publicamente ao Sr. Fairlie que dissesse se eu estava lá com a autoridade dele e sua sanção expressa. Ele estendeu os braços para o Sr. Kyrle e o seu criado de quarto; foi por eles ajudado a ficar em pé, e então se manifestou com os seguintes termos:

— Permitam-me apresentar o Sr. Hartright. Eu sou tão inválido quanto sempre fui; e ele é tão gentil por falar em meu nome. O assunto é terrivelmente embaraçoso. Por favor, ouçam-no... E não façam barulho! — Com estas palavras, ele lentamente se deixou cair de novo na cadeira, e se refugiou em seu lenço de bolso perfumado.

A revelação da conspiração se seguiu — depois de eu ter oferecido minhas explicações introdutórias, em primeiro lugar, com poucas e precisas palavras. Eu estava lá presente (informei aos meus ouvintes) para declarar, em primeiro lugar, que minha esposa, sentada ao meu lado, era a filha do falecido Sr. Philip Fairlie; em segundo lugar, para provar, com fatos incontestáveis, que o funeral a que eles haviam comparecido no adro da igreja de Limmeridge havia sido o funeral de outra mulher; em terceiro lugar, para fazer-lhes um relato claro de como tudo isso havia acontecido. Sem mais delongas, na mesma hora li a narrativa da conspiração, descrevendo-a em linhas precisas, e me detendo apenas no seu motivo pecuniário, de modo a não complicar a minha declaração com referências desnecessárias ao segredo de Sir Percival. Tendo feito isso, lembrei aos meus ouvintes a data da morte de “Lady Glyde”, registrada na inscrição no adro da igreja (dia 25 de julho); e confirmei a sua veracidade apresentando o atestado do médico. Então li a carta de Sir Percival do dia 25, anunciando a planejada viagem de sua esposa de Hampshire para Londres no dia 26. Em seguida, mostrei que ela havia

mesmo feito aquela viagem, com o testemunho pessoal do cocheiro da carruagem de aluguel; e provei que ela a havia feito no dia indicado pela evidência do livro de registros da cocheira. Marian, por solicitação minha, em seguida acrescentou a sua própria declaração do encontro entre ela e Laura no manicômio, e da fuga de sua irmã. Depois disso, encerrei os procedimentos informando às pessoas presentes da morte de Sir Percival e de meu casamento.

O Sr. Kyrle se levantou, quando tornei a me sentar, e declarou, como conselheiro legal da família, que o meu caso havia sido provado por meio das evidências mais claras que ele havia ouvido em sua vida. Enquanto ele dizia essas palavras, passei o meu braço pelas costas de Laura, e a fiz se levantar de modo que ela ficasse visível para todas as pessoas na sala.

— Todos são da mesma opinião? — eu perguntei, dando alguns passos na direção deles, e apontando para a minha esposa.

O efeito da pergunta foi avassalador. Lá na outra ponta da sala, um dos arrendatários mais antigos da propriedade se levantou, e fez com que os demais o imitassem em um instante. Eu vejo o homem agora, com seu honesto rosto moreno, e seus cabelos grisalhos escuros, subindo no parapeito da janela, sacudindo o seu pesado chicote por cima da cabeça, e liderando as celebrações.

— Aí tá ela, viva e saudável... Deus a abençoe! Vamo comemorar, mininos! Vamo comemorar!

O grito que lhe respondeu, reiterado uma vez depois da outra, foi a música mais doce que eu ouvi. Os trabalhadores do vilarejo e os meninos da escola, reunidos no gramado, ouviram a celebração e a ecoaram. As esposas dos trabalhadores rurais se amontoaram ao redor de Laura, e lutaram para ver quem seria a primeira a trocar um aperto de mãos com ela, e para lhe suplicar, com as lágrimas correndo pelas faces, que ela fosse forte e não chorasse. Ela estava tão desnorreada que fui obrigado a afastá-la deles e a carregá-la para a porta. Lá eu a entreguei aos cuidados de Marian — Marian, que nunca nos falhara, cujo corajoso autocontrole não nos falhou naquela hora. Ficando sozinho à porta, convidei todas as pessoas presentes (depois de lhes agradecer em nome de Laura e no meu) a me seguir para o adro da igreja, e ver a falsa inscrição ser tirada do túmulo pessoalmente.

Todas saíram da casa, e todas se juntaram à multidão de habitantes do vilarejo reunidos em volta do túmulo, onde o enviado do escultor estava à nossa espera. Em um silêncio completo, a primeira batida sonora do metal soou no mármore. Nem uma voz se ouviu; ninguém se moveu, até aquelas três palavras, “Laura, Lady Glyde” terem desaparecido. Então, houve um grande suspiro de alívio entre as pessoas, como se elas tivessem sentido que os

últimos grilhões da conspiração tivessem sido arrancados da própria Laura — e os presentes lentamente se retiraram. Só mais tarde, naquele mesmo dia, toda a inscrição foi apagada. Apenas uma linha foi gravada posteriormente no lugar dela: “Anne Catherick, dia 25 de julho de 1850.”

Eu voltei à Mansão de Limmeridge ao anoitecer com tempo para me despedir do Sr. Kyrle. Ele, seu escriturário, e o cocheiro da carruagem de aluguel voltaram para Londres pelo trem da noite. Com a partida deles, uma mensagem insolente me foi enviada da parte do Sr. Fairlie — que havia sido carregado da sala em um estado lastimável, quando o primeiro grito de celebração respondeu ao meu apelo aos arrendatários. A mensagem nos transmitia “Os mais sinceros cumprimentos do Sr. Fairlie”, e desejava saber se “nós pensávamos em ficar na casa.” Eu respondi que o único objetivo que nos levara a passar pela porta da casa dele havia sido realizado; que eu não pensava em ficar na casa de homem nenhum, a não ser na minha; e que o Sr. Fairlie não precisava ter a menor apreensão de nos ver, ou de receber notícias nossas de novo. Nós voltamos para a casa de nossos amigos em Todd’s Corner, para descansar aquela noite; e na manhã seguinte — escoltados até a estação, com o mais sincero entusiasmo e boa vontade, por todo o vilarejo e por todos os trabalhadores rurais nas vizinhanças — voltamos para Londres.

Enquanto as colinas de Cumberland desapareciam à distância, pensei nas primeiras circunstâncias desencorajadoras sob as quais a longa batalha que agora era coisa do passado havia sido travada. Era estranho olhar em retrospectiva e ver, agora, que a pobreza que nos havia negado toda a esperança de ajuda, havia sido o instrumento indireto de nosso sucesso, forçando-me a agir por conta própria. Se nós fôssemos ricos o suficiente para obter auxílio legal, qual teria sido o resultado? O ganho (segundo demonstrara o próprio Sr. Kyrle) teria sido mais que duvidoso; a perda — julgando pelo teste dos acontecimentos, conforme haviam ocorrido — certa. A Lei nunca teria me proporcionado a minha conversa com a Sra. Catherick. A Lei nunca teria transformado Pesca no meio de arrancar uma confissão do Conde.

II

Mais dois acontecimentos devem ser acrescentados à sequência, antes de ela percorrer do princípio da história até o seu fim.

Enquanto a nova sensação de liberdade da longa opressão do passado ainda era novidade para nós, fui chamado pelo amigo que me havia dado o meu primeiro serviço de gravuras em madeira para receber dele uma nova demonstração de seu apreço pelo meu bem-estar. Ele havia sido encarregado por seus empregadores de ir a Paris, e examinar para eles uma descoberta francesa na aplicação prática de sua Arte, cujos méritos eles estavam ansiosos

para verificar. Seus compromissos não lhe davam tempo para se desincumbir da tarefa; e ele havia, gentilmente, sugerido que ela fosse transferida para mim. Eu não poderia hesitar em, cheio de gratidão, aceitar a oferta; pois se eu me desincumbisse bem da tarefa, como esperava poder fazer, o resultado seria um emprego permanente no jornal ilustrado, ao qual eu estava ligado apenas de modo ocasional.

Recebi as minhas instruções e fiz as malas para a viagem no dia seguinte. Ao deixar Laura uma vez mais (e em que circunstâncias alteradas!) aos cuidados de sua irmã, uma consideração muito séria se me ocorreu, e que já havia mais de uma vez ocorrido à minha esposa — estou me referindo ao futuro de Marian. Teríamos nós algum direito de permitir que nosso afeto egoísta aceitasse a devoção de toda aquela vida generosa? Não seria o nosso dever, a nossa maior expressão de gratidão, parar de pensar em nós mesmos, e pensar apenas *nela*? Tentei dizer isso, quando ficamos a sós por uns instantes, antes de partir. Ela segurou a minha mão, e me silenciou assim que pronunciei as primeiras palavras.

— Depois de tudo que nós três sofremos juntos — ela disse —, não poderá haver separação entre nós, até a derradeira separação. Meu coração e minha felicidade, Walter, estão com Laura e com você. Espere um pouquinho até haver vozes de crianças ao pé de sua lareira. Eu vou ensinar-lhes a falar em meu nome, na linguagem *delas*; e a primeira lição que elas darão ao pai e a mãe será: Não podemos ficar sem a titia!

Minha viagem a Paris não foi feita a sós. No último instante, Pesca decidiu que me acompanharia. Ele ainda não havia recobrado a sua costumeira alegria desde a noite na Ópera; e estava decidido a ver o que uma semana de férias faria para melhorar seu estado de espírito.

Eu me desincumbi da tarefa que me fora confiada, e fiz o relatório necessário, no quarto dia depois de nossa chegada a Paris. O quinto dia eu havia reservado para visitas turísticas e entretenimento na companhia de Pesca.

Nosso hotel estava lotado demais para acomodar a ambos no mesmo andar. Meu quarto ficava no segundo andar, e o de Pesca ficava acima do meu, no terceiro. Na manhã do quinto dia, subi as escadas para ver se o Professor estava pronto para sair. Um pouquinho antes de chegar ao patamar, vi a porta de seu quarto se abrindo por dentro; mãos longas, delicadas e nervosas (certamente não as de meu amigo), mantinham-na aberta. Ao mesmo tempo, ouvi a voz de Pesca dizendo, ansiosa, em um tom baixo, e em sua própria língua:

— Eu me lembro do nome, mas não conheço o homem. O senhor o viu na

Ópera, ele estava tão mudado que não consegui reconhecê-lo. Eu vou transmitir o relatório... Não posso fazer mais nada.

— Nada mais precisa ser feito — respondeu a segunda voz. A porta se escancarou; e o homem de cabelos claros com a cicatriz na face, o homem que eu havia visto seguindo o cabriolé do Conde Fosco uma semana antes, saiu. Ele fez uma mesura, quando me afastei para deixá-lo passar; seu rosto estava horivelmente pálido, e ele se segurava com força no corrimão, ao descer as escadas.

Abri a porta e entrei no quarto de Pesca. Ele estava encolhido, do modo mais estranho, em um canto do sofá. Ele pareceu se retrair, quando me aproximei dele.

— Estou incomodando você? — perguntei. — Não sabia que você tinha um amigo aqui até eu vê-lo sair.

— Não é amigo — disse Pesca, ansioso. — Eu o vejo hoje pela primeira vez, e a última.

— Receio que ele tenha trazido más notícias para você?

— Notícias horríveis, Walter! Vamos voltar para Londres... Não quero ficar aqui... Lamento ter vindo. Os infortúnios de minha juventude são muito duros comigo... — ele disse, virando o rosto para a parede. — Muito duros comigo na minha vida madura. Eu tento esquecê-los... E eles não se esquecem de *mim*!

— Não podemos voltar, eu receio, antes da tarde — respondi. — Você gostaria de sair comigo, enquanto isso?

— Não, meu amigo; eu espero aqui. Mas vamos voltar hoje... Por favor, vamos voltar hoje.

Eu o deixei, com a promessa de que ele partiria de Paris naquela tarde. Nós havíamos combinado, na noite anterior, subir na Catedral de Notre Dame, tendo o nobre romance de Victor Hugo como nosso guia. Não havia nada na capital francesa que eu estivesse mais ansioso para ver — e parti, sozinho, para a igreja.

Ao me aproximar de Notre Dame margeando o rio, passei, a caminho, pela terrível casa dos mortos de Paris — o *Morgue*. Uma grande multidão gritava e se agitava ao redor da porta. Evidentemente, havia algo lá dentro que incitava a curiosidade popular, e alimentava o apetite popular pelo horror.

Eu teria prosseguido para a igreja se a conversa de dois homens e uma mulher nas cercanias da multidão não tivesse chamado a minha atenção. Eles haviam acabado de ver o que estava em exposição no *Morgue*; e o relato que eles estavam fazendo do corpo morto para quem os rodeava o descrevia como o corpo de um homem — um homem muito grande, com uma estranha marca

no braço esquerdo.

No momento em que essas palavras chegaram até mim, eu me detive e tomei o meu lugar na multidão que entrava. Um impreciso prenúncio da verdade havia passado pela minha mente quando ouvi a voz de Pesca pela porta aberta, e quando vi o rosto do desconhecido ao ele passar por mim nas escadas do hotel. Agora, a própria verdade me era revelada — revelada nas palavras casuais que haviam acabado de chegar aos meus ouvidos. Outra vingança que não a minha havia seguido aquele homem marcado do teatro até a porta da casa dele; da porta da casa dele até o seu refúgio em Paris. Outra vingança que não a minha havia chamado para o dia do juízo final, e o havia feito expiar a culpa de sua vida. O momento em que eu o apontei para Pesca, no teatro, perto daquele desconhecido ao nosso lado, que também estava à procura dele, foi o momento que selou o destino dele. Eu me lembrava da luta em meu próprio coração quando ele e eu ficamos frente a frente — a luta antes que eu tivesse condição de deixá-lo escapar de minhas mãos — e tremi ao recordá-la.

Lentamente, centímetro por centímetro, eu abri caminho com a multidão, me movendo cada vez mais perto do grande vidro que separa os mortos dos vivos no *Morgue* — cada vez mais perto, até eu estar bem atrás da primeira fila de espectadores, e poder dar uma olhada.

Lá jazia ele, não reconhecido, desconhecido; exposto à curiosidade irreverente de uma multidão francesa! Lá estava o terrível fim daquela longa vida de capacidade degradada e de crimes impiedosos! Silenciados no sublime repouso da morte, o rosto e a cabeça grandes, firmes e maciços nos confrontavam tão grandiosos, que as tagarelas mulheres francesas ao meu redor erguiam as mãos, em admiração, e exclamavam, em um coro agudo, “Ah, que belo homem!” O ferimento que o matara havia sido causado por uma faca ou adaga exatamente no coração. Nenhum outro traço de violência era visível no corpo, exceto no braço esquerdo; e lá, exatamente no local onde eu havia visto a marca no braço de Pesca, havia dois cortes profundos com a forma da letra T, que apagavam por completo a marca da Irmandade. As suas roupas, espalhadas ao seu redor, mostravam que ele próprio tinha tido consciência do perigo em que se encontrava — eram roupas que o disfarçavam como um artesão francês. Por alguns momentos, mas não mais do que isso, eu me forcei a ver essas coisas através do vidro. Não posso escrever a respeito disso em maiores detalhes, pois não vi mais nada.

Os poucos fatos relacionados à morte dele que eu averigui posteriormente (em parte com Pesca, e em parte com outras fontes) podem ser declarados aqui, antes que o assunto seja deixado de lado nestas páginas.

O corpo dele havia sido tirado do Sena, no disfarce que descrevi; nada

sendo encontrado com ele que revelasse o seu nome, a sua posição ou a sua residência. A mão que o atingira nunca foi encontrada; e as circunstâncias em que ele foi morto nunca foram descobertas. Deixo que outros tirem suas próprias conclusões, em relação ao segredo do assassinato, assim como tirei as minhas. Quando eu declarar que o desconhecido com a cicatriz era um Membro da Irmandade (admitido na Itália depois da partida de Pesca de seu país nativo), e quando eu acrescentar que os dois cortes, na forma de um T, no braço esquerdo do homem morto, indicavam a palavra italiana “Traditore”,¹ e mostrar que a justiça havia sido feita pela Irmandade a um Traidor, terei contribuído com tudo que sei para elucidar o mistério da morte do Conde Fosco.

O corpo foi identificado um dia após eu tê-lo visto, por meio de uma carta anônima endereçada à sua esposa. Ele foi enterrado, por Madame Fosco, no cemitério de Père la Chaise. Coroas de flores continuam, até o dia de hoje, a ser colocadas nos suportes ornamentais de bronze ao redor do túmulo, pela mão da própria Condessa. Ela vive, no mais rígido isolamento, em Versailles. Não faz muito tempo, ela publicou uma Biografia de seu falecido marido. A obra não lança nenhuma luz sobre o nome verdadeiro dele, ou na história secreta da sua vida: ela é quase totalmente dedicada ao louvor das virtudes domésticas dele, à declaração das suas raras habilidades, e à enumeração das honrarias que lhe foram conferidas. As circunstâncias envolvendo sua morte são dadas de modo sucinto e resumidas, na última página, com esta frase: “A vida dele foi uma longa defesa dos direitos da aristocracia, e dos sagrados princípios da Ordem — e ele morreu Mártir de sua causa.”

III

O VERÃO e o outono se passaram, depois de meu retorno de Paris, e não acarretaram mudanças que precisem ser descritas aqui. Nós vivíamos com tanta simplicidade e discrição, que a renda que eu então ganhava com regularidade bastava para todas as nossas necessidades.

Em fevereiro do ano seguinte, nosso primeiro bebê nasceu — um menino. Minha mãe e minha irmã e a Sra. Vesey eram nossas convidadas da pequena festa de batismo; e a Sra. Clements estava presente, para auxiliar a minha esposa, na mesma ocasião. Marian era a madrinha de nosso menino; e Pesca e o Sr. Gilmore (este por procuração) os padrinhos. Posso acrescentar aqui que, quando o Sr. Gilmore voltou para perto de nós, um ano mais tarde, ele auxiliou na composição destas páginas, a meu pedido, escrevendo a Narrativa que aparece no começo desta história sob o nome dele, e que, embora primeira em ordem de precedência, foi, portanto, em ordem cronológica, a última que recebi.

O único acontecimento em nossas vidas que ainda resta para ser registrado ocorreu quando o nosso pequeno Walter tinha seis meses de idade.

Naquela época, fui enviado à Irlanda, para fazer uns esboços para umas futuras ilustrações no jornal para o qual trabalhava. Fiquei fora de casa por quase uma quinzena, me correspondendo com regularidade com minha esposa e Marian, exceto durante os últimos três dias de minha ausência, quando minha movimentação era incerta demais para permitir que eu recebesse cartas. Fiz a última parte de minha viagem de volta à noite; e quando cheguei à nossa casa de manhã, para meu indizível espanto, não havia ninguém para me receber. Laura e Marian e o bebê haviam partido de casa um dia antes de meu retorno.

Um bilhete de minha esposa, que me foi dado pela empregada, apenas aumentou a minha surpresa, informando-me que elas haviam ido para a Mansão de Limmeridge. Marian havia proibido qualquer tentativa de explicações escritas — rogaram-me que as seguisse tão logo eu voltasse para casa — esclarecimentos detalhados me esperavam em minha chegada a Cumberland — e fui proibido de sentir a mais ligeira inquietação, nesse meio de tempo. E aqui o bilhete terminava.

Ainda era cedo o suficiente para pegar o trem da manhã. Cheguei à Mansão de Limmeridge na mesma tarde.

Minha esposa e Marian estavam no andar de cima. Elas haviam se instalado (de modo a completar o meu assombro) na pequena sala que, outrora, me havia sido designada como local de trabalho, quando fui contratado para trabalhar com os desenhos do Sr. Fairlie. Exatamente na cadeira que eu costumava ocupar quando estava trabalhando, Marian se sentava então, com o bebê ocupadíssimo chupando sua chupeta no regaço dela — enquanto Laura estava parada perto da tão lembrada mesa de desenho que eu tanto usara, com o pequeno álbum que eu havia feito para ela, em tempos passados, aberto sob as suas mãos.

— Em nome de Deus, o que trouxe vocês duas para cá? — eu perguntei.
— O Sr. Fairlie sabe...?

Marian interrompeu a pergunta em meus lábios, dizendo-me que o Sr. Fairlie havia morrido. Ele havia sido afetado pela paralisia, e nunca se recuperou depois do choque. O Sr. Kyrle havia informado as duas sobre a morte dele, e as havia aconselhado a seguir na mesma hora para a Mansão de Limmeridge.

Um tênue prenúncio de uma grande mudança passou por minha mente. Laura falou antes que eu a tivesse compreendido totalmente. Ela se aproximou de mim, silenciosa, para desfrutar da surpresa que ainda se manifestava em meu rosto.

— Meu querido Walter — ela disse —, nós temos mesmo de dar explicações sobre a nossa ousadia por vir aqui? Eu receio, meu bem, que só possa explicá-la infringindo a nossa regra, e me referindo ao passado.

— Não há a menor necessidade de fazer nada nesse estilo — disse Marian. — Nós podemos ser igualmente explícitas, e muito mais interessantes, nos referindo ao futuro. — Ela se levantou e segurou o bebê, que esperneava e balbuciava em seus braços. — Você sabe quem é ele, Walter? — ela perguntou, com lágrimas de felicidade subindo aos seus olhos.

— Até o *meu* espanto tem os seus limites — eu repliquei. — Acho que ainda posso garantir que conheço o meu próprio bebê.

— Bebê! — ela exclamou, com toda a alegria dos tempos passados. — Você fala desse modo informal a respeito de um membro da pequena nobreza da Inglaterra? Você sabe, quando faço você se dar conta deste ilustre bebê, na presença de quem se encontra? Mas é claro que não! Permita-me apresentar duas importantes pessoas uma à outra: o Sr. Walter Hartright... *o Herdeiro de Limmeridge*.

Assim ela falou. Ao escrever estas últimas palavras, escrevi tudo. A pena falha em minha mão; a longa e feliz luta de muitos meses se encerrou! Marian foi o anjo bom de nossas vidas — que Marian termine a nossa História.

FIM.

¹ Traidor.

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2018.

Direção

MARTIN CLARET

Produção editorial

CAROLINA MARANI LIMA / MAYARA ZUCHELI

Direção de arte

JOSÉ DUARTE T. DE CASTRO

Diagramação

GIOVANA QUADROTTI

Capa e guarda

FERNANDA MELLO

Tradução

SOLANGE PINHEIRO

Preparação

ANA KFOURI / ALEXANDER BARUTTI

Revisão

CAROLINA LIMA

A ortografia deste livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Collins, Wilkie, 1824-1889.

A mulher de branco [livro eletrônico] / Wilkie Collins; tradução Solange Pinheiro – 1. ed. – São Paulo: Martin Claret, 2021.

Título original: The woman in white.

ISBN 978-65-5910-028-6

1. Ficção inglesa 2. Ficção policial e de mistério I. Título

21-57003

CDD-823.0872

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério: Literatura inglesa: 823.0872

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 — Bairro Sumaré — CEP: 01254-010 — São Paulo — SP

Tel.: (11) 3672-8144 — www.martinclaret.com.br